

A Mulher de Pilatos
Antoinette May

Para meu marido, Charles Herndon

O QUE É VERDADE?
Pôncio Pilatos

Conteúdo

Epígrafe

Para o leitor

Prólogo

PARTE I: MONOKOS

Capítulo 1: Meu "presente"

Capítulo 2: Um triunfo

Capítulo 3: Resultado de um triunfo

Capítulo 4: A Voz de Ísis

Capítulo 5: A busca de Ísis

Capítulo 6: Na Casa de Ísis

Capítulo 7: A Iniciação

Capítulo 8: Resultado de Ísis

PARTE II: ANTIOQUIA

Capítulo 9: Lançando o Feitiço

Capítulo 10: Himeneu Himeneu

Capítulo 11: Dois Testes

Capítulo 12: A Maldição

Capítulo 13: E uma Bênção...

Capítulo 14: Todas as Estradas para Roma

Capítulo 15: A Poção Secreta

Capítulo 16: Duas Tentativas

Capítulo 17: A Cura dos Sonhos

Capítulo 18: Asklepios

Capítulo 19: A Serva de Ísis

PARTE III: ROMA

Capítulo 20: A Escolha de Marcella

Capítulo 21: A Vingança de Vesta

Capítulo 22: Minha Segunda Mãe

Capítulo 23: Titânia

Capítulo 24: O Circo

Capítulo 25: Holtan

Capítulo 26: Minha Escolha

Capítulo 27: O Último Encontro

Capítulo 28: A Vila dos Mistérios

Capítulo 29: A Deusa Livia

PARTE IV: CESAREIA

Capítulo 30: No Templo do Senhor

Capítulo 31: Caifus

Capítulo 32: Palácio de Herodes

Capítulo 33: A Criada de Astoreth

Capítulo 34: O Casamento

Capítulo 35: Opções

Capítulo 36: Um Triunfo

Capítulo 37: Pedido de Holtan

Capítulo 38: Minha Visão

Capítulo 39: Minha Decisão

Epílogo

Agradecimentos

A História por Trás da História

Sobre o Autor

Elogio

Outros livros de Antoinette May

Créditos

Cobrir

Direito Autoral

Sobre a Editora

Para o leitor

O jornalismo é uma carreira maravilhosa. Isso me permite ser tão intrometida quanto quiser, vasculhando registros antigos, jornais e cartas. Minha profissão me permite perguntar qualquer coisa a qualquer pessoa. Na maioria das vezes, obtenho respostas que podem ser corroboradas por outras entrevistas e/ou comparadas a fatos registrados. Explorar o quem, o quê, por que e como das coisas me manteve voando desde meu primeiro trabalho no jornal, aos **quinze anos**.

A **Curiosidade** levou de reportagens a perfis de revistas e biografias.

Uma combinação de entrevistas e pesquisas em arquivos resultou em **Passionate Pilgrim**, o drama da arqueóloga **Alma Reed**, dos anos 1920;

Witness to War, a história da correspondente de guerra ganhadora do “prêmio Pulitzer” **Maggie Higgins**;

e **Adventures of a Psychic**, uma **Biografia da Clarividente** contemporânea Sylvia Browne.

Um **Biógrafo** deve ser um **Detetive**, além de Escritor e Historiador Social.

Comecei “**A Mulher de Pilatos**” há **quatorze anos**, como fizera meus outros livros - com pesquisas. Nesse caso, envolveu voltar à escola.

O departamento de clássicos da **Universidade de Stanford** provou ser inestimável.

Por seis anos, estudei com uma variedade de **professores brilhantes** que abriram os mundos de **Roma e Judéia** do primeiro século.

Mergulhada na História, **Arte, Filosofia, Literatura, Arquitetura e Mitologia** da época, **visitei** as Ruínas do Mundo de **Claudia** em **Roma, Turquia, Egito e na Terra Santa**.

Mas onde estava a própria Claudia? Ela nasceu, ela sonhou, ela morreu.

Nada mais se sabia sobre a **Esposa Visionária** de Pôncio Pilatos?

Pela primeira vez, a Biografia convencional parecia constrangedora.

Logo ficou claro que eu teria que entrar no **Reino menos** familiar da imaginação.

Enquanto eu deslizava para outro mundo, **uma a uma as perguntas** que eram as ações e o comércio de meu repórter **foram respondidas**. Lentamente, quase timidamente, **Claudia se Revelou**, permitindo-me contar sua história.

Prólogo

Em primeiro lugar, diga-se que **não Assisti à sua Crucificação**.

Se você está buscando uma compreensão desse **Trágico Caso**, não ouvirá de mim.

Muito tem sido feito nos últimos anos sobre minha **tentativa de impedir** isso, meu apelo a **Pilatos** contando-lhe meu sonho. Sem saber o que realmente aconteceu, alguns insistem em me ver como uma **espécie de heroína**. Eles estão chamando o **Jesus** de Miriam de deus agora ou pelo menos filho de um deus.

Jerusalém era uma caixa de pólvora naquela época.

Pilatos **teria me proibido de assistir** a uma execução pública.

Mas quando as regras importam?

Quando foi que o risco me impediu de fazer qualquer coisa que decidi fazer?

O fato é que não pude suportar a **Agonia Final** de... quem **Ele Era** realmente?

Depois de todos esses anos ainda não sei. Alguns judeus acreditavam que **Ele Era** o **Messias** enquanto seus Sacerdotes gritavam, “**agitador**”.

Se seu próprio povo não pudesse concordar, como poderíamos esperar que nós, Romanos, soubéssemos?

Como me lembro bem de **Pilatos** naquela época, olhos tão **Azuis**, mente **Afiada** como uma **Espada** pendurada em sua cintura. Tínhamos certeza de que a Judéia era apenas o começo de uma carreira ilustre. **Isis** tinha outros planos.

Foi um Sonho meu que nos trouxe aqui para a Gália.

Sim, claro que ainda **Sonho**. Para variar, este era agradável. Isso me levou de volta a **Monokos**, uma vila na costa do Mediterrâneo. Eu **me vi** uma garota novamente, despreocupada e sem medo, espirrando nas poças de maré, construindo castelos na areia. **Germânico** estava ao meu lado, observando como costumava fazer, a pluma vermelha de seu capacete tremulando com a brisa. Acordei sabendo que **Monokos** seria bom para nós.

Meu consolo vem das memórias que começaram aqui.

Sentada sozinha ao sol, o mar batendo lá embaixo, penso com frequência naqueles dias e nos anos importantes que se seguiram. Minha neta, **Selene**, está vindo me visitar. Ontem, um navio romano trouxe sua carta. "**Você deve me contar toda a história**", ela insistiu. "Tudo."

A princípio, recuo diante da idéia. Como eu poderia revelar...

Os dias passam, a névoa do mar esfria na minha pele, as ondas surgem à noite.

Selene estará aqui amanhã. Estou pronta. Sei agora que **chegou a hora** de falar sobre o que aconteceu. Será bom esclarecer as coisas.

Tudo isso finalmente.

PARTE I - MONOKOS

... no segundo ano do reinado de Tibério (16 EC)

CAPÍTULO 01 – “Meu Presente”

Não foi fácil ter duas mães. **Selene**, que me deu vida, era pequena, morena, feminina como uma fã. A outra, sua prima alta e morena, **Agripina**, era neta do Divino Augusto.

Meu pai era o segundo no comando sob o comando do marido de Agripina, **Germânico**, comandante-chefe dos exércitos do Reno e herdeiro legítimo do Império. Crescendo em um acampamento do exército após o outro, minha irmã **Marcella** e eu íamos com frequência à casa de Agripina, tratada como se fosse sua.

Ela favorecia seus filhos, mas seu tempo era dedicado a treinadores que os treinavam diariamente no uso de espada e lança, escudo e machado.

Nós, meninas, permanecemos argila para ela moldar.

Quando eu tinha dez anos, a conversa incessante das meninas mais velhas me entediava. "Qual oficial é o mais bonito?" "Qual estola é a mais atraente?" Quem se importou! Eu estava lendo **Safo** quando Agripina tirou o pergaminho da minha mão. Estudando meu rosto à luz da manhã, ela admirou meu perfil.

"Seu nariz é puramente patricio, mas esse cabelo!"

Agripina pegou um pente de ouro da mesa, puxou meu cabelo de um lado para o outro. Então, enquanto eu me sentava rígido sob sua mão restritiva, ela começou a cortar. Os escravos correram para afastar os cachos grossos e rebeldes caídos no chão.

"Ah, isso é muito melhor. Segure o espelho mais alto", ela instruiu **Marcella**. "Deixe ela ver as costas, os lados."

Agripina estava sempre cheia de idéias, então tinha certeza de que sabia melhor. Olhei para **Marcella**, que acenou em aprovação. O cabelo selvagem tinha sido domesticado - ralo, puxado para trás e preso por um filete, de modo que meus cachos caíam em cascata como uma cachoeira.

Agripina me examinou cuidadosamente. "Você é realmente muito bonita - não uma beleza como **Marcella** aqui, mas quem sabe." Ela olhou novamente para minha irmã. "Você é uma rosa - sem dúvida - mas **Claudia** ... deixe-me pensar.

Quem é Claudia?" Ela enfiou a mão nas gavetas, tirando lenços e fitas, selecionando

apenas para descartar. Por fim, "Claro! Por que não vi isso antes?"

Você é nossa **pequena vidente**, tímido, etéreo - roxo puro! Esta é a sua cor; use-a sempre."

Use sempre! Agripina era tão autoritária. Seu entusiasmo me oprimiu. Isso enfureceu minha mãe. "Aqueles eram seus cachos de bebê!" ela explodiu com raiva quando cheguei em casa carregada de túnicas roxas, flores, lenços e fitas.

E assim foi entre eles, comigo sempre no meio.

Mesmo assim, até hoje, sou a favor do **roxo** e me orgulho do meu perfil.

Pessoas que se sentiam no direito, até mesmo na obrigação, de impor sua vontade sobre mim estavam em toda parte. **Tata** e mamãe, claro, mas também **Germânico** e Agripina - chamei-as de tia e tio. Minha irmã, **Marcella**, dois anos mais velha, esperava me dominar, assim como nossos primos ricos, **Julia e Druscilla**, e seus irmãos, **Drusus, Nero e Calígula**. Calígula não perdeu oportunidade de me provocar e me envergonhar.

Ele gostava de colocar a língua no meu ouvido e só ria quando eu batia nele.

Não é de admirar que eu desejasse minha própria empresa.

Talvez tenha sido desses tempos calmos que a visão veio. Desde muito jovem, muitas vezes **soube da aproximação de um visitante** antes de um escravo anunciar a chegada. Aconteceu com tanta naturalidade que me perguntei por que os outros ficaram surpresos ou até desconfiados, imaginando que eu estava brincando. Como o conhecimento era trivial e raramente me beneficiava, pouco pensei nisso.

Meus sonhos eram diferentes. Eles começaram quando estávamos estacionados em **Monokos**, uma pequena cidade na costa sudoeste da **Gália**. Por um tempo, parecia que eu mal conseguia fechar os olhos sem que algum tipo de visão me alcançasse.

Eles eram **sonhos fragmentados**. Eu me lembrava de pouco e entendia menos, mas sempre despertava com uma sensação assustadora de perigo iminente.

A frequência e a intensidade dessas visões noturnas aumentaram; Eu temia dormir, me forcei a ficar acordado até tarde da noite. Então, no meu **décimo ano**, tive um **sonho** tão vividamente **aterrorizante** que nunca o esqueci ou os eventos que se seguiram.

Eu me vi em uma **floresta selvagem**, um **lugar assustador**, espesso, escuro, quase preto. Folhas molhadas arranharam meu rosto enquanto eu respirava o cheiro úmido de decomposição, tremendo miseravelmente de frio. Lutei para me libertar, mas não consegui; o sonho me manteve prisioneiro em sua escravidão. À minha volta, homens estranhos e medrosos entoavam palavras que eu não conseguia entender. À medida que avançavam, me cercando, vi que estavam vestidos de legionários, mas, ao contrário dos soldados de nossa guarnição, seus rostos estavam endurecidos de raiva e amargura.

Um **homem enorme e temível** com a pele marcada pela bexiga avançou, um jovem lobo trotando amigavelmente em seus calcanhares. Esta **pessoa horrível** incitou os outros à violência. Gritos em resposta ecoaram pela floresta escura. Ele agarrou uma espada e avançou em direção ao lobo que estava sentado confiante a seus pés. Com um golpe rápido, ele empalou a criatura desavisada. O lobo gritou horrivelmente ou fui eu quem gritou?

Nos últimos segundos terríveis do sonho, o lobo se tornou meu tio. Foi o querido **Germânico** que morreu aos meus pés.

Embora Tata e mamãe corressem para me confortar, eu não consegui banir a imagem feia de minha mente.

"Alguém quer matar o tio Germanicus", eu engasguei. "Você tem que salvá-lo."

"Amanhã, amor, falaremos disso amanhã", prometeu Tata, acariciando-me com ternura, mas a conversa da manhã foi breve. Meus pais concordaram: o pesadelo de uma criança dificilmente justificava incomodar o comandante-chefe. Dois dias depois, quando um mensageiro trouxe a notícia de uma ameaça de motim na Germânia, eu os vi trocar olhares preocupados.

Meu retiro naquela época era um canto isolado de praia obscurecido por pedras. Fui para lá sozinha, nadando em poças de maré onde ninguém me viu, exceto as minúsculas

criaturas marinhas que eu chamava de minhas.

Foi aqui que **Germânico** me encontrou. Caindo em uma rocha, olhos no nível dos meus, ele falou. "Eu entendo que temos uma vidente em nosso meio."

Eu desviei o olhar. "Tata diz que não é importante."

"Eu considero o seu sonho muito importante e atenderei ao seu aviso."

Sua mão áspera tocou meu ombro. Os olhos castanhos de Germânico brilharam em um sorriso. Ele se inclinou mais perto, seu tom conspiratório como se estivesse falando com um adulto importante. "Vamos para a Germânia - todos nós. Agripina está convencida de que sua presença restaurará o moral naquele canto miserável do Império. Só Deus sabe, esses pobres diabos têm motivos para se rebelar. Alguns têm filhos crescidos, nunca tiveram visto..." Sua voz sumiu.

O que importava? Eu procurei o rosto bonito acima de mim, nublado agora, sobranceiras franzidas.

Timidamente, coloquei minha mão na dele.

Germânico sorriu. "Não precisa se preocupar, pequena. Vai dar certo, você vai ver por si mesma. Agripina precisa de uma companheira. Pedi a Selene para acompanhá-la.

E, já que meus filhos vão, por que não você e sua irmã?"

A mãe estava furiosa, na privacidade de nossa casa, ela chamou Agripina imprudente e absurda. "Uma mulher grávida de sete meses fazendo uma viagem dessas!" ela fumegou para Tata, sem saber que eu assistia de uma alcova. Seu rosto se suavizou quando seus braços o envolveram. - Pelo menos estarei com você - não sentando em casa, desesperado de medo. É com as meninas que me preocupo. Como podemos deixá-las para trás quando Agripina finge levar as dela?

Olhei em volta da sala familiar como se a visse pela primeira vez. As paredes eram de um carmesim polido que Tata admirava em Pompéia. Minha mãe pediu aos pintores que misturassem como uma surpresa, testando e descartando muitas vezes antes que ela estivesse satisfeita. Cabeças esculpidas de ancestrais observavam discretamente de alcovas. Lembranças de viagens de plantão adicionavam cor e nostalgia. Havia sofás com mantas coloridas, tapeçarias nas paredes e almofadas em tons vibrantes de **verdes e roxos**.

Minha mãe havia criado um refúgio no meio de um acampamento do exército. Eu não queria sair.

Na primeira ponta da longa jornada, passei em uma carroça puxada a cavalo com minha mãe, Agripina e as outras meninas, minha égua castanha Pégaso amarrada atrás. Jogamos **jogos de palavras** para manter nossas mentes ocupadas, mas a voz de Tia estava mais alta do que o normal, nos lembrando repetidamente de que tudo estava bem.

A mãe manteve a voz suave, mas seus olhos brilharam com **raiva** para Agripina.

Por fim, eles abandonaram os jogos, nos deram pergaminhos para ler e cochicharam entre si. O que ouvi foi horrível: "**Motim inevitável**". O que Germânico deveria fazer?

Os vinhedos e pastagens da Gália deram lugar às densas florestas da Germânia. Arbustos arranharam e arranharam como dedos tateando. Acima de nós, corvos e corvos observavam. Javali rastejou na vegetação rasteira. Eu ouvi lobos uivando. Mesmo ao meio-dia a luz estava tão fraca que parecia que tinha caído no abismo.

Observando meus primos **Druso** e **Nero** cavalgando com Germânico, vi seus rostos abatidos se voltarem com frequência para o pai, que acenou com a cabeça em encorajamento. **Calígula** cavalgava à frente, brandindo sua espada nas sombras.

Conforme os dias passavam e os líderes nos guiavam por trilhas cobertas de mato, soldados de infantaria, dois lado a lado, se retorciam como uma lenta serpente marinha no fundo do oceano. O entusiasmo forçado de Mãe e Agripina me assustou mais do que a floresta. Insisti em montar **Pegasus** ao lado de **Drusus**, embora o infeliz **Calígula** zombasse de mim.

A jornada de um mês pela Gália até as florestas germânicas pareceu uma eternidade.

Por fim, alcançamos os arredores do acampamento da legião amotinada.

Silenciosamente, alguns homens barbudos emergiram, olhos vigilantes. Nenhum oficial à vista. Germânico desmontou, seus modos despreocupados, quase alegres. Movendo suas tropas de volta, ele abordou os homens sozinho.

A boca de Tata estava severa; sua mão repousava no punho da espada.

Os amotinados avançaram, suas vozes um balbucio raivoso de reclamações.

Um homem enorme envolto em pele esfarrapada agarrou a mão do tio como se fosse beijá-la; em vez disso, enfiou os dedos de Germânico na boca para sentir gengivas desdentadas. Outros, com seus corpos cheios de cicatrizes cobertos de trapos, mancavam, me olhando como um prato de comida. Apressei **Pegasus** enquanto um agarrava as rédeas. Então eu vi um círculo de lanças, no topo de cada uma cabeça decadente.

Os oficiais desapareceram. Meu estômago embrulhou. Mais soldados rebeldes avançaram, bloqueando nossa saída. Eu apertei minhas mandíbulas com os dentes ainda batendo. Germânico deu uma ordem: "Afastem-se e dividam-se em unidades."

Os homens apenas se aproximaram. Eu vi os dedos de Tata apertarem sua espada e me perguntei se **Pegasus** sentiu minhas pernas tremerem. Drusus e Nero chegaram mais perto de seu pai. Meu coração disparou. Isso iria acontecer. Tata e Germânico seriam mortos, e com eles Drusus e Nero, que sempre pareceram irmãos mais velhos, e Calígula que nunca parecera. Então, aqueles homens ferozes e furiosos seguiriam para mim. Todos nós iríamos morrer.

Tata olhou interrogativamente para Germânico. O comandante balançou a cabeça e se virou, saltando facilmente sobre uma grande rocha. Enquanto ele observava calmamente a cena, achei-o nobre em sua couraça e grevas, a pluma em seu capacete tremulando com uma leve brisa. Falando baixinho para que os homens furiosos ficassem quietos, ele prestou homenagem ao **Imperador Augusto**, que morrera recentemente. Ele elogiou as vitórias de **Tibério**, o novo imperador, e falou sobre as glórias passadas do exército.

"Vocês são emissários de Roma para o mundo", lembrou ele, "mas o que aconteceu com sua famosa disciplina militar?"

"Vou te mostrar o que aconteceu." Um veterano grisalho de um olho só avançou, tirando sua couraça de couro. "Isso é o que os alemães fizeram comigo." Ele exibiu uma cicatriz na barriga. "E foi isso que seus oficiais fizeram."

Ele se virou para revelar as costas laceradas por cicatrizes.

Gritos de raiva ecoaram enquanto os homens protestavam contra **Tibério**.

"É Germânico quem deveria ser o Imperador", gritaram os líderes.

"**Você é o herdeiro legítimo**, lutaremos com você até Roma."

Muitos gritaram, batendo com os escudos e cantando. "Leve-nos a Roma! **Juntos a Roma!**" Os soldados furiosos avançaram. Estremeci ao vê-los rolar as espadas para frente e para trás contra os escudos, o prelúdio do motim.

Germânico puxou a espada do cinto e apontou para si mesmo. "Melhor a morte do que traição a o Imperador."

Um homem alto e corpulento, com o corpo cheio de cicatrizes, avançou e removeu a própria espada. "Então use a minha. É mais nítido." Enquanto a multidão enfurecida se aproximava de Germânico, Agripina abriu caminho em sua direção. Um soldado corpulento mais do que uma cabeça de altura tentou barrar seu caminho, mas ela apenas empurrou sua grande barriga para ele, desafiando qualquer um a levantar a mão.

As primeiras filas recuaram e os veteranos com cicatrizes que estavam com as armas erguidas baixaram-nas lentamente.

Enquanto os soldados abriam caminho para ela, **Agripina** caminhou orgulhosamente até a rocha onde seu marido estava. Meu pai e eu desmontamos enquanto os homens se aquietavam. Mãe e Marcella saíram da carroça e ficaram ao lado de nós. Com os olhos castanhos arregalados ainda mais, a mãe deslizou o braço no de Tata. Sorrindo com confiança, ela pegou minha mão, chamando por cima do ombro para Marcella segurar

minha outra mão. Estávamos todos tremendo.

Todos os olhos se voltaram para Germânico.

Ele parecia tão corajoso, sua voz soando clara e verdadeira. "Em nome do **Imperador Tibério**, concedo **aposentadoria imediata** para aqueles que **cumpriram vinte anos** ou mais. Homens com dezesseis anos de serviço permanecerão, mas sem nenhuma função além de se defender contra ataques. **O pagamento atrasado será pago duas vezes.**"

Soldados empurraram **Agripina** para cima da rocha. Ela ficou ao lado do marido, os dois formando um belo quadro na grande pedra lisa. "Germânico, o seu líder e meu", disse ela, "**é um homem de palavra**. O que ele promete vai se cumprir. Eu o conheço e falo a verdade." Ela ficou orgulhosa, seu rosto sereno apesar do silêncio que saudou suas palavras. Por fim, um homem gritou: "Germânico!" Outros se juntaram a ele, alguns jogaram seus capacetes para o alto. Seus aplausos me deram vontade de chorar.

"Temos sorte", disse Tata mais tarde. "E se eles exigissem seu pagamento agora?"

Germânico inspirou os **Mutineiros** – Agripina também fez, mesmo a mãe admitiu.

Por mais difícil que eu entendesse Calígula também era um dos favoritos. Ele nasceu em um acampamento do exército, usou botas do exército e treinou com as tropas quando ainda era uma criança. Calígula queria dizer "**botinhas**". Agora quase ninguém se lembrava de que seu nome verdadeiro era **Gaius**.

Na mesma semana, rumores de que as forças alemãs estavam se aproximando reuniram os homens. Foi decidido que nós, mulheres, seríamos enviadas a cerca de sessenta quilômetros de distância, para a pequena aldeia de Colônia. Nossas duas famílias foram alojadas no que antes havia sido uma pousada - pequena demais para tantos de nós.

Eu odiava nossos aposentos apertados e empoeirados. Eu odiava não saber o que estava acontecendo na frente. **Eu perdi o mar**. Qualquer visão possível do Reno era obscurecida por pinheiros grossos que nos cercavam por todos os lados, cortando os fracos raios de inverno do sol. Neve, a princípio pura magia, inevitavelmente significava neve derretida e geada aderente. Eu estava muito infeliz.

Dia após dia, eu via **Agripina** crescer. Todos concordaram que ela estava grávida de um menino. A perspectiva a animou, ajudando a lutar contra o frio de gelar os ossos que nenhum fogo poderia conter. As informações sobre a Operação Militar, agora a centenas de quilômetros a nordeste, eram esporádicas e pouco confiáveis. Finalmente ele parou completamente. Onde estava o exército? O que estava acontecendo?

Tarde da noite, um grito de animal em agonia mortal me despertou. Quando me levantei, o chão de pedra parecia gelo. Vesti meu novo manto de pele de lobo, grato por seu calor, e segui os sons horríveis pelo corredor até o quarto de Agripina. Enquanto eu permanecia indecisa, tremendo de medo e também de frio, a porta se abriu e mamãe apareceu.

"Oh! Que susto você me deu!" ela engasgou, quase deixando cair a bacia que carregava. "Volte para a cama, querida. É apenas o bebê chegando. Para ouvi-la, alguém pensaria que ninguém nunca teve um bebê antes. **Este é o sexto.**"

Incapaz de imaginar **Agripina** sofrendo em silêncio, não disse nada. A parteira, rechonchuda como uma perdiz, passou tão rápido por nós no final do corredor que seus dois assistentes tiveram dificuldade em acompanhá-los. Eles se arrastavam sem fôlego, um carregando uma bacia, o outro uma bandeja de pomadas. "Não vai demorar muito agora", minha mãe me assegurou. "Volta a dormir."

A porta se fechou. Virei-me obedientemente, mas não consegui deixar o mistério escuro lá dentro. Os gritos de **Agripina** cessaram depois do que pareceu uma eternidade.

O bebê havia nascido? O cheiro de óleo quente e marmelo misturado com poejo forte e mentolado me assaltou quando abri a porta silenciosamente. A mãe e os outros, com o rosto pálido e abatido, inclinaram-se sobre o sofá onde Agripina estava deitada.

"Não entendo", sussurrou a mãe. "Ela é **encorpada** como a própria **Vênus**. Essas mulheres nascem ter filhos. "mãos".

A parteira balançou a cabeça. "Ela pode se parecer com Vênus, mas é melhor rezar para **Diana**. Está nela Minha respiração ficou presa. A condição de **Agripina** era tão desesperadora que apenas uma deusa poderia salvá-la?"

O a parteira ergueu os olhos, assustada. "Vá, criança, este não é lugar para você." "Qual é o problema?" "**Um nascimento pélvico.**" Sua voz se suavizou.

De repente **Agripina** acordou, arqueando-se para cima, uma massa de cabelos castanhos e emaranhados, olhos selvagens em um rosto brilhante. "Esse menino - esse menino - está me matando!" ela ofegou.

"Não!" Eu **ouvi** minha própria voz à distância. "**Você não vai morrer.**"

Sem perceber, cruzei a sala e fiquei ao lado de Agripina. Uma imagem estava se formando diante dos meus olhos, borrada como se vislumbrado através da água. Fiz uma pausa enquanto a imagem ficava mais nítida. "Eu vejo você com um bebê... é uma menina."

A mãe se inclinou sobre Agripina. "Você ouviu isso?"

Crie coragem com as palavras dela." Ela e a parteira levantaram Agripina, caída entre as duas. A visão havia desaparecido. De repente, o corpo de Agripina se contorceu.

Ela ergueu a cabeça, cabelos emaranhados, olhos como os de um animal aterrorizado. "**Diana!**" ela gritou. "Minha deusa, me ajude!"

O cheiro de sangue, fétido mas doce, encheu a sala, enquanto a parteira erguia algo escuro e enrugado. Batendo nas nádegas do bebê, ela foi recompensada com um choro indignado. - Olhe, Domina, olhe. A criança falou a verdade. Você tem uma bela filha.

Mas Agripina jazia como morta. Minha mãe estava soluçando agora, baixinho.

Eu toquei sua mão. "Não se preocupe, Tia vai ficar bem. **Eu sei disso.**"

"**Eu nunca tenho um filho.**" Eu fui informado por outros na manhã seguinte.

Sorrindo, ela alisou uma mecha rebelde do meu cabelo. "Espero que não seja o que está acontecendo. Não quero que você perca o momento mais feliz da vida de uma mulher."

"Feliz! Você quer dizer horrível. Por que alguém faria isso?"

Ela riu. "Você não estaria aqui se eu não tivesse."

Quando ela falou novamente, sua voz estava pensativa.

"O Parto é um teste, a medida da bravura e resistência de uma mulher, assim como a Guerra é um homem.

Nenhuma mulher sabe quando se deita para ter um filho se sobreviverá."

Eu olhei para os olhos de veludo castanho de mamãe; Os gritos de **Agripina** ainda ecoavam em minha cabeça.

"Ter **filhos é nosso dever** para com a família e para com o Império", ela me lembrou.

"Agora, por que você não visita Agripina?"

Talvez ela permita que você segure sua mais nova princesa."

O tom estava de volta na voz da mãe. Imaginei que Agripina voltasse a ser arrogante.

Semanas se passaram sem notícias do exército. Então, um mensageiro finalmente chegou. Um menino magro na adolescência, ele nos contou como **Germânico** havia subjugado os selvagens alemães. Eu escutei, explodindo de orgulho e entusiasmo. Prosseguindo, as tropas de Germânico haviam alcançado a floresta de **Teutoburgo**, onde seis anos antes um décimo do exército romano fora massacrado. "Quando fomos enterrar nossos mortos, vimos esqueletos por toda parte."

O menino estremeceu. "Suas cabeças estavam presas a troncos de árvores. Não sabíamos se os ossos pertenciam a um amigo ou estranho, mas o que isso importava?"

Eles eram todos nossos irmãos."

Abri a porta alguns dias depois para outro mensageiro sem fôlego. Com os olhos injetados de sangue com medo, ele descreveu uma situação cada vez mais desesperadora. **Arminius**, o general responsável pela carnificina, se escondia em um pântano traiçoeiro perto do local da batalha. Germânico estava determinado a encontrá-lo.

Logo os rumores começaram. Homens feridos tropeçaram em nosso portão.

O exército foi isolado, cercado. Os desertores em fuga gritaram que as forças alemãs

estavam a caminho para invadir a Gália. Logo seria a própria Roma. Ao nosso redor, os aldeões em pânico insistiam que a Ponte Reno fosse destruída. Agripina, arrastando-se da cama, deu um basta nisso. "**Na ausência do meu marido, sou a comandante**", anunciou ela. "**A ponte vai permanecer.**"

Os feridos, voltando a pé, usando paus como muletas, logo precisariam dela.

Agripina improvisou um Hospital de Campanha, usando seu próprio dinheiro e pedindo ajuda a todos, desde nobres até camponeses. Busquei avidamente curativos e água, lavei feridas e levei água aos lábios de homens febris. Então **as visões começaram.**

Embora eu não tivesse conhecimento médico ou mesmo aptidão, parecia que poderia dizer, olhando para os feridos, **quem sobreviveria e quem não.**

No final do meu segundo dia no hospital, sentei-me ao lado de um soldado não muito mais velho que eu. Seu ferimento parecia leve, um alívio depois de tantos feridos sangrentos. Eu sorri enquanto oferecia água a ele. Seus lábios se moveram em um sorriso de resposta enquanto ele pegava a xícara. Então, lentamente, seu rosto redondo mudou diante dos meus olhos em **uma caveira.** Horrorizada, me levantei cambaleando.

"**Qual é o problema?**" ele perguntou, pegando a água, olhando para mim com curiosidade, normal de novo. Murmurando uma desculpa, corri para fora. Forçando-me a acreditar que tinha imaginado isso, continuei com minhas rondas. No dia seguinte, soube que o **menino havia morrido** durante a noite.

Aconteceu novamente. Então de novo. Apesar da crescente proficiência do cajado de Agripina reunido às pressas, os homens cujos crânios eu vi invariavelmente morriam. Quando isso aconteceu com um jovem soldado alegre de quem eu tinha gostado muito, fugi do hospital aos prantos.

Escalando um grande penhasco com vista para as águas escuras do rio, lutei para me recompor. Foi aqui que Agripina me encontrou. Eu desviei o olhar, sem saber o que dizer. Tia, com sua autoconfiança régia, nunca entenderia o pavor que sentia a cada dia, a sensação de impotência por ser repentinamente possuída por esse conhecimento indesejável. Eu balancei a cabeça educadamente e me levantei.

"Não vá", disse ela, tocando minha mão levemente. "Vejo que você está preocupada. Tem a ver com a visão, não é? **Você tem o Dom.**"

"Sim", eu sussurrei. "Isso **não é um 'presente'**, é uma maldição."

"Pobre criança." Agripina balançou a cabeça com tristeza. "Pelo que ouvi, a **visão escolhe você. Ela nunca pode ser removida.**"

"De que adianta saber algo terrível se eu não posso mudá-lo?" "Tal conhecimento pode lhe trazer poder", ela sugeriu.

"Não! Eu não quero saber coisas ruins", eu disse, lutando contra as lágrimas que ardiam em meus olhos.

"**Então ore**", ela sugeriu. "Peça que **não lhe seja mostrado mais** do que você pode suportar. Peça coragem para enfrentar seu destino."

"Obrigada pela compreensão. Mãe e Marcella não gostam de falar sobre a vista. Faz eles estão nervosos. "

"Raramente fico nervoso", o tom imperioso de Agripina estava de volta. "Acho melhor voltarmos ao hospital. Eles precisam de nós lá. "

Suspirei, pensando em todos aqueles jovens doces, suas almas assustadas se preparando para voar. "Há tantos vindo agora. Eu temo pelo resto, por meu pai e... Germânico."

"**Sua visão não diz nada a você?**"

Eu balancei minha cabeça. "**Nunca acontece quando eu pergunto.**"

"Então eu vou." Ela sorriu com confiança. - Um mensageiro chegou há pouco.

Eu estava prestes a postar a notícia quando vi você fugir. A maré da batalha mudou. Germânico atraiu os alemães do pântano. Ele logo voltará com seu exército, vitorioso. vai recebê-los na ponte. "

"Meu pai - meu pai está seguro?" Ela sorriu amplamente, me assegurando.

Um frisson percorreu meu corpo enquanto ela falava de vitória, mas havia algo mais ...

"Você tem certeza de que o tio Germânico está bem?"

"**Certeza absoluta**", respondeu ela, levantando-se. "Você o verá em breve."

Agripina estava certa. *Tata* voltou e Germânico foi aclamado um herói conquistador, mas a memória do jovem lobo permaneceu, seu rosto congelado de surpresa e angústia.

CAPÍTULO 02 - Um Triunfo

Um dia Marcella brincava de boneca. No dia seguinte, eram os homens. Nossa velha escrava, **Priscilla**, ria disso - quando mamãe não estava lá para ouvi-la.

Priscilla estava errada, Marcella não mudou - nem os homens. Desde que eu conseguia me lembrar, veteranos com cicatrizes de batalha olhavam para Marcella, enquanto meninos pequenos giravam em seu caminho.

Com o tempo, pude identificar o indício de satisfação prazerosa que se apegou a ela como um perfume. Aos **doze anos**, eu sabia apenas que **Marcella era especial**.

A mãe também sabia. Embora afetuosa e amorosa com nós duas, os grandes olhos castanhos de minha mãe pousavam freqüentemente em minha irmã. Grata pela liberdade extra concedida a mim por padrão, eu me perguntei preguiçosamente o que minha mãe planejava.

Numa tarde de primavera, **Agripina deu a Marcella** seu primeiro vestido de adulto - uma túnica escarlate do mais macio Linho Egípcio, presa nos ombros, e uma estola violeta transparente. "Poucos podem usar essas cores juntas", disse Agripina. Claramente eles não trabalharam para suas próprias filhas, **Druscilla** ou **Julia**, ou minha irmã não teria sido a destinatária sortuda.

Encantada com sua boa sorte, Marcella correu para fora. Da sacada do quarto de mamãe, observei-a dançar ao longo das fileiras ordenadas de barracas. De cada prédio que ela passou, saiu pelo menos um jovem oficial, sorrindo, acenando, correndo para o seu lado.

"Marcella tem tantos amigos", comentei com minha mãe.

Os olhos da mãe desviaram-se distraidamente do tear diante dela. Enquanto seu olhar seguia o meu, suas sobrancelhas brilhantes se juntaram. "Amigos!

Encontre Priscilla, Ordene que ela traga Marcella neste minuto!"

A noite, tocando sem aviso atrás de um sofá, assisti a Mãe servir o vinho de *Tata*.

Ele espalhou algumas gotas na lareira para os deuses, então levou o copo aos lábios.

"Meu favorito", ele sorriu, "e você não o cortou com água."

A mãe sorriu de volta para ele. "Marcella fica mais linda a cada dia, você não acha?" ela perguntou, sua voz leve e casual.

"**Metade do acampamento está obcecado por ela.**"

O sorriso da mãe se desvaneceu. "Essa atenção vai para a cabeça de uma garota.

Em uma guarnição rude como esta, qualquer coisa pode acontecer."

A xícara de papai bateu na mesa, espirrando vinho no pano cuidadosamente remendado. "Nenhum soldado com um cérebro em sua cabeça arriscaria ... "

"Vamos, querida. O que mexeu com você nessa idade - certamente não o seu cérebro." "**Selene!** Isto não é um quartel."

"Não, não é, ou posso usar qualquer número de palavras com as quais você esteja mais familiarizado." "Não da minha esposa... não por um tempo.

Você se lembra daquela licença-" "Em Capri?" A voz da mãe suavizou.

"Claro. Nós concebemos *Claudia* lá." Prendendo a respiração, cheguei mais perto.

"Você era adorável. Você ainda é adorável - quando você não franze a testa."

- Quem não faria cara feia? A *Gália* é melhor do que aquelas miseráveis florestas

alemãs, mas ainda provinciana, tão longe de Roma. Nunca pensei que ficaríamos aqui tanto tempo. E há Agripina. Você não tem ideia...

"Vamos lá, ela tem boas intenções. As meninas costumam me mostrar coisas bonitas que ela deu a elas. Só hoje Marcella me mostrou uma túnica muito bonita."

"Rejeitados! Você é um homem, um soldado, como poderia entender? Às vezes me pergunto se homens e mulheres combinam realmente uns com os outros. Talvez devêssemos apenas morar na casa ao lado e nos visitar de vez em quando."

Tata riu. "Isso nunca funcionaria. Sua casa seria em Roma."

"E a sua é uma tenda do exército." Mãe riu também. "Suponho que teremos apenas de nos arrastar." Ela mudou-se para o sofá e fez um lugar para ela fechá-lo.

"Mas veja," ela tocou sua bochecha, "eu quero algo mais para as meninas. **Os modos de Marcella são provocativos.** Você dificilmente pode culpar os rapazes por responderem... e agora que ela é uma mulher..."

"Uma mulher!" Tata parecia assustado.

"Uma mulher", repetiu a mãe com firmeza. "É hora de tomarmos medidas para garantir o futuro dela. Vocês, homens, vêem apenas a superfície. Aquela garota encanta as pessoas - tanto mulheres quanto homens. Ela os deixa satisfeitos com eles mesmos. Uma esposa assim seria uma vantagem para qualquer um... **porque não Calígula?**"

"Eu não gosto daquele rapaz. Esqueça essas **malditas botas**, há algo de errado com ele. Ele não é nada parecido com seus irmãos mais velhos, e nada como seu pai. "

"**Melhor ainda**", argumentou a mãe. "Deixe seus irmãos arriscarem tudo na guerra, arrastando suas esposas de acampamento em acampamento. Marcella poderia ter uma vida maravilhosa na corte."

"**A corte de Tibério?**"

"Por que não? É o centro do mundo. Por que ela não deveria aproveitar tudo o que isso tem a oferecer?"

"Talvez... se ela tiver estômago para intrigas." O rosto de meu pai clareou. "Por que estamos falando sobre isso? **Agripina** vai querer alguém rico para seu pirralho."

"Estou bem ciente disso", admitiu a mãe, "mas ele gosta de Marcella. O menino é tão mimado. Quando chegar a hora, ele se casará com quem quiser - com dote ou não.

Afinal, não é como se ele algum dia fosse ser Imperador. "

Minhas mãos se apertaram quando a **imagem** de Calígula apareceu em minha mente.

Oh, mas ele vai. Eu o vi comandando o estrado do Imperador, Marcella não estava à vista. **Onde ela estava? E Drusus, Nero?**

Se Calígula era o Imperador... onde eles estavam? Eu balancei minha cabeça, não querendo ver mais.

Papai encolheu os ombros. "Tempo suficiente para falar sobre isso depois da campanha da primavera. Germânico prometeu cruzar o Reno novamente." Seu rosto se iluminou com a perspectiva.

Mas **Tata** não precisava ter sua batalha, de repente, inesperadamente, o Imperador chamou Germânico de volta a Roma. "Você já se sacrificou o suficiente pelo seu país", escreveu ele. "É hora de as pessoas honrarem você. Um **Triunfo** está programado para comemorar suas vitórias."

Roma ficou encantada com a generosidade de Tibério. Na Gália, nós sabíamos melhor. O Imperador tinha ciúmes do sucesso militar de seu parente e da imensa popularidade que isso lhe trouxera. A única maneira de refrear a **Adoração ao Herói** era trazê-lo de volta para casa, lançar um **Triunfo** sobre ele como um osso para um cachorro e, em seguida, designar uma nova posição mais obscura.

Germânico enviava carta após carta, cada uma pedindo tempo: "Dê-nos mais um ano para completar a subjugação da Germânia."

Tibério foi inflexível. "Seu triunfo será realizado nos idos de agosto."

Germânico, Tata, os oficiais e a maioria dos homens estavam desanimados.

As mulheres não fizeram nenhum esforço para esconder seu deleite. Roma era tudo em que alguém podia pensar ou falar. Eu tinha deixado a cidade quando era criança e estava cheia de perguntas que ninguém teve tempo de responder.

Logo estávamos na estrada, uma cavalgada de **Bigas**, carroças, carroças e cavalos.

De dia, parecia não haver fim para a linha de legionários em marcha. À noite, a luz de muitas fogueiras criava um campo de estrelas. Uma vez, pouco antes do amanhecer, Tata e eu escalamos uma colina para examinar a paisagem juntos. Olhando para as luzes bruxuleantes iluminando a escuridão, me senti transportada para o Monte Olimpo.

Certamente esta era a terra como apenas os deuses a viam.

Terras cultivadas e pequenas cidades, dispostas à maneira romana com um banheiro público, um Fórum, Ginásio e Teatro, deram lugar a uma terra furada e rompida quando nossa ascensão através de um país montanhoso árido começou.

Mesmo no final de julho, longos dedos de neve riscavam os picos elevados. Frequentemente envoltos na densa névoa de nuvens, nós só podíamos avançar lentamente ao longo da orla de desfiladeiros selvagens. Certa vez, uma carroça derrapou em um pedaço de gelo e cambaleou para fora da estrada estreita, arrastando suas mulas aterrorizadas para o abismo. Os gritos dos passageiros em queda livre, prisioneiros alemães, ecoaram por horas em meus ouvidos.

Naquela noite, acampamos ao lado de um **Templo de Júpiter**. "Como você pode suportar isso aqui?" Perguntei ao padre que estava na entrada. "**Este é o fim do mundo**."

"Mas perto do nosso deus", respondeu ele solenemente. "Escute, você pode ouvir seus raios." Um flash irregular rasgou o céu enquanto a terra tremia. Eu rapidamente coloquei uma moeda em seu cofre e corri para dentro. Ajoelhada diante do altar, ouvi o tilintar de muitas moedas e nunca duvidei de que todos em nosso grupo deram algo.

Rezei para que **Jove** estivesse observando, acompanhando nossas orações e homenagens devotas. Quando começamos nossa descida cuidadosa dos Alpes, notei mudanças, sutis no início, mas logo pronunciadas. O gelo e a neve finalmente desapareceram. Tons de vermelho e âmbar cobriam o vale abaixo. O sol estava mais forte, as sombras mais nítidas. Marcella e eu trocamos olhares, sentindo risos e alegria na luz dourada. Mamãe nos abraçou. "Sim, queridos. **Esta é a Itália**. Estamos quase em casa!"

Roma foi um **Desafio**, uma **Provocação**, tudo **Ousado**, prometendo mais.

As ruas estreitas tinham um cheiro próprio, uma mistura inebriante de perfume e alho, especiarias, suor e incenso. Elas fervilhavam de **Cantores** de Baladas e **Mendigos**, **Escribas** e **Contadores** de histórias. Eu vi **vendedores** em todos os lugares, ouvi-os chorar suas mercadorias cantando. Os **carregadores**, carregando cargas espantosas nas costas, praguejavam profusamente contra quem os impedia de avançar. Quase todo o tráfego era feito a pé, pois **Carros raramente** eram permitidos dentro dos portões da cidade.

Aqueles que podiam pagar eram carregados em **liteiras** com **cortinas**, com escravos correndo à frente para limpar o caminho.

Mesmo aos **doze anos** eu via essas pessoas, arrogantes com poder, como uma **Raça Diferente**. Como eles poderiam ser de outra forma?

Roma fedorenta, suja, briguenta e brilhante era - como minha mãe havia dito - o **Centro do Mundo**, e qualquer homem ou mulher menos por viver fora dele. Agora eu entendia sua **insatisfação** com a Gália - com qualquer outro lugar - pois eu também estava desesperadamente **Obcecada**.

Lágrimas de orgulho encheram meus olhos, pois entramos nesta Gloriosa Capital como Heróis, com seus Altivos Residentes prestando homenagem a nós.

Era meu **Tio**, meu amado **Pai** e todos os homens que serviram sob seu comando que estavam sendo **Homenageados**. **Começando a cerca de trinta quilômetros** da cidade, os Romanos se alinhavam nas estradas, muitas vezes com cinco profundidades, aplaudindo e lançando flores. Tive a sensação de que toda a população tinha vindo nos cumprimentar.

Um **Arco Gigantesco** erguido perto do **Templo de Saturno** proclamava a **Glória** de

Germânico. As multidões enlouqueceram enquanto nossa **Procissão Triunfal** passava embaixo dela. **Germânico** e o Pai haviam planejado bem nossa entrada.

Primeiro vieram corredores com **Ramos de Louro**, uma lembrança de muitas vitórias. Os **Carros Alegóricos** seguiram, mais de uma centena, amontoados com **despojos** dos **Templos Alemães**, alguns empilhados com escudos e armas inimigas.

Outros carregavam **quadros extravagantes de batalhas** ou retratavam o **espírito de Roma** subjugando os deuses do rio alemães. Um trazia uma **Princesa Capturada** e seu filho, colares em volta do pescoço. Atrás deles, uma fila interminável de prisioneiros algemados se arrastava.

Minha família viajou em uma carruagem luxuosa, flanqueada por batedores.

A armadura do desfile de papai brilhava ao sol. Mãe olhou para ele com orgulho.

Seu **Triunfo Pessoal** foi que nem Marcella nem eu usamos as roupas descartadas de Agripina. Este foi meu **primeiro vestido de adulto**. A túnica sem mangas, um **quítion** de lilás claro, caía em dobras de seda do ombro aos tornozelos. Uma fita de prata unia o corpete de uma estola violeta logo abaixo dos meus seios; Prendi a respiração tanto quanto possível para fazê-los parecer maiores. Ainda criança, apesar de minha nova dignidade, compartilhei o **Triunfo** com **Hécate**, segurando a gatinha de vez em quando para que ela também pudesse desfrutar do espetáculo.

Germânico cavalgou por último no maior e mais elaborado carro alegórico. Ele estava esplêndido em uma **Couraça de Ouro** gravado com a semelhança de **Hércules** vencendo um leão, sua capa carmesim brilhante como sangue na luz da manhã.

Agripina estava ao seu lado, seus longos cabelos castanhos ondulando ao sol.

Ao lado deles estavam as crianças, **Drusus, Nero, Calígula, Druscilla, Julia** e a criança, **Agripilla**. "Aposto que não houve tanta torcida desde que Augusto voltou da derrota de **Antonius em Actium**", exclamou Tata, com o rosto vermelho de orgulho por seu comandante.

Meu coração bateu forte de excitação quando me virei para acenar para **Druscilla** e os outros. Nesse exato momento, um homem correu ao lado de sua carruagem e subiu, observei com curiosidade enquanto ele segurava uma **Coroa de Ouro** sobre a cabeça de Germânico. Os lábios do homem se moviam continuamente, mas com todo o barulho, era impossível entender suas palavras.

"Quem é ele?" Eu perguntei a Tata. "O que ele está dizendo?" "Um escravo do palácio enviado por Tibério. É um costume."

"Mas raramente praticamos", observou a mãe. "Ele está aconselhando Germânico a olhar para trás." "**Olhe para trás!** Por que ele deveria olhar para trás?"

Marcella quis saber. "Eu nunca olho para trás."

"É um lembrete", explicou a mãe. "Às vezes, o futuro surge por trás, nos pegando de surpresa. O escravo avisa Germânico para não ser muito arrogante ou muito confiante no futuro. Nenhum mortal conhece seu destino. Um dia ele pode estar **Triunfante**, no dia seguinte **Desgraçado** ou até morto. "

Eu nunca esquecerei a minha primeira visita ao **Circo Maximus**. Teve os Eventos desencadeados naquele dia mudaram minha vida, mas na época eu só pensava em como a Arena era terrivelmente grande.

Após o **Triunfo**, minha família foi convidada a dividir o **Camarote Imperial** com o **Tio** e **Pai** adotivo de Germânico, o **Imperador Tibério**, e a **madrasta** de Agripina, a imperatriz viúva **Lívia**. Tínhamos nos aproximado da Arena juntos através do túnel imperial que saía do palácio. Assim que entramos, a imensidão de tudo me deixou tonta, para onde quer que eu olhasse, vi rostos, milhares de rostos. Pessoas em todos os lados de mim, camada após camada delas, pisoteando, gritando, empurrando umas às outras.

Trombetas anunciaram nossa chegada e, por um instante, o Estádio se acalmou, as vozes diminuíram. Então a multidão rugiu como um animal enorme e indomado. Vivas estrondosas deram as Boas-Vindas a **Tibério e Lívia** quando eles entraram no camarote,

mas não foram nada comparados à **saudação** recebida por **Germânico e Agripina**.

O grito "**Ave! Ave! Ave!**" subiu de todas as camadas do anfiteatro. Germânico sorriu, um sorriso infantil de surpresa e prazer, erguendo o braço em reconhecimento. Os gritos ficaram mais altos, mais rápidos. **Agripina**, ao lado dele, com os olhos brilhando, ergueu os braços como uma atriz que recebe aplausos.

O tremendo rugido diminuiu quando o último membro do **Partido Imperial** tomou seu lugar. **Pomandros** e Sacos de Ervas Aromáticas foram passados na tentativa de bloquear o **Odor** de cerca de **250 Mil Romanos** amontoados nas arquibancadas acima de nós. Os **lugares mais altos** eram ocupados pelos mais **pobres dos pobres** - eu mal conseguia ver tão longe - mas os que estavam logo acima de nós estavam reservados para vítimas de guerra. Avistando um dos homens que cuidei em Colônia, sorri e acenei no momento em que outra Fanfarrinha de Trompete anunciou a chegada das Virgens Vestais.

A multidão aplaudiu novamente, brevemente, quando as figuras vestidas de branco entraram em sua caixa elaborada.

Outra onda de tontura passou por mim enquanto eu olhava para o vasto mar de rostos. O poder e a inquietação pairavam como suor no ar. Nenhum **Gladiador** ainda havia conquistado o brilho da popularidade desde que **Vitélio** fora morto algumas semanas antes. Eu podia sentir a impaciência da multidão, a tensão sob uma corrente de risos e conversas. Trombetas soaram novamente, anunciando um desfile de combatentes e artistas. "**Veja!**" Marcella gritou, apontando para os Cocheiros que entraram, fileira após fileira, quatro carros em cada fileira. Atrás deles, os Gladiadores. Como eles podiam sorrir com tanta confiança? O combate de hoje foi designado uma **Missão Sine**. A vida de cada um dependeria de matar seus companheiros antes do pôr do sol.

A primeira parte do **Show** foi dedicada à luta contra os animais. Nunca tendo visto um **Elefante**, fiquei emocionada com seu tamanho, poder e astúcia. Certamente aquela trombeta senhorial poderia ser ouvida além dos portões da cidade. Minha excitação se dissolveu enquanto observava os treinadores perfurarem os animais com dardos de fogo até que, enlouquecidos pela dor e pela raiva, eles se viraram um contra o outro, ferindo e pisando. A **carnificina** era diferente de tudo que eu tinha visto em qualquer lugar ou poderia ter imaginado. A poeira era impossível de bloquear mesmo em nosso lugar de honra e o cheiro... Sangue, entranhas, excrementos fumegantes no calor de agosto.

Eu segurei meus ouvidos, esperando bloquear os gritos furiosos, os gritos agonizantes. Eu não pude; eles eram ensurdecedores. Por fim, um animal permaneceu sozinho em meio à carnificina. Uma manada de possivelmente **50 Elefantes** foi massacrada. Enquanto enormes **Carros de Bois** carregavam os animais mortos, o **Elefante Vitorioso** se ajoelhava diante da Caixa Imperial como havia sido treinado para fazer.

A **Matança de Gatos Selvagens** foi para mim ainda mais terrível. Tive que morder os lábios para não gritar quando batedores com tochas forçaram as criaturas a entrar na arena. Queimados pelas chamas, incitados por espadas afiadas, os Felinos Exóticos rosnaram furiosamente, golpeando uns aos outros com suas garras temerosas. Apesar de sua agilidade e desafio coragem, no final era impossível. As **Panteras Negras** me lembraram de Hécate. Eu não agüentei e me afastei para enxugar as lágrimas que escorriam dos meus olhos. Sou filha de soldado, devo ser forte, lembrei-me e voltei.

De tempos em tempos, eu olhava para **TIBÉRIO**, jogado para trás em seu assento sob um dossel roxo. O corpo do Imperador era bem formado, seus ombros particularmente impressionantes. Achei seus traços atraentes. Como seria saber que o rosto de alguém foi reconhecido em Moedas e Monumentos em todo o Mundo?

No entanto, apesar do poder e do privilégio de **Tibério**, eu vi tristeza. Ele nunca foi feliz. **Sua vida é uma tragédia**. Por que eu deveria saber disso, eu não conseguia imaginar mais do que poderia imaginar por que alguém tão poderoso não deveria ter tudo o que desejava.

Tibério olhou para cima, nossos olhos travando enquanto ele friamente retornava

meu olhar. Senti como se o tivesse visto nu e sido pega olhando.

Corando até a raiz do cabelo, desviei o olhar apenas para ver de relance as mãos de **Calígula**, seguindo as dobras do **quítion** de minha irmã.

Assustada, me perguntei por que Marcella não bateu em seus ouvidos.

Uma fanfarrinha de trombetas anunciou os gladiadores. Rapidamente majestosos, eles marcharam para frente para ficar diante do Camarote Imperial, de olho em **Tibério**, eles falavam em uníssono: "Nós, que **estamos prestes a morrer, vos saúdo.**"

O pai e Germânico trocaram olhares. "Raramente se ouve isso", disse Tata.

"**É uma luta até o fim**", o Tio o lembrou. O **Imperador** assentiu com indiferença, a luz do sol brilhando de seus dedos anelados enquanto ele tamborilava preguiçosamente nos braços de sua cadeira. Os Gladiadores se dividiram em pares e se posicionaram para lutar.

Tabletes de cera foram passados de mão em mão enquanto os espectadores rabiscavam os nomes de seus favoritos e as **somas que apostavam**. Todos estavam participando - não apenas as pessoas comuns, mas também Senadores e Cavaleiros, até mesmo as virgens vestais.

"**Você sabia que temos um Profeta entre nós?**" Germânico perguntou a Tibério.

"Quando realizamos nossos jogos regimentais, **Claudia** invariavelmente escolhe os vencedores."

"De fato! **Aquele ratinho?**" A **Imperatriz** ergueu os olhos do **Tablet**.

Até agora ela conseguiu ignorar toda a minha família. Por que ela não gosta de nós?

Os olhos verdes de **Livia** estavam desdenhosos. "**Não é o seu primeiro Circo?**"

"Aposto que **ela reconhecerá um Vencedor** quando o vir", garantiu **Germânico**.

"E quem vai ganhar desta vez, **Madame Oráculo?**" Tibério se inclinou para frente, uma centelha de interesse iluminando um rosto que permanecera impassível durante os eventos preliminares

"Eu - eu - não posso fazer assim," eu me esforcei para explicar. "Não sei de uma coisa porque quero." "Então como você sabe disso?" **Tibério** persistiu.

"Às vezes sonho com os vencedores ou então eles simplesmente pulam na minha cabeça."

A **Imperatriz riu com desprezo** enquanto batia levemente em seu filho com um leque de marfim. Tibério a ignorou. "Então dê uma olhada neles e veja quem **'pula'**", ele me desafiou, apontando para os Gladiadores que estavam lá embaixo.

Meio enjoada de constrangimento, fechei os olhos em **oração a Diana**: Que a terra se abra neste instante e me engula.

"As escolhas de **Claudia** costumam ser afortunadas, mas não encorajamos as fantasias da criança," Mãe apressadamente explicou.

"Alguns de nós," Germânico riu. "Os meninos e eu nos demos muito bem com eles."

Calígula me beliscou enquanto eu me sentava, doente de ansiedade. "Eu sabia o tempo todo que você estava inventando." "**Eu não inventei!**"

"Tenho certeza que não." O **Imperador**, com as mãos surpreendentemente gentis, estendeu a mão, puxando-me do meu sentar em um espaço vazio que ele criou ao lado de si mesmo. "Por que você não dá uma boa olhada naqueles homens lá embaixo? **Se você vir um vencedor, diga-nos.**"

"Ela não vai ver nada. O que **Claudia** sabe, afinal?"

Calígula, desviado de Marcella, bateu com a bota no assento.

"**Já chega, Calígula!**" Germânico explodiu.

"Se você não pode ser educado com **Claudia**, saia e sente-se com a ralé."

Tata deu um tapinha no meu ombro de forma tranqüilizadora. "Todos nós sabemos que é apenas um jogo que você gosta de jogar. Por que não tentar? agora?"

"Não é um jogo, **é uma mentira**", insistiu **Calígula**, ignorando a advertência do pai.

Eu olhei para ele, afastando os cachos da minha testa com raiva, me virei para os homens montados no campo, estudando cada rosto cuidadosamente. A pressão era terrível.

Tentei respirar profundamente. As **imagens me vêm involuntariamente**, mas, naquele momento, olhando para os homens que esperavam o sinal de partida, não vi nada.

Desesperada, fechei os olhos. Então ... sim, **um rosto apareceu**. Um rosto incomum, maçãs do rosto salientes, loiro, muito loiro. Eu achava-o bonito como Apolo. Mais importante, ele estava sorrindo triunfantemente. Abri meus olhos, examinando ansiosamente os Gladiadores abaixo.

Capacetes cobriam seus cabelos, mas reconheci o rosto marcante, a pele clara. "**É aquele homem**", disse eu, apontando. "Terceiro desde o final. Ele **será o Vencedor**."

"**Não é provável**," **Lívia** zombou. "Vejam como ele é jovem. Quase nem mais de vinte anos. Uma ou duas estocadas e estará acabado."

"**Tem certeza, Claudia?**" Perguntou o Pai. "**Ariston é o favorito**, aquele que está no final."

Meus olhos seguiram seu dedo apontando. **Ariston parecia formidável**. Ele era um pouco mais alto que o minha escolha e muito mais amplo nos ombros. Agora, enquanto estudava os Gladiadores, percebi que o homem que escolhi era mais esguio do que qualquer outro. Embora um homem grande, alto e de ombros largos, ele parecia quase **frágil** ao lado dos veteranos maciços de muitos combates. Tudo o que pude fazer foi encolher os ombros. "**Ele é aquele que eu vi**."

"Você está apenas se exibindo", **Calígula** me acusou.

"Você tem algum troco, garoto?" **Tibério** perguntou a ele.

"Senhor, tenho quatorze anos."

"Muito bem, então. **Aposto 100 sestércios** contra o que quer que você tenha que a escolha de **Claudia** nas vitórias. "

"**Tibério**, você não é apenas um pobre juiz de Gladiadores, mas um perdulário," **Lívia** o repreendeu. "Se você tem tanta certeza, suponha que temos uma pequena aposta nossa?"

Germânico sugeriu. "Tomado", respondeu a imperatriz. "Que tal duzentos sestércios contra meus cinquenta?" "Acordado." **Germânico** assentiu.

Mamãe e papai se entreolharam consternados. Até **Agripina** foi subjugada.

Marcella inclinou-se e apertou minha mão. "Espero que você esteja certa.

Aquele Gladiador é muito bonito para perder." "**Marcella!**" Mamãe reprovou, mas todos riram e um pouco da tensão diminuiu.

O que se seguiu tornou-se uma Lenda. Tudo começou rotineiramente.

Os homens estavam equilibrados - **retiarri** brandindo redes e **tridentes** e **secutori** combatendo com espadas e escudos. Cada homem se movia lentamente, com cautela, enquanto procurava obter vantagem sobre seu oponente. A dupla lutaria até que um homem fosse morto, o vencedor então desafiava outro até que apenas dois restassem - uma dança final da morte.

Quando a luta começou, **Tibério** enviou um escravo para obter informações sobre minha escolha. O nome do jovem **secutor** era **Holtan**, disseram-nos.

Ele era um cativo **Dacian** recentemente trazido para Roma. Nada se sabia sobre ele. Era improvável que ele já tivesse comparecido a um **Ludi**.

A falta de familiaridade de **Holtan** com a Arena era evidente desde o início. "Ele não vai durar um round," **Livia** zombou. Temi que a **Imperatriz** estivesse certa.

Sem o **Treinamento da Escola de Gladiadores**, que chance ele tinha?

Depois de algumas tentativas de balançar, o jovem Gladiador, que havia tirado os olhos do oponente por um instante para olhar para as Arquibancadas, foi jogado no chão.

O outro homem avançou para matar. **Tibério** balançou a cabeça em desgosto e se virou para pedir vinho. Naquele instante, **Holtan** estava de pé novamente, a espada na mão. Ele balançou para um lado e para o outro, confundindo seu adversário, então avançou para matar, a lâmina cortando de forma limpa o peito de seu oponente. A partir de então, o homem passou a ser o **próprio Hércules**.

Um zumbido animado percorreu as arquibancadas, ecoando ao nosso redor: "**Quem é**

esse homem?" **Tibério** deu um tapinha no meu ombro com aprovação.

A orquestra tocou, um acompanhamento frenético para o drama abaixo. Buzinas e trombetas soaram descontroladamente. Uma mulher curvada sobre o **Órgão de Água**, rosto mudando de rosa para roxo enquanto ela furiosamente bombeava o fole.

Assistentes vestidos como **Caronte** correram aqui e ali, golpeando os Gladiadores caídos na cabeça com martelos. **Plutão**, rei do submundo, os reivindicou para si.

Corpo após corpo foi arrastado pela **Porta Libitinensis** enquanto o massacre continuava. No começo, escondi meus olhos da brutal confusão, mas logo a alegria da **multidão uivante** me infectou com sua loucura.

Do outro lado do Anfiteatro, uma faixa improvisada foi baixada. Meu corpo todo estremeceu de excitação enquanto eu lia as palavras rabiscadas apressadamente: **HOLTAN** de **DACIA**. Gritei até ficar rouca de excitação. Todos nós fizemos.

Freqüentemente **Tibério** ficava de pé ao meu lado, torcendo com os outros: "HOLTAN! HOLTAN! HOLTAN!" Incrivelmente, esse jovem desconhecido lutou homem após homem até que apenas ele e outro, **Ariston**, permaneceram.

Cautelosamente, eles circularam um ao outro. **Ariston** se lançou para frente, tropeçando em **Holtan** com sua rede, jogando-o no chão. Tridente erguido, **Ariston** avançou para a matança. Eu fechei meus olhos. Ao meu lado, **Marcella** gritou; gritos ecoaram por toda parte. Abrindo meus olhos com cautela, vi **Holtan** rolar para o lado, evitando a lâmina de **Ariston** por alguns centímetros. Ele estava de pé, balançando, cortando.

Um corte cortante, um mergulho lateral e tudo estava acabado. **Holtan** ficou acima da forma prostrada de seu oponente, esperando o **veredicto de Tibério**.

O Imperador se voltou para mim. "Bem, mocinha, ele é o seu Campeão.

Qual é o seu prazer? **O que você quer que ele faça?"**

A empolgação da multidão era palpável. Muitos indicaram seus próprios veredictos: **polegares para baixo**.

"Vá em frente, dê às pessoas o que elas querem - outro cadáver," pediu **Lívia**.

"Você pode estar fazendo um favor a ele. Ele parece mais morto do que vivo", papai concordou.

Só então os olhos do Gladiador caído se abriram. Embora seu rosto respingado de sangue estivesse impassível, senti seu apelo. O **homem queria viver**. Meu coração bateu descontroladamente quando senti os olhos de todo o estádio. Sorrindo timidamente, **levantei o braço e o polegar**. Mitte. **Tibério** assentiu e **ergueu o polegar** ao lado do meu.

CAPÍTULO 03 - Resultado de um Triunfo

Eu fui uma Heroína no **Banquete Imperial** que se seguiu ao Circo - pelo menos dentro de nosso círculo familiar. **Agripina** e **Germânico** providenciaram para que eu encontrasse muitos de seus amigos. Claramente, as famílias mais proeminentes de Roma gostavam e os respeitavam, antecipando a **eventual ascensão** do Casal ao Trono. Embora sua glória refletida fosse inebriante, me afastei quando a conversa mudou para pessoas e lugares que eu não conhecia, piadas que não entendia.

Por um tempo, vaguei pelo Palácio, absorvendo a **magnificência** ao meu redor.

Centenas de lâmpadas tremeluziam nas paredes e mesas, iluminando as Mulheres elegantes, algumas em trajes romanos, outras em exóticos trajes orientais, os cabelos empilhados e presos em pirâmides e torres ou enfeitados com flores.

Os homens também eram grandiosos - muitos com togas de bordas largas, outros usando túnicas de cores vivas com meias-luas douradas brilhando em suas sandálias até o joelho.

Tibério convidou **Holtan** por capricho. Na esperança de conhecê-lo, procurei o

Gladiador apenas para encontrá-lo cercado por novos admiradores. Ele compartilhou seu sofá com uma mulher cujas pernas, entrelaçadas com as dele, eram quase tão longas.

Seu cabelo caía como uma meada dourada em seu peito. Eu imaginei por um instante... seus olhos em mim?

Perto dali, **Drusus** e **Nero** observavam um par de dançarinas núbias. As mãos dos meninos repousaram indiferentemente nos punhos de ouro de suas espadas cerimoniais, mas seus **olhos se arregalaram** quando cada véu fino caiu no chão. Mais uma vez, passei despercebida, Marcella, com o rosto vermelho de excitação, divertia-se com um jogo bobo de tapinhas e cócegas com **Calígula**. **Druscilla** e **Julia**, escondidas e correndo atrás dos sofás, acenaram para que eu me juntasse a elas.

Ninguém prestou a menor atenção em nós, mas vislumbramos coisas que não poderíamos ter imaginado. **Por que os adultos se faziam de idiotas?**

Eu me perguntei mais de uma vez. Fiquei chocada às vezes, mas também divertida. Eu nunca tinha visto um **adulto nu antes** - um adulto de verdade, não apenas um escravo dançarino. Frequentemente, seguramos nossos lados para não rir. Cedo demais, uma atendente chegou para nos buscar.

Ela era baixa e rechonchuda, não esguia como os escravos habituais da corte, nem tão confiante. "**Onde estão Marcella e Calígula?**" ela perguntou. Seus pequenos olhos se estreitaram ansiosamente enquanto percorriam a sala lotada.

"**Que diferença faz?**" Eu respondi, irritada com sua intrusão.

A escrava parecia insegura. "Sua mãe me mandou encontrar todos vocês e levá-los para suas camas. Ela vai ficar com raiva. "Por que mamãe estava fazendo isso?"

Ainda era muito cedo. Em pé, tentei soar como um adulto: "Não se preocupe, Marcella e Calígula têm idade suficiente para encontrar suas camas sem uma enfermeira."

"Por que você não vai procurá-los e volta para nos buscar?" Druscilla sugeriu esperançosamente. Obviamente, a escrava não estava se arriscando.

Com seu andar um gingado rápido, ela nos conduziu por um amplo corredor incrustado de **ágata e lazúli**.

Julia e Druscilla foram levadas para quartos próximos, onde seus próprios assistentes esperavam para atendê-los. Desejei-lhes boa noite e segui o escravo doméstico mais adiante no corredor. Já não era tão bem iluminado.

Nossas sandálias ecoaram no piso de mármore e a lâmpada da mulher projetou sombras misteriosas nas paredes com afrescos. Pareceu levar uma eternidade para chegar ao pequeno quarto mal equipado que fora designado para Marcella e eu. Pelo menos havia dois sofás-cama. Despedi a escrava e me estabeleci em uma. Recordando o brilho de excitação nos olhos de Marcella, me perguntei inquieto: Onde ela estava?

O sono, quando finalmente veio, trouxe um **Sonho Bizarro e Perturbador**.

Para baixo, para baixo, para baixo, eu escorreguei para um Mundo Insondável de figuras escuras e soluçando. Quem são eles? Por quem eles choraram tão dolorosamente? Era por mim, tinha que ser por mim, mas o que eu tinha feito?

Por que essas **formas fantasmas** viraram as costas para mim?

O ar estava pesado, pesando sobre mim. Eu engasguei, mal conseguindo respirar.

Os **enlutados** desapareceram lentamente. Eu estava sozinha. Tudo estava escuro, exceto por uma pequena vela.

Ela lançou sombras misteriosas na parede áspera, sombras feias. A vela tremeluziu, uma chama tão pequena. Agora também tinha sumido. A escuridão foi de parar o coração. Eu estava presa, envolvida. Lutei freneticamente para me libertar, gritei e arranhei as paredes úmidas e pegajosas. Ninguém respondeu, ninguém veio. Eu soube então que não era eu quem me debatia e se debatia naquela **Cripta** terrível.

Era Marcella - Marcella aprisionada na escuridão, Marcella abandonada e sozinha.

Meu próprio grito de medo me despertou. A luz do sol fluía por uma pequena janela. Eu olhei para o sofá de Marcella. Estava vazio, sem uma cobertura bagunçada.

Uma sensação de pavor tomou conta de mim. Assim que eu estava saindo da cama, a porta se abriu. Minha irmã entrou correndo na sala, o cabelo desfeito, o rosto vermelho de tanto chorar. Minhas palavras descuidadas da noite anterior ecoaram em meus ouvidos, enquanto, com a garganta embargada de lágrimas, ela tentava explicar o que havia acontecido.

"**Foi horrível**", Marcella engoliu em seco entre soluços.

"**A avó de Calígula entrou!** Ela - ela nos pegou. Lá estava ela de pé sobre o sofá, a **Imperatriz**, com aqueles dois guardas enormes que a seguem por toda parte.

Agora todo o palácio saberá. Mamãe diz que estarei arruinada.

A Imperatriz me chamou de vagabunda.

Ela me odeia - acho que ela odeia nossa família inteira. Ela diz que foi minha culpa - mas realmente não foi. **Calígula** está atrás de mim há meses..."

"Calígula!" Eu a encarei, surpresa. "Por que você foi com aquele Garoto Nojento?"

Mas qual é o problema? Costumávamos **cochilar** com nossos primos o tempo todo.

Dormir com Calígula certamente não fará mal a você."

"**Nós não estávamos dormindo.**"

Demorou um pouco antes de entender; talvez eu não quisesse entender. "**Você realmente fez isso?**

Você deixou Calígula - oh, Marcella, que nojento! "

"Não é nojento." Marcella riu em meio às lágrimas.

"É mesmo..." Eu estremeci. "Ninguém nunca vai fazer isso comigo.

Eu gostaria de ver alguém tentar!" Marcella suspirou. Seu rosto tinha aquele olhar superior que eu odiava. "Oh, o que você sabe! Você é uma criança."

"Nós estamos **apenas dois anos** separadas", eu a lembrei.

Ela suspirou. "Esses são os dois que importam." Marcella despejou água de uma jarra perto do sofá e lavou seus olhos. "Oh, irmãzinha, o que eles vão fazer comigo?"

Não demorou muito para descobrir. Em minutos **Lívia** entrou com seus guardas.

Quase não havia espaço no minúsculo cômodo para mamãe, que a seguiu, o rosto pálido e tenso. **Agripina** estava atrás deles, pela primeira vez ao fundo. Ela parecia culpada. Eu não precisava da visão para me dizer que o **Castigo de Marcella** seria terrível.

Na verdade, o plano de **Lívia** era impensável. "**Vou mandá-la para as Virgens**", anunciou ela alegremente.

"**As virgens!**" Os lábios de Marcella se separaram em um suspiro.

Seus olhos se arregalaram, sua pele mortalmente pálida. Eu me mudei mais perto, temendo que minha irmã desmaiasse, mas Marcella manteve-se firme, os olhos inabaláveis ao encarar a Imperatriz.

Um **sorriso cruel** iluminou o rosto de **Lívia**. "Elas têm maneiras de lidar com pequenas **Cadelas Indisciplinadas**." Os braços da mãe envolveram Marcella, segurando-a silenciosamente. "**Venha, Agripina.**" A imperatriz curvou o dedo.

Uma esmeralda cintilou em um raio de sol. Ela se virou abruptamente e saiu da sala seguida por seus dois guardas, homens enormes, negros como ébano. Agripina foi atrás dela, os olhos baixos, sem olhar para nenhum de nós.

Qual era o problema com ela? Agripina era nossa tia, nossa amiga. Por que ela não estava enfrentando **Lívia**?

Mamãe e Marcella ficaram abraçadas, soluçando baixinho, mal percebendo minha presença enquanto eu me vestia rapidamente e saí pela porta.

Sempre acreditei que meu Pai poderia fazer qualquer coisa, aproximei-me do banco do jardim onde ele estava sentado, comecei a ter dúvidas. Seus ombros estavam curvados, seu rosto enterrado nas mãos.

"**Tata**, não há algo" olhando para cima, ele pegou minha mão e me puxou para baixo ao lado dele.

"**Lívia é a Imperatriz. Sua palavra é Lei.** Ir contra ela é ir contra a própria Roma."

"Mas Tibério é o Imperador."

"E o filho de **Lívia**. Você acha que ele a contrariara por algo tão trivial?"

Meu pai tocou o dedo suavemente em meus lábios, evitando uma explosão.

"Trivial aos olhos dele."

Fiquei sentada em silêncio por um tempo, procurando idéias, descartando-as uma por uma. O jardim, em chamas com flores de verão, zombou de mim, forçando meu olhar para o outro lado da plantação, onde uma imensa Estátua de Mármore do **Divino Augusto** olhava para baixo.

O mundo inteiro estava exposto no peito do Imperador, uma constelação de conquistas - **Pártia, Espanha, Gália, Dalmácia**.

Meu pai, que adorava contar histórias de guerra, garantiu que eu conhecesse bem cada vitória. Um **cupido** aos pés de Augusto também lembrava os espectadores de sua descendência de Vênus. Minha mãe teve o cuidado de explicar esse mito. Como membros da família, reivindicamos o mesmo Ancestral Fivino.

"Se Augusto estivesse vivo, isso não aconteceria", arrisquei. "Ele pararia Lívia."

Tata balançou a cabeça tristemente. "**Quem sabe?**"

Quando a última Vestal morreu e todos lutaram para salvar suas filhas da **Loteria**, Augusto jurou que se qualquer uma de suas netas fosse elegível, ele proporia o nome dela."

Eu ouvi uma risada aguda e amarga e me virei. Mamãe desceu o caminho e agora estava atrás de nós. "Ele só disse isso porque **Agripina** e **Júlia** estavam casadas em segurança. O **Imperador** sempre defendeu ideais de moralidade, embora todos soubessem que ele havia deixado sua própria Esposa e filha **Bebê** para roubar **Lívia** - uma mãe com um filho pequeno de seu marido."

"Calma, **Selene**," papai avisou, olhando na minha direção.

Eu não perdi uma palavra, cada uma peça preciosa do quebra-cabeça. O antigo escândalo explicava a hostilidade da **Imperatriz** viúva por **Agripina**, a neta de Augusto daquele primeiro casamento. Aparentemente, estendeu-se até mesmo ao nosso remoto ramo da família. Ela não tinha nada melhor a fazer do que perseguir parentes pobres?

"A Imperatriz acha que ela é muito inteligente, mas o plano dela não funciona. **Marcella está muito velha**", eu os lembrei. "**A Ordem vai recusá-la**."

Mamãe se sentou ao meu lado. "O **Chefe Vestal** não vai reclamar, uma vez que ele sente o peso de **Livia** Bolsa."

Hesitei, em buscar de palavras. Marcella foi minha janela para o mundo adulto.

Falando com um pai era muito mais difícil. "A idéia toda está errada. Marcella não é uma virgem."

O rosto branco da mãe corou. "Você é tão jovem, é difícil falar dessas coisas, mas já aprendeu tanto..." Ela suspirou. "É verdade, os iniciados são crianças pequenas.

Difícilmente se questionaria sua virgindade. Tudo o que é necessário é que elas não sejam **Deformadas, Surdas ou Mudas**. Ambos os pais devem estar **vivos** e nenhum deles um **escravo**. Então você vê, em todos os aspectos, exceto um, **Marcella é qualificada**."

"Mas," argumentei, "esse é o único. **Lívia** está enganando a deusa."

A mãe encolheu os ombros, impotente. "Um bom ponto que não incomoda a Imperatriz."

"E quanto a Agripina? Como ela pode ficar parada e assistir essa coisa horrível acontecer?"

Mãe balançou a cabeça. "Acredito que Agripina está genuinamente arrependida do infeliz **negócio Vestal**, mas **Lívia** jogou habilmente em suas ambições. Ela promete um **casamento brilhante** para Calígula enquanto ameaça um **escândalo terrível** se o caso não for resolvido de forma satisfatória. Nenhum de nós quer um escândalo, mas pobre, querida, tola Marcella. **A vida dela acabou**."

Coloquei meus braços em volta de minha mãe, que começou a soluçar baixinho.

"Ela deve permanecer uma vestal para sempre?" "Pode ser para sempre. **O mandato é**

de trinta anos. Ao final desse período, uma vestal pode voltar ao mundo, mas poucas o fazem. A maioria permanece a serviço da deusa até morrer."

"**Trinta anos!**", Exclamei. "Marcella será uma mulher velha."

Eu lanço freneticamente. Não tinha jeito, ninguém... e aí veio a mim... Calígula!

Se alguém podia ajudar, era ele. Não levei um dia em Roma para perceber que **Calígula** era o único neto de quem a Imperatriz se importava. O simples pensamento dele me deixou doente. Mas que escolha eu tive? Uma decisão foi tomada.

Só ele pode mudar isso.

Quando encontrei meu caminho para os apartamentos suntuosos atribuídos a **Calígula**, afastei o escravo assistente no vestíbulo e, respirando fundo, abri a porta dos cubículos. **Calígula** estava esparramado em um enorme sofá-cama, com os ombros apoiados em uma pilha de travesseiros cobertos por pele de leopardo.

Uma **onda de repulsa** passou por mim enquanto eu olhava para os lençóis amassados. Eles eram de seda preta. Calígula sorriu para mim.

"Bem, olá, **Claudia!** Você gosta do meu quarto? Sua irmã gostou."

"O que você fez com ela foi horrível."

"Marcella achava que não." **Calígula** cruzou os braços atrás da cabeça, aquele horrível sorriso zombeteiro ainda mais amplo. "Então por que você veio?"

"Por sua causa, a **Imperatriz** quer punir Marcella. Ela a **está forçando** a se tornar uma Vestal."

"Sério! Que divertido." Calígula sorriu satisfeito enquanto seus dedos brincavam distraidamente com o travesseiro franjado atrás da cabeça.

"Meu primeiro defloramento e agora a empregada será **transformada na Virgem definitiva**. Isso me torna uma espécie de deus."

"Isso não é uma piada! Estamos falando sobre a vida de Marcella. Certamente você deve ter conhecido que alguém descobriria."

Ele riu com vontade. "Eu queria que **Livia** descobrisse. **Mandei uma escrava** para contar a ela. Por que não? Nunca é demais cedo para construir uma reputação."

Eu **encarei ele incrédula**. Eu queria me atirar nele, arranhando, mordendo, chutando. Eu queria matá-lo por sua **insolência** feia, sua **crueidade** impensada. Minhas mãos cerradas em punhos. "**Mas você gosta de Marcella**", eu o lembrei quando finalmente consegui falar.

"Você sempre a perseguiu. Achei que, quando soubesse do problema em que ela estava, você gostaria de ajudar."

"Oh, eu gosto dela o suficiente", disse ele, olhando-me pensativamente. Meu coração disparou. "Então será fácil. Tudo que você precisa fazer é casar com ela." "**Case com ela!**"

Calígula riu sem alegria. "Não é provável. Ela é uma garota animada, sim, muito animada, mas um pouco cheia de si para o meu gosto.

Nenhum de vocês **Próculas** conhece seu lugar. Você, **Claudia**, é a pior com seus modos arrogantes. Eu não sei por que meus pais gostam tanto de você.

Quem você pensa que é, entrando aqui e ousando me dizer o que fazer?"

Eu olhei para baixo, sentindo que só tinha piorado as coisas. Não havia esperança.

"Então, onde está sua **famosa visão** agora?" Calígula instigou. Com um floreio, ele jogou as cobertas. "Já te mostrou algo assim?"

"Oh!" Eu engasguei, minhas bochechas queimando enquanto eu olhava para seu corpo nu. Calígula se regozijou, seus olhos brilhando de orgulho. "Vamos, Claudia, você sempre tem algo a dizer. Você não está impressionada?"

Uma onda de náusea violenta tomou conta de mim. Eu cerrei meus dentes.

"Isso é tudo?" De alguma forma, consegui perguntar. "Eu ouvi que eles eram maiores."

O **Templo de Vesta** é um Edifício massivo com cima de **Ouro** redondo, significando a Lareira, sua Cela Circular cercada por belas Clunas Coríntias. No dia da **Iniciação de**

Marcella, duas Sacerdotisas, vestidas de branco e com véu, nos encontraram na entrada.

Marcella, ereta e nobre, caminhou com eles para o palácio adjacente. Ficamos muito orgulhosos de sua coragem. Ninguém teria adivinhado que a garota tinha ficado acordada a noite toda, soluçando até que não houvesse mais lágrimas.

Uma hora depois, nos juntamos a Ela no grande aposento. **Marcella** estava vestida como as outras de branco esvoaçante. Meu pai pegou a mão trêmula de minha irmã e a conduziu até um estrado onde **Tibério** esperava diante da Chama Sagrada.

Marcella nunca esteve mais bonita, seus olhos azuis quase da sombra de violetas quando ela encontrou seu olhar solene.

O pai recuou enquanto a **Vestal Chefe** gesticulava para Marcella se ajoelhar.

Atuando como **Pontifex Maximus**, **Tibério** deu um passo à frente. Pondo as mãos de leve nos cabelos negros e brilhantes dela, ele pronunciou as palavras rituais:

"Te amata, capio! Minha amada, tomo posse de você."

Lentamente, mecha por mecha, os cachos de Marcella foram tosados. Como o cabelo dela era longo e muito espesso, **Tibério** pareceu durar uma eternidade.

Sentado entre meus pais, de mãos dadas, tentei controlar meus soluços. De vez em quando, eu olhava furtivamente para mamãe, com lágrimas escorrendo por seu rosto pálido. O rosto de meu pai tinha linhas sombrias, mas de vez em quando eu via seus olhos brilharem. **Agripina** teve a elegância de desviar o olhar, mas **Lívia** e **Calígula** não fizeram nenhum esforço para esconder o prazer. Ambos pareciam se deliciar a cada minuto.

Às vezes, eles se cutucavam. Uma vez eles até riram. Minha irmã parecia imune a tudo. Enquanto eu observava o último cacho cair e a touca passar por cima de sua cabeça, a Marcella que conheci por toda a minha vida **desapareceu** diante dos meus olhos.

CAPÍTULO 04 -A Voz de Ísis

No dia seguinte à iniciação de Marcella, **Tibério** surpreendeu a todos nós com uma **proclamação**: Germânico deveria fazer uma Excursão pelo Império. **Tata** iria acompanhá-lo.

Em uma hora, mamãe estava fazendo as malas para todos nós. Eu mal podia acreditar em meus olhos enquanto a observava se mover de um baú para outro, dobrando isto, descartando aquilo. "Certamente não vamos com eles?"

Olhando por cima de uma pilha de túnicas, ela tirou uma mecha de cabelo da testa.

- **Já perdeu o juízo?** Consegue imaginar o seu pai recusando Germânico?

Não podia, não mais do que podia imaginar minha mãe recusando-se a acompanhar papai, mas a longa jornada, o confinamento a bordo do navio com sua proximidade inevitável de **Agripina**, parecia intolerável.

Sua **deserção** foi mais difícil de suportar do que a maldade de Lívia e Calígula.

Desde que eu conseguia me lembrar, a **Tia** estava lá: mandona, generosa, irritante e adorável. Como eu poderia perdoar sua traição?

Os arranjos para a turnê se encaixaram perfeitamente. Muito suavemente.

Ouvi o comentário de **Tata** para minha mãe: "**Tibério** deve ter planejado isso meses atrás." Restava tão pouco tempo para ficar com Marcella. Horas agrídoces, o brilho da minha irmã desaparecendo diante dos meus olhos. Todo o charme impetuoso de Marcella deve, como uma **Vestal**, ser submerso. Embora as **Sacerdotisas de Vesta** sejam honradas acima de todas as outras, elas são **separadas** e espera-se que existam **castamente** como a própria deusa. Sentada com minha irmã na ante-sala de mármore do grande Templo, percebi que, embora **Vesta** e sua chama sagrada forneçam o foco para o lar, para a família, para a própria Roma, não há **Estátua** dela em lugar nenhum. **Vesta é invisível**.

"Há tanto para memorizar", queixou-se Marcella. "**A Sabedoria Divina de Vesta não pode ser confiada** à Escrita; nós a aprendemos palavra por palavra. Os rituais são os mais difíceis. Um erro e toda a cerimônia deve ser repetida desde o início. Levará **dez anos** para

aprender tudo."

Como ela era corajosa para brincar. Eu me forcei a rir. "O que você está realmente fazendo?" "Eu acabei de dizer a você", disse ela, um pouco do brilho antigo em seus olhos.

"Não é nada para rir, eu garanto vocês."

Meu coração doeu por ela. Eu tinha lutado para dar o melhor rosto possível à nova vida de Marcella. **Vestais** eram altamente respeitadas, seus **Camarotes** em **Circos** ou **Teatros** perdiam apenas para os Imperiais. Elas tinham **permissão** para **receber visitas** e podiam entrar e sair quando quisessem, nunca respondendo aos homens. Eu gostei daquilo.

Eu admirava seu Vestido Branco também - lindamente confeccionado com a mais fina seda. Agora eu percebi que o **visual etéreo** era **romântico** apenas porque enfatizava sua distância. A enormidade disso me atingiu mais uma vez: Marcella - a **travessa e espirituosa** Marcella - **perdida** para nós, perdida para o mundo, **encarcerada** para o resto da vida.

"O que se segue?" Obriguei-me a perguntar.

"Dez anos praticando esses Rituais." "E depois?"

"Eu posso Ensinar os Rituais para Novatos." Marcella sorriu tremulamente com minha incredulidade. "Sim, é realmente isso. **Trinta anos de ritual.**"

Seus olhos se encheram de lágrimas. "Isso não é o pior." "O que é?"

"As vestais são muito gentis..." Marcella começou a soluçar.

"Mas é tudo um... mundo feminino."

Uma vez a bordo, meus pais e Agrippina se resolveram uma Rotina que me chocou.

O pai foi Educado e Respeitoso como sempre, a mãe parecia não se ressentir dela mais nem menos do que nunca. Embora o desrespeito aberto fosse impensável, eu educadamente ignorei as tentativas de Agripina de voltar à velha familiaridade e evitei-a tanto quanto possível.

As batidas rítmicas dos **tambores** do Navio me deixaram pasmo no início. Logo eu mal percebi. Só à noite, em meu beliche, eu percebia a **cadência** constante que mantinha os escravos remando. Refletindo sobre os **oitocentos** homens que manobravam os remos do navio em turnos contínuos, vi semelhanças entre o lote deles e o meu. Nenhum supervisor chicoteou meus ombros, mas eu era menos escrava?

Roma dominava todos os nossos destinos.

O navio de comando de Germânico, um enorme **Quinquereme**, navegava no centro de uma guarda de honra, seis **Trirremes**, velas roxas estendidas por quatro mastros de cedro libanês. Os escravos de Galley elogiaram **Netuno** pela brisa forte que facilitou seu trabalho.

Continuei meus estudos, compartilhando o mesmo **pedagogo** com **Julia** e **Druscilla**. Todos nós sentimos falta de Marcella. Brilhante, embora não fosse uma erudita, ela havia vivido muitas horas tediosas com seus gracejos. **Nero** e **Druso** também estavam ausentes, oficiais subalternos servindo em suas primeiras viagens de serviço, Nero em Cartago, Druso na Espanha. Meu consolo era que Calígula não estudava mais conosco.

Por sugestão de Germânico, o especialista residente do navio - **Tata** - treinou Calígula no uso de escudo e dardo. Eu odiava a idéia de meu pai trabalhando para melhorar as habilidades marciais do sedutor de Marcella. A ironia nojenta foi agravada pela aceitação inquestionável de **Tata** da ordem de seu comandante. Para ordem era, não importa o quão casualmente falado.

No passado, éramos eu e Marcella emparelhadas contra nossos primos em qualquer jogo que jogássemos. Agora, quando **Julia** e **Druscilla** procuraram minha companhia para nossa partida de dados favorita, senti a perda de Marcella de forma ainda mais aguda. Melhor escapar para um pergaminho, permitindo que uma história simplesmente aconteça comigo. Nem mesmo Roma poderia interferir nisso.

Enquanto eu me reclinava no convés superior, os ritmos do mar sutilmente temperando meus ressentimentos, os dias se misturaram perfeitamente. Perdido nos azuis

espelhados do Mar e do Céu, enchi meus próprios pergaminhos com tentativas de Poesia, Odes ao milagre espumoso do nascimento de **Vênus**. Filha de **Júpiter** e uma Nífa do Mar, **Vênus** emergiu adulta do tumulto de sua união. Abaixo de mim, cinco bancos de remadores remavam em fileiras usando varreduras gigantes que exigiam toda a força e músculos de seus corpos. De vez em quando, deixo meu sofá para olhar para eles.

Cambaleando, alguns sentados, outros de pé, eles se curvaram sobre as hastes de seus remos, agarrando-se com força e grunhindo em **uníssono** enquanto se jogavam para frente, depois para trás, respondendo com todas as suas forças à batida insistente. Às vezes, meu pulso latejava.

Sem aviso, o tempo mudou. Uma **série de Tempestades** atingiu nosso navio, levando todos os passageiros para baixo do convés. Embora quase todos estivessem **Doentes**, a turbulência me deixou alegre. Apesar das Ordens do meu pai, subi a escada para ver as grandes ondas quebrarem nas laterais.

O céu clareou quando alcançamos **Nicópolis**, mas nosso Navio mancou no porto com **severos danos** causados pela Tempestade. Nosso sistema de direção, à beira do colapso, exigiria extensos reparos. Germânico queria aproveitar o tempo para visitar o golfo de Actium. Seu avô, **Marco Antônio**, havia travado a Grande Batalha naval lá - uma derrota contra Augusto. O pai obedientemente organizou uma expedição e muitos dos oficiais partiram para localizar os restos do acampamento de **Antonius**.

Fiquei encantada quando **Calígula** insistiu em ir também. Embora sob ordens estritas de Germânico para me tratar com respeito, ele me provocou sem piedade. Tentei ignorá-lo e consegui na maior parte do tempo, mas só na noite anterior descobri um rato morto sob o envoltório do meu beliche. Quando eu joguei no rosto de Calígula, ele agarrou meus pulsos com força, puxando-me em sua direção, carrancudo. "Tenha cuidado, **Madame Sybil**, da próxima vez será um Rato Vivo."

"Você não ousaria," eu disse, me soltando.

Eu odiava compartilhar uma cabana apertada com meus pais. Agora eu estava feliz.

Mesmo Calígula não arriscaria a ira de **Tata**.

Na manhã em que a festa foi embora, acordei com dores de câibra não habituais. Puxando-me do beliche estreito, preendi a respiração com as listras vermelhas. Só então mamãe entrou na cabana. Ela sorriu, percebendo imediatamente, e colocou os braços em volta de mim. "Ah, começou. Como você se sente?" ela perguntou, esfregando minhas costas.

"Dói, como algo pressionando com força."

Mãe acenou com a cabeça. "É assim para alguns de nós. Depois de ter seu primeiro filho, você dificilmente avisa prévio."

Eu fiz uma careta, uma grande dor substituindo a menor. Por ordem de minha mãe, voltei para o beliche. Ela deixou a cabana, mas voltou rapidamente com uma escrava que trazia roupas e linhos limpos. Enquanto a escrava refazia o beliche, mamãe explicava cuidadosamente o que deveria ser feito a cada mês. Que incômodo! Minha vida despreocupada se foi para sempre.

"As Mulheres Romanas devem ser fortes", minha mãe me lembrou. "Nunca nos submetemos à dor. Cumprimos nossos deveres." Ela hesitou, então acrescentou, "Já que este é o seu **primeiro sangramento**..." Ela se virou abruptamente e deixou a Cabana com a escrava. Momentos depois, a mãe voltou sozinha, carregando uma jarra com duas xícaras. Bebendo do que me foi oferecido, provei **vinho puro**, ligeiramente aquecido. O sabor encorpado aqueceu meu corpo. Foi bom. Deitei na cama recém-feita, sentindo-me Amada e Mimada.

Mamãe puxou uma banquetta de acampamento e se sentou. "**Eu tinha dezesseis anos**", ela confidenciou. "**Tão tarde** - pensei que nunca me tornaria uma mulher.

Então finalmente aconteceu - na **Festa da Matronália**. Imagine!

Como o destino queria, eu estava vestindo uma túnica branca. Uma escrava sussurrou

em meu ouvido. Ainda estremeço com a quantidade de pessoas que podem ter visto. Sua avó chamou isso de um bom presságio. Ela disse que me tornar uma mulher no dia mais sagrado para **Junio** me traria **Boa Sorte** no Casamento.

Continuamos conversando, contando piadas e fantasias. Mesmo rindo com mamãe, pensei em Marcella. Se ao menos ela estivesse conosco, mas depois de um tempo uma sensação de sonolência tomou conta de mim. Minha mãe silenciosamente removeu a jarra e as xícaras da arca e saiu da cabine na ponta dos pés.

A próxima coisa que eu sabia, Agrippina estava ao meu lado.

"**Bom dia, Domina**", disse ela, piscando como uma criada. Em uma das mãos ela segurava um vaso de vidro primorosamente lapidado contendo uma única Rosa Vermelha, na outra uma fina tira de granadas vermelho-sangue. Eu me afastei.

Agrippina colocou dois dedos com anéis suavemente sobre meus lábios apertados. "Não adianta, Claudia. Você não pode mais fugir de mim, assim como não pode fugir dos fatos da vida. Você é uma **mulher agora**; é hora de você agir como uma. Você tem muito que aprender sobre ser um adulto, assim como eu continuo a aprender."

Suas palavras me surpreenderam. Agrippina agia como se soubesse de tudo. Silenciosamente, eu a observei colocar o vaso em um nicho de parede.

"Trouxe esses presentes como **Símbolos** de sua passagem para a **feminilidade**. É um prazer", explicou ela, prendendo o colar em minha garganta. "Adeus, garotinha, bem-vinda, minha irmã."

Eu me segurei rigidamente, recusando-me a encontrar seus olhos.

"Sim eu conheço." Agrippina suspirou. "Você me culpa pelo que aconteceu, mas eu não fui a causa. Marcella sabia do risco. **A mulher sempre paga**. Essa é uma lição que você deve aprender, mas espero que não por experiência pessoal."

"Você poderia ter tentado", protestei. "Você pensou apenas em Calígula."

"Que mãe não quer o melhor para seu filho? Ninguém poderia ter salvado Marcella. Minha própria mãe passou grande parte de sua vida exilada em uma pequena ilha, o preço de um punhado de indiscrições."

Imagine, o único filho de Augusto existente em pão e queijo, nem mesmo cosméticos permitidos."

Eu concordei. - Minha mãe me contou. Duvido que ela precise de cosméticos sem que visitas sejam permitidas. A mãe disse que Lúvia exagerou na atitude de Lady Julia ... ah, indiscrições, que envenenou a mente do Imperador contra sua própria filha.

"Isso é verdade." Agrippina assentiu. "É outra lição valiosa para você ter em mente."

Não se contraria a Imperatriz. Lúvia me odeia e não parece gostar muito de você.

Evite-a a todo custo." Eu vacilei.

Como poderia resistir à força do charme de Agrippina ou à sua lógica? Nada poderia mudar o que aconteceu. A amargura machuca apenas a mim. Quando os braços de Agrippina me envolveram, eu retribuí o abraço.

Os meses se passaram em anos com a continuação do **Tour Imperial**.

Houve visitas oficiais a **Colofão, Atenas, Rodes, Samos e Lesbos**.

Escutando cada vez mais as conversas ao meu redor, percebi que demoraria muito para ver Marcella novamente. **Tibério** não estava disposto a permitir que seu sobrinho carismático voltasse a Roma. **Agrippina e Germânico** formavam um **Casal de Ouro**.

Aonde quer que fôssemos, os súditos clientes, como chamávamos esses Reinos Fantoches, reuniam-se em adoração em torno deles. Esses potentados exóticos ofereciam uma base de poder potencial. Até eu vi isso.

"Por que Germânico não se rebela?" Perguntei ao meu pai uma noite, enquanto estávamos na amurada do Navio, olhando para as luzes cintilantes de mais uma costa que se afastava.

Tata olhou rapidamente por cima do ombro. "Cuidado, pequena. Nunca sabemos

quem pode estar ouvindo. Não pense por um momento que a juventude irá protegê-la."

Ele colocou sua capa sobre meus ombros, protegendo-me da brisa crescente que penetrava o mar com espumas. "Lembra-se da Germânia? Os amotinados queriam nada mais do que derrubar **Tibério**. Germânico não faria isso então para salvar sua vida.

Ele não o fará agora. **César** - seja quem for - é Roma. O dever de Germânico é claro e o nosso também. "

Bem, não tão claro para mim, mas eu era jovem e encontrei muito para me divertir. Como parte da **Comitiva Imperial**, conheci cada **Rei Cliente**. Alguns me trataram quase como uma mulher; Eu amei. O próprio mundo era uma espécie de playground naquela época. Ainda me lembro dos Artistas: os mais brilhantes e talentosos que cada país tinha a oferecer - Acrobatas e Mágicos, Animais e Mímicos.

Cada capital trouxe o seu melhor para nós.

Marcella e eu escrevíamos muitas vezes, nossas Cartas confiadas a Navios que navegavam entre Roma e seus domínios. As de minha irmã eram pouco mais do que anotações: "A **Chefe Vestal** adormeceu durante a dedicação de uma nova Lareira no palácio. Ninguém ousou acordá-la. Ela ronca como um elefante."

Eu, por outro lado, **adorava escrever** e enchia pergaminho após pergaminho com imagens, sons e até cheiros dos países que visitamos. Então ocorreu um evento que não consegui encontrar palavras para descrever, nem mesmo para Marcella. Aconteceu no Egito após um dia de passeios turísticos.

Meus pais me levaram em um pequeno **Esquife até Pharos**, onde o cilindro branco do famoso **Farol de Alexandria** cintilava ao Sol da manhã, seu brilho quase ofuscante.

Até o **pai** respirou pesadamente depois de subir os **quatrocentos degraus** para ficar ao lado da Lareira. Embora as chamas continuassem acesas de **Sol a Sol**, estavam diminuindo agora, os raios do grande espelho refletivo polido deslumbraram meus olhos. "Nada que o homem já construiu ou construirá pode se igualar a isso", meu pai me disse.

Dali, seguimos para o igualmente **Célebre Museu**. Explorando os jardins onde todas as flores conhecidas desabrocharam e a **Biblioteca** cheia de mais pergaminhos do que qualquer um poderia **Ler na Vida**, achei o **Centro de Aprendizado** um **Verdadeiro Templo** para as Musas. Eu queria ficar lá para sempre, mas meu pai insistiu em que passássemos para o **Ponto Alto do Tour**.

Ninguém visitava a cidade sem uma **peregrinação** ao **Túmulo** de seu **Fundador, Alexandre, o Grande**. Os restos de uma lenda estavam encerrados em uma câmara de **vidro gravado** refletindo todos os matizes do arco-íris.

Revoltada, mas curiosa, segui em frente.

Os Embalsamadores do cadáver eram Mestres. Embora um pouco de carne tenha recuado dos ossos jovens e fortes, a Sobrancelha larga, o Nariz Alto e Arqueado e o queixo firme adquiriram um Tipo **Bizarro de Beleza**.

Oferendas foram depositadas sobre o Sarcófago, imagens do deus-rei, amuletos de metal, osso e pedra, vinho, doces e flores, frescas e murchas. Tanta homenagem a um governante morto há trezentos anos. Estudando o cadáver, fiquei maravilhada com a Visão de um homem que havia criado uma Capital que rivalizava com Roma.

"A cidade é realmente como **Alexander** planejou?" Eu perguntei.

O pai afastou as pesadas dobras da toga de lã. "A história diz que ele caminhou pelo local, apontando locais para **Templos** e **Edifícios** da Cidade para **Arquitetos** que corriam atrás dele. Em certo ponto, ele ficou Sem Giz em Pó e usou Grãos. Quando os pássaros desceram para se alimentar, os Videntes previram que **Alexandria** iria prosperar e nutrir muitos estranhos."

"É uma História Maravilhosa", disse eu, gostando da idéia de uma **Profecia** que deu certo. **As minhas eram geralmente tão horríveis**. Não acrescentei as dúvidas que me atormentaram ao longo do dia.

Qual era o objetivo? De que adiantava o poder de **Alexandre** no final?

Apenas uma concha permaneceu.

O Farol, o Museu, a própria Cidade haviam sido construídos pelos homens há muito tempo. Será que esses Monumentos estupendos algum dia também desaparecerão? Não havia mais nada? Com um último olhar especulativo por cima do ombro para o Sarcófago, eu segui meus pais para fora do santuário.

A noite estava caindo quando chegamos à rua. Por insistência minha, **Tata** dispensou os carregadores da liteira e concordou em voltar a pé para a nossa Villa alugada.

Eu sorri para ele com apreciação. "Temos tão pouco tempo em **Alexandria**, quero ver tudo." Até chegarmos a Alexandria, pensei ter visto tudo.

Eu tinha **quatorze anos**, lembra? Havia pouco que eu não sabia.

Nada poderia ter me preparado para **Alexandria**. Cerca de **cem navios** atracaram lá em um único dia, trazendo pessoas de mundos distantes com os quais eu nunca tinha sonhado. Vi camelos, não um ou dois no Zoológico particular de alguém, mas intermináveis caravanas entrando e saindo da cidade, lideradas por homens que pareciam Príncipes em seus mantos esvoaçantes e turbantes de seda. Tudo sobre mim, todos os tons de humano se misturavam livremente. Eu senti, sem compreensão, uma **tolerância sedutora** e me senti à beira da aventura. Eu amei.

Nesta noite, vi um par de **chitas** passeando livremente com uma mulher negra como ébano. Paramos para observar um **encantador** de serpentes de pele âmbar e, em seguida, um **cuspidor** de fogo com cabelo para combinar com sua respiração flamejante.

Os ritmos de muitas línguas assaltaram meus ouvidos ao mesmo tempo.

Minhas bochechas coraram quando em algum lugar uma **voz masculina estridente**, falando em grego, elogiou a succulenta maturação das nádegas de um menino. Que contraste com o gutural rápido do persa de um comerciante e o latim dos soldados rudes.

Então, uma voz cortou todos eles, como latão e imperiosa.

"Caminho! Abram caminho para a **Voz de Ísis!**"

Quase magicamente, a densa multidão se separou para uma procissão. Os primeiros comediantes com roupas cômicas apareceram, criando uma confusão alegre enquanto passavam por nós. Um **velho** estava montado em "**Pégasus**" - um **burro** com asas presas aos ombros. Um **urso** vestido como uma matrona romana montava uma liteira. Um **macaco** elegantemente vestido apareceu como **Ganimes** segurando uma Taça de Ouro.

Mulheres, vestidas de branco e com guirlandas, nos cobriam de rosas. Seguiram-se **Músicos** com **Gaitas, Flautas, Címbalos e Tambores**, e depois um coro de crianças de voz doce cantando os louvores de uma que eles chamaram de "**Filha das Estrelas**".

Lâmpadas, tochas e velas brilharam no crepúsculo enquanto a **Sacerdotisa** era carregada adiante. Minha respiração ficou presa em sua Beleza, envolta como uma confecção rara em linho branco transparente. Suas jóias também eram maravilhosas, um cinto dourado e tornozeleiras, pulseiras em forma de cobra com Olhos de Esmeralda que combinavam com suas próprias orbes brilhantes desenhadas com **kohl** e **malaquita**. Adornando sua garganta estava um Colar de Ouro, Marfim, Lápiz-Lazúli e Cornalina, e em suas mãos estava o Cajado e o Mangual da Grande Casa do Egito.

A **Sacerdotisa** inspecionou a multidão de sua posição elevada em uma Grande Cadeira Dourada, um sorriso gentil brincando em seus lábios carnudos. Com uma expressão serena, ela examinou a multidão. Enquanto seus olhos se moviam pela multidão, **ela me avistou** em pé, fascinada. Nossos olhares se encontraram. Meu coração estava me sufocando; Senti as pedras sob meus pés se moverem.

O **Sorriso da Sacerdotisa** se aprofundou como que em reconhecimento.

Comecei a **avançar, atraída** como um ímã, mas fui mantida firmemente no lugar por papai. A procissão continuou, o Som de Gongos e Flautas diminuindo conforme a multidão avançava até que a **Sacerdotisa** foi obscurecida de vista.

"**Sacerdotisa de Ísis.**" para sua Ísis - Suspirei com saudade.

"Quem era aquela?" "Uma abominação!"

Eu olhei para cima, chocada com um **Tom de Raiva** que raramente ouvia.

As pequenas mãos da mãe ergueram-se em um gesto protetor para evitar o presságio.

"Marcus! **Ela é do alto** "A deusa daquela Rainha Cadela, **Cleópatra**."

"Você ainda não acha que foi tudo culpa de **Cleópatra**!" Mãe exclamou.

"**Eu amo**! Se ela não o tivesse **enfeitado** de seu dever para com sua família, para com Roma - o forçou a brincar de **Osíris**."

"Pode uma Mulher forçar um homem a fazer algo que ele não deseja?"

"De quem você está falando?" **Eu queria saber**.

Mãe e pai trocaram olhares. Mãe suspirou. "Por que não contar a ela?" "Aconteceu há muito tempo. É melhor esquecer essas coisas."

"Não faz muito tempo", ela o lembrou. "**Tibério** não se esqueceu. Percebi que ele não ficou nada satisfeito que Germânico escolheu vir aqui passar um feriado."

"Não, ele não estava," meu pai admitiu, seus olhos cinzentos pensativos. "Outra mensagem chegou ontem. **Tibério está com raiva**."

- Não estou surpreso. Achei que era arriscado da parte de Germânico.

Nenhum herdeiro em potencial se atreveu a vir aqui desde...

- Desde o quê? De quem vocês estão falando? Não sou uma criança - lembrei a eles.

"Não, mas você é uma filha de Roma que deveria saber melhor do que pressionar seu pai." A voz de **Tata** era severa, mas sua expressão derreteu quando ele olhou para mim.

"Quem controla o Egito controla o suprimento de grãos de Roma. O Imperador sempre suspeita de Germânico."

Eu havia assistido, um rato atento, a muitos debates políticos. Agora eu esperava com expectativa. Quando ninguém falou, eu solicitei, suavizando minha voz. "Há mais do que isso. Eu sei que há. De quem você está falando?"

Foi a mãe quem respondeu. "Antonius. **Marcus Antonius**, o avô de Germanicus."

Eu concordei. "Ele dividia o Império com Augusto, não era?"

"Por um tempo, antes de **ser atraído** por sua consorte Egípcia."

A raiva estava de volta no pai "Aqui, me disseram que eles pensavam nele como seu consorte", lembrou-lhe a mãe.

"É uma **desgraça de Antonius** que ele se permitiu abandonar os deuses de nossos pais, que ele caminhou ao lado de **Cleópatra** enquanto ela era carregada acima dele naquele Trono Miserável."

"É incrível", concordou a mãe. "Imagine um homem esquecendo Roma tão completamente, **Sacrificando tudo**."

Não disse nada, lembrando-me do convite nos **olhos da Sacerdotisa**. Eu **vislumbrei** uma nova liberdade lá. Uma **chance**, talvez, de escapar das restrições Imperiais das quais me ressentia. No mínimo, eu tinha visto a **promessa** de uma aventura diferente de tudo que eu já conheci.

CAPÍTULO 05 - Isis's Quest

Noutro nunca me levou ao **Mercado de Escravos**. Agora eu vi por quê, só o cheiro era terrível. Muitos dos **escravos aterrorizados** haviam se sujado, manchando suas roupas e a palha imunda onde estavam.

"**Repugnante!**" Mamãe murmurou, segurando sua estola com força. "Nenhum Romano se comportaria dessa maneira." Ela me entregou um pequeno frasco de cristal com perfume. "Segure isso perto do nariz e fique perto de mim."

Agarrando o frasco, segui mamãe de uma pequena multidão para outra. O cheiro era apenas parte dele. Eu ouvi **gritos** horríveis, **maldições** e gritos. Os escravos usavam **colares de metal** presos a correntes presas por pesados postes de madeira. Alguns dos homens xingavam os transeuntes, esforçando-se tanto quanto suas correntes permitiam.

Tão feroz, mas senti seu medo, aderindo como o suor. Os mais velhos estavam eretos,

mas pareciam frágeis. **Quem iria querer eles?**

Minha mãe me puxou para passar por uma escrava, seus braços protegendo três crianças pequenas que se agarravam a suas saias. Todos eles choravam.

"É horrível, mãe. Eu não fazia idéia."

Mãe acenou com a cabeça. "Não posso fingir que não é, mas um dia você terá uma casa própria para administrar. É hora de ver como as coisas são feitas. Olhe em volta, devemos encontrar um substituto para a velha **Priscilla**. O banquete é na próxima semana."

Eu examinei as possibilidades. Eles podem muito bem ser uma manada de bois mudos. E então **uma despertou meu interesse**. Ela permaneceu alta e imóvel entre os trêmulos, muitas vezes choramingando homens e mulheres. **"E aquela garota?"**

Mãe gesticulou para o mestre de escravos que estava por perto. Ele rapidamente entregou a ela a nota fiscal da garota. "Uma boa escolha, Domina. **Rachel** é a melhor de hoje."

Mãe deu as costas para ele, franzindo a testa sobre o pergaminho. "Rachel, não é?"

As histórias que esses mestres contam! Isso afirma que ela é **fluente em grego e latim** com um pai que foi conselheiro de **Herodes, o Grande**." A respeito da escrava de perto, minha mãe especulou: "Eu me pergunto o **que há de errado com ela**, apenas quatro anos mais velha que você e vendida três vezes."

Eu procurei o rosto inteligente e animado de **Rachel**, gostei de seus olhos castanhos brilhantes, nariz comprido e largo, boca bem humorada. "Talvez ela só tenha tido azar."

"Ela parece delicada para mim." Mãe se virou.

A decepção cintilou nos olhos da escrava. "Com fome é mais parecido", arrisquei. "Acho que ela seria a única a ajudar no banquete."

O único outro comprador potencial era um homem grande cuja barriga se projetava sobre um saiote egípcio. Com o rosto redondo corado, ele se inclinou para frente para erguer os braços magros da garota, conseguindo segurar um seio no processo. Sua grande mão moveu-se para a mandíbula da escrava, forçando sua boca a se abrir. Ela terminou o exame abruptamente, prendendo dois de seus dedos curtos e gordos entre seus dentes afiados.

"Merda de Seth!" ele praguejou, algemando-a com força com uma mão enquanto tentava extrair a outra. O mestre de escravos correu para frente.

"Tome cuidado! Você ainda não a possui."

"Quanto custa ela?" Eu perguntei.

"Mil sestércios", respondeu o mestre. "Uma mulher com tanto espírito" - olhou para o examinador, que tornou a praguejar e chupou a mão ensangüentada - "tanto fogo vale muito mais".

"Mil que se danem," o homem rosnou. "Ela não vale dez."

"Não, ela não é", concordou a mãe. **"Claudia**, o que você está pensando!"

Minhas bochechas queimaram. Dois homens riram abertamente; velhas vestidas de preto nos observavam com olhinhos de raposa, sem perder nada.

Os olhos do Mestre de Escravos se voltaram para a Mãe enquanto uma das mãos, carregada de anéis, ajustava as dobras de sua túnica bordada. "Certamente uma **domina** de seu discernimento óbvio vê que uma jovem brilhante com uma formação culta seria uma pechincha aos mil. É só porque sou forçado a fechar meu estabelecimento para atender aos negócios da família na **Etrúria** que estou disposto a me separar com ela tão barato."

Mãe balançou a cabeça com firmeza. Pegando meu braço, ela me levou para longe de um grupo de curiosos. "Você está tão ansiosa para ser tratada como um adulta, é hora de agir como um. Eu tenho **quinientos** para gastar, nenhum **denário** a mais. Aquele" - ela olhou discretamente para uma figura matronal em pé docilmente ao longe fim da linha - "parece certo. Venho observando-a desde que entramos."

A jovem escrava é uma incógnita. Com tal temperamento, não é de admirar que ela tenha tantos mestres."

"O que você faria se algum homem te tocasse como ele fez com ela?"

Eu o morderia ainda mais forte do que ela fez."

"Tenho certeza que sim", permitiu a mãe, "mas dificilmente é a mesma coisa, não é?"

A menina a trouxe problemas em si mesma. O Mestre de Escravos está apostando que o homem vai pagar mais do que ela vale e agora ele pensa que você é uma compradora em potencial também. "

"O homem já está com raiva", indiquei. "Se ele comprar a escrava, ele pode machucá-la." "Isso é vida, minha querida."

"Oh, mãe, pobre escrava..." Senti meus olhos se encherem de lágrimas.

"Não me diga '**Oh, mãe**'. Eu sou sua mãe, não seu pai. Guarde seu drama para ele."

Eu sequei meus olhos. "Quanto você planejava pagar por uma escrava?"

"Eu disse a você, **quinhentos** é o meu limite. Tenho que entreter o Governador esta semana. Você compareceu à recepção dele. Você viu como era pródiga. Aqueles pratos de **Ouro**, os engolidores de espada - bem, por que não?"

Ele tem o todo o tesouro do Egito para roubar! " Ela fez uma pausa, me olhando especulativamente. "Você tem algum **dinheiro** no bolso?"

"**Cinquenta** sestércios," admiti relutantemente. Eu estava economizando para comprar um **anel de ouro** transformado em uma cobra enrolada com olhos verdes brilhantes. O lojista me disse que tinha propriedades mágicas.

Olhamos para trás, para o possível Comprador, ainda **discutindo** com o Mestre de Escravos. O último desceu para novecentos, o primeiro até sete. Tão perto. Olhei para a escrava, que ficou imóvel como uma pedra, seu rosto impassível, exceto pelos olhos - fixos em mim. Suspirei. "Eu tenho mais cem escondidos em casa na cesta de Hécate..."

"Oh, muito bem" - mamãe suspirou - "se isso significar tanto para você. Pagaremos **setecentos e cinquenta**", gritou ela em voz clara. O comprador considerou a garota por um longo minuto, murmurou uma maldição e saiu do mercado.

Raquel, a nossa família em breve a aceita, sabia que tudo vale a pena saber sobre **Alexandria**. A garota se encaixava facilmente em nossa casa, comportando-se como se nos servisse durante anos. Hábil no **cabeleireiro**, hábil com uma **agulha**, ela se tornou **indispensável** para mamãe enquanto conseguia trabalhar com **Hebe** e **Festus**, nossa cozinheira e Gerente da casa, uma dupla mal-humorada mas talentosa. Só por isso a Mãe abençoou **Fortuna**, mas logo ela passou a suspeitar que Rachel conhecia todas as barganhas em uma cidade famosa no mundo todo por sua variedade.

O Governador jantou os melhores cortes do útero de uma porca estéril. Ele se deliciava com a avestruz cozida servida em um leito de tâmaras de Jericó e rapsodada sobre lagostins picados temperados com molho de **garum**.

Orquídeas dos confins do Nilo Superior transformaram nosso modesto átrio.

Os tocadores de **Alaúde** Atenienses se divertiam enquanto uma **Vênus Etíope** se apresentava com Panteras que saltitavam como gatinhos. Todos ficaram maravilhados com os feitos de **Mithradites**, um Mago considerado o mais inteligente em uma cidade de magos; mas mamãe e eu decidimos em particular que Rachel era a verdadeira maga. Ela realizou o **Evento** por **uma fração do valor originalmente orçado**.

Para os dias de preparações do **Banquete** tinha a vida de Rachel absorvida.

Todo o tempo eu pensava apenas na **Grande Deusa Ísis** e sua Criada, **Cleópatra - exótica, intrigante e proibida**.

Voltando ao meu quarto após as **festividades**, suspirei de antecipação. Deixei meus pais manterem seus segredos, eu sabia exatamente a quem recorrer.

As lâmpadas foram apagadas. Uma roupa rosa estava jogada no sofá.

Rachel se levantou para me cumprimentar. "Você gostaria de uma massagem?" ela perguntou, desabotoando minha túnica.

"Sim," respondi, tirando minhas roupas. - Uma massagem e algumas informações.

Fale-me sobre Cleópatra. **Tata** a chamou de vadia. Ela era má?

Rachel removeu cuidadosamente um frasco de **óleo de sândalo** da pequena coleção perto do sofá. "**Ela era adorada como uma deusa.** Alexandrinos ainda a lamentam. **Cleópatra** foi a última dos **Ptolomeus**, a Dinastia de Alexandre."

"Eu sei disso!" Exclamei impaciente. "Quando **conquistamos** o Egito, Augusto instalou um governador. Um governo desde então.

Mas e Cleópatra? Ela era muito bonita?"

As mãos de Rachel massagearam minhas costas. "Suas Estátuas mostram um Corpo bem torneado vestido esplendidamente à maneira **Egípcia.**"

"Os estilos Egípcios deixam pouco para a imaginação. **E o rosto dela?"**

Os dedos experientes de Rachel se moveram impessoalmente sobre minhas nádegas.

"Seu nariz era grande e sua mandíbula pronunciada."

- Mas **Antonius** e, segundo me disseram, Júlio César antes dele...

"Não pode ter sido o rosto dela," Rachel comentou com certeza. "Os mais velhos dizem que ela tinha uma **voz linda** e todos a achavam muito esperta." Rachel fez uma pausa. "Então há outra coisa."

"Outra coisa? Você é muito jovem."

"Tenho **quatorze** anos! Mais um ano e meus pais estarão procurando um Marido. Diga-me!"

"**Cleópatra** era um **Vinho Inebriante.** Ela pensava que o Casamento, primeiro com César e depois com **Antonius, Uniria o Mundo** em uma cama..."

"Ela própria," eu terminei. "Mas isso foi há muito tempo. **Tata** nunca viu **Cleópatra**, mas ele a odeia. Deve haver algo mais..."

Sentei-me, levantando os braços enquanto Rachel colocava a camisola nos meus ombros. Bocejando, eu deitei no sofá. Meus olhos estavam pesados. "Acho que nem mesmo **Tata** sabe por que odeia **Cleópatra**", murmurei sonolenta, "mas é esse poder que ele teme - o **Poder de Ísis.**"

Sonhei naquela noite **Eu** e **ISIS**, um sonho agradável, por uma vez, mas não é surpreendente. Afinal de contas, estive pensando nela. O que me surpreendeu foi a **reação** de Rachel. "**É um presságio**", insistiu a escrava com entusiasmo.

"**Os verdadeiros Amados de Ísis** são sempre **Sonhadores.**"

"Como você sabe tanto sobre **Ísis**?" Eu perguntei, levantando os olhos dos figos do meu café da manhã.

"**Eu vou ao templo dela sempre que posso.**"

"Você vai lá? Uma escrava?"

Rachel sorriu com minha surpresa. "**Ísis** dá as **Boas-Vindas a todos.**"

"Que notável." Peguei distraidamente um pote de mel.

"**Sua nota fiscal dizia que você é judia.** Ouvi dizer que seu povo tem apenas um Deus. Ele deve ser forte. Por que você o deixou? "

Rachel hesitou. "**Yahweh pune as pessoas.** Ele transformou uma Mulher em uma **Estátua de Sal** - só por olhar para trás. Uma **deusa** seria mais **misericordiosa.**"

"Alguns deles", eu concedi. "**Diana** transforma homens em **veados** se eles tomam liberdades, como espionar mulheres tomando banho. Ela adora animais, entretanto, quando uma carruagem atingiu **Hécate**, ninguém pensou que ela viveria. **Tata** queria pegar outro gato, mas **Diana** ouviu minhas orações, a perna foi consertada. Ela nem mesmo manca."

"Um milagre, tenho certeza, mas me diga, por favor, **e o seu sonho?"**

"Há pouco a dizer", respondi, novamente surpresa com a intensidade de Rachel.

"Era principalmente o **rosto dela**, tão **lindo, cheio de amor** e... **compaixão.**

Ísis não transformaria ninguém em nada. Ela me chamou para um lindo Mar Azul. Voamos juntos até lá, ela me segurando nos braços. Às vezes nós descansamos na onda, balançando como em um berço. Eu me senti tão... tão segura. "

Rachel assentiu com conhecimento de causa. "**O Mar é Sagrado para Ela.** Ela

escolheu você, tenho certeza."

Após quando ingressei noutros cantos SUNLIT onde Ela a tear descansou, ela não concordou. "Não deixe seu pai ouvir você falando sobre **Ísis**," ela avisou.

Eu balancei a cabeça obedientemente e, depois de uma pausa, perguntei: "Você está feliz adorando Juno?"

"**Feliz?**" Mamãe pareceu surpresa. "Eu procuro a garantia de **Juno**, nada mais."

Ela sorriu para mim. "Quando eu tinha a sua idade, adorava **Diana**. Ela é virgem, o que está muito bem quando se é jovem - muito bem. Mas então eu conheci seu pai... Minhas ofertas a **Vênus** foram bem recebidas. Nos últimos anos, **Juno** está muito querida. Ela protege nossa casa, eu sinto isso. "

"Mas **Juno**..." Eu hesitei.

"**Juno é a deusa do Casamento**", mamãe me lembrou. Ela pegou um novelo de lã malva. "O que mais uma mulher poderia querer?"

"Eu não sei." Eu pausei novamente. "O marido dela parece um deus estranho, sempre perseguindo uma túnica atrás da outra, mas Juno... não é muito indulgente. Ela faz coisas tão cruéis com seus rivais - transformando-os em vacas e coisas assim."

Mãe pegou sua nave. "Quando você for uma esposa, você vai entender."

Rachel me disse a **História** de **Ísis** cedo na manhã seguinte, enquanto caminhávamos para o Mercado de Peixes. No início, meu pai me **proibiu** de ir; então, por sugestão da mãe, ele concordou com uma ninhada. Eu não queria uma ninhada. Eu queria ver coisas, então implorei: "Preciso do exercício."

Tata suspirou e finalmente concordou, mas depois notei dois escravos domésticos se arrastando discretamente atrás de nós.

"Se alguma vez houve um par de **Almas Gêmeas**, foram **Ísis** e **Osíris**," Rachel disse, balançando levemente a cesta que carregava. "Eles se **conheceram** e se **amaram** no ventre de sua mãe **antes de nascerem** como Gêmeos."

Eu tinha ouvido que **Reis** e **Rainhas Egípcios** às vezes se casavam com irmãos. Pareceu estranho, mas ainda assim, quem você conheceria melhor do que seu próprio irmão? "A felicidade deles deve ter sido eterna", arrisquei.

"Qualquer coisa menos," Rachel explicou. "Um **irmão ciumento enganou Osíris** para que experimentasse um caixão, depois o trancou e jogou no Nilo. **Ísis** partiu em busca do marido. Foi uma jornada longa e difícil. Ela até fingiu ser uma **Sacerdotisa do Amor** do templo."

"**Uma Sacerdotisa do Amor!**" Fiquei chocado e emocionado.

"Ela precisava," Rachel explicou rapidamente. "Era a única maneira de ela conseguir que o cadáver de **Osíris** fosse enterrado. Mesmo assim, não foi o fim. O mesmo irmão horrível desenterrou o corpo, desmembro-o e espalhou os pedaços por todo o mundo. Então o que **Ísis** poderia fazer senão definir fora mais uma vez, desta vez para encontrar e juntar as peças que faltam. "

"**Ela os encontrou?**"

"Todos, exceto o mais importante." Tentei não rir.

"É o meio pelo qual uma **Mulher** dá Vida ao Marido", Rachel me lembrou. "A deusa usou seus poderes não apenas para **reconstruir o membro** desaparecido, mas para trazer a **imortalidade** para seu marido através de seu filho."

Tínhamos chegado ao mercado à beira-mar. Barcos de cores vivas balançavam na água enquanto os homens puxavam tinas de peixes agitados. Rachel disparou de uma barraca improvisada para outra em busca da dourada rara, a favorita da mãe.

Cheirando um frasco de perfume, inclinei-me contra o paredão, olhando distraidamente para o Porto. **Pharos**, o Grande Farol que visitei na semana anterior, estava emergindo da névoa da manhã quando Rachel tocou meu cotovelo. "Devemos voltar para casa", ela pediu. "Olha o que eu tenho aqui. Seu pai vai querer essas sardinhas no café da manhã." Em nenhum momento, ela comprou não apenas sardinhas e douradas, mas

mexilhões e caranguejos.

Ao nosso redor, escravos e vendedores barganhavam e praguejavam, clamando para serem ouvidos sobre o barulho do mercado, mas meus pensamentos eram de uma divindade feminina que vagava pelo mundo sobrevivendo com sua inteligência. "Essa foi a História mais linda que já ouvi", disse por fim. Também foi o mais emocionante.

Voltando-me para Rachel, anunciei: "**Você vai me levar ao Templo de Ísis.**"

Ela saltou, quase desalojando a cesta de seu ombro. "Seus pais me matariam!"

Eu ri da idéia. "Mamãe se preocupa muito, mas não faria mal a um inseto." Fiz uma pausa, considerando. - **Tata** é um soldado. O que ele faz, ele faz por Roma - não por si mesmo. Além disso, ele acharia péssimo negócio ferir seu próprio escravo.

"Eu sei disso", disse Rachel. "Sua mãe me lembra a minha. Se a vida tivesse sido diferente, se conheceram na **Corte de Herodes**, eles poderiam facilmente ter sido amigos. Seu pai é um **homem justo**. Mais do que justo, ele é **gentil**; mas se algum deles pensasse que eu influenciava você de maneira errada, eles me venderiam. Eu não poderia suportar isso, não de novo. Eu quero ficar com sua família para sempre."

"Eu quero que você faça", eu assegurei a ela. "Muitas vezes eu esqueço que você é uma escrava. Eu estava tão sozinha depois que Marcella foi levada-" Eu pausei, tomada por uma emoção repentina, então continuei. "Iremos hoje à noite quando eles estiverem dormindo. Ninguém jamais saberá."

CAPÍTULO 06 - Na Casa de Ísis

Mesmo sob a luz fraca da lâmpada, eu vi que a pele de Rachel estava pálida, sua mandíbula tensa. Fingi não notar enquanto saíamos furtivamente noite adentro.

Estávamos vestidas com simplicidade. Eu usava a **palla** puída de Rachel, não a nova que mamãe lhe dera depois do banquete. Era como se eu usasse uma fantasia. Nunca tendo saído à noite sem meus pais, achei a perspectiva emocionante.

Caminhando rapidamente, passamos despercebidos e logo chegamos à Praça do Mercado, onde muitas barracas permaneciam abertas. As multidões ainda se acotovelavam. O ar estava pesado com o cheiro de cordeiro assado, incenso do Templo e corpos humanos trabalhando. Rachel correu comigo, seus olhos constantemente observando, cautelosos como um gato.

Depois de muita barganha, ela contratou uma **ninhada**. Eu me perguntei se a estrutura frágil se manteria firme, então me preocupei com os carregadores lentos e desajeitados. Atrás da cortina suja, confusa com as muitas voltas e mais voltas, perdi todo o sentido de direção até sentir o cheiro do mar. Puxei as cortinas para olhar para fora, mas Rachel as puxou de volta. "Não, não, você não deve", ela me advertiu, sua voz ansiosa. "E se alguém te reconhecesse."

Por fim, o nicho foi depositado grosseiramente no solo; Rachel e eu descemos sem ajuda. Paguei aos carregadores e ergui os olhos com expectativa. Diante de nós, um amplo lance de escadas conduzia a um Jardim iluminado por pelo menos uma centena de tochas. Prendi minha respiração com a visão.

Íbis e **pavões** pavoneavam-se ao longo de passarelas de serpentina verdes rodeadas por uma multidão de Rosas de muitos tons, seu perfume pairando sedutoramente no ar ameno. Afastei o capuz de minha **palla** quando uma **sensação inesperada** de familiaridade tomou conta de mim. O som fraco de **cânticos** ficou mais alto à medida que passamos por fileiras e mais fileiras de colunas caneladas e, em seguida, entramos na antessala do Templo, onde as muitas provas de **Ísis** eram representadas em mosaicos no chão.

Estremeci de antecipação ao ler as palavras inscritas em **ouro** ao lado deles.

"Eu sou o primeiro e o último, Eu sou o Honrado e o Desprezado, eu sou a Prostituta e o Santo."

Além, cortinas transparentes se agitavam suavemente com a brisa suave.

O esplendor das luzes, grandes círculos e quadrados, arcos e grupos de lâmpadas penduradas no teto abobadado, deslumbrou-me com sua luminosidade.

As pessoas conversavam baixinho em pequenos grupos ou sentavam-se em bancos de mármore. Homens e mulheres, alguns estavam vestidos na moda, mas não todos, mas mesmo os vestidos mais simples pareciam imaculadamente limpos. Muitos reconheceram **Rachel**. Fiquei surpresa com os sorrisos e acenos amigáveis que ela trocou.

Como poderia um mera **escrava ser aceita**, até mesmo **bem-vindo**, em um lugar tão grande?

Enquanto olhava ao redor da grande sala de mármore estudando as pessoas reunidas ali, percebi que eu também estava sendo observado. Sob uma ampla coluna, um jovem estava sentado sozinho. O pergaminho que ele estava segurando escorregou para o chão enquanto seus olhos me estudavam. Olhos intensos, grandes, escuros, cheios de ... o quê?

Eu estremeci. Endireitando meus ombros, me afastei. **Quem era aquele homem**, como se atreveu a olhar para mim como se... como se pudesse ver dentro da minha alma?

Eu olhei para trás, não pude evitar. Ele se levantou, recuperou o pergaminho e estava sorrindo para Rachel. Ela acenou com a cabeça em uma **Saudação** amigável, e Ele se moveu em nossa direção com uma graça fácil. Ele era mais alto do que a maioria, tinha membros longos e era esguio. "**Eu conheço você?**"

Eu perguntei, levantando meu queixo como minha mãe às vezes fazia.

"Por um momento pensei que conhecia você", disse ele e curvou-se.

Então, seus olhos novamente nos meus, olhos sorridentes. "Eu estava enganado. Como eu, um **simples andarilho**, poderia conhecer uma **grande dama?**"

Ele estava zombando de mim?

Os modos do jovem eram humildes, seu grego com forte sotaque, mas fiquei surpreso com sua segurança.

Rachel murmurou algumas palavras impacientes em um idioma que eu não tinha ouvido antes. Ele acenou com a cabeça de acordo. "O que você está dizendo?"

Eu exigi saber. "Que língua você está falando?"

"É o **Aramaico**, a língua de nosso país, a Judéia", disse ele. "Rachel diz que sua alta posição não deve ser conhecida neste lugar. ""No entanto, você sabia disso. Como?"

Ele encolheu os ombros. "Você é quem você é. Roupas simples não podem mudar isso."

Eu olhei para o homem com curiosidade. Suas próprias roupas eram bastante simples - uma túnica marrom feita em casa, parcialmente coberta por um manto azul escuro. Não havia nada para chamar a atenção e ainda ... algo o diferenciava.

"Por quê você está aqui?" ele me surpreendeu perguntando. "Por quê você está aqui?"

Estudei o rosto claro e sem rugas e imaginei que ele tivesse cerca de **vinte anos**.

Por um momento pensei que ele se enganara, que talvez nos conhecêssemos. Eu tinha viajado muito nos últimos anos, mas não, isso era impossível. Eu nunca tinha visto aquele rosto calmo e confiante antes. Ele era jovem, mas seguro de si. Um líder natural, diria **Tata**. Ele gostaria que ele fosse um oficial. Dando de ombros com minha tolice, respondi. "

A Sacerdotisa me ligou. Quero saber o que ela sabe. E você?"

"Vou **ensinar**, mas **minha hora ainda não chegou**."

"Agora ele faz perguntas sem fim, desafiando tudo. **O caminho da deusa é novo** para ele", disse Rachel. Por um momento, esqueci que ela estava ali.

"**Vim para o Egito quando era bebê**", explicou o jovem. "Eu me lembro deste templo. Minha mãe me trouxe aqui - **contra a vontade** de meu pai.

Quando eu tinha **quatro** anos, a política mudou em casa e nós voltamos. Mamãe nunca mais falou de **Ísis**, não cantava mais seus hinos como canções de ninar, mas um dia O pai encontrou uma pequena **Estátua de Argila** que ela guardava - **Ísis** segurando seu bebê **Hórus**. Ele a reduziu a pó. Nossos caminhos na Galiléia são diferentes."

"Eu deveria dizer que eles são!" Rachel concordou.

"Essa diferença é porque estamos aqui, não é?"

"Eu não sei ..." O rosto sereno e aberto do homem turvou-se inesperadamente.

"Eu também **estudei com outros Professores - grandes Rabinos.**

Logo devo voltar para minha casa. Meu pai precisa de mim. Sua saúde está piorando.

Eu sou o mais velho."

Ele suspirou, olhando em volta da ante-sala de mármore. "Há uma grande força aqui..."

Força e Compaixão. Meu Pai do céu também é compassivo, mas isso foi esquecido."

Um grande **Gongo** soou. As enormes **Portas Douradas** diante de nós foram abertas. As pessoas avançaram. Eu estava ansiosa para entrar, mas hesitei, hesitante.

"Eu sou **Claudia Prócua**", me apresentei, "**e você?**"

"Eu sou **Yeshua - Jesus**, vocês Romanos diriam."

Impulsivamente, peguei sua mão e olhei em seus olhos, agora solene e um pouco triste quando ele retornou meu olhar. "Eu espero - espero que você encontre aquilo que está procurando."

"**Desejo o mesmo para você.**"

Virando-me, avancei, seguindo a multidão. "**Que jovem intrigante**", comentei com Rachel enquanto passávamos para o Santuário interno.

"Você não pode imaginar," ela respondeu enigmaticamente.

"**Ele é como ninguém que eu já conheci.**"

Minhas perguntas foram esquecidas enquanto eu olhava ao meu redor. Apesar da hora, os adoradores enchiam a Câmara de Alabastro branco que brilhava no brilho refletido de centenas de lâmpadas. Avançando lentamente, vi uma **Figura Esguia** sentada em um **Trono Dourado**. Era a **Alta Sacerdotisa** que eu tinha visto no desfile.

Mais uma vez, os olhos da mulher me seguraram, **verdes e brilhantes**. Embora pintados à moda egípcia, eles não precisaram de artifícios. Ela ergueu as sobrancelhas em uma saudação particular que enviou calafrios agradáveis na minha espinha.

Enquanto a **Sacerdotisa** marcava o ritmo de um **Sistro Dourado**, mulheres vestidas de branco tocavam Alaúdes, suas vozes elevando-se em um Hino assustadoramente Doce. Finalmente, quando a Música acabou, a **Sacerdotisa** se levantou de sua Cadeira Dourada. Eu engasguei com seu **Vestido Azul** delicado. Estrelas douradas e luas crescentes cintilavam em suas dobras de seda. Seu brilho encheu a sala.

"**Eu sou a Mãe da Natureza**", disse a **Sacerdotisa**, dirigindo-se ao grupo como a encarnação terrena de **Ísis**. "Só através de mim os Campos podem Florescer e os Animais se Multiplicar. Sou eu quem torna **Fértil a Esposa Estéril.**"

Com sua Voz Suave cheia de Ternura e Compaixão, ela continuou:

"Venha a mim se você procura a Verdade,

"Venha para mim se você perdeu seu Caminho,

"Venha a mim se você está doente e deseja ser Curado.

"Venha a mim se você pecou e peça Perdão,

"Não há divisões em minha Casa.

Trago paz para todos, Mulher e homem, escravo e senhor, rico e pobre - todos são bem-vindos. Venham a mim, pois eu sou **Ísis, Mãe Amorosa** de todos vocês."

Meus joelhos ficaram fracos de admiração. Eu soube então que **Ísis** era mais poderosa que **Fortuna**, pois ela poderia vencer o destino. Ela era cada deusa, cada deus, evocado em cada nome. **Ela é única.** Minha alma gritou.

O grupo avançou, procurando estar mais perto, para **tocar a bainha do manto** da **Suma Sacerdotisa**. Fui levada junto com eles, perguntando-me se sonhei.

Caí no chão de mármore, **ajoelhando-me** diante da **Sacerdotisa**.

Lentamente, deliberadamente, **Ela me pôs de pé**, olhando por um longo momento em

meus olhos. Então, sem dizer uma palavra, ela me entregou o **Sistro de Ouro** que descansava em seu braço.

Eu encarei o instrumento sem palavras, um oval gracioso, surpresa com a forma como ele se encaixou na minha mão com tanta naturalidade.

Quando a **Sacerdotisa** me virou para ficar de frente para o grupo, comecei a balançar o chocalho em um **Ritmo Instintivo**, como se o tivesse feito muitas vezes. Eu soube então que tudo que eu sempre busquei estava esperando aqui na casa de **Ísis**.

CAPÍTULO 07 - A Iniciação

Na manhã seguinte à minha visita ao templo, **Tibério** emitiu uma ordem de quatro palavras que não podia ser ignorada: Prossiga imediatamente para **Antioquia**.

A família mergulhou em um turbilhão de atividades. A maior parte de nossos móveis foi alugada com a villa, mas os pertences pessoais ainda não foram embalados.

Durante toda a atividade frenética, meus pensamentos giraram.

"Como posso deixar **Alexandria**?" Sussurrei para Rachel enquanto estávamos juntas separando as roupas. "**Como posso deixar Ísis agora que a encontrei?**"

"**Ela está em toda parte**", Rachel me assegurou.

Exasperada, joguei no chão a túnica que acabara de dobrar.

"**O poder de Ísis está aqui no Egito.**"

"O poder dela está em toda parte", repetiu a escrava, pegando a túnica e dobrando-a novamente. "Se ela tem um plano para você, você saberá."

Meus primos, Druscilla e Julia, chutavam seus escravos quando eles eram irritantes. Pela primeira vez eu senti-me tentada.

Naquela noite, ao jantar, mamãe falava sem parar sobre **Antioquia**.

O altamente político e muito capital social da **Síria** perdia apenas para Roma.

Ela já estava tramando alianças. Era o tipo de lugar de **Selene**, mas **Tata** também estava satisfeito. Antioquia era uma **Fortaleza Militar**, estrategicamente localizada, uma janela para o leste. Ele e mamãe, tão cheios de planos, estavam terminando as frases um do outro.

Hebe, nossa cozinheira, passara a tarde comprando ervas e temperos egípcios para levar conosco na viagem. Como resultado, a refeição noturna foi uma ceia leve de cordeiro assado, pimentão, cebola e arroz. Mamãe, sinalizando para mais, observou meu prato, mal tocado. "**Você está doente?**" Ela perguntou, dando um tapinha na minha testa. "Sem febre, mas você parece cansado."

"Estou cansada, mãe. Foi um dia agitado", respondi, meus olhos baixos.

"Então é melhor você ir para a cama", aconselhou **Tata**. "Lembre-se, navegamos ao amanhecer. Todos devem estar prontos."

Acenando para meus pais, me levantei do sofá de jantar. Seu entusiasmo apenas aumentou a minha depressão. Com pés de chumbo, caminhei para o meu quarto, mas por dentro, meu pulso acelerou. Rachel estava lá. A sala parecia carregada.

"**O que é isso?**" Eu perguntei, intrigada com seu rosto corado.

Ela colocou um dedo nos lábios. "Siga-me, venha rápido."

Silenciosamente, Rachel liderou o caminho até a cozinha.

"Não deixe **Hebe** ver você. Espere aqui." Abrindo a porta com cautela, ela olhou para dentro, satisfeita, ela se virou e acenou. Atravessamos a sala na ponta dos pés, correndo para a entrada dos fundos.

Uma **liteira** com cortinas repousava no chão do lado de fora, dois carregadores corpulentos ao lado dela. Um terceiro homem, maior, se aproximou, a cabeça raspada brilhando à luz da tocha que carregava. "Eu sou **Thoth**", ele se apresentou.

"A **Suma Sacerdotisa ordena** que você venha ao **Templo** - mas apenas se você desejar." Eu olhei interrogativamente para Rachel. Ela assentiu, me encorajando.

"Eu conheço **Thoth** bem. Além disso, eu irei estar com você."

Eu balancei minha cabeça. "**Não desta vez.** Não há necessidade de você arriscar mais do que já arriscou." "**Você tem certeza?**" ela perguntou, procurando meu rosto.

"**Certo**", respondi, tentando soar como se eu realmente quisesse.

Senti o alívio de Rachel quando ela colocou uma **palla** sobre meus ombros. **Thoth** me ajudou a subir na ninhada. Eu me perguntei se ele podia ouvir meu coração batendo forte. Forcei um sorriso e me acomodei. Pelo menos a **ninhada** era confortável, as almofadas eram macias. Uma jarra de porcelana cheia de óleo de amêndoa e cidra iluminava o entupimento da cortina.

No entanto, a viagem parecia interminável enquanto eu tentava imaginar o que estava por vir. Frequentemente, meus pensamentos se voltavam para Marcella. Ela foi forçada a dedicar sua vida a uma deusa que nunca ia a lugar nenhum, enquanto minha deusa vagava pelo mundo. **Vesta** apenas cuidou de uma fogueira. **Ísis** fez tudo.

Marcella teria inveja de mim pelo que eu estava fazendo ou ela me acharia desleal - até demente? O que quer que ela possa pensar, eu senti sua falta naquele momento como nunca senti antes.

De repente, parecia que havíamos chegado; **Thoth** estava me ajudando a pousar.

O **Grande Templo** apareceu diante de mim. Era tão requintado quanto eu me lembrava, mas tão vasto, tão misterioso. Minhas pernas tremiam enquanto eu subia os degraus de mármore. A **Alta Sacerdotisa** se levantou de seu **Trono Dourado** quando entrei no **Santuário**. Como Ela era **Adorável**, mas de outro mundo, **Intocável**.

Reconhecendo-me silenciosamente quando me ajoelhei diante dela, ela acendeu incenso em um incensário de alabastro branco, enviando uma fumaça doce para os limites elevados da grande câmara de mármore. Em algum lugar, talvez na sala ao lado, ouvi cânticos. Ao aceno da **Sacerdotisa**, eu me levantei, justamente quando o suspense parecia insuportável, ela falou: "**Certamente você não está com medo.**"

"Não", respondi, surpresa por ter falado a verdade.

O **Sorriso Deslumbrante da Sacerdotisa** me envolveu. "Claro que não. **A deusa chamou você**, Ela a **Convida** agora para se tornar **uma Iniciada.**"

"Oh! Eu adoraria!" Exclamei, quase tomada pela emoção. Infelizmente, balancei a cabeça, explicando: "**É impossível.** Meus pais estão navegando para **Antioquia**... Eu amo meus pais", acrescentei quase me desculpando. "Eu devo ir com eles."

"Claro que você deve, **Isis** sabe disso. Ela nunca pediria a você para desistir de sua família. Ela não pede nada que você não dê de boa vontade. Ela nunca é caprichosa."

A **Sacerdotisa** fez uma pausa, procurando meu rosto, então continuou.

"Se quiser, sua **preparação** pode **começar amanhã.** O **processo** levará **dez dias.**"

"Mas vamos embora amanhã."

"Possivelmente." Um sorriso gentil apareceu nos lábios da sacerdotisa. "Veremos o que a deusa decide. De sua parte, você realmente quer se tornar uma Iniciada?"

"**Ai sim!**"

"Você sabe que sempre pode **adorar Ísis** em sua **Mente e Coração?**

Não há necessidade nem mesmo de ir a um Templo, embora haja um **Iseneum** em **Antioquia**. Você pode adorar lá a qualquer momento sem se sujeitar aos riscos da iniciação."

Riscos? Fiz uma breve pausa. O que isso importa? "Eu enfrentaria de bom grado qualquer risco para me tornar um iniciado, se isso fosse possível."

"Então você **deve se preparar**", aconselhou a **Sacerdotisa**. "Eu a aconselho a se **abster de relações sexuais**, embora duvide que isso seja um problema."

Lutei contra o impulso de rir.

"Amanhã", continuou a **Sacerdotisa** energicamente, "você começará seu **Jejum.** Não

consoma nada além de **água** e **sucos** pelos próximos **dez dias**. Mais importante, reserve uma parte de cada dia, no mesmo horário todos os dias, para ficar a sós com **Isis**."

"**Sozinho com Isis?**"

"É assim que vai acontecer", explicou a suma **Sacerdotisa**. "Você vai se sentar com a **coluna reta** e ambos os **pés** apoiados **no chão**. Coloque as **mãos juntas** com as palmas e as pontas dos dedos se tocando - não, não assim, assim."

Eu balancei a cabeça educadamente, copiando as posições das mãos dela, ouvindo obedientemente enquanto ela instruía: "**Concentre-se na deusa**, mantendo a **imagem** dela firmemente em **mente**. Sempre que seus pensamentos divagar, atraia-os suavemente. Após dez minutos de concentração, vire as mãos sobre as palmas para cima e coloque-os no colo." Dez minutos parecia um tempo terrivelmente longo para ficar parado, mas eu assenti obedientemente.

"Talvez", continuou a **Sacerdotisa**, "você **veja fotos ou imagens**, experimente sensações estranhas ou ouça vozes. Aconteça o que acontecer, não tenha medo. Aceite o que ocorre como um presente de **Ísis**. Permita que progrida sem tentar se agarrar a uma idéia em particular. Faça isso todos os dias. Então, na décima noite, **Thoth** irá chamá-la."

Eu olhei para ela com surpresa. Todas essas instruções... era como se ela nunca tivesse me ouvido.

- Mas eu te disse, estou indo embora. Não estarei em **Alexandria** daqui a dez noites.

Se **Netuno** quiser, estarei em **Antioquia**. "Veremos."

Saí do templo com **Thoth**, descendo rapidamente as escadas de mármore até a **liteira** que esperava. No começo a noite estava clara e cheia de estrelas, mas agora fiquei surpresa ao sentir leves gotas de chuva. Em pouco tempo, os carregadores estavam trotando.

Um vento forte soprou e uma chuva forte atingiu o telhado. Quando cheguei em casa, as cortinas estavam ensopadas e minha **palla** úmida.

Rachel esperou ansiosamente. "Fique quieta", ela sussurrou. - Seu pai está acordado. Um servo do senhor **Germânico** chegou minutos atrás. Eles estão na Biblioteca.

Tirei a palla e entreguei a ela. "Provavelmente arranjos de última hora para a viagem." Caminhando na ponta dos pés em silêncio, subimos as escadas para o meu quarto.

Todos, exceto alguns itens essenciais, foram levados para o Navio.

Eu balancei minha cabeça em perplexidade enquanto removia o filé que prendia meu cabelo. "**Foi maravilhoso**", disse a Rachel, que estava guardando minhas roupas.

"A **Sacerdotisa** me convidou para começar minha **iniciação** amanhã; mas, é claro, isso é impossível."

"É de fato." Rachel reprimiu um bocejo. "É melhor você dormir agora. Seu pai quer você acordada de madrugada."

Ao amanhecer quando veio era muito discernível, a **chuva** derramando em **torrentes** e ventos violentos golpeavam a casa por todos os lados. A partida foi adiada até que a tempestade acalmasse. No meio da manhã, Rachel apareceu para puxar as cortinas. Sonolenta, olhei para fora. O céu estava escuro como o crepúsculo.

"Há pouco para o café da manhã porque era de se esperar que você comesse no navio", ela se desculpou. - Seu pai comeu o último ovo. Ele está na Biblioteca revisando mapas, **Domina** também está escrevendo cartas. Ela vai terminar o cordeiro, a menos que você queira.

"Eu vou querer um pouco. Eu estava muito chateada na noite passada. Agora estou faminta." Estiquei-me, sentei-me e comecei a pensar repentinamente. "Não importa o cordeiro. A **Sacerdotisa** disse, 'nada além de **líquidos** por dez dias.'"

É ridículo - esta tempestade vai passar em breve. Talvez navegamos esta tarde, com certeza amanhã. Mesmo assim, vou seguir seus desejos. "

"Existem laranjas", lembrou Rachel. "Vou fazer **suco** para você."

Mais tarde naquela manhã, fui para a sala de recepção e sentei-me ao lado do Relógio de Água, uma estrutura elaborada com uma grande roda e flutuadores, alugada com a villa.

Sentada como a **Sacerdotisa** havia instruído, tentei focar minha mente em **Ísis**.

Muitos pensamentos competiam pela minha atenção. O Relógio fez um barulho irritante que eu nunca tinha notado antes. Lá fora, o vento uivava, a chuva batia forte, sem sinal de que iria parar.

Rachel e Festus enfrentaram a tempestade em busca de provisões para o jantar, voltando com laranjas e uvas para espremer em suco. A chuva continuou.

O dia seguinte não trouxe nenhum sinal de clareira, nem o dia seguinte. No início, fiquei entusiasmada com a idéia de **jejuar**, mas logo me cansei.

Quando meus pais retomaram as refeições normais, os cheiros sedutores de comida que vinham da cozinha de Hebe tornaram minha provação ainda mais difícil.

Em retrospecto, parece que o quinto dia foi o mais difícil. A chuva, o confinamento apertado, desgastava os nervos de todos. Os temperamentos ficaram curtos, muito curtos. Depois que minha mãe descobriu que eu não estava doente, ela ficou com raiva de mim por não comer. Incapaz de explicar minhas razões, não disse nada. Isso só piorou as coisas.

"Pare de ficar de mau humor e coma!" ela retrucou.

"Quantas vezes eu tenho que dizer isso? Não estou com fome!" Eu gritei de volta. **Tata** ficou furioso. "Pelas bolas de **Jove**, o que há com vocês duas?" ele rugiu.

Corri para o meu quarto, batendo a porta. Eu pensei ter ouvido a batida de mamãe também. Minhas meditações diárias não eram consolo.

Ao contrário, eles apenas aumentaram minhas frustrações, focalizando a atenção no vazio raivoso em minha barriga. "Certamente essa chuva não pode durar muito mais tempo," reclamei para Rachel naquela noite enquanto me deitava no sofá.

"Quem sabe" respondeu a escrava. "Meu povo fala de um homem chamado Noé, em seu tempo, a **chuva** durou **quarenta dias** e quarenta noites."

"Chega! Apague a lâmpada," eu ordenei, virando meu rosto para a parede.

Embora nenhuma visão apareceu nas meditações da manhã seguinte, fiquei consolada por saber que meu **Jejum** estava na metade. A chuva durou cinco dias. Se por algum acaso milagroso durasse mais cinco, eu poderia me tornar uma iniciada de **Ísis**.

Tudo pareceu mudar depois disso, não apenas para mim, mas para toda a casa.

A chuva não era mais deplorada como um incômodo pessoal exasperante, da noite para o dia, tornou-se um fenômeno surpreendente visto com admiração. Os servos voltaram para casa com **histórias de desastres**. "Oh, mestre! Toda a parede leste do mercado desabou." "**Domina**, um grande navio de Atenas bateu nas rochas abaixo de Pharos!"

Rachel voltou uma tarde com a notícia de que o **Palácio do Governador** estava inundado. No entanto, apesar do caos ao nosso redor, nossa casa e seus habitantes permaneceram confortáveis e seguros. Cada membro da família estabeleceu uma rotina, encontrando novas atividades para ocupar seu tempo. Para mim, foi escrever poemas e cartas para Marcella. **Tata** enviada ao museu para buscar pergaminhos.

No final do sexto dia, ele estava bem envolvido com uma rara **História da Conquista da Pérsia** por **Alexandre**, um tomo escrito, pela primeira vez, por um Persa. Minha mãe mandou trazer seu **tear** do navio e começou uma nova tapeçaria, usando temas egípcios.

Rachel experimentou vegetais, triturando-os e transformando-os em sucos, alguns eram muito saborosos.

Conforme os dias passavam e a chuva continuava, percebi uma sensação crescente de paz e propósito. A tempestade era, eu tinha certeza, a vontade de **Ísis**.

Eu sabia que iria continuar até que os **desejos da deusa** fossem atendidos.

Na tarde do décimo dia, as fortes rajadas de vento se acalmaram, por volta das quatro, o céu clareou e o aguaceiro cessou. As pessoas se aventuravam para fora, algumas delas dançando e espirrando nas grandes poças. **Tata** partiu imediatamente para conversar com Germânico. Jubiloso, voltou a anunciar que partiríamos no dia seguinte.

"Todos se preparem!" Mais uma vez, os bens foram reunidos e embalados. Eu tinha certeza de que dentro de vinte e quatro horas estaríamos no Mar, mas enquanto isso... a

Sacerdotisa havia dito que na décima noite, **Thoth** viria me buscar.

Como minha roupa foi **despagada** pelas Mulheres do Templo, pensei em Diana.

Ela poderia me matar por minha deserção? E o que **Tata** diria? A idéia de sua reação me assustou mais do que a de Diana. De pé, nua e tremendo diante da **Sacerdotisa**, vasculhei a sala como um animal aprisionado faria, ansiando por escapar, mas enterrei o impulso pela força de vontade.

Uma **Miriade** de lâmpadas lançava sombras bruxuleantes em uma grande tigela dourada polida que repousava sobre o altar, observei a **Sacerdotisa** colocar o conteúdo em um cálice, Ela estendeu para mim, minha mão tremia enquanto levava o recipiente aos lábios. A doçura picante do líquido era inesperadamente agradável. Bebi uma e outra vez, finalmente esvaziando o cálice. Um calor reconfortante tomou conta de mim. Não importava mais que eu estivesse nua. Depois de um tempo, deixei até mesmo de ter consciência disso. O canto das pessoas ao meu redor ficou mais alto, os sons de **tambores** e **sistros** mais insistentes.

A **Sacerdotisa** fez sinal para que eu a seguisse. Saímos da grande câmara pelos fundos, caminhando por um longo corredor iluminado por tochas que parecia se estender para sempre. Minha cabeça estava leve, a vontade que moveu meus pés não mais meus.

A **Sacerdotisa** deu um passo para o lado, revelando um lance de escadas que descia para um **abismo negro**. Ela sinalizou que eu deveria continuar sozinha. Seu olhar parecia de alguma forma avaliador, Eu estava sendo testada?

Os degraus de mármore estavam gastos. Quantos já haviam caminhado lá antes?

Eu me perguntei. Passo a passo, fui descendo as escadas estavam molhadas.

Eu estava descendo na água, os degraus eram escorregadios, caminhei cautelosamente, descendo, cada vez mais fundo. A água subia até meus joelhos, depois meus quadris, olhei para trás por cima do ombro. Não pude ver a **Sacerdotisa**.

O próximo passo foi mais íngreme e me desequilibrou. **Eu caí no abismo**.

Uma vez pensei ter tocado o fundo da piscina, mas a água boiava, Lutei para não respirar, para não engolir, mas a água começou a entrar, queimando minha garganta, enchendo meus pulmões. **Água negra** cobriu minha cabeça agora, bloqueando tudo.

Três verões antes, um tornozelo quebrado me impediu de aprender a nadar com as outras crianças, agora eu amaldiçoei **Fortuna**.

Debatendo-me freneticamente, às vezes flutuando até a superfície, apenas para escorregar de volta, corri loucamente para as escadas, mas não consegui encontrá-las.

O **terror** se apoderou de mim enquanto eu lutava para prender a respiração, mais uma vez cheguei à superfície, mas apenas para engolir mais água. Meus pulmões pareciam que iam explodir enquanto eu lutava contra o desejo de abrir minha boca. Não conseguia mais prender a respiração. Eu ia morrer. Por que, **Isis**? Por que você fez isso? Você fez os ventos soprarem, a chuva cair por dez dias e noites apenas para me afogar?

Relembrando o senso de propósito que passei a sentir durante minhas meditações, eu não queria, não podia acreditar. Certamente a deusa do Mar poderia me tirar de uma piscina! Me ajude, Mãe **Ísis**, me ajude!

Você que pode fazer qualquer coisa, me oriente agora.

Tentando desesperadamente manter a calma, deslizei um pé para a frente no fundo da piscina, depois o outro. Lutando para ignorar a dor sufocante em meu peito, levantei um braço acima da minha cabeça como se fosse agarrar a mão de **Ísis**. Limpou a água.

Certamente havia uma parede em algum lugar que me levaria às escadas.

O chão estava escorregadio, meu progresso lento, a dor no meu peito era insuportável. Eu engasguei e inalei mais água. Só então meus dedos dos pés tocaram uma superfície dura. A parede? Não, um passo! Tossindo e engasgando, lutei para subir. Escorreguei duas vezes e perdi o equilíbrio. Por fim, o momento inesquecível em que levantei o rosto da água. Cada respiração é puro êxtase.

Cuspindo, com dor na barriga, corpo dobrado como o de uma velha, cheguei ao

último degrau e caí esparramada no chão de mármore. O som da minha própria respiração difícil ecoou em meus ouvidos até que me dei conta de uma batida leve e rítmica.

Olhos lacrimejando, olhei em volta. Onde estava a **Sacerdotisa**?

Eu esperava braços de boas-vindas, parabéns. Ela nem estava lá - ninguém estava.

Ao longe, vi uma ampla varanda sustentada por sete colunas de mármore. Além disso, o Mar, lentamente, dolorosamente, me levantei.

Sete degraus rasos levaram a uma areia fina como pó facial contra meus pés descalços. A noite clara estava cheia de estrelas, a lua cheia um disco de luz deslumbrante. Enquanto eu me deliciava com o milagre do ar fresco enchendo meus pulmões doloridos, a lua ficou ainda mais brilhante. Lentamente, uma **Forma Radiante surgiu do Mar**.

Primeiro, o rosto apareceu emoldurado por luxuriantes mechas da Cor das Chamas; então, o **Corpo Bem Torneado** emergiu das ondas que se formaram. Ela usava uma Coroa na qual estavam tecidas todas as Flores que eu já Amei e sobre seu longo **Vestido Branco** estava um **Manto Azul** coberto com estrelas cintilantes. Desta vez, **Ísis** não era um sonho.

CAPÍTULO 08 - Rescaldo de Ísis

A **Irmã estava diante de mim**, grandes ondas quebrando sobre Ela erguendo-se do **Mar** ainda mais alta que Pharos, Ela era impressionante em sua **Grandeza, Gloriosa** em seu **Esplendor**. Dominada pela emoção, **caí tremendo** na areia e, curiosamente, não senti medo.

Uma mão suave tocou meu ombro, depois outra. A **Alta Sacerdotisa** e suas **acólitas** apareceram aparentemente do nada. Agora elas se agruparam ao meu redor. "**Você a viu?**" uma **Jovem Sacerdotisa** perguntou animadamente.

"Sim Sim!" Eu engasguei, olhando para cima. Voltei-me para o **Mar**, mas **Ísis** havia sumido. Eu suspirei em desapontamento.

A **Alta Sacerdotisa** sorriu gentilmente. "Se ela ficasse, você não seria mais deste mundo." "Oh, mas **como posso continuar sem Ela, agora que a vi...**"

"Você vai continuar, eu lhe asseguro. Você tem muitos anos de vida pela frente."

Com ternura, mas com certo espanto, as **Acólitas** ajudaram-me a levantar-me, pegando minhas mãos, elas conduziram-me, desci por um labirinto de corredores até um **Santuário** dentro do Templo. O chão, as paredes e os tetos abobadados eram de Uuro enfeitado com lápis-lazúli. Para onde quer que eu olhasse, lâmpadas de jóias refletiam seu brilho.

Lá, naquela **Sala Magnífica**, fui **ungida sete vezes** com a **Água Sagrada do Nilo** derramada de uma Jarra de Ouro incrustada de Esmeraldas. As **Sacerdotisas** do **Templo** me enxugaram com toalhas de linho macias e esfregaram meu corpo com óleos perfumados. Eu estava vestida com um Manto Branco esvoaçante e Guirlandas com Rosas Vermelhas, seu perfume mais doce do que qualquer coisa que eu já havia sentido.

Foi então que a **Suma Sacerdotisa** colocou um **Sistro** de Ouro em miniatura em minha mão. "**É sagrado**", explicou ela. "**Ísis**, a **Eterna Mulher e deusa da vida**, tem muitos símbolos, mas apenas uma arma. O **Sistro** é um **Instrumento** que ela usa quando quer **criar** Mudanças ou **ver** o Verdadeiro Significado das circunstâncias que os outros simplesmente aceitam. Você, **Claudia**, ganhou um de Sua Autoria, leve-o de volta com você para o mundo. "

"De volta?" Eu olhei para ela com incerteza.

A **Alta Sacerdotisa** sorriu novamente. Ela colocou os braços em volta de mim, conduziu-me pelas passagens tortuosas de onde eu vim até que fiquei desamparada no imenso átrio do templo. **Como eu poderia deixar este lugar?** Como poderia deixar as **Acólitas** que agora pareciam tão próximas de mim quanto Marcella?

A **Alta Sacerdotisa** me abraçou mais uma vez e deu um passo para trás. "Antes de sua **Iluminação**, você era filha de seus pais. Você ainda é filha de seus pais. Nada mudou."

"**Tudo mudou!**" Eu exclamei.

"**Tudo e nada.**" Ela acenou com a cabeça em direção a Thoth, que deve ter subido as escadas silenciosamente, pois ele estava agora ao meu lado. "Sua ninhada está esperando para levá-la para casa", disse a **Alta Sacerdotisa**. Ela envolveu-me com um Manto Azul suave, depois se virou e voltou a entrar no templo.

Aqui estava uma **finalidade terrível** sobre isso; de alguma forma eu sabia que **nunca** a **veria** novamente. O que eu poderia fazer a não ser permitir que Thoth me ajudasse a desmontar? Tudo e nada. Qual foi o significado de tudo isso?

Eu me perguntei enquanto os escravos me carregavam de volta para casa pelas ruas. Certamente eu nunca seria a mesma e, no entanto, era exatamente o mesmo. Uma parte de mim conhecia todos os Segredos do Universo. Por um instante, **Ísis** e eu havíamos sido uma só, mas aqui estava eu, como sempre estive, **Claudia Prócula**, voltando para sua vida normal como se nada tivesse acontecido.

Eu também era uma garota de **quatorze anos** com uma grande decisão a tomar.

Meus dedos se fecharam sobre o minúsculo **Sistro de Ouro** que a **Alta Sacerdotisa** me deu. Por um instante, senti novamente a **onda de zelo** alegre que se seguiu à iniciação, o momento em que **Ísis** surgiu diante de meus olhos. Suspirei. Apesar do milagre que aconteceu comigo, eu me sentia ainda **mais jovem** que catorze anos quando me aproximei da villa. Ainda havia meu pai para enfrentar.

Estava quase amanhecendo quando desci da liteira. A villa estava escura, exceto por uma única luz vinda da biblioteca. Eu fui na ponta dos pés até o átrio e fiquei pelo que pareceu um longo tempo discutindo comigo mesmo. Seria tão fácil simplesmente deslizar para o meu quarto, remover o vestido e a Guirlanda - escondê-los em algum lugar.

Com toda a emoção de partir para o navio, ninguém os encontraria. Ninguém precisa saber o que aconteceu. **Tata** nunca precisa saber. E, no entanto, se eu não **fosse honesta**, se não contasse a ele sobre essa **coisa maravilhosa** que havia acontecido comigo, que significado teria a experiência? confrontá-lo.

"Quem está aí?" Tata gritou. "Claudia, é você?"

Minha mão apertou mais uma vez ao redor do **sistro**. Respirando fundo, empurrei a porta para um grande mapa escorregou despercebido de seus dedos enquanto ele examinava minhas roupas. Ele se levantou de sua cadeira, cambaleando ligeiramente e gritou: "Por Deus, o que você fez!" Pensei em todos os prisioneiros que ele deve ter interrogado e senti pena deles.

Minha voz tremeu quando respondi: "**Ísis me chamou.**" "Você perdeu seus sentidos?"

Eu respirei fundo. "Eu tive que ir até ela."

"Que absurdo é esse!"

"**Ísis** é a **Rainha-Mãe** de todos nós," comecei.

A ponta do nariz estava ficando branca, um mau sinal. Só acontece quando ele estava muito zangado. "Ela nos protege aqui na terra, e quando morremos, não vamos para um lugar horrível como o **Hades**."

Ísis promete **Paz e Alegria** para todos e apenas pede que mantenham a **Fé** com Ela e sejamos o melhor que pudermos. "

"Os deuses de Roma não são bons o suficiente para você?" Pai exigiu, sua voz um rugido.

"**Não, senhor, eles não são.**" Eu respirei fundo e mergulhei. "Os deuses antigos são como crianças travessas, mas os novos são melhores? Podemos realmente esperar que adoremos **Tibério**... em nossos corações?"

Ele parecia tão pasmo como se o gato tivesse falado.

Sentindo uma vantagem, arrisquei: "Talvez você sinta o mesmo. Talvez, senhor, seja por isso que você visita com tanta frequência o **Templo de Mitras**."

"O que você sabe sobre **Mitras**?" ele perguntou, inclinando-se mais perto, seus olhos me estudando. Eu sabia que tinha pegado ele de surpresa.

Pensei em **Mitras**, um deus tão viril, tudo sobre coragem e fraternidade. Foi fácil ver porque isso iria agradar ao senso de dedicação de **Tata**. "**Mitras** é a religião de um guerreiro, sua adoração é proibida para mim", eu o lembrei. "**Ísis é para todos**."

Peguei sua mão enquanto as palavras saíam. "Oh, **Tata**, depois da minha iniciação a lua estava tão brilhante e próxima que eu me senti possuída. Minhas veias correram não com sangue, mas com a **luz de Ísis**. Por um minúsculo instante eu soube tudo o que já existiu ou seria. Eu era **uma pequena parte** de seu imenso poder. " O que aconteceu? "

Seus olhos cinza se arregalaram. Ele parecia chocado como se me visse pela primeira vez. "E então o que "A maior parte se esvaiu. Se eu tentar te contar mais... vou perder tudo." Eu balancei minha cabeça impotente, lutando contra as lágrimas repentinas. "O que aconteceu não é algo sobre o qual você possa falar, você apenas sente."

Tudo o que posso dizer é que **vi a deusa** tão claramente quanto estou vendo você. Eu entendo agora por que os pobres, os coxos e os doentes são bem-vindos por **Isis**. Você não vê, **Tata**, somos todos parte um do outro como as folhas de uma árvore gigante."

Ele ficou sentado em silêncio pelo que pareceu um longo tempo, seu rosto impassível. Finalmente **Tata** balançou a cabeça, quase com tristeza. "Por que tinha que ser a deusa daquela prostituta, **Cleópatra**?"

"**Você odeia Cleópatra**, mas o que você faria se fosse um egípcio com todo o seu poder?" Vendo seu rosto ficar vermelho, baixei minha voz. - Cleópatra pensava que era a dona do mundo. Não era natural que ela aparecesse em um **Trono de Ouro** no Triunfo de Antonius?

"Natural?" **Tata** ergueu uma sobrancelha espessa. "Natural para quem?"

Ela cavalgava, ele caminhava a seus pés." Com a voz erguendo-se novamente, ele perguntou: "Esse é o tipo de mulher que você quer ser?"

"Não, **Tata**", eu inclinei minha cabeça com arrependimento, então olhei para ele.

"Mas **Antonius amava Cleópatra**, foi sua escolha. "

"Chega disso", disse ele, levantando-se. "Tire essa - essa fantasia e vá para a cama, me ouça? Em algumas horas estaremos no Mar, afastando-nos deste maldito país. Talvez um dia você e eu voltemos a falar de **Ísis**, mas nunca de **Cleópatra**."

"Ele me abraçou." Calma, querida ", disse ele, dando um tapinha no meu ombro." Tenha uma boa noite de sono e você vou esquecer tudo sobre esse absurdo. "

"Sim, **Tata**," concordei, mas mesmo assim sabia que nunca poderia ser assim.

Seus olhos cinza se arregalaram. Ele parecia chocado como se me visse pela primeira vez. "E então o que"A maior parte se esvaiu. Se eu tentar te contar mais... vou perder tudo." Eu balancei minha cabeça impotente, lutando contra as lágrimas repentinas.

PARTE II - ANTIÓQUIA

... no oitavo ano do reinado de Tibério (22 EC)

CAPÍTULO 09 - Lançando o Feitiço

Preocupada com a **Festa** que se aproximava, temia - a minha **primeira como adulta**. Tanto se esperava de mim, tanto para o que eu não estava preparada. Oh, eu sabia muito bem o que dizer e como dizer, fui ensinada a **andar, sentar** e ficar de **pé**. Esse foi o problema. Agora esperava-se que o **treinamento valesse** a pena. Logo, muito em breve, devo encontrar um marido. O **bloco do leilão** esperava por mim com tanta certeza quanto por qualquer escravo.

Quanto à **Festa** ... Eu nunca teria a confiança descuidada de Marcella, mas um vestido nobre pode ajudar. Não para mim os tons pastéis claros selecionados para meus amigos por suas mães ou os marrons e laranjas brilhantes alardeados por minhas primas, Julia e Druscilla. Eu queria ser parecida comiga. Agora, virando-me para um lado e para outro diante do espelho, eu **não tinha certeza** de quem eu era. Meu vestido era do branco sutil de uma casca de ovo salpicada de fios de ouro, mas a forma como se agarrava...

"Esse material veio da Índia", minha mãe me lembrou. "**Marcus** pagou uma fortuna por isso."

Querido **Tata**, como ele era bom ... meus dedos brincavam distraidamente com o pequeno **sistro de ouro** que eu usava em volta da minha garganta, lembrando minha iniciação e nossa conversa que se seguiu. O **Egito** parecia muito distante agora.

Fazia apenas dois anos? Embora nenhum de nós tenha se referido à troca, **ela** nos aproximou, Tata havia, eu suspeitava, descartado a coisa toda como uma indiscrição juvenil. Talvez ele estivesse certo. Eu meditava diariamente diante de um pequeno santuário para **Ísis**, mas ainda não tinha visitado o **Iseneum** de Antioquia.

Assim que alcançamos a poderosa cidade-estado, minha mãe me manteve ocupada. Havia uma nova metrópole para aprender. Depois, uma casa para mobiliar e manter, pois **Tibério** havia decretado desde o início que deveríamos **permanecer indefinidamente** em Antioquia. Minha mãe cuidou para que eu aprendesse todos os detalhes de como administrar uma casa. Era demorado quando combinado com aulas: **dança, canto, lira**.

O resultado final ficou refletido no espelho, uma **jovem** admiravelmente **treinada** para o casamento, mas tão **despreparada**.

Roma deve ser servida, mas esse dever não era nada comparado com a obrigação que eu sentia para com meus pais. Se ao menos fosse Marcella se preparando para a festa. Minha irmã teria adorado cada minuto. Ela ansiava pelo casamento, teria feito um casamento deslumbrante também, mesmo sem um dote.

Marcella adorava flertar, o fazia instintivamente, impulsivamente com qualquer homem de qualquer idade. Eu não era bom nisso, não queria ser, era uma perda de tempo, encorajar pessoas que não pertenciam a minha vida. Então eu não flertei, eu falei.

Os pretendentes pareciam satisfeitos com isso - de qualquer maneira, eles voltavam com frequência para me ver. Eu gostava de todos eles, mas a idéia de passar uma vida com qualquer um - pior ainda, dividir um sofá...

"**Quem vem hoje à noite?**" Perguntei a mamãe, mal reprimindo um suspiro.

Ela sorriu, obviamente satisfeita com a pergunta. "Imagino que isso signifique o que os jovens estarão presentes na festa." Sem esperar, ela começou a listá-los.

"**Horacius** estará lá, é claro, e **Flavius**, dificilmente passa um dia sem que eles apareçam para ver você. Diga-me, qual é a sua preferência?"

Pensei em **Horacius**, um edil, tão jovem que tinha espinhas; e o ajudante de **Tata**, **Flavius**, um pouco mais velho, mas ainda imaturo. Meu prazer com o novo vestido diminuiu. "Os dois são muito legais, mãe", eu disse, tentando soar educada. "Eu não poderia escolher entre eles... Não há mais ninguém?"

"Eu pedi a Drusus e Nero para trazer seus amigos. Talvez um deles seja adequado para você." Ela alisou as dobras do meu vestido. "Alguém terá melhor, **Claudia**, e logo."

Um pouco doente de apreensão, hesitei fora do átrio onde os convidados se reuniam. Brilhos de ouro cintilavam em meu vestido ... vindo da **Índia**.

Com o queixo para cima, entrei na sala sorrindo e fui recompensada por um suspiro mudo de apreciação. A partir de então, foi fácil passar de grupo em grupo, sofá em sofá. Senti pequenos arrepios de inveja e admiração irradiarem ao meu redor e adorei.

Drusus e Nero estavam finalmente em casa - e Calígula fora para caçar. A festa já estava maravilhosa.

Por que eu estava preocupada?

Enquanto eu abraçava Drusus, meu olhar vagou por cima do ombro para uma alcova

onde meus pais conversavam com um homem que eu não tinha visto antes. Ele tinha possivelmente **vinte e sete anos**, uns bons dez anos mais velho do que eu. Magro, mas de ombros largos, ele se portava com uma graça tranqüila. Elegante e bonito como um jovem leopardo. Ele estava olhando para mim agora, sorrindo, tão confiante.

"Quem é aquele?" Eu perguntei a Drusus. "Nem pense nisso."

Recuei, olhando para minha prima com surpresa.

"Dizem que ele é um **Caçador de Fortunas** e gosta muito de mulheres."

"Mesmo?" Afastei-me de Drusus e me aproximei do recém-chegado lentamente, prendendo a respiração, arqueando as costas. Julia e Druscilla andavam assim o tempo todo, eu apenas comecei a praticar.

"**Pôncio Pilatos**, um **Centurião** que acabou de voltar da **Pártia**", meu pai o apresentou. O **Centurião** acenou com a cabeça, sorrindo para mim.

"Eu vim com uma mensagem. Seu pai teve a gentileza de me convidar ficar para sua Festa." Suas palavras flutuaram. Perdida em seus olhos, pensei em uma **piscina azul**, profunda e perigosa. Pilatos se aproximou. "**Algumas mulheres não são Vestais.**"

O que ele estava falando? Oh! Nem eu mesmo. Ele estava olhando para um Busto de **Marcella** que repousava em um pedestal próximo. Mas agora os **olhos de Pilatos** mudaram, um olhar avaliativo que **vagou por todo o meu corpo**. "Também não combinaria com você." "Não seria?" Minha voz tremeu. Eu respirei fundo, parei por um momento e levantei minha cabeça. Foi a minha vez de estudá-lo.

Pilatos tinha feições regulares, uma mandíbula bem definida, um nariz bem cinzelado; ele tinha lábios carnudos delimitados por linhas quase imperceptíveis. Houve um toque de fraqueza? Certamente não. Uma **sombra de cinismo**, talvez. Isso não era esperado de um soldado?

"**Não, não seria,**" ele repetiu, um **sorriso lento iluminando** seu rosto.

Pilatos se voltou para **Tata**. "Você é um homem afortunado por ter duas filhas tão lindas, mas então", ele acenou para **Selene**, "para ter filhas assim, você deve olhar para a mãe delas. **Fortuna** tem sido boa para você."

"Fortuna, sim", meu pai concordou, sinalizando para Rachel encher o copo de Pilatos, "mas acho que devemos aliviar a tarefa da deusa sempre que possível e fazer nossa própria sorte. Você não concorda?"

"Sim, sim, senhor."

"Eu pensei que você iria," papai comentou secamente.

Mãe sorriu brilhantemente. "Foi uma grande **honra** para nossa filha mais velha ser feita uma **Vestal** - a própria **Imperatriz** interveio em favor de Marcella - mas ainda sentimos muita falta dela. Já se passaram quase **cinco anos** desde sua posse."

Meu coração doeu por mamãe. "Guardamos vários esquetes que os artistas de rua fizeram de Marcella", expliquei a Pilatos. "Minha mãe os levou para **Marius** aqui em Antioquia. O busto que ele fez é uma composição dessas impressões. Achamos que é uma bela semelhança."

"Você fez uma escolha excelente", garantiu-me Pilatos. "Marius é o melhor. No ano passado meu pai teve um forma completa de si mesmo esculpida como Apollo."

Tendo conhecido o **velho Pilatos**, tentei imaginar suas papadas pesadas, nariz largo e olhos protuberantes acima da forma esguia do deus. Eu não pude. "Tenho certeza de que é bastante - bastante impressionante", disse eu.

"Oh, é sim", ele concordou. Esse sorriso novamente. Eu me perguntei como seria ficar sozinha com ele.

Novos convidados haviam chegado; Minha mãe me chamou para cumprimentá-los.

Os **Atores Cômicos** que ela contratou foram um grande sucesso, mas meus olhos muitas vezes se desviaram do palco improvisado para o sofá onde **Pilatos** se reclinava. Uma vez eu o peguei me observando. Eu sorri lentamente, então voltei minha atenção para os atores.

O repertório dos **Comediantes** parecia infinito. Então, finalmente, o aplauso final.

À medida que o tempo ia passando, Germânico e Agripina levantaram-se para se despedir. Os outros convidados seguiram a deixa do casal real. Ao lado dos meus pais, dando todas as boas-noites, fiquei surpresa com o cansaço no rosto de Germânico.

Quando chegou a vez de **Pilatos**, suas maneiras eram impecáveis - deferência a **Tata**, galanteria para com a mãe. Ele não disse nada importante para mim, mas parou, pensei, possivelmente um momento a mais do que o necessário, demorando-se na arcada, a **Toga de Cavaleiro** caindo em dobras lindamente ordenadas do ombro esquerdo aos tornozelos.

Eu mal conseguia dormir pensando nele e estava pronto para fazer perguntas na manhã seguinte. "**Esqueça Pilatos**", aconselhou o pai. "Só uma **Noiva** com um **Belo Dote** servirá para ele."

"Mas, **Tata**" comecei. Ele me silenciou com um aceno de cabeça. "**A Estrela de Pilatos** está subindo. Já vi sua espécie antes, aqueles olhos não falta nada."

"**Olhos como Gelo, Claros**, muito **Azuis**, e aquele **Sorriso Encantador!**"

Não admira que você se sinta atraída por ele," **Mãe simpatizou**. "Pilatos é considerado o mais **elegível de todos os jovens** cavaleiros. Todo mundo fala dele."

"Tanto as mães quanto as filhas." Tata sorriu para ela. "O pai adotivo de **Pilatos** só recentemente alcançou o **Posto Equestre**. Diz-se que ele ganhou dinheiro vendendo Carruagens, uma Fortuna; mas guarde minha palavra, aquele jovem vai mais que dobrar. Somente a **aliança** mais lucrativa o satisfará." **Amaldiçoei o destino**.

Por fim, aqui estava um homem com quem eu poderia imaginar dividindo um sofá... imagine muito bem. Eu me virei para esconder meu rubor.

Nas semanas seguintes, **meu caminho cruzou muitas vezes** com o de Pilatos.

Muitas vezes eu o sentia me observando, mas sua maneira quando falávamos era meramente educada. Ele dividiu seu tempo entre Muitas Mulheres, todas elas Ricas.

Uma tarde, sentado duas fileiras atrás de Pilatos em uma corrida de carruagem, observei-o com **Sabina Maximus**, sem dúvida a **mais Rica** das **Jovens Solteiras** da cidade. Os estreitos espaços para sentar obrigavam-nos a se sentarem bem próximos. Vi Pilatos pegar solícito na **bainha do vestido de Sabina** de onde ela se arrastava no chão de pedra áspera. Isso proporcionou a ele uma excelente visão de seus **tornozelos - grossos**, notei com satisfação. Alheio à multidão estrondosa ao meu redor, eu especulei.

Talvez um homem com muitas amigas mulheres não goste muito de nenhuma.

Uma carruagem de madeira tombou, derrubando o motorista. Os quatro cavalos continuaram a galopar. As pessoas ao meu redor gritavam conselhos e imprecações.

Os cavalos não guiados bateram com sua carruagem em dois outros, esmagando ambos. Ao meu lado, meu pai, que apoiava um azarão, estava de pé torcendo.

Meus dedos brincaram distraidamente com o pequeno **sistro de ouro** em minha garganta. "**O Sistro é Sagrado**", disse a Sacerdotisa. "**Ísis**, a mulher eterna, tem apenas uma arma." Quer meu pai gostasse ou não, **Cleópatra** havia capturado **Antônio** e **César**, subjugando-os tão completamente quanto qualquer exército.

A única arma de **Cleópatra** tinha sido sua feminilidade.

Puxei um espelho da pequena bolsa de couro que carregava. Era uma peça requintada, o cabo de marfim esculpido à semelhança de uma Ninfa do Mar. **Agripina** havia me dado as Saturnais anteriores, prevendo que logo passaria muito do meu tempo olhando em espelhos. Agora virei a superfície polida para um lado e para o outro.

A reflexão que eu tanto desejava me escapou. **Meus olhos não eram Azuis** como os de Agripina, mas um cinza esfumado, grandes e ligeiramente inclinados nos cantos.

Meu rosto não era oval como o de mamãe, mas tinha o formato de um coração.

Meu nariz, diminutivo de romano, era pelo menos bem formado. Meus lábios, não tão exuberantes quanto os de Marcella, eram cheios o suficiente. Eu gostaria de poder pintá-los como Julia e Druscilla faziam. Desejei também que meu cabelo fosse dourado como o de Agripina **em vez de preto**, mas pelo menos era espesso e crespo, uma juba impressionante

quando solta do filé que normalmente o prendia.

Meus dedos pousaram novamente no **sistro**, um Instrumento para Tocar quando se quer desafiar o **Status Quo**. Suspirei; era impossível. Todos sabiam que as **Leis do Destino** estavam **Escritas nas Estrelas** ...

Tentar superar seus imperativos cósmicos era algo inédito ... mesmo assim, **Ísis** ajudara **Cleópatra** ... Se devo ter um marido, por que não aquele que eu quero?

Nesse momento Pilatos olhou por cima do ombro e me viu sentado atrás dele.

Um longo olhar passou entre nós, aquecendo meu corpo, me enchendo de excitação e fortalecendo minha determinação.

Antioquia é uma Cidade **Luxo e decadência**, construída em mármore e iluminada por milhares de tochas, suas ruas e galerias comerciais brilham a noite toda com o brilho do dia. Cada arcada está repleta de lojas elegantes repletas de tesouros trazidos por caravanas do Oriente: seda, âmbar, ametistas, marfim, ébano, sândalo, tapetes, especiarias e ervas.

Minha mãe e eu freqüentemente nesses pavilhões acompanhadas por Rachel, que rapidamente desenvolveu uma Rede de Informantes de compras que meu pai alegava ser mais precisa do que os políticos. Ele estava apenas meio brincando.

Um dia, mamãe decidiu passar uma tarde em casa com **Tata**. Era a oportunidade que eu esperava. Rachel e eu saímos para comprar um presente de aniversário para Agripina, selecionamos um colar de grandes contas de âmbar e, em seguida, embarcamos rapidamente em uma missão diferente.

O **Iseneum de Antioquia**, embora menor que o de **Alexandria**, me lembrava uma jóia delicada. Passei correndo pelos belos mosaicos, prometendo a mim mesma examiná-los em detalhes outra vez. Parando para me ajoelhar diante de uma **Estátua de Ísis**, sussurrei algumas palavras de súplica e me levantei para enfrentar a **Sacerdotisa Idosa** que me cumprimentou no átrio.

"Devo falar com o seu **mistagogo**", expliquei.

A Sacerdotisa balançou a cabeça, sorrindo se desculpando. "Este é o seu momento de meditação. Volte mais tarde, talvez esta noite."

"Não posso vir depois. Deve ser agora. Este é um assunto muito importante."

"Todo mundo sempre pensa que o assunto deles é 'muito importante'. Eu não acredito ter visto você aqui antes."

"Esta é a minha primeira visita", admiti, acrescentando: "**Fui iniciada** em Alexandria."

"**Ah, uma iniciada**," a Sacerdotisa me olhou com mais interesse. "Vejo que você usa o **sistro**." - A **Alta Sacerdotisa** de Alexandria me deu. Você tem uma **cripta** aqui?

"Realmente temos, e Ela está cheia de Água sagrada do Nilo. Você gostaria de vê-la?"

"Não, uma vez foi o suficiente, mas eu gostaria de ver o **mistagogo**. Você poderia perguntar a ele por mim?" Meus **olhos imploraram** à mulher mais velha.

Ela parou por um momento, então acenou para que eu a seguisse. "A decisão será dele." Meu coração disparou quando deixei Rachel no foyer e segui a Sacerdotisa por um corredor de mármore. Se ao menos o **mistagogo** fosse uma mulher.

Eu poderia explicar meu problema para um homem? Por mais que eu quisesse ajuda, seria quase um alívio se ele se recusasse a me ver. **Ele não fez**.

De constituição leve, o **mistagogo** usava vestes de linho branco de corte elegante.

Sua pele era verde-oliva clara, seu cabelo crespo e bem aparado levemente com fios de cinza. Procurei nos olhos límpidos e pensei ter detectado tristeza por trás da sofisticação.

"Há um homem", comecei hesitante. "Eu acho que o amo." "Pensar?"

O **mistagogo** ergueu uma sobrancelha escura e brilhante.

"Eu o amo," eu emendei. O que mais poderia ser? Meus primos, Druso e Nero, por mais queridos que fossem, nunca me deixaram acordada à noite, pensando, especulando, desejando tocar. O que senti por **Pilatos foi diferente** de tudo que eu já tinha experimentado. Tinha que ser amor.

"E ele te ama?" "Ele poderia. Eu sei que ele poderia - eu sinto isso - mas dinheiro e posição são importantes para ele. Todo mundo fala de sua ambição."

O **mistagogo** me estudou pelo que pareceu um longo tempo. "**Sim,**" ele disse finalmente. "Você está certa. Ele poderia cuidar de você, cuidar muito de você. Algum dia **ele vai depender de você** de maneira que você não pode imaginar, mas isso não o torna certo para você. Há outra pessoa. Você seria sábia em esperar por ele."

"**Eu não quero esperar. Eu quero esse homem.**"

Um sorriso irônico apareceu brevemente nos lábios do misterioso. "Então reze para **Ísis.**"

"Preciso de mais do que orações. Meus pais têm pouco dinheiro para um dote. Eles dizem que não há esperança."

"Você **quer um Feitiço de Amor.**"

"Sim", eu sussurrei.

"Você é uma **jovem excepcional**, que **experimenta a visão.**" "Você sabe disso?"

"Eu sei, e estou surpreso que você não esteja Ciente de como os **Feitiços de Amor** podem ser vinculativos."

"Isso é o que eu quero! **Eu quero amarrá-lo.** Você não vai me ajudar?"

"Há um preço."

Abri a bolsa usada em volta da minha cintura e removi seu conteúdo. **Duzentos sestércios.** "Eles são **tudo o que tenho**, isso e esta **pulseira.**" Tirei uma **Pulseira de Ouro** do meu pulso.

O **mistagogo** pegou o dinheiro e a pulseira, colocando-os em uma gaveta de sua escrivaninha. "**Há um preço muito maior. Você pagará isso mais tarde.**"

Afastando-se de mim, ele escreveu rapidamente em um pedaço de pergaminho. "**Leia** e diga em **voz alta três vezes por dia.** Visualize o homem que você ama. Ouça as palavras que você quer que ele fale. Sinta sua reação a essas palavras como se estivessem sendo ditas. E", ele enfatizou, "**ore a Ísis para orientação.** Certamente você vai precisar. "Ele me entregou o pergaminho.

Coloquei não lido na minha bolsa. "Muito obrigada, muito obrigada. Você foi muito gentil." "**Não fui nada bom, mas você deve aprender por si mesma.**"

Eu balancei a cabeça e corri para fora do Templo. Só à noite, quando finalmente fiquei sozinha, retirei o pergaminho e li as palavras ali inscritas:

Quando ele beber, quando comer, quando tiver relações sexuais com outra pessoa, vou enfeitiçar seu coração, enfeitiçarei seu hálito, enfeitiçarei seus membros, enfeitiçarei sua parte mais íntima. Onde e quando eu desejar, até que ele venha até mim e eu saiba o que está em seu coração, o que ele faz e o que pensa, até que ele seja meu.

"Sim! Mãe Ísis! Sim!" Sussurrei, dobrando o pergaminho com cuidado.

CAPÍTULO 10 - Hymen Hymenaeus

Foi uma **Festa** tranqüila - apenas alguns convidados - nada ao estilo de Agripina.

Por quê? Eu me perguntei, mas não por muito tempo. **Pilatos** estava lá. Ele era tudo o que importava.

Julia, Druscilla e eu dividimos um sofá, mordiscando distraidamente uvas passadas para nós em pratos dourados. Meus primos riram muito, mostrando os dentes e o perfil. Fingi escutar, saboreando meus próprios pensamentos. Drusus piscou para mim do outro lado da sala. Sempre o protetor, ele havia conseguido no início da noite **bloquear** a tentativa de Calígula de derramar vinho em meu novo vestido de prata.

Sim, **Calígula ainda atrapalhava minha vida**. Recentemente, ele começou a me olhar. Ele costumava visitar nossa casa, deixando flores e bugigangas; mas quando eu os ignorei, ele ficou feio mais uma vez, procurando maneiras de me machucar ou envergonhar.

Olhando ao redor da sala, tão opulenta em tons de ouro polido e bronze, azul profundo e púrpura vibrante - as cores de Agripina - notei o cuidado com que os solteiros foram selecionados. Havia Oficiais do Exército, é claro, mas também um jovem e promissor trado e **filho do Príncipe** fantoche de **Antioquia**. Julia preferia o último.

Eu sabia que ela havia fugido pelo menos uma vez para conhecê-lo. Eu gostaria de ter feito o mesmo com Pilatos, mas algo me alertou contra isso.

Meu olhar mudou para o dele. Ele estava me observando. Eu estremeci de prazer. Quando Pilatos sorriu aquele sorriso lento, senti como se mel derretido escorresse pelas minhas costas. Ela acenou com a cabeça para o Centurião com quem estivera conversando e cruzou a grande sala em poucos passos. Sentando-se em um banquinho tufado ao lado do meu sofá, ele murmurou em meu ouvido. "Alguns dizem que mais cedo ou mais tarde toda mulher terá o rosto que merece."

Intrigado, segui seu olhar para uma alcova onde mamãe fazia sua corte, o centro de um pequeno círculo de amigos.

"**Ela ainda é muito bonita**", disse ele.

"Linda por dentro também", acrescentei, "mas você precisa conhecê-la para descobrir isso."

Ele acenou para um escravo que passava, pegou duas taças de vinho e entregou uma para mim. "**Você tem a beleza dela e algo mais...** um toque de mistério. Ninguém sabe o que você está realmente pensando. Você tem isso e..." Ele se inclinou para frente, sussurrando de novo, "... talvez alguma travessura. Eu acho às vezes você gosta de levantar **Hades** apenas para se divertir." trabalhando.

"Talvez," eu admiti. Estudando-o sobre a borda do cálice, refleti sobre o quão bem o **feitiço era Atrás dele**, vi Germânico se aproximando. Ele carregava uma **Lira** debaixo do braço. Que irritante! Eu não queria que ninguém nos interrompesse.

"Despedi os malabaristas", explicou Germânico. "O pesado largou a tocha duas vezes. Além do mais, o barulho que eles fazem - todos os gritos. Eu gostaria que você cantasse, **Claudia** - do jeito que você costumava fazer na **Gália**. Já faz muito tempo que não tenho notícias sua **linda voz**, muito longa."

Eu balancei a cabeça em direção a Druscilla e Julia. "Você quer dizer nós três?"

Meus pensamentos se voltaram ansiosamente para Marcella. Treinadas pelo mesmo tutor, nós quatro cantávamos com frequência em Festas Familiares, até mesmo ocasionalmente em reuniões militares.

"Sua voz era a mais doce. Esqueça os outros." Talvez sentindo minha relutância, ele acrescentou o imperativo. "Cante para mim."

Estudei o homem gentil e surpreendentemente modesto que conheci durante toda a minha vida, ciente de que seu encanto natural se sobrepunha a uma autoridade silenciosa. Por que agora ele parecia tão cansado? Ultimamente, parecia que Germânico estava sempre esfregando a testa; sua caminhada também parecia mais lenta. Algo errado?

O zumbido da conversa cessou quando todos os olhos se focaram em mim.

Eu me senti um pouco mal. Nos últimos anos, raramente cantei fora de casa e nunca sozinha. Eu não queria agora, mas Germânico estava me entregando a Lira.

"Cantar!" Como posso recusar?

Dedilhando alguns acordes timidamente, respirei uma Oração para **Ísis** e comecei. Primeiro, uma leve **paródia militar** que sempre divertira Germânico. Então, minha confiança crescendo, uma **balada** de rua contando com a fábula de Leda e seu amante de cisne. Pilatos se aproximou, sorrindo. Tirando meus olhos dos dele, vi expressões de tédio educado mudarem para surpresa. Aproveitei o momento até que outro rosto entrou em foco. Druscilla observou com intensidade raivosa.

Druscilla adora Pilatos. Esse conhecimento uma vez teria me mergulhado no desespero. Que homem não desejaria se casar com a **bisneta do Divino Augusto**?

Mas agora, com o **feitiço funcionando** tão bem, eu meramente tinha pena dela, o desejo desesperado que eu mesmo sentira apenas alguns dias antes.

O ROSTO QUERIDO DE GERMANICUS VISITAVA MINHAS MEDITAÇÕES DA MANHÃ COM frequência crescente. **O que o está incomodando?** Eu perguntei. Quase imediatamente, outro rosto - pálido, com marcas de bexigas - apareceu diante de minha mente. **Governador Piso.** Eu mal precisava da visão para isso. O homem tinha sido um espinho para o tio desde o início. **Tibério** o havia nomeado Governador enquanto ainda estávamos no Egito. Quando nosso grupo chegou a Antioquia, **Pisão** e sua esposa já estavam acomodados no palácio. Germânico deixou passar. Gostamos tanto dele ser generoso, mas agora víamos lembretes diários de como o Governador confundia bondade com fraqueza. O exército de Piso era contrário a tudo o que Germânico representava. Promovidos valentões, bons oficiais com registros honestos rebaixados e **substituídos por canalhas...** Havia mais, eu senti. Algo terrível iria acontecer. Talvez já tenha começado.

Eu queria falar com **Tata** sobre isso, mas entre suas funções políticas e minhas novas funções sociais, raramente o via. Por fim, o cancelamento repentino de um Banquete na villa de Germânico proporcionou à nossa família uma noite em casa. A conversa animada de meus pais parou abruptamente quando entrei no triclínio. Os olhos escuros da mãe brilharam. **Tata** parecia preocupado. Cada um deles me olhava com uma expectativa que eu não conseguia entender.

Determinada a não ser desviada, sentei-me no sofá em frente a eles e perguntei à queima-roupa: "**É Germânico está doente?**"

"Por que você diria isso?" Mãe exclamou. "Ele sempre foi saudável como um cavalo. O Banquete foi adiado por causa de um incêndio em sua cozinha."

"Você tem certeza? Ele parece mais magro."

"Ele está preocupado com **Piso.**" Os olhos de **Tata** estavam pensativos. "Guildas da cidade e fazendeiros estão apelando para ele. Eles dizem que os homens do governador os forçam a pagar pela proteção."

Piso novamente. O governador esguio e faminto e sua esposa, **Plancina**, uma mulher Orgulhosa e Vaidosa com um gosto ilimitado pelo luxo. Lembrei-me dela em Roma, nunca longe de **Lívia**. A conversa mudou quando Hebe e Festus entraram, serviram vinho, passaram pratos de folhas de uva recheadas e tâmaras.

- Por que Germânico não reclamou com Tibério? Eu queria saber quando estaríamos sozinhos novamente.

Tata encolheu os ombros. - Sim. O **Imperador** afirma estar surpreso com o fato de Germânico ser influenciado por rumores maliciosos. De forma alguma, **Piso** será removido do cargo.

Eu hesitei. Hebe e Festus estavam de volta com uma travessa de javali, um presente de Druso, que ele mesmo a espetou. Demorou um pouco para esculpir e servir.

Então, finalmente, eles se curvaram e saíram - por um tempo, pelo menos.

Agora, uma chance de dizer o que estive pensando. "O negócio com **Piso** ameaça a todos nós, mas sinto que há algo mais - **algo maligno** - pairando sobre Germânico."

Ficamos sentados em silêncio por um ou dois minutos. Apesar da noite quente de primavera, um frio levantou pequenas saliências em meus braços nus. Então mamãe sacudiu a cabeça com impaciência: "Por que ficamos tão tristes quando seu pai tem notícias maravilhosas e emocionantes para você?"

Eu me movi até a beira do sofá. "**O que foi, Tata?**" Meu coração disparou.

De repente eu sabia a resposta. Ele ficou em silêncio pelo que pareceu um longo tempo, o tempo todo me olhando pensativo. "**Pilatos veio a mim esta manhã**", disse ele por fim." **Ele a pediu em casamento.**

Minha mão se moveu para o **sistro** na minha garganta. Pilatos era meu.

"**Oh, Tata, isso aconteceu**", eu engasguei, jogando meus braços ao redor dele.

Tata soltei meus braços, mas segurou minhas mãos nas dele. "Ele sabe que seu **Dote é pequeno**, mas diz que se **Casaria** com você se você não tivesse nenhum."

Os olhos de **Tata** estavam confusos enquanto ele me estudava. "Deve ser sua **linhagem Claudiana**. Uma **conexão patricia** pode ser **útil** para um jovem cavaleiro ambicioso..."

"Claro que sim", concordou a mãe. "Além do mais, nossa filhinha floresceu em uma verdadeira beleza. Realmente, minha querida" - ela se virou para mim, sorrindo - "você fica **mais linda a cada dia**, quase, ao que parece, diante de nossos olhos. Não estou surpresa de jeito nenhum por proposta de Pilatos - não mais. Eu o vi nos jogos ontem. Mesmo quando o leão estava na garganta do gladiador, ele olhou apenas para você.

O homem está positivamente encantado."

Eu olhei para baixo, envergonhada. Claro que **Pilatos** estava encantado, essa era a idéia. Pela primeira vez, senti uma pequena pontada de **culpa**, mas logo a rejeitei, garantindo a mim mesma que seria a **esposa perfeita** para Pilatos. Eu encontraria todas as maneiras de agradá-lo. Ele seria o homem mais feliz do mundo. Mais uma vez, enviei uma **Oração silenciosa** de agradecimento a **Ísis**, que me entregou o homem dos meus sonhos.

TELE PRÓXIMA VEZ Eu ATENDI ÀS CORRIDAS DE CARRO QUE ESTAVA COM PILATE. Sentamos com Germânico e Agripina no Camarote do Patrocinador, pois foi Germânico quem subsidiou o evento. Ao lado deles estavam meus pais e o **pai Adotivo** de Pilatos.

O **velho Pilatos** era um homem corpulento. Por baixo do azul pavão de sua túnica de seda, vi rolos de carne que estremeciam quando ele se movia. Ainda assim, notei, ele se movia rapidamente e seus **olhos** eram **penetrantes**. Aqui estava um homem que não perdia nada. Embora ele fosse **cordial e cortês**, eu sabia que suas verdadeiras opiniões eram reservadas. De vez em quando, seus olhos pousavam em Druscilla, que estava sentada por perto. Tive certeza de que **ele questionou** a escolha do filho. Eles discutiram sobre mim? Eu me movi em direção a ele, procurando algo para dizer, algo que o lisonjeasse e o tranquilizasse. "Pilatos me disse que você criou campeões", arrisquei. "Você deve ser um bom juiz de cavalos... Eu sei tão pouco. Em qual time você sugere que eu aposte?"

Ele sorriu, aproximou-se e sussurrou em meu ouvido. "Vá com o **time azul**."

Nesse momento, **Plancina**, sentada abaixo, se virou e olhou para cima - me examinando. Ela parecia estar observando cada detalhe do meu traje. Então, com um olhar penetrante e desdenhoso, a esposa do governador olhou para Druscilla. Minha mão se desviou para o broche de ametista que Pilatos me deu naquela tarde. Eu sabia que era requintado e combinava perfeitamente com meu lindo vestido lilás; ainda assim, o desdém da mulher mais velha me assustou. E se as famílias ricas e estabelecidas não me aceitassem? **Pilatos era ambicioso...** E se eu faltasse com ele?

Eu encarei Plancina, concentrando toda a minha atenção na matrona rechonchuda, desejando que ela se virasse novamente. Lentamente, sua cabeça começou a se mover até que ela me encarou mais uma vez. Desta vez, o rosto redondo de Plancina exibia uma expressão intrigada. Eu a observei atentamente, o tempo todo sorrindo docemente enquanto levantava uma mão casualmente e separava dois dedos em forma de chifre.

Plancina engasgou com o símbolo do hexágono, suas bochechas pintadas como luas cheias contra um rosto pálido. Meu sorriso se aprofundou quando levantei minha outra mão para arranjar um pequeno cacho solto de seu filé. De repente, percebi Pilatos sentado ao meu lado. **Isis!** E se ele tivesse me visto? Eu me virei devagar. Ele estava concentrado em

uma conversa com Tata. Que alívio. Pilatos não teria achado graça. O que eu estava pensando? Plancina era a esposa do governador.

As trombetas soaram. Germânico levantou-se para se dirigir à multidão.

"É com grande prazer que anuncio o **noivado** de **Claudia Prócula**, filha do meu amigo mais próximo e ajudante de campo **General Marcus Prócula**, para **Centurião Pôncio Pilatos**, comandante da Primeira Coorte. Esta corrida é dedicada a eles. Que seja um grande começo."

Um rugido de aplausos saudou o anúncio. Eu tremia de excitação feliz. Que diferença o pai de Pilatos ou Plancina fizeram? Éramos um **Casal de Ouro**. O que poderia mudar isso? Virando-se para agradecer os aplausos, vi Druscilla observando e desviei o olhar.

Enquanto os tabletes de apostas eram passados, o pai de Pilatos me observou com expectativa. Eu queria bajulá-lo. Ele havia me aconselhado. Devo confiar nisso?

Não conseguia livrar minha mente do pensamento de que a corrida era de alguma forma um símbolo do meu futuro com Pilatos. Onde estava a visão agora quando eu queria? Forçando um sorriso, peguei o tablet e a caneta. "**É o time azul para mim.**"

As trombetas soaram novamente. Todos os olhos se voltaram para o campo.

Eu segurei a mão de Pilatos enquanto observávamos as quatro equipes se aproximando. Os carros estavam esplendidamente vestidos em suas cores brilhantes - vermelho, branco, azul e verde.

Curricados e apumados com perfeição, os cavalos empinaram para nós. A multidão gritou de ansiedade enquanto os pilotos chicoteavam e saudavam suas equipes de dois cavalos para atacar a linha de partida. As rodas giraram e quicaram, a poeira voou.

O time vermelho, um par esplêndido de pretos combinados, irrompeu na liderança deixando o time verde e branco pescoço a pescoço. Um rugido maçante pairou sobre a multidão quando o time azul conduzido por **Diocles**, o favorito, foi para a retaguarda. Meu coração afundou. Durante as três primeiras voltas, observei tenso enquanto o borrão de movimento permanecia inalterado. As rédeas chicotearam, as fitas voaram enquanto o time branco se virava para dentro e se movia.

O motorista vermelho, talvez sentindo o desafio, olhou por cima do ombro esquerdo. Eu engasguei quando seus garanhões de ébano deram uma guinada para o lado de fora.

O estádio vibrou enquanto as pessoas ao nosso redor cantavam e gritavam, incentivando seus favoritos a avançar. Talvez, talvez houvesse uma chance para o time azul. Na quinta volta, as equipes vermelha, branca e verde estavam três lado a lado, com Diocles puxando seus corcéis para trás da carruagem vermelha no meio. Eu estava de pé torcendo por ele. Passando para a sexta volta, o time vermelho vacilou. A túnica de **Diocles** era um borrão azul enquanto ele puxava as rédeas dos cavalos para a pista externa para evitar a desaceleração da carruagem.

As bigas verdes e brancas avançaram na curva, buscando sua oportunidade de liderança. Ambos exigindo a faixa central, eles colidiram um com o outro. A carruagem branca saltou no ar e virou no caminho do par azul. Diocles puxou seus cavalos para dentro, as pernas agitadas do par caído chutando sua carruagem enquanto ele avançava. O piloto da equipe vermelha não era tão habilidoso. Seu par tropejou na carruagem caída, fazendo com que ele fosse jogado. Eu mal pude suportar a emoção enquanto as duas equipes restantes se preparavam para o ataque final até o fim. "Azul! Azul! Azul!" Eu gritei. Diocles, com os pés plantados no chão, inclinou-se sobre a carruagem, incitando seus cavalos a avançar.

O cocheiro da equipe verde, desviado pelos gritos dos espectadores, desviou demais seus cavalos galopantes na direção das arquibancadas. Dirigindo em linha reta e rápido, Diocles passou pelo motorista verde, que o perseguiu imprudentemente, batendo freneticamente em seu par castanho. Eu pulei e gritei de alegria e então, em um instante, tudo mudou. O piloto verde, em um último esforço para ultrapassar Diocles, cortou bruscamente na pista. Seus cavalos tropeçaram e caíram. Pernas, emaranhadas em rodas giratórias, quebraram. O motorista desceu da carruagem. Ela desabou sobre ele em uma

pilha de destroços retorcidos. Seu corpo ficou imóvel.

Fiquei quieta, apesar do pandemônio. Perigo era tudo o que corria. Ainda assim, desta vez, para minha **corrida de noivado**, eu gostaria que tivesse sido diferente.

Eu me virei para Pilatos. "Uma pessoa certamente está morta, talvez duas. Por que tinha que ser assim?"

"Um bom motorista tem que ser implacável", ele me lembrou. "É sobre ganhar. Tudo é sempre sobre ganhar. Você deveria saber disso."

Germânico deu um tapinha no meu ombro. "Sua corrida, minha garota. É você quem deve presentear o piloto com seu prêmio." Ele me entregou o Galho de **Palmeira da Vitória** trazido por um escravo. Eu olhei para Pilatos e vi seus olhos, geralmente tão frios, iluminados por um orgulho repentino. Senti a pressão protetora de sua mão em meu cotovelo enquanto descíamos as escadas e caminhávamos para a pista. Todo o tempo eu sabia que milhares de olhos estavam nos seguindo.

Diocles era jovem, justo e escravo. Era seu dono, um rico comerciante que apoiava o time azul, que se beneficiaria com a vitória. Eu esperava que ele fosse generoso.

Olhando para o rosto sorridente do cocheiro, pensei rapidamente no jovem Gladiador cuja vitória eu havia previsto quatro anos antes. Qual era o nome dele... **Holtan**?

Onde ele estava agora? Eu me perguntei, relembando o **rosto bonito, viril** e cheio de vida, olhando ansiosamente para uma vida de vitórias.

Quais eram as chances disso? Não é bom. Entreguei ao vencedor seu Ramo de Palmeira e me virei para Pilatos. Nada importava agora, mas a imagem de mim mesmo refletida em seus olhos.

Cena seguinte da tarde **Agrippina** caiu para me ver, em suas mãos um pacote lindo envolto em gaze de damasco. "**É um presente de noivado**", explicou ela. "Germânico e eu queríamos que você ficasse com ele imediatamente."

Retirei o embrulho com cuidado. Era tão lindo que eu queria salvá-lo. Dentro havia uma Caixa de Marfim Esculpida, e dentro dessa **Estrela Gêmea Safiras Brilharam** para mim. "Brincos! Eles são lindos!" Eu exclamei.

Agripina sorriu. "Achamos que você gostaria deles. Cinza combinando com seus belos olhos. Eles vêm de muito longe - da Índia, pelo que me disseram."

Eu a abracei alegremente. Então recuei, pegando suas mãos nas minhas. "**Eu decidi em junho Casamento.**"

"Maravilhoso! Não poderia estar mais feliz. O mês sagrado para Juno é sempre de sorte." "Sinto muito por Druscilla", arrisquei. "Eu sei muito bem como ela se sente."

Agripina balançou a cabeça morena. "Duvido. Você sempre levou as coisas muito mais a sério do que Druscilla. Eu conheço minha filha. Ela gosta de **Pilatos** hoje, amanhã será outra. Este é o seu tempo, não o desperdice se preocupando com mais ninguém. Apenas **seja feliz.**"

Eu estava mais do que feliz, estava delirando, mas ainda havia coisas que me preocupavam. A mãe, absorta nos preparativos, ergueu os olhos de suas muitas listas para responder a perguntas sobre tarefas domésticas, mas encontrou desculpas para evitar qualquer coisa mais íntima.

"Ela não vai falar sobre a coisa mais importante", reclamei para Rachel.

Rachel ergueu os olhos do remendo de uma das minhas túnicas e sorriu. "Você quer dizer a coisa de homem e mulher? Certamente **Domina** sabe de onde vêm os bebês."

"Claro, eu sei disso!" Após uma pausa, acrescentei suavemente. "Mas como é? Mamãe apenas diz que não devo me preocupar, que **será a noite mais linda da minha vida** - como se planejasse passá-la observando as estrelas no átrio." afortunado. "

O sorriso provocador de Rachel desapareceu. "**A noite mais linda de sua vida'...**

Nem toda mulher é assim. Eu a considerei por um momento. "Como você sabe disso?" A risada de Rachel foi crua. "**Escravas raramente são virgens.**"

Meu primeiro mestre tinha **quatro filhos** que se revezavam comigo. Um deles, **Isis** só sabe qual, era o pai do meu filho."

"**Você tem um filho!** Não acredito que você nunca disse nada."

Ela encolheu os ombros. "O que há para dizer? **David teria seis anos**, se ele estivesse vivo."

"Você não sabe onde ele está?"

"Ele foi **desmamado e depois vendido.**" A voz de Rachel estava monótona.

Coloquei meus braços em volta dela, mas ela se soltou.

"**David** nunca foi meu e certamente eu não tinha **Amor** por nenhum de seus possíveis pais. Vamos conversar sobre coisas agradáveis." Ela pegou sua costura.

"**Sua mãe é uma mulher feliz** que adora o marido. Tenho certeza de que sua noite de núpcias foi linda. Por que a sua não deveria ser?"

Hesitei, olhando para minhas mãos. "Pilatos é tão bonito, tão confiante. Ele esteve em todos os lugares, fez de tudo. **Todos os tipos de mulheres** são atraídos por ele, desde grandes damas a escravos do campo. Ele sabe tanto; eu não sei de nada."

"Isso é bom", Rachel me assegurou. "A experiência dele tornará as coisas ainda mais agradáveis para você. Seu marido irá guiá-la, tenha certeza disso."

"Mas o que..." Minha voz tremeu. "E se eu não agradar a ele?"

"**Ísis** achou por bem te ajudar até agora," Rachel me lembrou. "Por que ela deveria abandonar você agora?"

É muita sorte para uma Noiva ser vista por membros de sua família, mas eu sabia exatamente o que estava acontecendo lá embaixo como se estivesse lá. Tínhamos passado por tudo isso tantas vezes. No **Dia do meu Casamento**, Hebe sussurrou uma prece a Juno enquanto colocava o **bolo de Casamento** de farinha embebida em vinho em seu leito de folhas de louro. O cheiro de pavões assados, faisões e leitões subia pelas escadas.

Eu sabia que o pessoal da cozinha estava trabalhando duro. Os escravos já haviam derrubado as paredes, entrelaçado guirlandas sobre os pilares e espalhado ramos verdes sobre o piso de mármore polido para brilhar. No triclínio, mamãe ainda se preocupava com a ordem adequada dos sofás do Banquete.

No andar de cima, **Agripina**, auxiliada por cinco das matronas mais nobres de Antioquia, oficiou. Eu conhecia pouco nenhum deles, mas sabia que cada um fora escolhido tendo em vista a **Fortuna** - todos bem casados, sem viúvas. Quando Agripina se aproximou com a **lança Cerimonial**, meu couro cabeludo formigou.

Abaixando minha cabeça, eu fiquei parada enquanto a **lâmina fria** separava lentamente meu cabelo, dividindo-o em **seis tranças** para dissipar os espíritos malignos. Em seguida, cada uma das mulheres aplicou um toque sutil de maquiagem em meu rosto.

Por fim, a nuvem fina de branco foi deslizada sobre minha cabeça e amarrada na cintura com o nó de **Hércules**. Segundo o costume, só Pilatos poderia desamarrá-lo. Eu havia pensado muito sobre isso, **temendo e desejando o momento**. Ele ficaria satisfeito ou desapontado com o que viu?

Agora esqueci que alguma vez tinha estado nervosa. Tudo e todos estavam girando ao meu redor, me banhando de Amor e Confiança. Até Druscilla parecia feliz. Como Agripina previra, a fantasia de meu primo já havia sido capturada por um príncipe parta. Ela me deu um tapinha gentil e se afastou enquanto Julia ajustava minha coroa de manjerona, prendendo o véu de noiva escarlate.

"Você parece que uma Noiva deve ficar - absolutamente linda", disse Agripina, me abraçando.

Os tocadores de Lira estavam na porta; era hora de começar a procissão. Eu sabia

muito bem o que esperar, os papéis que deveríamos desempenhar. Fiquei aliviada ao ver um escravo entregando tochas de espinhos brancos para Druscilla e Julia.

Diana deve ser aplacada. Todos sabiam que a deusa **se opunha ao Casamento**, preferindo que as mulheres permanecessem virgens. Lentamente, segui meus dois assistentes escada abaixo até o Grande Salão onde os convidados estavam sentados de frente para Pilatos, seu pai e Tata. Cada cabeça se virou.

Tata permitiu-se um sorriso orgulhoso antes de derramar solenemente algumas gotas de vinho no altar doméstico. **Lares**, o antigo Espírito Guardião de nossa família, deve receber sua porção primeiro. Como se estivesse em um sonho, ouvi meu pai invocar **Himeneu**, deus dos Casamentos, e observei enquanto ele enchia taça após taça com vinho. O incenso subindo do altar me deixou tonta. Quando tudo estava servido, **Tata** sinalizou ao áugure para **trazer o Cordeiro**. As flautas e harpas silenciaram.

Meu coração acelerou quando a garganta da criatura foi cortada com uma faca de prata e sua barriga habilmente aberta. Minha respiração ficou presa quando o **áugure** examinou as entranhas.

Seria o Azar de um Coração dilatado pela doença?

Ou a sorte de um fígado dobrado no fundo como um bolso?

"Muitos anos felizes para vocês dois!" ele gritou, acenando com a cabeça em aprovação para o **fígado rosa saudável**. Instantaneamente, a Música de Flautas, Harpas e Liras cresceu ao nosso redor.

Tremendo ligeiramente, me virei para Pilatos. Sorrindo, ele jogou para trás meu véu diáfano. Nós nos demos as mãos e ouvi minha voz, suave mas claramente audível entoando o antigo voto: "Enquanto você é **Gaius**, eu sou **Gaia**." O casal eterno.

Ele pegou minha mão direita na sua. Éramos realmente casados.

Depois de dividirmos um pequeno pedaço de bolo, as **Tábuas do Casamento** foram trazidas para nossas assinaturas. Nossos convidados aplaudiram e correram para nos abraçar. Pilatos e eu os conduzimos ao triclínio para a festa, onde nos reclinamos juntos em um sofá de jantar pela primeira vez. Eu queria que esses momentos durassem para sempre.

Logo a mão de mamãe pousou levemente em meu ombro. Era **hora de se retirar**.

Eu olhei de volta para **Tata**. Eu pertencia a Pilatos e sua família agora. Parado com minha mãe no átrio deserto, comecei a soluçar. "Não sei por que estou chorando... isso é o que eu queria..."

"Claro que é o que você quer", mamãe me assegurou, enxugando os próprios olhos. Ela assoou o nariz delicadamente. "É hora de ir, querida, seu marido veio reivindicar você."

Pilatos estava lá, me **puxando dos braços de mamãe**. Era um **ritual antigo** que sempre considerei tolo, mas agora não havia necessidade de fingir relutância.

Se Pilatos percebeu, não deu nenhuma indicação. Agarrando-me com firmeza, ele nos apressou para sair de casa. Logo atrás estavam **Tata, Germanicus** e vários de seus oficiais. Todos gritaram para Pilatos parar e fingiram brandir as espadas. Lá fora, um noivo esperava com uma carruagem. Pilatos saltou e puxou-me para o lado dele.

A **Procissão de Casamento** estava se formando. Alguns seguiram em carruagens, outros a cavalo, mais de cem a pé, todos rindo e cantando. Meu coração acelerado se acalmou um pouco enquanto eu olhava maravilhada para a paisagem urbana ao nosso redor. Foi como se eu tivesse visto pela primeira vez. **Antioquia** é uma cidade brilhante a qualquer hora, mas então, tarde da noite, o brilho da lua e a luz das tochas rivalizavam com o sol. Em nenhum outro lugar do mundo se poderia cavalgar três quilômetros abaixo de um pórtico de mármore, e este lugar **maravilhoso e incrível** era a cidade da procissão de meu Casamento.

Nem tudo era magia e luz da lua. Tendo participado de outros casamentos, estava preparada para os **epítetos obscenos** que eram uma parte inevitável da procissão. Muitos simpatizantes carregavam **estátuas de Priapo**, o luxurioso deus da fertilidade.

Alguns apenas carregavam **réplicas do enorme pênis de Priapus**. Era constrangedor,

mas de que outra forma os amigos poderiam afastar os espíritos malignos que poderiam estar com ciúmes de nossa boa sorte? Eu dei uma olhada em Pilatos. Ele estava sorrindo amplamente.

Então, finalmente, chegamos à villa que ele havia comprado recentemente. Com as rédeas da carruagem, Pilatos saltou e ajudou-me a desmontar. A essa altura, os outros estavam se recuperando. As canções e piadas pioraram. As pessoas - principalmente os homens - estavam balançando enormes pênis de couro para nós. Eu senti minhas bochechas queimarem.

A pesada porta da villa foi aberta pelo administrador. Pilatos rapidamente me pegou nos braços e me carregou até a soleira, batendo a porta atrás de nós com o calcanhar.

Houve uma batida forte. Eu podia ouvir a voz de **Tata** exigindo entrada com raiva, ainda desempenhando o papel do pai irado.

Tão rapidamente desapareceu.

CAPÍTULO 11 - Duas Provas

A primeira, simplesmente reclinamos juntos, bebendo vinho e conversando baixinho sobre a Cerimônia e nossos convidados. Então, gentilmente, ele desamarrou cada uma das minhas tranças até que os **cachos rebeldes** caíram pelos meus ombros.

Obriguei-me a encontrar seus olhos e fiquei surpresa com sua intensidade.

O Pilatos que eu conhecia era frio, no controle, seus modos para comigo eram levemente provocadores. Este homem era totalmente diferente.

Estremeci quando ele desfez o **nó de Hércules**.

Pilatos gentilmente colocou as mãos no meu rosto, passou os dedos pelo meu cabelo, inclinando minha cabeça para cima enquanto seus lábios vinham em minha direção - meu nariz, minha testa, minhas bochechas - beijos gentis. Então minha boca, minha boca que agora queria a dele. Eu deslizei meus braços em volta de Pilatos, puxando-me em direção a ele, retornando seus beijos ansiosamente.

Passaram-se vários minutos antes de ele me soltar, mas quando o fez, pareceu muito cedo. Abrindo os olhos, o vi olhando para mim com uma leve surpresa, embora se para si mesmo ou para mim, eu não soubesse. Ele deslizou a alça da minha túnica para baixo e beijou meu ombro, meu pescoço.

Quando ele alcançou meus seios, uma onda de calor fluiu por mim. Eu respirei em seus cabelos, beijei suas orelhas e busquei sua boca novamente.

Pilatos acariciou minha pele enquanto suas mãos quentes me despiam lentamente. Embora ele não pedisse nada de mim, eu me agarrei a ele enquanto ele gentilmente empurrava para dentro, sussurrando, "Claudia, Claudia." Quão forte, doce e vulnerável ele parecia sussurrando meu nome. Agarrei-me a ele, concentrada no que eu mais temia, a dor um pequeno preço a pagar por estar tão perto do homem que eu tanto amava.

"Bem?" Pilatos perguntou finalmente, virando gentilmente meu rosto para ele.

"Temo ter feito tudo errado", sussurrei. E se a mulher não devesse se mover?

"Não, minha querida. Você fez tudo certo. Muito certo, surpreendentemente certo.

E, se você não sentiu tudo o que há para sentir desta vez, eu vou remediar isso."

Mais tarde, sozinha, olhei um pequeno espelho de mão assim, estudando meu reflexo. O mundanismo que eu esperava não estava em lugar nenhum. Eu parecia a mesma de sempre, nem um pouco mais madura. Mas por dentro, bem... sorri, pousando o espelho.

Lá **dentro era uma história diferente**. Lembrei-me do desgosto que expressei a Marcella. Como **fui ingênu**a! Não é de admirar que ela tenha me chamado de infantil.

Se ao menos Marcella estivesse em **Antioquia**. Havia tantas coisas que eu desejava

perguntar e contar. Eu também gostaria de poder mostrar a ela minha nova casa. Eu estava tão orgulhosa disso.

Algumas semanas antes de nosso casamento, Pilatos comprou uma casa para nós na estrada **Daphne**. Exuberante, verde e ladeada por Villas Elegantes, a estrada seguia o curso do rio Orantes. A terra ali, alimentada por nascentes subterrâneas, era **rica** e os **jardins** considerados os mais bonitos do mundo. Todos os anos, os residentes faziam um concurso para julgar quais eram os fundamentos mais agradáveis.

Nossa **villa**, embora menor do que algumas, era uma jóia. Eu tinha me apaixonado por ela à primeira vista; mas minha casa, como meu marido, representava um desafio.

Decidi ser a **Matrona Perfeita**, digna de ambos. Assim como se esperava que Pilatos se dedicasse à carreira, eu deveria concentrar minha atenção inteiramente em seu bem-estar.

Surpreendentemente, o requisito que mais me preocupou foi o mais fácil de cumprir.

Eu era uma Aluna ansiosa, Pilatos um Professor encantado.

Rapidamente, descobrimos a alegria de jogos de persuasão e provocação recompensados com beijos, de uma linguagem particular e de piadas bobas. Às vezes, pegávamos uma pequena barcaça no rio que continha nossa propriedade. Os jardins que desciam até as margens estavam repletos de flores e arbustos floridos. Lírios se espalharam sobre a água e massas emaranhadas de grama marinha, como cabelos verdes, flutuavam na corrente ao nosso lado. Passamos horas nos braços um do outro ou deitados nas almofadas do convés, absorvendo o calor. Pilatos frequentemente ficava deitado nu, seu corpo adquirindo um rico marrom escuro, enquanto eu ficava sob o toldo escarlate.

Ele tinha admirado minha pele, comparando-a com um âmbar claro; Eu não arriscaria. Muitas vezes eu cantava para ele, cada nota uma carícia íntima, mas havia outros dias em que nunca saíamos da cama.

Duas semanas depois do casamento, chegou a manhã em que Pilatos se levantou cedo, anunciando que se encontraria com clientes.

"Você deve? Tão cedo?" Suspirei.

"Eu gostaria que você me acompanhasse."

Quando olhei para cima com surpresa, ele explicou. "Eu quero apresentar você a eles. Você pode ir embora depois, nosso negócio teria pouco interesse para você."

Senti meu rosto corar de prazer. A relação patrono/cliente excluía as mulheres.

O desejo de meu marido de que eu estivesse lá, embora brevemente, foi um grande elogio. Desde os primórdios de Roma, homens ambiciosos haviam procurado Patronos mais educados ou mais poderosos do que eles para obter conselhos e influência, tornando-se, em troca, retentores que prestavam serviços para seus protetores. Assim como Pilatos havia procurado Germânico para ser seu Patrono, ele próprio tinha muitos clientes que o procuravam em busca de favores.

Eu havia crescido com o sistema, supondo-o, mas cerca de uma hora depois, ao lado de Pilatos em nosso átrio, observando os cerca de vinte homens que o atendiam, vi tudo sob uma nova luz. Eu quase podia sentir o cheiro do sabonete, sentir a lâmina do barbeiro. Como eles pareciam bons em seu melhor. Os altos e baixos, os jovens e os não tão jovens estavam diante de nós, sua ansiedade palpável. Observei os olhos focados em Pilatos, olhos admirados e deferentes. Cada homem tão sério, tão... Senti um pequeno arrepio. O homem do outro lado, Atarracado, não muito mais alto do que eu, com uma mandíbula larga e protuberante e olhos azuis estreitos. Ele percebeu meu olhar e deu um sorriso desarmante. Claramente, a aliança Patrono /Cliente enfatizava deferência e até subserviência por parte de muitos para com alguns. Esse equilíbrio precário pode mudar da noite para o dia. Ainda assim, naquele momento foi delicioso ser apresentada como a esposa de Pilatos, a senhora da vila.

"O que você acha dos meu Clientes?" Pilatos perguntou naquela noite no jantar.

Aconchegada ao lado dele no sofá de jantar, refleti sobre o quão afortunada eu era.

Meu coração disparou com orgulho quando levantei minha cabeça para olhar para ele.

"Eles gostam de você."

"Eles gostam do que posso fazer por eles", corrigiu-me. "Certamente, mas penso mais."

"Difícilmente", disse ele, pegando a taça de vinho que seu escravo enchia.

"Não," eu insisti. "Eles acreditam no seu Futuro e esperam se beneficiar dele, é claro; mas há mais do que isso."

Pilatos me estudou com Curiosidade por cima do copo. "**Do que você está falando?**"

Parei por um momento em busca das palavras certas. "Eles querem mais do que um aceno de cabeça em seu nome para um Magistrado, um Agiota ou um Oficial. Eles não querem apenas algo de você, **eles querem ser você**. Eles pensam que se eles estão perto de vocês o suficiente, alguns de vocês - sua **vitalidade**, seu propósito, talvez até sua juventude - vai passar para eles."

Pilatos balançou a cabeça, me olhando quase com cautela. "É uma coisa estranha de se dizer. Como você poderia saber o que eles estavam pensando?"

Hesitei novamente, sentindo seu desconforto. "É mais o que eles estavam sentindo."

Esta manhã eu conheci um pouco disso."

Pilatos pousou o copo na mesa. Com os olhos ainda em mim, ele perguntou:

"Você gostou de todos eles?"

Eu considerei, saboreando o vinho em minha língua, a aparente importância de minhas palavras para ele. "Eles estavam todos bem arranjados, tentando fazer algo por si mesmos, "eu disse por fim."

A maioria sabe para onde está indo. Eles não esperam que você faça tudo por eles.

Eu gosto deles ... exceto por um. **Plutônio**. Eu deveria cuidar dele."

"Por quê?" Aquele olhar cauteloso novamente quando seus olhos encontraram os meus.

"Eu não sei." Eu me senti relutante de repente.

O que houve com **Plutônio**?

Lembrei-me do largo sorriso ... Seus olhos duros não sorriram. "Há algo... os outros foram abertos o suficiente. Você sabe do que eles tratam. Plutônio... está nublado."

Ele é seu cliente há muito tempo?"

"Não, não muito."

Eu me perguntei hoje o que o levou a deixar o governador **Piso** e vir até mim."

O presente de Casamento do Pai de Pilatos foi o último a chegar. Minha respiração aumentou enquanto desempacotava o primeiro prato. Era **Ouro**. Havia doze, cada um primorosamente inscrito com um signo astrológico diferente.

"Vamos usá-los imediatamente", sugeriu Pilatos. "Não é hora de darmos uma festa?" Agradei a **Ísis** pelo meu presente de casamento favorito. **Meus pais nos deram Rachel**.

Germânico e Agripina encabeçariam a lista de convidados. Eu sabia que Pilatos estava impressionado com minha **ligação** com a família **Governante de Roma**.

Ele ficaria satisfeito com a presença deles e eu menos nervosa com minha família lá. Se ao menos, pensei melancolicamente, esta **Primeira Festa** pudesse ficar com um quarteto. Muita coisa dependeria disso. As pessoas esperariam uma anfitriã como mamãe ou mesmo Agripina. Nosso futuro Social e talvez Político poderia cavalgar no jantar.

E se eu falhasse com Pilatos? O desafio era formidável. Fiquei feliz por haver apenas doze pratos; Pilatos pode ter insistido em um Banquete.

Mais tarde, coçando distraidamente a cabeça com uma caneta, ponderei o **Cardápio** com mamãe. "Pilatos deu a você uma **generosa mesada** doméstica", ela me lembrou.

"Ele vai esperar algo ambicioso."

"Eu sei. É por isso que estou preocupada." Fiz um gesto para uma escrava que estava cruzando a sala com uma braçada de flores. "Traga-nos dois copos de **Falerian**."

"Sim, **Domina**", respondeu ela, impaciência aparente em seu rosto.

"Que é aquele?" Mãe perguntou, acenando na direção do escravo que estava partindo.

- **Psiquê**. Pilatos a trouxe para casa outro dia com dois novos escravos do jardim.

Ele ficou tão satisfeito - ela costumava **cozinhar** para o ex-governador.

Muito cheia de si, você pensaria que eu era a escrava. Pelo menos ela gosta de nossa cozinha. Eu a vi admirando o novo forno de tijolos. "

Psiquê voltou depois de algum tempo com duas taças. Ela os colocou na mesa serpentina diante de nós e começou a sair.

Mamãe tomou um gole e pousou o copo. "Isso não vai dar certo!

Não vai adiantar nada. **Psiquê**! Volte aqui."

Psiquê refez seus passos e curvou-se diante da mãe. "Há algo errado, **Domina**?"

"Algo está muito errado. Não só este vinho não foi cortado adequadamente com água, mas também não é até mesmo **Falerian**."

"Oh, oh ... Perdoe-me, **Domina**. Lamento muito."

"Eu acho que sim. Minha filha espera melhor e vai receber. Você entendeu?"

"Sim, Domina."

"Agora traga-nos o que ela pediu e sirva corretamente."

"Acho que ela está acostumada com uma **domina** mais velha", expliquei quando **Psiquê** estava fora do alcance da voz. "Claudia, você é sua **domina**. Lembre-se disso sempre."

"Sim, mãe." Peguei meu tablet e comecei a fazer anotações. "Ontem à noite **Psiquê** consertou passas flamingo recheado. Foi bom. E quanto ao favorito de Germânico - leitão com molho de ameixa?"

"Perfeito", concordou a mãe, "mas você vai precisar de algo mais..."

"Outra noite eu mesma preparei um prato para Pilatos. Ele se divertiu, me tratou como uma menininha brincando de casinha. Sei que ele duvidava, mas ficou maravilhoso. Eu o surpreendi."

"Tenho certeza que sim. O que você consertou?"

"Frango da Numídia. Lembra da assa-fétida que encontramos no mercado?"

Eu adicionei um pouco disso, bastante picante. "

A mãe parecia impressionada. "Por que não dar a receita para **Psiquê**", sugeriu ela. "Desta vez, a escrava fará as honras."

Por três dias, Rachel e eu fizemos o Teste de Artistas: Malabaristas, Atores, Cantores, Dançarinos e Músicos. Eu teria preferido um Poeta, mas me decidi por uma Tropa de Dança trácio. As convidadas mulheres ficariam impressionadas com sua habilidade esplêndida, os homens, com os trajes escassos.

Repetidamente, revisei a localização dos sofás de hóspedes. Naturalmente, Germânico e Agripina estariam à nossa direita. A partir daí ficou mais complicado. Eu tinha originalmente omitido **Piso e Plancina** da lista. Pilatos percebeu imediatamente.

"**Você está louco!**"

"Só desta vez... para a nossa primeira festa?"

"Nossa primeira festa é a mais importante. **Piso** é o homem de Tibério. Você sabe disso! Não podemos nos dar ao luxo de ofendê-lo. "

Eu adulei, fiquei de mau humor. A mandíbula de Pilatos se contraiu. O sofá à nossa esquerda seria ocupado por Piso e Plancina. Oficiais de alta patente e suas esposas, meus pais entre eles, sentavam-se um de cada lado com dois dos clientes mais promissores de Pilatos e suas esposas nos sofás mais baixos, os mais distantes de nós.

Levantei cedo no dia da festa, entrei e saí da cozinha, observando atentamente cada prato sendo preparado. A galinha núcida seria uma surpresa. Observei com aprovação enquanto uma **Psiquê** disciplinada triturava habilmente a raiz de assa-fétida e a combinava com nozes em pó e tâmaras, que haviam chegado naquela manhã em uma caravana de Alexandria. Dentro do forno de tijolos, tenros frangos escaldados lentamente em vinho

branco. Saboreando o aroma tentador, mergulhei um dedo no molho e acenei com a cabeça em aprovação, confiante de que meu jantar seria uma sensação menor.

Psiquê era uma cozinheira nata e adorava - sem dúvida. Fiquei feliz por ela ter gostado do nosso forno; ela passaria muito tempo antes disso.

Deixando os preparativos finais em suas mãos, retirei-me para meus aposentos.

Eu havia supervisionado cada detalhe da festa, assim como observei mamãe fazer isso muitas vezes. Rachel foi ao mercado de flores ao amanhecer. A fragrância de rosas encheu todos os cômodos. Revendo minha lista na banheira, pensei com orgulho no piso polido, na prata reluzente. Tudo foi feito. O resultado da festa ficou com **Ísis**.

A sensação de DAMASCO fez minha pele nua arrepiar quando RACHEL baixou lentamente a renda transparente sobre meus ombros. Girando lentamente diante do espelho, estudei meu reflexo criticamente. Renda, moldada como uma teia de aranha arejada, sutilmente acentuava o damasco prateado que se agarrava ao meu corpo como uma luva.

Sentando-me na penteadeira de jacarandá, tentei sentar em silêncio enquanto Rachel ajustava o filé de prata que segurava meus cachos elaboradamente casuais.

"Você parece uma Ninfa das Brumas."

Pilatos ficou parado na arcada me olhando, tão nobre em sua túnica de lã branca.

Um **Colar de Rubis** Estelares pendia de sua mão.

"**Era da minha mãe**", explicou ele, prendendo a fita em volta do meu pescoço.

Eu pulei e lancei meus braços ao redor dele. Pilatos riu baixinho, segurando-me com o braço esticado. Seus dedos acariciaram habilmente minha garganta e ombros.

"Talvez você deva remover isso", disse ele, levantando o **pequeno sistro** com um dedo. **Eu recuei**. Certamente não em uma noite quando eu precisava de toda a ajuda que **Ísis** poderia dar. A deusa me tratou bem nos últimos meses, mas nenhuma vez eu imaginei que **poderia viver sem Ela**.

Eu sorri para meu marido, removendo suavemente o amuleto de sua mão e colocando-o dentro do meu vestido. **Eu usaria seu Colar do lado de fora**.

Só então Rachel anunciou que o primeiro de nossos convidados havia chegado.

Daí em diante, fiquei ocupada mudando de um para o outro. No início, a conversa foi um esforço para mim. Eu sabia que estava sendo Julgada e mais de uma Geração me separou de muitos. Os primeiros a chegar eram velhos, muito velhos, **Lucius Raecius**, careca como um ovo, e sua esposa, Lucretia, apoiada pesadamente em uma bengala de ébano. Felizmente, ouvir sempre foi fácil para mim e nenhum de nossos amigos, jovens ou velhos, relutou em falar de si. Uma vez, peguei minha mãe olhando, com um sorriso orgulhoso no rosto. Meu coração disparou de prazer, mas ainda mais preciosas foram as palavras de **Pilatos** sussurradas de passagem. "**Eu sou um homem de Sorte. Você é uma mulher para todos os Cômodos da Casa.**"

Depois disso, eu flutuei. Os convidados se misturaram, a conversa fluiu livremente. Cheguei a conversar facilmente com Plancina, me perguntando se havia julgado mal a Esposa do Governador. Ela foi mais do que agradável, elogiando-me primeiro pelo vestido, depois pelos sofás, pelos afrescos, pelo chão de mosaico. Aparentemente, ela admirava tudo. "Estou surpresa que Germanicus e Agripina não estejam aqui", disse Plancina por fim. "Certamente você os convidou?"

Eu olhei apreensivamente para o elaborado **relógio de água**. A tigela dourada estava quase cheia. O que poderia estar mantendo-os? Com uma desculpa murmurada, eu escapei. Colocando minha mão levemente no ombro de Pilatos, eu o afastei de um pequeno grupo. "O que devemos fazer?" Eu sussurrei. "O jantar ficará arruinado se atrasarmos mais longo."

"Se nossos convidados beberem muito mais vinho, eles não saberão a diferença."

"Enviarei um escravo para indagar -" Enquanto eu falava, Rachel apareceu e sussurrou baixinho: "A o mensageiro acabou de chegar. O senhor **Germânico adoeceu**."

A senhora Agripina manda você começar sem eles.

Eu tomei a liberdade - "Fui varrida por uma **terrível sensação** de certeza - uma confirmação do **medo** crescente que escolhi ignorar em minha Felicidade.

Algo estava muito, muito errado.

CAPÍTULO 12 - A Maldição

Embora fosse quase madrugada quando o último de nossos convidados partiu, eu dormia agitada, **Atormentada por Sonhos**, fragmentos confusos, fotos assustadoras de meu querido tio. Acordando apenas algumas horas depois, gentilmente me soltei dos braços de Pilatos. Ele ainda estava dormindo enquanto eu me vestia apressadamente e saí do quarto.

Nosso **noivo** me levou de Carruagem da vila até a periferia da cidade, onde uma Lei Municipal proibira recentemente todo o tráfico de cavalos. A poeira, o congestionamento de carroças e carruagens - sem falar no cheiro - ficaram fora de controle. Agora as ruas eram proibidas a todos, exceto o tráfego de pedestres. Ao nos aproximarmos dos portões da cidade, a área estava lotada de liteiras à espera, carregadores competindo ruidosamente por clientes madrugadores.

Escolhi o time que parecia mais agressivo, mas sua ansiedade inicial e músculos fortes me enganaram. A viagem pareceu uma eternidade. "Mais rápido", eu apressei enquanto corríamos pelas ruas de manhã cedo. "Você deve ir mais rápido!"

Por fim, cheguei ao meu destino e subi correndo as largas escadas de mármore que levavam à **vila** de Germânico e Agripina. A pesada porta de latão se abriu, mas apenas uma fresta. Um escravo familiar espiou para fora, seu rosto sombrio iluminando-se ao me ver.

"Bom dia, Aquiles. Eu vim ver..."

"Sim, sim, **Domina**, entre." Ele abriu a porta para me deixar entrar. "Eles ficarão felizes por você ter vindo." Ele me conduziu pelo átrio arborizado, pelo corredor com afrescos. Estive lá muitas vezes, conhecia bem a villa. Nada mudou, nada que eu pudesse ver ou tocar de qualquer maneira.

"Vou dizer a eles que você está aqui", disse ele, indicando que espero no tablino de Agripina. Em uma das extremidades havia uma prateleira cheia de pergaminhos cuidadosamente enfiados em suas mangas elegantes - cores fortes e brilhantes.

Todos os escritores populares, meu **Ovídio** favorito entre eles. Augusto estaria girando em seu túmulo se pudesse ver isso. O **velho Imperador** banira o poeta por trabalho considerado lascivo. Agora, aqui estava sua neta exibindo **Ovídio** com destaque. Ociosamente, eu especulei - algum dos pergaminhos já tinha saído de suas capas?

Vibrante e sociável, Agripina raramente ficava parada o tempo suficiente para ler.

Quase um momento se passou antes que Calígula aparecesse na arcada esfregando os olhos sonolentemente. "Levantou tão cedo?" ele perguntou com um sorriso.

"Estou surpresa que seu marido permitiu que você saísse da cama. Eu não."

Quão arrogante da parte dele me saudar em sua túnica de dormir.

"Vim por causa do seu pai", respondi uniformemente.

"Qual é o problema com Germânico?"

Calígula encolheu os ombros. "Acabei de voltar de uma viagem de caça no norte." Ele se acomodou em um sofá. "Desculpe por ter perdido sua festinha."

"Você não foi convidado, mas seus pais foram. Me preocupa que eles não tenham vindo", eu disse, sentanda no sofá em frente a ele.

"Como você é doce. Muito doce como sua irmã. Diga-me, como está Marcella?"

Como ele ousa mencionar o nome dela? Com os dentes cerrados, repeti:

"Vim por causa do seu pai".

"Isso foi bom da sua parte", disse Agripina. Eu olhei para cima, assustada.

Ela apareceu silenciosamente, como uma **aparição** em seu vestido de festa manchado e enrugado. O rosto pálido de tia, abatido à luz da manhã, assustou-me quando me levantei para cumprimentá-la.

"Eu sei que estou horrível", ela se desculpou, prendendo uma mecha de cabelo que se

espalhou sobre sua testa. "Passei a noite toda acordada com Germânico. Ele fica mais fraco a cada dia. Os cirurgiões não podem nos dizer nada."

Calígula, ainda esparramado no sofá, olhou para ela. "Mãe, eu não fazia ideia..." Agripina abaixou-se cansada no sofá ao meu lado. "É pior desde que você partiu."

Eu olhei de um para o outro. "Quando isso começou?"

"Há **três meses**, talvez mais. Os sintomas começaram gradualmente." Peguei as mãos de Agripina nas minhas. "Por que você não me contou?"

"No início não podíamos acreditar, depois não queríamos."

"Mas quando você fez?" Eu persisti.

- Você estava tão feliz com seus planos de Casamento. Não queríamos prejudicar seu prazer. Germânico nem mesmo contaria a seus pais, embora tenha certeza de que seu pai suspeita. A essa altura, todos já devem saber.

"Ficou tão ruim assim?" Calígula perguntou. Suas perguntas me pareceram estranhas, não tanto o que ele disse, mas como ele disse. Ele parecia apenas educado, quase imparcial. Nunca entendi Calígula.

"O progresso tem sido lento", explicou Agripina. "Um dia ele está muito doente, no seguinte quase normal. Germânico ansiava por assistir à sua festa, Cláudia.

Ele queria vê-la feliz na sua nova casa. Planejamos vir até o último minuto.

Então, como ele começou para se vestir, a náusea o dominou novamente.

Foi terrível... terrível. "Uma fria certeza se fechou sobre meu coração.

"Você suspeita de veneno, não é?"

Agripina assentiu. - Os soldados dariam a vida por Germânico. Ele trata bem os escravos - eles o amam. Mesmo assim, eu mesmo preparo todas as suas refeições.

Calígula tamborilava preguiçosamente no braço de seu sofá, a cabeça de um leão rugindo. "Tanto esforço desperdiçado, o envenenador não está nesta casa."

"**Quem então?**" A terrível frieza persistiu enquanto eu o encarava.

"Você não consegue adivinhar?"

"Se eu pudesse, eu perguntaria a você?"

"Pense nisso." Calígula ergueu uma sobrancelha cínica. "Quem tem a ganhar mais com a falta de tempo do meu pai morte? "

"O governador! **É Piso.**"

"O governador ou sua esposa", respondeu Agripina.

"**Plancina?**" Eu fiz uma careta, pensando na pequena mulher atarracada com suas bochechas permanentemente rosadas.

"Você acha que as mulheres são menos cruéis do que os homens?" Inclinando-se, Calígula me deu uma risadinha sob o queixo como se eu fosse uma criança.

"Como você é ingênua."

Recuei, ignorando-o. "Você tem alguma prova?" Perguntei a Agripina.

"Você conhece **Martina?**" Eu pensei um momento.

"Uma vez, nos banhos, ela tentou fazer amizade. Minha mãe não a encorajou." Lembrei-me dos dedos curtos e atarracados de Martina, cada um circundado por um anel chamativo. "Uma mulher de aparência bastante vulgar - todas aquelas joias."

"Presentes de agradecimento, sem dúvida." Os lábios de Calígula se curvaram.

"Em troca de quê?" Eu queria saber.

"Martina tem uma **má reputação**", explicou Agripina. "Ela é conhecida por ser uma **abortista**. Alguns a acusam de **bruxaria**."

Fiz uma pausa, lembrando-me de uma tarde na galeria comercial central. O rosto petulante de **Plancina** se animou agradavelmente pela primeira vez enquanto seus cachos caramelo balançavam na conversa. Ao lado dela, uma **mulher** morena com grandes Esmeraldas penduradas em suas orelhas.

"Sim... elas são amigas, não são? **Plancina e Martina são amigas.**"

Intrigada, ergui os olhos para Agripina. "Certamente você não a deixou entrar em sua

casa. Se Martina é a envenenadora, como...?"

"Se eu soubesse disso, eu permitiria que acontecesse?" Os olhos de Agripina brilharam. "Fervo cada prato e xícara, preparo cada prato sozinha.

Piquei gafanhotos e misturei com ovo, amassei enguias e as fervei com leite. Tudo o que qualquer **médico ou farmacêutico** sugeriu, eu mesmo fiz. Eu tento de tudo,

Eu faço tudo, mas nada adianta. Estou com tanto medo..."

Agripina, que nunca chorava, repentinamente pareceu explodir em lágrimas, grandes soluços devastadores que sacudiram seu corpo. Eu coloquei meus braços em volta dela, acariciando suavemente suas costas. "Eu sei que você fez tudo", eu disse depois que o choro terrível cessou. "Agora, por favor, deixe-me ajudar. Deixe-me fazer o que puder."

Por fim, enxugando os olhos, Agripina levantou-se, cansada. Ela pegou minha mão, levando-me aos aposentos pessoais de Germânico. O ar parecia apertado, as cortinas estavam fechadas, tochas tremeluziam assustadoramente nas paredes.

Meus olhos viajaram para um grande sofá onde ele estava apoiado em travesseiros. **Um arrepio** passou por mim. Embora mal tivesse se passado um mês desde o casamento, Germânico deve ter **perdido vinte quilos**. Seu rosto parecia uma cabeça de morte. Impulsivamente, caí de joelhos, enterrando minha cabeça no manto de pele que ele usava apesar do calor.

- Não esconda o seu rosto bonito - disse Germânico com uma voz cansada e esganiçada que eu não teria reconhecido.

"Sente-se à minha frente, onde eu possa ver você."

"Tio, vou ajudar a cuidar de você", prometi, sufocando minhas lágrimas. "Vou trazer comida todos os dias, coisas que eu mesmo preparo. **Pilatos** diz que sou uma ótima cozinheira. Em pouco tempo teremos você melhor."

"Minha querida menina, não há nada que você ou qualquer pessoa possa fazer por mim. O **Cheiro da Morte** está nesta casa. Fica mais forte a cada dia."

"Isso é um absurdo", disse Agripina, agarrando a mão dele e segurando-a na dela. "Quantas vezes devo dizer a você, não há cheiro."

Cedo da manhã seguinte, Rachel e Eu partimos com cinco ninhas cheias de Flores e Frutas, Frango úmida e Cabrito assado que eu havia preparado com minhas próprias mãos. No caminho, parei no **Templo de Ísis**. Desta vez, não tive dificuldade em ver o **mistagogo**. Na verdade, ele veio pessoalmente ao átrio onde eu esperava, cumprimentando-me com um sorriso interrogativo. "**Então você voltou para nós.**"

"Sim." Eu balancei a cabeça, pegando suas mãos estendidas. "E mais uma vez vim pedir um favor. É algo altamente confidencial."

"Sério? E eu pensei que você tinha vindo para receber **Instrução Religiosa.**"

Eu lancei um olhar para ele; ele estava rindo de mim? "Não agora, pelo menos não desta vez", eu disse, seguindo-o até seu **Consultório**.

"Preciso de **Incenso Especial**, algo para limpar o ar imediatamente, algo que remova o mal."

"**Não para a sua casa**, certo?" ele perguntou, suas sobrancelhas sedosas levantadas. "Não, para um amigo querido. Ele não tem estado bem ultimamente e ele..."

"Acredita que está **amaldiçoado**", concluiu o **mistagogo** por mim.

Hesitei, escolhendo minhas palavras com cuidado. "Algo assim. Claro" assegurei a ele e talvez a mim mesmo, "é apenas sua doença que cria essas fantasias."

"**Elas não são fantasias. O Dominus Germanicus** foi Amaldiçoado."

Eu recuei, chocada. "Você sabe!"

"Por semanas, houve sussurros. Agora as pessoas falam abertamente."

"Supondo que o que você diz seja verdade, você pode nos ajudar?"

Olhei para as paredes atrás dele, Prateleiras do chão ao Teto cheias de Garrafas e Potes.

"Posso lhe **dar algo para deixá-lo mais confortável**, talvez sementes de papoula moídas no mel." "Certamente você pode fazer mais do que isso. Por favor", eu insisti, "qualquer coisa."

"Seu destino está nas mãos da deusa."

"Deve haver algo..." Procurei no rosto do **mistagogo** um sinal de encorajamento, porém fraco.

Ele fez uma pausa, considerando. "A **deusa parece favorecer você**, apesar de sua negligência." Eu corei. "Eu deveria ter voltado semanas atrás, mas seu **charme de amor** -"

O **mistagogo** me observava, eu o senti totalizando o custo do meu vestido, minhas jóias. "**Obviamente conseguiu**", ele terminou para mim.

"**Oh sim!** Muito bem mesmo. Eu não posso agradecer o suficiente. Seu charme - a **graça da deusa** - mudou minha vida, mudou completamente. Eu tenho estado muito ocupada. Aprender a ser uma esposa tomou todo o meu tempo."

"Mas tem mais..."

Eu olhei para baixo, me sentindo culpada. "Meu marido não entende de **Ísis**.

A ideia de que eu deveria buscar algo mais, algo fora de casa o incomoda.

Eu amo meu marido, quero agradá-lo em todos os sentidos."

Obriguei-me a encontrar os olhos do **mistagogo**. "**O amor é tudo - não é?**"

"Há muitos que pensam assim, por um tempo."

"Será sempre assim para nós", assegurei-lhe.

- Mas agora existe o **Dominus Germanicus**. Deseja um remédio para ele?

Ocorreu-me que você poderia demonstrar sua sinceridade à deusa com um presente.

"Um presente? Claro, qualquer coisa. O que devo dar?" "**O Celibato é o costume de uma mulher que pede uma bênção.**"

Eu me senti coranda. "Estamos casados há apenas algumas semanas... **Celibato** há quanto tempo?" O **mistagogo** sorriu. "Apenas **enquanto durar a doença** de Dominus Germanicus." "Apenas! Quem sabe quanto tempo isso vai demorar."

"Você disse que seu tio está muito doente... talvez morrendo?"

"Sim", eu sussurrei. "Você está certo, é um pequeno preço a pagar."

Mas e quanto a Pilatos?

Agrippina e Eu vimos que cada sala fosse esfregadas, em seguida, cheia de Flores Perfumadas. O incenso forte, mas agradável, preparado pelo **mistagogo**, espalhou-se por toda a casa, mas Germânico insistiu que o **cheiro da morte** permeava tudo.

Rejeitei sua reclamação, mas conforme os dias passavam e eu chegava todas as manhãs com flores frescas e mais incenso, um odor estranho e indefinível tornou-se aparente. O cheiro era vagamente doce, mas cada vez mais desagradável.

Hesitei em mencionar isso a **Agripina**, que parecia mais assustada a cada dia que passava. Então cheguei a manhã em que a própria tia tocou no assunto.

"Eu notei um cheiro ruim por dias, mas não queria admitir."

"Certamente há uma causa natural", insisti.

"Certamente", Agripina repetiu fracamente.

Mas estava lá?

"Eu me sinto tão desesperada", admiti para minha mãe no final da tarde, enquanto bebíamos Suco de Uva gelado em sua varanda. "Nada do que fazemos ajuda. Estou com medo e não posso falar com **Pilatos**. Ele está tão distante..."

"Distante?" Ela olhou para cima, carrancuda. "Por que ele deveria estar distante?"

Certamente ele está preocupado com Germânico? "

"Muito preocupado. Germânico é um Amigo além de seu Patrono. É só que..."

Minha voz falhou fora. Eu sabia que não devia discutir minha barganha com **Ísis**. Mamãe nunca entenderia, mas talvez... Respirei fundo.

"Sei o que você acha de Agripina, mas se a visse ...

Ela adora Germânico e agora ele ... ele está morrendo diante dos olhos dela."

Os lábios da mãe se contraíram. "Não me envolva, **Claudia**. Agripina gosta de fazer as coisas à sua maneira." "Ela está diferente agora. Você mal a conheceria. Suponha que fosse **Tata**. Faça isso a tragédia não vai além das diferenças do passado?"

A mãe baixou os olhos como se considerasse a profundidade de sua taça.

"Sim, suponho que sim", disse ela por fim, colocando o copo de lado.

"Claro que sim."

Nós marcharemos os escravos, a esfrega começo de novo.

Desta vez, a mãe notou um **ladrilho solto no chão** do quarto de Germânico. Levantando-o, ela descobriu o **cadáver** em decomposição de um bebê. "**Ugh!**" ela gritou. Os escravos recuaram com nojo. Recuperando-se, mamãe pegou o **bebê morto** e o entregou ao escravo mais próximo. "**Queime** esta pobre criatura, **queime-a imediatamente** - fora do prédio. Então procure em todos os cômodos da **villa**."

Quase imediatamente, **outros objetos macabros** apareceram sob o piso ou em nichos arrancados das paredes atrás de cortinas. Eu mesmo encontrei o **cadáver** de um **gato preto** com asas rudimentares crescendo nas costas. Ao lado, havia um cordão torcido segurando uma **placa** de chumbo com a inscrição do nome de **Germânico**. Eu gritei, dominada por tanto horror. Então, lentamente, a compreensão veio a mim.

Não importa o quão hediondos esses objetos horríveis fossem, eles eram reais.

Correndo para o sofá de Germânico, peguei sua mão na minha. "**A busca acabou**", assegurei-lhe. "Você estava certo o tempo todo. Cobrimos cada centímetro da casa. Nenhuma dessas coisas horríveis sobrou. Eles todos foram removidos e queimados. O cheiro vai embora agora."

"Eu também acredito." Ele assentiu. - Pelo menos agora sei que o **cheiro é real** e não apenas uma invenção miserável da minha imaginação.

É Piso. Não sei como ele fez isso, mas ele é o responsável.

Agripina concordou. - Já era hora de você admitir! Sempre suspeitei dele e agora os escravos dele vêm três vezes ao dia para perguntar sobre sua saúde.

Rá! Claro que **ele é o culpado**, ele e Plancina e aquela bruxa amiga dela, Martina."

Germânico sorriu para nós. "Vai ser preciso mais do que uma bruxa para levar o melhor de vocês dois."

Eu o deixei apoiado em seu sofá cercado por pergaminhos, relatórios e petições que ele estava fraco demais para fazer antes.

"Germânico está melhor, ele está muito melhor" Eu contei a **Pilatos** isso a noite enquanto nos acomodávamos em nosso sofá de jantar. "Agripina e eu notamos uma melhora em sua cor e, pouco antes de eu sair, ele disse que estava cansado de caldo e queria carne."

"Estou sinceramente feliz em ouvir isso." Pilatos se mexeu para me encarar.

"Fico feliz por mim e também por ele. Parece que **Ísis** ouviu suas Orações e reconheceu seu Sacrifício - para não mencionar o meu. Certamente esta noite..."

Ele acariciou minha bochecha levemente.

Eu balancei minha cabeça, sorrindo tristemente. - Meu querido, Germânico ainda está muito doente, perigosamente. Seria prematuro presumir que ele está fora de perigo.

Pilatos levantou-se abruptamente. "Você percebe que já se passaram **dez noites**."

"Claro que percebi. Eu também tenho contado." Levantei-me e fiquei diante dele, meus olhos implorando.

Pilatos colocou as mãos levemente, mas com firmeza em meus ombros.

- **Minha cara Cláudia**, você deve saber que o que fazemos ou deixamos de fazer não tem nada a ver com a recuperação de Germânico.

- Como podemos ter certeza disso? Se ele morrer e eu não tiver feito tudo o que a deusa me pede, não poderia viver comigo mesma.

Além disso, **Germânico é seu patrono**, ele não merece a sua lealdade?

Pilatos enrijeceu, seus braços caíram ao lado do corpo. "Você está me acusando de deslealdade? Eu faria qualquer coisa que o homem desejasse, mas sua **obsessão** por **Ísis** é algo completamente diferente. É impróprio, não romano.

Quem adora **Ísis** senão um bando de estrangeiros dementes?"

"Estrangeiros, sim, mas **difícilmente dementes**", corrigi, lutando para manter a voz baixa.

Ele não se acalmou. "Minha mãe - e todas as outras mulheres romanas que conheci - ficava satisfeita em adorar **Juno**. A homenagem a essa deusa nunca envolveria nada **contrário aos desejos** de um marido."

"Não, suponho que não", concordei, "mas tenho uma **dívida maior** com **Ísis** do que você jamais poderia imaginar. Por favor, seja paciente comigo só mais um pouco."

"Não muito mais, Claudia." Ele se virou e pegou a capa que tinha jogado casualmente sobre uma cadeira.

"E quanto ao javali - é o seu favorito?" Coloquei minha mão suavemente em seu braço. "Você tem difícilmente tocado em alguma coisa. "

"**Ofereça a Ísis**. Vou jantar esta noite com companheiros mais animados."

Germânico não está melhor, embora todos nós fingíssemos o contrário, o **cheiro estava de volta**. Os escravos descobriram penas de galos, depois ossos humanos.

Certa manhã, quando cheguei, percebi que, apesar do clima quente de verão, a casa estava **inexplicavelmente fria**. Germânico, cansado da escuridão do quarto, da fileira de bacias e remédios ao lado, obrigou-se a levantar-se da cama e caminhar sem ajuda até o átrio. Seguindo atrás dele, eu engasguei de horror.

Acima de nós estava seu **nome rabiscado** no alto da parede, cada letra de cabeça para baixo. Liguei para a família. Ninguém tinha ideia de como as palavras,

Germânico Claudius Nero, chegaram lá. Esfregando muito, os escravos os removeram apenas para que a inscrição reaparecesse na manhã seguinte. Desta vez, faltou a última letra, **o** em Nero.

Agripina havia insistido que Germânico enviasse uma mensagem a Pisão ordenando-o a sair da província. O governador saiu com relutância. Agora, ele teria sido ancorado perto da ilha vizinha de **Quios**. "Ele está esperando notícias da minha morte", disse Germânico quando cheguei certa manhã. "Ele pretende voltar então, como um abutre."

"Então ele vai esperar para sempre", assegurei-lhe, sentando-me ao lado da cama.

Um escravo tirou uma toalha molhada da testa de Germânico e limpou suavemente a saliva seca dos lábios brancos. Pressionei meu rosto contra o buquê de rosas vermelhas que trouxera do meu jardim e respirei fundo. Eu estava um pouco **doente** em acordar; agora o cheiro, que nenhuma quantidade de esfregar ou incenso poderia erradicar, era ainda mais penetrante. Esperando que um pouco de água ajudasse, me levantei.

Por um momento, fiquei olhando sem firmeza para o chão. A tontura tomou conta de mim em ondas, trazendo com ela a sensação de estar no meio de uma esfera rodopiante onde pisos e paredes não existiam mais.

"Tem algum problema, Claudia?" Perguntou Germânico. "Você está pálida." Tentei me orientar. "Nada está errado."

Com muito cuidado, pois meus braços não pareciam mais fazer parte de mim, coloquei o buquê ao lado dele. Germânico estendeu a mão magra e ossuda de debaixo da colcha com borlas e agarrou meu pulso. Poucos dias antes, eu havia encontrado o esqueleto de uma mão enterrado sob a almofada do sofá em sua sala de estar.

Agora, com um distanciamento atordoado, percebi a semelhança.

"Claudia." Ele olhou para mim, seus olhos castanhos estreitos, procurando.

"Você não está - doente também?"

As palavras saíram com uma relutância lenta e forçada.

Tentei um sorriso tranquilizador, mas naquele momento a náusea começou a aumentar. Então, antes que pudesse alcançar a porta, comecei a vomitar.

CAPÍTULO 13 - E uma Bênção...

Cobras Voadoras acima da minha cabeça. Fechei meus olhos pesados e os abri. Lentamente, o movimento giratório cessou. As serpentes permaneceram. Um elegante padrão estilizado, dourado e verde, ondulava no teto de mármore.

Deitei em um sofá, almofadas de cetim vermelho embaixo de mim.

Onde eu estava? Em algum lugar as pessoas falavam em vozes abafadas e assustadas. À medida que as palavras ficavam mais claras, percebi que falavam de mim. Germânico, fraco e atormentado: "A culpa é minha. Jamais me perdoarei..."

Agripina: "Querido, a culpa não é sua. **Cláudia** queria vir."

Mãe soluçando: "Sim... ela... ela fez. Minha pobre filha queria ajudar.

Agora ela pegou a - **a maldição.**"

Pegou a Maldição! A sala girou, minha cabeça doía de onde eu bati quando caí.

O que estava acontecendo comigo? Aterrorizada, sentei-me.

Mamãe, ao meu lado em um instante, murmurou: "**Claudia**, querida, você está bem?" Eu agarrei sua mão. "**Eu quero ver Pilatos.**"

"Se me permite..." **Petronius**, o médico pessoal de **Germanicus**, entrou na sala com Rachel. Soltei um suspiro de alívio quando o homem alto de cabelos grisalhos se aproximou do sofá onde eu estava deitado.

"Sua escrava me disse que você desmaiou. Isso já aconteceu antes?"

"Não nunca." Fiquei envergonhada com o tremor em minha voz. Com a ajuda do médico e de Rachel, fui até uma sala adjacente, onde me acomodaram em outro sofá. **Petronius** puxou uma pequena cadeira e sentou-se ao meu lado.

"Você sente náusea apenas nesta casa?"

Fiz uma pausa, considerando. "Às vezes em outros lugares... O vinho da noite passada foi forte. Não importa quanta água eu adicionasse, o gosto era ruim."

Obriguei-me a perguntar: "Poderia ter sido envenenado?"

Os olhos de pálpebras pesadas do médico me observaram atentamente.

"Seu marido bebeu?"

Eu ri nervosamente. "Na verdade ele fez, um pouco. Ele teve uma dor de cabeça esta manhã, mas estava bem fora disso." A risada desapareceu enquanto eu procurava no rosto de **Petronius**. "Você acredita como eles que eu tenha sido amaldiçoada?"

O médico suspirou cansado. "Vou ser sincero. Nesta casa tudo é possível."

Pegando minha mão, ele reorganizou seu rosto cansado em um sorriso.

"Quanto tempo se passou desde o seu último sangramento?"

Galinha Eu voltando para Sala de Ermanucus e Walked UNASSISTED, sentindo o sorriso bobo no meu rosto. "Não é uma Maldição, mas uma Bênção! **Vou ter um filho!**"

Mãe e Agripina se entreolharam. Mãe balançou a cabeça.

"Qual é o problema conosco! A náusea, o desmaio..."

Virando-me no meio de um abraço triplo com mamãe e Agripina, vi **Pilatos** emoldurado pela arcada observando. Me desligando, **corri para seus braços.**

"O que está acontecendo aqui?" ele perguntou. - Aparentemente, boas notícias. Espero que signifique que você está melhor, senhor.

Pilatos olhou interrogativamente para seu patrono.

Germânico sorriu abertamente. "**Posso dar os meus parabéns?**"

Pilatos, com um braço apertado em volta de mim, colocou seu capacete emplumado sobre a mesa. Seus olhos azuis estavam pensativos enquanto observavam o procônsul.

"Parabéns?"

Fui promovido?"

"Algo melhor, eu confio. Mas devo dizer que aquela sua **querida menina** nos deu um susto, desmaiando no caminho ela fez."

"Desmaiando! Claudia desmaiou?" Pilatos olhou para mim. "Você está bem?"

"Mais do que tudo bem", assegurei-lhe.

"Mas você pode imaginar - eu realmente pensei que estava amaldiçoada."

Os olhos de Pilatos se estreitaram quando ele viu os bancos de flores, o incenso fluando em cada nicho. Suas narinas comprimiram ligeiramente enquanto ele inspirava.

"Por que você achou isso?" ele perguntou baixinho.

"Eu estava mal - assustado - mas **Petronius** acabou de me examinar e parece que eu - nós - **vamos ter um Bebê.**"

Pilatos sorriu feliz, mas então, tão rapidamente, sua expressão endureceu. Um calafrio tomou conta de mim. o que foi o problema?

"Você está feliz, não é?" Eu perguntei, olhando para ele.

"Muito feliz", ele me assegurou, acariciando minhas costas de leve, "mas também preocupado." Voltou-se para Germânico: "Você sabe que minha Lealdade é sempre para com você, mas não posso permitir que minha esposa permaneça nesta casa.

Ela não deve voltar até que você esteja totalmente recuperado.

Espero que isso aconteça em breve".

"Pilatos, não!" Eu exclamei em surpresa chocada. "Estou bem agora e Petronius diz que meus sintomas são bastante comum. "

- Silêncio! Você ouviu seu marido - admoestou Germânico.

"Eu entendo perfeitamente."

Ele se virou para Pilatos. - Leve Claudia para casa imediatamente. Eu insisto, mas prometa me manter informado de seu progresso.

Vai aliviar meu... estarei ansioso para saber como ela está.

"Com prazer, senhor." Pilatos pegou seu capacete, meio me arrastando em direção à porta. Na soleira, me virei e olhei para trás. Agripina sentou-se ao lado de Germânico, segurando sua mão, mas seus olhos nos seguiram, um sorriso melancólico nos lábios carnudos.

Na manhã seguinte, o **Capitão** de um Grande Navio Comerciante chegou com um **pergaminho de Marcella**. Obviamente, um homem tão importante não teria trazido a mensagem pessoalmente se não estivesse em busca de notícias pessoais sobre o progresso de Germânico. Ele queria focar. Era difícil cumprir os movimentos da Civilidade, sentar-se com ele tomando vinho e bolos de tâmaras, enquanto meus dedos coçavam para desenrolar o pergaminho. Felizmente, Pilatos se juntou a nós e eu consegui escapar.

"**De Marcella da Casa de Vesta**", o bilhete começava de maneira formal, como se eu não a reconhecesse em parte alguma. Alisando o pergaminho, notei menos dos traços e exclamações familiares. O motivo de sua restrição logo ficou claro. A notícia da **doença de Germânico** se espalhou por Roma, onde a vida pública paralisou enquanto as pessoas aguardavam mais boletins.

Recentemente, um boato surgiu misteriosamente.

"É verdade que Germânico se recuperou?" Marcella perguntou.

Ela descreveu como centenas de celebrantes correram para o palácio carregando tochas, acordando **Tibério** com o canto alegre: "Tudo está bem novamente em Roma. Tudo está bem novamente em casa. Aqui está o fim da dor, **Germânico está bem novamente.**"

A carta escrita às pressas de Marcella acabou aí. Isso me preocupou.

Como Tibério reagiu a uma demonstração pública tão extravagante de afeto por

Germânico? O contraste entre os dois homens era cruelmente óbvio.

Tibério era um orador indiferente, Germânico brilhante. As realizações militares do Imperador foram insignificantes, **Germânico é mundialmente famoso**.

Mais devastador, Tibério foi odiado e desconfiado desde o início, enquanto todos adoravam Germânico. Agripina, a neta de Augusto, e Germânico, seu sobrinho-neto, eram Herdeiros de Sangue ao Trono. Tibério, enteado de Augusto, assumira as rédeas Imperiais quando Germânico ainda era um menino. A maior parte do mundo acreditava que Roma estava apenas sendo mantida em custódia pelo Herdeiro Legítimo.

Pela primeira vez, pensei além da perda pessoal de meu amado tio. O futuro da **Tata** e, em menor grau, o de **Pilatos** foram alinhados ao procônsul.

O que aconteceria a eles se Germânico morresse?

Enviei a Raquel para a Casa do Tio todas as manhãs,, ela pegou flores do nosso jardim e refeições que eu mesma preparei. Julia e Druscilla voltaram do verão com os primos em **Éfeso**. Eram enfermeiras carinhosas e solícitas, mas nada do que alguém fez ajudou. Apesar do esfregar vigoroso dos escravos, Germânico acordava todas as manhãs para descobrir que seu nome fora reescrito na parede, sempre com uma letra adicional cortada.

A cada dia que passava, **Germânico ficava mais fraco**. Quando chegou a manhã em que restava apenas **uma carta**, familiares e amigos foram convocados. Enquanto Pilatos se preparava para partir, implorei que fosse até ele. **Ele a proibiu**.

"**Pelas bolas de Júpiter!** O que você está pensando? Sua própria mãe encontrou um bebê morto naquela casa maldita."

"Não corro perigo, nada disso tem a ver comigo", raciocinei.

"Eu deveria ter percebido que estava grávida, mas minha mente estava no Tio Germânico. Eu não pensei."

"Não, você não pensou." Eu olhei para cima, assustado.

A voz de Pilatos se suavizou. "Você não está pensando agora. Como você se sentiria se nosso filho fosse marcado de alguma forma por este mal?"

Olhei para ele chocada, minha mão involuntariamente indo para o **sistro** em minha garganta. Eu balancei a cabeça em concordância, me virando.

A noite como Eu assisti os últimos raio de Sol no Rio, **Pilatos** carrancudo sentou-se ao meu lado no jardim. "**Ele está morto, não está?**" Eu sussurrei.

Pilatos segurou minha mão, segurando-a com as suas.

"**Germânico foi corajoso até o fim**. Até Oficiais experientes choraram."

A voz do meu marido estava rouca. "Ele tinha uma palavra gentil para cada um de nós e uma mensagem para você." Eu esperei em silêncio.

"**Ele mandou lembranças** e lhe desejou muitas alegrias nesta vida. Disse que esperava que você fosse uma **Esposa tão Boa** quanto sua mãe é para **Marcus**, e Agripina tem sido para ele." Pilatos franziu a testa.

"Havia algo mais, palavras que eu não entendi. Ele estava muito fraco."

Lutei para conter as lágrimas. "Conte-me."

"Foi confuso, algo sobre um sonho. Ele se lembrou do **seu sonho** de muito tempo atrás - algo sobre um **lobo**. Ele se arrependeu de não levar isso mais a sério. 'A profecia está clara agora', disse ele." Pilatos balançou a cabeça.

"Certamente o delírio de um homem moribundo."

"Certamente," eu concordei, olhos baixos. "Ele disse mais alguma coisa?"

"Ele nos encarregou de vingar sua morte. 'Diga a Tibério que **Piso e Plancina** são os responsáveis', disse ele.

'Diga ao povo de Roma que confio minha esposa e filhos a eles.'

Então ele estendeu a mão e pegou a mão de Agripina. "

A voz de Pilatos falhou. Depois de um tempo, ele continuou: "**Estava acabado.**"
"Eu deveria ter estado lá", eu engasguei, não sendo mais capaz e conter meus soluços. Silenciosamente, Pilatos me puxou para ele, mas eu me segurei com firmeza.

Todo o Mundo Civilizados viu **Germânico** como um **Justo e Tolerante Homem**, um **Arauto de Paz e Pprosperidade**. Relembrando nossa Viagem de Inspeção de dois anos aos Reinos Clientes, vi novamente as multidões ansiosas, milhares de homens, mulheres e crianças, aplaudindo seus corações. Lembrei-me de **malmequeres** esvoaçando como neve dourada nos telhados, mulheres que haviam passado pelos guardas querendo apenas tocar a bainha da toga de Germânico. O **Carisma do Procônsul** havia imbuído a todos de confiança, pois certamente o que era bom para Roma era bom para o Mundo.

Agora o mundo estava mergulhado no luto. As pessoas apedrejaram templos e jogaram seus deuses domésticos na rua; até os **bárbaros pararam de lutar** uns contra os outros e **pediram paz** como se estivessem sofrendo de uma terrível tragédia doméstica.

O **Corpo Embalsamado** de Germânico ficou no estado por quase um mês.

Não me surpreendeu que Ministros de lugares tão distantes como a Espanha, a Gália e o Norte da África viessem prestar homenagem. O funeral em si foi esplêndido.

Milhares de enlutados passaram pelos portões de **Antioquia** carregando Buquês de Flores brilhantes. O sol forte cintilava nos edifícios de mármore do enorme fórum.

A armadura e as joias dos enlutados que passaram pelo esquife, um por um, resplandeceram no brilho. Quando nossa família se juntou a Agripina e seus filhos sob um dossel roxo, um oficial apareceu de repente e sussurrou no ouvido de **Tata**.

Percebi uma expressão de preocupação no rosto do meu pai antes que ele pedisse licença e saísse correndo. **E agora?** Eu me perguntei.

Músicos tocaram. Eles estavam, eu esperava, ajudando a preparar o espírito de Germânico para sua jornada para a vida após a morte. Um potentado após o outro se ajoelhou diante da pira e se ergueu para **Elogiar o Líder Caído**.

Julia e Druscilla soluçaram; Agripina mordeu os lábios; Druso e Nero estavam mortalmente brancos, suas mãos fechadas em punhos ao lado do corpo; **Calígula** ficou sentado em silêncio, absorto em seus próprios pensamentos.

Finalmente as orações chegaram ao fim. Ladeada por uma guarda de honra, Agripina se levantou e caminhou lentamente até o esquife. Gentilmente, suas mãos passaram pelo rosto do marido pela última vez. Os dedos dela separaram os lábios dele. Observei enquanto ela colocava uma pequena moeda de ouro sob sua língua. Germânico precisaria dele para **pagar o Barqueiro** que o levaria para o outro lado do **rio Styx**.

Agripina recuou enquanto **Sentius**, o Governador recém-nomeado, acendia o esquife. Eu recuei, apesar de tudo, quando as chamas dispararam seis metros no ar.

Tambores tocaram e trombetas soaram enquanto os filhos de Germânico avançavam para a pira em chamas. Cada um jogou generosos presentes de comida e roupas no fogo.

O **espírito que partiu** pode precisar deles em sua nova vida. Quem sabia?

Quando o fogo morresse, vinho seria derramado sobre ele. Eventualmente, as cinzas seriam recolhidas e colocadas em uma urna. Eu não aguentava mais assistir.

"**Germânico era como Alexandre**", disse-me Pilatos. "Ambos foram Grandes Líderes com Promessas ainda maiores, ambos morreram muito jovens, vítimas de traição em terras estrangeiras."

Olhei para a multidão reunida, muitos chorando abertamente. "Se ao menos ele tivesse agido contra Piso no início. Uma amiga da mãe escreveu de **Chios** dizendo que **Piso** ofereceu sacrifícios de agradecimento quando soube da morte de Germânico.

E Plancina! - ela jogou fora o luto que estava usando por sua irmã e colocou um **vestido vermelho**. Você pode imaginar? "É pior do que isso."

Assustada, olhei para cima e vi **Tata**. Ele abriu caminho através da multidão e agora estava ao nosso lado. "**Piso** escreveu a Tibério afirmando que **Germânico** era o **verdadeiro**

traidor." Dando um tapinha no ombro de Pilatos, ele continuou: "Há mais notícias ruins. Piso está montando uma ofensiva. Ele pretende invadir a Síria. Prepare-se para uma luta."

CAPÍTULO 14 - Todas as Estradas para Roma

Um as semanas se passaram, mamãe e Agripina mudaram diante dos meus olhos. Quem eram essas **mulheres estranhas** que quase não tinham nenhuma semelhança com elas mesmas? Agripina, uma **sombra pálida**, ficou calada, perdida em pensamentos. Mamãe corria aqui e ali com travesseiros, compressas e tinturas, sempre tentando antecipar **a menor necessidade** ou capricho da viúva. Claramente, a enormidade da perda de Agripina erradicou desfeitas passadas, reais e imaginárias.

Mamãe pegou uma alcova raramente usada nos apartamentos de Agripina e a transformou em um **textrinum**, ou **Sala de Tecelagem**. Um tear foi trazido - duvido que Agripina já tenha passado muito tempo com um. Agora ela parecia aceitar a ideia.

A Tecelagem ocuparia suas mãos, senão sua mente.

Com **Pilatos** e **Tata** em guerra com **Piso**, todos precisávamos de um projeto para nos manter ocupados. Foi decidido que trabalharíamos juntos em uma **cena clássica da Eneida**. Escravos ocupados trabalharam cardando a lã para nós. Toda aquela penugem fez todo mundo espirrar, mas logo eles tinham o quarto varrido e pronto para nós.

O sol brilhou alegremente através das grandes janelas quando nos sentamos para fiar a lã.

Quando mamãe começou um esboço preliminar, sugeri: "Por que não o reencontro de **Enéias** com seu pai no Mundo Inferior?"

Druscilla achou uma ideia esplêndida. Ela e Julia vieram todos os dias durante quase uma semana.

Fizemos grande parte da lã em fios prateados que forneceriam o fundo enevoadado da tecelagem e prendemos essa teia ao tear, pesando-a na parte inferior. Enquanto nós tecíamos a trama, atando-a em meadas, o entusiasmo de Druscilla e Salia diminuiu.

Mesmo para as meninas de luto, o outono traz muitas atrações.

A mãe mostrou a Agripina como dar um nó na primeira corda superior da tecelagem, dobrando habilmente o fio da trama para formar uma laçada e depois puxando um par de fios de urdidura através dessa laçada. Agripina era surpreendentemente boa nisso.

Ela trabalhou em silêncio por um tempo, com o rosto impassível, enquanto mamãe e eu começamos a trabalhar em outras seções do projeto. "Eu sei que é improvável."

Agripina falou por fim, sem se dirigir a ninguém em particular. "Você vai pensar que eu estou me agarrando a palhas. "

"Minha querida, o que é?" Mãe perguntou gentilmente, descansando sua lançadeira.

Os olhos arregalados de Agripina cravaram-se nela com uma intensidade incomum. "É possível - será que realmente estamos reunidos com nossos entes queridos em algum **lugar além deste mundo?**"

Mamãe fez uma pausa, seus próprios olhos ficaram pensativos. "Através de todos os anos, através de todas as muitas batalhas de Marcus, eu rezei para que fosse assim."

"Eu sei que é assim," interrompi. "**Ísis** prometeu."

"Não Isis de novo", mamãe me repreendeu.

"**Ísis promete Vida Eterna?**" Agripina me observou com curiosidade. "Ela quer, e eu acredito nela."

"Você está muito segura de si para alguém tão jovem - talvez porque você seja tão jovem."

Mãe sorriu ironicamente. "Foi isso que pensei anos atrás, quando **Claudia** começou a fazer perguntas. 'Em que você acredita?' 'Por que você adora Juno?' "Ela balançou a cabeça. "Esses pensamentos nunca me ocorreram quando eu era uma menina, mas então" - ela me

olhou afetuosamente - "**Claudia sempre foi diferente**. Eu prestei pouca atenção no que eu pensava que **fossem suas fantasias** ociosas. A próxima coisa que eu soube ela tinha ido na calada da noite para algum templo estranho - "

"Não!" Agripina, ocupada em dar o nó da trama, ergueu os olhos espantada.

"Isso foi só o começo, minha querida. A garota impetuosa arriscou a vida para se juntar a um **Culto Egípcio**."

"Um culto egípcio! Ugh! Eu não fazia ideia! **Você nunca me contou**."

Mãe estava dando nós da esquerda para a direita, empurrando seu trabalho para cima para que avançasse para cobrir a urdidura, apertando os fios a cada volta para manter uma trama uniforme. "Não é o tipo de coisa que alguém fala até mesmo para a família.

Marcus estava furioso. De todos os deuses estrangeiros, teria que ser **Ísis**."

Ela ergueu os olhos do trabalho. "Você sabe - toda aquela tragédia de **Cleópatra**."

Agripina assentiu. "Germânico ressentia-se dela terrivelmente. Ele adorava a avó e falava muitas vezes da dor que **Antonius** lhe causava - sem falar da desgraça."

Ela pegou os fios novamente, tocando-os distraidamente. Seus olhos se voltaram para mim. "O que **seu marido acha** de sua **devoção a Ísis**?"

"Ele costumava dizer que nada debaixo do sol o surpreendia, que a vida era cheia de coisas inexplicáveis que desafiavam a lógica." Fiz uma pausa incerta. "O que eu disse o diverti. Duvido que ele tenha levado muito a sério. Não acho que ele me levou muito a sério."

"Todo jovem casal passa por ajustes", garantiu Agripina.

"**Você fez?**" Eu perguntei, duvidando disso.

Agripina ficou sentada por um tempo, os olhos pensativos. "**Não muitos**", ela admitiu por fim. "Nossas famílias eram muito alinhadas. Eu era neta de Augusto, Germânico, neto de sua irmã. Acho que nos amávamos desde crianças. Além disso, fomos criados pensando no futuro de Roma. Era um dado adquirido que Germânico e eu me casaria "- sua voz foi se transformando em quase um sussurro -" e, **eventualmente, Governaria**."

Grandes esperanças frustradas para sempre. Por um momento pensei que ela fosse chorar. A mãe mudou rapidamente de assunto. "Seu pai e eu tivemos nossa cota de problemas. Ele poderia ter se casado com qualquer quantidade de filhas do exército mais adequadas para a Vida Militar do que eu, mas então..." Ela ergueu um novo novelo de lã, amarrando-o ao antigo e em seguida, torcendo o nó para dentro.

"Eu tive minha cota de pretendentes bem colocados. Meu pai favoreceu um jovem Senador - certamente você se lembra dele, Agripina - mas eu não quis ouvir falar disso.

Era Marcus ou ninguém. Ele precisa de mim", ela refletiu, "apenas para suavizar suas arestas." Ela pegou um novelo de lã escarlata reservado para o manto de **Aeneas** e o estudou distraidamente. "Você e Pilatos também são bem diferentes. Talvez seja sua **'estranheza'** o que mais o atrai. Você é adorável - Agripina concordará, é mais do que um orgulho de mãe - mas todos sabemos que **Pilatos** teve sua escolha de belezas.

Ele queria algo mais e conseguiu. Tenho certeza de que ele acha vocês **fascinantes e frustrantes**. Vai dar certo.

"Ela hesitou por um momento me observando. "Você sente falta dele, não é?"

"Oh sim! Sim, claro!" Levantei os olhos do meu nó, surpresa com a pergunta.

"Sinto uma falta terrível dele. Esta guerra contra **Piso** durará para sempre."

"Quase um mês", minha mãe me lembrou gentilmente. "Você não tem ideia do que é uma **Separação Real**. Eu rezo para que você nunca tenha."

"É incrível que Piso tenha aguentado tanto tempo na Celícia", disse Agripina.

"Ele pode agradecer a seus mercenários por isso - o melhor que o dinheiro pode comprar." "Recebi uma mensagem de Marcus ontem", disse a mãe. "Ele não espera que o bloqueio dure muito mais tempo."

"Eu acendo velas para **Ísis** todas as noites e fico olhando para a chama," eu disse a eles. "Às vezes ela parece muito perto. Eu sei então que Pilatos e Tata estão seguros."

"Nunca pensei muito em deuses e deusas", disse Agripina. "Se eles eram 'reais' não importava. Bastava que fossem bonitos. Agora me pergunto... a vida é tão vazia sem Germânico. Tenho medo por nossos filhos."

"Ísis sabe o que significa perder um marido", garanti a ela. "Quando **Osiris** foi assassinado, **ela viajou o mundo** em busca de pedaços do corpo dele. Quando os recuperou, ela o **trouxe de volta à vida** e deu à luz um filho."

Agripina sorriu para mim. "Essa é uma história muito doce."

Mãe balançou a cabeça. "Mas pouco consolo nas circunstâncias."

Houve um silêncio desconfortável. Senti que havia sido despedido quando criança. Agripina ficou quieta pelo que pareceu um longo tempo, os olhos pousados na lançadeira em suas mãos. "Talvez seja", disse ela finalmente.

"O que você está pensando, tia?" Eu perguntei.

Agripina largou a lançadeira e olhou para mim, o velho fogo brilhando em meio à névoa de sua dor. "**Não posso devolver a vida a meu marido**, mas posso vingar sua morte em Roma. Posso ter certeza de que seu nome viverá. Não podemos conceber outro filho, mas posso proteger o legado daqueles que temos." Ela se levantou, jogando para trás sua juba fulva em um gesto que eu não via há meses.

Uma sensação de alívio tomou conta de mim. Tínhamos nossa **Agripina** de volta - pronta para bancar a **Heroína** uma vez Mais.

Mãe e Eu discutimos as comunicações da Guerra a cada noite, no jantar.

Ficamos muito orgulhosos de **Tata**, que teve destaque na maioria deles. **Sentius**, o Governador recém-nomeado, Senador com pouca experiência militar, confiava muito em meu pai. À medida que o cerco continuava, **Piso** permanecia nas muralhas de uma fortaleza à beira-mar oferecendo recompensas extravagantes a soldados individuais cujas habilidades ele cobiçava. Quando o Sargento de cor da sexta brigada desertou, **Tata** ordenou que barricadas fossem erguidas, escadas amarradas e montadas por tropas de elite.

Uma chuva de lanças, pedras e tições de fogo de seus motores de batalha forneceram cobertura enquanto trombetas estridentes abafavam as lisonjas de **Piso**.

Seu desafio desmoronou. Logo **Piso** implorou para permanecer na Fortaleza em troca de entregar suas armas. Ele esperaria lá, ele prometeu, até que o próprio **Tibério** decidisse quem **Governaria a Síria**. Quando **Sentius** negou os termos, meu pai invadiu o forte, **capturou Piso** e o mandou de volta a Roma sob guarda armada. Agora, estávamos certos de que **Tibério** faria com que o **vil assassino** recebesse o castigo que merecia.

Agripina não queria correr riscos. Apesar da aproximação ameaçadora do inverno, **ela também iria a Roma**, colocaria os fatos verdadeiros, com as **cinzas de Germânico**, aos pés de **Tibério** e do **Senado**. Eu esperava o anúncio, mas temia.

Era considerado certo que o Pai Comandaria sua Escolta Militar; e, claro, mamãe iria com ele. **Pilat** se ofereceu para acompanhá-los, mas meu pai proibiu.

"**Sentius** precisa de você aqui para ajudar a manter a ordem", explicou ele. Soltei um **suspiro de gratidão** que esperava passar despercebido. O **Navio de Luto** já carregava não apenas meus pais e Agripina, mas também meus amigos mais próximos, Julia e Druscilla.

"Eu nunca achei que o dia chegaria quando eu não seria **Muito Feliz** com a perspectiva de Roma, "minha mãe admitiu para mim enquanto estávamos no cais.

Lutei com um sorriso. "Você **ficará feliz quando estiver lá**. Além disso, **Marcella** estará lá. Você poderá visitá-la com frequência."

Mãe acenou com a cabeça. "Será maravilhoso vê-la novamente depois de todos esses anos, mas querida - se eu pudesse estar em dois lugares. Eu quero tanto estar com você quando o **Bebê nascer** - apenas mais seis meses. Eu me lembro quão assustado você era quando criança... "

Minhas costas se endireitaram. "Agora sou uma mulher. **Ter filhos é meu dever.** Além disso, quero muito esse bebê. **Rezo a Ísis** por um menino. Isso vai agradar a Pilatos. Todos os homens querem filhos, não é?"

"Provavelmente, mas a **maioria se reconcilia rapidamente com as filhas.** Veja seu pai." Eu pensei em **Tata.** Seu amor sempre esteve lá, eu nunca duvidei disso.

"**Pilatos** é diferente, ele **espera um filho.** Eu sei disso. Não devo decepcioná-lo."

- Falhe! Minha querida, **Pilatos te adora.** Se essa criança não for um menino, haverá outras. Certamente não há problemas entre vocês dois? No último mês, desde seu retorno de **Celícia,** ele parecia muito feliz.

"Não, sem problemas." Eu hesitei. "Só espero que o **Bebê** nos aproxime ainda mais. As crianças sim isso, não é? "Você sabe disso."

"Claro que sim, mas **há mais no Casamento** do que filhos, não importa o quão verdadeiramente eles sejam amados. Eu balancei a cabeça, sem palavras.

Desde meu casamento, eu tinha passado a ver **Selene** como uma mulher, além de minha mãe, uma mulher muito feliz. Ela e o pai eram como duas peças interligadas de um quebra-cabeça.

Quando chegou o momento final de sua partida, todos nós nos esforçamos para ser estoicos. Nem mesmo meu pai, que ficou fora do alcance da voz enquanto eu me despedia de minha mãe, era muito bom nisso. Ele me abraçou por um longo tempo antes de advertir **Pilatos,** com a voz cada vez mais áspera: "**Cuide dessa garota.**"

Fiquei no cais, acenando muito depois de as **Velas Pretas** terem sumido de vista.

Pilatos se afastou para falar animadamente com **Sentius.** É assim que deve ser, eles têm assuntos importantes a discutir, lembrei-me, tentando ignorar uma leve **cãibra** na barriga.

O Inverno foi feroz. Poucos Navios colocaram nas **águas tormentosas,** semanas se passaram sem **nenhuma mensagem;** alguns, quando vieram, eram apenas duplicatas de outras. Ninguém poderia saber quais Navios conseguiriam atravessar as **águas turbulentas do inverno,** então os correspondentes não se arriscaram. **Pilatos** despachou um escravo para esperar diariamente no porto.

Finalmente, para meu grande alívio, o homem voltou sem fôlego com uma **Carta de Mamãe.** A viagem acabou, eles estavam vivos. Ela havia escrito de **Brundisium,** seu porto de desembarque:

*Nossa chegada foi comovente - nenhum dos remos rápidos habituais, escravos cantando, capatazes marchando para frente e para trás estalando seus chicotes. Nosso navio foi guiado silenciosamente com golpes lentos e medidos. **Agripina,** toda vestida de preto, um véu cobrindo os cabelos, foi a primeira a desembarcar - sozinha, de olhos baixos, carregando a Urna com as **Cinzas de Germânico** nos braços. Amigos íntimos e oficiais que haviam servido sob seu comando estavam entre a multidão que esperava aglomerando-se no cais, nas paredes e nos telhados. Homens, mulheres e crianças esperando no cais gritaram, suas vozes se misturando em um único gemido assustador.*

Alguns dias depois, fui confinada à cama. "**Complicações menores**", disse **Petronius.** "Nada para se preocupar", ouvi-o assegurar a Pilatos. Virando-me para um lado e para outro, lutando para escapar da dor, pensei em mamãe tão distante.

Como **Petronius,** Rachel era reconfortante, seus modos sempre alegres, mas às vezes eu via preocupação em seus olhos. Uma vez eu a ouvi repreendendo furiosamente **Psiquê** por fofocar com outra escrava sobre uma vizinha que havia morrido no parto. Eles pensaram que eu não tinha ouvido.

A **Carta seguinte** de minha mãe, tão vívida, foi um novo lembrete de como eu sentia falta dela. Rastreamento sua caligrafia no papiro, quase pude ver a progressão real para a

Calábria, Apúlia e, finalmente, Compania, onde milhares esperaram para prestar suas homenagens.

Dois batalhões Vestidos de Preto forneciam uma escolta, seus machados e hastes carregados invertidos, seus estandartes sem decoração. Os comandantes da companhia se revezavam carregando as cinzas enquanto a pobre Agripina caminhava todo o caminho, com os olhos secos, o rosto pálido, sem dizer uma palavra a ninguém. **Oh, Claudia**, se você pudesse ter visto. Em cada povoado sucessivo, os enlutados, alguns aldeões de centenas de quilômetros de distância, juntaram-se à procissão. Ombro a ombro com cavaleiros em túnicas **listradas de roxo**, eles ergueram altares fúnebres e ofereceram sacrifícios pela **Alma de seu Herói Morto**. Achei que meu coração fosse se partir.

Poucos dias depois, um **bilhete rápido** chegou de **Terracina**, onde Nero e Drusus, que serviam com suas unidades, se juntaram à mãe, junto com o irmão de Germânico, **Claudius**. O **Imperador e Livia** estavam visivelmente ausentes. "O que está acontecendo aqui?" Perguntou a mãe. "Eles consideram o **Luto** por baixo de sua dignidade ou temem que o olhar público detecte falta de sinceridade em seus rostos?"

Estão com medo de Agripina, com medo de todos nós."

Ansioso para discutir esse novo acontecimento com **Pilatos**, me levantei do sofá. Virando-me, vi uma mancha vermelha onde eu estava deitada e de repente, doentiamente, percebi uma umidade pegajosa entre minhas pernas. **Gritei por Rachel**, que por sua vez despachou outro escravo para fugir em busca de **Petronius**.

Deitada no sofá com os pés elevados, a espera pareceu uma eternidade.

Onde estava aquele médico? Por que ele não veio?

Os modos de **Petrônio**, quando ele finalmente chegou, foram calorosos, falsos, pensei. "O sangramento parou. Não há nada com que se preocupar", ele insistiu.

Petronius entregou a Rachel uma bolsa com sementes de papoula amassadas.

"Isso vai acalmar a **domina**. Misture com leite e mel", ele a orientou.

"Mais importante, a senhora **Claudia** deve permanecer na cama."

Seu jeito sorridente não fez nada para acalmar meus temores. Eu despachei Rachel imediatamente para o **Iseneum** com uma nota implorando ao **mistagogo** por uma poção. "**Querida Ísis**, por favor, não me abandone agora", eu orava repetidas vezes.

Nas duas semanas seguintes nunca deixei minha cama. Às vezes, Pilatos fazia suas refeições comigo, mas com mais frequência os negócios o levavam para outro lugar.

A sensação de solidão e perda era quase insuportável. Finalmente, em uma manhã chuvosa, nosso escravo chefe da casa voltou ofegante do cais. Ele tinha corrido todo o caminho. Braços tremendo de fraqueza, eu me levantei, as mãos tremendo enquanto desenrolava um pergaminho com o **selo real**. A letra trouxe um nó na garganta.

"Estamos **finalmente em Roma**, rodeados de amigos. Cada um tem uma **história** para contar, todas muito tristes." Lutei para decifrar o resto. As lágrimas haviam lavado partes da caligrafia ousada de Agripina. Meus próprios olhos ardiam enquanto eu reunia o relato do que se seguiu à eventual confirmação da morte de Germânico: "Altares destruídos... crianças recém-nascidas não reconhecidas... Dezembro sobre nós ... Saturnália... sem coração para comemorar."

No final, ela escreveu: "**É como se cada Família chorasse um Patriarca Amado**".

Uma **Carta** do meu pai descreveu o amanhecer desolado final, quando as cinzas de Germânico foram levadas para o **Mausoléu de Augusto**. As ruas estavam lotadas, o **Campo de Marte** em chamas com tochas. Apesar dos corpos compactados, o silêncio pairava como uma mortalha sobre a multidão. "Foi uma zombaria", escreveu ele. "Não apenas o **Imperador estava ausente**, mas ele **não havia feito** Preparativos oficiais. Nenhuma **Máscara de Família** foi carregada, **nenhuma Efégie de Germânico**.

Ninguém falava da **Plataforma de Oração**, nenhum **Hino Fúnebre Oficial** era cantado. Pessoas de todas as Classes Sociais, Soldados Uniformizados, Patrícios, Libertos, Oficiais e Escravos **uniam-se em Tristeza e Indignação** comuns.

"Nada nem ninguém pode **devolver Germânico** aos seus Amigos e ao seu País", concluiu **Tata**. "Na noite passada, ouvi um velho lojista resmungar enquanto fechava a porta: 'É como se alguém tivesse ouvido que o **Sol nunca mais brilharia**'."

Meus olhos se fecharam cansados enquanto eu deitava contra as almofadas de cetim do meu sofá. O pergaminho escorregou de minhas mãos; Eu estava cansada demais para recuperá-lo. Os sentimentos do comerciante desconhecido eram fáceis de entender.

As cólicas agonizantes que devastaram meu corpo acabaram, o sangramento que quase custou minha vida havia cessado, mas o filho que tanto desejava com tanta esperança e expectativa se perdeu para sempre. **Eu tinha abortado.**

CAPÍTULO 15 - A Poção Secreta

NÓ um, muito menos Pilatos, entendido. "Você estava com apenas **cinco meses** de idade", ele me lembrou.

Até Rachel sugeriu: "**Você pode ter outro filho.**"

Pilatos estava ansioso para prosseguir com isso, mas **Petrônio** desaconselhou. "Não há razão para que você não possa ter uma **Boa Família**, mas dê algum tempo a **Claudia**.

Seria sábio esperar seis meses."

Não preparada para conceber outro **bebê** enquanto meus braços ainda doíam pelo filho perdido, me senti grata. Pilatos poderia dizer que ainda não era uma pessoa, mas para mim a **criança perdida** era o produto de nossa **paixão inicial**. Nenhuma outra criança poderia ser aquela criança. Por que **Isis** me abandonou?

Os dias e as noites passaram como bois negros, trancados dentro de mim, sentei-me em silêncio e sozinha. O que havia para dizer? Para quem eu diria?

Até Hécate, minha gata, me abandonou. Eu me levantei para vagar pela casa, chamando seu nome. Não houve resposta.

Assuntos de Estado reclamavam **Pilatos** com frequência crescente. Passei minhas noites no **pavilhão de observação da Lua**, um **Ninfano de Mármore** que encomendara como diversão logo após a partida de meus pais. O pequeno **edifício circular** com teto parcialmente aberto era sustentado por seis colunas caneladas, uma pequena fonte que espirrava suavemente na base de cada uma. Lustres suspensos no teto da colunata iluminavam o jardim; e mais além, o delicado brilho âmbar de pequenas lâmpadas de bronze iluminava caminhos sinuosos que desciam até o rio. No outono anterior, conversei de perto com o melhor **jardineiro de Antioquia**, levando em consideração tanto a cor das flores quanto as combinações de perfume que desejava obter. Agora, com a chegada da primavera, vi esses planos tomando forma.

Em uma noite amena enquanto eu estava deitada no meu sofá almofadado, Hécate apareceu ao meu lado. Em sua boca estava um pequeno gatinho listrado. Ela depositou a bola de pêlo choramingando aos meus pés. Em poucos minutos, uma família de três pessoas foi apresentada para inspeção. **Renascimento, renovação...**

Não era a primavera o momento para isso? Eu acariciei suavemente um gatinho amarelo fofo que não se parecia em nada com sua mãe de ébano.

"O seu novo amor é um leão?" Eu perguntei a Hecate. Ela olhou para mim de lado, olhos verdes brilhando com orgulho.

No dia seguinte, ordenei a construção imediata de uma Piscina externa. No centro, haveria uma estátua de mármore do escultor favorito de Pilatos, **Marius**. Foi ele quem capturou a essência de Marcella com tanta perfeição e também, surpreendentemente, combinou o rosto de meu sogro com o corpo de Apolo.

Desta vez, seu tema era **Vênus** subindo de sua Concha de Ostra, um lembrete para o mundo, e mais particularmente para Pilatos, que minha linha ancestral era considerada descendente da própria **deusa do amor**. Planejei um jantar especial para ele, uma surpresa e uma comemoração. Eu iria ignorar os avisos de **Petronius**. Mais de três meses se passaram desde o natimorto; certamente isso foi tempo suficiente.

Certifiquei-me de que todos os pratos favoritos de Pilatos fossem servidos. Um trio de tocadores de alaúde tocou enquanto jantávamos e depois nos acompanhou até o jardim.

A nova **piscina e a estátua** foram cobertas durante a construção. Agora, finalmente, a revelação. Olhei para Pilatos com expectativa enquanto os escravos puxavam os lençóis brancos. A estátua de mármore brilhava ao luar.

"Muito bonito, Claudia. Você deve planejar uma festa aqui."

"Eu planejei uma... para esta noite." Acenei com a cabeça em direção a **Psiquê**, que se aproximou de nós com uma bandeja de prata, carregando duas taças de vinho cheias de água. Os tocadores de alaúde, agora acompanhados por um flautista, começaram uma nova seleção, suave mas cadenciada.

"Desculpe, Claudia, sinto muito. Tenho um **noivado com Sentius**." "Você deve ir?"

"Receio que sim. Possíveis problemas fermentando na fronteira **Parta**. Temos muito que discutir. Sinto muito." Ele me beijou de leve na testa. "Vamos comemorar outra noite."

Meus olhos ardiam com lágrimas repentinas. Que tolice da minha parte.

"Claro," eu concordei, desviando o olhar.

"PERHAPS É HORA DE ORDENAR NOVOS GOWNS, "RACHEL SUGERIDO na quarta noite em que ela e eu jogamos jogos de tabuleiro no meu quarto de dormir.

"Talvez por isso..."

Partimos com o lixo no dia seguinte. "Que cidade!" Exclamei, puxando as cortinas para admirar as árvores floridas salpicadas de sol. **Antioquia**, com suas ruas largas e multidões perfumadas, era extraordinariamente favorecida pelo clima e pela localização. Não é de se admirar que seus cidadãos fossem considerados os Amantes mais Luxuosos do Mundo, vivendo apenas para a **auto-indulgência**. Pela primeira vez em meses, senti-me despreocupada, ciente de repente da minha sorte de ser quem e onde eu era.

Ísis estava comigo novamente - eu a senti.

Encontrei facilmente os tecidos que queria: linho violeta para um vestido, gaze de seda da sombra de fumaça para uma palla, cetim rico na cor de granadas para novas almofadas de sofá. Selecionei um rolo de Poesia Erótica primorosamente ilustrada e saboreei a ideia de desenrolá-lo com Pilatos. A capa era rica em marrom, sua favorita. Comprei belas túnicas novas para Rachel e uma coleira de pedra da lua para Hecate. Encontrei pavões para o jardim e peixes e lírios exóticos para a nova piscina. Eu mal podia esperar até a noite, quando os escravos os entregariam.

"Há quanto tempo você não visita os banhos?" Rachel perguntou.

"Muito tempo," eu admiti. "Faz muito tempo que não vejo ninguém. Nem sei de quem eles estão falando hoje em dia."

EMBORA TODAS AS MULHERES QUE EU CONHECIAM TINHAM BANHOS EM SUAS CASAS, A MAIORIA considerava as Casas Públicas, especialmente o elegante **Daphaneum**, como uma espécie de Clube Social. Aqui elas se reuniram para ver e serem vistas enquanto tomavam banho e eram massageadas. Se as últimas fofocas não bastassem, Cantores, Dançarinos e Poetas animavam as tardes.

Na antessala com afrescos do **Daphaneum**, Rachel e eu nos separamos, ela saindo para se juntar a outros escravos em uma pequena piscina própria. Um atendente me levou a um cubículo privado, onde outra mulher esperava para me despir. Quantos corpos ela viu? Eu me perguntei enquanto o escravo habilmente removia meu quíton e palla. Com o rosto impassível, ela ergueu uma jarra de prata e derramou água nos meus ombros, depois me

sentou ao lado de uma grande bacia de mármore. Outro escravo se juntou a nós e os dois me ensaboaram com sabonete perfumado, depois espirraram rapidamente em meu corpo.

A ideia de estar preparada para Pilatos causou uma sensação ainda mais agradável.

Os mal-entendidos e a tristeza que de alguma forma nos dividiam estavam sendo levados embora. Pilatos me acharia agradável ao toque.

Minha mente vagou languidamente, lembrando seu corpo liso e duro. Pensei com saudade nos primeiros dias de nosso casamento e me assegurei de que poderia ser assim novamente. Seria assim de novo. O som de risadas vindo do cubículo ao lado do meu interrompeu meu devaneio. Achei uma voz familiar, mas não consegui identificá-la.

"Eu nunca compreendi o que ele viu nela", era a mulher dizendo. "Não é como se ela fosse bonita." "Seja justa, ela tem bons ossos e olhos grandes", argumentou a outra mulher.

"Maçãs do rosto não são tudo. Quanto aos olhos, não os acho nada atraentes. Ela parece perdida na maior parte do tempo ou em outro mundo."

"Alguns homens gostam disso. Ele deve ter uma vez - o suficiente para se casar com ela."

"Sim. Ele gostou disso", enfatizou o primeiro orador. "Eu me pergunto se ela já sabe?"

"Não é provável. Tenho certeza que eles são discretos. Você pode imaginar se alguém descobrir! **Márcia** é a nova esposa do Governador. "

As vozes me atormentaram. Quem são eles? E quem era a infeliz esposa? Eu tive pena de alguém com a Glamorosa **Márcia Sentius** como rival. Fiquei tentada a me levantar e olhar para fora. Apenas uma letargia voluptuosa me deteve. As vozes sumiram quando as mulheres seguiram para o frigidário para um mergulho refrescante.

Poucos minutos depois, um escravo me envolveu em um lençol de linho egípcio frio. Calçando as sandálias de sola grossa que ela trouxe para proteger meus pés do piso aquecido, eu a segui até o tepidário. A luz fluía através da névoa a partir de perfurações na cúpula central sustentada por grandes **colunas coríntias** e arcos de mármore verde que brilhavam como jade. Cerca de **vinte mulheres** chapinharam e brincaram na grande piscina verde. Outros se acomodavam nas laterais, bebendo vinho enquanto escravos penteavam seus cabelos ou esfregavam seus corpos com óleos perfumados. Do outro lado da piscina, duas mulheres deitaram de costas enquanto escravos aplicavam tinta dourada nas unhas dos pés. O efeito foi impressionante, mesmo que tenha durado apenas um dia.

Agora eu percebi porque uma voz parecia familiar. A mulher era **Sabina Maximus**. Eu tinha ouvido aquela risadinha afetada com frequência quando a observava com Pilatos nas corridas. Há quanto tempo isso parecia, mas mal se passara um ano.

Nesse momento, **Sabina** e sua confidente ergueram os olhos, assustadas ao me ver. Percebi o sorriso divertido que passou entre eles e quis morrer.

Mas é claro que não. De alguma forma, eu me peguei sorrindo, acenando em resposta aos cumprimentos efusivos. Fiz sinal para uma Poetisa que esperava por perto para ler para mim, depois afundei em uma laje de mármore, olhos fechados, fingindo ouvir.

As mãos de uma massagista moveram-se habilmente sobre meu corpo. "**Domima** está muito tensa", ela murmurou. "Relaxe... relaxe." Relaxar?

Meu coração batia forte como uma criatura selvagem em uma armadilha. "Domina está bem?" a massagista perguntou: "Estou bem", assegurei-lhe, "bem". Eu poderia agüentar a próxima hora se Sabina e sua amiga não fossem para o meu lado da piscina, se eu não precisasse falar com elas.

Não era pra ser. Em minutos, as duas caminharam ao redor da grande piscina e se acomodaram ao meu lado. **Sabina**, cheia de beijos e elogios, me abraçou profusamente, depois me apresentou a sua amiga ansiosa. "Eu ouvi muito sobre você!" a mulher entusiasmada. Eu sabia que ela tinha.

A poetisa ficou em silêncio esperando por instruções. Eu joguei para ela uma moeda de ouro. "Obrigado. Talvez mais tarde." Eu sorri me desculpando. Em um instante ela se foi, como eu desejava seguir. As próximas duas horas pareceram intermináveis.

Uma prisioneira virtual sob os dedos experientes da massagista, tentei manter a calma. Quando Sabina e sua amiga fizeram perguntas incisivas sobre Pilatos, conversei animadamente, descrevendo sua **generosidade e devoção**. Eu estava determinada a não dar a elas mais motivos para ter pena de mim, mas mesmo enquanto ria e brilhava, outra parte da minha mente, a princípio entorpecida pelo choque, lentamente ganhou vida.

Pilatos era o centro da minha existência. Como pude significar tão pouco para ele? Obriguei-me a considerar: absorvida em minha própria dor, abri descuidadamente a porta para um rival? **Marcia Sentius** seria o tipo de pessoa que se aproveitaria de tal situação. Senti um calafrio ao pensar na **mundana e sofisticada** Márcia, uma mulher tão bonita quanto voraz. Como eu poderia competir com ela? Eu não pude. Eu devo.

"Então, você voltou para **Isênio** enfim." Os olhos verde-oliva do MYSTAGOGUE, luminosos e amendoados, me olhavam pensativamente. Raios de sol do fim da tarde cintilavam nos brilhantes afrescos da ante-sala e no piso de mosaico primorosamente trabalhado. Para onde quer que eu olhasse, vi as **provações de Ísis** recriadas pelos melhores Artesãos do país. Suas obras-primas exibiam as aventuras de um Ser Divino que havia experimentado todas as Tragédias que uma esposa poderia imaginar, mas **Ísis** não apenas sobreviveu, mas Triunfou. Certamente eu tinha vindo ao lugar certo.

"Tenho estado doente", expliquei ao Santo Homem. "Na verdade, este é o meu primeiro dia fora de casa."

"E pensar que você veio diretamente para nós! Sua devoção à deusa é comovente."

Eu me senti corando. "Não apenas isso." **Orações a Ísis**. "seja minha para sempre."

"Então me diga o que você está procurando."

Eu olhei diretamente nos olhos do **mistagogo**. "Meu bebê morreu, apesar das suas poções, apesar da minha."

"Fiquei triste ao saber disso, mas **nunca** se deve **questionar** a Sabedoria da Deusa..."

"Devo perder Pilatos também? **Eu o ganhei com seu Feitiço**. Agora me dê algo mais forte. Ele deve O mistagogo balançou a cabeça silenciosamente.

"Eu não acredito em você!" Eu exclamei. "O feitiço que você me deu antes funcionou perfeitamente, era contra todas as probabilidades, minha própria mãe disse isso."

Pilatos podia ter tido a mulher mais rica de **Antioquia**, mas me escolheu. Por um tempo ele me amou. Eu sei que ele me amou. Agora preciso de algo mais forte do que palavras. Rachel disse que você tem outras coisas - encantos..."

"**Essas coisas não são para você**", disse-me o Santo Homem. "Eles prendem quem os usa muito mais do que quem os recebe."

"Que diferença isso faz? Já estou comprometida. **Amo meu marido**, mas ser sua esposa não significa nada se os interesses dele são com outra pessoa."

"Seus interesses agora, talvez. Mas ele vai voltar, eu lhe asseguro. Ele sempre vai voltar."

"Isso não é suficiente! Eu quero que Ele me Ame como eu o Amo."

O mistagogo ergueu uma sobrancelha sedosa. "'**Amo**' ele?"

É assim que você chama isso?"

"Claro que é assim que eu chamo. Eu o adoro e quero seu amor em troca. Isso é pedir muito?"

O mistagogo inclinou sua pequena e bem cinzelada cabeça, olhando-me especulativamente. "Amor significa muitas coisas. Sua definição e a de seu marido podem ser bem diferentes. Fale-me, em vez disso, de sua meditação. **Antes você era fiel**. Você não procura mais **sintonizar**-se com a deusa?"

"Por um tempo eu fiz, mas depois que perdi meu filho, a tristeza foi tão intensa - Por que deveria? Ela me abandonou!"

Ele não disse nada, apenas me observou com seus **estranhos olhos** escuros.

Com esforço, baixei minha voz. "Ultimamente tenho ido a um santuário que construí no meu jardim., esperava recuperar o que já tive. Vou tentar, quero tentar ", assegurei-lhe," mas por agora - por favor - com certeza você pode me ajudar. "Eu olhei para cima, implorando.

O mistagogo balançou a cabeça com cansaço. "O que você pergunta não é apenas **tolo, mas perigoso**. Você deve aprender isso por si mesma."

Eu relaxei, percebendo que havia vencido a primeira batalha. "**Vai custar caro**", ele me avisou.

"Qualquer coisa." Fiz um gesto para Rachel abrir a bolsa de couro macio que ela usava presa ao cinto.

"Sim, **dinheiro**, é claro, **muito dinheiro**; mas **você perderá** muito mais do que os sestércios. Isso você deve aprender por si mesmo."

Eu balancei a cabeça para Rachel, que abriu a bolsa e sacudiu cerca de trinta ou mais moedas de ouro. "Não, dê tudo a ele", instruí-a impacientemente.

Ela entregou a bolsa ao mistagogo.

"Isso é suficiente?" Eu perguntei enquanto ele esvaziava o conteúdo sobre a mesa.

"Eu posso pedir mais."

"**Chega por agora**." O mistagogo varreu os sestércios de Ouro para uma gaveta. "Permaneça aqui", ele me instruiu e saiu da sala.

Finalmente, ele voltou com uma **Mulher do Templo** carregando dois frascos de vidro. "Você," ele disse a Rachel, "vai **derramar** um pouco disso" - ele gesticulou para um recipiente - "no **banho de sua senhora** e depois massageou seu corpo com o conteúdo do outro."

"Você" - ele se virou para mim - "vai retomar o encantamento que eu te dei antes. **Recite-o sete vezes** ao dia."

"Oh, obrigada", exclamei. "Eu não posso agradecer o suficiente."

"Nem você deve tentar." Ele balançou a cabeça, acenando para mim. "Vá agora e que a deusa proteja você de si mesmo. "

Quando voltei para casa, **Psiquê** tinha uma mensagem para mim. Pilatos estava jantando fora. Ele está com a Márcia, eu sei! A visão dos dois juntos me torturou, mas então me lembrei: com o Governador Sentius em casa, seria impossível para Pilatos passar a noite com ela. Ele voltaria eventualmente e eu estaria esperando.

Comi um pouco, depois escapei para o pavilhão de observação da lua, onde repeti o encantamento.

Quando ele beber, quando comer, quando tiver relações sexuais com outra pessoa, vou enfeitiçar seu coração, enfeitiçarei seu hálito, enfeitiçarei seu membro, enfeitiçarei sua parte mais íntima. Onde e quando eu desejar até que ele venha até mim, até que eu saiba o que está em seu coração, o que ele faz e o que pensa, até que ele seja meu. Rápido rápido! Agora! Agora!

Pela primeira vez, saboreei todo o **poder do feitiço**. Antes do meu Casamento, percebi, mal sabia o que estava dizendo. Agora que tinha aprendido os **Caminhos do Amor**, o feitiço ganhou uma nova intensidade que eu não poderia ter imaginado no ano anterior. Pensando no corpo de Pilatos entrelaçado com o de Márcia, senti que o poder do meu **ciúme era uma força potente** que adicionava ímpeto às minhas palavras. Repeti várias vezes o encantamento.

Voltando aos meus aposentos, encontrei Rachel esperando com expectativa. "Está na hora", eu disse, minha voz quase um sussurro. Entramos na banheira, onde ela despejou

algumas gotas do frasco na água fumegante. Eu saboreei a **fragrância inebriante**, aspirando-a com respirações profundas. Nunca em minha vida havia encontrado um perfume assim. Não era doce nem pesado, mas despertou sutilmente minha mente e meu corpo. Como um vinho delicado, insidiosamente intoxicante, o efeito atuou lentamente em meus sentidos. Imaginei como o cheiro afetaria Pilatos, despertando-o lenta, segura e persistentemente.

Quando entrei na banheira, o vapor flutuou ao meu redor como uma nuvem nebulosa. Afundando na água, relaxei enquanto o aroma sedutor flutuava sobre mim. Por fim, me levantei e Rachel me envolveu em uma toalha de linho macia, me secando com cuidado. Indolentemente, mudei-me para o meu cubículo. Deitada no sofá, me estiquei languidamente e fechei os olhos enquanto as mãos de Rachel se moviam sobre mim.

O óleo em seus dedos tinha o mesmo cheiro do perfume. Trabalhando da cabeça aos calcanhares, por todo o meu corpo, Rachel me esfregou suavemente até que o líquido perfumado desapareceu nos poros da minha pele. Em seguida, ela massageou a carne, amassando-a com firmeza até que eu brilhasse por toda parte e meus seios estivessem orgulhosos e apontando.

Houve uma batida suave; Rachel me deixou para atender. Em um momento ela estava de volta. "Dominus tem devolvida."

"Deixe-me agora," eu instruí. Minha voz soou suave e rouca para mim.

Fiquei quieta, olhos fechados, ouvindo distraidamente o som dos passos da escrava se retirando. Como uma sonâmbula, levantei-me e fui até o espelho. A luz bruxuleante da lâmparina lançou sombras âmbar em meu corpo nu enquanto soltava meu cabelo.

Massas de cachos grossos caíram sobre meus ombros. Deixa assim, ele gosta solto, ele gosta...

Peguei a gaze de seda que comprara naquele dia como palla e a envolvi em meu corpo, prendendo-a frouxamente em um ombro. Fiquei satisfeita com minha imagem, uma fina coluna de fumaça refletida no metal polido. Um calor repentino se espalhou pela superfície oculta de minha carne. Lentamente, me virei e saí da sala.

Parando na porta de Pilatos, invoquei todo o poder do feitiço e empurrei com firmeza. Ele ficou na janela, olhando para o jardim. Quando ele se virou, seus olhos se arregalaram ao me ver. "**Você é muito adorável, Claudia,**" ele falou suavemente.

Eu não disse nada, apenas fiquei parada na porta. Ele levantou uma sobrancelha interrogativamente. "O que é isso?"

Em alguns passos rápidos ele cruzou a sala. Ele ergueu meu queixo e olhou nos meus olhos. Meus braços envolveram seu pescoço, meu corpo arqueando contra o dele. Cegamente, de olhos fechados, procurei seus lábios. Depois de um tempo, Pilatos me soltou suavemente e recuou para olhar para mim. Seus olhos azuis brilharam.

"Eu te amo, meu marido", sussurrei enquanto ele abria o fecho de minha palla, "tanto eu te amo - muito, muito mesmo."

CAPÍTULO 16 - Duas Provas

Pilatos e eu deitamos juntos no sofá, as pernas entrelaçadas, abrindo um pergaminho. Mais uma vez, vivemos uma vida de domesticidade sociável. A **poção funcionou** além dos meus sonhos mais selvagens. Recitei o encantamento fielmente enquanto Rachel fazia viagens duas vezes por semana ao **Iseneum** em busca de bálsamos mágicos. Eu tinha certeza de que meu Casamento dependia da **graça de Ísis**. Assim que a deusa me permitisse conceber um filho e levá-lo a termo, Pilatos certamente seria meu.

A primavera e o início do verão foram marcados por tempestades fora de época. Navios foram perdidos no mar. Agora, finalmente, alguém havia chegado a Antioquia

carregando um pergaminho escrito várias semanas antes. Meu coração deu um puxão feliz quando reconheci as voltas e floreios da mão de minha mãe.

*O que **Tibério** pode estar pensando! Em vez de serem presos, **Piso e Plancina** estão em casa, casuais e despreocupados, como se nunca tivessem sido feitas acusações de assassinato e traição contra eles. Agora eles planejam um jantar. Aquela casa ostentosa deles dá vista para o fórum onde todos podem assistir... milhares de sestércios sendo gastos em tinta dourada. É um ultraje, um ultraje absoluto!*

"Olhe aqui." Pilatos apontou para o pergaminho. "**O que é isso Martina?**"

Dobrei o papiro e li em voz alta: "Acabamos de receber a notícia de **Brundisium** que o **bruxa Martina** morreu logo após o desembarque. Um minúsculo frasco de veneno foi encontrado apertado em sua mão. - Isso é ruim - Pilatos franziu a testa.

- Ela foi a principal testemunha contra Piso.

"O que você acha que aconteceu com ela - **suicídio ou assassinato?**"

Ele encolheu os ombros levemente. - Pouco importa. O envolvimento de **Plancina** está perdido para sempre. O **mistério da morte** de Germânico talvez nunca seja resolvido agora. Larguei o pergaminho. "A coragem dessas pessoas!" Pilatos o recuperou.

"Sua mãe tende a ser franca."

"Franca!" Eu recuei. "Você sabe - todo mundo sabe - que Piso foi o responsável. **Tibério** também está ligado a ele. Eu sei que ele é."

"Minha querida" - Pilatos acariciou meu ombro levemente - "saber de uma coisa e entregá-la ao papiro são bem diferentes. Sua mãe não apenas se colocou em perigo, mas agora suas palavras podem ser usadas contra nós."

"Você não quer saber o que está acontecendo? Meu pai jurou vingar"

- Sim, sim, eu sei. Seu pai era homem de Germânico. Todos sabem disso, também sabem. **Marcus** seria sábio em formar novas alianças e nós também."

Tentei manter minha voz firme. "Você quer dizer alianças com Tibério?"

"É preciso ser prático." O dedo de Pilatos traçou um círculo preguiçoso em volta do meu peito. "A vingança não restaurará Germânico à vida."

Uma semana depois, no meio de uma tempestade, um amarinheiro apareceu na porta com um pergaminho sob a capa. Logo ele estava dentro da cozinha bebendo uma xícara de vinho não diluído enquanto Pilatos e eu líamos uma **Carta de Tata**.

Tibério havia começado o **julgamento** com instruções ao Senado: "**Piso** causou a morte de Germânico ou apenas se alegrou com ela? Se houver prova de assassinato, que seja, mas se **Piso** simplesmente não respeitar seu superior, isso não é um crime, embora eu - em minha profunda tristeza - renuncie a sua amizade, fechando minha porta para ele para sempre."

"**Tibério é tão hipócrita!** Apenas ouça isto: 'Ele perguntou ao Senado:'"

Será que **Piso** incitou suas tropas ao motim? Ele fez guerra para recuperar a província para si mesmo ou essas mentiras foram espalhadas por seus acusadores?"

"Seus acusadores... isso significa **Tata e Agripina**. Como pode Tibério dizer essas coisas?"

"Muito facilmente, minha querida. O **Imperador** pode dizer qualquer coisa."

Odiava o tom condescendente de Pilatos, como se estivesse falando com uma criança, mas não desisti. "E quanto a isso - o resumo de Tibério - é nojento: 'Estou de **luto** por meu sobrinho e sempre farei. Mas ofereço ao acusado todas as oportunidades de apresentar provas para estabelecer sua inocência ou o erro de Germânico.'" Germânico está errado! "Quem ele está tentando enganar? Todo mundo sabe o que aconteceu."

"Vamos apenas esperar que nada disso reflita em nossa posição." Pilatos beijou-me de leve na testa e foi se encontrar com o **Governador Sentius**.

Meu coração estava vazio enquanto enrolava o pergaminho. O cinismo de meu marido me assustou quase tanto quanto a culpabilidade de Tibério. Germânico fora seu **Amigo** e também um **Patrão** generoso. Isso não contou para nada?

As tempestades de inverno continuaram, grandes nuvens de tempestade rolaram sobre o mar. Confinado em casa pela chuva, pensei pouco senão no julgamento. Como seu resultado afetaria meus pais? As palavras de Pilatos sempre surgiram em sua mente.

As alianças romanas eram traiçoeiras, um movimento em falso muitas vezes fatal.

Chegou outro pergaminho, este de Agripina, sua escrita ousada e obliquamente inclinada elogiando meu pai, uma das principais testemunhas contra **Piso** nas audiências do Senado. **Tata** havia descrito a **morte misteriosa** do procônsul em detalhes, não esquecendo o prazer declarado que Piso e Plancina demonstraram. Finalmente, ele lembrou ao Senado a guerra que o ex-governador havia lançado após o sucesso de sua trama assassina.

A evidência era inegável, restava apenas a acusação de envenenamento para ser refutada.

Piso é tão insolente, tão seguro de si. "Você está me chamando de mágico?" ele perguntou, o tempo todo embaralhando um pequeno pacote de pergaminhos, mostrando os selos reais para que qualquer um sentado por perto pudesse vê-los.

Seu pai pediu que fossem abertos, mas Tibério decidiu rapidamente contra a moção. O Senado observou com espanto enquanto o réu passava os manuscritos ao imperador. Se alguém duvidava que havia uma conexão entre os dois, eles sabiam então. Certamente estávamos vendo as mesmas encomendas que custaram a vida de Germânico.

"Que tolo!" Pilatos riu, olhando por cima do meu ombro.

"**Piso** acaba de assinar sua própria morte" Espere, há mais."

*No exato momento em que o Senado estava de pé, apoiando seu pai, exigindo que os pergaminhos fossem abertos, um mensageiro anunciou que as **estátuas de Piso** haviam sido derrubadas e jogadas ao lado de corpos de criminosos executados. Tibério interrompeu rapidamente a sessão. Você deveria tê-lo visto, **Claudia**, o homem estava roxo de raiva. Por mais que Tibério queira proteger seu cúmplice, este é um mandato do povo. Plancina defendeu a inocência do marido - jurando compartilhar seu destino seja lá o que for - mas esta tarde, em vez de ir para casa com ele, ela foi embora com Lívía.*

O julgamento foi tudo o que pensei quando uma série de violentas tempestades fecharam o porto. O suspense era insuportável. Por fim, Pilatos voltou para casa com um pergaminho que havia sido carregado a bordo de um navio militar recém-chegado.

"**É de Selene**", disse ele.

Eu vi que o **selo foi quebrado**. Pilatos não esperou. Eu olhei para ele com surpresa e alarme quando uma carranca franziu sua testa. A **carta de mamãe** retomou o fio condutor do julgamento, que, percebi pela data, já era história. A mensagem levou seis semanas para chegar até nós. As vedações podem ser quebradas e depois reparadas.

Quem mais pode ter lido isso? Eu estava começando a pensar como Pilatos.

Meus olhos examinaram ansiosamente o pergaminho. Uma multidão enfurecida esperando a chegada de **Piso**... Tibério repentinamente hostil, agressivo, conduzindo o interrogatório ele mesmo... Pergunta após pergunta... Piso, um homem alquebrado, levado para fora do tribunal... sua defesa do dia seguinte escrita com caligrafia trêmula...

Piso descoberto de madrugada, garganta cortada, espada ao lado... uma falsa investigação de Plancina... Dois dias e depois demissão... o sorriso triunfante de Lívía.

Eu olhei para meu marido. "Como poderia Lívía, a própria avó de Germânico,

consociar-se com sua assassina?"

Pilatos balançou a cabeça com impaciência. "Claudia, Claudia, **ela é uma Tirana**. Você não sabe disso agora?"

Depois de uma pausa, acrescentou: "Não gostaria de usar as sandálias de Agripina".

E as minhas sandálias? Uma vez tão orgulhoso de minhas conexões, Pilatos agora me considerava um responsabilidade?

Sentada diante dos frasco de cosméticos que se multiplicaram diarimanete na minha penteadeira, dei um **grito de surpresa** quando a primeira sobancelha foi arrancada.

Depois disso, sentei-me pacientemente. Um novo escravo trabalhou com a delicadeza rápida e polida de um artista, limpando meu rosto levemente com chumbo branco em pó, arrancando e escurecendo as sobancelhas recém-arqueadas com antimônio, sombreando minhas bochechas com ruge e aplicando suavemente acentos de **kohl** em minhas pálpebras.

Com a ajuda de Rachel, ela juntou meu cabelo e prendeu-o frouxamente para trás, prendendo-o com pentes de joias e entrelaçando as mechas restantes em uma trança grossa. Este foi habilmente tecido com pérolas de semente, depois colocado em uma espiral de serpente no topo da minha cabeça e polvilhado com pó de ouro.

Bebendo vinho gelado, olhei para o estranho que me olhou da superfície de metal polido do espelho. Em meia hora eu havia me transformado em uma **criatura de brilho** e artifício, uma mulher mundana, pelo menos na aparência.

Interiormente, estava dilacerada por dúvidas. Meu estômago vibrou de nervosismo.

A cada nova roupa que comprava, a cada nova alteração em minha aparência, por mais sutil que fosse, eu me preocupava - e se Pilatos não gostasse de mim assim?

E agora o Banquete do Governador... **Márcia estaria lá**, é claro, flertando com Pilatos o tempo todo me olhando com aqueles olhos frios e zombeteiros. Minhas mãos estavam úmidas quando peguei um figo recheado com amêndoas na bandeja de prata ao meu lado.

"Você está linda, domina," Rachel me assegurou.

"Sim? Sério? Infelizmente, há tantas mulheres bonitas, mulheres deslumbrantes.

Você as viu na nossa festa ontem à noite. Pilatos estava cercado." Suspirei, lembrando-me dos longos braços nus, dos olhos com linhas escuras, das bocas risonhas e avermelhadas.

"Ele era o anfitrião deles", Rachel me lembrou. "O que você gostaria que ele fizesse?"

Eu ouvi passos se aproximando. Era Pilatos, eu conhecia seus passos rápidos. Quando ele entrou na sala, levantei-me rapidamente para cumprimentá-lo.

"Você gosta do meu cabelo?" Eu perguntei ansiosamente.

Ele pegou o dedo de uma das minhas mãos e me virou lentamente, enquanto eu olhava para trás por cima do ombro, não querendo perder a menor expressão em seu rosto.

Pilatos pareceu surpreso. "Sim, minha querida, você é adorável. Você é sempre adorável, mas você parece diferente..."

"Não é bom?" Eu perguntei, meu rosto rígido sob a armadura de tinta. "Certamente você não quer ver o mesma velha Claudia noite após noite."

"Você nunca é a mesma velha Claudia, você sempre me surpreende." Pilatos pegou meu novo palla feito de um tecido que parecia ouro derretido. "Isso é o que eu mais amo em você", disse ele, colocando-o sobre meus ombros.

A Casa da Colina do Governador era Suntuosa. Cruzando o chão de mosaico, um redemoinho de rosa e limão, lavanda e ouro, me senti tonta. Lá estava **Márcia**, seus lábios revestidos de vinho, escuros e surpreendentes contra a pele de porcelana. Vi a malícia em seus olhos âmbar e percebi que a ligação deveria ter acabado e Pilatos quem a encerrou.

De repente, a noite tornou-se um triunfo pessoal. Com a mão pousada levemente no

braço de meu marido, passei facilmente de um grupo para o outro.

Neste enclave luxuoso, longe do barulho e dos cheiros da cidade, a conversa girou em torno dos acontecimentos recentes em Roma. **Sentius** chocou a todos ao anunciar que **Tibério** havia condenado o **venerável Titus Maximus**, um dos mais ferrenhos campeões de Agripina. O patrício havia sido executado sem julgamento, seu corpo atirado escada abaixo, uma punição ritual para traidores, e lançado no Tibre.

"Que razão ele deu?" Eu perguntei, fingindo que não havia sentido o aviso de Pilatos. "A vontade do Imperador é razão suficiente", lembrou-me o Governador.

"Puxa, parece que a amizade com Agripina pode ser prejudicial à saúde."

Marcia ficou ao lado do marido me olhando, suas palavras quase um ronronar.

Um sentimento de **mau presságio** por meus pais e Agripina superou meu prazer anterior.

Enquanto eu estava conversando com o **Governador Sentius**, meu olhar vagou além dele para um canto distante onde Pilatos conversava animadamente com **Aurelia Perreius**, pura e perfeita, perfeita como uma joia lapidada e Casada com o Cavaleiro mais Rico de Antioquia - alguns disseram em toda Síria. Sua pose tranquila foi quebrada de repente por uma risada borbulhante. Oh, o que era tão terrivelmente divertido?

Eu queria interrompê-los, reivindicá-lo, mas me forcei a continuar uma conversa com Sentius. Finalmente, consegui encerrá-lo com Cortesia, mas a essa altura Pilatos já estava fora de vista. A sala estava abafada, o som de tantas vozes opressivo. Eu queria ir embora, mesmo que apenas por um momento.

Minhas sandálias incrustadas de joias faziam sons suaves de trituração na passarela enquanto eu me movia rapidamente entre sebes bem aparadas, loureiros, romãs e pinheiros antigos. Sentei-me em um banco isolado com vista para uma piscina. À minha frente, uma Vênus de mármore olhou para baixo, para um canteiro de rosas rosa pálido.

Pensei em minha mãe, que amava a cor rosa acima de todas as outras e reverenciava Vênus pelos presentes que a deusa havia concedido a ela. Se a culpa por associação era o jogo de Tibério, então certamente meus pais eram o alvo principal. Desejei que mamãe estivesse comigo, segura e sábia. Havia tantas coisas que eu desejava falar com ela. Nunca me senti mais sozinha.

Olhando para cima, vi um homem parado na sombra da arcada. Há quanto tempo ele estava lá assistindo? "Quem - quem está aí?" Eu exigi, levantando-me.

Ele avançou para a luz de uma tocha em chamas. "Você não se lembra de mim?"

"Não." Hesitei incerta, envolvendo minha palla mais forte sobre meus ombros.

"Você é um convidado em esta casa?"

"Sim certamente." "Eu não vi você."

"Mas eu vi você." Sua voz era profunda com um leve sotaque que não consegui identificar.

Ele era bonito de um jeito rude e bastante alto, possivelmente uma cabeça mais alto que Pilatos. Houve algo ... familiar? Rugas envolveram a boca do estranho enquanto ele sorria. - Foi há muito tempo. Roma. Os jogos. Você ergueu o polegar para mim.

As memórias voltaram, me engolfando. O desprezo de Lívica e Calígula, meu pânico. O rosto do jovem gladiador, sorridente, confiante, tão, tão... masculino.

Então, a súbita certeza de que ele iria vencer. A emoção, o conflito sangrento. Dois triunfos, o dele e o meu. "Oh, minha deusa! Não pode ser. Você não é **aquele Gladiador!**"

Ele se aproximou, curvou-se ligeiramente. "Eu sou **Holtan**. Você nunca soube meu nome?"

Afastei uma mecha de cabelo que tinha escapado do meu cocar elaborado. "Claro, eu tenho nunca esqueci, mas o **Holtan** de que me lembro era pouco mais do que um menino. Ele era, eu me lembro, um escravo. "" Meninos crescem. Este não é mais um escravo. "

Eu olhei em seus olhos. "O que você está fazendo aqui?"

"Eu vim conhecê-la."

Eu encarei ele em um silêncio chocada.

"Por que isso deveria te surpreender? Eu sempre me perguntei sobre a garotinha que **previu meu Vitória.**"

"Eu também me lembro daquele dia - você não tem ideia - muita coisa aconteceu depois. Tudo mudou para mim, pela minha família, quase durante a noite.

"Eu inclinei minha cabeça para olhar para ele." E você?

Por que você veio para Antioquia? "

"Tive sorte. Você teve sorte para mim. A última vez que me viu foi a primeira de muitas vitórias. Por fim, **comprei minha Liberdade** e algumas outras coisas."

le sorriu de novo brevemente. "Vim para Antioquia para os jogos. **Lutei ontem.**"

"E venceu, obviamente. Eu gostaria de ter sabido."

"Você não vai aos jogos?"

"Não frequente." Fiquei em silêncio, estudando-o. Ele estava vestido de branco, sua túnica e toga do mais fino linho egípcio, a julgar pela forma como estavam drapeados.

A toga era presa por um broche de rubi, o maior rubi que eu já tinha visto.

"Você deve ter tudo o que deseja agora."

"E você também deve."

Eu balancei minha cabeça, sorrindo com a ironia de suas palavras.

"Você ainda tem seu lindo sorriso."

Lutei contra um desejo tolo de correr meus dedos sobre a fenda no queixo de Holtan, de tocar as marcas em suas bochechas. "As mulheres devem achar você irresistível."

Ele encolheu os ombros. "Algumas gostam de flertar com o perigo."

"E você? Por que continuar arriscando sua vida agora que está livre?"

"Por que não? É uma maneira - a única maneira para a maioria de nós - de fazer um monte de sestércios às pressas. Você não saberia disso, você sempre teve riquezas."

"Nem sempre, garanto a você." "Mas agora."

"Agora não acho os sestércios muito importantes. Eles não compram nada que realmente importe." "**Como a lealdade do seu marido?**"

Eu me senti mal de repente. Minha vida era de tal conhecimento público que até um Gladiador errante sabia disso?

"Ninguém me disse", disse ele, como se lesse meus pensamentos. "Então como você soube?"

"Eu vi você quando entrei seus olhos tão intensos, observando-o com aquela mulher loira."

"Você viu muito."

"Na arena você aprende a ler os sinais. Um olhar inconstante significa vida ou morte." Eu parei por um momento. "Você vai ficar muito tempo em Antioquia?"

"Eu deveria partir amanhã para **Alexandria...** a menos..."

"Impossível!" "Você é impossível."

Nossos olhos se encontraram e se fixaram. "Nunca teria sido possível," eu disse, me perguntando se isso era verdade. "**Seu marido é um idiota.**"

"Eu imploro seu perdão!"

- Um idiota por tomar você com leviandade - para lhe causar dor. Um idiota - repetiu Holtan, sua voz cheia de raiva. Eu escovei seu braço levemente, desviei o olhar, com medo de lágrimas.

Ele colocou as mãos nos meus ombros. "Pilatos apenas joga. Eu conheço sua espécie. Ele gosta de mulheres ricas, gosta de seu poder. Talvez ele use isso a seu favor. É apenas um jogo. **Você é quem ele ama.** Como poderia ele de outra forma?"

Meus olhos encontraram os dele. Por um segundo eu balancei para frente, então me segurei e me libertei.

Sem me atrever a olhar para trás, corri pelo jardim, de volta à sala iluminada e ao som de Pilatos voz.

CAPÍTULO 17 - A Cura dos Sonhos

Eu **amava** Pilatos, **odiava** Pilatos - odiava minha **dependência** dele.

Eu mal tinha **Consciência de mim mesma**, exceto quando refletido em seus **Olhos Cobalto**. Uma e outra vez, puxando-o com força contra mim, atraindo-o para mim, pensei na **criança que eu queria** desesperadamente, a criança que o seguraria para sempre.

Certa manhã, levantando-se do café da manhã, ele me beijou de leve, pegou sua caneta e seu tablet e partiu. Parando na porta, ele olhou para trás.

"**Plutônio** e eu vamos caçar javalis esta tarde. Podemos não voltar até amanhã."

"Você nunca mencionou isso." **A poção estava passando?**

"Vem vem!" Uma pitada de **impaciência** cintilou em seus olhos. "Você parece uma órfão, não minha **Claudia**. Certamente você pode encontrar um meio de se ocupar."

Ele franziu a testa, ainda me olhando. "Pense naquela viagem a Pérgamo. **Plutônio** e **Semprônia** partem na próxima semana."

Plutônio, **ex-cliente** de Piso. **Não é confiável**, sua bajuladora esposa não é melhor.

"Eu não gosto deles."

"Plutônio é dedicado. Ele cuidará de você. Você não pode ir sozinha."

"Eu não quero ir de jeito nenhum."

"Mas você irá - por **mim** e pela **dinastia** que encontraremos." Pilatos segurou meus ombros de leve em suas mãos, beijou meu nariz, me soltou de repente e foi embora.

Naquela tarde, por impulso, **visitei o Iseneum**. Para **minha surpresa**, uma Sacerdotisa me levou diretamente para a Biblioteca do **Mistagogo**. Três paredes eram forradas com armários de cedro, cheios de rolos de **papiros** empilhados do chão ao teto, a outra ocupada por um altar de **Ísis**.

"Estava esperando você", disse ele, erguendo os olhos de um pergaminho.

"Como pode ser?" Eu exclamei. "Faz apenas uma hora que eu decidi..."

"**Eu sabia**," ele disse simplesmente, colocando o pergaminho em uma mesa de jacarandá polida.

Meu **Coração doía de Desejo** por tal sintonização com a deusa. "Uma vez você também estava perto de Ísis," ele disse como se lesse minha mente.

"Eu pensei que estava, mas agora estou ligada a ele."

"**Enquanto você procura amarrá-lo?**" A voz do Mistagogo era Sedosa.

"Você está zombando de mim?"

Ele se levantou da mesa. "Está uma tarde linda, vamos dar um passeio."

Curiosa, eu o segui por uma ampla passagem com mosaicos até um jardim ensolarado. **Três Sacerdotisas**, reclinadas ao lado de uma grande piscina, sorriam para nós por cima de seus pergaminhos. Perto de uma fonte espirrou.

O mistagogo me levou por um extenso **jardim de ervas** cuidado por mais duas sacerdotisas até um bosque de ciprestes isolado. Sentamo-nos diante de um pequeno lago. Um meio sorriso apareceu em seus lábios quando ele se virou para mim.

"Você estava falando do seu marido..."

"Sua **poção funcionou bem**. Estou grata." Fiz uma pausa, olhando para baixo. "Pilatos é muito atraente para as mulheres. A cada minuto que ele está fora, eu me pergunto..." O desespero familiar tomou conta de mim. Eu olhei para ele suplicante. "Se houvesse uma criança... então eu poderia ter certeza sobre ele. Meu médico acredita que vou me curar com o tempo. Tudo o que ele sempre diz é: '**Deixe a natureza seguir seu curso**'."

O mistagogo assentiu. "Eu não posso contestar esse conselho, mas aparentemente você quer ou não iria não estar aqui. "

Eu o observei atentamente. "Você deve ter uma **poção ou encantamento**, algo que

vai ajudar. Natureza nunca seguirá o curso dela se **Pilatos** se **Divorciar de mim** por não lhe dar um filho. Essas coisas acontecem. Pilatos pode fazer o que quiser.

Com o Pai tão longe, não haveria ninguém para interceder por mim. "

"**Ele falou em divórcio?**"

"Não", reconheci, "mas não há dúvida de que ele quer filhos."

"Há **algo mais**, eu acho", o mistagogo sugeriu.

"Sim, existe," eu admiti. "Pilatos quer que eu visite **Asklepion** em Pergamum."

"Por que não? É o **Centro de Cura** mais renomado do mundo. Todos os dias ouvimos falar de **Milagres** ali realizados. **Asklepios** cura muitos por meio de sonhos. De todas as pessoas, você deveria ser uma Candidata."

"Eu ficaria fora por pelo menos dois meses; e se Pilatos se apaixonasse enquanto eu estivesse fora?"

O mistagogo encolheu os ombros magros. "Então? Com o seu retorno, ele poderia facilmente ter caído Fora."

"Eu não aguentava! Amo muito meu marido." Eu senti minhas bochechas queimarem. "Eu vim aqui porque eu pensei que você entenderia meus sentimentos. Em vez disso, você ri deles."

"Seus sentimentos são tudo menos divertidos. Eu os considero um **desperdício trágico.**"

Minha voz caiu. "Uma vez que você ajudou..."

"Eu **ajudei duas vezes** e agora você me pergunta de novo. Se você se lembra, eu **alertei contra** o Encantamento e a Poção. "

"Mas você os deu para mim", eu o lembrei. "Ajude-me de novo - esta última vez. Eu **farei** qualquer coisa, **pagarei** qualquer coisa. Várias vezes, desde que perdi meu bebê, pensei que estava grávida, mas não estava. Deve haver algo que você possa fazer."

"**Não há nada que eu vou fazer.**" O mistagogo se levantou.

"Então não há nada..."

"Eu não disse isso." Ele tocou meu ombro levemente.

Eu olhei para cima, meu coração se enchendo de esperança. Ele balançou a cabeça mais uma vez. "O que te escapou **será encontrado em Pergamum.**"

"Você está dizendo que **Asklepios** vai me permitir ter um filho?"

"Estou dizendo que **Asklepios** é um **deus poderoso**, talvez ele **possa Curar** até você."

Uma limitada para **Pergamo**, orei com freqüência para **Asklepios**.

A **mãe mortal do deus**, enquanto grávida do filho de Apolo, tomou **outro mortal** como amante. **Louca de ciúme**, **Apolo a matou**, arrancando a criança não nascida de seu corpo. Seu filho, **Asklepios**, foi criado por **Centauros** que ensinaram ao menino **Habilidades de Cura** que mais tarde ele superou. Com uma formação tão humana, o deus não entenderia meu problema? Rezei para que ele o fizesse.

A viagem pareceu durar uma eternidade. Passaram-se um, dois, três dias... Quanto mais longe estávamos de **Antioquia**, mais autoritário ficava **Plutônio**. Sua arrogância crescente e inquietante. **Sempronia** era apenas enfadonha, chata e intrometida.

Felizmente, ambos eram jogadores que se reuniam avidamente com outros na outra extremidade do baralho. Às vezes, os gritos "Júpiter!" ou "Cachorros!" para lances de dados altos ou baixos flutuaram de volta com o vento. O tempo estava claro e com uma leve brisa, a costa rochosa da **Lícia** de tirar o fôlego. Os pinheiros se estendiam até a beira da água.

Os picos das montanhas, alguns cobertos de neve mesmo no verão, sombreavam baías protegidas, mas de novo **meus pensamentos** se voltaram para Pilatos. Ele **me culpou pela perda de nosso filho?** Meu filho natimorto estava de alguma forma relacionado à morte de Germânico?

Quando a **Perséfone** parou para levar provisões em **Halicarnasso**, meu coração afundou. Estaríamos no porto um dia inteiro - mais um longe de Pilatos.

"Há um **Santuário Famoso**," Rachel me lembrou. "Você poderia orar lá."

Evitamos **Plutônio** e **Semprônia** e partimos como colegas errantes. Nosso destino era o **túmulo do Rei Mausoléu**, um elaborado local de descanso conhecido em todo o mundo como **Mausoléu**. Eu queria explorá-lo sozinho, livre da tagarelice de Sempronia.

O **Zigurate** de várias camadas não era apenas o maior edifício que eu já tinha visto, mas também o mais elaborado. Brilhantemente branco, o túmulo se erguia mais de trinta metros acima de nós.

"Muito esplêndido - e **nada melhor** por quase quatrocentos anos," Rachel ofegou quando subimos o pódio de tijolos. "**Artemésia** deve ter Amado muito o Marido."

Parando para recuperar o fôlego, olhei para o Templo com colunatas no topo do edifício. Sua opulência era impressionante - cada centímetro quadrado cheio de frisos e estátuas. Em seu pico, **Mausoleu** montou uma **Carruagem Dourada** pela Eternidade.

"Um pouco **ostentoso** para o meu gosto", decidi, "mas gosto do **Mausoléu** de qualquer maneira. Não foi **construído** por medo de um deus, mas **por uma Mulher** para seu marido. **O Amor dela deu a Ele a Imortalidade.**"

"**Ainda não conseguiu** trazê-lo de volta", Rachel me lembrou.

Não, mas pelo menos ela sabia onde ele estava à noite, silenciosamente, me ajoelhei. Devo **Orar** para **Ísis** ou para **Asklepios**? Nem, eu decidi.

Hoje seria para **Artemesia** e **Mausoleu**, juntos para sempre... em algum lugar.

Talvez este par de **Espíritos Amorosos** ouvisse meu apelo.

No caminho de volta, descendo a colina, examinamos as lojas. Entre as prateleiras lotadas de uma pequena loja, descobri uma **Coleção de Poemas de Amor**.

Sinalizando para Rachel pagar ao balconista ansioso, coloquei o pergaminho debaixo do braço. Talvez eu pudesse **imitar o estilo erótico** do Poeta em um poema para Pilatos. Um navio de retorno poderia levá-lo até ele.

Uma vez a bordo, me acomodei ansiosamente no convés com o pergaminho, a caneta e o tablet. A **Perséfone** balançou para fora do cais, remos brotando. Um tambor soou embaixo do convés e as lâminas mergulharam em ambos os lados do casco em bom estado. Soou novamente e eles espirraram na superfície, três homens puxando cada flecha.

O navio deslizou para a frente, ganhando velocidade conforme as batidas dos tambores aumentavam. Gesticulando para que os escravos pegassem suas **liras**, peguei o pergaminho. "Então, aqui está você, pombinha!" **Sempronia** se jogou no sofá ao meu lado. O tablet caiu no convés, mas ela o ignorou. "Eu procurei por você em todo o navio. Nós sentimos sua falta no desembarque também. Você não se lembra que planejamos fazer compras juntas? Plutônio procurou por toda parte por uma ninhada grande o suficiente para todos nós, e quando ele voltou, você não estava em lugar nenhum à vista. **Onde você foi?**"

"Oh, desculpe! Devo ter entendido mal", pedi desculpas. "Uma maca não era necessária, Certamente eu te disse isso. Depois de tanto tempo no navio, uma caminhada era exatamente o que eu precisava."

"Uma caminhada! Você andou? Plutônio teria ficado perturbado se soubesse que você estava andando sozinho."

"Eu não estava sozinho. Rachel estava comigo."

"Uma escrava dificilmente é proteção, muito menos companhia", reprovou Sempronia. "Você se preocupa demais. Isso o impede de coisas mais importantes."

Inclinei-me para recuperar meu tábuas. Quando menina, **fui advertida** pelas **Sacerdotisas de Ísis** a procurar o rosto da deusa em cada mulher. Eu ainda fiz um esforço, mas **achei a tarefa impossível** com Sempronia.

"Não há nada que eu prefira fazer do que visitar você", respondeu ela, recostando-se nas almofadas. Resignada com uma tarde perdida, olhei pensativamente para meu auto-nomeado companheiro.

Sempronia estava bem na casa dos **trinta** e seu corpo era pesado, seu rosto densamente coberto com um pó branco rosado. Ela realçou o cabelo também, era vários tons de amarelo. Sempronia certamente não foi a primeira a fazer isso. Sentindo desesperadamente a falta de minha mãe, por que não conseguia encontrar conforto nas atenções ansiosas da mulher mais velha?

"Nossa! É isso que vocês gostam, garotas?"

O braço carnudo de Sempronia estendeu-se sobre mim para pegar o pergaminho. "Plutônio nunca me permitiria ler tal coisa."

"De fato?" "Ele não acharia apropriado para uma matrona romana.

Olhe para isto, 'Seus seios, quão macios para minhas carícias. Como seu corpo é macio sob o seio. Quão formosas suas coxas! Nós deitamos...'" Ela largou o pergaminho. "Ele ficaria chocado."

"Talvez se vocês lerem juntos. Os poemas são realmente adoráveis... evocativos."

Sempronia deu uma risadinha. "Não é provável. Ele nunca lê poesia, nem mesmo desse tipo sujo. **Histórias militares** são tudo que eu já vi olhar para ele.

Eu também não sou muito de ler."

"**Eu amo ler.**"

"Eu percebi. Seu nariz fica enterrado em um pergaminho a maior parte do tempo."

Não que isso o tenha desencorajado. "Tenho lido sobre as **Curas Milagrosas em Pergamum**", expliquei. "O deus visita tantos durante o sono. Ele deu **visão aos cegos**, permitiu que os **aleijados andassem** e até **ressuscitou os mortos**."

"Basta ter cuidado com o que deseja", advertiu Sempronia. "Você já ouviu falar da mulher que pediu uma filha ao deus?..."

Não? Pensei que todo mundo tinha."

Sempronia parecia inflar conforme ela se acomodava ainda mais nas almofadas. "Parece", ela começou com uma voz que alcançava o comprimento do convés, "que uma mulher foi até o **Asklepion** e seguiu a orientação do padre. Com certeza, o deus apareceu em um sonho e perguntou se havia algo que ela desejava. 'Eu quero **estar grávida** de uma filha', a mulher disse a ele.

'Há mais alguma coisa?' Perguntou **Asklepios**.

'Não', ela disse, 'isso é tudo que eu quero.' "

"Ela conseguiu seu desejo?" Eu perguntei, a curiosidade superando minha irritação.

"**Certamente que sim, mas...**" Sempronia fez uma pausa, prolongando o momento o máximo possível. "**Três anos** se passaram e **ela ainda estava grávida**."

"Que terrível!" Eu exclamei. "O que aconteceu?"

Exausto, o suplicante voltou ao **Asklepion**. Mais uma vez o deus apareceu em um sonho. Desta vez, Asklepios disse: 'Vejo que você está grávida, você deve ter tudo o que deseja.'" "Ela pediu para ter um filho?" Inclinei-me ansiosamente.

"Sim, e de acordo com a história, suas dores vieram tão rápido que sua filha nasceu ali mesmo em o Santuário. "gostava de uma piada."

Eu ri até que lágrimas se formaram em meus olhos. "Obrigada", eu disse finalmente. "Já faz um tempo que eu não" Uma piada? Certamente você não tem dúvidas de que aconteceu?" "Os olhos claros de Sempronia se arregalaram.

"Na verdade, não sei em que acreditar. Mas devo, de fato, ser cuidadosa com o que peço. Parece que **Asklepios** é um deus com senso de humor. "

Pergamo, uma cidade com a vista impressionante para o Mar e Vale.

Se as circunstâncias fossem diferentes, eu teria adorado. Como estava rezando para que meu tempo ali fosse curto, fui diretamente para a **recepção do Asklepion**.

As paredes me encorajaram, cobertas como estavam com Oferendas de Ouro, réplicas não apenas de braços e pernas, olhos e corações, mas genitais masculinos, seios e até úteros. No centro da sala, uma imponente **estátua de Asklepios** repousava sobre uma

coluna decorada com cobras enroladas em um galho de louro. Estudando a forma bonita, fiquei impressionada com o quão bonito o deus era. Mais do que bonito, seus olhos, sua boca, sua própria essência irradiavam força e compaixão. **Asklepios** era o **Herói Médico** pelo qual todos ansiavam em momentos de necessidade. Querido Deus, responda minhas orações! Eu implorei silenciosamente.

Galen, o padre me designou, era um homem robusto com pele clara e sem rugas, **olhos safira brilhantes** e um sorriso fácil. Imaginei sua idade aos **trinta e cinco** anos e fiquei surpresa ao saber que ele havia celebrado recentemente seu **quincuagésimo** aniversário. **Galen** prescreveu Orações, Banhos de Lama, Massagens, Chás de Rrvas e longas Caminhadas. Sua garantia me impressionou. Todos os **funcionários da Asklepion** pareciam eficientes e dedicados. O calibre dos convidados - ninguém nos chamava de pacientes - também me tranquilizou. A maioria era Rica e Mundana, não do tipo facilmente enganado por charlatões.

Comecei o regime imediatamente, preenchendo o resto do dia com atividades. Naquela noite, apresentei-me ao **Santuário de Mármore** onde **Galen** abriu caminho para um cubículo de dormir. O recinto simples, mas convidativo, era isolado dos outros por cortinas azuis prateadas fechadas à noite para ter privacidade. O sofá e suas almofadas, em tons contrastantes de azul, eram forrados com o mesmo tecido macio.

Constelações celestiais pintadas em dourado contra um teto azul escuro criavam um ar de serenidade. **Asklepios** apareceria para mim naquela mesma noite, eu tinha certeza.

Mas ele não fez isso. "Talvez você esteja se esforçando demais," Galen sugeriu na manhã seguinte.

"Acalme-se, divirta-se. As pessoas vêm de todo o Mundo para **Pergamum** para descanso e relaxamento."

"Relaxamento!" Eu queria gritar.

"Claudia, Claudia," o padre acalmou. "Você deve ficar calma."

"Como posso ficar calma quando cada dia é um dia passado longe do meu marido? Você não pode imaginar..."

"Posso imaginar, mas garanto que **Asklepios** nunca virá se você não relaxar."

Naquela tarde, decidi visitar a **famosa Biblioteca**. "Nós não usamos papiro", um atendente explicou-me. "Desenvolvemos algo melhor que chamamos de pergaminho. Sinta como é agradável ao toque. A **Biblioteca** tem mais de **duzentos mil** Rolos de pergaminho."

"Espero não ficar aqui tempo suficiente para ler todos eles", comentei para o zeloso atendente. "Comecei a temer o mesmo", interrompeu uma voz suave e grave.

Virei-me para ver uma **mulher sentada** em uma mesa próxima. Quando ela sorriu, pensei por um momento em Marcella. Os duas não se pareciam em nada - o cabelo dessa mulher era da **cor de cobre fundido**, mas ambas exalavam o mesmo luxo quente.

"Meu nome é **Miriam**", ela apresentou, acrescentando: "Alguns me chamam de **Miriam de Magdala**."

"Eu sou **Cláudia**. Meu marido, **Pôncio Pilatos** de Antioquia, me enviou aqui para uma Cura. E você?"

"Eu não, meu... companheiro. Seus **joelhos** o incomodam."

"Parece que ele veio ao lugar certo. Para onde quer que eu vá, encontro mais um Cirurgião, Massagista ou Parteira. É por isso que estou aqui - espero fazer uso de uma parteira."

"**Sério?** Passei os últimos **oito anos** tentando evitar a necessidade de uma parteira."

Eu olhei para ela com Curiosidade. Uma **mulher bonita**, realmente bonita, possivelmente um ou dois anos mais velha que eu. "Eu não posso imaginar isso."

"Você tem sorte", respondeu ela, abrindo espaço para mim no banco ao lado dela.

Fiquei sabendo que ela tinha vindo de **Roma** para **Pérgamo**. Percebendo o **sistro** em volta da minha garganta, **Miriam confidenciou** que ela também era uma **devota** de **Ísis**. Senti um vínculo instantâneo e estava ansioso para ouvir mais, mas antes que eu pudesse

perguntar, **Sempronia** apareceu insistindo que ela tinha algo importante para discutir. Pensando que tinha a ver com meu tratamento, saí da Biblioteca com ela.

"Você percebe quem é?" ela exigiu.

"Apenas uma mulher agradável."

"Agradável!" **Sempronia** plantou as mãos rechonchudas nos quadris mais rechonchudos. "Ela é uma das **cortesãs** mais notórias de **Roma**. O **general Máximo** a trouxe da Judéia. **Seus pais a renegaram** - um escândalo terrível. Desde então, ela passou de homem em homem, todos eles ricos. O **último** - um **Senador**, a trouxe-a aqui. "

"Como você sabe disso?"

"Todo mundo está falando. Se você não passasse tanto tempo lendo..."

Até agora eu aprendi a ignorar Sempronia, era adepta de desligar minha mente de sua tagarelice. Pensei em **Miriam**, fria e elegante, sua palla de seda verde caindo graciosamente sobre uma túnica da cor da espuma do mar. Em seus longos dedos e em suas pequenas e delicadas orelhas grandes topázios brilharam. Ela parecia cara. O que quer que Miriam tenha feito, ela aparentemente fez bem.

Sempronia ainda estava falando, balançando o dedo. "... **sua reputação**. O que seu marido pensar?"

"Ele pode esperar que eu aprenda algo novo."

Sempronia ficou boquiaberta enquanto eu saía para me encontrar com a Massagista atribuída a mim.

Nos dias seguintes, passei muito tempo com **Miriam**. Ela era calorosa e receptiva, com uma sagacidade deliciosamente irônica. Embora geralmente reticente, achei fácil compartilhar meus sentimentos. Talvez fosse **nossa fé compartilhada** ou a vaga semelhança com Marcella, talvez simplesmente porque Miriam era uma boa conversadora, bem culta, atraída como eu por **Virgílio** e o escritor mais recente, **Sêneca**.

Enquanto seu rico patrono, **Cato Valerius**, mergulhava nas Fontes Termiais, fazíamos longas caminhadas e íamos ao teatro juntas. **Literatura** e **filosofia** pareciam fascinar Miriam. Embora suas opiniões fossem frequentemente engraçadas e perspicazes, ela raramente falava de si mesma.

A cada manhã, Galen veio ao meu cubículo de sono com expectativa, ele perguntava: "**Asklepios veio até você?**" Invariavelmente, eu balançava a cabeça. Na quinta manhã, arrisquei: "Talvez eu não seja digna".

"Isso parece improvável. Lembre-se, **não é necessário** que você realmente veja **Asklepios**. **Basta que você tenha um sonho**. Estou aqui para ajudá-la a interpretá-lo e, em seguida, ajudá-la a **realizar os desejos de Deus**."

Eu balancei minha cabeça desamparadamente. "Toda a minha vida fui atormentada por sonhos que não queria. Agora que isso importa, por que não posso ter um?"

Eu tinha começado o regime com muita esperança. O Ar de propósito **Sublime** do centro de saúde em meio a um ambiente elegante havia animado minha fé. Agora, os dias que passam me apavoram. Eu me preocupava cada vez mais com Pilatos.

Quanto tempo mais me atrevi a permanecer longe dele?

"O que devo fazer?" Perguntei a Miriam mais tarde naquela manhã.

"**Sem Pilatos, não sou nada**." Seus Olhos Esmeralda se arregalaram de surpresa.

"Com quem quer que eu esteja, **sempre sou Miriam**."

"Como você pode dizer isso? Você de todas as pessoas? Eu sei quem você é, o que você faz, os homens que você - você sabe. E se eles não quiserem mais você, e se eles forem cruéis? Você deve estar constantemente precisando por favor."

"**Apenas um homem foi cruel**", disse ela com um leve encolher de ombros. "Eu o deixei. Há muitos ansiosos pelos meus favores. Agradar aos homens é o que eu faço. Na parte do mundo onde cresci há mulheres que se dedicam ao Amor.

Elas são as **Sacerdotisas Sagradas** da **deusa Astoreth**. é seu prazer dar prazer. "

"Mas você não pode continuar dando - prazer - para sempre."

Miriam sorriu, obviamente satisfeita consigo mesma. "Já pensou nisso."

Uma vez eu estava sozinha e desamparada. Não vai acontecer novamente. Meus amantes são *generosos*. Guardei **dinheiro** onde ninguém pode tocá-lo. Tenho muitos bons anos restantes. Quando eles acabarem, vou comprar uma **villa** à beira-mar e passar os dias lendo. "

"Eu não entendo você de jeito nenhum. Não consigo imaginar uma vida assim."

"Eu poderia dizer o mesmo sobre o seu."

Uma coisa em que **Miriam** e **eu** concordamos prontamente foi nossa impaciência com o **Asklepion**, embora muitos convidados parecessem contentes em passar meses relaxando sob as colunatas sombreadas, conversando sobre seus enemas e derramamento de sangue. "O que você faria se Cato quisesse ficar?" Eu perguntei a ela.

"**Deixe-o**", ela respondeu sem hesitar, mas acrescentou: "Cato é um homem de ação. Ele é tão impaciente quanto nós. Na noite passada ele disse que estava até pronto para experimentar o **poço da cobra**."

"Ninho de cobras!" O cabelo da minha nuca se arrepiou.

"Ele estava brincando, é claro, mas está inquieto." "**O que é o poço da cobra?**"

"Eu não sei realmente. Os atendentes apenas sussurram. Deve ser para incuráveis - pessoas loucas." Ela refletiu por um momento, olhando para o vale selvagem abaixo, então se virou para mim. "Talvez a **serpente** espere no jardim por todos. Mais cedo ou mais tarde todos devemos enfrentá-la."

Do que ela estava falando! Cobras, lunáticos, mudei rapidamente de assunto.

Na manhã seguinte, Miriam anunciou que Cato Valerius finalmente **teve um sonho**.

"Asklepios apareceu para ele diante da Esfinge", ela me disse. "O padre acredita que o Sol quente será bom para suas juntas. Amanhã partiremos para o Egito."

"Vou sentir sua falta", eu disse a ela e quis dizer isso. Era incrível que essa mulher estranha com suas idéias escandalosas tivesse se tornado uma amiga próxima quase da noite para o dia.

"Minha querida, **nos encontraremos de novo**. Eu **sei disso**", disse Miriam.

Eu olhei profundamente em seus olhos e balancei a cabeça.

Com Miriam sei, meu pensamento de nada a não ser Pilatos. O que ele está fazendo e com quem? "Estou indo para casa", disse a **Galen** no dia seguinte. "Esta é a sétima manhã em que **acordo sem lembrar de nada**, de absolutamente nada."

"Você não pode fazer isso."

"Não posso! O que você quer dizer? Claro, eu posso. Eu vou."

"Seu marido quer que você fique. Seu guardião deixou isso bem claro."

"Um calafrio tomou conta de mim. "**Meu guardião?**"

"**Plutônio**, é claro." Abaixei minha voz, ciente de que outros estavam ouvindo.

"Nós viajamos aqui juntos, mas eu dificilmente o chamaria de..."

- Seu marido está ansioso por um herdeiro. Ele o colocou aos cuidados de Plutônio. É sua responsabilidade cuidar de que siga todos os procedimentos.

"Parece que segui todos os caminhos."

"**Não exatamente**." **Galen** hesitou. "Há um tratamento que reservamos..."

Lembrei-me das palavras de **Miriam** e engasguei. "Você não quer dizer o **poço da cobra?**"

"Você tem ouvido fofocas no banho. O que eles sabem? Suas curas são fenomenais, tanto para a alma quanto para o corpo."

"**Se o paciente sobreviver**. Não farei isso", gritei, sem me importar com quem me ouvisse. "Eu simplesmente não vou fazer isso!"

CAPÍTULO 18 - Asklepios

Eu gritei na escuridão. Mãos fortes e insistentes me agarraram e me levantaram da cama. Abri a boca para gritar de novo, mas não ouvi nenhum **Som**.

Com o coração batendo freneticamente, tentei lutar. Meus braços, estranhamente pesados, recusaram-se a obedecer. "**Não não não!**" Eu gemi.

Acordando mais tarde, dolorida e grogue, estremei. A luz do Sol brilhante fluía de uma janela em frente a onde eu estava. Sentindo-me como um animal preso, olhei de uma parede desconhecida para outra. O pequeno quarto era limpo e branco, semelhante a uma cela em sua austeridade - uma pequena janela, uma cama estreita, uma cadeira e uma mesa, acima deles um pequeno espelho.

Cambaleei até a janela e fiquei surpresa ao me encontrar bem acima do solo. **Pergamum** era uma cidade de complexos. Reconheci facilmente o Grande **Altar Central** de **Asklepios**, depois a Biblioteca e o Teatro. Raramente as figuras que se moviam rapidamente abaixo olharam para cima, e aquelas que o fizeram pareceram alheias aos meus gritos.

Bati na porta pesada até meus punhos ficarem machucados. Foi inútil.

Meus **captores**, homens de voz suave que eu não tinha visto antes, vinham quando queriam, seus olhos cautelosos nunca encontrando os meus. Com suas túnicas brancas imaculadas e cabelos curtos, era difícil distinguir um do outro. Sempre pacientes, sempre educados, não me disseram nada.

Certa de que tinha sido drogada, quebrei a jarra de água que eles me deixaram.

Com o tempo, conforme os guardas apareciam e reapareciam com novos recipientes de água, a Sede Venceu meu medo. Eu também estava com fome, com muita fome. Nenhum dos meus pertences foi trazido da pousada. Não havia nada para ler, nenhuma caneta ou tablete para escrever. Acompanhei os dias riscando uma linha com a unha na mesa ao lado da cama. Um dois três.

Na manhã do quarto dia, ouvi um parafuso a subir. Meu coração deu um salto.

Prendi minha respiração. A porta se abriu lentamente para admitir **Sempronia**.

A curiosidade lasciva substituiu sua maneira insinuante. "Minha pombinha!

Estou tão feliz em ver você." **Sempronia** examinou a pequena sala, um sorriso benigno colado em seu rosto. "É muito agradável aqui. Espero que você esteja confortável."

Eu enrijei, não preste a revelar meu medo a ela. "**Na prisão?**"

O rosto rosado de Sempronia ficou mais rosado. "Espero que você não culpe Plutônio ou a mim."

"**Quem mais devo culpar?** Foi você quem me trouxe aqui. Seu marido sugeriu a viagem a Pilatos em primeiro lugar." Sempronia recuou.

Eu me movi rapidamente, segurando seus ombros. "Você sabe o que são vou fazer?"

"Você disse repetidamente o quanto deseja um filho..." "Você faria isso?"

"Eu tenho três filhos." "Você faria isso?"

Sempronia desviou o olhar. "Este é o **Asklepion** mais aclamado do mundo.

As pessoas vêm de em todos os lugares para serem Curadas.

"Você foi uma delas", ela me lembrou.

"Ninguém disse nada sobre um **poço de cobra**. Você nunca disse nada."

"Plutônio não me deixou", ela admitiu, os olhos baixos.

"Meu marido também sabia?"

"Eu ... eu **suponho que sim**." Sempronia se soltou de mim e recuou.

"Eu não deveria ter vindo. Eu só queria ver se você precisava de alguma coisa."

"Precisava de qualquer coisa!"

Bem, sim, você pode dizer que preciso de algumas coisas. Vamos começar com Rachel. Eu **quero minha escrava**. Eu quero comida e água que não forem drogadas. Eu

quero minha caneta e tablet, minhas roupas.

A maioria de tudo, eu **quero ir embora.**"

Os olhos de **Sempronia** imploraram por mim. "Ninguém planejou o **poço das cobras**. Você é uma sonhadora - todo mundo sabe disso. Naturalmente, **presumimos** que você teria um lindo sonho aqui, um que a **capacitaria a conceber**. Todos nós teríamos um feriado maravilhoso e depois voltaríamos para Antioquia. Pilatos ficaria tão satisfeito..."

"Que ele recompensaria **Plutônio** com o **Contrato de Trigo** que está atrás", terminei por ela. "Mas eu não tive aquele sonho lindo. Quero ir para casa agora."

"Por Júpiter, mulher, você é uma romana! Pare de choramingar como uma escrava." Virei-me e vi Plutônio na porta. Nenhum traço agora do **obsequioso bajulador** em seus estreitos olhos brilhantes. "Seu marido considera você bastante notável. Eu acredito que a palavra dele foi 'espiritual'. Ele tinha certeza de que **Asklepios** iria aparecer para você." Plutônio encolheu os ombros ligeiramente. "Infelizmente, isso ainda não aconteceu."

"Certamente Pilatos não espera que eu **me sujeite-se as cobras.**"

"Ele espera que você cumpra seu dever." Plutônio cruzou os braços sobre o peito musculoso. "Como seu tutor, é minha responsabilidade ver seus desejos realizados."

Lutei para manter minha voz calma. "Quero enviar uma mensagem aos meus pais."

Plutônio assentiu como se estivesse considerando. "Talvez eles cedessem aos seus caprichos, talvez não. Preciso lembrar que eles estão longe? "

Braços rígidos, perto dos meus lados, mãos fechadas com força em punhos, gritei de raiva. A porta se abriu. **Galen** passou por **Plutônio** e entrou na pequena sala.

"É melhor que você vá embora", ele orientou o casal.

"Minha paciente e eu temos muito a discutir."

Parecendo aliviada, Sempronia passou pela porta. Plutônio hesitou, seus olhos estudando o Sacerdote. "Você entende a importância disso?"

A Domina **Claudia** pode ser astuta e persuasiva quando ela escolhe."

"A Domina **Claudia** e eu nos entendemos muito bem", assegurou Galen. "Achei que tínhamos nos entendido", disse eu, quando ficarmos sozinhos.

Nunca gostei de Plutônio ou Semprônia. Agora eu os odiava com todo o meu ser. Eu também **odiava Galen**, pois certamente ele estivera conversando com eles o tempo todo. Seus olhos calmos, quase sonhadores, me olharam. "Você parece cansada."

"Claro que estou cansada! Daria para dormir se soubesse que a qualquer momento **pode ser arrastado** para uma cova de cobras?"

Também está com fome. E a água?

Tenho certeza de que está drogada."

"Não há nada na água que te faça mal", ele me assegurou. "Lamento que você esteja com fome, mas um jejum de três dias é necessário antes do seu tratamento."

"Tratamento! Como você é eufemista."

"Claro, é um tratamento. O que mais? Alguns descobriram que as **cobras têm poderes milagrosos.**"

"Aqueles que sobrevivem a eles." Afastando-me dele, tive um vislumbre de mim mesmo no pequeno espelho acima da mesa. Meu rosto estava mais magro, mas a nova magreza fez meus olhos ainda maiores... Eu olhei para **Galen**, abaixando meus cílios, suavizando minha voz. - Certamente você pode intervir. Você poderia me salvar, **Galen...** se quiser.

Ele enrijeceu. **"Minha vida** pertence a **Asklepios**. Eu sou um padre", ele me lembrou. "É para o deus decida que forma a salvação terá. Você deve saber sua vontade esta noite. "

ESTAMOS ANTES DE UM TEMPLO MASSIVO DE MÁRMORE. Eu tremi com o ar da noite, puxando meu vestido fino para mais perto - uma Túnica de Seda para dormir. Eles poderim pelo menos ter me permitido uma estola. Uma onda de tontura tomou conta de mim enquanto os **padres se aproximavam**, muitos deles. Eu me sentia fraca, não

conseguia respirar. Quando **Galen** abriu a porta de madeira entalhada, dei uma última olhada no céu da meia-noite. Nenhuma lua iluminou nosso caminho.

Um mau sinal, eu presumi, mas **Galen** balançou a cabeça. "Não podemos ver a lua nova, mas ela está lá. Esta noite é feita para começos."

"Não, por favor, não!" Eu me afastei da porta.

Galen me segurou com firmeza. "Não torne isso mais difícil para nós ou para você." Ele acenou para outro padre. Tentei me libertar, mas o grande homem me segurou, suas mãos como um torno.

"Você disse que preferia andar", **Galen** me lembrou.

"Andar em vez de ser arrastada? Claro, eu sou um Claudiano!"

Eu endireitei meus ombros.

"Agora, agora, querida **Claudia**," **Galen** repreendeu suavemente. "Você deve perceber que tudo o que fazemos é para o seu próprio bem." Eles estavam empurrando agora, empurrando-me para o **foyer** do Templo. Tochas de parede ardentes iluminavam a sala. Na parede com afrescos, centauros cruzaram os céus. Bem diante de mim estava uma estátua de **Asklepios**. Eu caí de joelhos. Como uma Divindade compassiva poderia me sujeitar a esse horror? - **Asklepios! - meu Deus...** Os padres me puseram de pé.

"Você virá conosco." A voz firme de **Galen** não deixou dúvidas quando ele e os outros Sacerdotes me empurraram para uma sala pequena e úmida. Percebi agora que o Templo foi construído sobre a entrada de um túnel. Um padre se ajoelhou diante de mim, desabotoando minhas sandálias, puxando-as até que eu estivesse descalço.

O piso de mármore estava frio e escorregadio. Os padres apagaram suas tochas. Avançando, eles me arrastaram para a escuridão.

Cambaleei com frequência, agarrando-me vertiginosamente a **Galen**, desmaiada de fome e também de medo, enquanto nos movíamos mais fundo na escuridão bolorenta.

Às vezes eu ouvia ruídos estranhos e sussurrantes. Eu me perguntei se estava descendo para o **Hades**. Por fim, paramos diante de uma porta enorme.

Calafrios percorreram meu corpo quando ouvi a fechadura sendo puxada.

Galen e outro padre me arrastaram para uma sala pequena e redonda mal iluminada por lâmpadas piscantes colocadas em nichos altos. No centro havia um sofá montado em um estrado baixo. Uma calha no chão circundava a sala, mas não vi água lá.

Galen me levantou para o estrado. Minha risada nervosa ecoou na câmara de silêncio. "Certamente você não espera que eu tenha um sonho aqui - agora?" Eu perguntei.

"Você pode se surpreender," Galen respondeu. "**E quanto às cobras?**"

"Não há cobras. Olhe para você," **Galen** me acalmou enquanto colocava um travesseiro atrás da minha cabeça. Parecia úmido e pegajoso.

Os outros padres desapareceram de volta no túnel.

Agarrei-me a Galen, implorando: "Não me deixe."

"**Asklepios** sabe melhor", disse **Galen**, seus olhos fixos na parede em algum lugar atrás de mim. Ele desengatou-se. "Apenas coloque sua fé nele."

"Eu costumava colocar minha fé em **Ísis**." Comecei a soluçar. "Agora ela me abandonou. Este é o meu castigo."

"Esta é **uma Cura**, não uma punição", disse Galen, com a mandíbula apertada. "Devo partir agora."

"Por favor não!" Saltei do estrado e corri atrás dele. A porta de ferro se fechou e Galen se foi.

Com a **garganta em carne viva de tanto gritar**, olhei ao redor da sala, um intrincado **padrão de cobras** entrelaçadas cobrindo as paredes e o teto. As mesmas formas sinuosas se contorciam no chão de mosaico. O termo **cova da cobra** poderia ser meramente figurativo? Se ao menos... "Eu sou descendente de heróis", eu disse em voz alta, um encantamento repetido de novo e de novo enquanto eu me encostava na porta.

Lâmpadas exalavam um incenso que eu não tinha sentido antes, doce, mas terroso.

Pensei em uma vegetação luxuriante e frondosa.

Em algum lugar nas sombras, ouvi um **som sibilante** seco. As formas retorcidas e contorcidas nas paredes e no teto me deixaram tonta. Algo sussurrou, mais perto dessa vez. Então eu os vi. **Primeiro uma cobra**, depois duas, **depois centenas** escorregaram do cocho. Eu gritei quando uma deslizou pelo meu pé descalço. Recuando, pisei em outro.

Corri de volta para o estrado e subi no sofá. Uma **grande cobra negra** deslizou para cima do chão, sua cabeça erguendo-se acima do estrado. Ela se moveu lentamente em minha direção, deslizando pelo sofá e depois enrolou no meu tornozelo. Eu chutei freneticamente, mas a cabeça da cobra deslizou para cima. O mar de cobras enchia a pequena sala, tremendo e enrolando-se juntas, agrupadas em torno do meu sofá.

"Não!" Eu gritei. "Não!" Agarrando a cobra, lancei-a com todas as minhas forças contra a parede. O réptil caiu frouxamente no chão. Pelo menos eu tinha matado um, mas não, o morto não estava morto. Ela subiu novamente maior do que antes. Olhando para mim com olhos de obsidiana brilhantes, a serpente deslizou de volta para o estrado. Era mais largo que um pilar, crescendo ainda mais. Erguendo ainda mais a cabeça, a língua da cobra tocou minha perna agitada.

Lentamente, a serpente se levantou até que seus **olhos estivessem no mesmo nível** dos meus. Minhas unhas cravaram profundamente nas palmas das minhas mãos cerradas. "**Pilatos!** Como você pôde fazer isso comigo?" Eu gritei.

A cobra deslizou para frente, **envolvendo-me** em seus rolos ondulantes. Sua força ao meu redor, dentro de mim, me abrangendo completamente. A **energia tão poderosa**, meu corpo pulsou. Eu não conseguia mais respirar, não conseguia mais pensar na respiração.

Meus olhos se abriram para **uma luz deslumbrante** e cegante.

Um **som latejante** se movia cada vez mais perto, implacavelmente batendo, batendo, batendo, me puxando para baixo, para baixo, para a escuridão. As ondas me envolveram, mergulharam em um poço sem fundo. Caindo cada vez mais rápido.

Água negra encheu meus pulmões. Eu senti a vida me deixando. Eu lutei, ofegante. Nada nada. Em seguida, o doce **som de liras, flautas e sistros**. Uma mão tão fria na minha testa. **Claudia, minha escolhida, você se esqueceu que estou sempre aqui?**

"**Ísis**," murmurei, procurando pela luz.

A visão, a jornada além do conhecimento desbotada, continuou como uma tempestade passageira, deixando apenas escuridão. Nova e aberta, afasto a velha Claudia como uma cobra trocando de pele. Meu corpo flutuou, recém-nascido da ignorância para o conhecimento consciente.

Por um tempo, vi apenas escuridão. Então, em algum lugar à distância, uma forma apareceu. **Foi Tata!** Ele ficou sozinho me olhando, seu rosto branco e solene.

Tata, o que é? "Você tem um dever, Claudia," ele disse finalmente.

"Você está sozinho." Meu pai se virou, desaparecendo na escuridão. Em algum lugar distante, ouvi mamãe chamar: "**Marcus, Marcus. Espere! Não vá sem mim!**"

TELE MUNDO SOBRE MIM PICOU RITMICAMENTE DE LADO A LADO, nunca ainda. **Onde eu estava?** Uma pulsação constante ecoou em minha cabeça.

Essa batida ... o que é? Lutei para abrir meus olhos.

- Domina! Finalmente você acordou! Estamos em um barco. Os escravos das galés estão nos levando de volta para **Antioquia**.

Você está bem?"

"Mais do que tudo bem, Rachel" - um sussurro tudo que eu consegui dizer - "melhor do que nunca." Eu queria dizer mais, mas não consegui. Cansada, fechei os olhos e dormi - quem sabe quanto tempo.

WGALINHA Eu ACORDADO, RACHEL ESTAVA DE NOVO AO MEU.

"UM ASKLEPIOS, FEZ ele veio para você?" ela arriscou.

Eu balancei a cabeça fracamente. "Ele te machucou?"

"Ele me salvou. Esse foi o seu presente. Ele me devolveu eu mesmo." Rachel franziu a testa, confusa. "E a criança?"

"**Não haverá criança**", eu disse, lutando para me sentar. "Mas, Dominus ... você não o ama mais?"

"Amor? Não sei nada sobre o amor, talvez nunca tenha sabido."

Parei por um momento, pensando. "Eu sei sobre esperança. Eu perdi a esperança."

"Dominus não poderia saber sobre o **poço da cobra**", disse Rachel, enquanto escovava meu cabelo emaranhado.

"Ele sabia, ele tinha que saber."

Os olhos castanhos de Rachel me observaram com simpatia. "Mulheres romanas obedecem a seus maridos", ela lembrou-me.

"Eu sei. Mamãe tem muita sorte. Para ela é fácil. Poucas mulheres amam seus maridos como ela - ou ter maridos como meu pai. "

"**Tu mudas-te.**" Rachel largou a escova e começou a massagear meu couro cabeludo. "O deus fez isso? Você parece mais forte... mais sábia. Você vê as coisas como elas são."

"Talvez, mas não tenho intenção de aceitar o que vejo."

O movimento ondulante das mãos de Rachel parou. "O que você quer dizer?"

"Mamãe e Tata me deram dinheiro antes do casamento, cada uma dizendo que uma esposa deveria ter algo próprio sem saber que a outro desejava o mesmo. Há mais do que o suficiente para pagar nossa passagem para Roma."

"Para Roma!" Rachel engasgou, "O que você está pensando?"

"Vou para a casa dos meus pais. Deixe as pessoas falarem como quiserem. Não vai demorar muito para que tenham outra coisa para fofocar, outra pessoa. Quando eu estiver em casa - realmente em casa - tudo ficará bem. " deitei de volta contente, curtindo meu novo senso de confiança.

Conforme os **dias a bordo do navio passavam** a minha energia voltava lentamente, fiquei inquieta. A batida dos tambores que comandava os escravos das galés ressaltou minha ânsia de chegar a **Antioquia, romper meus laços ali** e seguir com minha vida. Levantando-me finalmente, pedi a Rachel que carregasse meu sofá para o convés.

Lá, reclinei-me por horas olhando o mar. As ondas espumaram e espirraram nos flancos do navio, agitando-se em um tom cinza e profundo. Os passageiros e a tripulação andavam nas pontas dos pés ao meu redor.

Alguns estavam abertamente curiosos, outros pareciam quase pasmos. Suponho que tenham ouvido falar do **poço da cobra**. Desencorajei conversas até mesmo com Rachel.

A única empresa que procurei foi a de **Ísis**. Senti sua força agora como nunca antes.

Semprônia e Plutônio observavam com olhos ansiosos. Quando o navio chegou a **Halicarnasso**, vi Plutônio entregar um pergaminho a um oficial prestes a embarcar em uma embarcação menor e mais rápida ancorada ao lado da nossa. Sem dúvida, ele estava se certificando de que sua versão dos acontecimentos chegasse primeiro a Pilatos.

Que divertido, que sem importância.

Eu **SERRA PILATE OBSERVANDO COMO O NAVIO ENTROUUMANTIOCH.** BEFORE qualquer um poderia desembarcar, ele embarcou, abrindo caminho passando por Plutônio e Semprônia. "Estou feliz que você voltou", disse ele, seus braços em volta de mim. "Senti sua falta."

"Você fez?" Eu perguntei, escapando de seu alcance.

"Você realmente?" Eu olhei para ele com curiosidade.

Os olhos azuis que eu achava irresistíveis voltaram-se com força total para mim. "Eu entendo que você passou por uma provação e tanto. Eu sinto muito, realmente sinto muito."

"**Uma provação?** Você pode dizer isso. Foi uma experiência muito - como direi? - esclarecedora."

"Estou feliz que você se sinta assim." Surpresa e alívio estavam aparentes em seu rosto quando ele me pegou em seus braços novamente. "**Há algo que eu preciso te dizer.**"

Um terrível pavor tomou conta de mim... o sonho. Meu coração começou a bater forte enquanto ele embalava minha cabeça em seu ombro.

"Chegou uma **carta de Agripina** esta manhã."

Liberando-me, recuei e olhei para ele. "É Tata, não é? Algo aconteceu a *Tata*."

"Receio que sim. Seu pai foi condenado por Tibério, condenado como traidor e confinado a sua casa para aguardar julgamento. Todos sabiam o que se esperava dele."

"**Não é suicídio...**" Minha garganta apertada mal conseguia formar a palavra.

"E a mãe?" Respirei fundo, já sabendo o que ele diria.

"Ela escolheu morrer com ele."

CAPÍTULO 19 - A Serva de Ísis

O que posso fazer, Claudia? Diga-me, quero ajudar.

"Ouvi a voz de Pilatos como num sonho." Deixe-me levá-la para casa. "

"Para casa? "Olhei para ele." Quer me levar para casa? Se eu tiver uma casa em qualquer lugar deste mundo não é com você. "Eu empurrei seus braços para o lado e me virei, olhando em volta atordoada. Casa estava com **mamãe** e **Tata**, mas agora eles se foram, perdidas para sempre. Como eu poderia viver sem elas?

Para onde eu poderia ir? O que sobrou para mim?

"Do que você está falando!" Os olhos de Pilatos brilharam com raiva.

"**Seus pais estão mortos.** Sua única casa é comigo!" Ele me agarrou novamente, mas eu me afastei com tanta força que minha estola rasgou em suas mãos.

Logo além do cais, vi uma Carruagem destruída; o motorista, um sujeito mal-cuidado, perambulava por perto. Plutônio apareceu ao nosso lado, procurando a atenção de Pilatos. Enquanto meu marido se virava impaciente para ele, corri para a carruagem e subi.

"Eu vou te pagar mais do que qualquer um", eu ofereci. Os olhos do motorista se moveram sobre mim, avaliando. "Por favor," implorei, abrindo a bolsa na minha cintura.

"O que você quiser. Leve-me para..." Hesitei, hesitante. Pilatos caminhava furioso em nossa direção. "Apenas vá!" Eu gritei. "Tire-me daqui."

Pilatos avançou, agarrando as rédeas. "Pare!" ele gritou, uma figura impressionante em seu elmo emplumado e capa escarlate.

"Não! Não dê ouvidos a ele", eu implorei. "Eu tenho ouro, você o terá."

O motorista olhou para Pilatos e depois para mim. Ele arrancou as rédeas e estalou o chicote. Os cavalos avançaram, quase me jogando do chão. "Onde você quer ir?"

Onde? Para onde no mundo eu poderia ir? E então eu soube. O lugar perfeito, o único lugar.

Apoiei meus pés, agarrei-me com força à cintura do cocheiro, imune ao seu cheiro, ao cabelo comprido e oleoso que às vezes soprava em meu rosto. Galopamos impetuosamente por vastas barracas à beira-mar, passando por pórticos e arcos, mercados e banhos até que, bem no centro de Antioquia, a carruagem parou.

Aparecendo diante de nós em todos os seus Glória era o **Templo de Ísis**.

"Você sabe que carruagens não são permitidas aqui", o motorista me lembrou.

"Sim, sim, eu sei. Pegue isso, pegue tudo," eu disse, entregando-lhe minha bolsa.

"Considere isso um presente de **Ísis** a quem você me entregou."

Ele me ajudou a descer e ficou parado por um momento olhando para o templo.

"Uma nova vida para você, não é? Que a Fortuna lhe traga sorte. "

Eu olhei para ele com surpresa. "Você já me trouxe sorte. Obrigado."

Virei-me e subi correndo as largas escadas de mármore, com medo de que Pilatos estivesse atrás de mim.

O templo fervilhava de atividade. Adoradores - em kilts egípcios, togas romanas, túnicas gregas - iam e vinham de todas as direções. Sacerdotes e sacerdotisas de aparência adequada em seus linhos finos brancos olharam de soslaio quando passei por eles correndo em direção ao pátio interno. Alguém deve ter convocado o **mistagogo**, pois ele estava como se esperasse por mim ao lado da **grande estátua de Ouro de Ísis**.

Caindo de joelhos, ajoelhei-me diante dele. "Leve-me para dentro", eu implorei, lutando contra as lágrimas. "Meus queridos Pais se foram. O Casamento que eu queria desesperadamente acabou. Apenas **Ísis** permanece.

Você deve me aceitar como uma acólita."

Gentilmente, o santo homem me pôs de pé. "**Você mudou**", disse ele, afastando o cabelo emaranhado do meu rosto. "Vejo a grande tristeza que se abateu sobre você. Também vejo que **Ísis** voltou ao seu coração. Você deve continuar a buscar a verdade dela, meditar e orar, mas a vida no Templo - não. **Isso não é para você.**"

"Apenas me dê uma chance de provar meu valor."

O **mistagogo** olhou para mim, um leve sorriso pairando sobre seus lábios.

"Você não tem ideia do que está pedindo. As tarefas diárias sempre foram feitas para você. Você mal pensa nelas - se é que pensa nelas. Aqui você teria que servir aos outros. Duvido que seja forte o suficiente."

"Se outros acólitos podem fazer isso, eu posso."

"A maioria deles são escravos livres ou enfeitados. Raramente uma mulher de sua posição serve no Templo."

"Então deixe-me ser a exceção. Farei tudo o que você disser."

"Alguma coisa que eu digo? Você promete isso?"

"Sim. Trate-me como qualquer novata."

O **mistagogo** balançou a cabeça em dúvida, mas acabou concordando.

Ele também acreditou na minha palavra, dando ordens para que eu não recebesse nenhum favoritismo. Sem escravo para me ajudasse - eu não pediria a Rachel para compartilhar meu exílio - eu tinha que aprender a fazer por mim mesmo o que sempre foi feito por mim.

Coisas simples como me vestir no início pareciam impossíveis. Meus vestidos - combinando comprimento com comprimento, a dobra e o fecho - eram um mistério. Aprendi que havia um truque para puxar a palla para cima e prendê-la com firmeza sob meus seios. Eu nunca antes havia tocado meu cabelo com a mão; Rachel havia passado horas nisso. Agora eu me esforçava para domar os cachos rebeldes, finalmente puxando-os em uma única trança grossa.

Flavia, Sacerdotisa das latrinas, foi minha primeira capataz. Com as sobranceiras levantadas para o mistagogo, ela me levou para um **prédio de mármore** que ficava ao lado dos banhos. Baixei a cabeça, segurei o nariz e entrei. "Bem, é claro", ela me lembrou, "não é como se não viéssemos aqui várias vezes ao dia. É isso mesmo. Viemos aqui com frequência. Sempre somos gratos por encontrar o que precisamos, quando e onde precisamos e então partimos. Rapidamente. "

Ela pegou um **trapo menstrual** ensanguentado e jogou-o cuidadosamente em uma cesta de vime. "Alguns de nós partem tão rapidamente que não percebemos a bagunça que deixamos para trás."

Para minha surpresa, descobri que as Sacerdotisas costumavam ser menos meticulosas do que os padres - ajudei a manter as duas latrinas. Sacerdotes e sacerdotisas, como todos nós, fazem as suas necessidades sentados em assentos de madeira acima de um ralo que descarrega o lixo no esgoto principal, onde acaba se transformando em esterco para os jardins. Apesar do incenso, nada poderia cobrir o cheiro em nenhuma das latrinas; e, por mais que eu esfregasse, eles nunca permaneceram limpos por muito tempo.

"O que excremento tem a ver com **Ísis**?" um jovem noviço gritou ao meu lado.

"É tudo uma honra", Flavia a lembrou. "Qualquer que seja a nossa tarefa, fazemos o trabalho da deusa."

Com a **mente entorpecida** por tudo o que acontecera, eu tinha pouca utilidade para a filosofia. Se é que pensei, foi na tarefa em mãos. Às vezes eu olhava para minhas unhas lascadas e pensava em mamãe. "O pior demora para vir e depois passar", costumava dizer. Chorei por dias, chorei e esfreguei, chorei e dormi, chorei e esfreguei novamente.

Os músculos dos meus braços e ombros doíam constantemente; meus joelhos estavam machucados de tanto ajoelhar. Eu estava muito, muito cansada, mas no final do dia, sozinha em meu cubículo minúsculo, adormeci chorando por meus pais.

Certa manhã, o **mistagogo** enviou uma mensagem dizendo que **Pilatos** esperava impacientemente por mim na antessala. "Deixe-o esperar", disse eu, empunhando a esponja latrina como uma marreta. No dia seguinte, o próprio homem santo apareceu, instando-me a ouvir meu marido. Eu balancei minha cabeça enfaticamente. "Logo ele deixará de perguntar. Ele encontrará outra. Ela virá de uma família poderosa, intimamente ligada a Tibério, uma família conhecida por gerar filhos. Ele vai querer o **Divórcio**."

Um mês se passou. Para minha surpresa, as exigências raivosas de **Pilatos** continuaram. Eu permaneci firme. Não havia nada que ele pudesse dizer que eu quisesse ouvir. Como poderia ser, pensei vagamente, que o homem a quem poucos ousavam dizer não continuasse a voltar. A ideia não me desagradou.

Semanas se passaram até que uma tarde um mensageiro anunciou que eu tinha outra visita. Este eu estava ansioso para ver - **Rachel**. Eu tinha sentido tanto a falta dela.

Não apenas as coisas que ela fez por mim, mas o que ela era para mim.

Minha querida, única amiga. Corremos para os braços uma do outra e depois nos separamos, recuando para olhar um para o outro. Rachel era Rachel.

Fui eu quem mudou e ela me disse isso. "Você é uma **domina**", ela exclamou, seus olhos percorrendo meus peplôs enrugados. "Isso não é vida para você!"

O que seu pai pensaria se pudesse te ver aqui?"

"Você adora **Ísis**," eu a lembrei. "Mas eu não sou uma escrava dela."

"**Eu não sou uma escrava! Eu sou uma Acólito**." Fios soltos de cabelo desgrudaram no meu pescoço. Conscientemente, tentei prendê-los de volta na trança.

"Esta é a vida que escolhi." Coloquei minha mão, tão vermelha e rachada, em sua mão macia e sorri com a incongruência.

Rachel não achou graça. "Você precisa que eu fale de sentido para você."

Você também precisa de mim para cuidar de você. Quando você vai parar com essa bobagem? Quando você vai voltar para a vida para a qual nasceu, a vida que seus pais queriam para você? Você pode **honrar Ísis** em seu coração, você pode vir aqui para adorar o quanto quiser, mas- "Pilatos a mandou aqui?"

"Sim, ele disse," ela admitiu, encontrando meus olhos diretamente.

"No início, Dominus não me permitiu vir. Ele esperava que você simplesmente desistisse e voltasse, mas hoje ele me pediu para dizer que ele sente muito, que ele nunca quis te machucar."

"Você acredita nele?" "Sim eu quero."

Olhei para além dela, através do jardim, para as latrinas. Seria tão fácil voltar para casa, retomar os fios de uma vida de ócio. Eu estava farta de sujeira, cansada de calosidades e músculos doloridos. "Seu lugar é no mundo", disse o **mistagogo**.

Lágrimas encheram meus olhos. Eu abracei Rachel, enterrando minha cabeça contra sua estola. "Não! Diga não a Pilatos." Eu me virei e saí correndo rapidamente da sala.

TALVEZ EU FOSSE BOM LIMPANDO LATRINAS, PELO MENOS NUNCA reclamei deles como os outros. Depois de algum tempo, o mistagogo procurou me promover.

"**Planejar refeições para cinquenta padres e sacerdotisas** deve ser uma tarefa fácil depois de todos os grandes Banquetes que você supervisionou", explicou ele.

Endireitando minhas costas doloridas, levantei os olhos das esponjas de banheiro que estava lavando em uma grande calha de pedra. O trabalho estúpido trouxe consolo.

Tive medo de sair de sua segurança. "Se você deseja atribuir tarefas culinárias, deixe-me descascar vegetais ou trazer comida para a mesa", eu disse.

Ele me puxou para encará-lo, colocando as mãos nos meus ombros. "Claudia, Claudia, a deusa não espera isso de você. Se ela quer alguém para atendê-la, há muitas garotas doces que fazem isso muito melhor do que você. É hora de você voltar para casa."

"Esta é a minha casa."

Ele balançou a cabeça em exasperação gentil.

"Muito bem então, apresente-se à culinária amanhã ao amanhecer."

CADA MANHÃ, ANTES DE COMEÇAR QUALQUER PREPARAÇÃO DE ALIMENTOS, A SACERDOTISA responsável reunia as **dez criadas** na grande cozinha caçada. O fogo já estava aceso na lareira elevada, grandes mesas de pedra estavam cobertas com pilhas de cebolas e alho esperando para serem descascados, galinhas recém-abatidas prontas para serem depenadas. Silenciosamente, agradecemos a Ísis pela comida que estávamos prestes a preparar, meditamos sobre nossas tarefas individuais, vendo-as como parte de um todo e visualizando o resultado bem-sucedido de nosso esforço conjunto.

Aceitei a ideia a princípio sem pensar, mas, conforme as semanas se transformaram em meses, um senso de comunidade tomou conta de mim e tive um prazer silencioso na realização de tarefas compartilhadas.

A princípio, os outros criticaram minha trapalhada - era óbvio que eu nunca seria uma cozinheira -, mas ninguém duvidou do meu esforço. Eu me ofereci para tudo e fiz o melhor que pude até que uma Sacerdotisa visitante de **Alexandria** se sentou à mesa principal.

Eu estava ansiosa para servi-la, esperando que ela tivesse notícias do **Alto Sacerdotisa** que tinha feito amizade comigo anos antes. Mas como essa mulher era diferente de meu benfeitor original! A sacerdotisa visitante, diferente de todas as que eu já conhecia, não gostava de falar com uma criada. Quando me inclinei diante dela, ela virou um perfil de bico arrogante para mim, recusando-se até mesmo a olhar para mim.

Mais tarde, quando me aproximei dela com uma travessa pesada de aspargos que eu mesmo havia colhido no jardim do Iseneum, ela parecia desdenhosa.

"Ugh! Isso é aspargo?"

Raramente tinha ouvido um tom tão desdenhoso - e nunca dirigido a mim!

Talvez se ela não se parecesse tanto com Sempronia ... A expressão de superioridade presunçosa da sacerdotisa transformou-se em horror quando as lanças de aspargos com manteiga caíram em seu colo.

Ninguém acreditava que o prato havia escorregado. Fiquei confinada em meu quarto por um mês sem nada para fazer a não ser meditar nas escrituras de Ísis.

Que delícia, pensei, a primeira vez que dormi depois do amanhecer. Surpreendentemente, com o passar do tempo, **perdi o balé da culinária** de que finalmente fiz parte. Pensei quase com saudade nos outros acólitos moendo ervas na moratória de pedra ou transformando trigo em farinha em mós. Por um tempo, até senti falta do cheiro de peixe defumando em pesadas panelas de ferro sobre o fogo. Pelo menos eu fiz parte de algo. Dedilhando o **sistro** que ainda usava no pescoço, orei a Ísis.

Onde é meu lugar neste mundo?

O **mistagogo** aparecia frequentemente para me dar um sermão. "Seu comportamento foi um lembrete de que você não deveria ser uma Acólita. Uma vez você desejou o casamento - o desejou desesperadamente. Agora você pertence ao seu marido."

Suspirei, desejando que o santo homem me deixasse em paz.

Não havia nada a ser dito.

Então, finalmente, chegou uma manhã em que eu estava ansiosa para conversar.

Tive um sonho bizarro e ansiava por compartilhá-lo com alguém.

A expressão branda do **mistagogo** mudou rapidamente para uma de interesse enquanto eu contava tudo de que conseguia me lembrar. "Eu estava sentada em uma mesa de Banquete suntuosa, em Roma, eu acho. Havia cortinas carmesim, cortinas pesadas, fechando-nos, e tapetes grossos. Meus pais, irmã e eu estávamos juntos novamente."

Fiz uma pausa, tentando limpar o nó na minha garganta. "Foi - foi tudo tão maravilhoso, como nos velhos tempos. Tata colocou o braço em volta da Mãe.

Ele ofereceu a ela um cálice de prata para beber. Eles estavam rindo, nós todos rindo. E então o sonho mudou. Eu era um menina de novo, mas Marcella era uma mulher vestindo **vestes Vestais brancas** com a cabeça coberta. Ela subiu na mesa do banquete, espalhando pratos, prata, comida e flores em todas as direções. Marcella começou a dançar, seus pés brancos contra as flores escuras.

Ela tirou a cobertura da cabeça e seu cabelo caiu comprido e encaracolado como antes. Marcella dançou cada vez mais rápido, as flores esmagadas, sangrando no pano.

A dança foi - foi selvagem. Seu cabelo estava voando; eu vi suas pernas, suas coxas! Fiquei assustado e me virei para Tata, mas ele se foi, mãe também.

Gritei para Marcella descer, mas ela não quis ... ou não consegui.

Já estava escurecendo. Eu não podia Já mais vejo, mas ouvi Marcella chamando de algum lugar escuro. 'Claudia, Claudia, me ajude!'

"Acordei então, meu coração estava batendo forte. O que você acha que isso significava?"

O mistagogo sentou-se à minha frente.

"Não importa o que eu penso, o que você pensa?"

"Eu não sei. É por isso que estou perguntando a você."

"E se você soubesse?"

"O que quer que signifique ou não, Marcella está longe em Roma e eu estou aqui. Minha vida está em o **Iseneum**."

"Não tenha tanta certeza. Talvez seja você quem deseja dançar nas mesas."

"Não é provável. Amanhã seu confinamento acabou. Estarei arrumando as mesas, não dançando sobre elas."

À medida que mais meses se passavam, eu saí da cozinha para o jardim.

Minhas costas, ombros e pernas doíam em novos lugares por me curvar e inclinar entre as longas fileiras de berinjelas e morangos. O sol estava quente, as moscas persistentes e o fertilizante - bem, eu sabia de onde isso vinha.

Procurei **Otávia, a sacerdotisa** encarregada do jardim, e a persuadi a me ensinar o conhecimento das Ervas. Fiquei fascinada e não demorou muito para criar um nicho para mim preparando poções. **Mandrake** para acalmar os nervos, **wolfbane** para aliviar a dor. Aprendi a fazer compressas de salgueiro para tratar a artrite, tornei-me especialista em triturar cascas e folhas de carvalho em cataplasmas para feridas purulentas.

Essa, finalmente decidi, era minha vocação; preparar **poções** era o plano divino de **Ísis** para mim. No entanto, algumas vezes me perguntei. Não havia mais nada? Foi isso?

Recusei a preparar as **poções do amor**. "Eles me fizeram muito bem!"

Eu protestei para o mistagogo. Enfiei a **yohimbe** e a erva daninha de cabra com tesão, cuidadosamente moídas, em um recipiente de vidro contendo azeite de oliva e essência de rosas, violetas e lírios. "Você deveria avisar os pobres tolos."

"Minhas advertências te ajudaram muito, Claudia." Seu sorriso raro me surpreendeu. "O amor é um presente da deusa. Ele foi feito para ser valorizado. A falha está na obsessão."

Obsessão...claro. Quanto mais eu dizia o encantamento, mais eu usava a poção, buscando para conquistar o amor de Pilatos, mais obcecado eu ficava por ele.

Fui eu, não ele, quem foi amarrado. Quão errado - quão tolo - foi tentar dobrar a vontade de alguém. Que preço eu paguei. Talvez Pilatos também...

Se eu tivesse seguido o **conselho do mistagogo** e o deixado em paz.

O sábio me observou, seus olhos escuros intensos.

"Você está **livre agora da obsessão**. Não é hora de usar essa **liberdade**?"

"Usei! Eu construí uma vida totalmente nova. Eu me dediquei à deusa."

"Mas e o seu marido, Claudia? Ele jura que nunca teria permitido que você fosse **jogada na cova da cobra** se soubesse disso. Ele te ama e quer você de volta.

Ele é um **Tribuno** agora. Você sabia disso? Semana ele vem aqui para distribuir esmolas e receber notícias suas. Ele deu ao Templo uma pequena Fortuna. "

Eu olhei para o **mistagogo** em perplexidade. "Como pode ser? Já se passou mais de um ano desde a última vez que usei a poção ou disse o encantamento."

"É tão difícil acreditar que o homem ama você como você é, que não há necessidade de intervenção divina?" Quando o encarei com dúvida, o santo homem persistiu.

"Seu marido vê muito em você que você ainda não reconheceu em si mesma."

Voltei minha atenção para moer ervas. "O que quer que ele veja ou pense que vê, logo verá em outra pessoa. É apenas uma questão de tempo."

"Talvez", o mistagogo concedeu. "Mas isso é tão importante?"

Ele sempre voltará para você.

Você é uma mulher agora, não uma garota romântica. **Ísis** tem um propósito para você." "Sim, bem aqui!"

O santo homem balançou a cabeça. "Há um ano você prometeu me obedecer. Agora estou mandando: **Claudia vai pra casa.**"

PARTE III - ROMA

no décimo terceiro ano do reinado de Tibério (27 EC)

CAPÍTULO 20 - Escolha de Marcella

A casa da **Família de Ilate** no **Monte Aventino**, rodeada como era por jardins antigos, pilares magníficos e trabalhos em mármore, tinha aquele **Ar Patrício** antigo.

O pai de meu marido tinha se saído bem com seu Negócio de Carruagens e quem sabe o que mais. Agora, com a sua morte, grande parte da **Fortuna** era nossa e com ela a Casa de Roma.

Lares familiares... espíritos da casa. **Dê-me** as **Boas-Bindas**, meu coração atormentado orou silenciosamente quando entramos. Não trago mal a ninguém. Vou encher o seu altar de flores. Vou acender o **fogo de Vesta**. Conceda-me **paciência...** conceda-me **paz**.

Bem ao meu lado, Pilatos perguntou: "Você gostou?"

Meus olhos percorreram a sala, observando o piso de mosaico, as paredes com afrescos requintados e o teto de mármore. "O que há para eu não gostar?"

Eu perguntei, movendo-me pelo átrio.

Era uma **Casa Palaciana** com muitos cômodos construídos em um retângulo principal, um do outro, todo aninhado em um jardim exuberante.

No centro, uma escravo esperava, ela fez uma **reverência** e me entregou uma vela acesa. Ajoelhei-me diante do **Grande Altar** de Pedra ao lado da lareira. Estava coberto de **Máscaras Mortuárias** familiares - imagens fúnebres de **Tata e Mãe** entre elas.

Acendi o **Fogo da Casa**, pensando em todas as Mulheres antes de mim que fizeram o mesmo. **Vesta, Vesta, Vesta**, eu achava que você era normal até ter um **fogo meu** para cuidar. Agora sei que é você quem nos une.

O Império é uma Família e você a **lembrança** constante de **sua Santidade**.

Embora não houvesse escapatória das **obrigações familiares**, a mudança para Roma poderia pelo menos me oferecer um novo começo... Talvez eu tenha suspirado sem perceber, pois **Pilatos** ergueu os olhos do conhecimento de embarque que estivera inspecionando e perguntou: "Qual é o importam?"

"**Sinto-me velha**", surpreendi-me ao responder.

"**Velha** aos **vinte e dois**. Pobre menina, como você se sentirá na minha idade avançada?" "**Trinta e dois** fica bem em você."

Ele também havia algumas novas linhas ao redor daqueles **olhos incríveis**, mas o corte de cabelo militar cortado o deixou bem. Pilatos ficara ainda mais bonito nos seis anos desde que nos conhecemos. "A idade não importa muito para os homens", disse eu.

"**Alguns são até atraentes aos quarenta**."

"Mesmo?" Ele largou o conhecimento de embarque. "Você tem alguém específico em mente?"

"**Meu pai**."

"Então é isso que te incomoda." Ele colocou a mão no meu ombro.

"Achei que você gostaria aqui."

"**Tão perto do homem que assassinou meus pais?**"

"**Tibério Governa o Mundo**, Claudia. Se eu quiser avançar, vou precisar de seu apoio."

Olhei em volta da sala iluminada pelo sol. Três corredores conduziam além, sucessivas vistas de luz e cor, corredores sombreados com piso de mosaico preto e branco.

"**A casa de sua família é esplêndida**", disse a ele. "**Aventino** é o bairro mais elegante de Roma. Se meus pais estivessem vivos, eles seriam os primeiros a me lembrar de ser grata por esse luxo. Mas eles não estão vivos."

"Não, minha querida", ele suspirou, "eles não estão, e nada pode mudar isso."

Ele pegou o conhecimento de embarque e voltou a verificar os móveis. "Achei que você amava Roma; lembro que sua mãe gostava."

"Esse é o problema." Lutei com o nó na garganta. "Esta manhã, ao nos aproximarmos da cidade, pensei repetidamente naquele outro tempo: **Germânico e Agripina** triunfantes, Mãe extasiada por estar em casa, Marcella e eu tão entusiasmadas, tão jovens, nossas vidas pela frente."

"Preciso te lembrar que uma grande parte da sua vida ainda resta? Em breve você e Marcella estarão juntas."

Um aborrecimento que ela esteja em retirada, mas isso não vai durar muito. "

"Sim, estou ansiosa pelo seu retorno - mais do que você pode imaginar - mas hoje vou encontrar Agripina. "

Pilatos suspirou novamente. "Se o seu próprio julgamento não for suficiente, terei que ser franco: você **não veja Agripina**. Não há mais nada a dizer. "Ele pegou um livro-razão, assunto encerrado."

Desta vez, recusei ser despedido. "**Agripina perdeu tudo**. Primeiro sua mãe - **morreu de fome** por ordem de **Tibério** naquela ilha miserável e agora" - lutei para conter minhas lágrimas - "e agora Nero e Druso"

"Eu sei que você sente falta deles, Claudia. Eu sinto muito."

"Saudades deles! Eles eram irmãos para mim, homens maravilhosos."

Cada um teria sido um governante excelente e honrado.

Mas agora ... Nero forçado a cometer suicídio e Druso - querido Druso maravilhoso, sempre meu protetor - **morreu de fome** em o porão do Palácio.

Você sabia que ele comeu o recheio do colchão? "

"Estes são tempos difíceis. Garanto, Agripina passou por muita coisa."

"E eu também - você não concorda? Eu também não passei por muita coisa?"

Não apenas as grandes perdas, aquelas que o mundo reconhece, mas também as decepções mais particulares, aquelas que só você pode conhecer."

Pilatos me olhou friamente.

Recusei-me a vacilar. "**Agripina foi uma segunda mãe para mim**", eu o lembrei. "Muito decente da parte dela não ter contatado você, muito discreto."

"É por isso que devo ir até ela." "Isso seria estranho."

"Estranho mesmo?" Eu zombei dele. "Estranho. Que terrível!"

"'Perigoso' combina melhor com você? Você acha que eu quero que você morra de fome?"

Demorou alguns dias para subornar o criado certo, mas eventualmente **descobri o paradeiro de Agripina**. Pilatos imaginou por um momento que eu não a encontraria? Envolvida na **capa de Rachel**, saí furtivamente de casa, desci correndo a colina até a praça principal, onde barganhei por uma liteira. Lá dentro, me acomodei entre as almofadas cansadas, o coração batendo forte. Eu não tinha visto ninguém... mas quem poderia ter me visto? Os **delatores** estavam **por toda parte**, espiões notórios que **embolsavam um terço das propriedades** daqueles contra quem denunciavam. Morrer de fome seria terrível.

Mas eu havia tomado a decisão e não tinha intenção de voltar atrás. Incapaz de conter minha curiosidade, abri as cortinas pesadas e olhei para fora.

O bairro ficava cada vez menos atraente à medida que nos afastávamos do Aventino.

Edifícios aglomerados, pessoas aglomeradas. Cozinhavam nas ruas, lavavam nas ruas, regateavam e brigavam, faziam de tudo nas ruas. Fechei as cortinas com firmeza, mas isso não consegui bloquear os gritos roucos, os cheiros repugnantes. A liteira girou e girou. Onde nós estávamos? Ouvi os corredores que contratei gritando com mendigos, espancando os mais agressivos com suas varas. Minha estola era simples, mas o vestido por baixo dela... Eu gostaria de ter usado algo mais simples. Abri a bolsa na minha cintura; a adaga dentro me tranquilizou um pouco.

Finalmente, paramos diante de um prédio escuro e nada convidativo, um grande e frágil **cortiço** construído sobre uma fileira de lojas de alimentos. Não admira que o **portacabeças** tenha me olhado estranhamente quando lhe contei o endereço.

Agora, ajudando-me a sair da ninhada, ele observava com curiosidade enquanto eu olhava incerto. Apontando para ele esperar, puxei minha estola para mais perto e abri a porta destrancada. Dentro do foyer escuro, o ar estava úmido e fétido. Não vi evidência de aberturas de ar enquanto subia as escadas estreitas.

As paredes eram nada mais do que cana e argamassa. A julgar pelas manchas e poças no chão, eles não podiam ser à prova d'água. Gatos vagavam livremente pelos corredores. Estremeci pensando em sua presa, mas continuei subindo, parando para bater em todas as portas. Ninguém respondeu, embora às vezes eu ouvisse vozes abafadas.

Do que eles estavam com medo? Ofegante, cheguei ao sexto e último andar.

Uma porta permaneceu. Bati timidamente, ouvi passos. Uma escrava respondeu, vestido de maneira limpa, mas tão surrado. Silenciosamente, a mulher me levou por um corredor sombrio para uma pequena sala retangular. Pelo menos **Agripina** tinha uma escrava, pensei, enquanto a mulher tirava minha estola.

"**Quem é esse?**" uma voz gritou. Eu teria sabido em qualquer lugar, mas não o tom. Assustado. "**Tia!**" **Eu chorei. "Sou eu, Claudia."**

Agripina saiu correndo de trás de uma cortina - uma **Agripina** que mal consegui reconhecer. **Anos cruéis** haviam escurecido o cabelo castanho-amarelado, roubado o brilho

de seus olhos. O corpo voluptuoso de Agripina havia engrossado. Ela me abraçou forte e depois se afastou para olhar. "**Pilatos escolheu bem.** Você é um crédito para um homem por suas ambições. A maneira como você se move - aquele vestido deslumbrante, tão exótico."

"**Tive os melhores professores.**" "Aqueles foram tempos felizes..."

"E estes claramente não são." Olhei em volta do quarto sujo. Limpo, bem organizado, mas a mobília estava gasta. Segunda mão, terceira mão? Onde estavam as lindas Tapeçarias de Agripina, suas Estátuas de Mármore e Antiguidades Etruscas?

"**Tudo se foi**", disse ela, como se lesse minha mente. "**Tibério confiscou** quase tudo.

O pouco que restou foi vendido gradualmente. Eu **tentei resgatar meus filhos** -"

Ela lutou para conter as lágrimas. - **Claudia**, você nunca deveria ter vindo aqui. Pilatos não deveria ter permitido. O único **Crime** de seus **Pais** foi a **Lealdade a Germânico**. Será que você não me odeia.

Eu coloquei meus braços em volta dela, abraçando-a, escondendo as lágrimas que ardiam em meus olhos. "Meus pais fizeram uma **escolha livre**. É minha também."

"Você querida menina." Pegando meu braço, ela me levou a um recanto íntimo cheio de lembranças da família. "Eu imaginei que assassinar minha família seria o suficiente até mesmo para Tibério, mas ele está determinado a assustar todos os amigos que eu tenho."

Eu me sentei em uma cadeira bamba em frente ao sofá dela.

"Você viu Marcella? Mal posso esperar para aquele retiro acabar.

Já faz tanto tempo..."

- **Sua irmã tem sido maravilhosamente leal**. Ela esteve aqui na semana passada.

Eu me pergunto se ela acha em seu coração perdoar esse infeliz caso com **Calígula**. Quantas vezes eu me castiguei por ceder a Lívía. Os olhos de Agripina se encheram de lágrimas. - Os destinos têm sido tão cruéis! Dos meus filhos maravilhosos, só resta **Calígula** - isso só porque Lívía o favorece.

Ele agora vive com ela no palácio. Sinto uma falta terrível dele.

Eu me contive de comentar sobre a ironia da escolha do Destino. Agripina estava tão obviamente infeliz, aquele lugar horrível... Impulsivamente, inclinei-me para a frente e peguei sua mão. "Tia, você se esqueceu de quem você é. **Não temos que agir como ratos** perseguidos em um porão. Eu terei um Banquete - um banquete como costumávamos ter."

O prazer transformou o rosto de Agripina. "Já faz muito tempo desde que as meninas e eu estivemos em qualquer lugar. Que prazer ver sua casa. Ouvi dizer que é muito grande."

"A **mãe de Pilatos tinha muito dinheiro** e gostava de gastá-lo."

Dei de ombros, envergonhada, e acrescentei: "Minha mãe teria adorado. Penso nela com frequência..."

"Tente não fazer isso", Agripina me interrompeu, "exceto para saber como ela ficaria feliz e orgulhosa por você."

WHAT SERIA MOUTROS PENSARAM, EU MARAVILHAU NA NOITE quando contei a Pilatos o que havia feito. Meu marido ficou furioso. Não bastava eu o ter desafiado indo à **casa de Agripina**, mas um banquete...

"**Você está louca!**" ele rugiu. "Apesar de suas conexões abismais, consegui estabelecer um vínculo com o Imperador e agora você faz isso. Você está tentando minar qualquer chance que tenho de seguir em frente?"

"Pilatos, por favor..." comecei, tentando não chorar. "Eles são minha família - tudo o que resta dela. **Agripina** está tão preocupada, uma sombra de seu antigo eu. Se você pudesse vê-la..."

"**Eu não quero vê-la!** Eu não quero que você a veja. Eu tenho que deixar isso muito mais claro? *você me escuta?*"

- Sim, sim, claro que estou ouvindo. Lamento que esteja zangado, mas... prometi.

Disse a Agripina que faria um Banquete como nos velhos tempos.

"Claudia" - ele agarrou meus ombros, seus olhos fixos nos meus - "nunca será como nos velhos tempos. Devemos seguir em frente."

- Mas eu dei minha palavra. Disse que saberíamos de **Ludi Romani**. Quero convidar...
- Ludi Romani - um **festival da colheita** em meio aos jogos!

Você enlouqueceu?

"Pilatos, por favor. Esqueça Ludi Romani - apenas uma **festa simples**, apenas alguns de nossos novos amigos."

"Nossos amigos! Com seus parentes, não teremos amigos."

"Só a família então", insisti, "uma chance de sermos felizes e seguros juntos, como costumávamos ser." Eu olhei para ele, implorando.

O rosto inexpressivo de Pilatos parecia mais uma **máscara mortuária**. Finalmente ele suspirou.

"**Muito bem, Claudia**, se isso significa tanto para você. **Sem Amigos, sem Artistas** de fora. Apenas sua tia e suas filhas... e sua irmã, é claro. Se alguém ficar sabendo disso, pelo menos haverá um presente vestal."

Aliviada, me virei, minha mente já ocupada com planos. A mão de Pilatos em meu ombro me parou, me virando. "**Há mais uma coisa.**"

E agora? Minha respiração ficou presa enquanto esperava sem palavras.

"Você não tem sido uma esposa para mim desde que deixou o **Iseneum**. Esta noite você vai dividir meu sofá."

Eu devotei tanto esforço ao pequeno jantar, quanto ao fazer para um dos Banquetes de Pilatos. Os **pensamentos sobre Tata e minha mãe surgiam espontaneamente** e novamente enquanto eu repassava os detalhes. Eu queria mamãe ao meu lado aconselhando, Tata ereto e orgulhoso. Limpei as lágrimas do meu tablet e continuei escrevendo.

Seria um grande negócio, embora pequeno.

Cada convidado começou com uma folha individual de alface, decorada com atum em conserva, folhas de arruda e cebola. Depois vinham os pratos principais: ostras, ave selvagem recheada, depois miolos de avestruz assados, prato que mamãe servia com frequência para Tata, que adorava. Por fim, as sobremesas: travessa após travessa de doces trazidos por escravos de rostos solenes, cada um carregando uma iguaria mais elaborada que a anterior. Um destaque naquela noite quente de outono foi a neve trazida das montanhas do norte. Embora a maior parte dela tenha derretido no prato, o efeito inicial foi espetacular.

Pilatos deixara claro: nada de Dançarinos, Atores Cômicos, Músicos ou Mágicos. Felizmente, um escravo doméstico **tocava Alaúde** muito bem. Talvez isso fosse ainda melhor, pois nada interferia em nossa conversa.

A princípio o reencontro foi agri-doce - quem poderia esquecer os mortos? - mas, com o tempo, a alegria de estar juntos transcendeu até isso. Não fingíamos mais alegria.

Foi uma **noite esplêndida**. Agripina em seus trajes esfarrapados ainda era régia e cativante; a "**bebê**" **Agripila**, agora com treze anos, pernas compridas e risada; Druscilla e Julia, talvez um pouco mais magras e vestidas com simplicidade, eram ainda mais bonitas do que eu me lembrava delas em Antioquia. Mesmo assim, foi **Marcella** que continuou sendo a **beleza da família**. O vestido branco e o cocar simples chamavam a atenção para os olhos amendoados, misteriosos e sábios, a voz ainda sedutora, aveludada e lenta, um mero pedido de sal tornando-se em sua boca uma carícia. Infelizmente, um flerte era impensável; **Vestais caducas foram enterradas vivas**. Terrível demais para imaginar.

Pilatos me surpreendeu. Depois de sua raiva inicial, ele concordou com meus planos com uma graça surpreendente. A barganha que ele havia feito parecia satisfazê-lo.

No jantar, ele foi um anfitrião atencioso para tudo, mas reservou seu charme especial para Agripina. Pilatos a sentou à sua direita e selecionou petiscos especialmente para ela.

Ele solicitou sua opinião sobre o vinho e instruiu a escrava a tocar suas canções favoritas. Observei **Agripina florescer**, às vezes exibindo lampejos da velha confiança despreocupada. Ísis o abençoe, pensei. Ele pode ser gentil quando quiser. Eu esqueci.

A festa terminou cedo demais. Agripina e as meninas partiram em nossa liteira, escravos carregando tochas para iluminar o caminho. Pilatos conversou com Marcella, expressando prazer em conhecer a cunhada de quem tanto ouvira falar.

Ela mais do que correspondeu às expectativas, assegurou-lhe ele.

Finalmente, desculpando-se, retirou-se para seus aposentos. Marcella, com permissão para ficar conosco por esta noite, iria dividir meu apartamento. Eu esperava ansiosamente pelo reencontro por tanto tempo. Agora eu me sentia repentinamente tímida.

Poderia esse estranho remoto ser realmente a companheiro risonho e impetuoso que eu desejei todos esses anos?

"Você estava com mamãe e Tata no final?" Eu perguntei.

"Sim." Ela pegou minha mão. "Ninguém te contou sobre isso - sobre o banquete?" "Não!" Eu suspirei. "**Que banquete?**"

"Foi um grande acontecimento." Marcella falou devagar, deliberadamente.

"Nós que ousamos enfrentar a ira de Tibério para ir - possivelmente **cem** que os amavam muito - recebemos o melhor que o dinheiro poderia comprar.

E os artistas! Eles eram magníficos - tudo o que você poderia imaginar.

Mãe e Tata eram maravilhosas, caminhando entre nós, sorrindo, conversando como se fosse uma Festa de Casamento. " Marcella parou, lutando para conter as lágrimas.

"Então, no auge da noite, os escravos trouxeram um vinho mais fino do que qualquer outro servido antes, um raro e de safra cara trazida da Gália. Tata e mamãe compartilharam um brinde, exortaram seus amigos a beber mais vinho e desfrutar da festa, então se despediram."

"**Você viu tudo isso.** Oh, Marcella, que terrível." Eu deslizei meus braços ao redor dela, temendo o que deveria venha a seguir.

"Eles - eles se afastaram sorrindo, de mãos dadas. **No banho, Tata abriu as veias** e as da mãe enquanto os músicos tocavam. "Marcella estava soluçando agora e eu também." Console-se", ela engoliu em seco, enxugando as lágrimas na coberta do sofá."

O **Banquete foi tão caro**, não havia mais nada para **Tibério confiscar.**"

Choramos juntas, abraçamos um ao outro por um tempo, incapazes de falar.

A dor nos uniu, mas foi só isso? Muitos anos se passaram desde a nossa infância. Éramos mulheres agora seguindo **caminhos diferentes**. Muito diferente.

Deitadas juntas em um grande sofá como éramos crianças, lembrei-me de noites longínquas em que conversávamos sobre assuntos importantes - as grandes damas que nos tornaríamos, os maridos elegantes que nos adorariam. Quão certos tínhamos então de nossos destinos, quão certos de nossa sabedoria. Onde estava aquela camaradagem casual agora, as palavras fáceis, os sonhos, os segredos que antes vinham levemente aos nossos lábios?

Marcella falou por fim. "**Pilatos é bonito. Você deve estar feliz.**"

"Muito feliz", eu concordei. Eu poderia dizer a uma **vestal** que o **ato de amor** de meu marido **gratificou** minha carne, mas deixou meu **espírito vazio?**

Depois de um silêncio desconfortável, arrisquei:

"**Você acha seus deveres desafiadores?**"

"De fato, sim. Meu aprendizado acabou; agora eu realizo os **rituais sagrados**, asso a salsa mola." Marcella nunca gostou muito de rituais; quanto a assar pão...

Houve um longo silêncio e então ela se aventurou: "Você e Pilatos fizeram uma coisa corajosa - a festa de hoje à noite. Seu marido foi maravilhoso com a tia".

"Pilatos pode ser o homem mais charmoso do mundo quando quer alguma coisa. Eu me pergunto o que é agora."

"**Talvez seja você.**"

"Mas ele já me tem."

"**Como ele gostaria de ter você?**"

Eu encarei Marcella. O que uma vestal poderia saber sobre a vida de casado?

Ficamos em silêncio novamente. Em breve a respiração de Marcella estava regular, mas eu permaneci acordada. Ela não estava mais feliz do que eu, apesar de seu aparente entusiasmo. Por que isso me assustou?

Eu recitei uma oração silenciosa para Ísis, **AS** Eu SENTE-SE PARA O PEQUENO ALMOÇO próxima manhã. **Devolva minha irmã.** Pratos de figos, tâmaras, pães e queijos variados cobriam uma grande mesa incrustada de marfim.

"Isso é tão bom", disse Marcella, espalhando uma fatia de queijo em um segundo pedaço de pão.

"É um queijo egípcio, o favorito de Pilatos", disse eu. "Eu encontrei em uma lojinha na rua Velabrun, descendo a colina."

"Em Roma há tão pouco tempo e você já descobriu a rua Velabrun! Algum dos seus sonhos a levou até lá?"

Ao ouvir a velha nota de provocação, relaxei. "Eu comecei a dispensar Rachel com a ninhada e sair sozinha para explorar."

"O que seu marido diz sobre isso?"

- Pilatos está muito ocupado para notar. Viemos a Roma porque um contato bem colocado aqui sugeriu que isso poderia ser vantajoso para ele. Talvez você conheça o homem - **Lucius Sejanus?**

Marcella ergueu os olhos dos figos com surpresa. "Bem colocado, de fato!"

Todos conhecem o **comandante da Guarda Pretoriana** - ele é o único em quem Tibério confia além da **odiosa Lúvia.**"

"Não admira que Pilatos esteja feliz."

Parei por um momento, então me inclinei para frente, confidenciando, "**Eu invejo você.**"

Marcella jogou a cabeça para trás e riu, um som alegre e borbulhante. Em seu vestido branco sem a cobertura da cabeça, ela parecia uma criança brincando de se fantasiar.

O cabelo uma vez tosado até o couro cabeludo era uma massa de cachos cortados rente. "Você" - ela lutou para conter sua alegria - "com tudo o que você tem - você me inveja?"

"Primeiro eu **pertencia a Tata, agora a Pilatos.** Se eu sobreviver a ele, meu filho - se tiver um - ou algum outro homem, se eu não tiver, será nomeado para cuidar de mim."

"Apenas para sua proteção."

"**Você não precisa pedir nada a um homem.**" Senti minha voz se elevar com a perplexidade que vi em seu rosto. "Se nos divorcíamos, Pilatos poderia levar nossos filhos. Ninguém esperaria menos."

"Você não pretende se divorciar de Pilatos?" Os olhos de Marcella estavam arregalados.

"**Não mais,**" suspirei. Por que ela não conseguia entender? Ficamos sentados em silêncio por um tempo. "Controle de homens tudo", lembrei a ela. "Pilatos poderia me matar e ninguém iria desafiá-lo. "

Marcella se inclinou para frente, suas bochechas rosadas de excitação.

"**Só se você tivesse um amante - não é?**"

"Claro que não! Só estou dizendo que você, como **vestal**, tem uma vida independente de qualquer homem."

"Eu pago um preço alto por isso."

"Pense em como você é **respeitada e admirada**", eu a lembrei. "Você **preside as cerimônias.** Pessoas importantes vêm até você para depositar seus testamentos.

Você os aconselha. O que você faz é importante.

Para que eu existo senão para agradar a Pilatos?"

"Não gostaria de nada mais do que agradar a um homem."

"Suponha que você não pudesse agradar ao homem que amava, pelo menos não por muito tempo. Suponha que ele quisesse variedade porque isso significava nunca ter que estar perto de ninguém. Suponha que tudo o que realmente importasse para ele fosse poder e influência. Você ainda não desejaria nada mais do que agradá-lo?"

Marcella suspirou. "Parece que a vida nos pregou uma peça. Devo trocar com prazer a autonomia que você admira pelo casamento - mesmo que seja uma loteria."

"Você realmente, ou você simplesmente acredita que seria diferente para você?" Marcella encolheu os ombros. "Toda mulher não imagina que ela poderia fazer isso diferente?"

A conversa terminou abruptamente quando Pilatos nos visitou antes de seus compromissos matinais. Era hora de **Marcella retornar ao Templo das Vestais**.

Vi Marcella com frequência depois disso. Ela veio a nossa casa para Jantares tranquilos em família e eu a visitava com frequência no templo. Ocasionalmente, tínhamos permissão para sair juntas em pequenas tarefas. Nós cavalgamos na **liteira Vestal** - luxuosamente estofada em seda branca como a neve. O exterior também era **branco**, enfeitado com Ouro e coberto de Flores. **Lictores** com fasces, feixes de varas, nos precediam aonde quer que fôssemos. Sempre havia uma grande comoção.

Certa vez, os combates começaram nas ruas enquanto as pessoas lutavam para ver Marcella de perto. De alguma forma, um homem tropeçou e caiu sob a liteira.

Muito azar para ele! Todos sabem que a pena para tal infração é a morte.

Mas, em outra ocasião, dobramos uma esquina bem a tempo de encontrar um Criminoso sendo levado à Morte. Nesse caso, um encontro casual com uma **vestal sagrada** significava prorrogação. Claro, Marcella teve que jurar que o encontro foi acidental - o que é claro - mas o criminoso, um assassino, soube mais tarde, foi libertado.

Não demorou muito para que Marcella e eu estivéssemos conversando intimamente como antes. Ela ficou horrorizada quando descrevi minha experiência no **poço da cobra**, mas se recusou a acreditar que Pilatos tivesse alguma participação nisso. Era claro que ela gostava dele e o admirava. "Você tem um marido que qualquer mulher pode desejar", observou ela, **"e ele a ama."**

"Se Pilatos ama alguma coisa, é o poder."

"Ah! Uma atração de opostos." Ela sorriu conscientemente. "Eu me lembro quando éramos meninas. Você sempre foi tão etérea, em outro mundo em algum lugar, apenas um pouco... irracional."

"Pilatos certamente concordaria, mas o que ele sabe?"

Marcella riu. "Então, você não está tão impressionada com ele quanto ele gostaria. Imagino que ele esteja um pouco confuso com você."

"Eu não faço ideia." Eu balancei minha cabeça, incapaz de dizer mais.

"Como você sabe tanto?"

"Nós, Vestais, vemos muito. As pessoas vêm até nós por mais do que vontades.

Elas se sentem bem em nos contar suas histórias. Elas confessam todos os tipos de coisas porque **pensam que somos tão Santas** - acima de tudo. Você ficaria surpresa o que ouvimos." Marcella suspirou e mudou rapidamente de assunto.

Dezembro aproximando e com ele a **Saturnália**, uma Celebração do **Renascimento do Sol**, com o **dia mais curto**, veio a **Morte Simbólica do Inverno**.

Nos primeiros tempos, um **Homem Reinava** como **Saturno** até o final da temporada, quando era Sacrificado pelo Bem do Mundo. Isso foi há muito tempo.

Agora, a morte do **Pai Saturno** era apenas uma lembrança de que o Ano estava terminando e logo chegaria a hora de plantar.

Um **Ar de Alegria, Otimismo e Boa Vontade** prevaleceu, manifestando-se em presentes e festas, muitas festas. Esta foi minha primeira Saturnália em Roma e fui rapidamente absorvida pela correria do feriado.

Uma **Cerimônia no Templo de Saturno** deu início à temporada em **17** de dezembro.

Os padres **abençoaram a sementeira** para o ano seguinte.

Os escravos tiveram o **dia de folga** para que pudessem participar do banquete gratuito. **Lojas e negócios fecharam** para que os trabalhadores pudessem participar das festividades. Pilatos e eu, junto com quase todo mundo que conhecíamos, andamos vestindo bonés de libertos e nos cumprimentando com o grito "**Ho, Saturnália!**"

Distinções entre escravos e senhores foram **revertidos**.

Com a ajuda de um bufê, preparei um **banquete suntuoso** no qual os escravos eram convidados de honra, **Pilatos e eu os servidores**. Quando finalmente nos sentamos, exaustos, mas satisfeitos conosco mesmos, foi somente depois que nossos senhores e amantes temporárias se fartaram.

Pilatos e eu íamos a muitas festas juntos, dividindo o mesmo sofá de jantar, algo que não fazíamos há anos. Um dos eventos de maior gala foi um **Banquete no Templo de Mercúrio**. Usei um vestido de seda azul prateado trazido em uma caravana do Extremo Oriente. Em volta da minha garganta estava o presente de Pilatos das Saturnais, um Pingente de Safira Estrela. Era uma **pedra magnífica**.

Ele disse que combinava com meus olhos.

Ao entrar nos vastos portais do templo, avistei Marcella com duas outras Vestais.

A piscadela maliciosa de minha irmã foi nossa única troca na confusão lotada da grande reunião. O encontro não me surpreendeu. Os **Templos de Vesta e Mercúrio** estavam lado a lado, uma união simbólica.

A **lareira redonda** de Vesta ficava dentro de casa, enquanto o **pilar priápico** de Mercúrio ficava em cada um dos limites. Seu **Fogo ornecia Santidade**, enquanto sua presença na porta dava boas-vindas à fertilidade. A **Chama Sagrada de Vesta** aqueceu a casa. **Mercúrio era um guia para o mundo exterior**, onde **Inteligência, Sofisticação e Sorte** eram necessárias.

Vi pouca piedade nos sacerdotes de Mercúrio; a festa deles foi a mais **licenciosa** de que já participei. Malabaristas e acrobatas **se apresentavam nus** em um salão lotado ricamente enfeitado com coroas de flores e guirlandas. Além das flautas e liras, um **órgão de água** bombeava loucamente no ritmo de tambores enquanto meninas e meninos dançavam em véus transparentes. Alguns dos convidados também dançaram - nas mesas. Outros reclinaram sobre eles. Eu vi três, quatro, mais possibilidades do que eu jamais poderia ter imaginado.

O vinho, a proximidade de nossos corpos deitados juntos no sofá, os movimentos eróticos de alguns casais que tiveram a graça de se cobrir com estolas e a visão de alguns que não o fizeram, me inflamaram. O desempenho de minhas funções de esposa tinha sido superficial. Agora, pela **primeira vez, desejei Pilatos**. "Por que não vamos para casa?" Sussurrei em seu ouvido.

Seus olhos brilharam de prazer. "Por que não encontramos um lugar bem aqui?"

Minha pulsação acelerou enquanto eu olhava para os corpos bem oleados brilhando à luz da lâmpada. **A ideia de fazer amor em um templo me atraiu**, as estátuas onipresentes do Mercúrio fálico um afrodisíaco desnecessário. **Saturnália** não era hora de ser ultrajante?

Escapando despercebidos, encontramos uma sala remota - perfeito!

Infelizmente, outra pessoa teve a mesma ideia. O casal, alheio a todos exceto um ao outro, nunca nos viu, mas eu os vi.

Eu fiquei paralisada na porta. **A mulher era Marcella**.

CAPÍTULO 21 - Vingança de Vesta

A **noite foi cheia de terror** enquanto eu estava deitada sem dormir, assombrada por sonhos meio lembrados. **Marcella sozinha** na escuridão terrível. **Marcella gritando** por ajuda que não viria. **Marcella sepultada**. Eu reconheci agora que os sinais me haviam sido mostrados antes, mas eu não os tinha reconhecido. Se **Fortuna** decretou o destino de Marcella, seu destino estava selado... Não! Não poderia ser. Eu não deixaria ser. Deve haver uma maneira.

Fui a primeira visitante admitida no **Templo das Vestais** na manhã seguinte ao **Banquete de Mercúrio**. Tremendo de nervosismo e cansaço, incitei Marcella a enfrentar as multidões das **Saturnais** que já lotavam a rua.

Uma vez dentro da minha liteira, pesadas cortinas fechadas, eu a confrontei com o que tinha visto. Como qualquer mulher apaixonada, Marcella ficou muito feliz em falar sobre isso. Ela conheceu seu amante, **Quintus Atticus**, um jovem cavaleiro de uma família importante, quando **ele visitou o Templo** em conexão com o Testamento de seu pai.

"Nós nos amamos à primeira vista," Marcella me disse, "mas nada teria acontecido se não tivéssemos nos encontrado novamente no Banquete. Você não acredita que nossa união foi abençoada por Mercúrio?"

"Talvez, mas certamente **não por Vesta**." Eu estava furiosa; Eu queria sacudi-la. "Você não percebe o risco? Você conhece a pena."

Marcella apenas continuou tagarelando. "Levei **Flores ao Templo de Vênus** para agradecê-la por essa **coisa maravilhosa** que aconteceu. Pensei que **morreria sem nunca saber** o que **era amar** um homem."

Eu suspirei. "**Você está louca?** O que as pessoas vão pensar quando virem uma **Vestal se Sacrificando a Vênus?**"

"Eu disse a todos que era para você, que estava **Orando** para que concebesse um filho. Na verdade, eu também fiz isso."

Marcella sorriu, encantada com sua própria engenhosidade.

"Você teve uma sorte inacreditável de não ter sido vista na noite passada. A loucura das **Saturnais** a dominou.

Prometa-me - promessa em **Honra de Mamãe** - que você nunca, jamais pensará em fazer tal coisa novamente."

Os olhos de Marcella se abriram. "**Não posso fazer isso! Já fiz de novo** hoje de manhã nos encontramos além do **Campo de Marte**. Estava deserto. Todos estão se recuperando das festividades da noite anterior."

Eu não precisava da visão para saber então que Marcella estava realmente **condenada**, que era apenas uma questão de tempo antes que ela e **Quintus** fossem capturados e punidos, mas continuei a implorar a ela.

Pilatos ficou furioso quando lhe contei. "**Aquela garota idiota!** Ela não percebe o que está fazendo a si mesma, o que está **fazendo a todos nós?**"

Sem esperar por uma ninhada, ele correu para falar com **Quintus**, para exigir que ele colocasse um fim no caso imediatamente.

Os esforços de Pilatos foram inúteis. Em menos de um mês eles **foram descobertos**. Vários garotos que disputavam o Status de Equestre foram cedo ao **Campo de Marte** para praticar saltos. Um cavalo caiu, jogando seu jovem cavaleiro na mesma vala ocupada por Marcella e Quintus. Possivelmente os meninos não teriam dito nada, mas os competidores estavam sempre acompanhados por suas mães, mulheres mais competitivas para seus filhos do que os próprios meninos. **Essas Harpias** não iam ficar em silêncio.

Agora, apenas **Tibério**, agindo como **Pontifex Maximus**, poderia **salvar a vida** de Marcella. **Implorei a Pilatos** que intercedesse. Quase gentilmente, ele me lembrou da **inimizade que o Imperador** havia mostrado aos meus pais, o perigo óbvio para mim.

"Eu não me importo!" Eu protestei. "Eu preciso vê-lo. Certamente você pode providenciar isso."

"Eu não posso. Eu não vou." Não pude ver a expressão de **Pilatos**; ele me puxou com força contra seu peito, mas a emoção em sua voz me surpreendeu. Percebi que tudo o que pudesse ser feito, teria que ser feito por mim.

Naquela noite, uma oportunidade inesperada se apresentou quando **Lúcio Sejano**, confidente de **Tibério** e patrono de Pilatos, se juntou a nós para jantar.

Bonito e urbano, **Sejano** era considerado um mulherengo. Ele gostava de flertar e gostava de mim. Foi fácil arranjar alguns momentos de silêncio com ele. "Pilatos me disse que uma **audiência** com o **Imperador é impossível**, mas de alguma forma eu sinto que você..."

No dia seguinte, uma **caixa de marfim** primorosamente entalhada foi entregue a mim, dentro de uma mensagem de Sejano. **Tibério concordou** com uma audiência naquela mesma noite. Eu sabia que não devia falar disso a Pilatos, Ele poderia me conter à força se quisesse. Felizmente, alguns colegas policiais ligaram inesperadamente naquela noite.

Ele estava sentado com eles em seu **tablinum** quando eu roubei a entrada dos fundos. Recusei-me a levar Rachel comigo, não querendo envolvê-la em tudo o que estava por vir. Ela relutantemente convocou uma ninhada e eu parti sozinha.

O palácio, como sempre, fervilhava de guardas, mas alguém - **Sejano**, ou possivelmente o próprio **Tibério** - os alertara de minha chegada. Seu líder acenou com a cabeça em uma saudação brusca, então abriu caminho para dentro.

O palácio estava silencioso, poucos sons em qualquer lugar, apenas o barulho de nossas sandálias ecoando no chão de mármore. Tonta de medo, entrei nos **aposentos particulares do Imperador**. O impacto da **Arte Inestimável** montada ali foi impressionante; o mesmo acontecia com o assunto **Explicitamente Erótico**.

Em uma parede com afrescos, vi **Júpiter** disfarçado de um **Touro Estuprando Europa**. Em outro, como um **Cisne**, ele arrebatou **Leda**.

Enquanto eu estudava o terceiro, **Júpiter aniquilando a adorável Semele** com seus raios, Tibério silenciosamente entrou na sala. Quando seus olhos passaram por mim, meu **coração bateu tão forte** que tive certeza de que ele ouviu. Em algum lugar abaixo de nós estava a masmorra onde Drusus lentamente morrera de fome, finalmente roendo as próprias mãos em desespero. Ultimamente havia rumores sobre a **depravação do Imperador**, histórias de Mulheres Violadas, Esposas de Oficiais que haviam caído em desgraça.

Orando silenciosamente para **Ísis**, me forcei a encontrar seu olhar.

As mudanças na aparência de Tibério foram chocantes. Dez anos por si só não poderiam explicar o rosto abatido, os olhos opacos e injetados de sangue. O grande corpo com peito de touro era grosso e inchado.

"Então a **pequena Vidente** se tornou uma Beldade", disse ele por fim. "Eu não teria conhecido você se não fosse pelos seus olhos. Eles ainda prevêm o futuro? Você fez bem por mim em nosso último encontro."

"O **Circo** não foi nosso último encontro. Houve outro", eu o lembrei. "A cerimônia marcando a entrada da minha irmã na **ordem Vestal**. É por causa dela que eu vim."

"Ah, sim, a **virgem decadente**. Você espera defender a causa dela."

"Você não acha que sob essas circunstâncias especiais -"

Tibério ergueu uma sobranceira espessa. "**Circunstâncias especiais?**"

"Ela não foi feita para ser uma vestal."

"Parece que não", disse ele, abaixando-se no sofá.

"Quero dizer" - sentei-me em frente a ele - "entrar no pedido foi um erro, em primeiro lugar. excedente. "

"E, ouvi dizer, subqualificada."

"Marcella foi forçada **contra sua vontade** a se tornar uma vestal."

"**Desde quando a vontade de uma mulher importa?** Um pai decide o que é melhor para sua filha." "**Meu pai não decidiu. Sua mãe sim.**"

A surpresa borrou o rosto de Tiberius enquanto ele olhava para mim. Então, rapidamente, tão rapidamente que me perguntei se eu tinha imaginado, sua expressão de máscara voltou. Minhas palavras ficaram em silêncio.

Pareceu uma Eternidade antes que o Imperador falasse. "Você deve amar muito sua irmã." "Por que mais eu teria vindo?" "Então eu sinto muito por você."

"**Você tem escolha**", eu o lembrei. "Alguma outra punição - **Exílio**, talvez, qualquer coisa menos morte."

"**Ela sabia de seu destino.** A pena foi **ordenada centenas de anos** atrás, no nascimento da própria Roma." "**Como Imperador, você pode mudar isso.**"

"Como Imperador, talvez; como **Pontifex Maximus**, nunca. Mesmo se eu quisesse salvar sua irmã, o que eu

particularmente não, eu não poderia. Ignorar sua violação, para mostrar qualquer **Sinal de Clemência, minaria a Fundação do Império.**"

"Certamente há algo--"

"**Não há nada.**" Ele se levantou do sofá onde estava reclinado e caminhou lentamente em minha direção. Colocando a mão sob meu queixo, **Tiberius** inclinou minha cabeça para cima. Mais uma vez me forcei a encontrar seus olhos. Outra eternidade agonizante. Finalmente ele falou: "**Lívia estava errada sobre você**, errada desde o início. Você não é um rato de forma alguma." Tibério refletiu brevemente.

"Muito bem ... Eu **vou lhe conceder uma Bênção.** Sua irmã vai morrer, como decretado, mas você pode vê-la esta noite e **Cavalgar ao lado dela Amanhã.**"

Essa era **minha última chance**, eu tinha que tentar.

"Um lapso tão pequeno, na verdade, não é como se ela tivesse permitido que a **Chama Sagrada** morresse. Deve ser uma morte tão cruel?

Por que não algo rápido? Um golpe repentino talvez..."

Eu hesitei, o coração batendo forte. "Você pode permitir que ela tire a própria vida."

"Minha querida, minha querida" - ele suspirou cansado - "você conhece a pena tão bem quanto eu. Conforte-se que é uma **morte tranquila**, incruenta. **Quintus Atticus** encontrou o seu fim açoitando."

Pegando um pequeno pergaminho de sua mesa desordenada, Tibério rabiscou uma nota rápida que seria o meu passe, então entregou-me, sua maneira quase cortês.

Ele estava zombando de mim? Eu não sabia dizer, não me importava.

Meus carregadores me levaram diretamente para o **Atrium Vestae**, onde um atendente me levou até Marcella. Seu quarto, embora pequeno, era confortavelmente mobiliado e bem iluminado. Havia um buquê de violetas na pequena escrivaninha onde ela estava escrevendo.

Marcella olhou para cima surpresa com a minha entrada, derrubando a cadeira enquanto corria para abraçar mim. diferença."

"**Eu tentei, eu tentei.**" Minha voz tremeu. "**Tibério foi implacável**, nada do que eu disse fez os olhos de Marcella se arregalarem."

Você foi para Tibério? Abençoada Vesta! O que você estava pensando? Vocês sabem do que ele é capaz. Você sabe como **ele odeia** qualquer pessoa, mesmo que remotamente ligada a Germânico e Agripina. Só a própria **Fortuna** salvou você quando papai e mamãe morreram. Se você estivesse morando em Roma..."

- Pilatos já disse isso muitas vezes. Não fez diferença. Valeu a pena tentar qualquer coisa e Tibério pelo menos concordou em me deixar vê-la. Eu esperava encontrá-la na prisão.

"Por quê? Para onde eu iria? Não há como escapar." "Eu sei disso agora."

"As outras vestais foram gentis." Marcella gesticulou para as flores. "Elas vão sentir minha falta, eu acho.

Eu estava escrevendo uma Carta para você. Você a teria recebido amanhã depois..."

Pela primeira vez, sua voz vacilou. "**Quintus** - pensei em escrever para ele também." Infelizmente, eu balancei minha cabeça.

"Oh!" **Marcella engasgou**, seu rosto de repente branco. "Pobre querido, ele era tão forte, tão vivo."

"Você também, Marcella. Você está mais **cheia de alegria da vida** do que qualquer pessoa que eu conheço."

"Mas eu não estava vivendo, não até conhecer **Quintus**. Eu fazia o melhor das coisas aqui, às vezes agia como uma boba, brincava com as meninas, tentava tornar tudo mais fácil para elas do que para mim. As mais velhas também algumas coisas, iluminaram um pouco suas vidas. " O sorriso travesso que eu conhecia tão bem apareceu por um instante. "Mas isso não era viver - não para mim, não do jeito que eu deveria viver. Não estamos neste mundo para viver com segurança. Estamos aqui para nos apaixonar e quebrar nossos corações." "**E perder nossas vidas?**" "**Se for necessário.**"

Eu olhei para Marcella com admiração. "Você não está arrependida, não é?"

"**Sinto muito** por termos sido pegos. Isso teria acontecido mais cedo ou mais tarde. Eu teria preferido mais tarde."

Em apenas alguns breves momentos, **uma Vestal**, com os olhos vermelhos de tanto chorar, veio nos dizer que era hora para sair.

No dia seguinte, sentei ao lado de Marcella, que deitou em um Bier como uma já morta. Segurei sua mão enquanto o **Cortejo Fúnebre** avançava por Roma.

Um **Pilatos de rosto sombrio** cavalgava ao lado de nossa carroça a cavalo como escolta. Agripina, com suas filhas, seguiu diretamente atrás em uma carruagem.

Felizmente, **Calígula** e **Lívia** estavam passando o inverno em Capri, poupando-nos da provação de sua presença.

Eu esperava zombarias e gritos de escárnio, mas a multidão estava curiosamente **silenciosa, oprimida** talvez pela enormidade do que estava acontecendo. A maioria ficou com o **rosto solene** enquanto a procissão lentamente fez seu caminho para o Campus Scleratus, os **Campos do Mal**, perto do Portão de Colline. Embora feliz por nossos pais terem sido poupados desse horror final, eu sabia que eles ficariam tão orgulhosos quanto eu.

Os espectadores se maravilharam com a **Coragem de Marcella**, que jazia em silêncio no esquife, o rosto corado de cera, os olhos claros e secos. A mão gelada na minha permaneceu firme. Quando finalmente chegamos ao nosso destino, não havia Ritos, nem Solenidades, nem mesmo um Cnto Fúnebre.

Os bois que puxaram nossa carroça permaneceram impassíveis enquanto **Marcella** era retirada do esquife. Ela caminhou sem ajuda, lentamente, mas com grande dignidade, até uma tumba afundada que havia sido recentemente cavada ao lado do portão.

Não houve oportunidade para um **abraço final**, apenas um último olhar por cima do ombro para mim e além, para as ruas agora molhadas com o orvalho da manhã.

O sol acabava de nascer. Seria um dia claro. A mão de Marcella tocou um grande arbusto de Gerânio crescendo contra a parede de pedra. Por um instante, seus dedos acariciaram a maciez aveludada de uma folha.

Doente, observei Marcella se virar e começar a descer para a pequena caverna. Dentro, me disseram, havia uma lamparina a óleo, um pouco de comida e um pequeno sofá.

A **entrada foi selada rapidamente**, e a terra acima se moveu para cobrir a abóbada e então foi socada. Logo não haveria qualquer vestígio da sepultura.

A mensagem era clara: **a vida de uma Vestal**, a personificação da **Chama Sagrada**, foi extinguida quando ela **deixou de personificar a deusa**, e então coberta com terra como

se apagassem brasas em uma lareira. Era como se ela nunca tivesse existido.

Eu me virei, meu braço desenhado protetoramente sobre minha barriga. Em meio a todo esse horror, soube de repente que **estava grávida** de uma criança. Sempre me lembrarei de você, Marcella, prometi em silêncio, e **meu bebê levará seu nome**.

CAPÍTULO 22 - Minha Segunda Mãe

Falta como noite, negra como a morte. É a morte. Estou enterrada vivo... Gritos, meus gritos. Meus punhos batem contra as paredes úmidas do sepulcro. "**Me deixe sair!**" Ninguém vem. Ninguém virá. Gritos horríveis ecoam na escuridão. Então silêncio. Silêncio da sepultura...

Alguém ri. Uma garota tonta acena para mim. **É Marcella**, tão bonita em seu vestido azul. Calígula puxa sua manga. Marcella há muito tempo... no palácio, tão emocionante... um Banquete para adultos.

"Você está viva!" Eu suspiro.

"Mais vivo do que você, **Claudia**." Ela faz uma pirueta, os braços como asas de cisne prontos para voar. "Vá para casa! Vá para casa! Vá para casa!"

Aquela risada travessa novamente.

"Não posso ir para casa. Estou no seu túmulo."

"Nenhuma tumba pode manter você - ou eu. Abra seus olhos.

Sua vida está esperando. Aproveite. Aproveite para mim." Ela se foi.

Sons fracos ao longe. Rachel? Agripina... é você? Minhas pálpebras estão pesadas. Pesado demais para abrir.

Outra voz, mais forte... Pilatos? Não, ele não viria aqui. Continuam as vozes.

Por que eles não me deixam em paz?

"Bem vindo de volta!" Era Agripina acima de mim. Suas mãos alisaram suavemente as cobertas. "Nós temos sentido sua falta."

Rachel também estava ao meu lado. "Já se passaram dias desde que você disse uma palavra."

Eu me esforcei para me sentar. "Eu sabia de alguma forma que você estava lá, mas eu estava tão cansada... Cansada demais para falar, saber o que era **real ou irreal**...

Pilatos... Eu também o senti... Ele era bom. "

"Gentil mesmo!" Agripina exclamou. "As tragédias que atormentaram nossa família - e agora este escândalo terrível! Outro homem teria se divorciado de você."

"Se essa for a escolha dele, eu sempre posso ir ao **Templo de Ísis**." Mesmo enquanto falava as palavras, sabia que não as queria dizer.

Como se meus pensamentos o tivessem conjurado, **Pilatos** apareceu à porta, imaculado de branco, a estreita faixa de cavaleiro adornando o ombro direito da túnica, o cabelo castanho espesso cortado e penteado no estilo militar curto que o tornava bem.

Em um instante ele havia cruzado a sala, estava inclinado sobre meu sofá, seus braços me apoiando.

Ansiosamente, seus olhos procuraram meu rosto. "**Você voltou para nós**."

Eu vi a capa leve sobre seus ombros. "Sim, eu voltei. Você deve ir... agora?" "Eu não posso ficar. Algo - algo urgente apareceu. **Sejano** está esperando, mas eu não vou te deixar de novo ", ele prometeu.

Ele parecia pouco à vontade, pensei sonolenta. Estranho para Pilatos. Eu sorri, já me sentindo melhor. Onde eu estive? O que aconteceu comigo?

A execução de Marcella... tão assustadora... Não devo pensar nisso... Mas a mensagem de Marcella... **Um sonho, tão real**. Sua vida está esperando. Marcella nunca

suportou rostos preocupados.

"Aguardo com ansiedade o seu retorno", disse a Pilatos, beijando-o levemente.

Eu acordei com armo da Rosas. TELE MENOS ROSA, o mais rico pêssego - flores em todos os lugares. Ao meu lado, uma jarra de vidro lapidado com vinho e outra com água repousava sobre uma mesa baixa de marfim com duas xícaras de ouro e um prato de prata com bolos de mel. Como esses últimos dias foram perfeitos.

Eu virei minha cabeça. **Pilatos** estava sentado ao meu lado, seus lábios se curvaram em um sorriso. Ele estava me observando cochilar? Corri meus dedos por seus ombros, sentindo a pele, os ossos, o músculo liso e quente.

"Você decide", ele estava dizendo. "Podemos ir ao **Banquete de Sejanus** ou jantar aqui em casa juntos."

Ergui os olhos, maravilhada com tal sugestão do marido que preferia sair todas as noites, comigo ou sem mim. "Já aceitamos", eu o lembrei.

Pilatos encolheu os ombros. "Eu posso enviar um escravo com nossos arrependimentos."

Eu o estudei por baixo dos meus cílios. **Lucius Aelius Sejanus, comandante da Guarda Pretoriana**, perdia apenas para Tibério. Até mesmo considerar desistir de seu convite... Pilatos estava sendo gentil. Ele deve saber o quanto eu temia retornar à sociedade. Queria aproveitar a oportunidade que me era oferecida, mas sabia melhor. "Passamos aqui boa parte do dia", disse eu, me espreguiçando lentamente. "É hora de estarmos acordados." Seu sorriso aliviado foi minha recompensa.

"Vá agora", eu disse, empurrando suavemente seu peito. "Eu devo me preparar."

Pilatos se deixou banir. Em segundos, Rachel chegou para preparar meu banho. Enquanto eu espirrava preguiçosamente, ela saiu da sala, retornando momentos depois carregando uma confeitaria transparente de lavanda e violeta. "Não é hora de você usar isso?" Minha respiração ficou presa ao ver o vestido. Foi projetado para uma **festa da Saturnália** que Pilatos e eu íamos dar. Uma festa que foi cancelada.

"Por que não?" Resolutamente, me levantei do banho e deixei que ela me secasse. Siga em frente, siga em frente. **A vida é para ser vivida**. Foi como se Marcella estivesse ao meu lado enquanto Rachel colocava a roupa de baixo violeta pela minha cabeça.

Era coberta por uma cortina lavanda transparente o suficiente para permitir que a sombra mais profunda aparecesse. A isso Rachel acrescentou uma terceira camada, ainda mais fina, de lilás pálido. Habilmente, ela torceu meu cabelo pesado, prendendo-o com grampos de ouro, depois dando um nó e enrolando-o de forma que apenas alguns cachos pudessem escapar.

"Você me lembra mais a **senhora Selene** a cada dia," Rachel disse, espanando meu cabelo com Ouro, que ela havia cuidadosamente extraído de um grande frasco de vidro.

"Não é assim! **Mamãe era linda.**"

"Ela tinha um brilho feminino e agora você também tem."

"Se isso for verdade, é porque finalmente sei que Pilatos me ama. Tenho certeza que sim. Durante o dia ele só vê clientes. À noite ele passa comigo. Não pode haver mais ninguém. Ele mudou. Certamente você notou. "

Rachel se ajoelhou para calçar as sandálias da quadra, costuradas e com bordas roxas. Seu rosto estava escondido enquanto ela amarrava as fitas douradas logo acima dos meus tornozelos.

Fiquei assustada com a opulência do **Palácio de Sejano**, Só um pouco **menos luxuoso** do que o de Tibério. Ao lado de Pilatos enquanto os escravos removiam nossos envoltórios, lutei para me recompor. Exceto por alguns passeios curtos em minha liteira acortinada, esta foi a primeira vez que eu saí de casa desde a execução de minha irmã.

Como poderia enfrentar o **escárnio** de muitos, a **curiosidade** de todos?

Sentidos vacilando com o cheiro forte de **incenso egípcio e flores**, olhei em volta do pátio. Uma onda de náusea tomou conta de mim. Certamente eu não ia ficar doente agora!

Decididamente, peguei o braço de Pilatos. O zumbido das vozes se aprofundou à medida que avançávamos, passando por um afresco brilhante que representava sátiros e ninfas brincando. Pilatos ergueu uma sobancelha. A pintura não deixou nada para a imaginação.

Cada centímetro do chão estava coberto com ladrilhos de mosaico elaboradamente desenhados, todos os **móveis revestidos com folha de ouro**. O som de vozes cresceu para um rugido abafado enquanto passávamos por uma Galeria cheia de Estátuas deslumbrantes de **deuses e heróis** maiores que a vida. Na entrada da sala de jantar, **Sejano** avançou para nos cumprimentar. Ele havia jogado fora sua toga pesada, como o conforto e o costume exigidos em Banquetes, e vestia apenas uma túnica escarlate de mangas curtas **bordada com folhas de ouro** que combinavam com suas sandálias. Sejano parecia esplêndido, mas percebi que ele, como meu pai, estava no seu melhor com **elmo, couraça e grevas**, espada ao lado, cavalo de guerra lutando contra a broca.

"Pilatos! Meu mais fervoroso apoiador", disse ele, batendo no ombro de meu marido. Sua boca permaneceu na minha bochecha uma fração de tempo, quase errando minha boca. Por trás de seu ombro, vi cerca de cinquenta convidados reclinados em duplas ou trios em sofás esculpidos em forma de cisnes e incrustados com lápis-lazúli e madrepérola.

À medida que avançávamos para a sala, caminhei entre os dois homens, conversando levemente com Sejano enquanto meu estômago revirava de nervosismo. Uma mulher engasgou. Outra apertou a boca com força e me lançou um olhar de reprovação.

Outros apenas assistiram com sorrisos superiores. Todos os convidados estavam zombando de mim? Eu levantei meu queixo. Como se atrevem a zombar de mim, como se atrevem a julgar Marcella?

Eu queria jogar algo neles, algo que iria destruir todos eles e apagar para sempre a visão de seus rostos curiosos e boquiabertos. Em vez disso, quando **Sejanus** segurou meu cotovelo, ergui os olhos e sorri, puxando os cantos da boca com força para evitar que os músculos tremessem. "O que você estava dizendo? Eu não ouvi."

Sejanus sorriu para mim. "Eu disse: 'Se eu tivesse a oportunidade, preferiria ter você como meu parceiro de jantar do que a própria **Vênus**.'"

Certamente você e Pilatos irão se juntar a mim? " Ele acenou com a cabeça em direção ao grande sofá no topo da sala. Respirei fundo e cruzei meus braços com Sejano e Pilatos. Juntos, caminhamos em direção ao centro da sala. Ao reclinar-me entre esses dois homens poderosos, senti todos os olhares sobre mim. Naquele momento, **pétalas de rosa** choveram de redes suspensas no teto dourado.

Multidões de escravos serviam um prato após o outro e tiravam jarras de vinho de grandes **bacias de ouro** batido banhadas pela neve fresca da montanha. "Como você evitou que derretesse?" Eu perguntei a Sejanus.

"Há uma câmara revestida de chumbo abaixo de nós. **Apicata**, minha esposa, a projetou."

"Onde está sua esposa?" Quase não ousei perguntar. **Ela estava se ausentando por minha causa?**

Como se lesse minha mente, Sejano sorriu. "Ela está passando o inverno com nossos filhos em Pompéia. Você a conhecerá em breve."

No sofá ao nosso lado, um homem derramou vinho em sua garganta tão rápido que pingou em seu queixo.

A música, a princípio **alaúdes e flautas**, cresceu freneticamente quando pandeiros e címbalos, trompas e trompetes foram adicionados. As janelas, fechadas contra o frio do final do inverno, deixavam pouco ar entrar no quarto. Estava quente, sufocante, espesso com o perfume de flores e óleos aromáticos que os meninos esguios borrifavam em nossos pés. Senti outra onda de náusea e forcei para baixo. Não aqui, não agora.

Pilatos e Sejano se revezaram soprando de brincadeira o pó de ouro do meu cabelo, rindo enquanto ele rodopiava no chão, onde escravos lutavam para coletar os pequenos grãos. Eu ri também, começando a relaxar. Então avistei **uma mulher** nos observando.

Ela era alta e imponente, com seios inchados e cintura fina. Seu cabelo era vermelho escuro, sua pele clara e branca, e seus olhos de um verde cintilante que rivalizava com a esmeralda de seu vestido. Agressivamente bela, ela criou uma impressão imediata de paixão selvagem e indomável. Fiquei **surpresa com o ódio naquele rosto requintado**, pois ela era certamente a criatura mais espetacular que eu já tinha visto. Perplexa, eu retornei seu olhar. À medida que a noite avançava, a condenação dos outros convidados foi substituída pelo interesse por eles próprios. Então, por que essa hostilidade intensa agora de uma mulher que eu nunca conheci?

Nesse momento, Sejanus se inclinou sobre mim para encher sua xícara cravejada de joias; seu braço se moveu levemente em meus seios. Os olhos da mulher não perderam nada. É isso, pensei, a coitada está **apaixonada por Sejano**. Ela é ciumenta. Uma onda de compaixão tomou conta de mim. Como entendi **bem a raiva doentia**, a frustração e a humilhação que aquela mulher misteriosa deve sentir. Como era maravilhoso estar finalmente livre do ciúme.

Certa manhã, acordei para sentir o bebê mexendo dentro de mim. O lugar de Pilatos ao meu lado estava vazio. O sol forte entrava pelas janelas. Eu tinha certeza de que ele já havia tomado o café da manhã e estava atendendo clientes. Não podia incomodá-lo, mas queria muito compartilhar meu prazer e emoção com alguém... Agripina, claro.

Sempre fomos próximas, mas agora ela estava se esforçando tanto para ser a mãe que eu havia perdido. Eu a amava e dependia mais dela a cada dia e estava ansioso para compartilhar este maravilhoso novo desenvolvimento.

Meu coração disparou de alegria e entusiasmo quando pulei da cama. Eu estava tão ansiosa para seguir meu caminho que não convoquei Rachel. Não querendo esperar por ela, coloquei meu vestido, torci meu cabelo em um nó desajeitado e corri para a manhã quente de primavera. Foi um dia lindo e brilhante, novos botões em todos os lugares.

Nova vida em todos os lugares, pensei complacentemente. Quando minha liteira chegou ao **cortiço de Agripina**, fiquei surpresa ao encontrar **guardas imperiais** postados diante da porta surrada. "Para onde foi a senhora?" Perguntei ao capitão que barrou meu caminho.

"O imperador a levou."

"Ah não!" Eu suspirei. "Certamente não." Eu balancei minha cabeça, não querendo acreditar nas palavras. "**Onde estão suas filhas?**"

"Se foi, tudo se foi." Seus olhos percorreram as ruas com cautela e depois voltaram para mim. "Você seria sábia em sair também. "Ele olhou incisivamente para a minha barriga." **Pense na sua saúde.** "

Voltei-me para a minha ninhada. Um servo cuidadosamente me ajudou a entrar. "Leve-me para casa", ordenei aos carregadores. "Depressa! Por favor, se apresse!"

Pilatos estava lá quando cheguei, a tensão em seu rosto diminuindo ao me ver.

"Eu ia enviar escravos para procurar você. Você ouviu falar de **Agripina?**"

"**Oh, Pilatos, eu estava lá. Ela se foi e...**"

Ele me pegou nos braços. "Agora, agora," ele disse, me dando um tapinha gentil.

Vou lhe contar o que sei. Agripina foi convidada ao palácio ontem à noite, uma aparição de comando. Era um banquete, Agripina uma convidada, ou assim foi informada. Tibério ofereceu-lhe uma maçã. Ela recusou - talvez alguém a avisou sobre o veneno.

Ele ficou com raiva e ordenou que um guarda a prendesse."

"Onde ela está? Eu quero vê-la."

"Isso é impossível. Além disso" - Pilatos me puxou para mais perto, protegendo-me -

"Duvido que ela quisesse você para vê-la. "

Eu enrijei. "O que você quer dizer? Do que você está falando?" Eu me afastei para confrontá-lo.

As mãos de Pilatos permaneceram em meus ombros. "Agripina deveria ter sabido melhor", disse ele. "Ela resistiu aos guardas, lembrou a todos a plenos pulmões que era **neta de Augusto**. Gritou que se alguém **devia ser preso era Tibério**."

"Em nome de **Ísis**, o que ela estava pensando!" O medo, como um calafrio, levantou pequenas saliências em meus braços. "**O que ele fez com ela?**"

"Você não quer saber. Não seria bom para você ou para o bebê." "Seja o que for, não saber é pior."

"**Ele ordenou que a espancasse**. Todos eles assistiram."

Minha garganta apertou. Eu forcei as palavras para fora.

"E depois?"

"**Ela perdeu um olho**."

"Não! Oh não! Agripina - **ela era tão linda, tão linda**." Com as mãos cobrindo meu próprio rosto, me virei, soluçando.

"Ela ainda tem vida", Pilatos me lembrou. "Vou ligar para Rachel. Você deve se deitar." Lutei para me controlar. "Como você descobriu isso?"

"Sejano estava aqui. Ele não queria que você ouvisse na rua."

"Onde está Agripina agora?"

"A caminho de Pandateria." "Aquela miserável ilha isolada?" "Talvez ela não se importe." "As pessoas a amavam tanto..." "Os guardas a levaram esta manhã em uma liteira fechada. Ninguém sabia - mas mesmo se tivessem -" Pilatos ncolheu os ombros.

"Ela se foi então, como Tata e mamãe, como Marcella. Eles se foram. Eu perdi todo mundo."

"Estou aqui, Cláudia" - Pilatos me tomou nos braços - "e logo você terá nosso filho."

CAPÍTULO 23 - Titânia

Nas semanas que se seguiram, agarrei-me às palavras de Pilatos como se fossem lembranças, jogando-as na minha cabeça repetidamente. Eu **havia perdido tantos entes queridos**, começando com Germânico e o nascimento de meu primeiro filho aos cinco meses. E se eu perder essa criança também? A ideia me apavorou.

Sofri ataques de náusea e em uma ocasião desmaiei. Por um tempo, tornozelos inchados me mantiveram na cama. "**Não é nada incomum**," Rachel me lembrou repetidamente. Escutei com **gratidão**, não achando mais estranho que uma escrava tivesse se tornado **minha melhor amiga**, talvez minha única amiga.

Às vezes, minha mudança de corpo me assustava; em outras ocasiões, trouxe uma sensação de admiração. **Senti** desde o **início que meu bebê era uma Menina** e, com o passar dos meses, a certeza cresceu. Conversei muitas vezes com a **pequena Marcella**, garantindo-lhe meu amor, prometendo que sempre a manteria segura.

Finalmente, com a aproximação do final do **meu mandato**, a náusea desapareceu e o inchaço em meus tornozelos diminuiu. Sentir-me melhor me deixou inquieta.

Eu queria sair, andar pelas ruas na minha liteira e fazer parte do mundo.

"Parece que estou gorda há muito tempo", confiei a Rachel enquanto ela colocava um chiton rosa suave sobre meus ombros. "Às vezes esqueço que vou ter um bebê e acho que sou naturalmente grande. Pilatos foi muito gentil e incrivelmente criativo, mas sinto falta de olhar para baixo e ver meus pés."

"Não vai demorar muito", disse ela, as mãos nos meus ombros, reconfortantes. "Menos de um mês, eu disse."

"Mas eu quero fazer algo agora. Eu gostaria de ir ao **Forum Market**."

Não, "eu emendei, alcançando o contraste rosa brilhante palla," Eu estou indo para o mercado. "" Você não pode fazer isso! **Dominus iria proibir.**"

"Talvez - se ele tivesse a chance", eu concordei, pegando minha bolsa. "Mas Pilatos está com Sejano esta tarde. Estaremos em casa muito antes de ele retornar."

"Ele vai me espancar por fazer parte disso."

"Não é provável, ninguém que conhecemos faça esse tipo de coisa com escravos, certamente não Pilatos - e não com você."

"Ele poderia."

"Ele poderia, mas não vai", eu assegurei a ela.

"Que ideia!"

"Talvez não," Rachel admitiu, acrescentando, "mas sabemos que é perigoso para você."

"Não sabemos nada do tipo", argumentei. "Não preciso que o médico de Pilatos me diga que estou bem. Eu sei que estou."

Vou sair agora - com uma escrava corajosa e sorridente ou com nenhum."

A tade foi clara e **CRISP**. Eu caminhei feliz de uma barraca para outra, parando finalmente em uma barraca que exibia centenas de Frascos de Perfume. Abrindo um após o outro, experimentei o conteúdo de vários. "Eu uso **sândalo** há tanto tempo. Talvez eu deva escolher algo novo e diferente para depois que o bebê nascer. O que você acha disso?" Enquanto segurava a garrafa na direção de Rachel, vi uma mulher caminhando em nossa direção. "Você vai olhar para ela! **Ela é linda**, mas esse vestido seria mais apropriado para um Banquete do que para a rua - especialmente em seu estado."

Rachel olhou por cima do ombro, então rapidamente se aproximou, de modo que ela ficou diretamente na minha frente.

Empurrando suavemente para ter uma visão melhor, encontrei minha escrava surpreendentemente resistente. A mulher quem carregava um **papagaio vermelho**, arrulhando para ele, alhei aos olhares daqueles que a cercavam, enquanto os escravos ocupavam-se abrindo caminho. Em contraste com o **vestido preto transparente**, a pele de seus braços, ombros e uma extensão de seus seios era branca como giz. Grandes esmeraldas brilhavam em sua garganta e pulsos. Como eu, ela **parecia estar no oitavo mês**, mas mal parecia consciente de seu peso.

"Quem você acha que ela é?" "**Titânia!**" Rachel quase cuspiu a palavra.

Eu fiz uma careta ligeiramente. "Ela parece familiar, mas não acredito que a conheço." "Não é provável que você o faça. **Ela é uma Cortesã.**"

"**Titânia**", repeti o nome, observando com interesse. Quem quer que fosse, **Titânia** se movia como uma chama, **linda e confiante**. E então me lembrei de um rosto vislumbrado meses antes. **Titânia** era a mulher que eu tinha visto no **Banquete de Sejano**, aquela que me observava com tanta hostilidade.

"Se ela é uma **Cortesã**, por que está vestida de preto?" Eu me perguntei.

- Talvez por diversão. Ela tinha um marido, mas eles viveram separados por anos.

Por algum motivo, ele nunca se divorciou dela. Talvez ela soubesse algo que ele não queria espalhar sobre Roma. Seja qual for o caso, **ele morreu recentemente** de uma febre repentina."

"Como você sabe tanto sobre ela?"

Rachel encolheu os ombros. "**Escravos falam. Titânia é uma lenda.**"

"Suponho que ela tem muitos amantes."

"Apenas alguns importantes. Ela se tornou **fabulosamente rica** com aqueles que buscam sua influência sobre elas."

"Isso a tornaria poderosa", pensei. Enquanto eu estudava **Titânia**, ela olhou para cima e nossos olhares apanhado. Os olhos de **Titânia** se inclinaram como os de um gato zangado

enquanto se moviam para a minha barriga.

Eu puxei minha estola protetoramente, mas friamente retornei seu olhar. Rachel deve ter convocado nossos carregadores. Senti mais do que vi, ciente apenas do desafio nos **olhos verdes de Titânia**.

"Sua ninhada, Domina", disse Rachel. "Por quê? Para onde estamos indo?"

"Vou te levar para casa. Está ficando frio. Você não quer ficar doente agora. Pense no bebê."

Talvez ela estivesse certa. O sol ainda brilhava forte, mas eu senti um arrepio repentino. Olhos nunca deixando os de **Titânia**, eu me permiti ser guiado.

Foi uma competição boba, mas eu não pretendia perder. Enquanto minha liteira era levantada do chão, continuei a observar, forçando um leve sorriso até que **Titânia** se perdeu de vista.

Colocada no meu sofá proporcionado por **PILLOWS** jogando um jogo de tabuleiro com Rachel. "Ah, mais sorte!" Rachel lamentou enquanto eu jogava os dados.

"Você vai ganhar esta rodada também." Ela estalou a língua com desânimo enquanto eu avançava meu elefante de jade mais dez quadrados.

Suspirei. "Quando algo vai acontecer?" "Logo eu acho, logo."

"Isso é o que você disse uma hora atrás. Oh!" Eu gritei, arqueando para trás.

"Oh! Esse foi um grande problema.

Talvez seja em breve. Para onde foi **Selket**?"

"Ela está na cozinha. Vou buscá-la." "Não me deixe!"

"Não vou a lugar nenhum, só vou até a porta para mandar alguém buscar Selket."

"Claro." Soltei a mão de Rachel, mas sorri de alívio alguns momentos depois, quando a forma volumosa de Selket apareceu na porta.

O toque gentil e a confiança tranquila da mulher me impressionaram desde o início. Agora me parabenizo mais uma vez por ter insistido em uma **parteira do Iseneum** em vez do **cirurgião do Exército** instado por Pilatos. Em seguida, outra dor arrebatou o sorriso e minha respiração com ele. O tabuleiro e os peões tilintaram despercebidos no chão de mosaico.

"Ah. Coisas estão acontecendo finalmente." Selket acenou com a cabeça em aprovação quando ela se inclinou sobre mim. "Venha, é hora de você andar um pouco."

"Ajude-me a levantá-la", ela instruiu Rachel. Juntos, eles me puxaram do sofá e me apoiaram em uma posição de pé. "Vamos nos revezar para acompanhá-la", ordenou Selket. "Eu vou começar."

"Vai demorar?" Eu perguntei depois que outro espasmo me agarrou e depois outro.

"Bem, agora, você não deve pensar no futuro. Pense, em vez disso, que você esteve em trabalho de parto a maior parte do dia.

Vai ser mais rápido agora. Vamos cuidar bem de você. "

"Eu queria que minha mãe estivesse aqui." Mordi meu lábio, lamentando a fraqueza, e comecei a andar para cima e para baixo na sala. Estava se enchendo rapidamente de escravos.

Primeiro Selket caminhou comigo, depois Rachel, depois Selket novamente.

"Fale comigo", implorei quando foi a vez de Rachel mais uma vez. "Diga-me o que os escravos estão dizendo. Quais são as últimas fofocas? Diga-me - oh! Diga-me,"

Eu persisti quando consegui falar novamente, "sobre aquela mulher, a estranha mulher ruiva. Ahh!"

Qual era o nome dela? "

"Não pense nela." Os braços de Rachel se apertaram em volta de mim.

"Não perca tempo com ela. Ela não é ninguém para vocês."

"**Titânia**," consegui arfar. "Eu me lembro agora. Fale-me sobre **Titânia**."

Eu olhei para cima para ver Rachel trocar olhares com Selket.

A caminhada cessou momentaneamente. Selket me apoiou enquanto Rachel massageava minhas costas. "**Titânia não foi vista ultimamente**", disse ela. "Suponho que ela esteja em casa esperando o nascimento de seu filho."

Eu balancei minha cabeça, incapaz de me concentrar em **Titânia** ou em seu filho.

Às vezes, era difícil até mesmo lembrar da criança dentro de mim. Havia apenas a dor que continuava sem parecer ir a lugar nenhum.

O dia passou e agora era **crepúsculo** e Selket ainda não disse que eu poderia me deitar. Fiquei tão cansada que mal conseguia colocar um pé antes do outro.

Não era adequado querer Pilatos presente para essa coisa feminina, mas eu o queria, desesperadamente. Finalmente chegou a hora em que eu o queria o suficiente para gritar seu nome. Os escravos, até Selket, ficaram chocados. Eu os ouvi murmurando entre si.

Então Rachel, acariciando minhas costas suavemente, disse: "Eu vou trazê-lo agora."

Pareceu-me que ela havia sumido por horas, mas não devia ter demorado muito. Quando Rachel voltou, ela estava sozinha. - Ele não estava em casa, Domina.

Devo enviar...

"Não, não! Ele está ocupado com seus deveres. Não diga a ele - que eu perguntei." Virei a cabeça de um lado para o outro, ofegando e mordendo os lábios. Por fim, não consegui mais andar e Selket permitiu que eu me deitasse. Rachel permaneceu ao meu lado, segurando minhas mãos enquanto a noite passava e nada aconteceu. "Ah, isso mesmo, só mais um pouco", ela encorajava de vez em quando.

"Eu não posso fazer isso!" Eu chorei, exausta. "Me ajude, por favor me ajude!"

Rachel se virou para Selket. "Certamente há algo que você pode fazer. Alguma poção que você pode dar dela."

"Eu dei a ela um **poejo**."

"E não funcionou. O primeiro filho dela nasceu morto", lembrou Rachel à parteira. "Dominus queria um **Cirurgião**. Ele ficará com raiva se algo acontecer."

O rosto geralmente rosado de Selket estava pálido, seus olhos azuis claros fortemente sombreados. "Não é minha culpa! Os quadris dela são muito pequenos..."

"Deve haver alguma coisa," Rachel insistiu, sua voz tensa de ansiedade."

Há todos os tipos de poções no templo, eu os vi. Você deve ter trazido..."

Sua mão se moveu para a cesta de suprimentos de Selket.

A parteira puxou o cesto.

"Eu sabia! Você tem alguma coisa. Dê para ela!" "É perigoso - às vezes-"

"Pode algo ser mais perigoso do que isso? E se o bebê morrer? **E se ela morrer?**"

Eu os vi como se estivessem em uma névoa, enquanto onda após onda de dor crescia sem quebrar. Quando Selket finalmente levou uma xícara aos lábios, virei a cabeça para o lado. O **poejo** e a **hortelã** tinham gosto bom no início do meu trabalho de parto, agora comecei a vomitar.

"Beba, Domina", insistiu a parteira. "Tente engolir."

Quando minha boca se abriu mais uma vez para gritar, Rachel estava pronta e derramou o líquido. Eu lutei com raiva, mas então outra dor me agarrou, outra onda negra. Quando recuou ligeiramente, tive consciência de uma sensação calmante na minha garganta seca. Lentamente, quase imperceptivelmente, um **relaxamento onírico** se apoderou de mim, tomando conta de mim com crescente insistência, arrastando minha mente e corpo, até que parei de lutar e me rendi de boa vontade. Envolvida em um redemoinho, eu girei em uma velocidade cada vez maior até que fui levantada inteiramente de mim mesmo e flutuei perto do teto.

Eu vi Selket, olhos arregalados e assustados, ajoelhada ao lado de um corpo se contorcendo no sofá - meu corpo. **Coitadinho**, pensei, e fiquei um pouco surpresa ao me reconhecer. Não senti medo, apenas uma **deliciosa libertação da dor**.

Comecei a flutuar, flutuando de volta a algum mundo quente e agradável onde não

havia medo da morte. Então pensei em Pilatos e em nossa filha ainda não nascido. **Marcella!** Ela deve morrer também? Oh, certamente não, não antes mesmo de ela ter vivido!

Rachel estava soluçando abertamente agora. Acenei meus braços, lutando para me comunicar, mas ninguém me viu. Eu sempre permaneceria perto daqueles que amo, mas tão terrivelmente distantes?

Tomada de desejo, olhei ao redor da sala familiar, examinando cada pessoa abaixo de mim, vendo-as todas com uma nova clareza afiada. Eu ouvi cada conversa individual distintamente. Palavras de preocupação, na sua maioria, palavras de tristeza.

Ninguém esperava que eu vivesse.

Dois jovens escravos que acabavam de entrar com **água doce** sussurravam baixinho, sem que os outros percebessem.

Pairando acima deles, ouvi cada palavra distintamente, apesar do balbúcio de outras vozes ao redor deles.

"Ela era uma boa domina", disse a mais jovem. "Você não podia enganá-la, mas ela sempre foi justa. **Eu vou sentir falta dela.**"

"Eu também", concordou o outro. "Ela era mais do que justa. A domina era gentil, bom estar perto dela, sabia o que eu estava pensando às vezes e me importava. Não teremos tanta sorte novamente." **Abençoado Juno!** E se ele a substituísse pela outra?

- Ele nunca se casaria com ela!

"Suponho que não, mas **ele vai gostar mais dela** do que nunca agora que ela lhe deu um filho. E quem sabe", a escrava apontou para o sofá, "este bebê pode morrer com a mãe."

"**Fortuna** pode ser tão cruel. Ouvi dizer que **as duas** entraram em **trabalho de parto** mais ou menos na mesma época. **Titânia** mal se abateu e seu filho nasceu.

Ela é uma mulher grande, mas olhe para nossa pobre senhora."

De repente, eu estava de volta ao meu corpo, **preso em carne e dor**. Senti uma agonia inacreditável e depois nenhuma. Em algum lugar distante, ouvi um bebê chorando.

Minha Marcella estava viva.

Cochilei e quando acordei Pilatos sentou-se ao meu lado. Ele estava preocupado, era terno, até tinha desculpas: negócios urgentes em nome de Sejano o haviam mantido longe de mim. Ele pegou minha mão e a beijou. Eu olhei em seus **olhos azuis claros** e me perguntei quantas vezes ele tinha vindo diretamente da cama de **Titânia** para a minha.

CAPÍTULO 24 - O Circo

De alguma forma, **tive que aceitar** não só que meu **Marido tinha Amante**, mas um filho com ela. Além do mais, a cada dia Pilatos se insinuava ainda mais nas **graças do homem** que **matou meus pais**, exilou minha tia e presidiu a morte de minha irmã. Por um tempo, bastou respirar, apenas flutuar na superfície. Eu tive meu bebê e isso era tudo que importava.

Embora o decoro - e Pilatos - **exigisse** que eu contratasse uma **ama de leite**, fui eu quem deu banho em **Marcella**, quem a vesti e a embalei para dormir. Tarefas fáceis e divertidas. Marcella, tão pequena, parecia a **essência da feminilidade**. Os escravos ficavam maravilhados constantemente com sua doçura e beleza. **Pilatos** ficou encantado com a maneira como ela sorriu para ele por trás de seus dedinhos.

"**Ela está flertando**", disse ele. Ele tinha vindo ao berçário para me encontrar. Agora ele se curvava sobre a pequena cama de Marcella. "**Outra beleza de família.**"

Ela tem os olhos de Marcella, pensei, mas não disse nada.

A mãozinha do bebê envolveu o polegar de Pilatos. "Devemos mantê-la muito segura", disse ele. Pelo menos concordamos em algo.

À medida que minhas forças voltavam, eu ia todos os dias ao **Iseneum**, muitas vezes

levando Marcella comigo. **A vida tinha sido tão cruel.** Se eu pudesse ganhar algum tipo de promessa da deusa - não para mim, mas para minha filha inocente e perfeita.

Ísis teve um filho adorado. Certamente ela poderia entender minha preocupação.

Eu orava muitas vezes diante de sua Grande **Estátua de Ouro** enquanto Marcella dormia docemente ao meu lado.

"Se **Ísis** me desse um sinal," eu disse para a Sacerdotisa ajoelhada ao meu lado.

"Eu adoro a deusa desde que era uma menina, mas uma coisa terrível após a outra aconteceu. **Tudo o que resta é meu bebê.**"

"Se você realmente acredita, tudo ficará bem."

Virei-me para ver um rosto familiar - olhos grandes e sonhadores, sorriso com covinhas. **Paulina Tigellius** ia com frequência ao **Iseneum**. Ela era bonita, obviamente mimada por um marido muito mais velho, mas de **boa índole e sociável.**

Eu poderia não ajuda, mas sorri para sua espontaneidade. Eu estava sozinha. Compartilhar um **caminho espiritual** com uma buscadora tão entusiasmada pode ser agradável.

Não foi assim que aconteceu. Assistindo **Paulina** aceitar cada princípio sagrado sem uma única pergunta, eu comecei a me perguntar se ela entendia alguma delas.

Um dia, ela confidenciou que **Decius Mundus**, um Cavaleiro de Alto Escalão, estava **tomado de amor por ela.** Eu conhecia **Decius** ligeiramente.

Ele era íntimo de Pilatos, atraente de um jeito jovem e informe e muito rico.

"Ele ofereceu **duzentos mil sestércios** para compartilhar minha **Cama** por uma única noite." Paulina balançou a cabeça levemente, colocando os cachos loiros em movimento.

"**Como ele ousa!** Mas Decius é bonito."

Decius não era muito mais inteligente do que Paulina, decidi, e prontamente esqueci o assunto.

Os dias se passaram e minha ansiedade aumentou. Certa manhã, **confiei Marcella** a uma Sacerdotisa e me juntei aos escravos do templo para **esfregar os degraus** que levavam à **Estátua de Ouro** de **Ísis**. Se ao menos a deusa visse minha sinceridade.

"Proteja meu bebê, proteja meu bebê", eu orei silenciosamente de novo e de novo.

Meu bebê normalmente feliz começou a uivar. "Ela quer você", disse a Sacerdotisa, entregando Marcella de volta para mim, ela não estava molhada - "teve escolha?"

"Não consigo imaginar o que estava acontecendo com ela", disse a Rachel depois. "Ela não estava com fome," Talvez o bebê se pareça com sua tia. Quem dera Marcella tivesse passado um tempo em um templo se tivesse... Sua vida está esperando.

Aproveite. Aproveite para mim.

Fui com menos frequência ao **Isenium**, em vez de voltar a um antigo local conhecido, o **Banho Circe**, o mais moderno de Roma. Era aqui que as **Músicas** mais recentes eram tocadas, os **Poemas** mais recentes lidos, os **Escândalos** mais picantes sussurravam.

Eu escutei distraidamente enquanto era massageada e manicurada; todos concordaram que **Circe** tinha os atendentes de banho mais competentes e inovadores que havia.

Certa manhã, cheguei ao banho e senti o ar carregado de excitação.

Levemente irritada, olhei intrigada para os dois escravos que começaram a me despir.

"**Certamente você ouviu?**" a mais velha perguntou enquanto se ajoelhava para tirar minhas sandálias.

"Suponha que você me diga." Eu tirei meu vestido e me virei ligeiramente enquanto a jovem escrava enrolava uma cobertura de linho sobre mim.

"A senhora Paulina - **Paulina Tigellius**", disseram os dois quase em uníssono, depois começaram a rir. "Shh," advertiu o mais velho, olhando de soslaio para mim.

Eu olhei de um para o outro, perplexo. Enquanto os escravos me levavam para o tanque, juntei-me a cerca de **vinte** das mulheres mais proeminentes de Roma.

No centro delas, a esposa de Sejano, **Apicata**, presidia a corte. Sorrindo, ela abriu um lugar para mim no sofá ao lado dela. Embora o marido dela tivesse **flertado** comigo desde o início, isso nunca pareceu incomodar **Apicata**. Talvez, pensei, deitada ao lado dela, essas coisas deixassem de ter importância depois de um tempo.

"É o escândalo mais chocante", explicou ela, seus **olhos azuis** redondos brilhando de excitação. "**Paulina Tegellius foi seduzida no Iseneum.**"

Oh, Isis! Meu coração começou a bater forte. Isso era mais do que fofoca...

Eu sabia que algo terrível havia acontecido.

Apicata continuou alegremente. "Um **padre do Iseneum** foi à casa de Paulina. Disse que o **deus Anúbis** tinha se apaixonado por ela e queria que ela fosse até ele naquela mesma noite.

Estou surpresa que você não tenha ouvido falar sobre isso.

Paulina ficou tão lisonjeada que começou a contar a todos."

"**Incluindo o marido dela?**" "Saturnius foi o primeiro a saber."

"**E ele a deixou ir?**"

"Ele era **tão orgulhoso quanto ela e também se gabava.**

Imagine ter uma esposa tão bonita que até um deus a desejava.

É como Júpiter e Leda."

"Ah não!" Eu balancei minha cabeça. "**Anúbis é uma divindade egípcia** que serve Ísis. Ele não se parece em nada com os deuses romanos. **Anúbis** está muito ocupado pesando almas, decidindo quem terá a **imortalidade** e quem não terá, para perder tempo com mulheres tolas. Paulina é uma devota. Ela deveria saber disso. "

Apicata encolheu os ombros. "Tudo o que sei é que quando ela foi ao templo um Banquete foi preparado para ela em um quarto privado.

Paulina foi banhada e preparada para dormir, as lâmpadas foram retiradas e a porta fechada. **O deus apareceu para ela nas trevas.**"

Eu me levantei nos cotovelos. "**Ela o recusou?**"

"Difícilmente. Ela executou um **serviço noturno** para ele repetidamente."

"Que tal amanhã?"

"Ele partiu antes do amanhecer", explicou **Apicata**.

"Sério, eu **não posso imaginar** como você sentiu falta de ouvir tudo isso.

Paulina contou a todos.

Ela não poupou detalhes, o ardor dele deve ter sido insaciável."

Eu balancei minha cabeça. "**Foi um embuste, um embuste cruel.**"

"Se você adivinhou isso, está à frente de todos", disse **Apicata**.

"O que o resto de nós sabe sobre deuses egípcios?"

Até ontem a maioria de nós invejava a boa sorte de Paulina. Então, ao que parece, um jovem cavaleiro, **Décio Mundus** - você o conhece? Sim?

Bem, esse Décio a abordou no rua e riu dela - você pode imaginar, riu dela!

'Paulina, você me salvou **150.000** sestércios', disse ele. Quando a pobre Paulina apenas olhou para ele, ele explicou: 'Me chame de **Décio ou Anúbis**, isso faz nenhuma diferença - o prazer era o mesmo.'"

Meu estômago apertou com a indignação contra **Ísis** e sua têmpera. "Certamente os padres não tinham nada para fazer com isso. "

"**Vinte e cinco mil sestércios** antes e depois do fato foi um **argumento poderoso** para dois dos eles. É uma pena que eles não terão a oportunidade de gastá-lo."

Uma sensação doentia de finalidade tomou conta de mim. Essa era a própria desculpa que **Tibério** e seu governo estavam procurando. O **Culto a Ísis era Rico** e ameaçadoramente feminino. Obriguei-me a perguntar: "Como assim, eles não terão oportunidade de gastá-lo?"

- **Saturnius** levou a questão da honra de sua esposa a Tibério. **Sejano** me contou tudo

esta manhã. **Décio já foi exilado**, os Sacerdotes serão crucificados, o **Templo arrasado** e a **Grande Estátua de Ísis** lançada no **Tibre**.

O **Templo Arrasado!** Foi como se eu tivesse levado um golpe brutal.

Eu me afastei, para que ninguém visse as lágrimas. Com o **fim do Iseneum**, que consolo sobrou para mim? Onde eu poderia me voltar agora para um Santuário?

Raramente fui a qualquer lugar com **Pilatos** e encontrei seus presentes e outras **tentativas de reconciliação** com polido desdém. Não falamos sobre **Titânia**.

O que havia para dizer? Eu era uma **Esposa para ele apenas no nome**, organizando suas diversões, aparecendo em público com ele quando necessário, mas evitando sua presença sempre que possível. O **instinto me disse** que, enquanto eu não fizesse nada publicamente para irritá-lo, ele **não se divorciaria** de mim.

Então, um dia, Pilatos me pediu para acompanhá-lo ao **Circo**, onde nos reuniríamos com **Sejano e Apicata**. Eu surpreendi a nós dois concordando. Encantado, ele honrou meu pedido de **nos atrasarmos** para evitar a matança de animais selvagens.

Enquanto nos acomodávamos ao lado de **Sejanus e Apicata** em sua caixa elaborada, o sol do meio da tarde brilhava intensamente em mantos carmesins, plumas brilhantes, brincos de joias e tiaras. Todos os assentos do grande Anfiteatro estavam ocupados. Centenas de plebeus estavam ombro a ombro na galeria acima.

Tibério, resplandecente em um **colar de diamantes** e uma **coroa de ouro** em forma de coroa de louros, estava sentado perto de uma caixa dourada elevada. Senti a pressão de **Pilatos** em meu cotovelo. Eu teria que me curvar. Minhas pernas tremeram ao fazer isso. Lentamente, me forcei a encontrar o olhar do **Imperador**.

Livia, a seu lado, me observava, zombando em seus olhos verdes de gata.

Meu estômago deu um nó quando me curvei novamente. Oh, como eu detestava os dois. Logo abaixo estavam as **Vestais**, flanqueadas em ambos os lados por Senadores com largas listras roxas nas bordas de suas togas, e comandantes militares seniores em armaduras reluzentes. Meninos e meninas em túnicas vermelhas curtas abriram caminho pela multidão, vendendo bebidas geladas, carnes assadas, frutas e vinho.

Quatro escravos parecidos com bois arrastaram os cadáveres, animais e humanos, enquanto meninos varreram a **areia** ensanguentada e borrifaram nela um forte perfume.

A bateria bateu. Milhares de pés bateram, seu martelar impaciente como um trovão. Uma competição mais séria estava para começar, uma que excitava não apenas a turba, mas também os conhecedores mais exigentes. **Tabletes de Cera** foram passados de mão em mão enquanto os espectadores rabiscavam os nomes de seus Campeões e as somas que apostavam. Sejano balançou a cabeça. "**Qual é o ponto?** Holtan sempre vence."

"**Holtan?**" Eu estava conversando preguiçosamente com Apicata; agora eu me virei. "Há muito tempo havia um gladiador - bastante extraordinário. Não é -"

"Há **apenas um Holtan**", disse Pilatos. "Se você fosse ao Circo com mais frequência, você saberia."

"Mas Holtan está aposentado", lembrou Apicata.

"Ele só veio hoje porque **Shabu desafiou-o** - chamou-o de covarde em público. Aquela calúnia e talvez a enorme **bolsa que Tibério** está oferecendo o trouxeram à tona.

Veremos se o grande Gladiador ainda tem vantagem. Posso apostar no Shabu."

"O Holtan de que me lembro era um cativo Dacian."

"É esse mesmo", assegurou-me Sejano, "mas ele percorreu um longo caminho desde aquela época." "Ele não possui uma **Escola de Gladiadores?**" Perguntou Pilatos.

Sejano assentiu. "O melhor, e agora ele abriu uma **casa de jantar** no Sabura. Tudo o que precisamos é a chance de topar com o famoso Gladiador para mandar as pessoas se aglomerarem lá. Ele também tem terras, vinhas, eu acho."

Trombetas soaram estridentes, de gelar o sangue. Milhares de olhos fixos em um

homem vestido como **Charon**, o Porteiro do Submundo, enquanto ele levantava seu martelo. Um, Dois, Três vezes o grande gongo soou.

O **Portão da Vida** se abriu, os Gigantescos Gladiadores entraram.

Aplausos, uma tempestade impaciente, varreram o Anfiteatro enquanto os homens, marchando em orgulhoso passo militar, circundavam a Arena, parando por fim diante do camarote de **Tibério**.

Eram doze, a maioria altos, todos imponentes. Um havia perdido uma orelha. O nariz de outro foi cortado. Todos eles tinham cicatrizes, alguns ainda lívidos. Uma buzina soou pedindo silêncio enquanto eles erguiam os punhos direitos cerrados e cantavam como uma só, vozes lentas, medidas: "**Salve, César!**"

Nós que estamos prestes a morrer o Saudamos!"

Eu os achei esplêndidos. Mais particularmente Holtan, a quem reconheci imediatamente. Apesar da cicatriz que ia de um olho até a mandíbula, apesar do nariz achatado, reconheci sua graça fácil e leonina, seu cabelo espesso e desganhado da cor do mel, os olhos âmbar que não perdiam nada.

Seis dos doze homens carregavam **espadas curtas**, os outros seguravam **redes e tridentes**. Cada par lutaria contra o outro, o vencedor avançando para o próximo até que apenas **um par** restasse. Tudo começou calmamente. No início, todos foram cuidadosos, deliberados, testando e depois recuando como uma dança, uma finta aqui, uma defesa ali, os movimentos estilizados. Então, gradualmente, tornou-se algo mais.

Ataque e contra-ataque, eles se acenderam como fogo em ritmos selvagens e aleatórios. Observei apenas Holtan, que limitou suas defesas a golpes estreitos e superficiais. "Não há muito show lá", comentou Apicata, seguindo meus olhos.

"Eu sabia que deveria ter apostado em Shabu. "

"Não desista de Holtan", aconselhou Sejanus. "Ele está conservando sua força - ele vai precisar. Aposto que esta será sua última partida."

Eu suspirei. "O que você quer dizer?"

"Ele é um grande lutador - sem dúvida - o melhor que eu já vi, mas olhe para os outros homens. Sem dúvida, ele poderia levar um, dois, até três deles - mas todos?"

Vai ficar gravemente ferido, mutilado. "

Apicata estremeceu. "Ele gostaria de viver nessa condição?"

"Oh, pare!" Eu chorei. "A partida mal começou. **Ele vai ganhar**, é claro, ele vai. As chances eram igualmente ruins quando eu o vi pela primeira vez como uma garota."

"Não exatamente", disse Sejanus. "Eu também vi essa luta. Ninguém nunca vai esquecer. Mas esta é diferente. Estes são os Maiores Gladiadores do Mundo - **Dionísio** de Éfeso, **Ramsés** de Alexandria, **Hércules** de Atenas. Aquele etíope lá embaixo, **Shabu**, é uma lenda. **Holtan** não pode derrotar todos eles."

Mas ele deve!

Cada vez que Holtan mudava de posição, seu oponente, Hércules, o seguia. Eles se moviam juntos como se estivessem presos por uma corda. Não demorou muito. Tanto para os melhores da Grécia. Holtan estudou seu próximo desafiante, um gigante cita peludo com quase o dobro de seu tamanho. Ele ficou quieto no lugar enquanto seu oponente o atacava. No último minuto, ele deu um passo para o lado; o homem, incapaz de parar seu impulso, tropeçou. Naquele instante, Holtan cravou sua espada no lado do Gladiador.

Dois já foram. Ao redor de Holtan, outros pares lutaram, corpos se esticaram e se agarraram, couraças se chocaram, espadas cravadas em tórax e barriga, listras escuras manchando a areia. Um escravo vestido como Mercúrio caminhava discretamente entre os caídos, testando cada um com um atizador em brasa para ter certeza de que ele estava morto. Escravos arrastaram seis corpos sem vida pelo **Portão da Morte**.

O friso de demônios sobre seu arco parecia menos horrível do que a carnificina abaixo. Seis gladiadores agora permaneciam na arena.

Holtan enfrentou um homem ágil de rede que disparou em sua direção balançando sua

teia com uma graça incrível, então saltou para trás, fintando e apunhalando tão rapidamente com seu **tridente** que eu mal conseguia acompanhar seus movimentos.

Repetidamente, as pontas afiadas dos dentes retiniam contra a espada de Holtan. Sangrando agora de um ferimento no braço, Holtan segurou firme. A multidão respirou fundo enquanto ele avançava, forçando seu oponente a recuar, sem deixar espaço para manobrar seu **tridente** e subjugando-o com uma série de golpes rápidos que não deixaram tempo para recuperação. Estava acabado para o desafiante de Holtan.

A multidão foi à loucura.

Eu me virei para Sejanus. "O que você acha de Holtan agora?"

Os escravos borrifaram nossa festa com **água com perfume de violeta** que não conseguia mascarar o cheiro de sangue e excremento que subia da arena.

Os meninos e meninas voltaram a vender comida e bebida. As pessoas estavam realmente comprando. "**Ainda não acabou**", lembrou-me Pilatos.

Ele acenou com a cabeça em direção à arena onde Holtan e o outro sobrevivente, o etíope, Shabu, também um espadachim, circulavam um ao outro. "Ele levou um golpe feio no ombro direito. Parece cansado."

"Ele está cansado", concordou Sejanus. "Ele teve sorte com aquele último açougueiro, mas olhe o tamanho deste." Meu coração ficou preso na garganta quando Shabu se lançou para frente, a espada relampejando em uma rajada baixa e rápida greves.

Holtan deu um salto para trás, encontrando as estocadas de Shabu com seu escudo. Faíscas brilharam nas amarras de ferro. Holtan vacilou ligeiramente sob as marteladas, mas se manteve firme. Agora Shabu dirigiu uma rajada de atalhos rápidos na cabeça de Holtan. Escudo levantado, Holtan recuou em zigue-zague. Todos os seus movimentos eram defensivos, enquanto Shabu seguia em frente, impaciente e agressivo.

"Holtan está acabado", disse Sejanus, estendendo sua taça de vinho."

Que pena. Ele era um grande espadachim em seu dia." orou silenciosamente.

"**Isso ainda não acabou!**" Eu exclamei. Meus dedos ficaram presos no minúsculo **sistro** em minha garganta. **Ísis**, por favor, Holtan ficou escondido atrás de seu Escudo enquanto Shabu atacava sem oposição. Eu vi que ele está para trás os movimentos o aproximavam cada vez mais da caixa imperial.

Shabu investiu; Holtan se virou, sua espada cortando para cima, atingindo a arma de Shabu com um estrondo retumbante. Em um movimento fluido, a lâmina de Holtan deslizou ao longo da de Shabu, um ataque fingido em seu ombro direito. Funcionou.

Shabu moveu seu escudo defensivamente. Holtan, aparentemente inconsciente do sangue escurecendo sua couraça, abriu caminho contra as defesas de Shabu.

A multidão, de pé, berrava como gado.

Shabu chutou com o pé direito, espalhando areia no rosto de Holtan. Holtan não se distraía tão facilmente. Ele avançou, a raiva fortemente controlada aumentando sua rapidez e precisão. Inesperadamente, Holtan saltou, fazendo um arco no ar, iniciando um corte poderoso no meio do vôo. Os dois homens se chocaram, Escudo com Escudo.

"Ele não parece cansado para mim", gritei para Sejanus. "Ele estava apenas fingindo."

Eu me levantei gritando de excitação.

Pilatos, Sejanus, Apicata - o mundo inteiro, parecia - clamava ao meu lado.

"Holtan! Holtan!"

E então o pé de Holtan escorregou nos intestinos de um oponente anterior.

Ele escorregou e caiu de costas com força. Gritei quando Shabu se lançou para frente, balançando sua espada com toda a força. Holtan rolou para o lado, perdendo o golpe por um fio de cabelo. Em um instante ele estava de pé, os músculos de suas panturrilhas amarradas em couro tensos enquanto ele se agachava.

A multidão gritou de aprovação e deleite quando Holtan saltou para frente e com as duas mãos martelou sua espada em um golpe que quase partiu Shabu ao meio. O monólito etíope caiu, sangue carmesim jorrando como uma fonte. Shabu sacudiu-se e estremeceu,

arando a areia com os calcanhares, depois enrijeceu e ficou imóvel.

"Por Júpiter, ele conseguiu de novo!" Pilatos exclamou. Ele se virou para mim, sorrindo, "**Sua visão de novo, Claudia?**"

Eu balancei minha cabeça. Meus olhos estavam no vencedor de pé abaixo. Sorrindo amplamente, Holtan removeu seu capacete e curvou-se ligeiramente para o **Imperador**, depois para a multidão que aplaudia. Eu imaginei ou ele estava olhando para mim?

Uma festa naquela noite, Pilatos aparentemente ignorou as mulheres, em vez disso, encerrou-se com Sejanus em uma alcova com cortinas. Eu vi apenas Holtan.

Ele ficou entre dois Oficiais Imperiais rindo de alguma piada particular.

Os olhos de Apicata seguiram os meus, "**Extraordinário, não acha?**"

"Do que você acha que eles estão falando?" Eu me perguntei.

"Mulheres provavelmente. Holtan tem fama de ser bem-sucedido nessa área também.

Eu não o chamaria bonito, mas - "Eu gostaria."

"**Claudia!** Para bonito, olhe para Pilatos. Seu gladiador pode ter sido atraente quando era jovem, quando você fez sua **Famosa Previsão**. Ele mal tinha saído da adolescência, mas agora - olhe para o nariz dele! Está muito quebrado. E essa cicatriz. Imagine seu corpo."

Gostei de imaginar seu corpo. "Com cicatrizes, é claro, mas pense em como ele viveu, o que ele experimentou. Eu acho a ideia... emocionante."

"Mesmo!" Apicata me olhou com curiosidade. "Se você gosta desse tipo de coisa. Eu não deveria pensar que você seria."

Holtan cruzou o amplo salão de mármore, afastando vários admiradores que procuravam deter ele. Agora ele estava diante de nós, seus olhos nos meus, sorrindo em uma saudação silenciosa. Virando-se para Apicata, ele se curvou.

"Suas festas são as melhores do mundo."

"Isso é um elogio", ela concedeu, "já que deduzo que você já viu a maior parte do mundo." "Eu não vi ninguém como sua companheira - pelo menos não há muito tempo."

Apicata riu baixinho ao se virar. "Eu tomaria cuidado com **Claudia**. Dizem que ela faz parte bruxa."

"Então diga minha sorte, bruxa." Ele estendeu a mão com a palma para cima.

"**As sábias da Dácia**, meu país, avaliam a sorte olhando para a palma. Você pode fazer isso?"

Seus modos eram leves, mas os olhos que me observavam por baixo das sobrancelhas grossas e peludas eram intensos.

"Meus poderes são muito exagerados," eu disse, inclinando minha cabeça para encontrar seu olhar. "Mas, ocasionalmente... um sonho se torna realidade."

"Eu gostaria disso. Eu gostaria que você sonhasse comigo."

Sua vida está esperando. "Só Ísis sabe, talvez eu deva - algum dia."

Peguei sua mão grande e áspera na minha, mas senti apenas seu calor.

Meus dedos tremeram; Eu sabia que ele podia senti-los. Atrás dele, vi **Pilatos** emergir de sua alcova com cortinas. Seus olhos varreram a sala, fixos em mim. Larguei a mão de Holtan. "**Que pena!** Não posso dizer nada, nada que toda Roma já não saiba."

"Mas e quanto ao futuro?" ele persistiu. "**Você vê uma mulher aí?** Alguém com cabelo escuro que brilha como mogno polido quando reflete a luz. Alguém com olhos cinza-fumaça como as safiras da Índia? **Você vê essa pessoa?**"

"**Sim.** Eu inclinei minha cabeça mais uma vez. "Eu vejo uma mulher assim, mas você deve tomar cuidado com ela."

CAPÍTULO 25 - Holtan

Nos dias que se seguiram ao **Banquete de Sejanus**, Holtan apareceu em todos os

lugares - no teatro, nas corridas, em festas e recepções. Senti seus olhos em mim, ousados, avaliativos, nada educados. Eu li seu olhar como **puramente sensual**, possivelmente ameaçador, descomplicado por Romance ou mesmo respeito.

Não era isso que eu queria. Ou foi?

Como Pilatos, ele possuía uma **certeza absoluta** de seu lugar no mundo, mas com uma margem sombria, a atitude de um homem capaz de sobreviver por qualquer meio.

Eu o observei em um banquete, os olhos languidamente fixos no Senador que pairava sobre seu sofá falando tão intensamente, e me lembrei de um leão descansando que poderia a qualquer momento despertar com um apetite irresistível.

Então, três dias se passaram e eu nem o vi. Num impulso, ordenei aos meus carregadores de liteira que me levassem ao **Campo de Marte**.

"Por quê?" Rachel perguntou. "Você nunca foi lá antes."

"Devo ter um motivo? **Apicata** diz que é divertido ver os novos escravos aprenderem a esgrima."

"Ouvi dizer que seus Instrutores estão entre os melhores Gladiadores do país", disse Rachel, colocando uma palla cinza escuro sobre meus ombros.

Eu encolhi os ombros fora da palla. "Não aquela coisa velha! Eu quero a nova."

Fiz um gesto em direção a um pedaço de lã frouxamente tecida, lilás vibrante, suave como um gatinho contra meus ombros nus.

Quando minha ninhada chegou ao grande campo, acenei para Rachel e caminhei em direção ao estábulo. Quando menina, muitas vezes ultrapassara Calígula, que se considerava um cavaleiro e tanto. Eu até me dei bem com **Gaius**.

Em Antioquia, eu havia cavalgado com frequência, mas uma coisa ou outra me impediu de fazê-lo em **Roma**. Agora eu sentia uma onda de excitação, lembrando com grande **desejo a sensação gloriosa** de um Cavalo Galopando, a sensação de estar no topo do mundo. Talvez uma longa cavalgada em uma montaria animada fosse exatamente o que eu precisava para **banir a inquietação** que me atormentava.

No grande pátio, os escravos aperfeiçoavam seus golpes e defesas sob os olhos vigilantes de guardas e treinadores. Eles eram um grupo misto, núbios negros brilhantes, alguns do **norte com olhos azul-gelo e pele clara** como a neve, alguns do Extremo Oriente, cabelos negros e lustrosos presos em uma trança grossa que girava atrás deles enquanto avançavam. Nem todos eram ágeis. Um menino sozinho mostrou uma promessa real.

Fiz uma pausa para me juntar a uma pequena multidão que circulava os jovens.

"Devo comprá-lo para você?"

Assustada, me virei para encontrar **Holtan** parado por perto, seus olhos âmbar alertas e observando.

Eu ri levemente. "Você está brincando. O que eu faria com um Gladiador?"

Enquanto ele continuava a me estudar, senti meu rosto corar. "Ele me lembra alguém, um garoto que vi há muito tempo", comentei.

"Ele também é muito habilidoso com a espada." "**E muita sorte.**"

"Você é modesto. Este menino - ele também é de **Dacia**?"

Holtan concordou. "Um **vilarejo** perto da minha casa. Ele foi trazido na semana passada. Você pode achar para ele um bom investimento. Eu poderia treiná-lo na minha Escola e então colocá-lo na Arena para você."

"Você é Generoso, mas eu não poderia. Meu marido nunca permitiria que eu aceitasse um tão valioso presente.". Eu disse finalmente.

"Ele nunca precisa saber. Pode ser nosso segredo", disse ele, aproximando-se.

Eu recuei. "**Você acha que eu Enganaria meu Marido?**"

Seus olhos eram provocadores, mas avaliadores.

"Eu sei que você nunca gostou." "Eu imploro seu perdão!"

"Eu sei que você nunca fez isso", repetiu Holtan.

"Como você pode saber disso?"

"**Eu fiz questão de descobrir.**"

Por que eu não estava com **raiva**? Em vez disso, senti um **prazer secreto** com seu interesse. "Seus **espiões** são muito meticolosos,"

Seguindo adiante dele, entrei no grande edifício de pedra e olhei em volta. O mestre do estábulo, um homem atarracado e de rosto vermelho se aproximou de nós.

"O que Domina prefere?"

Temos uma boa seleção de montarias femininas." Ele apontou para uma **égua castanha**. "Ela é gentil como um cordeiro."

"Talvez, se eu quisesse Montar um Cordeiro."

"Ela é uma bela montaria", disse Holtan. "Eu conheço o dono dela."

"Você mantém cavalos aqui?" Eu perguntei a ele.

"Um pouco."

"Os Cavalos de **Dominus** são os melhores", interrompeu o mestre do estábulo, "mas também os mais vigorosos."

"**Eu gostaria de vê-los.**"

Holtan acenou com a cabeça para o Cavaleiro que liderou o caminho até uma ala repleta de baias.

"Você possui tudo isso?" Perguntei a Holtan, que permaneceu ao meu lado.

"Estes são os que mantenho em Roma."

Eu olhei de cavalo em cavalo. "Eu gostaria de montar aquele." Apontei para um grande **Garanhão**, seu elegante **casaco de ébano** quebrado apenas por uma estrela branca em sua testa. Ele me lembrou de um cavalo que eu possuía quando era menina e treinava sozinha.

O dono do estábulo balançou a cabeça enfaticamente.

"**Oh não**, Domina não quer esse." "Domina tem mesmo," eu insisti.

"Aquela **Égua Ruana** à direita da entrada - monte-a." Holtan disse, pegando meu braço.

"Você está se recusando a permitir que eu monte o cavalo de minha escolha?"

"O **Garanhão é muito Perigoso**. Sele o Ruão e o Ganhão", ele instruiu o cavaleiro. Pegando meu braço, Holtan me levou de volta para o quintal.

Logo nos juntaram o cavaleiro e um cavaleiro conduzindo os dois cavalos. Holtan acariciou a cabeça da égua.

"Ela é um belo cavalo, cheio de espírito, você vai gostar de montá-la."

"Por que você não a monta?" Eu sugeri.

"Eu gostaria, mas **Poseidon** precisa de exercícios. Os rapazes do estábulo têm medo de trabalhar nele."

Eu olhei para o Ganhão parado em silêncio ao meu lado. "**Ele é lindo.**"

Holtan franziu a testa. "Ele não permitiria. Eu **sou o único** que já montou nele."

Eu acariciei o focinho de **Poseidon**. Ele me observou de perto, mas permaneceu imóvel. "Coloque sua mão em concha", instruí o **noivo**.

Pouco mais que um menino, o **noivo** parecia inseguro. Enquanto ele hesitava, chutei o bloco de montagem para a posição. Puxando minha saia, agarrei a sela de Poseidon e pulei montada no cavalo. Segurando as rédeas com as duas mãos, senti o enorme poder da besta. Quando dei uma cutucada em Poseidon. Eu vi o cavaleiro olhando para minhas pernas nuas.

"Pare!" Holtan gritou. "Eu não posso permitir isso."

"Ele parece gentil o suficiente para mim."

Eu mal tinha falado quando Poseidon começou a trotar, movendo-se com graça suave e acelerada para fora do recinto. Holtan avançou para agarrar as rédeas, mas o cavalo recuou. O noivo também saltou para trás. Os pilotos no campo de exercícios espalhados em todas as direções.

Oh, doce Ísis! O que eu fiz agora! Eu o agarrei com minhas coxas como Tata havia me ensinado há muito tempo e acalmei as rédeas. Poseidon partiu a galope, cruzando rapidamente o antigo terreno de parada e indo em direção ao campo aberto. Enquanto ele limpava uma cerca atrás da outra, eu não podia fazer nada a não ser ficar abaixada e agarrar-me com todas as minhas forças. Emocionante com o passeio, gritei de entusiasmo. Por fim, quando chegamos a uma estrada paralela ao Tibre, Poseidon alongou seu passo e estávamos voando.

Eu tinha esquecido a **liberdade e a alegria** de ter um grande cavalo embaixo de mim. Agora eu me inclinei no pescoço de Poseidon, entrelaçando meus dedos em sua crina. Volte, senti o vento em meu cabelo solto. Gradualmente, percebi o som de cascos se aproximando. Olhando por cima do ombro, vi Holtan ganhando de mim. Puxei as dobras da minha palla sobre minhas coxas.

"Você deveria ter me contado como você cavalga bem", gritou ele ao se aproximar.

"Você poderia ter perguntado", eu gritei de volta.

"Você tem alguma outra surpresa?"

Eu sorri, sentindo-me menos acorrentada do que há anos. "**Possivelmente.**"

"ONDE VOCÊ ESTAVA? "

Arrancado do meu devaneio, pulei quando uma mão empurrou a cortina da liteira.

O rosto de **Pilatos** estava a centímetros do meu, aqueles **olhos azuis frios** de seu observador, sem perder nada.

"Você se importa?" Eu perguntei friamente, mas meu coração disparou quando ele pegou meu braço. "Você ficou fora a tarde toda", disse ele, ajudando-me a se levantar. "Mesmo?" Eu forcei um encolher de ombros. "Se você quer saber, eu **fui cavalgar.**"

"Costumávamos cavalgar juntos", ele me lembrou. Ele se virou para Rachel, que caminhou atrás de nós quando entramos na casa. "Você gostou do passeio?"

Eu respondi por ela. "Rachel não monta."

"Bobagem! Eu cresci em um cavalo." Obriguei-me a encontrar seu olhar.

"Por que você estava esperando por mim?"

"Tenho notícias, notícias agradáveis. Comprei uma **villa em Herculano.**"

"Herculano! Você nunca mencionou que estava pensando -" Eu parei, lembrando.

"Foi você quem sugeriu", ele me lembrou, "um lugar à **beira-mar**. Você o preferiu a Pompéia, disse que era menor, mais tranquilo. Eu esperava que você ficasse satisfeito."

"Da próxima vez meu noivo irá atendê-la. Eu não quero você cavalgando sozinho."

Eu me esforcei para recuperar minha compostura. "Ah, estou... claro. Vai ser muito agradável... mais tarde... Seria lindo o outono em Herculano, ou os meses de inverno.

Sim, vamos no inverno. Talvez Apicata e Sejano se juntem a nós."

"**Qual é o problema, Claudia?**" Pilatos se virou para mim quando entramos no átrio.

"Você estava tão ansiosa para sair de Roma.

Concordo com você, o lugar é um **buraco de pestilência** - mal a primavera e as crianças estão morrendo de febre. É temerário arriscar a saúde de **Marcella.**"

"Marcella," eu repeti suavemente, meu coração relaxando. O que eu estava pensando?

Eu estava bravo? "Sim, um **verão à beira-mar vai fazer bem a todos nós.**"

"Vou fazer os arranjos", disse Pilatos. "Desta vez, na próxima semana, estaremos na estrada." Com apenas um aceno de cabeça, ele se virou em direção ao **tablinum**.

Quando a porta pesada se fechou atrás dele, me virei para Rachel, meio soluçando.

"Como posso sair agora?" "É a melhor coisa que poderia acontecer", ela assentiu solenemente.

"Como você ousa dizer aquilo!"

- Seu marido não perde nada. Ele desconfia. Se posso sentir, você certamente deve sentir. "Eu não fiz nada", argumentei defensivamente.

"Você não ousa. Você conhece o perigo. Dentro da lei, ele poderia matá-la. Ele nem

mesmo precisaria prova."

"Só vou ver Holtan uma vez, só uma vez - sozinha. **Pilatos nunca saberá.**"

Achei a entrada com coluna da **Casa de Jantar** de Holtan impressionante - o pouco que vi dela. Mal eu tinha descido da liteira alugada, um escravo disparou da porta e me apressou por uma porta lateral. Ele se curvou como se eu fosse a própria imperatriz.

"Minha senhora, Dominus está esperando por você lá em cima."

"Esperando por mim! Como pode ser isso?"

O escravo encolheu os ombros.

"O mestre disse: 'Quando a senhora vier, traga-a para mim.'"

"Mesmo!" Eu estava pensando em ir embora, mas em vez disso me peguei seguindo-o pelo saguão até uma escada. Era pequena, bastante escuro, as escadas estreitas e íngremes. Subi alguns degraus e parei. Por que eu estava **arriscando minha própria vida** por um homem que já me considerava garantida?

Fiquei imóvel, a mão na grade. Saia agora. Virei-me rapidamente e comecei a descer as escadas.

"**Claudia!**"

Eu olhei para trás por cima do ombro. **Holtan** estava no patamar do topo da escada. Em um instante ele estava ao meu lado.

"**Você veio!**" ele disse, pegando minhas mãos nas suas. O calor de seu toque fluiu pelo meu corpo.

"Parece que você me esperava."

"Não era esperado - **sonhei** que você iria me procurar."

Pegando meu braço, ele me levou escada acima para um apartamento surpreendentemente espaçoso. Quando parei para olhar em volta, **Holtan** pegou minha palla e a entregou ao escravo. "Traga vinho, azeitonas, um pouco de queijo", ele instruiu.

Diretamente à nossa frente havia um átrio aberto para o céu, à direita seu tablino.

Eu vi uma escrivanhinha **cheia de pergaminhos**, atrás dela uma sacada comandando uma vista ampla dos **telhados de Subura** para as colinas além.

"Você faz negócios aqui?"

"Um pouco disso."

"Isso tudo é bastante impressionante."

Eu o senti enrijecer. "Você provavelmente pensou que eu nem sabia ler."

"Bem, sim. Você veio aqui como um jovem escravo..."

Ele se ergueu com orgulho. "**Claudia, eu não nasci Escravo.** Meu **Pai** era um **príncipe**. Eu tinha os melhores Tutores que o dinheiro podia comprar. Eles me ensinaram **Grego e Latim**, bem como Esgrima. A vida era boa até a **chegada** dos Romanos."

"Me desculpe, eu só quis dizer..."

"Deixe-me mostrar o resto dos meus aposentos", disse ele, apontando para um corredor. Viramos uma esquina e de repente lá estava eu - olhos arregalados, cachos selvagens. Eu mal escondi um suspiro quando percebi o que estava vendo.

A sala inteira, **do chão ao teto**, era forrada com metal polido com tal brilho que refletia todos os nossos movimentos. As **cortinas de Ouro** bordadas em escarlate combinavam com o menor banquinho e o maior sofá. Espessos tapetes escarlates espalhados pelo chão de mármore preto abafaram nossos passos.

Uma divindade que eu não reconheci sorriu para nós do teto, seus companheiros nus, seios fartos e quadris arredondados em poses sensuais. Senti o desafio selvagem e intransigente da sala, sua **beleza rude e turbulenta**.

Empoleirado hesitantemente na beirada do sofá, imaginei as mulheres que deviam estar ali. Tomei um gole de vinho, depois outro, e me perguntei se algum dia poderia ser como aquelas criaturas descuidadas e confiantes.

"Anos atrás, eu **ouvi a história de sua previsão**", disse Holtan, puxando-me para

baixo ao lado dele no sofá.

"Aquele sobre você?" Eu sorri, inclinando minha cabeça ligeiramente. "Isso me surpreendeu mais do que ninguém."

Nós reclinado por um tempo, olhando para os deuses saltitando acima de nossas cabeças.

"Você sabe o que as pessoas estão pensando?" Holtan perguntou.

"Você pode ler mentes?" "Eu posso ler a sua - agora. Não leva a visão para isso."

Ele se inclinou para frente ansiosamente. "A visão disse para você viria aqui?"

Como Holtan parecia jovem quando sorria. Ainda havia vestígios do menino de que me lembrava. "Não achei sensato perguntar."

Os olhos de Holtan estavam atentos. "É verdade então, sua visão lhe diz coisas?"

Eu balancei minha cabeça. "Eu gostaria de poder explicar isso. Nenhuma visão me guia, mas às vezes há uma **espécie de saber** quando me sinto em harmonia com Ísis..."

"**Ela fala com você?**" Holtan encorajou.

- Não com palavras. Mas, se for capaz de acalmar minha mente tagarela, eu a sinto.

Às vezes sinto - não ria - tentei explicar isso a Pilatos uma vez, e ele riu.

"Eu nunca riria de você." Holtan se aproximou. "Então, como se sente?"

"Como **Ariadne**. É como se eu fosse Ariadne."

"Quem?" Ele franziu a testa ligeiramente.

"Uma **princesa grega** que amava um herói." Eu olhei para ele. "Não muito diferente de você."

"O que aconteceu com eles? Eles viveram felizes para sempre - a princesa e seu herói?"

"**Ela o salvou** - salvou os dois - ensinando-o a se agarrar a um **fio de prata** que o guiou para fora de um labirinto negro. Às vezes, sinto que sou guiada por esse fio - mas muitas vezes esqueço alcance-o... "Eu ri, balançando minha cabeça novamente. "Que bobo isso é!"

"Nem um pouco. Eu não sei sobre o fio. Eu nunca senti isso, mas na arena, eu... sou... Marte."

"Eu notei o Santuário no átrio quando entrei."

"Na **Dácia**, tínhamos deuses diferentes. Quando criança, orava a **Wodan e Freya**.

Muito bem isso fez quando as **Legiões Romanas** mataram meu pai, me tomaram por escravo. Mais tarde, quando fui trazido para cá, vi Gladiadores adorando Marte. Não é um deus tão bom quanto outro? "

"Você reza para Marte antes de entrar na arena?"

"Rezar para ele? **Marte é uma força, não um ser**. Eu faço os movimentos para provar minha Romanidade, mas não faz diferença se eu **queimar** bezerros diante de seu altar ou **mijar** nele. Às vezes eu ganho pela **habilidade**, pela **astúcia**, por **truques**, mas na maioria das vezes, eu ganho porque Marte está nas minhas entranhas. Você entende?"

Eu balancei a cabeça, lembrando-me de Holtan na Arena.

Foi essa **Força Apaixonada** que me atraiu. Seus olhos estavam nos meus, um meio sorriso nos lábios. Eu desviei o olhar apenas para me confrontar. Quantas mulheres viram suas formas refletidas nessas paredes espelhadas? Isso importa? Isso foi para mim.

Apenas uma vez, apenas agora.

Holtan estendeu a mão, seus braços deslizando em volta da minha cintura, lentamente me puxando para ele. Suas palavras de carinho tinham um tom reconfortante de aspereza quando levantei minha boca para encontrar a dele. Holtan me segurou suavemente no início, mas logo seus beijos profundos trouxeram calor às minhas veias, e enquanto eu procurava ansiosamente sua boca, ele fortaleceu seu domínio.

Minhas mãos vagaram sobre ele por conta própria, deleitando-se com a sensação de músculos tensos enquanto procurava os fechos de sua túnica. Ele se afastou, sorrindo com a

minha ousadia, então tirou o **quítón** do meu ombro. Sua boca seguiu o tecido de seda enquanto ele lentamente deslizava pelo meu corpo, expondo gradualmente meus seios, minha barriga, minhas coxas. Senti-me arquear em direção a sua boca e gritei de prazer e quando ele voltou, seu rosto estava sério.

"**Minha doce Claudia!**" ele sussurrou, beijando suavemente meus olhos, minhas bochechas, como se eu fosse a criatura mais frágil do mundo. Mel quente escorreu pelo meu corpo enquanto lentamente, com cuidado, ele entrou em mim. Eu me agarrei a ele quando seus movimentos se tornaram meus, todas as fronteiras entre nós deixando de existir. Mais tarde, muito mais tarde, fiquei imóvel, saboreando seu peso contra mim.

"Não se mova", murmurei quando ele começou a se levantar.

"Eu vou esmagar você."

"Eu gosto de ser esmagada por você. Prometa que não vai se mover."

Rimos suavemente, olhando um para o outro. Holtan me beijou suavemente.

Eu acariciei seu pescoço e ele me segurou com ternura por longos momentos em um rico silêncio quebrado apenas por uma palavra de amor abafada ocasional.

Como foi possível duas pessoas estarem tão próximas?

Mais tarde, muito, muito depois, me libertei e me levantei da Carruagem. Olhando para o homem que, em poucas horas, se tornou não apenas **meu amante**, mas alguém que entendia meus sentimentos mais profundos, me forcei a falar.

"**Eu nunca poderei fazer isso de novo.**"

Holtan estava diante de mim, com as mãos nos meus ombros. "**Eu sei.**"

CAPÍTULO 26 - Minha Escolha

De pressa! Eles estão esperando. "Pilatos ficou impaciente na arcada enquanto eu parei diante do espelho. Seus olhos passaram por mim.

"Vermelho é muito adequado para você, minha querida. Estou surpreso que você não o use mais frequentemente."

Por que eu estava usando agora? Por que eu estava mais uma vez bancando a esposa perfeita quando não queria nada mais do que afundar no meu sofá e sonhar com tudo o que aconteceu naquela tarde? Em vez disso, aqui estava eu, indo para algum destino desconhecido onde seria **forçada a sorrir, rir e falar** como se meu mundo inteiro não tivesse mudado para sempre. Por que não aleguei dor de cabeça antes, quando tive a chance?

Tarde demais agora. A ninhada de **Sejano e Apicata** já esperava do lado de fora.

Enquanto eu seguia Pilatos para o pátio, engasguei de surpresa com o dossel listrado de roxo e dourado tremeluzindo à luz das tochas.

"O que você acha?" Apicata afastou a cortina de seda, acenando alegremente.

"Esta **não é a ninhada** mais grandiosa que você já viu?"

Certamente era o maior. **Quatorze carregadores**, sete de cada lado, estavam em posição de sentido, esperando que nos juntássemos a seu mestre e sua senhora.

"Muito impressionante", disse Pilatos a Sejano, que havia aberto a cortina para acenar sua saudação. "Venha ver o interior", gritou Apicata. "Essa é a melhor parte."

Um carregador correu para colocar um **Tapete de Seda** antes da entrada da liteira.

Eu entrei, seguida por Pilatos. Sejanus e Apicata reclinados em um sofá de cetim que poderia facilmente acomodar oito. Ao lado deles, uma jovem escrava esperava para servir vinho e doces. Eu vi prateleiras de pergaminhos, jogos e instrumentos musicais.

"Chegou esta manhã, um **presente de Tibério**", disse Sejano.

"O que você acha?" ele perguntou, virando para mim.

"Nunca vi nada que se comparasse a isso", assegurei-lhe. Os escravos içaram a liteira para seus ombros e um momento depois partimos, descendo a colina em um trote constante.

"Temos uma surpresa", anunciou Apicata. "Especialmente para Claudia."

Seu rosto parecia inocente o suficiente, mas eu senti um pequeno calafrio de advertência. Uma vez estendi a mão para abrir a cortina, mas ela me impediu."

Agora, agora! Estaremos lá em breve."

Peguei o vinho oferecido e afastei a jarra de água, sentindo a necessidade de beber direto. Foi o melhor, é claro. Bebi um pouco mais do que de costume e comecei a me perguntar por que estava apreensiva. Certamente, o que quer que Apicata tenha planejado, pretendia apenas me agradar. Talvez o passeio removesse um pouco do anseio agridoce pelo que nunca poderia ser novamente.

"Achei que sabia para onde estávamos indo - o Mercado do Fórum - mas aquela última curva me confundiu", Pilatos disse.

"Não falta muito", Sejanus assegurou-lhe.

O mistério me incomodou. "Eu já estive onde estamos indo?" Eu perguntei.

"Não é provável, embora eu tenha certeza de que você queria ir."

"Poderia ser o mercado de animais? Ouvi dizer que os **filhotes de Chita** podem ser treinados..." "Não desta vez, Claudia, você terá que esperar."

Os olhos de Apicata dançaram maliciosamente.

Os sons da rua ficaram mais barulhentos, o ritmo mais lento. A grande garrafa de água de prata espirrou no ritmo de os passos pesados dos carregadores. Esvaziei minha taça de vinho rapidamente para não derramar em meu vestido. Frequentemente, eu ouvia os guarda-costas de Sejano gritarem: "Abram caminho! Abram caminho!"

Onde estamos? Eu me perguntei. Outra virada, os movimentos dos escravos eram mais lentos agora, mais deliberados. As ruas devem estar lotadas. Por fim, paramos.

A liteira foi cuidadosamente baixada ao chão e um escravo abriu as cortinas.

Sejano e Pilatos saíram, depois Apicata. Pilatos estendeu a mão e segurou meu braço. Quando meus olhos pousaram na entrada diante de mim, tropecei contra ele.

Que tipo de **pesadelo bizarro** era esse? Estávamos diante da casa de **jantar de Holtan**. Eu teria que enfrentá-lo de braço dado com meu marido?

"Aqui estamos!" Apicata disse com um floreio.

"Certamente você já ouviu falar da **Espada** e do **Tridente**. Todo mundo está falando sobre isso."

Meus olhos procuraram seu rosto. Apicata sabia?

Ela olhou para trás, obviamente satisfeita com sua escolha, olhos arregalados aparentemente ingênuos. Foi apenas uma coincidência infeliz?

O mesmo escravo que me internou naquela tarde correu para nos cumprimentar.

Grande Ísis, e se ele disser alguma coisa? Meu coração disparou de pânico, mas o ar de **genialidade** profissional do homem nunca vacilou enquanto ele olhava de um de nós para o outro, sorrindo amplamente. Curvando-se, ele gesticulou para que o seguissemos. Desta vez foi a entrada principal.

Entramos no foyer, seguindo em frente para uma grande área de banquete. O ar estava pesado com perfume, especiarias, couro e suor. Eu mal conseguia respirar. A grande sala iluminada por tochas estava cheia de sofás, todos ocupados - às vezes quatro pessoas reclinadas juntas. "Talvez devêssemos ir?" Eu sugeri. "Não há lugar para nós aqui."

"Sempre há lugar para uma festa tão distinta como a sua." Com um floreio, o escravo puxou uma cortina carmesim. Diante de nós estava uma alcova elevada com dois sofás largos cobertos com almofadas de cada lado de uma mesa baixa com tampo de latão.

Este recesso escolhido estava voltado para o centro da sala. Atrás dela havia um arco. Com as cortinas fechadas, os convidados podiam entrar ou sair discretamente. Com as cortinas abertas, eles olharam diretamente para quatro dançarinas - pele clara e cabelos dourados. Elas usavam cintos cravejados de rubi e nada mais. Exibido com destaque na parede atrás delas estava o **rudis de Holtan**, a **Grande Espada** de madeira tradicionalmente concedida a um Gladiador que conquistou sua Liberdade.

Peguei o braço de Pilatos quando entramos no recinto dourado, exibindo o que eu esperava ser um sorriso encantado para Sejano. "Que ideia excitante!"

"Achamos que você gostaria de ver o covil do seu favorito."

"**Meu favorito?**"

"Você, em certo sentido, descobriu Holtan. Além disso, ganhei uma **fortuna** com sua última vitória. É melhor gastar um pouco aqui."

"Dominus é muito gentil." O grande **corpo de Holtan** preencheu a arcada atrás da alcova. "É uma honra ter visitantes tão ilustres."

Eu estava com medo de olhar para ele, mas me forcei. Eu vi um rosto sorridente.

Por um instante, seus olhos âmbar procuraram os meus. Então ele deu um passo para trás para admitir um escravo carregando uma jarra de vinho e quatro taças em uma bandeja de prata. "Esta é uma safra especial. Espero que goste."

Holtan serviu o vinho pessoalmente, entregando uma taça para **Apicata** e depois para mim. Por um instante, nossos dedos se tocaram. Desejei que minha mão permanecesse firme.

Pilatos bebeu um gole e depois outro. "**Excelente Falerian.**"

"Vem da minha vinha perto de Stabiae."

"Stabiae?" Pilatos o estudou. "Que coincidência - minha esposa e eu estaremos viajando perto de lá daqui a três dias. Nós temos - "

"Desculpe, meu amigo, não tão rápido," Sejano o interrompeu. - Parece que Tibério tem outros planos para você, para nós dois. Ainda não contei. Ele quer...

A voz de Sejano sumiu. Eu vi apenas Holtan, seu olhar aquecido deslizando sobre mim. Eu tremi. Tenha cuidado, cuidado agora. Forcei minha mente de volta à conversa.

"Lamento atrasar suas férias", disse Sejano, levantando-se do sofá e sentando-se ao meu lado. Pegando minha mão, ele a acariciou levemente. "Certamente você vai permitir que eu roube seu marido por um curto tempo?"

"Oh! Ele está indo embora. Não de novo." Eu me ouvi dizer as palavras, quase como se as quisesse dizer. Senti os olhos cobalto de Pilatos observando.

Sejano continuou, explicando: "Os negócios de Tibério nos levarão a **Siracusa**."

Um mês, isso é tudo, então ele pode se juntar a você em **Herculano**. Descobri que a ausência faz bem ao coração." Casualmente, ele se virou para Holtan.

"Você não concorda?"

"Socorro Rachel, Rachel, você deve me ajudar," eu disse, olhando para cima da minha bebe dormindo. Ficamos ao lado do pequeno sofá, observando Marcella.

Como alguém tão pequena pode ser tão importante? Eu me perguntei, não pela primeira vez.

"Ela é linda", disse Rachel, inclinando-se para endireitar a colcha de Marcella.

"Ela é o mundo inteiro para mim."

"Sim... uma mulher seria louca se arriscasse o mundo inteiro."

Encontrava-se com duas ou três tardes por semana.

O plano de **Holtan** era simples. Deixando Marcella com sua babá, saí de casa vestida como de costume. Viajando na minha própria liteira, parei em uma **trattoria** obscura onde Rachel esperava. Ela vestiu minhas roupas, colocou uma peruca escura que combinava com meu cabelo e saiu pela porta da frente. Eu, em meu próprio disfarce, com o coração batendo descontroladamente, saí por outra saída, **aluguei uma liteira** ou caminhei até o alojamento que **Holtan** havia arranjado para o dia.

Uma vez, usei uma túnica marrom grossa e prendi meu cabelo em um boné de homem liberto. Outra vez, me envolvi com uma toga pesada, envolvendo a cabeça com suas dobras de bordas roxas. Sozinhos juntos, nossos medos diminuindo, ríamos muito dos meus disfarces. Holtan me viraria enquanto eu imitava a fala e a maneira de quem eu deveria ser.

"Você gosta de mim como loira?" Eu perguntei a Holtan no dia em que usei um magnífico novelo de ouro cachos.

"Eu gosto mais de você como você é."

"Quem é? Não tenho mais certeza."

Virei-me para olhar a refeição que Holtan pedira. Um delicado pano de linho branco cobria a mesa, em no centro, um buquê de rosas cor de pêssego claro. Ainda havia ostras em suas conchas, sopa de cevada misturada com hidromel, alho-poró doce com chicória, um faisão recheado e morangos com creme fresco

"**Oh! Tudo que eu amo**", exclamei, abraçando-o.

"Você sempre sabe o que eu mais gosto."

O apartamento que **Holtan** havia alugado para a tarde, embora pequeno, era claro e alegre. Eu estava sem fôlego de tanto subir as muitas escadas, mas quando cheguei ao topo havia Holtan esperando em uma pequena varanda. **Roma** inteira estava diante de nós. Naquele instante, possuíamos o mundo.

Gostamos da boa comida e do bom vinho, absorvidos um no outro, rindo e conversando. A próxima coisa que percebi foi que o sol, alto quando cheguei, havia sumido.

De repente, anoitecia, embora ainda não estivesse escuro o suficiente para iluminar as pequenas tochas de parede. Mais uma vez nosso **idílio** deve acabar. Eu me apoiei em um cotovelo do sofá onde estávamos deitados. Quando olhei para ele, minha garganta inchou e começou a doer. "Eu não posso mais fazer isso."

"Não, você não pode - nunca mais." Holtan se virou para olhar nos meus olhos. "Tenho vergonha de ter deixado você-para ter encorajado você."

Outro dia, quando você não apareceu - tudo que eu conseguia pensar era que Pilatos tinha voltado mais cedo, tinha te pegado."

Inclinei-me, procurei seus lábios e os beijei. "Ele poderia mandar matá-Is", disse Holtan por fim.

"Se ele quisesse. O mais provável é que ele me banisse - proibida de ver minha filha." Minha voz tremeu. "Eu não poderia suportar isso." Depois de uma pausa, continuei.

- Também há **Lívia**. Ela voltou a Roma. Eu a vi no teatro ontem à noite, aqueles **olhos verdes terríveis** dela me observando. Lívia é capaz de tudo no mundo." para um conselho. "

"Não há nenhum amigo da família que defenderia você?"

"Não mais. Eles se foram."

"E sua **fé - Ísis**? Você poderia buscar um Santuário?"

"Você gostaria disso, não é?" Eu perguntei, provocando levemente.

"Você gostaria que eu fosse isolada do "Melhor do que com Pilatos", admitiu.

"Não há Santuário para mim desde que Tibério queimou o **Iseneum**. Não tenho para onde ir, nem mesmo, Holtan me puxou para perto dele e depois me empurrou.

"Devo sair daqui, ir tão longe que nunca serei - Ele se levantou do sofá, pegando sua túnica. - Os partos estão clamando por um fósforo.

"Ah não!" O pavor tomou conta de mim quando olhei para ele. "Eu pensei que você tinha desistido de lutar por Boa."

"Você sabe o que vai acontecer se eu ficar em Roma. Quanto tempo vai demorar até sermos descobertos? Isso me assusta como sou impotente contra o desejo de estar com você. Eu não posso permitir que você arrisque mais do que você já arriscou. "

Olhei para ele sem palavras, sentindo como se o sol tivesse sido banido e eu condenada a um mundo crepuscular. "A ausência de **Pilatos** facilitou as coisas para nós", reconheci por fim. "Tivemos muita sorte, mas logo isso vai acabar. Tive uma palavra esta manhã.

Ele e Sejano esperam embarcar da Sicília na próxima semana. Vou encontrá-lo em nossa vila em **Herculano**."

"Tão perto da minha villa. Os deuses estão nos atormentando?" Holtan estava de pé

agora, puxando-me para ficar de pé que eu o enfrentei.

"Há febre em Roma. Preocupo-me com Marcella. Pilatos me lembrou novamente de como o Mar é bom a brisa será para ela. "

"Certamente, não o recuse, mas encontre-me primeiro. Vamos passar alguns dias juntos antes que ele retorna. "

"Alguns dias! **Você está louco?**" "Uma noite então."

"O que você está pensando?"

"Minha **villa** fica perto de Stabiae. Dizem que as sereias atraíram Ulisses para lá.

Você gostaria. Eu sei você gostaria. Venha e me atraia."

"Gostei! Eu adoraria." Eu balancei minha cabeça tristemente.

"Você sabe que é impossível."

"**Nada é impossível.** Envie Marcella com Rachel para Herculano. Eles ficarão bem protegidos. Eu terei meus melhores homens escondidos ao redor deles por todo o caminho. Fique para trás, diga que você tem algumas coisas de última hora para fazer em Roma - a casa para encerrar, mais uma festa para comparecer. As mulheres sempre são adeptas dessas desculpas, com certeza você pode pensar em algo. "vá embora."

"Certamente", zombei dele, depois acrescentei: "Você está louco."

"Claudia, é nossa única chance de ter uma noite juntos. Quando você voltar a Roma no outono, eu fui a **Lágrimas de medo** picaram meus olhos quando percebi o que ele estava planejando.

"Por que arriscar a Vida na Arena quando você tem tudo que alguém poderia querer?"

"Tudo? Você acha isso? Tudo o que eu tenho não é nada sem você."

Minha mente disparou. Sua vida está esperando. Que preço minha irmã pagou.

Eu estava pronta para arriscar minha vida por amor? Olhei para Holtan e sabia a resposta. Hoje ele estava no auge de sua forma, mas em todas as grandes cidades havia **vinte Gladiadores** determinados a vencê-lo, loucos para se estabelecer matando o campeão. Um erro, um passo em falso - você faz por isso? "

"Diga-me," eu perguntei, minha voz caindo quase para um sussurro, "aquela noite comigo... o que seria.

"**Qualquer coisa**", ele disse, me puxando para perto."

Qualquer coisa que você perguntar."

CAPÍTULO 27 - O Último Encontro

A noite estava quente. Eu usava apenas uma túnica branca solta, bem aberta no pescoço e nas mangas. Inclinando-me para a frente, agarrando-me à crina do meu cavalo, conduzi-o mais rápido. Bem abaixo de mim, uma fileira de vilas à beira-mar brilhava como uma pulseira de valor inestimável, estendida até onde eu podia ver.

A rota montanhosa e acidentada que escolhi me manteve fora da via principal onde seria vista, mas mesmo nessas estradas miseráveis eu às vezes tinha que me esconder atrás de pedras ou entre aglomerados de árvores para evitar outros viajantes.

Ou eram apenas viajantes? As camponesas raramente viajavam desacompanhadas e aqui estava eu, sozinha, montando um belo cavalo.

Um homem saiu para a estrada e tentou bloquear o caminho. Ele agarrou as rédeas, mas eu estimei minha montaria adiante. Depois de alguns passos, ele desistiu.

Tremendo de medo, pressionei meus joelhos contra o cavalo, incitando-o. Holtan tão perto agora, em breve estaríamos juntos.

Emergindo de um grupo de árvores, olhei para baixo, examinando as luzes abaixo. **Stabiae!** É hora de descer para o mar. Deixando o cavalo escolher o caminho com cuidado, descii até a estrada pavimentada que deslizava pelos penhascos, uma curva acentuada após a outra. A lua cheia pairava baixa sobre o mar enquanto meu cavalo fazia mais uma curva.

Por fim, os contornos maciços da **Villa de Holtan** surgiram diante de mim. Ao contrário das outras casas à beira-mar que eu tinha visto, ela foi construída como uma Fortaleza sobre um penhasco. Quando me aproximei da alta parede de terracota, um portão em arco se abriu. Escravos carregando tochas avançaram, iluminando meu caminho através de jardins perfumados, passando por estátuas, fontes, através de um terraço de mosaico cheio de golfinhos saltando.

Holtan correu em minha direção, um sorriso radiante iluminando seu rosto.

Meu terror derreteu ao sentir e cheirar ele quando ele me ergueu do dorso do cavalo e me carregou para dentro. "**Minha querida, minha tola selvagem,**" ele murmurou em meu cabelo. "Alguém poderia ter seguido você?"

"Isso importa agora? Eu estou aqui."

Holtan falou com seu mordomo, ordens que não entendi. Virando-se para mim, ele sorriu novamente. "Espere até você veja o que preparei para você."

"Aproximei-me, confortada como sempre por sua voz áspera. Pegando minha mão, ele me conduziu por um corredor - um borrão de mármore branco e afrescos brilhantes - em seguida, abriu uma porta .

Minha respiração ficou presa. "Você gosta disso?" Holtan perguntou. Seus olhos procuraram meu rosto.

Olhei além dele para um afresco que dominava a parede oposta:

A **Vênus clássica** erguendo-se do Mar.

Mas os grandes olhos cinzentos e a juba encaracolada eram meus.

Ele sorriu para mim. "**Ela é sua ancestral.**" "Um mito de família em que nunca acreditei."

Holtan me olhou solenemente. "Eu acredito nisso."

Sua mão se moveu levemente pela parte inferior das minhas costas.

Havia tanto para ver. Pedras da lua polidas colocadas nas paredes refletiam uma floresta de lâmpadas de cristal suspensas no teto. Seu brilho ondulou como uma miragem. Cortinas transparentes, um borrifão de azuis e verdes do Mar e uma massa sensual de almofadas de seda criaram um Oásis de paz e harmonia.

Eu olhei para Holtan. "Tudo é perfeito - a sensação da sala - minhas cores favoritas - como você fez isso?"

Seu rosto relaxou em um largo sorriso. "Meus homens e eu - só terminamos esta tarde." "Mas minha semelhança. Como você fez isso?"

"Você não viu o **Artista** quando estava na minha Casa de Jantar?"

Lágrimas de felicidade picaram meus olhos. Nesta magnífica sala eu jogava um jogo, imaginando por pouco tempo que nos **Casariamos**.

Incapaz de confiar em minha voz, peguei a mão de Holtan, beijando uma cicatriz endurecida em sua palma. Meus olhos se desviaram para o afresco acima da cama.

Outra imagem clássica se impôs de memória. **Vênus e Marte** enredados em uma Rede Dourada, capturados pelo **marido ciumento da deusa** e revelados a todos os deuses no momento de sua união.

Mas Pilatos não sabia. Eu tinha mandado avisar que ficaria mais um dia para supervisionar as melhorias na culinária. Certamente ele estava muito ocupado com alguma nova amante para sequer pensar em mim.

Holtan deslizou o braço em volta dos meus ombros. "Nosso banho foi preparado."

Tendo cavalgado longe e rápido, eu podia sentir o cheiro de **almíscar** dos flancos do meu cavalo ainda agarrado a mim quando entramos em uma sala adjacente.

O vapor subiu da piscina circular. Apreciei a ideia de enxugar a sujeira da viagem.

Holtan parou diante de uma mesa de mármore onde brilhava um serviço de vinho de prata. "**Gostaria--?**"

Eu balancei a cabeça, a garganta seca da longa viagem, observando suas mãos grandes inesperadamente hábeis enquanto ele derramava partes iguais de **clarete e água**

gelada em duas taças iridescentes. Ele entregou um para mim.

"Um bolo de mel?" ele perguntou, levantando o prato para mim.

Eu balancei minha cabeça, puxando as presilhas que prendiam meu cabelo emaranhado até que ele soltasse.

"Você é um ótimo mordomo." Eu sorri para ele por cima da borda do meu copo.

"Eu gosto de fazer coisas para você."

"E eu por você."

Ele me observou enquanto eu bebia. O vinho era rico e encorpado, com um sabor sutil que não consegui identificar.

"É a cinza vulcânica no solo", disse ele, respondendo à minha pergunta não formulada.

Eu estendi a mão, traçando a fenda em seu queixo.

"Vinho raro é o presente de um vulcão? Não muito diferente da minha vida."

Depois da devastação, veio o maior presente. Eu tinha perdido tantos entes queridos, mas aqui estava eu curtindo este momento como nenhum outro. Drenando a taça, coloquei-a sobre a mesa e rapidamente tirei minha túnica.

Holtan caiu de joelhos. Com a voz rouca, ele sussurrou: "Muito rápido, deixe-me fazer isso." O esmalte do mosaico parecia calmante sob os pés quando ele tirou minhas sandálias. Corri meus dedos levemente por seu cabelo loiro espesso. Então eu me levantei, permitindo que suas mãos acariciassem meu corpo antes de eu deslizar na piscina.

Sorrindo com fácil satisfação, ele tirou suas roupas e mergulhou atrás de mim, espirrando água morna nos azulejos.

Acima de nós, um teto abobadado pintado com **Golfinhos e Sirenes** do Mar flutuava e ondulava à luz de um candelabro dourado. Olhei nos olhos âmbar de Holtan, meu medo e fadiga substituídos agora por uma expectativa mais inebriante do que qualquer vinho.

Não podíamos esperar mais. Escorregadios com os óleos de banho, escorregamos de movimento em movimento, dentro e em torno um do outro, até que nossos corpos se fundissem - o ar que respirávamos, o vinho que provamos e, finalmente, o sofá em que deitamos.

Um grito quebrou o silêncio. Pesadas batidas e lascas de madeira na sala ao lado. Holtan saltou, sua taça se espatifando no mosaico. Cacos de vidro, riachos de vinho derramados como sangue sobre ninfas e sátiros brincando. Freneticamente, peguei uma toalha, enrolei em volta do meu corpo com as mãos trêmulas. **Foi Pilatos?**

Virei-me lentamente para enfrentar uma Falange de Soldados, espadas em punho.

Eles se separaram para revelar um intruso ainda mais mortal. **"Livia!"**

Ela deu um passo à frente, uma coluna roxa esguia, formidável como sempre.

A **Imperatriz** inclinou a cabeça para o lado, me examinando.

"Claudia, você nunca para de me surpreender. Quem poderia imaginar que uma pessoa tão calada tivesse como Amante o mais poderoso Gladiador do Império.

E você, **Holtan**" - a Imperatriz voltou-se para ele - "você, que quiser qualquer mulher, o que você vê nesta coisinha sobressalente? Ela te enfeitiçou?"

Devo acusá-la de feitiçaria, bem como adultério? "

As mãos de Holtan cerraram-se. "Saíam da minha casa. Saíam agora! Guardas!"

- Não adianta chamar, Holtan. Meus soldados os acharam presas fáceis.

Prendi a respiração quando Holtan se moveu ameaçadoramente em sua direção.

Livia apenas sorriu. "A ousadia foi muito útil para você, Holtan. Tantas vitórias. Até meu filho admira sua destreza. Seria uma pena ver Tibério desiludido. Ele pode ser extremamente engenhoso ao lidar com ídolos caídos. Só recentemente ele ordenou **Sacerdotes do Templo de Ísis** crucificada - sem dúvida, amigos seus, Claudia. "

Livia avaliou a sala, seu nariz aristocrático sentindo o cheiro de óleos e vinho fino. - **Você veio de longe** por causa de um escravo, Holtan.

Todos eles são como você na **Dácia**? Tão fortes, seus bárbaros do norte.

Mas vocês também tiveram sorte.

Ela está brincando conosco como uma **leoa** se diverte com uma presa, pensei, enquanto os olhos de Livia se voltaram para mim. Ela parecia mais velha do que da última vez que a tinha visto, mas não menos mortal.

"**Fortuna** tem sido generosa com você também, Claudia."

A **mão de Livia**, com veias azuis e pesada por anéis, traçou uma figura de Marte incrustada em marfim na mesa etrusca ao lado dela. "O destino parece ter deixado você intocado. Sua 'visão' revela o que devo fazer sobre isso?"

"Eu teria vindo se tivesse?"

A **Imperatriz** sorriu, seus olhos brilhantes divertidos.

"Bem, bem, bem ..." **Calígula** parou na porta, os cantos da boca de Cupido se curvando enquanto ele observava a cena. Seu sorriso se alargou quando se voltou para Livia. "Eu me perguntei por que você saiu tão de repente e com uma guarda tão pesada. Você não vai me convidar para entrar?"

A **Imperatriz** se virou, seus movimentos rígidos ainda régios. Por um instante, percebi um olhar de aborrecimento surpreso quando ela o encarou. Ao aceno de Livia, os guardas cederam, permitindo que Calígula se pavoneasse para dentro da sala. Ele estava de uniforme completo com armadura peitoral e capacete com crista.

"Perdoe minha intrusão", ele ronronou. "É sempre um prazer vê-la, Claudia... e agora ver tanto de você. Não nos encontramos com frequência suficiente nestes dias."

Calígula gesticulou para que um guarda lhe servisse vinho. Bebendo devagar, com óbvio prazer, ele acenou com a cabeça para Holtan. "**Muito bom, Falerian**. Ouvi dizer que você tinha o melhor vinhedo do sul da Itália."

Seus olhos de pálpebras pesadas mudaram de volta para mim, descansando em minhas coxas nuas. "Ver você assim, minha querida, tão casualmente vestida, me leva de volta à nossa infância, aqueles dias despreocupados no Reno."

Seus olhos exultantes pareciam febris.

Estremeci, lembrando-me das **infelizes criaturas do celeiro** que ele atormentou quando éramos crianças. Encontrando seu olhar especulativo, não fiz nenhuma tentativa de disfarçar meu ódio.

Imperturbável, ele continuou a me insultar. "Você e Marcella eram amigas brincalhonas. Uma pena sobre Marcella. Ela era adorável, tão espirituosa, tão afetuosa..."

Os olhos de Calígula deslizaram pelo corpo de Holtan, mal disfarçados pela toalha jogada apressadamente em sua cintura. "Ah, estou com sorte! A vida com a bisavó é tranquila, não há muita emoção. Tenho a sorte de descobrir uma celebridade em uma arena diferente."

Holtan avançou, pegando-o de surpresa. Calígula, apesar de sua armadura, não era páreo. Ele gritou como uma menina quando Holtan agarrou a espada de seu cinto. Pinionando os braços de Calígula atrás das costas, Holtan o usou como escudo, brandindo a espada diante deles para os Guardas.

"Corra, Claudia", gritou ele. "Saia!"

Corri em direção à porta apenas para enfrentar mais soldados. Um me agarrou.

Os outros, espadas desembainhadas, avançaram sobre Holtan. Ele os manteve afastados. Calígula lutou para se livrar apenas para escorregar no chão molhado. Amaldiçoando violentamente, ele se levantou, pegou uma espada e foi na direção de Holtan.

Enquanto os guardas se aproximavam, apertando ainda mais o círculo, Calígula gritou: "Não! Eu o quero." Quatro dos guardas prenderam Holtan enquanto ele avançava.

"Você não pode!" Eu implorei, lutando com o soldado que me segurava.

"Oh sim, eu posso. Ele é meu."

"Ele morrerá quando eu escolher," Livia disse friamente.

"Avó!" Calígula fez beicinho. "Ele pertence a mim."

"Eu devo decidir isso. Agora saia! Eu estou farto de você por uma noite."

Calígula, com o rosto manchado de raiva, saiu em disparada.

Livia se voltou para mim. "E agora, Claudia-" O aperto do guarda aumentou.

É isso, pensei. De alguma forma, sempre acreditei que as regras eram feitas para os outros. Agora, quando mais importava, **Fortuna** havia me abandonado. Senti a adaga fria em minha garganta, fechei os olhos, enrijecendo de medo. Eu não gritaria.

"Vista suas roupas, Claudia", ordenou a **Imperatriz**. "Você vem comigo."

CAPÍTULO 28 - A Vila dos Mistérios

Fazia horas que Livia me falara uma palavra. Braços e pernas firmemente amarrados, sentei-me em frente a ela na **Carruagem Real** esperando seu comando. Repetidamente, visões de **Holtan** como eu o vira pela última vez, indefeso e sangrando, me atormentavam. O que eles estavam fazendo com ele? Ele estava vivo? Por insistência da **Imperatriz**, as cortinas permaneceram fechadas, mas senti que já tínhamos viajado por campos abertos. Para onde estávamos indo? Que morte horrível Livia planejou para mim? Pensei várias vezes em Holtan e Marcella, ansiava por abraçá-los uma última vez.

Por fim, a Carruagem diminuiu a velocidade. Eu ouvi vozes, mas não consegui entender as palavras. Nossas rodas rugiram sobre as pedras do pavimento.

Ouvi flautas, tambores, gritos de mercadores e gritos de mendigos. A comida chiava perto, cheiros deliciosos. Há quanto tempo não comia?

Os olhos de Livia estavam fechados, sua boca ligeiramente aberta. Eu me mexi no assento, abrindo a cortina com o ombro. Passamos por um mercado, um banho público e um pequeno fórum. Pode ser qualquer cidade romana, mas qual?

A carruagem dobrou uma esquina. Diante de nós havia uma fonte espirrando, ao lado dela um restaurante ao ar livre. Agora eu sabia! Pilatos e eu paramos ali nas férias de verão. Livia me trouxe para **Pompéia**. Mas por que?

Os olhos de Livia se abriram. "Feche a cortina!" ela exigiu. "Mais rápido!" ela gritou, batendo no teto da Carruagem com o botão de Ouro de sua bengala. "Mais rápido!"

O trote constante dos cavalos se acelerou. As pessoas na rua pularam para trás. Estávamos voando. Eu me virei para encará-la.

"Você não vai pelo menos me dizer o que fez com Holtan?"

- Seu amante está a caminho de Roma. Decidi entregá-lo a Calígula.

"Você não ousaria! Holtan é popular demais. As pessoas não aceitariam isso."

Livia riu. "A popularidade **ajudou Germânico** ou sua querida tia Agripina?"

As pessoas têm memória notoriamente curta - assim como você."

"Você se acha tão poderosa! Há algo que você quer - eu sei disso."

A expressão zombeteira nos olhos de Livia cintilou por um instante.

"De fato? Agora o que isso poderia estar?"

"Eu não sei, mas tem a ver comigo."

"Como você é muito perspicaz. É claro que quero algo. Por que mais eu teria permitido que você viver - e permitiu que seu filho vivesse?"

Lembre-se, minha querida, você não é o última de sua linha.

"Marcella também! Oh, Ísis, não! Lutei para parecer calmo.

Livia sorriu, seus olhos exultantes. "Eu tenho observado você há algum tempo, observando o **progresso** de seu pequeno romance -" Ela parou de novo, pensativa.

"Você pensou que era tão inteligente com seus disfarces, seus pequenos ninhos de amor. Você nunca sonhou que eu..." Ela estava zombando agora.

"Foi divertido às vezes."

"Como você ousa!"

"Minha querida, atrevo-me a qualquer coisa que atenda aos meus objetivos."

Agora é a sua vez."

Um calafrio de advertência levantou calafrios em meus braços. "Do que você está falando?" "**Você é a intuitiva.** Diga-me; é por isso que o trouxe aqui."

A Carruagem parou. Eu tinha certeza de que Livia podia ouvir meu coração batendo forte. Ela me observou avaliando como um caçador faria com um animal preso.

"Seu pequeno flerte com Holtan não teria tido nenhum interesse terreno se não me **lembrasse de sua previsão** anos atrás. Um palpite de sorte, pensei a princípio, mas desde então tem havido rumores. Esses sonhos que você tem ...

Alguns dizem que você é uma bruxa."

Eu esperei, me recusando a morder sua isca.

Finalmente, Liva continuou. "Minha vida foi cheia. Tenho tudo que poderia querer, exceto..." Ela fez uma pausa, me olhando especulativamente.

Devolvi seu olhar, ciente de repente de quão frágil Livia parecia. Quantos anos ela tinha? **Sessenta?** Sessenta e cinco? As rugas em volta dos olhos e da boca, o pescoço crepe. Nenhuma quantidade de artifício poderia escondê-los para sempre.

Claro! "Exceto a **imortalidade.** Você quer viver para sempre."

"**Muito bom!** Mas você se engana se imagina que eu quero viver neste corpo desgastado. Os Sacerdotes me garantiram que serei feita uma deusa. **Não é apropriado** que eu Reine no Céu ao lado de meu marido, o Divino Augusto? "

Dei de ombros. "O que isso tem a ver comigo?"

"Você tem poderes. Você vê o futuro."

"Você exagera qualquer habilidade que eu possa ter. **Eu não posso-**"

"Sim, pode, pois você mesmo está para morrer.

Talvez, **se Fortuna quiser,** você volte para me contar o que viu."

"Oh, minha deusa, não!"

"Oh, sim, minha querida, sim. Reze muito e muito por sua **Ísis,** pois você está prestes a entrar na **Vila dos Mistérios.** Se você sobreviver à provação e, mais importante, se você trouxer de volta o **conhecimento que procuro,** seu bebê vai viver."

Obriguei-me a olhar diretamente em seus olhos malévolos. "E Holtan?"

"Minha querida, você dificilmente está em posição de barganhar."

"Holtan, também, ou eu certamente morrerei e você não aprenderá nada.

Prometa pela sua honra - pela honra da deusa que você espera se tornar."

"Você é atrevida!"

Mas, sim, Holtan também. Agora vá em frente."

Um escravo empurrou a cortina. A um aceno de Livia, ele cortou minhas amarras, então me puxou bruscamente da carruagem. Eu olhei para Livia. "Você não está vindo?"

- Devo primeiro disciplinar Calígula. Ele era um menino travesso por me seguir contra minhas ordens. Não posso permitir isso. Mas não tema, você sentirá minha presença. Esteja certo disso.

Dois guardas que haviam cavalgado atrás de nós saltaram de seus cavalos, posicionando-se um de cada lado de mim.

"**Leve ela!**" Livia os comandou.

Com uma mão firme sob cada cotovelo, eles meio que me arrastaram para o pórtico. Quando chegamos ao topo, a porta se abriu e uma mulher apareceu.

"Você a tem agora," disse Livia. "Você sabe o que fazer."

A mulher fez uma reverência à **Imperatriz** e a Carruagem seguiu em frente.

"Eu sou **Portia Proxius,**" ela me disse.

Suas mãos estendidas eram delicadas, muito pequenas para os anéis pesados que ela usava. "Estávamos esperando por você."

"Esta é a sua casa?" Eu perguntei, olhando curiosamente para a figura pequena e elegante. "Livia chamou de **Vila dos Mistérios.**

Eu ouvi rumores estranhos... mulheres desapareceram daqui..." Hesitei, tentando

reconciliar **Portia** em sua estola cinza transparente com as **histórias bizarras** sussurradas sobre a vila.

Ela empurrou para trás um cacho escuro e brilhante, ligeiramente tingido de prata. "Certamente a imperatriz lhe falou sobre nós. Ela é nossa patrona."

Portia abriu a porta para me deixar entrar.

Eu olhei para ela com surpresa. "Livia vem aqui?"

"Às vezes, quando os negócios do estado permitem. Muitos de seus amigos mais próximos fazem parte do nosso grupo. Você pode reconhecer alguns." Ela gesticulou em direção ao átrio diante de nós, onde um grupo de mulheres observava em silêncio.

"Claudia finalmente se juntou a nós", anunciou Portia.

As mulheres me cumprimentaram com modos impecáveis, mas curiosidade, talvez até avaliação, brilharam em seus olhos. Eu conheci várias delas - algumas Esposas de Senadores, o Dono de uma Grande Estufa cheia de plantas raras. Eu tinha alugado escravos do jardim dela apenas um mês antes. O que eles estavam fazendo aqui?

Uma mulher estava sentada sozinha em um canto arborizado do átrio. O pergaminho que ela estava segurando escorregou no chão quando seus olhos encontraram os meus.

Que olhos! Verde profundo, bem separados. Por um instante, pensei em minha irmã. As duas não se pareciam em nada... ainda havia algo...

Eu já tinha visto essa mulher antes, mas onde?

Ela se levantou lentamente e caminhou em minha direção, uma mão esguia estendida.

"Eu sou **Miriam de Magdala**. Nós nos conhecemos no **Asklepion em Pergamum**."

"Claro!" Avancei, pegando sua mão, lembrando-me da **mulher mundana** que vivera aqueles dias terríveis.

"Já se passou muito tempo, mais de **três anos** - tanta coisa aconteceu desde então."

Miriam assentiu. "Para mim também."

"É uma pena que você não possa passar o resto do dia conversando no átrio conosco," Portia se desculpou secamente, "mas você conhece as regras."

"Eu não sei de nada." Meus medos aumentaram com a pena que li nos olhos límpidos de Miriam. "Eu deveria ter pensado que a **Imperatriz** ..." Portia segurou meu braço.

"Você saberá de tudo com o tempo." Ela me levou para longe do brilho do átrio, por uma passagem sombreada. O piso preto e branco nadou loucamente diante dos meus olhos quando passamos por um tablino guardado por um busto de bronze de Livia.

Portia abriu uma porta pesada no final do corredor e segurou-a para mim. Relutantemente, entrei. A sala, pouco mais que uma cela, continha um catre estreito com uma pequena mesa e uma cadeira. O único adorno era uma grande **estátua de Dioniso**.

Que estranho em uma casa tão opulenta. "Todos os seus quartos de hóspedes são tão espartanos?"

Perguntei a Portia. "Talvez eu deva comer alguma coisa? É tarde e não comi nada desde ontem."

"Eu sinto muito em ambos os casos, mas você conhece as regras." "Pare de dizer isso! Eu não sei as regras."

Quem é você?" "A dona do ritual."

"Que ritual? Quem são essas mulheres?"

"Senhoras das classes mais altas, como você", assegurou-me Portia.

- E quanto à ruiva? Miriam? Quem é ela?

"Como você é astuta! Miriam é um pouco diferente. Ela é uma **cortesã**."

"Você sabia disso e a convidou?"

"Claro, nós conhecemos as origens de todos os nossos devotos."

Ela é da mais alta ordem, algo semelhante à favorita do seu marido.

Qual é o nome dela ... **Titânia**."

"Se o seu propósito é me humilhar..."

"De modo nenhum." Portia tocou meu braço levemente. "Eu apenas quis dizer que mulheres como **Titânia** e **Miriam** são bem-vindas em qualquer lugar. Ambas são ricas e bem relacionadas, mas é aí, claro, que a semelhança termina. Titânia só se preocupa com homens poderosos. Miriam é bem diferente. **Ela é filósofica**, uma **Patrona das Artes**, alguns podem até dizer **espiritual**."

"Então por que ela se tornou uma prostituta?"

"Oh, isso é duro. A vida dela é tão diferente da sua? Miriam pelo menos tem independência."

"Então o que ela está fazendo aqui? O que qualquer um de vocês está fazendo aqui?"

"Nós somos o que parecemos... mulheres com os meios e a inclinação para **alcançar poder além do terreno** imaginação. **Dionísio**".

Minha garganta apertou. Eu mal conseguia falar.

"O que você quer de mim?"

Os olhos escuros de **Portia** brilharam enquanto percorriam meu corpo.

"Esta noite você será a noiva de Dionísio"

Colocada em um corredor estreito, dinete de mim uma Estátua de Deus, seu rosto bonito **velado e revelado** pela fumaça do incenso pungente queimando a seus pés. Com a cabeça cambaleando com os vapores pesados, senti-me infundida pela **umidade seminal** e vivificante de **Dioniso**, puro, sem mente, libertador.

Dionísio traz Selvageria; a voz distante **advertia** tanto do **Terror** quanto do **Êxtase**.

Os **devotos frenéticos** do deus destroem os animais. Em sua loucura, às vezes eles se devoram. **Eu deveria ser sua vítima?**

Puxando-me para fora da cama, bati na porta com todo o vigor que minhas mãos estranhamente lânguidas podiam reunir o que foi o problema comigo?

À distância, ouvi passos se aproximando.

"Sim, **Domina**, estamos chegando", uma voz me assegurou. Um momento depois, ouvi o ferrolho se abrir e a porta se abrir. Duas escravas se curvaram diante de mim.

Cada um carregava um **tirso**, uma espécie de varinha com um ferimento de pinha no cajado. Eu o tinha visto retratado em inúmeros afrescos.

Eram mênades, servas de Dionísio?

Um escravo deu um passo à frente. "Se isso agrada à deusa, viemos para prepará-lo."

"Se isso agrada a deusa?" Eu ecoei, as palavras lentas na minha língua.

Portia, de pé atrás deles, acenou. "Nós honramos você esta noite como Ariadne."

"**Ariadne!**" Minhas pernas ficaram moles. Eu teria caído se não fosse pelos escravos. Toda a minha vida eu acalentei uma conexão com Ariadne. Que ironia cruel foi essa?

Lutei para manter minha voz firme. "O que você quer dizer?"

"Não há necessidade de você entender", murmurou Portia. "Basta que você **seja Ariadne** e logo se junte ao seu **Amante divino**. Venha, minha querida."

A música de **Kithara** encheu a passagem. Candelabros dourados em forma de muitas árvores ramificadas foram colocados em nichos de parede ao longo do corredor.

Cada superfície do corredor brilhava luminosamente. Apoiei-me pesadamente nos escravos que me conduziram a uma banheira de mármore, onde tiraram minhas roupas. Escorregando na água, vi a imagem de Dioniso sorrindo do teto.

As mãos das mulheres, enluvadas em esponjas, acariciavam meu corpo nu.

Eu levantei um braço para acenar para elas, então o deixei cair languidamente.

Eu havia perdido a vontade de resistir. A insistência delas, a pressão das esponjas macias do mar, o gotejar da água com sabão pelo vale dos meus seios foi surpreendentemente agradável. Logo elas me ajudaram a sair do banho, enxugando-me com toalhas macias de linho. As escravas cobriram meu corpo com pó de ouro, ungiram minhas coxas e seios com sândalo.

Como se estivesse em um sonho, senti a mais pura teia deslizar sobre minha cabeça. Examinando o tecido delicado, vi centenas de **minúsculos brilhantes**.

"**Elas parecem estrelas**", ouvi-me dizer com uma voz estranha e sem fôlego.

"Elas são estrelas." **Portia** ronronou como uma mãe carinhosa.

"Esta noite você é a **Rainha do Céu**." Eu balancei minha cabeça para clarear isso.

"O **amante de Ariadne** a abandonou. Alguns dizem que ela morreu."

"Mas ela voltou transformada," Portia gentilmente me lembrou. "O **amante mortal de Ariadne** a abandonou - como tantas vezes acontece - mas **Dioniso veio** para ela como ele virá para você." Portia colocou uma **Coroa Nupcial de Murta** na minha cabeça.

"Você também, oh, adorável - filha do poderoso **Minos** - reinará como uma deusa e saberá tudo o que uma deusa sabe."

Ela me guiou pelo corredor. Uma porta foi aberta. Minha respiração ficou presa com a visão diante de mim. Mulheres envoltas em peles de pantera lotavam a sala.

Muitas tocaram pratos, tambores ou flautas. Outras, entrelaçados com guirlandas, dançaram e cantaram. Eu não conseguia entender as **palavras selvagens** e borradas, nem reconheci os celebrantes, pois eles usavam máscaras. Acima de seus seios balançando e ombros lisos estavam as cabeças de **leões e leopardos**.

Elas me cercaram, girando e se contorcendo, tecendo um círculo, depois dois e três. Enquanto bebiam livremente de **odres passados** entre eles, os gritos das mulheres ficavam mais altos. A música, o vinho, a excitação dos dançarinos eram contagiantes.

Alguém me ofereceu uma xícara. "**Beba o vinho de Dioniso**." Enquanto eu saboreava o conteúdo, diferente de tudo que eu já havia provado, **meus medos derreteram**.

Sou uma **força da natureza**, sou a **seiva** que corre numa árvore, o sangue a correr nas veias, o fogo líquido da uva. Não era assim que a vida deveria ser - beber o doce vinho tinto e cheirar a rica fragrância almiscarada das mulheres se empurrando ao meu redor?

As dançarinas giravam, girando para um lado e para outro, levando o vinho à boca e espirrando entre os dentes em uma névoa fina. **Ela grudou em mim, envolvendo-me**, misturando-se com a fumaça pungente de muitos tripés espalhados pela sala.

Com a cabeça girando, **vislumbrei duas novas figuras** e me esforcei para ver mais claramente. Eles carregavam uma grande cesta de vime e caminhavam lentamente em minha direção.

Alguém segurou uma pequena tigela em um tripé diante de mim, forçando-me a **inalar sua fumaça** acre. Meus pulmões se encheram de estouro. Sensações de todo tipo me assaltaram. Cada som, cada **visão se intensificou** quase além do suportável.

Cada poro formigou e pulsou com vida própria. Gritei quando cores que não consegui nomear explodiram diante de meus olhos em formas grotescas. Cada parte de mim puxou em uma direção diferente. Meu **status de patrícia**, o **poder** e o **privilégio**, embora fugazes, que a graça e a beleza femininas me trouxeram foram arrancados até que fui despojada de todas as defesas, todos os truques, todos os fragmentos de personalidade.

Finalmente, apenas **minha alma trêmula permaneceu sozinha** e vulnerável.

Santa Ísis, fique comigo. Se devo suportar esta morte, deixe-me usá-la para salvar meus entes queridos.

A cesta estava diante de mim, a tampa aberta. Eu vi a barra de couro com tiras em uma das pontas. Meu coração estava prestes a explodir. Uma mulher mascarada **amarrrou as alças** em volta da cintura. Eu gritei e lutei para me libertar enquanto a **figura alta e musculosa** avançava em minha direção.

As mulheres me cercaram, me segurando rápido enquanto outras me golpeavam com pequenos chicotes de couro. No início, os golpes foram curtos e doeram como uma chuva leve, mas logo vieram com mais força e mais rapidez. Lutei freneticamente enquanto eles me arrastavam para um sofá.

A mulher com a vara subiu em cima de mim. Ou era uma mulher?

A **lança de fogo** de **Dioniso** parecia estar em toda parte, acima e ao meu redor, me agredindo, envolvendo-me, dominando-me. O canto e a música ficaram ainda mais altos, abafando meus gritos até que depois de um tempo nem eu mais os ouvi.

Sempre fui consumida pelo deus até que finalmente me tornei um com ele. Eu ouvi as águas correndo do Styx, vi Caronte de cabelos brancos esperando. As formas de tantos que eu amei esperavam do outro lado, mas não Marcella e Holtan. Eles estavam aqui neste mundo. "Não!" Eu chorei, mas o som não era mais do que um sussurro.

"Eu não quero morrer, eu não..."

Muito depois, a Música bandandou, alterando sutilmente até que mudou para uma **canção de ninar suave**. Mãos gentis ministraram a mim, tirando o vestido rasgado e substituindo a coberta suja debaixo de mim por uma nova.

Dedos hábeis lavaram o vinho e o sangue de meu corpo machucado e cuidadosamente me vestiram com um **vestido de cetim cravejado de pérolas** e ricamente bordado em um padrão de estrelas douradas. Apoiada em travesseiros de seda, observei uma a uma as mulheres tirarem as máscaras. Cobrindo sua nudez agora com mantos luminosos, elas se ajoelharam diante de mim.

"É hora, **Grande Ariadne**, de nos dizer o que você vê."

Eu virei minha cabeça. Foi **Portia** quem falou, uma **Portia** muito **diferente**.

Esta mulher me olhou com reverência enquanto avançava lentamente. Em suas mãos estava uma **tigela de prata**, que ela colocou em uma pequena mesa diante de mim.

A voz de Portia estava rouca, pouco mais que um sussurro, quando ela perguntou:

"Será que a **deusa compartilhará** o que ela vê?"

Eu olhei para a tigela. Estava cheia de água limpa. Somente água. Mas enquanto eu continuava a olhar para suas profundezas, o líquido girou. As visões apareceram lentamente, apenas para desaparecer novamente. Eles não faziam sentido, mas me encheram de apreensão. Eu empurrei a tigela.

Eu não faria isso. Desatentas, as mulheres avançaram, empurrando-se umas às outras em sua ansiedade.

Eles me forçaram a isso, por que não deveriam enfrentar as consequências?

"Você não vai gostar do que eu vejo," eu avisei.

As mulheres ignoraram minhas palavras, empurrando-se umas às outras, murmurando impacientemente entre si.

Portia manteve seu lugar na frente.

Olhei novamente para a tigela, estudando as formas que vi se aproximando, mais claras. "Seu marido foi enviado para a Alemanha", disse eu.

"Sim, sim, todo mundo sabe disso."

- Talvez. Mas nem todos sabem da **filha do chefe**. Ela é loira e muito bonita.

A aliança deles é política, mas ele vai valorizá-la por outros motivos.

Seu marido **nunca mais voltará a Roma**.

"Isso é impossível!"

"Ele nunca vai voltar a Roma."

Voltando-me para outro, o jardineiro mestre, que abriu caminho até a frente, eu disse:

"Você quer **saber sobre sua filha**, sua única filha."

A mulher acenou com a cabeça ansiosamente.

"Ela vai conceber. Ela vai ter um filho, um menino lindo e saudável, mas ela mesma vai morrer."

Outra mulher se amontoou ao lado dela. "Você pode me falar sobre minha casa aqui em Pompéia? Me ofereceram um bom preço. Devo vendê-la?"

Eu senti uma onda de calor, a respiração foi sugada de meus pulmões. "**Sim, Sim!**"

Eu suspirei. "**Algo terrível vai acontecer aqui**. Leve sua família. Deixe este lugar."

Miriam estava diante de mim agora, olhos grandes. Lutei com uma visão, tentando entender. **Bizarro, assustador.** O que isso significa?

Minha visão já estava enfraquecendo. "Você pensa que não há mais nada para você na **Galiléia**, mas **você está errada.** Você **deve voltar.** Vá para casa.

Lá você encontrará seu maior Amor, um homem diferente de qualquer outro.

Vejo muita alegria para você. Vejo uma Coroa..."

Eu parei. **Este homem era um Rei?** Então por que uma **Coroa de Espinhos?**

O que isso significa? O que devo dizer a ela?

"**Miriam, vá agora!**" Eu suspirei. "Seu tempo com ele é curto."

Miriam prendeu a respiração.

"Claudia, o que você quer dizer? Como vou conhecê-lo?"

As outras avançaram, cada uma com uma pergunta. Qualquer que fosse a fonte do presente, ele logo desapareceria. Certamente, pensei, ganhei o uso desse poder para mim mesmo. Fechando meus olhos para os rostos suplicantes, olhei para o vazio.

Por um momento terrível, não vi nada.

Então, finalmente, a forma de **Holtan** apareceu diante de mim. Mas foi **Holtan?**

O poder e a graça que eu conhecia e **amava** tão bem se foram. Eu mal reconheci o corpo estranhamente encolhido deitado diante de mim. Por que o rosto abatido, os olhos cheios de dor? Não vi feridas, mas imaginei que fossem terríveis.

Os lábios de Holtan se moveram. Eu me esforcei para ouvir.

"Eu tinha - **tinha que ver você - Claudia,**" ele ofegou em um sussurro rouco.

CAPÍTULO 29 - A Deusa Lívia

A **Villa dos Mistérios** estava silenciosa agora. Um por um, os outros foram embora. Entorpecida de cansaço, sentei-me com as costas contra uma coluna de mármore, os pés balançando no lago de lírios.

"Posso me juntar a você? Eu vim para dizer adeus."

Assustada, olhei para cima, semicerrando os olhos ao sol da manhã. Eu tinha cochilado. Agora eu vi **Miriam**, uma figura esguia em uma estola ruiva, parada na arcada.

Ela estava vestida para viajar. "Você deve voltar para Roma?"

Sorrindo, ela balançou a cabeça. "Não, eu estou indo para a **Judéia.** Talvez eu encontre meu amante lá, o homem que você viu em sua visão."

Ela se aproximou, seus olhos nos meus. "Diga-me, Claudia, como vou conhecê-lo?"

Lutei para lembrar a imagem. "Ele tem um rosto maravilhoso... olhos que alcançam a própria alma." Olhos que alcançam a alma.

Eu tinha visto aqueles olhos em outro lugar?

Aquela cara... Impossível, essa era a vida de **Miriam**, não minha. Eu me esforcei para recapturar o que eu tinha visto originalmente para ela na noite anterior. Tudo tinha sido tão confuso. Houve alegria... mas também ... Ah não! Fiz uma pausa, hesitante em dizer mais.

"Vejo um **grande amor** por você, mas também **tristeza.**"

Miriam sorriu com tristeza. "Nunca experimentei um grande amor. Talvez valha a pena um pouco de tristeza." Jogando o manto para trás, Miriam se sentou ao meu lado.

"Você viu algo para você na noite passada?"

"Sim." Meus olhos se encheram de lágrimas. "Aquele que Amo... eu o vi claramente. Ele tinha vindo até mim... de muito longe, eu acho... mas", minha voz tornou-se um sussurro assustado, "ele estava morrendo."

"O homem não era seu marido." "Não, meu marido não."

"O que você vai fazer?" Miriam perguntou, seus olhos compassivos enquanto me estudavam. "O que você pode fazer?"

"Estive pensando. Se nunca mais o vir... essa coisa terrível não vai acontecer."

"Isso é possível? O que Fortuna escreveu--"

"Eu não vou acreditar nisso!" Exclamei, chutando a quietude plácida da água.

"Posso mudar o que está escrito. Devo mudar!"

"Então que **Isis** lhe conceda força." "E você também."

Apertamos as mãos, olhando profundamente nos olhos um do outro. Quando olhei para cima, vi um núbio alto vestido esplendidamente em ouro. Ele curvou-se para mim da porta.

"A **Imperatriz** pede que você se junte a ela."

"**Cuidado!**" Miriam avisou suavemente.

Eu apertei seu braço de forma tranquilizadora. "Eu estive nas margens do próprio Styx. Certamente posso lidar com Livia."

Quase passeando, segui a escrava até o triclínio onde a **Imperatriz** tomava o café da manhã sozinha. "Bom dia, '**Ariadne**'."

Seus olhos se inclinaram maliciosamente enquanto ela gesticulava em direção a uma cadeira de nogueira e marfim ao lado de seu sofá. "Então **você sobreviveu** às suas núpcias. Nem todo mundo tem **tanta sorte**."

Sorte, de fato, pensei, observando Livia derramar creme sobre seus figos.

Quão pouco ela sabia. "Eu pensei que você estaria lá."

"**Eu estava lá.**"

"Eu não vi você."

"Mas eu vi você. Uma bela atuação."

Minha cadeira raspou nas telhas de mármore quando me inclinei para frente.

"Você não pode imaginar o presente que você me deu." Eu encontrei seu olhar friamente. "Estou muita agradecida."

"Oh, pelo amor de Júpiter!" Livia exclamou, os olhos brilhando como esmeraldas.

"O que você tem a me dizer?"

"Estou surpresa que **você não perguntou** ontem à noite com os outros."

"Eu sou a **Imperatriz**, sua garota estúpida! Diga-me agora, **serei** uma **deusa** ou não?"

O que você viu mim?"

Eu não tinha visto nada relacionado a Livia, mas as vidas de Marcella e Holtan dependiam do direito resposta. A **Imperatriz** era astuta; Eu teria que tornar isso bom.

Isis me ajude!

Respirei fundo e fechei os olhos, entoando: "Seu nome viverá por muito tempo no futuro." Outra respiração. "Na verdade..." O espaço sagrado me escapou; Eu vi apenas escuridão. "Na verdade..." Eu parei novamente, a mentira que eu havia preparado congelada na minha língua. O que eu poderia dizer a ela?

Não havia nada... e então, para minha surpresa, uma imagem chocante tomou forma.

"Grande parte do **Palantino** está em ruínas. Pessoas vagando pelos escombros vestindo roupas estranhas e falando línguas que eu nunca ouvi. Elas andam olhando para paredes em ruínas e apontando os dedos... para o nada, na verdade.

Não há nada para ver nas colunas caídas, pilhas de destroços. Parte disso pode ser o fórum, mas não tenho certeza... Tão pouco resta... "

"**Mas e eu?**" Livia insistiu com impaciência.

"Esses estranhos parecem conhecer você", continuei lentamente.

O que eu estava vendo? Meu mundo, tudo o que eu conhecia e apreciava havia se reduzido a nada.

"Há uma placa com o seu nome e uma seta apontando o caminho para a sua casa. Também é uma ruína, mas mais bem preservada do que o resto. As pessoas vão lá e ficam, quase maravilhadas, olhando para o mosaico no seu chão. Por quê isso deveria ser, eu não posso imaginar, já que está muito desbotado."

Enquanto eu me esforçava para entender o que via, a visão foi se desvanecendo lentamente até desaparecer. Que coisa horrível havia me mostrado?

Eu abri meus olhos para encontrar Livia sorrindo encantada. "Isso resolve tudo!

Claro que vou ser uma deusa. O que mais isso poderia significar?"

Ela se recostou expansivamente. "Você fez bem o seu trabalho. Vou permitir que você se junte ao seu marido em **Herculano**. Você pode dizer a ele que tem sido minha convidada nos últimos dois dias."

Ela me dispensou com um olhar e pegou novamente a jarra de creme.

"Mas meu bebê - Marcella - ela está bem?"

Livia encolheu os ombros. "Pelo que eu sei. Ela está com seu marido."

Eu respirei fundo. "**E Holtan?**"

"Ileso. Devo libertá-lo quando retornar a Roma." Livia voltou sua atenção para os figos, ilhas em um mar de nata. "Oh sim, há algo mais." Ela ergueu os olhos brevemente. "Ontem à noite recebi uma mensagem. O filho de Pilatos com aquele gato de rua, **Titânia, morreu de febre repentina**. Sem dúvida seu marido vai procurar consolo em você.

Nunca pensei que ele gostasse muito de Titânia, mas o menino, isso é outro assunto.

Ouvi dizer que ele era **um rapaz bonito** - parecido com Pilatos."

Ela fez uma pausa para espalhar mel em uma fatia de pão. - Devo ter uma palavra com Tibério - ver se ele consegue arranjar algo para Pilatos. Algo fora de Roma.

Estou cansada de ver esse seu rosto em Banquetes. Seus olhos cinzentos me incomodam. A cabeça dela assentiu superficialmente; Eu fui solta.

Com a ajuda de **Ísis**, consegui sobreviver à crueldade caprichosa de Livia.

Mas o que me esperava em Herculano?

Nossa **nova Villa** – como a de Holtan – tinha um Portal duplo, pesadas, dobradiças de bronze, firmemente aparafusado. Esperei como qualquer estranha enquanto o noivo que Livia mandara comigo batia com força. Quase imediatamente, a porta foi aberta por um porteiro que eu não conhecia. Justo, alto e largo, provavelmente um trácio.

Ele me estudou incerto.

"Esta é **sua domina**, seu tolo," o noivo de Livia disparou.

O porteiro **Decuou**, de olhos arregalados, curvando-se profusamente. Outro rosto desconhecido apareceu, alto, com cabelo grisalho cortado rente e um ar de autoridade silenciosa. "Eu sou **Hieronymus**, seu novo administrador", disse ele, curvando-se ainda mais baixo do que o bagunçado porteiro, enviado em busca de Pilatos.

Dispensei apressadamente o noivo de Livia, mandando-o de volta para ela.

Quanto menos a **Imperatriz** soubesse de meus negócios, melhor.

O administrador me conduziu por um corredor de mármore em direção a um átrio iluminado pelo sol. Sentindo-me uma estranha em minha própria casa, olhei para além dele, para o interior, talvez trinta metros ou mais de vistas sucessivas, luz e sombra.

Eu não esperava que a **villa** fosse tão grande. Talvez, especulei, Pilatos pretenda que eu more aqui com Marcella, enquanto ele apenas me visita de vez em quando, quando os negócios permitem. Poderia ser esse o seu plano? Que maravilhoso... se apenas.

Fiz uma pausa, esperando Pilatos no átrio. Esta era uma casa antiga, eu percebi agora, as plantações exuberantes e raras. Olhei para a fonte de mármore espirrando, os pilares grossos envoltos em trepadeiras floridas, e pensei em **Holtan**.

Se apenas esta fosse nossa casa. Tanta fantasia. Eu nem sabia se **Holtan** estava bem. Ele estava sangrando quando o vi pela última vez.

Como poderia confiar em Livia em qualquer coisa?

De repente, Pilatos estava lá, elevando-se sobre mim. Seus olhos procuraram os meus com uma intensidade assustadora. "**Você se divertiu?**"

Com o coração batendo forte, forcei um sorriso. "Que pergunta!

Eu estava com Livia." "O que ela queria de você?"

"Livia não te contou?" Eu perguntei, ganhando tempo.

O que ele estava pensando? "Ela prometeu enviar palavra."

"Ela fez. Um de seus escravos apareceu na porta três dias atrás."

Três dias... Eu nem tinha chegado à **villa de Holtan**. Como a **Imperatriz** estava segura de si. Por quê isso deveria me surpreender? "O que ela disse?"

"Só que você era hóspede de Livia."

"Dificilmente um convidado! **Ela me forçou a participar dos Mistérios.**"

"**Os Mistérios!**" Senti seus olhos, curiosos, especulando.

- Por que você não mandou avisar de Roma que se atrasaria?

"Eu não sabia então. Livia e eu nos conhecemos na estrada. Ela praticamente me **sequestrou**, insistiu para que eu me juntasse ela em Pompéia."

Pilatos ergueu uma sobrancelha intrigada. "Que extraordinário."

"Eu também pensei, mas o que eu poderia fazer? Ela é Livia."

"De fato. O que você poderia fazer? Eu acredito que você não foi... machucada de alguma forma?"

"Estou bem", assegurei-lhe. "Eu quero ver Marcella. Onde ela está?"

"Ela tem chorado por você o dia todo. Eu apenas a deixei. Ela está dormindo."

"Eu preciso vê-la." Eu escorreguei de seu alcance leve.

A porta do quarto de Marcella estava fechada, mas eu abri-a silenciosamente e passou na ponta dos pés por Rachel, que olhou para cima, um sorriso aliviado iluminando seu rosto quando me aproximei.

A pequena forma de minha filha foi banhada pelo brilho de uma lâmpada colocada ao lado de seu sofá. Um artesão o havia modelado no formato de seu doce pezinho.

Eu ansiava por abraçar Marcella, mas me contentei em vê-la dormir. Meus olhos acariciaram suas feições delicadas, os cachos escuros e macios.

"Ela é muito parecida com você", murmurou Pilatos. Ele estava ao meu lado.

"Mais como minha irmã, eu acho."

"Às vezes ela me lembra da outra Marcella... mas então, você também."

Oh, Isis! O que ele quer dizer com isso? Eu me virei, saindo na ponta dos pés para o corredor. Pilatos o seguiu.

"Marcella é preciosa", disse ele, ecoando meus próprios pensamentos.

"Eu não suportaria perdê-la."

Você pode?" "Que pergunta! Eu prefiro morrer." Meu coração disparou.

Ele estava me ameaçando? Então lembrei da perda de Pilatos, o filho de Titânia.

Eu olhei para cima, vi pela primeira vez o rosto pálido, os olhos injetados de sangue. O homem estava sofrendo. Minha apreensão deu lugar a simpatia. Era impensável perder um filho. Eu levantei minha mão, toquei seu rosto por um instante, desejando confortá-lo. Havia muito a dizer, mas nada disso poderia ser dito.

"Estou cansada." Eu me desculpei. "Os Mistérios..."

"Você parece exausta. A **Imperatriz** deve ter sido exigente."

Uma semana se passou, Pulatos viu poucos clientes e permaneceu em casa. Senti seus olhos pensativos e fiquei grata que o **Os Mistérios** eram **Secretos** até mesmo para os maridos. Então, uma manhã, saí em uma varanda e encontrei Pilatos olhando para o mar.

Foi um lindo dia de verão. Azul, azul, azul em todos os lugares. Turquesa, índigo, safira. Rasos cristalinos, águas profundas, céu distante. Nossa nova villa, de costas para a encosta, de frente para a baía, foi construída para este panorama sublime.

Meus olhos viajaram para um **pergaminho** frouxamente embrulhado que ele bateu preguiçosamente contra a parede. Ele trazia o **Selo Imperial**. Meu pulso acelerou.

"**O que é isso?**"

Pilatos me entregou o pergaminho. "Veja por si mesmo."

Apressadamente, examinei a coluna do script. "O que é isso?"

Você vai ser governador da Judéia!" Eu exclamei, olhando para ele.

"Seu primeiro comando! Estou tão feliz por você, tão orgulhosa de você."

Pilatos deu de ombros ligeiramente, franzindo a testa.

"A **Judéia** sempre foi um **local problemático, o espinho em Tibério lado.**"

"Então, é uma oportunidade de mostrar a ele o que você pode fazer.

A Judéia é o baluarte de Roma contra o Partas. O **Imperador** tem confiança em você ou não ofereceria tal desafio. "

"Fico feliz que você veja dessa forma. Muitos acham as montanhas e desertos da Judéia atraentes. Espero que você ache. **Jerusalém é feia, ouvi dizer.** O palácio de lá não foi reformado em **sessenta anos** - desde a visita de Estado de **Antonius e Cleópatra.**

Exceto para as inspeções oficiais, nunca precisamos ir lá. O **palácio provincial** em **Cesaréia** será mais do seu gosto. É considerado uma vitrine.

Claro, você pode fazer as mudanças que quiser em... "

Eu recuei. "**Eu não pensei em te acompanhar, eu-**"

Pilatos ergueu meu queixo, inclinando-o para que nossos olhos se encontrassem.

"É o meu primeiro comando. Eu quero você ao meu lado, compartilhando comigo."

Seus olhos frios procuraram meu rosto. "Até **Tibério** acha melhor que você me acompanhe. Olhe" - ele apontou para o final do pergaminho - "o imperador menciona seus '**instintos únicos**'." Livia não demorou muito para colocar seu plano em ação.

Uma palavra para **Tibério** e eu fui efetivamente banida.

Ela deve sempre fazer o que quer? Meus pensamentos se voltaram para **Holtan** em Roma. A Judéia era o outro lado do mundo. Como eu poderia suportar deixá-lo?

Eu não pude. Então me lembrei da minha visão, vi o rosto angustiado de **Holtan** enquanto ele sussurrava meu nome.

Se a separação fosse a única maneira de garantir sua vida...

"Eu preciso de tempo," eu disse por fim. Se eu pudesse ficar nesta casa adorável, nunca vendo **Holtan**, mas pelo menos sabendo que ele está por perto.

"Não muito tempo, Claudia."

No dia seguinte, voltei de uma caminhada na praia para encontrar Livia esperando no ninfano. Seja por acaso ou por desígnio, o divã em que a **Imperatriz** se reclinou ficava sob uma **estátua de Príapo**, guardião e motivador da fertilidade.

Os proprietários anteriores da villa haviam esfregado a coroa de seu enorme **falo de mármore e brilhante** com as mãos. Isso lhes trouxe sorte?

Eu precisaria de mais do que isso se Livia decidisse contar a Pilatos sobre Holtan.

Ela não perdeu tempo com saudações. "Você me traiu!" ela acusou.

"Você não fez planos para acompanhar Pilatos à Judéia."

"Como você sabe disso!"

Ela encolheu os ombros com impaciência. "Como posso saber de alguma coisa!"

Não perca mais meu tempo. Esta é uma **oportunidade esplêndida** para o seu marido, exatamente a chance pela qual ele tem sido conivente. Pena que **Herodes, o Grande**, não está vivo - um homem encantador, muito popular em Roma.

Uma vez que todo o Senado se levantou para aplaudi-lo...

"Ela fez uma pausa, perdida em pensamentos. "Sim, **Herodes** era um homem inteligente - afastando os **Partos**, ao mesmo tempo mantendo unido aquele país bárbaro. Ninguém fez um trabalho decente desde então. Claro, sua vida familiar era um pouco estranha. Meu querido marido uma vez disse que era mais seguro **ser porco de Herodes** do que seu parente."

"Eu não entendo."

"Os **judeus** têm alguma proibição tola contra comer carne de porco."

Para onde isso estava levando? "**Mas Herodes?**"

"Ele estava obcecado com a ideia de que um de seus muitos filhos pudesse tomar o

trono. Antes que tudo acabasse, **Herodes matou** cerca de **quarenta membros da família** - muitos deles seus próprios filhos." Batendo na mesa com seu leque, Livia se virou para me encarar diretamente. "Chega de conversa. Acho sua **ingratidão tolamente perigosa.**"

Eu estremei apesar da luz do sol deslumbrante, mas mantive minha voz firme.

"Você, mais do que ninguém, sabe como a situação é complicada."

"Certamente. Então eu devo descomplicar." Com um estalar de dedos com anéis, Livia sinalizou para um escravo que passava. "Traga seu **dominus** imediatamente," ela ordenou. Virando-se para mim, a **Imperatriz** sorriu.

- Sem dúvida Pilatos acha sua relutância intrigante. Acho que é hora de esclarecê-lo.

"Não! Não, não há necessidade disso."

- Tarde demais, minha querida. É uma pena que você nunca mais verá sua filha e, quanto ao seu precioso Holtan, vou mandar açoitá-lo até a morte. Vai demorar muito para um homem tão forte morrer. Talvez podemos providenciar para que você assista."

Eu fiquei de frente para ela, minhas mãos segurando as costas de um banco para apoiar meu corpo trêmulo. "Por favor," implorei, minha voz um sussurro rouco.

Naquele momento, Pilatos entrou no átrio.

Livia sorriu benignamente para ele.

"Sua adorável esposa e eu estivemos discutindo sua nomeação. Acredito que ela tem algo a lhe dizer."

PARTE IV - CAESAREA

no décimo sexto ano do reinado de Tibério (30 EC)

CAPÍTULO 30 - No Templo do Senhor

Quando a **Perséfone** balançou para fora do Porto, ela parecia lançar remos, **vinte** de cada lado de seu casco elegante. O **Cruzador de Luxo**, presente de despedida de **Sejanus** para nós, foi **pintado de roxo** em minha homenagem. Abaixo do convés, um tambor retumbou e as lâminas baixaram. Mais trovões e eles espirraram na superfície, dois homens puxando cada flecha. O Navio deslizou para a frente - lentamente no início, depois ganhando velocidade à medida que os tambores aumentavam.

Logo a baía de **Neápolis** sumiu de vista.

Dia após dia, sentei-me sob um toldo ondulado, olhando para os **Azuis Gêmeos** do **Mar** e do **Céu**.

A viagem tranquila me deu muito tempo para pensar.

Isis estava rindo de mim? Ela tinha rido o tempo todo?

Certa vez, **orei** fervorosamente pelo **Amor de Pilatos**, repetindo zelosamente seu encantamento. A deusa tinha ouvido minhas orações e concedido o objeto de meus desejos ou tudo tinha sido apenas uma **fantasia feminina** que deu errado?

Pilatos, de fato, me queria como Esposa, mas o que isso importava?

Nossa união parecia tão tola, tão mal engendrada, agora que eu havia provado o Amor verdadeiro. **Que necessidade havia** de Poções e Encantamentos?

Holtan e eu sabíamos desde o início. Eu sorri tristemente, pensando em **Isis** e seu Osiris. O amor deles parecia muito com o nosso.

Um dia, Rachel se juntou a mim na grade **lembrando-me** de mais uma tristeza, me virei para ela, forçando um sorriso.

"Você deve estar muito feliz, finalmente **voltando** para sua **terra natal.**"

Rachel deu de ombros, seu rosto voltado para o mar.

"Pilatos e eu conversamos ontem à noite. Ele - nós decidimos **libertá-la**.

É justo que você finalmente volte para sua família. Pilatos apresentará seus papéis de alforria em uma **Cerimônia**.

Será bastante grandioso - **Herodes Antipas** e sua Corte, possivelmente alguns daqueles Sumos Sacerdotes, o Sinédrio. Sua família, é claro, em lugares de honra."

"**Eu não tenho família**", disse Rachel, virando-se para me encarar.

"Eles **estão todos mortos** - mortos." Ela começou a se afastar, mas eu peguei seu braço. Segurei. "Achei que seu pai fosse conselheiro de **Herodes, o Grande**."

"Ele era um Conselheiro de Confiança, mas também era um **Fariseu** e um Patriota.

O Pai odiava a herança de Herodes santuário extravagante. Ele acreditava que o **Mundo** era o templo de Deus e pensava que os homens deveriam ser seus próprios Sacerdotes. Herodes não quis ouvir falar disso.

O Templo foi sua proclamação: "Veja como sou **bom**, veja como sou **grandioso**."

Eu balancei minha cabeça com impaciência. "Isso é apenas filosofia. Seu pai era um membro da corte.

Não se chega a tal posição sem compromisso."

"Ele teria sido o primeiro a concordar com você", disse Rachel.

"Meu pai era um idealista, mas não anormal. Ele entendia a necessidade de **Herodes de tranquilizar os Fundamentalistas** em casa e ainda mostrar ao mundo que ele era mais do que um **rei cliente de Roma**."

Eu concordei. "Parece que ele alcançou seu objetivo. O Templo de Jerusalém é o maior do mundo.

Mesmo em Roma, eles dizem: 'Aquele que nunca viu o Templo de Herodes nunca viu nada bonito'. "" Lindo, sim ", concordou Rachel." Mas a abominação que ele acrescentou ... "

"Eu não entendo -"

"Meu pai era um homem ortodoxo. Ele colocava sua **fé na Lei**, ele **vivia a Lei**.

O **Segundo Mandamento** é claro: **nada de Imagens de Escultura**. Com o passar dos anos, os Judeus aprenderam a conviver com elas. As **Imagens Pagãs** estão por toda parte - em Banhos Públicos, Teatros, Edifícios Cívicos - mas quando **Herodes** colocou uma **Enorme Águia** com Asas estendidas sobre o próprio Templo..."

"**Uma infeliz impropriedade**", concordei, mas lembrei-a:

"**Ele era o rei**. Se isso é o pior, ele fez-"

"Sim, sim, o pai reconheceu isso. **Infelizmente**, meu irmão, **Aaron**, não.

O amigo mais próximo do pai era o **professor de Aarão**, um **fariseu devoto** que costumava vir à nossa casa e falava até tarde da noite. Aaron tinha quatorze anos, ansioso para ser um homem, ouvindo cada palavra.

Seu professor **ficou furioso** com a **águia** e falou em destruí-la. Meu pai ficou horrorizado. Ele avisou o incendiário, lembrou-o de que **Herodes** estava morrendo, cada respiração uma agonia. "**Seja paciente**", o pai advertiu, e não pensou mais no assunto.

"Então, certa manhã, o **Erudito Fariseu** deu uma **Palestra** sobre o **Salário do Pecado**. Foi o pecado, disse ele, que causou a **doença de Herodes**, o pecado que queimou e corroeu suas entranhas. Havia chegado a hora de **Remover a Águia**, não importava o risco . Aaron era jovem o suficiente, **idealista e tolo** o suficiente para se unir à causa.

Ele e cerca de **quarenta outros meninos** correram para o Templo, escalaram as paredes e **cortaram a Águia** blasfema em pedaços."

A voz de Rachel estava fria e calma, quase como se tudo tivesse acontecido com outra pessoa. "Claro, eles foram jogados na prisão. **Oramos** para que **Herodes morresse** antes que eles pudessem ser condenados, mas **Yahweh** não estava ouvindo.

Talvez nós apenas o divertimos - como um jogo de tabuleiro jogado por formigas. **Meu pai foi feito em pedaços** pelos guardas enquanto ele **se ajoelhava** ao lado da cama de Herodes implorando clemência por seu filho.

Os **soldados jogaram mamãe da torre** quando nossa casa foi tomada.

Um dos últimos atos de Herodes foi **me vender como escrava**. Ele viveu o suficiente para cuidar dos meninos, entre eles **Aaron , queimado vivo.**"

"Rachel, Rachel, querida." Eu segurei seu corpo rígido em meus braços.

"Sinto muito, sinto muito. Não sabia de nada. Você nunca me disse.

O que posso fazer por você agora? Tem medo de voltar para casa - medo dos herdeiros de Herodes?

Não se esqueça de que Pilatos é agora o homem mais importante na Judéia.

Nós ainda podemos libertá-la e enviá-la para qualquer lugar que você queira ir."

"Herodes era um louco. Restam apenas dois filhos, **Antipas e Filipe.**

Certamente eles **louvam Fortuna** todos os dias por suas próprias vidas. Eles mal se lembrariam de uma criança gritando. Não tenho nada a temer na Judéia e não desejo estar em nenhum lugar **a não ser com você.**"

Na manhã do décimo quinto dia no Mar, vi Cesaréia cintilando à distância.

Pilatos ficou ao meu lado quando nos aproximamos, seus dedos longos e elegantes tamborilando impacientemente na amurada. Os sons da cidade flutuaram em nossa direção enquanto navios e edifícios surgiam à nossa vista. Disseram-me que **Cesaréia** era uma das cidades **mais bonitas do mundo.**

Olhando para o requintado **templo de César** que dava para o porto, eu acreditei.

As casas, em sua maioria brancas, estendiam-se por terraços sombreados por palmeiras em direção às docas. As pessoas acenavam das janelas, varandas lotadas. Enquanto a **Perséfone** navegava para o Porto, uma ovação subiu da costa.

Flores, flores brilhantes em todos os lugares, tambores e flautas, Ministros de manto vermelho fizeram fila para nos dar as boas-vindas.

A prancha balançou sobre a água, esmagamento e barulho, bolsas e caixas prontas. Desde que eu era criança, a perspectiva de novos lugares me enchia de admiração e entusiasmo. Agora, tão longe de **Holtan**, eu sentia apenas desespero.

Rachel trouxe Marcella para o convés. Minha filha gritou, estendendo os braços para mim, mas foi Pilatos quem a segurou. **"Esta é Cesaréia, minha pequena"**, disse ele, segurando Marcella para ver o espetáculo diante de nós.

Olhando para mim por cima da cabeça cacheada de nossa filha, ele acrescentou: **"Seremos todos muito felizes na Judéia"**.

Se as posses de materiais pudessem fazer Felicidade, as tínhamos em abundância.

Nosso Palácio era grande. Meu apartamento era grande, com quartos com vista para o mar, sacada após sacada, cada uma com um jardim suspenso.

Dediquei o maior a **Ísis**, fazendo um **Santuário** com flores e tapetes macios ao redor de **sua Estátua**. Todos os dias eu meditava ali, mas não por muito tempo - minha agenda social deixava pouco tempo. Com uma sala de jantar grande o suficiente para **cem sofás**, Pilatos esperava que eu recebesse muitas vezes. Até agora eu fiz isso facilmente.

Banquetes para trezentos não eram incomuns. Pensei muitas vezes em mamãe.

Ela teria adorado minha vida. Eu estava simplesmente grata por estar ocupada.

Cesaréia, construída por **Herodes o Grande** como uma homenagem a **Júlio César**, tentou arduamente ser Roma e, de muitas maneiras, conseguiu.

A cidade possuía um **teatro de mármore** com capacidade para **cinco mil** pessoas e um dos maiores anfiteatros do mundo. Pilatos oficiou rituais de estado no templo de César. As Estátuas para as quais ele ergueu os olhos eram as de **Augusto, Júpiter e Roma**, imagens reconfortantes de sua casa.

Vi mais Romanos, Gregos e Sírios nas ruas do que Judeus.

Se toda a Judéia fosse como Cesaréia, o trabalho de Pilatos teria sido fácil. Infelizmente, nada poderia mudar o fato de que foram os **Hebreus** que meu marido foi

enviado para governar. Todo o seu futuro dependia disso.

A primeira ação de Pilatos foi enviar uma pequena tropa de soldados a **Jerusalém** com a ordem de exibir os **Estandartes da Águia Romana** diante de Antônia. Uma coisa tão pequena. **Antonia** era uma guarnição romana. As águias não foram levadas para o templo. Fiquei tão chocada quanto Pilatos com a reação.

Os **judeus ficaram horrorizados** com a intrusão de "**Imagens de Escultura**" em sua cidade sagrada. Em dois dias, mais de cem deles **viajaram a pé** por montanhas e vales para se prostrarem diante de nosso palácio em Cesaréia. Tremendo com o frio do outono, eles balançaram e generaram, rezando para que o governador fosse levado a derrubar as **malditas águias**. Diante dos soldados romanos com as espadas desembainhadas, os suplicantes permaneceram dia após dia. Pilatos assistia do palácio, cada vez mais desconfortável com a presença deles.

"Devo chamar os soldados?" ele me perguntou finalmente.

"**Você não pode matar pessoas por sentar!** Mas estou farto de suas lamentações.

Por que não simplesmente derrubar os estandartes?

Tibério disse a você para '**mantê-los felizes e em paz**'. Certamente ceder a essa peculiaridade não prejudicará Roma. Os judeus ficarão felizes, nós ficaremos em paz.

Faça isso - por mim."

Fiquei satisfeito quando Pilatos obedeceu e fiquei ao lado dele na balaustrada do palácio, dando um suspiro de alívio quando ele deu o sinal. Após **seis dias de protesto** passivo, os suplicantes voltaram para casa, sua missão cumprida.

"Não entendo essas pessoas", disse Pilatos, enquanto observávamos a poeira baixar após a partida da caravana.

"Os judeus pediram a Roma que viesse aqui e resolvesse seus problemas."

- Eu sei, mas isso foi há muito tempo. **Tata** me contou sobre isso quando eu era menina. Seu avô serviu aqui sob o **comando de Pompeu**. Ele morreu tentando resolver suas disputas. Mas - eu hesitei - isso foi há muito tempo.

As pessoas que convidaram Roma estão mortas."

"Seus descendentes deveriam ser gratos. Nós garantimos sua paz. Chega de lutar entre si, uma facção constantemente na garganta de outra. Eles têm seus próprios tribunais, sua própria religião, coletam seus próprios impostos -"

"**Nós os tributamos também**", eu o lembrei.

"Claro. Esse é o **preço de um Governo** estável. Devemos esperar que desistamos dessa esplêndida proteção contra a Pártia? Os judeus terão apenas que viver com Roma. Todo mundo faz isso."

Na Primavera, Pilatos pediu-me para acompanhá-lo a **Jerusalém** em sua primeira viagem de inspeção. Curiosa sobre a **lendária Cidade Santa**, concordei.

A estrada para a antiga capital, **sessenta milhas** a sudeste, era uma bela estrada construída por Legionários, que haviam marcado o caminho com Marcos Romanos.

Em Cesaréia, éramos populares, com multidões aplaudindo por toda parte.

Agora, quanto mais nos afastávamos da costa, mais eu sentia antagonismo.

Nada aberto, apenas **olhares carrancudos**; e uma vez, ao nos aproximarmos dos arredores da cidade, ouvi murmúrios furiosos. Tinha viajado muito com **Germânico** e nunca experimentei nada parecido. O que importava?

Ciente da antiguidade de Jerusalém, eu havia previsto um **Centro Cosmopolita** com uma **Cosmovisão** sofisticada. O que encontrei foi uma guarnição sombria no deserto, cheia de gente tacanha e argumentativa que mal se importava em esconder sua hostilidade.

Apesar disso, a cidade tinha uma **atração mundialmente famosa**. Todos os que já estiveram em **Jerusalém** falavam com **admiração do Templo**. Quando nossa caravana se aproximou da cidadela, a estrutura gigantesca, emoldurada por paredes maciças e pórticos, me deixou sem fôlego. A brancura de sua pedra era tão brilhante que o **Templo** parecia uma montanha coberta de neve. Eu **queria ver o interior**, mas Pilatos foi inflexível.

Ele via Jerusalém como um **terreno fértil para a agitação**.

"**Fique dentro do palácio**", ele ordenou. Quando eu olhei para ele com surpresa - Eu não ouvia aquele tom há algum tempo - sua voz se suavizou.

"Você terá muito o que fazer lá. Deixe a cidade vir até você."

Estabelecer-me na residência que **Herodes** redecorou para nós me manteve ocupada. Era um branco maravilha de mármore com pisos de ágata e lápis-lazúli e chafarizes.

Os tetos abobadados eram **pintados de Ouro** e escarlate, os móveis de prata incrustados com joias. Um pouco exagerado, Pilatos e eu concordamos, mas o que você poderia esperar dos bárbaros?

Essas pessoas eram tão - tão - extravagantes. Felizmente, não teríamos que passar muito tempo em **Jerusalém** e gostei da vista. O palácio na encosta tinha uma vista esplêndida da cidade de um lado e jardins sombreados por árvores do outro.

Certa manhã assisti com Rachel enquanto os prédios de pedra cinza da cidade emergiam lentamente das sombras preto-azuladas da noite. Todo o lado leste da cidade parecia estar envolto em chamas quando os primeiros raios do amanhecer atingiram a **Placa de Ouro Polido** no topo das colunas do santuário. "Você deve admitir que é esplêndido", disse ela enquanto o sol nascente dourava a cúpula do Templo.

"Quando eu morava aqui, quando criança, Herodes ainda estava reconstruindo.

Os exércitos de Pompeu..."

"Esplêndido, de fato", interrompi-a apressadamente, sentindo um **toque de culpa** Romana pela anterior destruição.

"Pilatos disse que foram necessários **mil padres** supervisionando **dez mil** trabalhadores para concluir o trabalho." Rachel apenas deu de ombros.

"**O Templo é tudo em Jerusalém.**"

Tudo, de fato. Com isso resolvido, eu **estava determinada a ver** essa Maravilha por mim mesmo. Sem dizer nada a ninguém, uma tarde saí de fininho e aluguei uma ninhada. Foi uma **longa jornada** descendo uma colina e subindo a seguinte, os carregadores grunhindo o tempo todo. Ao nos aproximarmos do **Monte do Templo**, percebi um odor desagradável e pensei no hospital improvisado de Agripina na Germânia.

Tão terrível, mas isso era pior. Eu nunca tinha cheirado nada parecido. Por fim, a liteira foi colocada no chão. Puxei a cortina e olhei para fora. A fachada do Templo era certamente impressionante - enormes placas brancas de mármore polido e luxuosas placas de ouro que brilhavam ao sol. Mas, oh, o cheiro!

Grandes calhas na lateral do prédio **transbordavam de sangue** e entranhas que escorriam para a rua e morro abaixo.

"**Você vai sair ou não?**" um portador perguntou impaciente. Estávamos na entrada, as pessoas olhavam. Saí, entreguei-lhe uma moeda e corri para dentro das portas maciças.

O Pátio dos Gentios é famoso, claro. Todo mundo fala sobre isso, mas nada poderia ter me preparado para a realidade. Pórticos e colunas de mármore estavam por toda parte, o efeito não apenas elegante, mas imenso. **Mas o barulho!**

O barulho era inacreditável, diferente de tudo que eu já tinha ouvido. Milhares de pés arrastando-se pelo vasto pátio de pedra. Animais, mugindo, arrulhando, balindo, berrando - centenas de criaturas, grandes e pequenas, cordeiros, bois, cabras, galinhas, pombas.

Vozes em uma dúzia de dialetos diferentes contando moedas ou pedindo esmolas, gritos estridentes de cambistas. "Cabras! Cabras! Compre suas cabras aqui!"

"Animais imaculados! Os meus são perfeitos!" "Cordeiros! Cordeiros são os melhores! Puro e dócil!"

"**Sua moeda está limpa?**" um homem perguntou, agarrando meu braço. "Você não pode trazer dinheiro impuro para o Templo. Troque aqui."

"Ele é um ladrão!" outro gritou, abrindo caminho na minha direção.

Feliz por ter me vestido de forma conservadora com uma estola preta de Rachel, puxei-a com força e empurrei para frente. À distância, vi um amplo lance de escadas.

Se eu pudesse superar a confusão - os peregrinos empurrando, empurrando, os braços levantados dos mendigos - eu poderia ganhar alguma perspectiva. Fui empurrada de um lado para outro por cambistas que me importunaram a cada passo do caminho, mas finalmente cheguei à base da escada de mármore.

Soltando um suspiro de alívio, comecei a escalar. Quando parei no meio para descansar, uma **visão surpreendente** encontrou meus olhos. No patamar acima de mim havia uma porta, mas de cada lado dela havia placas em grego, latim e aramaico avisando que a **entrada** além desse ponto era **restrita a judeus**.

Os gentios que tentassem entrar seriam mortos. Bem!

Fiquei aborrecida e desapontada, mas a mensagem foi clara. Eu já tinha arriscado o suficiente. Relutantemente, me virei e estava prestes a descer as escadas quando, de repente, todo o Templo reverberou com o som de trombetas. Olhando para baixo, vi a multidão se afastar enquanto uma procissão de padres cruzava o pátio.

Eles eram um grupo impressionante em suas vestes de brocado cobertas com joias e com bainhas de ouro. Com grande solenidade, eles se aproximaram de um grande altar onde um **bezerro foi amarrado**. A criatura apavorada baliu de forma lamentável.

Impermeável, o **Sumo Sacerdote** ergueu sua faca. Eu vi o sangue correr, ouvi o suspiro dos curiosos que se reuniram para testemunhar a cerimônia. Mais trombetas soaram. Em todos os lugares, as pessoas se prostravam no chão de pedra enquanto pratos de metal batiam contra eles. Não consegui sair rápido o suficiente.

Ninguém perto de mim - ou foi o que pensei.

Olhei Marcella, ocupada construindo sua própria cidadela com blocos de argila enquanto uma escrava vigilante irradiava encorajamento. Pilatos também estava ocupado, fechado com peticionários em seu grande tablino. A tarde passou calmamente.

Quando o sol começou a se pôr, deixei de lado os Menus de Banquete que vinha estudando e fui para o parapeito mais alto do Palácio, como se tornara meu hábito.

Apoiada na grade, observei sombras roxas invadirem a cidade. Como sempre, pensei em Holtan. Onde ele estava? O que ele estava fazendo? Fez ele pensar às vezes em mim?

CAPÍTULO 31 - Caifás

Olhos de arca, cheios de angústia, suplicando-me.

O que eu fiz? O que devo fazer? Uma coroa de espinhos corta sua testa.

Eu corro do **Rosto Snsanguentado**, mergulhando de cabeça em um jardim.

Árvores largas e frondosas oferecem um **Santuário**. Não! Não!

As árvores estão se **transformando em Cruzes**. Eles me cercam, chorando sangue.

O chão da floresta corre com ele. Tento fugir. Cruzes estão por toda parte, muitas delas. Algo me segura, me prende.

Luto para lembrar o que me assustou. **O rosto**. Metade lembrado de outra época. Deitei em um grande sofá com pés de leão e coberturas de seda. Meu sofá. Jogando para um lado e para outro, eu luto, me libertando, apenas para perceber que é Rachel quem me segura. A **pálida luz do Sol** enche a sala, o rosto se foi, as cruzes.

"Estou bem", digo a ela. "É apenas mais um pesadelo." Somente.

Eu suspiro, o mundo mais uma vez como eu o conheço.

"Você poderia estar enfrentando coisas muito piores do que sonhos." Rachel puxou as cobertas emaranhadas. "Você fez uma coisa tola ontem."

"Fui ao **Templo sozinha** porque não queria uma Palestra sobre o que deveria e não deveria fazer", disse, sentando-se.

"**Domina** precisa de uma palestra. A cidade está cheia de facções perigosas, os **Saduceus**, os **Fariseus**, os **Essênios**, os **Zelotes** - a única coisa que eles odeiam mais do que uns aos outros é **Roma**. Suponha que eles tivessem reconhecido você, suponha."

"Sim, vamos falar sobre supor." Pilatos havia entrado na sala enquanto conversávamos e agora estava de pé acima de mim, lívido de raiva.

"Eu proibi você de ir ao Templo."

"Eu **não sou uma criança** para nada ser proibido."

Eu encarei de volta, com raiva como ele. Como eu **odiava** esse lugar!

Rachel se aproximou, parando protetoramente ao meu lado.

"Domina acaba de acordar. Ela teve um sonho terrível. Ela não é ela mesma."

- Não ela mesma, na verdade. Você imaginou que eu **não descobriria** que você deixou o Palácio sem guardas, que foi sozinha ao **Templo** de todos os lugares?

"Isso foi um pecado tão grande? Todo mundo fala sobre o Templo. Eu simplesmente queria ver por mim mesma."

"Mas e se você tivesse sido vista! Eles poderiam tê-la mantido como refém."

Eu sou o **Governador**, pelo bem de Júpiter. Sou eu quem teria que decidir, teria que escolher entre colocar Roma em risco atendendo às suas exigências ou ficar de lado enquanto eles exerciam sua **vingança** sobre você."

A raiva desapareceu dos olhos de Pilatos enquanto ele olhava para mim com meu uniforme torcido.

"Você deve prometer, Claudia." Ele colocou as mãos em meus ombros para que eu o encarasse diretamente. "Nada desse tipo pode **acontecer novamente**."

"A última coisa que quero é causar mais problemas", eu disse suavemente, puxando meu cabelo emaranhado. "Mas sabemos que você sempre escolheria Roma."

"Não me force a escolher", disse ele, a voz grossa. Virando-se rapidamente, ele se foi.

Antes que eu pudesse responder, as trombetas soaram um som alto e claro que flutuou pela cidade de um terraço superior do Templo.

A **faca ritual** de um Sacerdote deve cortar a garganta da primeira **criatura sacrificial** do dia. Eu tremi, lembrando-me dos gritos de animais condenados, o cheiro acre de sangue quente. "Não se preocupe, Raquel, não irei ao Templo de novo. **É uma casa de matança**. A gritaria também é terrível."

Rachel parecia confusa, então riu. **"Oh, os Cambistas!** Todos os judeus devem prestar homenagem ao Templo pelo menos uma vez na vida.

Aqueles que podem, vão com frequência. Os cambistas estão lá para servi-los."

"Foi o que eu percebi. Um exército inteiro está pronto para receber o dinheiro deles. Todas essas disputas não podem levar à oração."

"A negociação fica barulhenta," Rachel admitiu enquanto colocava um robe sobre meus ombros. "Todos que quiserem **Orar no Templo** devem **Sacrificar** um Animal, que só pode ser comprado com **Siclos do Templo**. Alguém precisa trocar o dinheiro."

Eu enruguei meu nariz. "Você não pode escapar do cheiro. A cidade inteira está impregnada."

"Bem... às vezes, quando o **vento sopra** de uma determinada maneira," Rachel concedeu, acrescentando: **"Romanos também Sacrificam Animais."**

"Um animal, para uma **ocasião especial**", concordei, "nada assim."

Todo aquele desperdício, o sangue..."

Por um tempo, ficamos em silêncio no terraço, observando o nascer do sol sobre o Templo. Finalmente, fiz uma pergunta que me incomodou.

"E os andares superiores? As **placas proíbem os Gentios**..."

"As **mulheres também são Proibidas**." "Sério! Não admira que você adore **Ísis**."

"Ísis reverencia os animais. Mas aqui, o Sinédrio - os Sumos Sacerdotes - acreditam que o **Ritual é a Cola que Une** os Judeus como um povo."

"Certamente há **mais na fé do que matar** animal após animal, hora após hora."

As sobrancelhas de Rachel franziram. "Não sou a única Judia que questiona a prática", ela admitiu. "Um **Profeta** clamou contra isso."

Aprendemos suas palavras como crianças: 'Ele te mostrou, **ó homem**, o que é bom e o que o Senhor requer de ti, mas para fazer a justiça, **Amar a Bondade e Andar Humildemente** com o teu Deus.'

Suspirei, pensando em quão longe o Templo e suas centenas de dependentes haviam se afastado desse ideal. Depois de um tempo, Rachel se aventurou:

"Domina deve concordar que **o Templo é lindo?**"

"É muito grande, mas..." Eu parei, não querendo ferir seu **orgulho cívico**.

A **falta de estátuas** parecia uma **excentricidade** estranha, mas eu estava muito mais preocupada com o Saneamento da Cidade. Localizada no alto de uma região montanhosa, longe de qualquer lago ou rio, a cidade inteira dependia da água da chuva contida em cisternas em ruínas. Naquela noite, levei o assunto a Pilatos.

"A **Engenharia Romana** poderia facilmente resolver os **problemas de Água** da Cidade", concordou ele quase ansiosamente.

Não houve mais discussão sobre minha incursão ao Templo. Lamentei pela angústia que causei a ele. Devo fazer melhor.

"**Um Aqueduto beneficiaria a todos**", sugeri.

"Os representantes do Sinédrio virão aqui amanhã. O **Tesouro do Templo** deles tem uma fortuna. Além dos dízimos e ofertas, todo homem no país paga meio siclo por ano. **Eles podem facilmente comprar um aqueduto.**"

Na noite seguinte, reclinado ao meu lado em nosso sofá de jantar, Pilatos descreveu os acontecimentos do dia. Para sua surpresa, o conselho recusou.

"**Nem um siclo**", anunciou o **Sumo Sacerdote**.

Pilatos foi inflexível. Seus **soldados marcharam direto** para o **complexo do Templo** e **confiscaram os fundos necessários**. Virando-se para mim com um sorriso satisfeito, meu marido concluiu: "Se não sou conhecido por mais nada, será por trazer um **suprimento adequado de água** a esta lamentável cidade."

Pilatos fez o seu melhor em todas as coisas. Enquanto permiti que Ele compartilhe meu sofá, ele estava **Ansioso e Apaixonado**, mas **eu não senti nada**. Esses momentos tristes podem resultar em outra criança? Às vezes me pergunto.

Nenhuma resposta foi revelada. Depois de algum tempo, especulei que o nascimento de **Marcella** havia me machucado de alguma forma. Talvez não houvesse outras crianças. Que assim seja. **Marcella foi meu consolo**. Alegre e travessa, a criança, de quase três anos, lembrava-me mais da minha irmã a cada dia que passava. Devo proteger meu bebê com cuidado, pensei muitas vezes, o tempo todo me aquecendo com o brilho de seu entusiasmo infantil.

Às vezes, a vida cotidiana parecia quase suportável e, então, algo invariavelmente me atraía de volta para **Holtan**. Uma carta rara de **Apicata** rasgou meu coração.

Ela o tinha visto no Teatro rodeado por mulheres admiradoras. Pelo menos **Holtan** está vivo, lembrei a mim mesma, mas nada poderia impedir minha saudade.

Lembrei-me com dolorosa clareza de todas as coisas que amava nele: o timbre quente de sua **voz** grave, a estranha cor âmbar de seus **olhos**, a textura de sua **pele** bronzeada pelo sol. Eu **doía de saudade**, mesmo por alguns breves minutos com Holtan.

Quanto a Pilatos, ele estava mudando diante dos meus olhos. O marido que procurava minha companhia com cada vez mais frequência parecia **perplexo e frustrado**, às vezes até assustado. Ele tinha apenas uma pequena presença militar na Judéia - apenas **Cinco Coortes** e um **Regimento de Cavalaria**. Caso ocorra uma **Rebelião** séria, ele terá de apelar ao legado na **Síria** por ajuda. Frequentemente, ele solicitou meu conselho.

Invariavelmente, tudo se resumia a uma pergunta: como ele poderia aplacar os Judeus e ainda manter a **Soberania Romana**?

Como não conhecia a Judéia, meus impulsos foram intuitivos, sempre me levando de volta ao **Sinédrio**.

"**Eles são a chave**", eu disse a ele uma noite enquanto ele estava deitado ao meu lado.

"Eles **controlam o Templo** e o **Templo Governa** a cidade."

"Você não pode dizer mais do que isso?" ele perguntou impaciente.

"A visão não vem sob comando!" Eu respondi, minha voz nervosa como a dele.

Recepções e banquetes encheram minha vida. Esta noite, com um pergaminho de um Novo **Escritor Egípcio**, esperava uma noite tranquila. Então Pilatos me surpreendeu com uma visita. Normalmente ele ia dormir depois; esta noite ele queria conversar.

"Mas você... às vezes sabe das coisas", ele cutucou. "

Tente agora. Tente porque eu quero que você faça."

Sufocando um suspiro, eu me levantei, foquei meus olhos na lâmpada bruxuleante ao meu lado. Respirei fundo, olhei fixamente para a chama. Que direito eu tinha de perguntar qualquer coisa a **Ísis**, quando tinha sido tão negligente em minhas devoções?

No entanto, isso não era para mim... foi **Pilatos** quem procurou orientação.

Nesta cidade desconfortável, ele precisava de toda a ajuda que a deusa pudesse lhe dar. A lâmpada piscou, mas não vi nada. Por favor, por favor, **Ísis**, diga-me algo que possa ajudar, algo que possa **trazer paz** a um **homem problemático** e ao país furioso que ele deve governar. Sondando internamente, esperei até que finalmente as **imagens começaram a aparecer** lentamente. **O que elas quiseram dizer?** Ajude-me, Isis, mostre-me a verdade.

"Há um homem..." eu disse por fim. "**O nome dele é Joseph...**"

"Júpiter!" Pilatos exclamou. "Eles são todos chamados de Joseph!"

Observando-me atentamente, ele pressionou: "**Como ele se parece?**"

"Um **homem grande**, mas com um **rosto estreito... lábios finos**. Não muito mais velho que você, mas ele é **orgulhoso... arrogante**."

Pilatos olhou para mim, quase maravilhado. "Você está descrevendo **Joseph Caifás**. Um homem implacável, eu descobri. Ele se tornou **Sumo Sacerdote** ao se casar com a filha do **ex-Sumo Sacerdote**. Agora seu poder só perde para o meu.

O que você pode me dizer sobre ele?"

Eu encarei a chama. Havia tantas sombras, formas mutantes. O que elas quiseram dizer? Este **Caifás**, o poderoso Sacerdote... "**O Poder é tudo para ele**, mais do que o seu povo, mais até do que o deus a que serve." Como se estivesse de uma grande distância, me ouvi alertando Pilatos. "**Cuidado com ele. Ele tentará usar você.**"

Um pouco além de Caifás, outra forma apareceu. "**Oh!**"

Eu engasguei suavemente. Havia algo tão familiar ... Se eu pudesse vê-lo com mais clareza. Eu me virei para meu marido. "Caifás é um homem mau, **mas há outro...**"

"**Outro inimigo?**" Pilatos se inclinou para frente, segurando minha mão.

"Eu não posso vê-lo, ele está além da minha vista, mas eu sinto que ele não é um inimigo. Existe **bondade - mais que bondade**. Alguém que poderia... mudar o mundo.

Ele não é nada como Caifás... "Um pressentimento agarrou meu coração.

Eu sabia, sem saber, que as formas que mal via tinham um **significado muito além** de nossas vidas. Pilatos e eu não éramos nada nesse grande esquema, mas senti um drama terrível esperando para nos engolfar. Enquanto a **forma oculta** se movia em minha direção, eu vi a **Coroa de Espinhos**.

"Oh, Pilatos, fique longe dele!" Eu implorei. "Você deve evitar aquele homem a qualquer custo. Haverá problemas, problemas terríveis.

Seu bom nome será... misturado com ele de uma maneira horrível. Fique longe dele. Você **não deve se envolver** de forma alguma entre **Caifás** e este **estranho**."

Meu marido assistia ansioso, com medo nos olhos.

"**Quem é este homem que mudaria o mundo?**" Pilatos balançou a cabeça com impaciência. "Ele soa como apenas mais um daqueles **fanáticos maníacos**."

"Eu não sei quem ele é." Eu estava quase chorando. "Então olhe - olhe mais profundamente!"

As visões estavam mudando. Eu me esforcei para dar sentido a elas.

Apesar da noite abafada, um frio aumentou meus braços. Um homem sozinho, orando em um jardim. Espadas. Através. Não! Eu tinha visto o suficiente da morte. Eu me afastei. "Tudo o que sei, Pilatos, é que **uma Terrível Tragédia** está à espreita daquele **Bom homem** e você, de alguma forma, faz parte dela."

"Mas quem é este homem?" Pilatos persistiu.

Lentamente, a visão desvaneceu-se e fiquei apenas com uma vaga impressão.

"Eu... acho **que ele é Galileu.**" Eu estava exausta, toda minha força se foi.

"Eu devia saber! **Eles não passam de problemas.** Mesmo aqui em Jerusalém, onde a **hierarquia do Templo** mantém as pessoas na linha, os **Galileus são rebeldes** - sempre em busca de um **Messias**. Eles questionam tudo, até mesmo seu próprio deus."

Tentei tranquilizá-lo: "Eles não são apenas um simples povo do campo?"

Pilatos balançou a cabeça, carrancudo. "Na verdade, não. Nazaré está na rota de caravanas entre Alexandria e Antioquia. Os galileus ouvem as últimas notícias antes de Jerusalém."

"Mas me disseram que eles são principalmente pescadores."

"Não os imagine como alguns homens em pequenos **Barcos pescando** para o jantar.

A maior parte do **peixe seco** para nosso molho de garum vem da Galiléia.

Eles fornecem grande parte do mundo."

Eu balancei a cabeça distraidamente, mais calma agora, meus pensamentos longe de peixes. Outrora, a preocupação de Pilatos com minhas opiniões teria me tornado a mulher mais feliz do mundo. Agora isso me entristeceu.

A única atenção que eu desejava era a de Holtan, e ele estava muito longe.

CAPÍTULO 32 - Palácio de Herodes

Quando Pilatos anunciou um **Feriado** em **Tiberíades**, estremei.

"Uma cidade que leva o nome do **Homem que mais Odeio** no Mundo!"

"É uma visita oficial, quero você comigo." Sua voz se suavizou," Há algo mais.

Isso vai agradar você e a cidade também. Você tem minha promessa."

Para minha surpresa, ele estava certo. **Judeus devotos** professaram **Temer a Cidade**, pois ela foi **Construída** no local de um **Antigo Cemitério**.

Em parte para superar **sua aversão**, em parte para mostrar ao mundo o que ele poderia fazer, o **herdeiro de Herodes**, o Grande, **Herodes Antipas**, havia criado uma vitrine.

Quando nosso grupo alcançou o novo enclave cintilante construído nas costas da Galiléia, olhei em volta maravilhada. **Tiberíades** era uma cidade de Grande Beleza, com Ruas largas, Fontes salpicadas e Estátuas de Mármore. As calçadas brilhavam.

Eu podia sentir o cheiro cru de pedras de construção recém-cortadas e acima de nós o Céu, ainda não sombreado por copas ou árvores, brilhava de um azul brilhante.

"**Eu nunca vi nada igual!**" Eu disse a Pilatos. "O Banheiro, o Fórum, o Teatro, até mesmo o Mercado - eles são todos muito limpos."

"**Herodes não poupou despesas**", explicou Pilatos. "Ele pode pagar por isso. Ele impõe impostos ao seu povo até o limite."

Pilatos também **não poupou** despesas. Seu presente surpresa para mim foi uma **Esplêndida Villa à Beira-Mar** que me lembrou, como ele sabia, de nossa primeira casa em **Antioquia**. Fiquei maravilhada obedientemente com as paredes com afrescos.

Ninfas, Sátiros, Cupidos brincavam em alegre abandono. Meu marido estava tentando **reconquistar** meu Coração.

"**Você gosta disso?**" ele perguntou, seus olhos nos meus. "As cores-"

"O **Palácio de Júpiter** não poderia ser mais animado ou mais grandioso."

Forçando um sorriso, examinei meus apartamentos. Uma profusão de Rosas, Roxos e Laranjas suaves refletia as Flores desordenadas do lado de fora, suavizando o efeito das altas

câmaras abobadadas. Deveria ser um quarto feliz. **Eu odiei isso.**

"Encantador", murmurei, afastando-me dele para o parapeito. Abaixo de mim havia um Caminho de Mármore Gracioso que serpenteava por gramados em socalcos até a beira da água, onde uma **Barcaça ornamentada** aguardava nosso prazer. lembrou-me.

Pilatos me acompanhou até o parapeito. "Passamos muitas horas felizes em uma barcaça como aquela", ele "Há muito tempo atrás."

"Não muito tempo." Ele pegou minha mão. "A barcaça estará esperando por nós quando eu voltar."

"Você está indo embora?" Tentei não parecer aliviada.

"Sim, devo, mas não por muito tempo. Tenho negócios com Herodes.

Houverá outra demonstração em Jericó, algo deve ser feito com aqueles Zelotes.

Há um - **Barrabás** - que os **incita à insurreição**. **Barrabás** não vai descansar até que o último Romano saia daqui - **homem tolo**. Nós vamos pegá-lo desta vez."

Os sons desvanecidos e Pó do carro de Pilatos ecoou pela estrada, senti um alívio e quase corri da Casa que já começava a parecer uma Prisão. "**Leve-me para o lago**", ordenei ao Mestre de Escravos que esperava ao lado do barco.

"Faça-os remar o mais rápido que puderem."

"Para onde, Domina?" ele perguntou, ajudando-me na nave. O que isso importa?

"Para - para a próxima cidade, qualquer cidade."

"A próxima cidade é **Magdala**, Domina."

Magdala? Essa não era a cidade de Miriam? Como isso acabou para ela?

Eu me perguntei distraidamente.

Ela tinha encontrado o Homem que eu tinha visto na minha visão?

Talvez eles estivessem juntos agora. Talvez eu pudesse encontrá-los.

Em poucos instantes, a **Barcaça** estava a caminho. Deitei-me em almofadas de seda, ouvindo os movimentos rítmicos dos remos. Meus olhos passaram inquietos de uma villa luxuosa para outra.

Rodeado por montanhas azuis como safiras, o **Lago** possuía uma **Beleza Burpreendente**. Pensei em Holtan enquanto a linha de vilas à beira do **Lago** dava lugar a olivais, rebanhos de ovelhas e vinhedos exuberantes. Embora já tivesse se passado mais de um ano desde a última vez que o vi, as memórias permaneceram vivas como sempre.

Ele sorria repetidas vezes enquanto o garoto **Gladiador Triunfante** estendia a mão para que eu lesse no **Banquete de Apicata** e espirrava ao meu lado em sua piscina.

Ele **nunca saiu dos meus pensamentos**, não importa o quanto eu tentei esquecer.

O **desejo era tão grande** que às vezes eu desejava morrer. Por quanto tempo mais eu poderia **Viver com um Homem e Amar outro?**

Perdido em pensamentos, mal percebi a mudança da paisagem. Barracos isolados e em ruínas agora pontilhavam a costa e um fedor enchia o ar. À medida que os arredores da cidade tomavam forma lentamente, o odor se tornava mais penetrante. "**O que é este lugar?**" Eu perguntei ao meu administrador.

"**Magdala, Domina.**"

"Ugh!" Exclamei franzindo o nariz. "Por que cheira tão mal?"

"**Plataformas de Secagem de Peixes**, Domina. O pescado é trazido de todo o lago para **secar e salgar.**"

Acenando distraidamente, peguei minha bolsa e extraí um pequeno frasco de perfume.

A excursão teve azedou.

Que sentido havia em prosseguir, que sentido havia em qualquer coisa?

"**Vire-se. Voltaremos a Tibério,**" eu disse, segurando o frasco no meu nariz.

Enquanto os escravos traziam lentamente a barcaça, meu olhar viajou ao longo do cais onde as redes dos pescadores estavam espalhadas, uma massa úmida de cordas e barbante. Muitos dos pescadores haviam tirado suas túnicas encharcadas, o cheiro de seu

corpo competindo com as plataformas próximas, onde peixes esfolados secavam ao sol.

Um pouco além, **notei a Figura Esguia** de uma **Mulher Sozinha** perto de uma fileira de ânforas enormes esperando o transporte. Curiosa, olhei de novo para o cabelo longo e sedoso, brilhante como **cobre ao sol**. Poderia ser?

"Pare!" Eu ordenei meus homens. "Leve-me para a costa."

Quando a barcaça alcançou a água rasa, um escravo ergueu **minha amiga** através das pequenas ondas e para dentro do Barco. Abracei **Miriam** ansiosamente e a segurei com o braço estendido. - Eu esperava encontrar você aqui, mas devo dizer que **Magdala** me surpreendeu. Miriam encolheu os ombros.

"Não é tão ruim, uma vez que você está acostumada a isso."

"**Acostumada a isso!**" Olhei para as plataformas de secagem de peixes.

"Se **Garum** vier disso, nunca mais vou olhar para Caldeirada de Peixe."

"Sim," Miriam assentiu vagamente. Ela parecia estranhamente **subjugada**, não tão animada quanto eu esperava pelo encontro surpresa. Parada ao meu lado na grade, ela parecia **mais magra** do que eu me lembrava. "

Antigamente, as pessoas enriqueciam pescando e processando peixes aqui. Esta é a casa dos meus pais." Ela apontou para uma **Grande Villa** dominando a Colina acima da cidade. "**Muito grande.**"

"Era grande. O pátio tem alguns dos mais belos mosaicos que já vi em qualquer lugar - embora você possa não se importar com o assunto. Peixes, pescadores, Barcos - um Santuário para o negócio que fez a **Fortuna da Família.**"

"Por que você diz que foi - **foi ótimo?**"

"**Herodes Antipas** leva **um terço de tudo** - Uvas, Cevada, Azeitonas, Gado e, claro, Produtos Secos, Peixes - isso depois dos **10 por cento** do Templo. Todos os dias ouço falar de alguém que perdeu uma fazenda ou empresa familiar.

Os **Cobreadores de Impostos** os **confiscam** quando os proprietários não podem pagar. Tudo o que meus pais deixaram é uma **Villa** em **Ruínas.**"

Os **impostos de Herodes**, os **impostos do Templo** e, finalmente, os **impostos de Roma**. O que eu poderia dizer? Mudando de assunto, arrisquei: "Deve ser maravilhoso estar com sua família novamente."

Miriam me olhou interrogativamente. "Achei que minha história fosse conhecida de todos." Quando eu balancei minha cabeça, ela baixou os olhos.

"Diga-me o quanto você quiser", eu disse, gesticulando para ela se sentar ao meu lado sob o roxo da marquise.

"Anos atrás, minha Família **arranjou um Casamento** para mim", explicou Miriam em uma voz firme e controlada.

"Eles ficaram satisfeitos; o povo do **meu prometido** era Rico e Importante.

Eu também estava feliz; **ele era jovem e bonito**. Eu me considerava uma pessoa afortunada até que a **Caravana Nupcial** que me levava a **Jerusalém** foi atacada por bandidos. Seu **Líder** me espancou e me forçou. Foi a última coisa que meus irmãos viram..."

Miriam respirou fundo, estremecendo. "Os bandidos estavam discutindo sobre **quem seria o próximo** a mim quando uma **Tropa de Soldados Romanos** apareceu.

Eles mataram a maioria dos Bandidos e expulsaram o resto.

Teodósio Sabino, seu centurião, se ofereceu para me enviar a Jerusalém com uma guarda armada, mas meu pai não queria saber disso. **Um casamento era impensável.**

Meus pais se afastaram de mim. Eu os havia desgraçado."

Coloquei meus braços em volta de Miriam.

"Que **terrivelmente injusto**. O que você fez?"

Miriam se virou, olhando para o lago. "Não havia nada que eu pudesse fazer. Ninguém falou por mim. O **Centurião** sinalizou para um de seus homens me colocar em uma carroça e partimos. **Fiquei apavorada**. Nunca tinha estado a mais de um quilômetro de casa.

Horas mais tarde, alguém me levantou.

Fiquei de pé, machucada e sangrando, na soleira da **villa de Teodósio** em Cesaréia. Para onde quer que eu olhasse, via Afrescos - Ninfas, Sátiros.

As pessoas realmente faziam essas coisas?

O Romano esperava que eu as fizesse? Estremeci quando ele se aproximou de mim, mas quando ele ergueu a mão foi apenas para examinar meu ferimento na cabeça que sangrava. Um aceno de cabeça de **Teodósio** e duas escravas me levaram a um belo quarto com vista para o Mar. Era meu, disseram. Elas trouxeram comida, banhou-me, vestiu-me para dormir e saíram."

O dossel roxo balançava preguiçosamente com a brisa enquanto flutuávamos rio abaixo. Encantado, observei Miriam enquanto sua história se desenrolava.

"Todas as noites eu ficava deitada, tremendo, esperando que **Teodósio** chamasse por mim. **Os Romanos eram brutos** - todo mundo dizia isso. Pensei em me lançar ao mar, mas **faltou Coragem**. Então, uma noite, **Teodósio** me chamou ao **triclínio**. era um lugar agradável - afrescos brilhantes retratando ninfas do mar brincando, a quarta parede aberta para o mar. Borrifos brancos espirraram nas rochas abaixo de nós enquanto os **músicos** tocavam. Teodósio explicou que tinha estado fora na semana passada.

Falando agradavelmente, como se eu se **fosse uma hóspede** em sua casa, em vez de uma prisioneira, ele **se desculpou** por ter me negligenciado. O quarto estava do meu agrado, como estava a comida?

Ele **não me pediu** para dividir seu sofá, mas gesticulou para o adjacente.

"Enquanto festejamos, Teodósio fez perguntas sobre minha vida em Magdala.

Fiquei muito triste com a perda de meu futuro marido? Confessei que o tinha visto apenas uma vez à distância.

'**Ah, um Casamento Arranjado.**' Ele sorriu com um pouco de tristeza. Depois de um momento, explicou que **ele e sua esposa** haviam permitido que sua filha mais velha escolhesse seu próprio marido. 'Amigos desaconselharam', disse ele, 'Agora me pergunto se eles poderiam estar certos.'

"Teodósio falava frequentemente de sua esposa e filhos em Roma. Ao final da noite eu não o temia mais. O **negócio** entre um homem e uma mulher não era desagradável. Teodósio achava que eu tinha talento para isso. Ele se considerava um homem de sorte, mas agora percebo que **tive sorte**.

Agradar um homem em seu **Divã era fácil**, mas Teodósio também queria uma companhia. Ele me ensinou em **Grego e Latim**, me apresentou à **filosofia** e à **literatura**. Na época de seu turno de trabalho acabou, **Teodósio** tinha gostado de mim. **Voltei com ele para Roma**. Havia problemas com sua esposa - inevitáveis, eu suponho - mas muitos estavam ansiosos para tomar seu lugar como meu 'protetor'."

"Talvez", arrisquei, "você está melhor..." "Sempre pensei assim."

"Mas agora," eu disse, olhando para as **Colinas de Magdala**, "você se reconciliou com seus pais. Como você deve estar feliz."

Miriam balançou a cabeça. "Você não entende **nossos costumes**. Porque **Bandidos me Arruinaram**, meus pais sentaram-se com **cinzas** sobre suas **cabeças** por três dias como se eu estivesse morta."

"Mas isso foi há muito tempo. Certamente agora..."

Ela sorriu ironicamente. "Agora deveria ter sido perfeito. **Rufus**, meu último protetor, **morreu** há dois meses de uma febre. Ele não deixou família. Sua herança foi para mim - tudo **devidamente Registrado** com as Vestais." Miriam suspirou com cansaço.

"**Voltei para Magdala** cheia de alegria, pensando em tudo que eu poderia fazer agora por meus pais. Enquanto eu subia a Colina, imaginei que poderíamos voltar a ser como éramos - uma **Família Amorosa e Feliz**."

Seus grandes olhos se encheram de lágrimas. - A única escrava que sobrou, minha **velha babá**, nem mesmo me permitiu entrar no átrio.

Bati até que finalmente um rosto apareceu na janela superior. **Era minha mãe...** minha mãe... ela... Miriam parou de soluçar. "**Ela deu ordens.** Eu podia ouvi-la.

'Se aquela Prostituta aparecer aqui de novo, Apedreje-a.'

Mais uma vez, coloquei meus braços em volta de Miriam e acariciei suas costas.

"Minha querida, minha querida, **o que posso dizer?**"

"Não há nada que alguém possa dizer." Ela se afastou, enxugando os olhos e olhou para mim. "Claudia, eu gostei e admirei muitos homens, mas não amei nenhum.

Na **Vila dos Mistérios**, você **Profetizou** que eu encontraria meu **Verdadeiro Amor** aqui na Galiléia. Em vez disso, encontrei apenas o desespero.

Meus pais **prefeririam** que eu **tivesse morrido** em o deserto que viver a única vida aberta para mim. As pessoas em Magdala que me elogiavam e acariciavam quando criança agora me vêm com desprezo. Eu deveria **retornar a Roma**, pegar os fios da minha vida.

Todos os dias eu acho que vou fazer os preparativos, mas às vezes estou exausta demais para até mesmo me levantar do meu sofá. É como se um **demônio** se sentasse em meu peito."

Eu balancei a cabeça, reconhecendo sua **depressão**. "Nem um diabo - pelo menos sete. Quando **perdi** meu primeiro filho e depois quando minha irmã foi **executada**, eu também fiquei dia após dia no meu sofá. Era como se eu vivesse sempre no crepúsculo. As pessoas falavam comigo, mas eu mal os ouvia, não queria ouvi-los."

"Sim, é assim que é." Ela assentiu. "Este é o primeiro dia que me aventuro a sair da pousada. Uma escrava tinha que fazer tudo por mim. Eu **mal conseguia** calçar as sandálias. Andar até o mar foi tão difícil que tive que parar várias vezes. Parecia tão longe."

"Isso resolve tudo!" Exclamei "Você está voltando para Tiberíades comigo. Meus homens vão pegar suas coisas. Você deve ficar em nossa Villa."

Miriam sorriu fracamente. "Eu não seria uma boa companhia."

"Não estou convidando 'companhia'", disse eu, dando-lhe um pequeno abraço.

"Pela primeira vez você não precisa agradar a ninguém. Durma, leia, deite no terraço sob o guarda-sol. **Ninguém vai incomodá-la**. Quando você estiver pronta, eu estarei lá. Podemos explorar **Tibério** juntas. É uma **cidade linda**."

"Isso parece muito agradável ..." Miriam pensou por um momento, depois balançou a cabeça. "Talvez mais tarde. Há alguém que devo ver primeiro."

"Quem pode ser?" Eu perguntei.

"Um **Homem Santo**, muitos dizem um **Profeta**." "Isso não soa como você."

"**Este homem é diferente**. Aonde quer que eu vá, as pessoas falam dele, alguns até acreditam que ele **seja o Messias**. Certamente um **Místico** que curou Loucos - Lunáticos Delirantes - pode levantar a **escuridão terrível** que cerca minha alma. A velha vida agora parece sem sentido. O que devo fazer comigo mesmo?"

Miriam olhou para mim, seus grandes olhos verdes orlados de vermelho.

"**Vá para o seu Homem Sagrado**", eu me surpreendi ao dizer. Por improvável que parecesse, sua **Peregrinação** parecia certa para mim.

"Venha para Tiberíades depois. Quem sabe, **se Ele te ajudar**, talvez eu mesma irei até ele. Eu faria qualquer coisa para **me livrar dos sonhos horríveis** que me atormentam. Eles pioram a cada noite que passa."

Pensei muitas vezes em Miriam nos meses que se passaram, preocupei-me com Ela. Então veio uma distração que eu nunca poderia ter imaginado. Tudo começou com um convite. **Herodes Antipas** estava comemorando seu **Aniversário** com um banquete.

Eu tinha conhecido o **Extravagante Rei Fantoche** brevemente em Cesaréia e estava curiosa para ver seu **novo palácio** na Galiléia, mais curiosa para conhecer sua esposa. **Contos de Herodias** chegaram até mesmo a Roma.

No Palácio de Herodes eu estava surpreendida por descobrir, era maior que o de Tiberíades. Cada quarto possuía uma qualidade própria violenta, quase selvagem.

Nenhum ser humano teve a chance de se sentir importante entre as peles de animais selvagens, cortinas carmesim, tetos espelhados e fontes ondulantes. Chitas de estimação vagavam à vontade, deixando-me particularmente inquieta, mas vi que **Herodes e sua Rainha** se deliciavam com a beleza rude e turbulenta que os rodeava.

Herodes era um homem grande com ombros enormes e uma espessa barba negra, untada e encaracolada. Seu rosto moreno com bigodes crespos era uma máscara obsequiosa. Ele beijou minha mão não uma, mas **três vezes**. Eu não gosto dele "Tínhamos medo de que você nunca deixasse Cesaréia", disse sua **Rainha**, tirando minha mão dele e apertando-a contra seus seios grandes.

"**A Capital é Grande**, é claro, mas precisamos da sua beleza na Galiléia."

"Você é muito gentil", murmurei. Eu estudei **Herodias**. Seus olhos surpreendentemente **azuis e lábios carnudos** e voluptuosos poderiam facilmente virar a cabeça de um homem. Eu podia ver por que Herodes havia arriscado tanto para tê-la.

"Não podemos dividir um sofá de jantar - só nós dois?" ela sugeriu.

"Pelo menos durante parte do banquete. Deixe os homens falarem suas conversas chatas em seu próprio sofá ao lado de nós. Eu quero ouvir sobre você."

Mas foi **Herodias** quem falou. Ignorando os cerca de **cem outros convidados**, ignorando a Procissão de Dançarinos, Cantores, Encantadores de Serpentes e Comedores de Fogo que se apresentavam diante de nós, ela tagarelava sem parar.

Felizmente, a **voz profunda e gutural** da Rainha era agradável de ouvir. Ela tinha opiniões vivas sobre tudo: a Corte Romana, a Moda, a Educação dos filhos - mais particularmente sua própria filha mais velha, **Salomé**.

"É difícil acreditar que você tem uma filha pronta para se casar", eu disse quando **Herodias** finalmente parou para um gole de vinho.

"Ah, sim, você vai vê-la mais tarde. **Salomé vai dançar** esta noite como um **Presente Especial** para ela padrasto."

"**Você e Herodes têm filhos?**"

"Não." Herodias fez beicinho. "Os fanáticos judeus dizem que é uma punição por nosso 'pecado'. Eles são **tão estreitos** mente, **tão injusto**. Não é nada para eles que Herodes tenha se divorciado de sua esposa. Um homem pode fazer isso a qualquer hora que quiser, mas quando **me divorciei** de meu marido, **meio-irmão de Herodes** - um **homem miserável**, nada parecido com Herodes - eles me chamaram de **Jezabel**. Isto é Justo?"

"Não, não é," eu concordei. "**Mas o seu marido também não é seu tio?**"

Herodias suspirou impaciente. "Suponho que seja um **pouco convencional**, mas somos a Família Governante. Certamente temos o direito de fazer o que quisermos."

"A maioria dos governantes tem," eu concordei.

"Estou tão feliz que você entende. Quem se importa com uma **velha lei escrita** há centenas de anos! Nós vivemos no presente. Ninguém mais se importaria se não fosse por aquele desgraçado agitador."

"Quem é que queres dizer?"

"Certamente você já ouviu falar de **João Batista?**"

"**Não**, eu não tenho," eu disse, balançando minha cabeça.

"Ele é uma **criatura selvagem** vinda do deserto com cabelo sujo e despenteado, mas as pessoas se aglomeram nele. Eles deixam seus Barcos, seus Vinhedos, suas Ovelhas - tudo. Como meu marido pode Governar um país como aquele? prendê-lo, mas seus conselheiros temiam uma revolta. '**João é um bom homem**', dizem eles.

'Ele não representa uma **ameaça Real**.' Então lá está ele, dia após dia, **banhando pessoas** no meio de um deserto que meu marido espera colonizar."

"Certamente isso é apenas **uma Fantasia**. As pessoas são tão rápidas em seguir qualquer coisa nova; banhar pessoas é certamente uma **novidade**, mas antes que você perceba, elas partirão para outra coisa."

"Isso é o que **Herodes** disse por um tempo - ele é tão tolerante. Mas então esse **João** terrível começou a falar sobre mim. Sobre mim!"

Os olhos de **Herodias brilharam** quando ela pousou a taça de vinho com um baque. "Herodes tem sido extremamente tolerante, mas não posso permitir que meu bom nome seja manchado dessa maneira. Certamente você pode entender?"

Senti o início de um arrepio de aviso. "**O que você fez?**"

"**João está agora aqui na masmorra do palácio**, aguardando julgamento. Herodes está pensando em um **açóite seguido de exílio**, mas isso é muito brando. Eu gostaria de afogá-lo em sua própria banheira."

Novamente o frio. Minha mão tremia levemente quando peguei a taça de vinho que um menino de pele clara me ofereceu, com as bochechas pintadas e o andar trêmulo. Nesse momento, os Malabaristas que nos entretinham saltaram. Por um instante, as tochas diminuiram. Os tambores tocaram e então os músicos começaram a tocar uma música que eu não tinha ouvido antes.

"Ah, minha filha, **Salomé**." Herodias apontou com orgulho.

Luzes brilharam quando uma **jovem mulher**, sinuosa e perfeita, apareceu.

A **semelhança** com Herodias era **inconfundível**. Enquanto a dançarina núbil girava diante de nós, seu **traje diáfano** chamejava como as pétalas de uma flor exótica. Mergulhando e balançando ao ritmo voluptuoso, Salomé se aproximou.

Então, no momento em que Herodes, que estava deitado com Pilatos no sofá ao lado do nosso, se inclinou para frente para puxar as dobras transparentes de seu vestido, ela se afastou graciosamente, provocando-o.

O ritmo diminuiu enquanto o **corpo de Salomé ondulava**, seus pés mal se moviam, em uma **Dança de Amor**, um **Poema Voluptuoso de Aventura Amorosa** retratado quase inteiramente por seu torso, braços e mãos. Senti os olhos de Pilatos em mim, me virei e li sua expressão com facilidade. **Ele vai me querer** esta noite, pensei, e desviei o olhar.

Esses tempos não podiam ser evitados, mas como eu os temia.

Logo era impossível pensar em qualquer coisa além dos **movimentos eróticos** diante de mim. Era a **velha história de namoro**, conquista e fertilidade. Ansiava por Holtan quando meu próprio corpo começou a tremer. Minhas bochechas ficaram quentes, minha pulsação latejava com a música, uma batida lamentosa e sensual que indicava o **Amor Eterno** de uma mulher por seu homem.

Lentamente, muito lentamente, Salomé deixou cair um dos véus vermelhos que a cobriam. Enquanto a plateia engasgava, outro véu caiu no chão e depois outro e mais outro. O **kithara** acelerou, grandes golpes radicais enchendo a sala com rajadas de som latejantes. Címbalos reluzentes se chocaram enquanto os bateristas adicionavam seu ritmo estrondoso ao repentino som.

Eu olhei para Pilatos; curiosamente, seus olhos ainda estavam em mim. Encontrando meu olhar, ele ergueu o copo e sorriu. Ele tinha visto minha paixão? Ele imaginou que era para ele? Eu me afastei. Convidados bêbados batiam nas mesas ao lado de seus sofás enquanto a **dança** chegava ao **clímax**. Salomé largou seu último véu e dançou diante deles vestida apenas com um pequeno cinto de ouro mantido no lugar por delicadas correntes amarradas em seus quadris.

"O cinto! O cinto!" homens gritavam, cada vez mais insistentemente. Cordas e flautas cantavam um Ritmo Sensual contra os tambores latejantes.

Faíscas de luz brilharam com a luz das tochas quando **Herodes** acenou para ela.

"Tudo o que você pedir, **Salomé**, eu darei a você, mesmo **Metade do meu Reino**."

Pilatos e eu trocamos olhares rápidos. Herodes **não tinha Reino** para dar sem o consentimento de Roma. Salomé foi para o sofá compartilhado por Herodias e eu.

"**O que devo pedir, mãe?**"

Herodias sussurrou algumas palavras que não consegui entender. A garota engasgou. Por um instante, o **rosto de Salomé ficou pálido** enquanto ela olhava para a mãe. Herodias

sussurrou algo mais. Um sorriso se espalhou pelos lábios carnudos de Salomé.

Suas mãos percorreram seus quadris e saíram carregando o cinto frágil em seus dedos. Ela parou por um instante, depois jogou a bugiganga dourada para Herodes.

A sala ficou em silêncio quando a dançarina foi até o sofá de Herodes e caiu graciosamente de joelhos diante dele. Os cabelos grossos de Salomé caíam em cascata sobre seus ombros, escuros e brilhantes como a asa de um corvo contra a palidez delicada de sua pele. Ela lentamente levantou a cabeça para encontrar os olhos ansiosos de seu padraço.

"**Uma coisa e apenas uma coisa**", disse ela em uma voz suave e rouca, muito parecida com a de sua mãe. "Dê-me a **cabeça de João**, aquele que eles chamam de Batizador. Traga-a para mim aqui. Traga-a para mim agora em uma bandeja de prata."

CAPÍTULO 33 - Serva de Astoreth

Pensamentos de **Miriam** me **assombravam**. Ela havia **encontrado** seu Homem Sagrado? Ele foi capaz de **curá-la**? Onde ela **estava** agora?

Com o passar das semanas, minha preocupação aumentou, voltei para **Magdala**, esperando no Barco enquanto meus escravos iam de porta em porta perguntando por ela. Eles voltaram de mãos vazias. Os habitantes da cidade **alegaram nem conhecer** Miriam.

Não querendo me contentar com isso, eu saí.

Escolhendo meu Caminho por cima das cabeças e caudas dos peixes descartados, me aproximei de um Grupo de Homens que estavam sentados consertando suas Redes no cais. Embora eles não pudessem ou não quisessem me dizer nada sobre Miriam, vi a **raiva e o desprezo** em seus rostos ao ouvirem o nome dela.

Eles teriam me apedrejado, se tivessem ousado. Bem, porque não?

Eu também não **era uma Adúltera**?

Voltei para Casa com o Coração Apertado. Rachel, desceu para encontrar minha Barcaça, ouvi gravemente enquanto eu contava a ela sobre Miriam.

"Os caminhos da **Galiléia** e da **Judéia são difíceis**", ela concordou.

"São **Leis Masculinas** feitas para Governar as Mulheres."

"**Homens cruéis e vingativos**", concordei quando entramos na villa.

"Se pudesse ir para um **Iseneum**. Eu quero tanto conversar com uma **Sacerdotisa**."

"Tiberíades **não tem Iseneum**, mas há um **Templo** com **Sacerdotisas** que entenderiam a **Domina Miriam** muito bem. Talvez eles possam até ajudar. "

"**Sacerdotisas**?" Eu ecoei incrédula. "Uma deusa é adorada aqui!"

Tudo nesta terra é tão - **tão masculino**, tão implacável."

Rachel gesticulou para que eu abaixasse minha voz. "**Anna**, a nova empregada de cozinha **Síria**, me contou sobre um **Templo** para uma deusa muito antiga.

Muitos ainda a adoram. Vou levá-la ao santuário dela amanhã ...

Acho melhor que **Dominus** não saiba." Ela gesticulou em direção ao triclínio.

"Ele está esperando por você agora."

Entrei no quantor e Pilatos estava reclinado em um sofá, sobrancelhas franzidas em uma **carranca profunda** enquanto ele estudava o **pergaminho** diante dele.

"**Mais problemas**?" Eu perguntei, me sentando ao seu lado.

Ele pegou a taça de vinho na mesa incrustada de marfim ao lado dele.

"Os **tempos são incertos**. **Barrabás** e seus sicários estão escondidos nas colinas."

"**Os homens da adaga!**" Eu engasguei, pensando nas **armas** que eles carregavam, **pequenas e curvas** para caber facilmente na mão. A faca tinha dado aos assassinos um nome e também uma reputação. "**Eu pensei que você tinha prendido Barrabás**."

"Nós o pegamos uma vez, mas ele fugiu. Não vai acontecer de novo."

Pilatos deu um tapinha no meu ombro de forma tranquilizadora.

"Vou vê-lo crucificado, mesmo que seja a última coisa que eu faça. Enquanto isso, ficaremos aqui até as coisas se acalmarem."

"Houve mais manifestações?"

As sobranceiras de Pilatos se juntaram novamente em uma carranca pesada.

"O povo está **zangado** com a maneira **como Herodes** lidou com aquele **Zelote**."

"Eu acho que sim!" Eu algum dia esqueceria a **Cabeça Decepada** com seus grandes olhos fixos congelados de horror, o sangue fresco acumulando na bandeja de prata?

"Dizem que João Batista era um Bom Homem."

Pilatos concordou. "Ele era radical, mas **não representava nenhuma ameaça**, apenas mais um daqueles **Aspirantes a Messias** que aparecem do nada para agitar os judeus, deixar seus **Sacerdotes nervosos** e aumentar meu fardo. Houve tantos, é difícil observar."

Ele riu sem alegria. "Ouvi dizer que este era um **Orador Impetuoso** com uma inclinação para **molhar as pessoas na água** antes de convertê-las ao seu próprio estilo de judaísmo."

"Isso dificilmente Justifica uma Pena de Morte."

"Herodes estava fraco, permitindo que aquelas mulheres o manipulassem."

Pilatos franziu a testa. - **Eu também aconselhei**. A última coisa de que precisamos aqui é uma vítima sacrificial - mas tente convencê-lo disso.

Herodes é mais uma criança do que um representante de Roma.

"Falando em crianças-" Chamei sua atenção para uma **Marcella** de olhos arregalados parada na entrada. Não se falava mais em cabeças decepadas.

Na manhã seguinte, Rachel e EU partimos na Liteira. Quando chegamos ao Centro da Cidade, ela puxou as cortinas e olhou para um lado e para o outro, procurando. Mais uma vez, fiquei impressionada com a **adorável cidade de Tiberíades**, com suas Estátuas Imponentes e encantadores Ninfãos públicos. Ao dobrarmos uma esquina, uma Grande Estátua do **Imperador** surgiu acima de nós.

Eu estremei apesar de mim mesma. **Homem maligno!**

"Vamos sair daqui e deixar a ninhada," Rachel sugeriu.

"Você é muito misterioso", protestei, sinalizando para os carregadores pararem.

"**Anna** disse que o **Templo** ficava abaixo da Colina do **Monumento de Tibério**", disse Rachel, uma vez que recebemos ajuda da Liteira.

Vagamos por uma rua sinuosa, viramos uma esquina e diante de nós estava um prédio vermelho com colunas douradas. "**De quem é este templo?**" Eu queria saber.

Rachel apenas sorriu secretamente e liderou o caminho até os degraus de mármore.

Entramos, passando pelo saguão escuro iluminado apenas por uma chama de óleo perfumada. A câmara além me tirou o fôlego. Lá, em meio a centenas de velas acesas, havia afrescos nas paredes, pisos de mosaico e dezenas de estátuas, todas representando uma estranha deusa que eu não tinha visto antes.

"**Quem é?**" Eu perguntei, olhando para Rachel com surpresa.

"**Astoreth**. Embora não seja Ísis, ela é de Ísis.

Astoreth é a Divina Mulher, a Portadora da Dertilidade."

Meus olhos percorreram a sala brilhantemente iluminada.

"**Astoreth**", repeti, gostando do som da palavra. Os **lombos de Astoreth** eram largos, a **essência da Fecundidade**. Seus **seios** eram abundantes, seus **quadril** redondos.

Pensei nos Sacerdotes de Lábios Finos de **Yahweh**, lembrei-me dos homens no cais em **Magdala** que se recusaram até a falar de Miriam.

"Dificilmente parece possível que tal - uma **deusa robusta** pudesse existir aqui."

"Sacerdotes e Profetas **tentaram** durante séculos **banir Astoreth**, mas ela é muito forte para eles. **Até Salomão construiu um templo para ela.** "

"Mas isso deve ter sido há centenas de anos", lembrei Rachel.

Ela encolheu os ombros.

"**Este templo é novo.** Em uma terra de Fazendeiros e Pastores, a Fertilidade é tudo."

"Eu acho que é mais do que isso." Uma vaga memória puxou meu cérebro, algo que **Miriam** havia dito há muito tempo... **É seu prazer dar prazer.**

"Os homens não adoraram Astoreth fazendo - fazendo amor?"

Eles não pagaram por esse amor?"

"Sim." Rachel concordou. "As **Sacerdotisas de Astoreth** são **Prostitutas Sagradas.**"

"**São prostitutas!** Ainda fazem isso?" Eu perguntei incrédula.

"Sim, sim, embora **Prostituição Difícilmente** seja a palavra que eu escolheria", interrompeu uma suave voz feminina. Eu me virei com o Som.

"Nós que servimos **Astoreth** o fazemos com nossos corpos. Nosso caminho não é menos Divino por ser Físico."

Uma Mulher com um **Vestido Azul** entrou silenciosamente e agora estava ao meu lado de frente para o altar. Embora seus cabelos longos e ondulados fossem brancos, seu corpo - que eu podia ver claramente sob um vestido transparente - era firme e bem formado.

"Eu sou **Eva, Alta Sacerdotisa** do **Templo de Astoreth.** Em que posso ajudá-la?"

"**Certamente** são os homens que são ajudados aqui."

Eva sorriu. "Você **ficaria surpresa.** As mulheres também oram e fazem oferendas." Ela acenou com a cabeça na direção de dois **Grandes Altares Laterais** cobertos com bolos redondos. "Estes foram trazidos apenas hoje por suplicantes que **buscam as Bênçãos** de Astoreth. Muitos desejam ganhar ou manter **Amantes.** Outros desejam **Conceber.**"

Estudei a Sacerdotisa com Curiosidade, tentando adivinhar sua idade.

Os olhos inteligentes iluminaram-se com humor ao devolver meu olhar.

A **pele da Sacerdotisa era lisa,** bem cuidada, mas a luz brilhante da lamparina revelava linhas finas ao redor de seus olhos e boca - linhas de sorriso. Pensei por um momento da Saudade em minha Mãe.

"Eu **sirvo à deusa por vinte e cinco anos**", disse ela, como se respondesse à minha tácita questão.

"**Para você, parece uma Vida Boa.**"

"**Uma Vida Muito Boa**", ela concordou, endireitando um Buquê de Malmequeres no altar. "**Serviço ao deusa pode durar um ano ou toda a vida.** Isso depende de nós.

Alguns optam por ter filhos e criá-los aqui no templo. **Muitas sacerdotisas são filhas de sacerdotisas.**"

Fiquei profundamente chocada. Suas palavras eram contrárias a tudo o que eu havia observado na **Judéia** e na **Galiléia.** Com exceção de **Herodíades** - que dificilmente poderia ser contada - a **vida das mulheres** parecia altamente **circunscrita** pela tradição - tradições que os homens haviam estabelecido há muito tempo e ainda reforçavam severamente. "Mas", argumentei, "**Yahweh** - seus sacerdotes - eles não podem aceitar -"

"Uma Mulher **fazendo suas próprias escolhas** e gostando delas?"

Não, isso raramente é popular entre os homens - mesmo aqueles que não são Padres."

"**Domina.**" Rachel parecia preocupada. Ela estava puxando suavemente meu braço.

"**Dominus não vai gostar...**"

Eva e Eu trocamos olhares, ambas rindo. "Certamente ele não faria", eu concordei.

"**Por que você veio até nós?**" a Sacerdotisa perguntou.

"Por acaso. **Eu sou uma seguidora de Ísis.**"

"**Ah, Isis,**" Eva concordou. "A **grande deusa acima de tudo.** No final, ela é a única."

A Sacerdotisa me **Estudou em Silêncio** por um momento antes de falar novamente.

"**O acaso não existe.** Durante sua longa jornada em busca de **Osíris**, **Ísis** era uma prostituta. Ela a enviou para nós agora por um motivo. Eu sinto que você está preocupada."

"**Sim,**" eu admiti.

"Há alguém - **uma amiga** - que já falava tanto quanto você. Ela é uma seguidora de **Ísis** que vive em um **mundo cruel**, não em um Templo.

Miriam foi punida - terrivelmente punida - por nada mais do que aceitar o caminho que foi imposto a ela. Agora ela desapareceu e estou com medo por ela.

Minha escrava, "eu acenei para Rachel," me trouxe aqui. Ela sabia que você iria entender. **Há alguma coisa...?** "

A Sacerdotisa estava ouvindo, balançando a cabeça atentamente. Agora ela jogou alguns **grãos de incenso** no grande braseiro de cobre diante da deusa.

"**Venha**", disse ela, segurando minha mão e a de Rachel, puxando-nos em sua direção. "**Vamos nos ajoelhar. Vamos Orar juntas.**"

Nós rodamos pela **Casa da Meniana**, Estou sentindo a **presença de Miriam** perto de mim. Ela estava segura e feliz. Eu sabia. Não foi nenhuma surpresa encontrá-la em casa sentada no meu átrio. Ela **era a velha Miriam** também, um sorriso confiante pairando sobre seus lábios carnudos, o Fogo Esmeralda de volta em seus olhos.

"**Astoreth** deve ser uma deusa poderosa," eu disse, tirando meu manto e sentando para pegar suas mãos nas minhas. "**Uma pequena Oração e aqui está você.**"

"Por que não? Astoreth sempre me serviu bem. Ela é o **aspecto de Ísis** que eu mais adoro."

Eu ri levemente de sua **falsa seriedade**. "De alguma forma eu sabia disso!"

O brilho estava de volta nos **olhos de Miriam**. Eu gostei disso, mas algo mais sobre ela me intrigou. Miriam havia mudado de alguma forma. O que era isto?

Seu **cabelo** estava novamente penteado elegantemente, grandes **pérolas** visíveis entre os cachos, mas seu **vestido** - embora cortado com perfeição e do mais fino linho - era simples. Simples e branco. "**Você parece um pouco com uma Vestal**", eu disse finalmente.

Miriam inclinou a cabeça para trás e riu, o som gutural baixo de que me lembrava.

"**Uma vestal!** Muito pelo contrário", disse ela por fim. "Eu **sou muito do mundo** como sempre, mas agora **algo Maravilhoso aconteceu. Meu Mundo Mudou.**

Em breve, o mundo inteiro estará mudando. É isso que vim dizer a vocês.

Eu O conheci - o Homem que você previu para mim em sua Visão."

"Para algumas mulheres, tudo o que precisam para consertar as coisas em suas vidas é um homem, mas eu nunca teria pensado isso de você."

Estudei Miriam mais de perto. Ela brilhava bastante. Nunca a tinha visto mais bonita.

"Devo admitir, você parece uma pessoa diferente." Miriam sorriu feliz.

"**Eu sou uma pessoa Diferente. Eu encontrei o Messias e Ele me Curou.**"

Foi como se uma **lasca de gelo** perfurasse meu coração.

"Miriam, Miriam. O último **Messias** que encontrei foi uma Cabeça numa Bandeja."

Seu rosto empalideceu. "Você quer dizer **João Batista**. Ele era o **Santo Homem** de quem falei, aquele que eu procurava. **Eu o segui** até o **rio Jordão**, esperando que ele me curasse, mas quando cheguei ao **acampamento de João** ele não estava mais lá.

Herodes e os homens o levaram embora. **Uma grande tragédia** ", disse ela, balançando a cabeça tristemente. "Alguns o **confundiram** com o **Messias**", ela continuou a explicar, "mas eles **estavam errados. João** foi um **Grande Profeta enviado para preparar o Caminho** para o **Verdadeiro Filho de Yahweh.**"

"**Estou com Medo por você**", eu disse, inclinando-me para a frente, minha voz baixa. Alguém pode estar ouvindo. Quem sabia hoje em dia?

"Todos neste país **Amam a Ideia** de um **Messias**, mas ninguém quer ser confrontado pela realidade. Os **sacerdotes** em **Jerusalém** são **ricos e poderosos**. A última coisa que

eles tolerarão é um Desafio à sua Autoridade."

"Estou muito feliz para discutir sobre qualquer coisa. O **Messias** me mostrou um **Plano Divino**, eu sei disso em meu coração." Miriam sorriu, recostando-se nas almofadas. "Já falei por muito tempo - conte-me sobre você. A última vez que nos encontramos, eu estava tão **cheia** de minhas próprias **aflições** que nem perguntei.

Você gosta da Galiléia? Você é feliz aqui?"

"Feliz?" Eu repeti, levantando-me do sofá e olhando para o lago.

"O que é Felicidade? Eu pensei que já sabia.

Eu costumava pensar, se **Pilatos fosse fiel - então** eu seria **Feliz**.

Que tolíce isso tudo parece agora. Pilatos mudou no ano passado. Duvido que tenha qualquer outra mulher. Incrível, não é?" Eu suspirei, me forçando a continuar.

- **Sou eu a Adúltera**. Fico deitada em sua Cama lembrando o beijo de outro homem.

Às vezes, à noite, até finjo que Pilatos...

Miriam se levantou e foi até a varanda ao meu lado.

Relutantemente, me virei para encontrar seus olhos.

"Tenho vergonha de sentir tanto a **falta de Holtan**. Às vezes, sinto que mesmo algumas horas com ele **valem** qualquer **Risco**, qualquer **Sacrifício**."

"Você vai encontrar o seu caminho, eu sei disso", Miriam me assegurou, apertando minhas mãos nas dela. "Nesse ínterim, vim **convidá-la** para um **Casamento - O Meu**."

CAPÍTULO 34 - O Casamento

Pilatos gostava cada vez mais da **Galiléia**. Ele foi atraído para o norte, para as montanhas escarpadas, uma área desolada habitada principalmente por panteras, leopardos e ursos. Os **Cortesãos de Herodes** freqüentemente caçavam lá. Às vezes, meu marido pegava um pequeno contingente de Oficiais e ia com eles. Eu sabia que **Ísis** estava sorrindo quando Pilatos anunciou outra excursão semelhante, pois ela resolvia o problema que estava em minha mente.

Temi por **Miriam**, tão vulnerável em sua alegria. Embora eu fosse impotente para alterar o caminho que ela escolheu, devo pelo menos estar no casamento do meu amigo.

No entanto, como a esposa de **Pilatos** poderia comparecer ao **Casamento** de uma **ex-prostituta** e um **Messias** auto-nomeado?

Os **Messias** e a **polêmica** que eles causaram em uma terra contenciosa se tornaram a ruína da existência de Pilatos e a origem de Miriam foi um constrangimento social para a senhora do governador. Mas com Pilatos longe... uma camponesa pode ir... duas camponesas... claro!

Meu plano era simples. Rachel e eu viajamos a cavalo para o leste até **Séforis** com um pequeno contingente de guardas. Quando chegamos à hospedaria - um evento palaciano com uma equipe obsequiosa que me recebeu como se eu fosse a própria Livia - surpreendi minha Guarda de Honra com um feriado. "Quero explorar **Séforis** à vontade", expliquei. "Volte para **Tiberíades** e volte para nós amanhã."

Os soldados me olharam enquanto seu **líder** protestava: "Dominus nunca permitiria ..."

"Você se **atreve** a conhecer a mente do governador!" Suavizando o tom, expliquei:

"Um dos **feiticeiros de Herodes** prometeu me mostrar uma erva rara para aliviar as dores de cabeça do meu marido. O feiticeiro é um homem ciumento. Ele recusará se imaginar que você o está espionando. Saia agora", eu ordenou, "e sem olhar para trás!"

Rachel balançou a cabeça enquanto os homens partiam. "Que contadora de histórias você é! **Javé** deveria bater em você morto."

"Tenho certeza que ele faria", concordei, "se eu acreditasse nele."

"Dominus não pode ser dispensado tão facilmente", ela me lembrou. "O risco, a própria ocasião - tudo sobre isso está errado. Ele ficará furioso quando descobrir. "

"**Se ele descobrir.** Com a bênção de **Ísis**, ele não vai." Suspirei impacientemente.

Por semanas fui **uma boa esposa**, indo apenas para onde Pilatos queria que eu fosse, vendo apenas as pessoas que ele queria que eu visse. Miriam era minha amiga, eu a amava e queria apoiar sua decisão - concordando ou não com ela. Além disso, algo me disse que eu deveria ir para **Caná**, que eu deveria ir.

Eu dei de ombros, decidida. "Mesmo que Pilatos descubra, o que ele pode fazer?"

Mandar embora uma memória?

Depressa, vamos trocar de roupa. "

Nos vestimos com simplicidade. Eu usava uma túnica de algodão cinza com um manto listrado de azul e branco. Minha única joia, bem escondida, era o **sistro de ouro** que a **Sacerdotisa de Ísis** me deu há muito tempo. Evitando a Carruagem que nos foi oferecida pelo estalajadeiro, montamos em burros. "Ninguém nunca vai nos reconhecer," assegurei a Rachel. O burro que eu tinha escolhido esfregou o nariz no meu ombro.

Uma besta tão gentil, muito longe dos cavalos espirituosos que eu normalmente montava. Eu acariciei suas orelhas.

Séforis era uma cidade movimentada. Após a morte de **Herodes, o Grande**, foi um ponto de encontro para os **Zelotes** que buscavam derrubar Roma e os herodianos.

A retaliação foi rápida. As tropas romanas da Síria varreram a Galiléia expulsando dissidentes e queimando **Séforis**. Alguns anos depois, **Herodes Antipas** reconstruiu a cidade como capital administrativa. Parecia muito próspera - e **muito romana**.

No **ninfano público**, a água jorrou dos mamilos de **Vênus**. Acima da entrada do banheiro público havia uma estátua nua de **Apolo**. Imagens gêmeas de um **Dioniso** bêbado flanqueavam as escadas do teatro. "Os **judeus** devem odiar isso", comentei com Rachel enquanto nossos burros se arrastavam atrás de carroças e carruagens.

"Eles têm mais com que se preocupar do que **Obras de Arte**", ela respondeu.

"Os espiões de Herodes estão por toda parte, garantindo que ninguém se esquive de seus impostos."

Na entrada para Canã, um passeio de manhã para o norte, passamos pequenas Aldeias, Fazendeiros e Pastores morando em casas de pedra construídas em grupos.

As casas, rodeadas por uma colcha de retalhos inevitável de pequenos pastos e campos, pareciam estar ali desde sempre.

Perto de **Caná**, ouvimos tambores e flautas. Enquanto seguíamos o clamor alegre pela pequena cidade, a ressonância da **Música** e das risadas nos conduziu colina acima, passando por um vinhedo cuidadosamente cultivado.

No topo, rodeado por um olival, encontramos uma **villa** atraente, maior do que qualquer habitação que tínhamos visto desde **Séforis**. Rachel e eu seguimos um pequeno grupo pelo portão principal para um grande pátio. Por alguma razão, imaginei o **Messias** de Miriam como um camponês pobre. Aparentemente, não foi esse o caso.

As plantações coloridas, as fontes salpicadas e os caminhos em mosaico intrincados indicavam uma família rica.

Apesar de nossas roupas simples, os servos correram para nos ajudar a desmontar. Enquanto nossos burros eram conduzidos para serem regados e alimentados, eu olhei curiosamente ao redor. Os **Casamentos atraem as Mulheres** como **mariposas** para uma chama, ou assim sempre me pareceu. Elas riem, riem, correm aqui e ali, olhos brilhantes alertas para sua própria vantagem. Esta ocasião foi uma exceção marcante.

Convidados de boca fechada fofocavam nos cantos, seus olhos críticos, alguns até maliciosos. "O **rei e a prostituta**, que par!" uma jovem riu alto o suficiente para ser ouvida.

"Que idiota por escolhê-la quando poderia ter alguém."

Os outros riram entre si, endireitaram as rosas brilhantes em seus cabelos e foram para outros grupos. O próprio ar parecia carregado de ressentimento.

Uma mulher vestida de maneira sombria veio em nossa direção, movendo-se com uma elegância silenciosa. "**Bem-vindo à casa do meu irmão**", disse ela, sua voz estranhamente sem tom.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Rachel deu um passo à frente e nos apresentou. "Eu sou Rachel. Esta é o minha irmã, Sarah. "

"**Eu sou Maria, a mãe do noivo**", respondeu a mulher, estendendo as mãos para cada uma de nós. "**Maria?**" Eu repeti. No ano anterior, adquiri um conhecimento prático do aramaico. Eu entendi suas palavras bem o suficiente, mas se maravilharam com a maneira reservada. **Maria era alta**. Pensei em um salgueiro esguio movendo-se com a brisa. Obviamente ela era uma **Dama**, dona de uma **bela Casa**.

"Você conhece meu filho?" ela perguntou.

"Ainda não tivemos esse prazer", expliquei. "**Somos amigas de Miriam.**"

"Mesmo?" Maria parecia surpresa. Talvez ela se perguntasse o que duas camponesas estariam fazendo ali. Eu encarei de volta. Ela era uma **mulher bonita** com **cabelos escuros** começando a ficar grisalhos; mas olhando mais de perto, vi que seus **grandes olhos castanhos** estavam vermelhos e inchados. Não era um bom presságio para a noiva.

"Estou **ansiosa** para ver Miriam", disse eu. "Onde ela está?"

Maria acenou com a cabeça para uma jovem carregando uma jarra de vinho.

"Deixe isso sobre a mesa e leve nossos novos convidados para a noiva."

A criada nos conduziu para dentro da **villa**, passando por sofás confortáveis, mesas e baús **primorosamente entalhados**. Vislumbrei paredes e estátuas com afrescos - sem semelhanças de deuses ou humanos, com certeza, mas animais em grande quantidade.

Nada disso era o que eu esperava. Que tipo de **Messias** viveu aqui?

Encontrei Miriam chorando baixinho em um cubículo do andar de cima.

Inclinada sobre ela estava uma **mulher pequena e loira** que enrijeceu ao nos ver. Miriam pulou do sofá onde estava deitada e correu para me abraçar.

"Oh, **Claudia**, você veio! Que bom da sua parte. Eu sei o risco que você correu..."

"**Ísis me protege**," assegurei a ela, sorrindo, esperando que fosse verdade.

"Diga-me, querida, **qual é o problema?**" Eu perguntei, abraçando-a com força.

"Porque voce esta chorando?"

"Não há ninguém da minha família presente e nenhum dos meus amigos de Roma sonharia em vir. **Pensei que este seria o Dia mais Feliz da minha vida**, mas todos me odeiam. Você já viu tantos rostos tristes?"

"Vamos fazer algo sobre o seu", eu disse, levando Miriam até uma cadeira incrustada de marfim diante de um grande espelho.

"Sua futura sogra não parece particularmente feliz", eu tive que concordar, acariciando os emaranhados de seu cabelo.

Miriam sorriu ironicamente. "**Todo Rabino deve ter uma esposa.**"

Maria orou por **quinze anos** para que seu filho se casasse. Agora que ele me escolheu, ela acredita que o mais alto pregou uma piada muito ruim com ela.

É tudo um erro terrível, ela diz. Seu filho merece uma esposa melhor do que eu.

Maria diz que um **ser Deslumbrante apareceu a Ela** antes mesmo de meu noivo ser concebido. Ele a chamou de '**Abençoada entre as mulheres**' e disse que ela havia sido escolhida para **ter o filho de Javé.**"

"Sério! Eu me pergunto o que o marido dela pensou sobre isso?"

O que sua noiva disse?" "Que ninguém nunca vai entender de qualquer maneira e não se preocupar com isso."

"Quando Maria te conhecer melhor..." Aventurei-me esperançosa, pegando uma bacia

d'água. Os olhos de Miriam devem ser lavados. Eu sinalizei para Rachel.

"**Isso é o que Jesus diz.**"

"**Jesus**", repeti a palavra. "Então esse é o nome dele.

Até agora você o chamou apenas de 'o **Mestre**'. Quando eu era muito jovem, era obcecada por meu marido. Eu o adorava, mas mesmo então nunca o teria chamado de 'mestre'."

A loira que atendia Miriam se virou, me estudando de perto.

"Mas o governador não é Jesus", afirmou ela com naturalidade.

"Você conhece meu marido?" Eu perguntei curiosamente.

"Quem é você? Já nos conhecemos?"

"Eu sou **Joanna**, esposa de **Cusa**, mordomo do rei Herodes. Nós nos encontramos brevemente uma vez.

Você e seu marido estavam no Banquete... aquele **Banquete horrível**."

Esse banquete horrível. "Sim, claro, eu me lembro de você agora", eu disse, mas não me lembrei. O **dia da morte** de João Batizador foi um borrão feio.

Eu havia bloqueado tudo que podia. Agora, para ser reconhecida, principalmente por alguém ligado a Herodes! Foi má sorte.

Forçando um sorriso, dei um passo à frente para pegar a **mão de Joanna**.

Rachel se moveu entre nós. "É melhor que a identidade de Domina permaneça em segredo. Ela veio aqui sem o conhecimento do marido."

"Compreendo." Joanna acenou com a cabeça. "Meu marido também não sabe que estou aqui. Ele é homem de Herodes por completo. **Cusa** teria feito qualquer coisa para me impedir de seguir o messias."

"**Quem é este Jesus?**" Eu me perguntei em voz alta.

"**O rei dos judeus**", Miriam respondeu, um sorriso orgulhoso pairando sobre seus lábios. - **O rei! Herodes Antipas é rei.**

"Herodes Antipas é um **usurpador!**" Joanna interrompeu.

"Seu pai, **Herodes, o Grande**, nem mesmo era judeu. Ele era um **edomita convertido**. Os romanos ignoraram os legítimos governantes de Israel em favor de um rei fantoche que eles mesmos escolheram."

"Isso é verdade?" Perguntei a Miriam.

"**Todo mundo sabe disso**", ela me assegurou.

"É Jesus quem é o **Cristo**, o ungido. Ele é descendente da **linhagem real de Davi** por parte de pai e da **Ordem Sacerdotal de Arão** por parte de sua mãe.

Judéia, Galiléia, Samaria - todas as terras de Israel - são seus por direito, mas ele não se importa com isso. Ele diz que os **filhos de Yahweh** são iguais, sem divisão entre homem e mulher, dominus ou escrava. **O verdadeiro reino de Jesus é no céu.** "

"**Pilatos** ficará aliviado ao ouvir isso!" Eu não sabia se ria ou chorava.

"Você percebe como isso é sério?" Peguei as mãos de Miriam nas minhas.

"Um **líder religioso** pode ser tolerado, mas um **político - nunca!**

Você imagina por um minuto que **Pilatos** - aquela Roma - permitiria a remoção de seu Governante Nomeado?"

"Claudia, Claudia, acalme-se." Os braços de Miriam me envolveram suavemente. "Não é o que você pensar. **Jesus** foi enviado a este mundo para **salvar as almas** dos homens. Ele veio para cumprir uma profecia sem **nenhum desejo de governar** nossos corpos. Ele quer apenas que amemos uns aos outros. Ele mesmo é tão **cheio de amor** que desperta o amor em mim - em todos que o conhecem. Não há ninguém como ele."

As lágrimas sumiram. Miriam era sua **velha autoconfiança** enquanto sorria para mim. "Estarei ao lado de Jesus, seu amado companheiro, e" - ela fez uma pausa, sorrindo - "meu dinheiro irá promover seu ministério".

Olhei para Miriam com espanto.

"Por que isso deveria te surpreender?" ela perguntou.

Um suave ar de orgulho iluminando seu rosto, ela confidenciou: "É uma sorte que meu **dote seja grande**, pois precisaremos dele. Mais e mais seguidores vêm todos os dias. Eles deixam seus pais, suas esposas e até mesmo seus maridos para trás- **como fez Joanna**. Eles querem apenas sentar-se **aos pés de Jesus**, seguir seus passos. Alguém deve cuidar para que eles sejam alimentados e vestidos. "

"Mas", arrisquei, olhando ao redor da sala bem equipada, "parece que a família de Jesus é bastante bem de vida. "

"**Cleofas** é um tio apaixonado, mas não um seguidor. Na verdade, seus gostos são bastante romanos - talvez você ter notado. **Jesus** apenas ri das diferenças familiares.

É difícil, ele admite, **ser Profeta na própria Terra**. "

"Ele não tem dinheiro próprio?"

"O pai de Jesus **era** um construtor. Ele e seus trabalhadores reconstruíram metade de **Séforis**, mas há muito tempo Jesus deu sua parte para sua mãe e seus irmãos. Eu gostaria que Jesus pudesse se contentar com o que deve ter sido uma vida muito boa, mas isso é não o seu caminho. Jesus diz: 'Não se preocupe com o amanhã', mas alguém deve. Esse alguém serei eu."

Abracei Miriam rapidamente para que ela não visse as lágrimas que ardiam em meus olhos enquanto eu imaginava a **dor no coração** que a esperava. "As bênçãos de **Ísis** no caminho que você escolheu," eu sussurrei.

Saí correndo da sala e deixei Rachel e Joanna preparando a noiva para seus votos.

Uma vez lá embaixo, notei Maria, que vagava apática de convidado em convidado, sua atitude mais apropriada para **um funeral** do que para um **Casamento**.

Algumas mulheres até colocaram os braços em volta dela, consolando-a abertamente. Pobre Miriam.

Do outro lado do pátio, um grupo de homens em túnicas brancas simples estava sentado com um homem que presumi ser **o Noivo**. Eles brincaram, deram tapinhas nas costas dele, a tradicional provocação masculina de um homem no dia de seu casamento.

O noivo riu com vontade, os dentes surpreendentemente brancos contra o rosto bronzeado. Talvez sentindo meu olhar, ele se levantou, separando-se dos outros, e se aproximou de mim. **O noivo era alto**, com longas e belas mãos que estendeu em saudação.

Sorrindo para mim, ele disse: "Mais uma vez, eu digo a você, a verdade não pode ser escondida por um simples vestido." Intrigada, estudei o rosto diante de mim. Olhos escuros e intensos... olhos que pareciam... olhar para minha alma.

"**Foi no Egito!**" Eu exclamei. "Nós nos encontramos no **Iseneum**. Você me disse seu nome então, mas eu tinha esquecido. **Miriam é Jesus!**"

Quão familiar ele parecia, como **se eu** o conhecesse toda a minha vida.

Por que não o reconheci? Então eu percebi: "Você não tinha barba naquela época."

"Eu era um menino... ainda procurando." "**E agora?**"

Um sorriso iluminou o rosto de **Jesus** quando ele assentiu.

"Eu descobri **meu abba** no céu. Ele sempre esteve lá, mas por um tempo eu não o conheci."

"**Seu abba?**" Eu perguntei. "O que significa abba?"

"É muito parecido com a sua palavra '**tata**'."

Olhei para Jesus surpresa: "Você se sente tão próximo de **Yahweh** que ele é como seu próprio pai?"

"Sim." Ele assentiu. "Um pai muito amoroso." Ele sorriu tranquilizador. "Meu próprio povo não o conhece.

Cabe a mim mostrar-lhes o **caminho** de volta."

Antes que Jesus pudesse dizer mais alguma coisa, Maria apareceu ao nosso lado, puxou-o pela manga e advertiu: "**Há chega de vinho!** "

Jesus encolheu os ombros. "O que isso tem a ver comigo?"

Obviamente, ele não queria ser interrompido. Talvez houvesse mais que ele quisesse me dizer, mas Maria não desistiu. "Tem tudo a ver com você!" ela disse.

"Este casamento é sua escolha. Estes são seus convidados."

Quando Jesus apenas sorriu, Maria acenou para um grupo de servos.

"Façam tudo o que meu filho mandar", ela os instruiu.

Eles olharam interrogativamente para Jesus, que apontou para **seis grandes jarros** de pedra apoiados em uma parede oposta. **"Encha cada um deles até a borda com água."**

Observei incrédula enquanto os homens perplexos seguiram suas instruções.

Jesus agradeceu aos servos com um sorriso agradável e pediu-lhes que tirassem água das jarras e a levassem a seu **tio Cleofas**. Mandíbula de Maria desistiu.

Que tipo de piada foi essa?

Voltando-se para mim, Jesus pegou minha mão. **"Você vai me ver de novo"**, disse ele antes de sair para se juntar a seus amigos. Os modos de **Jesus** eram gentis, mas havia algo perturbador nele. Pensei em nosso primeiro encontro, mais de **dez anos** antes... um **jovem sábio, gentil**, mas confiante, procurando seu lugar neste mundo... ou além dele.

Mas havia algo mais, algo mais. Era como se eu possuísse outra memória, algo feio, assustador, que não conseguia lembrar.

"Então você conhece meu filho." Maria ainda estava por perto, seu olhar agora fixo em mim. "Não realmente. Foi apenas um **encontro casual** há muito tempo."

Os olhos melancólicos de Maria contemplaram os convidados reunidos.

"Um encontro," ela repetiu suavemente. "Isso é tudo que essas pessoas são para mim - exceto por alguns parentes que tiveram pena da minha vergonha - meu velho tio, irmãos e irmãs de Jesus. Aqueles outros..." Ela olhou tristemente para os companheiros de mesa de Jesus. **"Discípulos', ele os chama**. Não é de admirar que tenhamos ficado sem vinho. Quem sabe de onde eles vêm! Alguns são **pescadores** analfabetos, na verdade meninos, com quase a metade de sua idade. Outro é um **coletor** de impostos. Um coletor de impostos, veja bem, na casa do meu irmão!

Jesus insiste que ele seja bem recebido como qualquer outro convidado. As mulheres também começaram a seguir Jesus. Os rabinos não dirigem seus Sermões às Mulheres! Estamos sentados separadamente atrás de uma cortina. Agora Jesus convida a todos - homens e mulheres - para se sentar diante dele." Ela olhou desconfiada para mim. "Suponho que você seja novo."

Balancei minha cabeça enfaticamente, pensando mais uma vez no **trágico destino** do Batizador. - Garanto que não sou uma discípula. Vim apenas para ficar com minha amiga Miriam. Acredite, eu a roubaria daqui se pudesse.

"Então estamos de acordo em uma coisa. Na noite passada ele me disse que essa tal de Miriam um dia se sentará à sua direita na casa de Yahweh. Você já ouviu tal blasfêmia! É tudo terrivelmente errado. Uma mulher como aquela **não deveria** ser sua Rainha."

Lágrimas correram pelo rosto pálido de Maria. Instintivamente me movi para protegê-la de vista. Pegando a mão de Maria, levei-a até o banco de pedra onde eu estava sentada.

"As mães costumam ficar tristes quando seus filhos se casam", eu a lembrei.

"Não, não, você não entende. Você não pode entender. Há muito tempo eu tive uma visão. Foi-me revelado que Jesus nasceu para cumprir uma profecia. Seu destino é maravilhoso, mas também terrível. Nenhuma mãe deveria sentir tanta tristeza, suportar tanta perda." Maria escondeu o rosto nas mãos.

Eu coloquei meus braços em volta dela, acariciando suas costas até que ela ficou quieta. Por fim, Maria se desvencilhou, tirou um pano de linho da bolsa em sua cintura e enxugou as lágrimas. **"Você tem filhos?"** ela me surpreendeu perguntando.

"Sim, uma. Uma garotinha."

"Isso é bom", disse ela. "Prometa-me que vai aproveitar cada momento com ela.

O tempo é tão curto." Ela ficou sentada em silêncio por um tempo, aparentemente

perdida em pensamentos. Quando Maria voltou seu olhar para mim novamente, sua expressão era de desculpas. "Você deve me considerar uma **péssima anfitriã**, desabafando com você, uma estranha."

"Às vezes acho mais fácil falar com estranhos. Seus segredos estão seguros comigo."

"Sim." Maria olhou nos meus olhos. "Eu sei disso."

Ficamos em silêncio por um tempo e então Maria falou.

"Você já pensou isso..." ela hesitou e começou de novo.

"Você acha que é possível que as visões sejam falsas, que coisas ruins não aconteçam?"

"Muitas vezes eu esperava isso."

Quando Maria nada disse, eu finalmente arrisquei: "Você aprenderá a amar Miriam. Ela é uma mulher maravilhosa, **sábria, gentil e cheia de humor**."

Maria balançou a cabeça em desacordo. "Certamente você deve ter ouvido que a família dela a expulsou."

"Existe alguma família que não tenha um escândalo escondido em algum lugar?"

Para minha surpresa, o rosto de Maria ficou branco. "O que você quer dizer?"

O que você ouviu? Somos uma boa família! Não fiz nada de errado! As pessoas não entendem..."

Só então as flautas e os tambores soaram. Miriam saiu da casa. Ela usava um vestido de linho puro, cor de creme rico, primorosamente decorado, mas simples. Seu único adorno é uma **coroa de flores brancas** entrelaçadas com folhas de oliveira. A multidão reunida se voltou para ela, suas expressões curiosas, avaliadoras, muitas vezes abertamente hostis.

Aparentemente alheia, Miriam avançou, balançando graciosamente ao se aproximar de um **dossel arqueado** nos fundos do pátio. Jesus foi levado a seu lado por seus companheiros. Alguns dos homens não pareciam muito mais felizes do que Maria.

Eu me perguntei se eles não teriam um pouco de ciúme do amor de Jesus por Miriam.

Pensei com saudade em Holtan, lembrei-me da adoração de Marcella e Quintus, de Mãe e Tata. Ao meu lado, Mary lutou para controlar as lágrimas.

Fiz sinal para um servo que passava trazer água. Em seu lugar, um cavalheiro corpulento e bem vestido se aproximou, apresentando-se a mim como irmão de Maria.

"**Eu sou Cleofas**", disse ele, colocando uma grande jarra na mesa ao nosso lado.

Com o rosto vermelho pelo esforço, mas sorrindo, ele encheu nossas xícaras da jarra.

Para minha surpresa, não era água, mas um rico vinho tinto.

Aceitei a xícara com curiosidade. "Eu pensei que você estava **sem vinho**."

"**Prove**", respondeu ele, sorrindo ainda mais amplamente. "Todo mundo que eu conheço serve seu melhor vinho primeiro e depois traz as coisas pobres, mas nosso Jesus guardou o vinho bom até agora."

Miriam e Jesus ficaram juntos sob um dossel de seda, bebericando das xícaras que lhes haviam sido oferecidas. Quando as flautas começaram, Miriam circulou Jesus em uma dança lenta e entrelaçada - uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete vezes.

"A noiva os une, criando um círculo familiar", Maria me explicou. "Esse empate não pode ser quebrado", acrescentou ela tristemente.

A música sumiu quando Miriam deu um passo à frente. Dirigindo-se ao grupo reunido, ela falou baixinho, mas todos podiam ouvir: "Eu sou o primeiro e o último Eu sou o honrado e o desprezado, eu sou a puta e o santo..."

O grupo reunido engasgou. Que tipo de voto de casamento foi esse?

Eu duvidava que algum deles tivesse ouvido as **palavras sagradas de Ísis**, mas quão perfeitamente elas se encaixavam no momento. Um arrepio percorreu meu corpo.

Uma união terrena de **Ísis e Yahweh**.

"Você é minha amada, você é minha noiva", Jesus respondeu, puxando Miriam para

si e beijando-a completamente nos lábios.

Um homem deu um passo à frente, de barba negra com cachos dianteiros escuros como as vestes que vestia. Ajoelhando-se ante a eles, ele colocou um copo de barro para beber no chão. Jesus beijou Miriam mais uma vez, então amassou a xícara lentamente sob seu calcanhar.

"**O que isso significa?**" Perguntei a Rachel, que agora estava parada ao meu lado.

Maria respondeu. "É um lembrete da **fragilidade da vida**, um lembrete de que existe tristeza mesmo em tempos de alegria."

A música recomeçou, bateria, flauta, alaúde e sistra. As pessoas ficaram indecisas, olhando umas para as outras. "Está feito, ele fez sua escolha. Ela é sua noiva", disse Maria suavemente. "Nada pode mudar o que agora deve acontecer."

Sentado ao lado de Maria, vi Jesus voltar seu olhar para ela. Um longo olhar passou entre eles. Como **filho e mãe** eram próximos, mesmo em suas diferenças.

Por fim, Maria assentiu em silêncio. Ela se levantou, inesperadamente pegando minha mão e me puxando em direção ao dossel, gesticulando para que outros a seguissem.

Um por um, grupo por grupo, eles o fizeram. Em todos os lugares, convidados e servos se apertavam as mãos, dançando agora, circundando o casal de noivos, cantando uma canção animada e vigorosa que eu não conhecia, mas cantarolava alegremente.

Todos, até Maria - especialmente Maria - pareciam possuir um **sentimento de amor e esperança**, uma alegria de saber que éramos um neste momento. Dançamos em círculos, tudo uma névoa gloriosa, rico e cintilante como o vinho do casamento milagroso.

A adorável Miriam, o vestido espiralando em torno dela, Jesus ao seu lado, forte e bonito. Rachel e Joanna, olhos brilhantes e ansiosos, discípulos cantando vigorosamente, mulheres ciumentas sorrindo agora, rostos suaves e gentis.

Eu girei e girei até que tudo fosse um borrão. Em seu centro apenas o rosto de Jesus, olhos escuros e maravilhosos, seus lábios sorrindo, sorrindo, sorrindo. Não!

Naquele instante, o **rosto de Jesus mudou**, tudo mudou. Fechei os olhos, lutei para segurar a imagem de um **Jovem Deliz** usando uma Coroa de Flores, mas agora a **Coroa** havia **se transformado** em **Espinhas**.

CAPÍTULO 35 - Escolhas

Pilatos voltou de sua viagem de caça em um clima festivo. Ele matou um grande Urso, que logo seria um tapete para mim. Pobre criatura. Mais significativamente, ele parou no **palácio de Herodes** no caminho de volta e encontrou **Barrabás** definhando na masmorra. Mais uma vez ele foi capturado. **Pilatos** ficou maravilhado.

O tipo mais feroz de zelote, um **Sicarri**, **Barrabás** matou não apenas Soldados Romanos, mas também Judeus que ele considerava simpatizantes de Roma, pessoas que, em sua opinião, haviam se afastado muito dos costumes tradicionais. Ele era um **homem selvagem**, herói para alguns, **terrorista** para outros. Eu me lembrei do Urso.

Naquele noite, enquanto me preparava para dormir, meu marido veio por trás de mim, envolvendo os braços em volta da minha cintura.

"Você está com saudades de mim?" ele perguntou.

"**Claro**," murmurei, rezando para que isso não fosse uma pista para perguntas sobre minhas atividades em sua ausência.

Felizmente, ele tinha outra coisa em mente.

"Eu ouvi uma **história estranha no Herodes** hoje", disse ele, tirando as sandálias.

"Não me diga que outra pessoa foi decapitada?"

"Mais bizarro do que isso", disse ele, puxando-me para baixo no sofá ao lado dele.

- **Cusa**, o mordomo, perdeu a esposa. Ela fugiu para seguir um daqueles **Messias**.

Joanna é o nome dela, lembra-se dela?

Uma mulher loira atraente, um pouco rechonchuda. Pilatos fez uma pausa, a cabeça inclinada para o lado, sorrindo ironicamente.

"Alguns meses vivendo da terra devem cuidar disso."

Lembrei-me de **Joanna** como a vira pela última vez, dançando alegremente no pátio. Talvez eu estivesse olhando para o nada, pois Pilatos segurou meu queixo com a mão, ergueu-o ligeiramente para olhar nos meus olhos.

"Que **tipo de mulher abandona** o marido?"

Eu dei de ombros, tentando me afastar de seu olhar. "Uma **mulher infeliz**, talvez uma mulher perscrutadora." Pilatos balançou a cabeça com impaciência.

"Joanna teve uma vida boa. Seu marido é bem favorecido por Herodes.

O que poderia estar faltando em sua vida?"

"Alguém **deveria ter perguntado** a ela."

Pegando a jarra ao lado do sofá, Pilatos jogou vinho na minha taça. Ele não cortou com água da maneira usual.

"**Claudia, você não está procurando?**" Seus olhos azuis fixaram-se nos meus.

"Não há nada... faltando em sua vida?"

Pensei na **Coragem de Joanna** enquanto sorria para ele.

"Eu tenho uma vida boa. O que poderia ser ausência de?"

Para minha surpresa, **Pilatos** me incitou a acompanhá-lo em uma excursão a **Séforis**. Uma série de levantes menores atrasou o julgamento de Barrabás, mas finalmente Pilatos o marcou. Embora eu não fosse ao julgamento, ele queria que eu viajasse com ele. Assistíamos a uma ou duas **Peças de Teatro** no famoso anfiteatro da cidade e explorávamos o campo a cavalo. Temendo que alguém pudesse me reconhecer da minha visita anterior, me ocupei inventando possíveis explicações. Felizmente, a única pessoa que me reconheceu provavelmente não contaria a meu marido.

Enquanto a **Corte de Pilatos** estava em sessão, Rachel e eu, acompanhadas por um guarda de honra, vagamos pelas ruas movimentadas. Multidões empurravam e se empurravam em todas as direções enquanto examinavam laranjas e tâmaras, ânforas de vinho e azeite, pilhas de tapetes e prateleiras de entalhes. O que me parou foi um grito: "Lama! Lama! **Lama do Mar Morto!** É a melhor do mundo!"

Aninhada entre uma Loja de Especiarias e um Contador de Histórias, havia um estande com toldos laranja brilhantes com franjas douradas. Suas prateleiras estavam cheias de vasos de cerâmica contendo **lama negra e espessa**. Por que alguém compraria isso?

Eu me perguntei, olhando de um recipiente elegantemente pintado para outro.

"Você não precisa disso - ainda, mas **Herodias** jura por isso." Uma voz familiar falou atrás de mim. "Ela faz um **Tratamento Facial com Lama** todos os dias e jura que isso a mantém jovem. Que tolice!"

Para minha surpresa, me virei e encontrei **Joanna** parada ao meu lado. Pilatos estava certo; ela parecia mais esbelta. mão.

"Com seu **Marido Oficiando o Julgamento**, achei que poderia vê-lo aqui", disse ela, pegando minha risada. "Você era a última pessoa que eu esperava ver; pensei que você estaria muito longe." Ansiosamente eu acrescentei: "**Miriam está aqui?**"

"**Não, ela e Jesus** estão visitando amigos em **Betânia**. Ele pediu a alguns de nós para sairmos sozinhos por um tempo.

Devemos servir de exemplo enquanto espalhamos sua palavra."

"Certamente você não está viajando sozinha?"

"Não, **meu companheiro é Simão**, um dos discípulos." Ela acenou com a cabeça para um homem de preto que estava à distância observando atentamente, seu rosto estreito e afiado com raiva contorcido. Ele parecia estar olhando para mim.

"Que sujeito de aparência feroz. Que exemplo ele deveria estar dando?"

"Ele é um pouco diferente dos outros", admitiu Joanna.

"Eles o chamam de **Simão, o Zelote**.

Hoje seu coração está pesado pelo **amigo Barrabás**."

"Você está viajando com um **Sicarius**! Não está com medo?"

"Ele não é mais um. Nem todo **Zelote é um Sicarius**, mas é claro que todos têm ciúmes de **Yahweh** - é isso que os torna Zelotes. Eles **desejam a Liberdade** acima de tudo. **Chega** de deuses romanos, **chega** de impostos romanos"

"Talvez... naquele reino dos céus de que vocês falam, mas não vai acontecer neste mundo." Olhei em volta ansiosamente, aliviada por meus Guardas estarem temporariamente distraídos por uma briga de rua. **Pilatos prendeu Simão** em um piscar de olhos, Joanna também. Voltei-me para Joanna. "**Você está feliz?**" Eu perguntei a ela.

"Você já **sentiu falta de Cusa** ou de sua vida antiga?"

"**Nunca**", ela me assegurou. "Todos os dias vejo milagres. O mestre fez os **cegos verem** e os **aleijados andarem**.

Um dia ele **alimentou cinco mil** pessoas com apenas **três pães e dois peixes**."

Hmmmm. A **fé em Ísis** às vezes curava pessoas, mas quanto àquele outro milagre...

Eu teria que ver por mim mesma para acreditar.

"**Como está Miriam?**" Eu perguntei, mudando de assunto.

"Radiantemente feliz. **Ela espera ter um bebê**, mas as parteiras acham improvável, dada a sua história."

Pensei na jovem que conheci anos antes no **Asklepion**, tão certa do que ela queria e do que não queria. "**E Jesus? Ele se importa?**"

"Nem um pouco. Ele diz a ela que todos os filhos são seus filhos e todos os filhos que virão. O mestre favorece Miriam acima de todos os outros. Ele confia nela, conta coisas que não conta a ninguém."

Joanna parou para pensar. "Às vezes isso a deixa triste."

"Triste!" Exclamei, meus próprios anseios me deixando impaciente.

"Ela está com o homem que ama. Como ela pode estar triste? "

Simão ainda me olhava com raiva. Ele parecia pronto para puxar um sicário de sua manga a qualquer momento e me peça um resgate.

Pela primeira vez, fiquei grato por meus guardas, que começaram a olhá-lo com desconfiança. Previamente instruído por mim a manter distância, eu os vi se aproximando. Despedindo-me rapidamente de Joanna, **desejei as bênçãos de Ísis** e segui em frente.

Quando chegamos ao **Palácio Governamental**, o julgamento de Barrabás havia acabado. Terminou, como todos sabiam, com uma convicção.

"O que vai acontecer com ele?" Perguntei a Pilatos.

"O que sempre acontece?" ele encolheu os ombros. Para um **Criminoso Político**, havia apenas uma punição. O mais feio e humilhante. **Barrabás seria crucificado**.

Pilatos e Eu voltamos para uma vida tranqüila em Tiberíades. Passei o máximo de tempo possível com Marcella, navegando com ela no lago, construindo castelos de areia, lendo histórias sem fim, desfrutando de seus sorrisos e risadas. Diante dos meus olhos, minha filha estava mudando de uma criança para uma garotinha corajosa.

Um dia se seguiu ao seguinte, semanas, meses. Pensei muitas vezes em Miriam, me perguntando se algum dia a veria novamente. Como você vai viver Eu perguntei a ela. "**Fora da terra com Jesus**", sua resposta. Conversa de criança, pensei, e disse isso.

Miriam apenas riu. "Seremos ricos em tudo o que importa", ela me assegurou.

Senti uma pontada aguda de inveja. Estar com o próprio amor por pouco tempo...

E então, no início da noite, eu escapei. Deixando Marcella com Rachel, fui para a sala que havia se tornado meu **Santuário**. Era crepúsculo, as sombras se alongando.

Jogando alguns grãos de **incenso no braseiro**, ajoelhei-me diante de uma **Estátua de Ouro** da deusa. Olhando para o rosto de **Ísis**, forte, mas tão cheio de compaixão, imaginei-a procurando pelo mundo os fragmentos de seu **amado Osíris**.

Senti sua **angústia e êxtase** quando ela procurou suas mãos e seu coração, suas coxas, sua barriga, seu rosto amado. **Ísis** os encontrou, juntou-os a ela até que ele estivesse quente mais uma vez, despertado para a vida, ansiosa para preencher seu útero.

Mãe Ísis, não agüento mais. Devo ver Holtan.

Na próxima manhã Eu sentei na minha Sala de Tecelagem olhando ausentemente para as águas cintilantes do lago captadas pela luz do sol da manhã sua nova túnica."

"Seu projeto vai bem", disse Rachel atrás de mim. Eu não a ouvi entrar.

"Marcella vai adorar. Ergui os olhos para as meadas de fios de lã pontilhados. Vermelhos e roxos, laranjas e amarelos, enlaçado por um raio repentino de sol, brilhou vertiginosamente. Peguei um aço rosa pálido, fino como cabelo. "O que você quer?"

"Só para servir, Domina."

Eu olhei em volta com desconfiança. Rachel trouxe um **buquê de flores**, estava arrumando-as na mesa ao meu lado, com o rosto escondido. "Fora com isso!"

Eu disse, agarrei o braço dela, puxando-a para mim. "Diga-me agora!"

As flores se espalharam, caindo despercebidas para o chão.

Rachel suspirou. "Um mendigo se aproximou de mim no mercado. Ele tinha uma mensagem..." Larguei a nave.

"**Holtan!**" Exclamei, virando-me para encará-la. "Eu sei que é de Holtan."

Obrigada, Mãe Ísis. Obrigado.

Rachel hesitou. "Oh, Domina... seu marido te ama. Marcella-" "Diga-me!"

"Vai haver um combate de exibição, em **Chipre...**" "Chipre, tão perto... quando?"

"**Os idos de abril.**"

"Isso é perfeito! O feriado está chegando. Páscoa, não é?"

Milhares de peregrinos chegarão a Jerusalém de todos os lugares. As poucas centenas de homens de Pilatos terão dificuldade em manter a ordem. Ele estará muito ocupado para perceber onde estou."

Rachel caiu de joelhos. "Domina, Domina, **onde está a sua visão agora?**"

Eu me afastei impaciente. "**Esqueça a visão!** Não me importo com o futuro, só quero estar com **Holtan** agora. Havia mais em sua mensagem?"

"Ele virá de Chipre para Cesareia. Ele quer que você o encontre lá. Ele até quer que você traga Marcella. Ele diz que tem um plano - oh, **Domina, não faça isso**", implorou Rachel, com lágrimas enchendo os olhos dela.

"Você tem uma boa vida. **Não vá**, e por favor, não leve a nossa Marcella."

CAPÍTULO 36 - Um Triunfo

Rain veio tarde para a Judéia naquele ano. Assim que chegou, pareceu durar para sempre. Sentindo-me aprisionada em minha **villa**, ouvi o vento rugir pelas montanhas, agitando as águas do lago. Então, milagrosamente, o céu clareou. Pomares e jardins resplandeciam com cores. As colinas escarpadas, geralmente cinzentas e nuas, eram atapetadas de flores silvestres. A borda do lago brilhava com papoulas douradas, tremoço roxo e anêmonas vermelhas. Tudo que eu conseguia pensar era na mensagem de Holtan. Ele já estava esperando em Cesaréia?

"É hora de Marcella e eu fazermos uma pequena viagem ao litoral", disse a Pilatos no café da manhã.

Ele olhou para mim, uma sobranceira ligeiramente levantada. Eu reconheci a expressão e me preparei. "**Você se esqueceu?** Voltaremos a Jerusalém depois de amanhã."

Eu fiz beicinho, lutando para manter meu tom leve.

"Você sabe que eu odeio essa cidade."

"E você sabe que eu devo estar lá."

A **determinação fria de Pilatos** me deixou em pânico que lutei para esconder.

"Eu serei muito mais feliz, muito mais fácil de estar... assim que eu tiver um Feriado", eu adulei. "Poderíamos ir juntos até **Citópolis**. De lá, Marcella e eu podemos viajar para a costa por alguns dias, e nos juntarmos a você mais tarde em Jerusalém.

Você não pode esperar que eu passe a **Primavera Inteira** naquela **Cidade Miserável** sem o menor sabor de Ar do Mar. Por favor, querido.

"Minha boca se esticou em um esforço para sorrir.

"**Claudia, a resposta é não.**"

No dia da nossa partida para Jerusalém brilhou. **FRÂNTICO** com Ansiedade, observei Marcella ser cuidadosamente colocada em uma maca ao lado de Rachel.

O sol brilhava nas águas douradas que superavam os estandartes em seus cantos.

"Eu também quero um cavalo, mamãe", suplicou Marcella.

"Deixe-me ir com você e Tata."

Pilatos sorriu ao ver os olhos suplicantes da filha. "A ninhada está tudo bem para você agora, mas no próximo ano nossa **princesinha** vai fazer **cinco anos**. Então você terá seu próprio **pônei** e poderá cavalgar entre nós." Sorrindo abertamente, ele saudou Marcella, então se virou e galopou para o topo da coluna.

Suas palavras enviaram um arrepio por mim. Próximo ano? Onde estaríamos no próximo ano? Soprando um beijo rápido para Marcella, saí galopando atrás dele.

A guarda de honra ficou em posição de sentido. Camelos bufavam, burros zurravam, cavalos empinavam nervosamente. Parecia que todos compartilhavam da ânsia de meu marido por partir. Assim que fiquei ao lado dele, Pilatos se virou e ergueu o braço, sinalizando para a caravana reunida. Seguimos em frente.

Depois de algumas horas de cavalgada, a **vila de Scythopolis** apareceu.

Meu estômago deu um nó quando nos aproximamos da bifurcação da estrada, ao sul de Jerusalém, a oeste do mar. Esforçando-me para parecer casual, voltei-me para Pilatos.

"**Ainda quero ir para Cesaréia.**"

"Chega disso. Você vem comigo. É muito problemático reorganizar tudo."

"Nem um pouco. O que quer que Marcella precise para a viagem está na liteira com ela. Não é como se ela não tivesse um Palácio inteiro cheio de brinquedos e roupas em Cesaréia." Por que Pilatos estava tornando isso tão difícil?

"Só estarei fora por alguns dias", persisti.

"Não! Eu quero você e Marcella comigo." Ele sinalizou abruptamente e a caravana parou. "Vamos comer nossa refeição do meio-dia lá em cima." Ele gesticulou em direção a uma colina gramada a alguma distância acima da estrada. Os homens correram cobrindo o chão com ricos tapetes. Logo o cheiro saboroso de carne assada encheu o ar. Reclinei-me em almofadas de tecido colorido, entre Pilatos e Marcella. As colinas ao nosso redor estavam cobertas de flores, jacintos e íris roxos, narcisos brilhantes e em todos os lugares flores em forma de estrela do mais puro branco. Eu arranquei um cardo verde escuro.

A pequena flor no centro estava vermelha como sangue. Eu joguei fora.

Marcella se sentou, protegendo os olhos do sol. "Quem são essas pessoas, Tata?"

Segui seu dedo apontando e vi uma pequena procissão de peregrinos na estrada abaixo de nós. Os **aldeões de Citópolis**, muitos carregando ramos de palmeira, correram para saudá-los. "**Hosana!**" alguns gritaram para os viajantes.

Pilatos sorriu condescendentemente. "Difícilmente se chamaria isso de Triunfo."

"Não é o tipo a que estamos acostumados em Roma, mas talvez seja com eles", disse eu. "Pelo menos os peregrinos estão cavalgando. Ninguém está maltrapilho e seus burros parecem bem alimentados."

Marcella se inclinou para frente. "O que estão dizendo?"

Esforcei-me para ouvir. "Parece **'Bendito seja** aquele que vem em nome do Senhor'."

Pilatos franziu a testa. "**O que 'Senhor'?** De quem eles estão falando?"

Dei de ombros, meus pensamentos voltando para **Holtan**; o que eu devo fazer? "Certamente ninguém de importância", respondi vagamente. "Ninguém que conhecemos." Meus olhos vagaram distraidamente, seguindo a fila de peregrinos abaixo de nós.

De repente, vi um rosto familiar. Miriam! **Miriam e Jesus**.

E agora? Onde eles estão indo?

Pilatos olhou para mim com curiosidade. "Você conhece uma dessas pessoas?"

"A mulher ruiva - a bonita - cavalgando ao lado do homem de branco."

Pilatos olhou novamente. "**Bonita mesmo!** Eu também a conheço, ela é uma das cortesãs mais bem-sucedidas em Roma."

"**Não mais,**" eu o informei.

"Como você sabe disso?" Ele demandou. "Como você a conhece?"

Eu me peguei, percebendo que já tinha falado demais. "**Lívia** nos apresentou, então eu tive a chance de encontrá-la novamente - no mercado. O amor parece tê-la mudado."

Eu observei Miriam se inclinar e sussurrar algo no ouvido de Jesus. Ele se virou, a cabeça jogada para trás, enquanto ria. A risada que eu me lembrava do casamento... então a visão que se seguiu. que significava? Que coisa terrível estava à frente para eles?

"O que é isso?" Pilatos quis saber. "Qual é o problema? Você parece assustada."

"Quem é aquele homem?" Certamente foi uma invenção da minha imaginação.

Não tive problemas o suficiente sem imaginar mais?

Não havia nada que eu pudesse fazer para ajudá-los. Eu forcei um encolher de ombros. "Miriam acredita que ele seja o **Messias**."

Pilatos franziu a testa. "**Não é outro Messias.**"

"Este aqui prega apenas a paz", assegurei-lhe rapidamente. Lembrei-me das palavras de Joanna, da minha própria experiência com o vinho.

"Ele prega a paz e diz-se que faz milagres. Miriam acha que ele é maravilhoso."

Parei por um momento, estudando o homem na estrada abaixo.

"Talvez ela esteja certa."

Eu senti os olhos de Pilatos. "Mesmo?" Ele me observou atentamente.

- Então me diga, Claudia, o **que é um Milagre** para você?

O que seria necessário para você me achar maravilhoso, para me olhar como Miriam olha para aquele homem?

"Algo muito simples." Eu inclinei minha cabeça para trás para olhar para ele.

"Algo como me permitir um ou **dois dias em Cesaréia**."

"Levaria quase um dia só para chegar lá." seria um milagre?"

"Então? Um dia aqui, um dia ali - isso é tão importante? Para eu conseguir do meu jeito apenas uma vez, não seria as sobrancelhas escuras de Pilatos se franziram em pensamento. "Muito bem", respondeu ele.

"Aproveite seus poucos dias à beira-mar, mas Marcella ficará comigo."

"**Ah não!**" Eu suspirei. "Ela precisa ficar comigo."

"Ela terá Rachel e uma enfermeira."

"Eu não posso ir sem ela."

"Claro que você pode. Como você disse, 'um ou dois dias.'"

Vá agora, se quiser. Mandarei uma guarda de honra com você. E logo - muito em breve, eu acho - estaremos todos juntos. Você, eu e Marcella em Jerusalém. Você não vai demorar muito sem ela."

Foi uma viagem longa até Cesaréia, ainda quando finalmente cheguei ao Palácio naquela noite, os pensamentos de **Holtan** me mantiveram acordada até o amanhecer.

O Palácio do Governador foi um marco. Ele iria descobrir, aprender rapidamente que eu estava lá. Lembrando-me de todos os ardis que **Holtan** havia inventado para nossos encontros secretos em Roma, tive certeza de que ele encontraria uma maneira de entrar em

contato comigo. Mas ele não fez. Dois dias se passaram sem uma palavra dele.

Onde ele estava? O que estava errado? Procurá-lo era arriscado, mas quanto mais eu poderia esperar?

Finalmente, não consegui mais suportar o suspense. Eu começaria minha busca no cais. Certamente, pensei, qualquer um ali teria notícias do **Combate de Gladiadores** em Chipre, possivelmente até mesmo saberia o paradeiro de **Holtan**.

A liteira de Pilatos esperava meu uso na entrada do palácio. Era uma coisa imponente, com **dossel de cetim** e incrustação de folha de ouro. A bandeira pessoal de Pilatos, carregada por um soldado corpulento, chicoteada pela brisa. Eu endireitei meus ombros e entrei.

Não havia nada que eu pudesse fazer sobre a Guarda de Honra - seis soldados.

Pilatos ordenou que me acompanhassem a todos os lugares. Eles obedeceriam a essas ordens, não importa o que eu dissesse. **Holtan** encontraria uma maneira de lidar com eles. Eu sabia que ele iria. Nesse ínterim, não havia nada de incomum em meu **desejo** de visitar o cais. Os navios atracavam diariamente levando mensagens e documentos de estado a Pilatos. Eu levava Marcella lá muitas vezes para ver a carga descarregada.

Freqüentemente, demorávamos para comprar figos verdes ou fatias rosadas de melão de um dos muitos vendedores que lotavam o cais. Sempre ficamos maravilhadas observando o encantador de serpentes sentado de pernas cruzadas em sua esteira, tocando uma flauta com uma serpente negra enrolada nos ombros enquanto outra se levantava grogue da cesta. Já sentia saudades de Marcella e pensava nela com saudade.

Holtan vai buscá-la para mim, eu me assegurei, Holtan pode fazer qualquer coisa.

Os escravos brilhavam de suor quando finalmente me ajudaram a descer diante de um grande navio mercante. Protegido por um cais em forma de meia-lua de pedras maciças, o navio solitário repousava contra o cais. Um cais curiosamente deserto.

Onde estava o encantador de serpentes? Até os mendigos se foram.

Os passageiros, com pressa para desembarcar, disputavam uma posição na prancha lotada com os marinheiros lutando para descarregar a carga.

Alguns pareciam quase frenéticos, os outros... o que havia de errado com eles?

Os soldados que escoltavam minha liteira murmuravam inquietos entre si. Sinalizando para que ficassem para trás, levantei meu quíton ligeiramente e abri caminho pela prancha de embarque fervilhante. O convés estava uma massa de confusão, as pessoas se empurrando para um lado e para o outro. Em meio a tudo isso, um jovem oficial lutou para manter a ordem. Com dificuldade, fiz meu caminho em direção a ele.

"Parece um navio muito lotado", disse eu, sorrindo com simpatia.

- Sim, Domina. Muitos de **Chipre** lutaram para continuar. Eles estavam ansiosos para pagar qualquer coisa. Agora, temo que foi nosso capitão que pagou um preço alto demais.

Meu coração se contraiu. "Por quê? O que há de errado?"

Algumas dessas pessoas parecem..."

Enquanto eu falava, um rosto familiar apareceu no convés - **Julian**, o escravo corporal de **Holtan**. Ele e outro homem carregavam um grande baú.

"**Onde está Holtan!**" Eu chorei, empurrando em direção a ele.

- Ele está lá embaixo. Não!

Domina, espere... - Julian gritou enquanto eu passava correndo por ele em direção à escada. O policial me agarrou, segurando-me com força pelos ombros.

"Saia deste maldito navio, saia enquanto pode." Eu empurrei com todas as minhas forças, pegando-o de surpresa. Naquele instante, me soltei e corri para a escada.

Abaixo, a passagem estreita estava entupida de pessoas carregadas de pertences, empurrando-se umas às outras enquanto abriam caminho.

O que a cautela importa agora? "Holtan, o gladiador, onde ele está?" Eu gritei. Ninguém pareceu me ouvir ou mesmo notar minha presença. Os passageiros e a tripulação empurraram e lutaram como se estivessem em pânico. Também havia um cheiro, um cheiro

horrível, vômito e algo mais. Segurando um lenço sobre o nariz, lutei para a frente, chamando enquanto procurava Holtan.

Finalmente, ouvi sua voz. "**Aqui, Claudia, atrás de você.**"

Virando, **eu o vi** no final da passagem estreita empurrando seu caminho em minha direção. Eu lutei para voltar no meio da multidão, finalmente jogando meus braços sobre ele.

"**O que diabos você está fazendo aqui?**" ele rosnou, me empurrando de volta.

Eu olhei para cima com surpresa. Holtan não percebeu o que eu havia passado, o risco que estava correndo?

Então, enquanto meus olhos o percorriam, vi que seu rosto estava pálido e marcado pelo cansaço. Eu queria tomá-lo em meus braços e beijar para afastar o cansaço.

"Eu vim ficar com você, querida. Você não está feliz?"

Não era isso que você queria, o que nós queríamos?"

Sua mensagem - vim assim que pude. Achei que haveria alguma palavra sua. Eu não podia esperar mais."

"Você não deveria ter vindo. Volte, vá agora ", disse ele, me empurrando para longe.

"Voltar! Seu mensageiro disse a Rachel que você tinha um plano. Seja o que for, eu farei - faça qualquer coisa, vá a qualquer lugar, desde que estejamos juntos."

"Eu tinha - eu tenho um plano." Holtan falou devagar, hesitante. "Mas agora... agora eu quero que você leve Marcella e saia de Cesaréia o mais rápido possível."

Meus lábios tremeram, minha voz falhou. "Tive que deixar Marcella com Pilatos. Precisamos pegá-la. Você vai pensar em um jeito, não vai?"

Eu olhei para ele com expectativa.

O alívio cintilou nos olhos injetados de sangue de Holtan. "Marcella está em Jerusalém? Você pode agradecer a sua deusa por isso. Volte para ela.

Confie em mim, vá agora." Suas mãos ainda me seguravam com os braços estendidos.

"Eu não vou," protestei, tentando me libertar. - Não vou a lugar nenhum sem você.

Você acha que arrisquei tudo para deixá-la agora?"

Holtan se apoiou no batente de uma porta. "Então espere por mim em seu Palácio." Ele me soltou; uma mão acariciou meu cabelo. "Mandarei chamá-la mais tarde. Apenas saia agora." Ele me empurrou novamente, cambaleando como se estivesse bêbado.

Um **medo envolvente** tomou conta de mim; Lutei para me controlar. Movendo-me mais uma vez para enfrentar Holtan, coloquei a mão em sua bochecha úmida.

"Há uma praga neste navio e você a pegou, não foi?"

Ele cambaleou vacilante. "**Fortuna...** pregou uma piada de mau gosto sobre nós."

Eu o segurei com meus braços. "Desde quando você desistia tão facilmente?"

"Já vi tantos morrerem, Claudia."

"Você não vai morrer! Eu não vou deixar você." Eu olhei para o rosto que eu tanto amava e vi a morte esperando. **Você não vai levá-lo!** Vou lutar com você até as próprias entranhas do Hades. Você não vai tirar Holtan de mim!

CAPÍTULO 37 - Pedido de Holtan

Sentei olhando para o mar. O dia estava ficando cada vez mais quente; Fiquei grata pela brisa. Oh, onde estava aquele médico? Por que ele não veio!

Eu havia exaurido minha memória, destruindo meu Cérebro por tudo o que havia aprendido anos atrás no **Iseneum**. O conhecimento das **ervas** que me serviram bem com as febres infantis de Marcella se mostrou inútil.

Holtan vomitou a poção de **passiflora e matricaria**. A calmante **valeriana** não teve efeito. Na verdade, o **cataplasma** de semente de mostarda aumentou sua temperatura.

Nada estava funcionando.

Mãe Ísis, salve-o. Não o deixe morrer! Não o tire de mim agora!

Holtan se mexeu inquieto no sofá ao meu lado.

"Onde estou?" ele perguntou, acordando lentamente. Sua voz grossa e áspera arrastou as palavras. Carrancudo quando seus olhos me encontraram, ele gritou:

"Eu te disse para sair daqui."

"Você está em um lugar seguro. Confie em mim, querido, eu vou te curar. Eu prometo que vou."

"Claudia - por favor! Salve-se enquanto você ainda pode. Saia! Vá agora, me deixe."

Quando eu não responder, Holtan baixou a voz, falando clara e racionalmente.

"Eu estarei morto amanhã. Se você ficar, você morrerá também." Ele lutou para se sentar, quase caindo do sofá.

Com um empurrão repentino, eu o forcei de volta nas almofadas. Pelo menos agora eu era mais forte do que ele. Eu poderia evitar que ele se machucasse ainda mais.

"Onde estou?" ele perguntou novamente. **"Este é o seu palácio?"** Certamente você não me levou lá!"

Eu nunca tinha visto medo nos olhos de Holtan. Eu sabia que era para mim.

"Não, querido," eu o assegurei. "Estamos em uma **pequena Pousada**. Meu guarda de honra trouxe você aqui. É um lugar tranquilo nos arredores da cidade. Temos tudo o que é necessário." Coloquei uma nova compressa em sua testa.

"Tudo que você precisa fazer é descansar. Você ficará bem novamente em breve."

Holtan suspirou. - Claudia, minha querida, querida Claudia, se a praga não te pegar, Pilatos vai. O que você disse aos soldados dele sobre mim?

"Que você é um amigo do exército do meu pai. Você pode agradecer a **Ísis** por eles estarem comigo. Quando o seu escravo e eu tentamos tirar você do Navio, os Guardas da cidade **bloquearam** a prancha da gangue. Ninguém foi autorizado a sair. Sem meus homens e suas armas, estaríamos presos lá com os outros. Depois que os soldados nos trouxeram aqui, eu os mandei de volta para o palácio."

"Eles vão falar -" Dei de ombros. "O que mais eu poderia fazer? Espero que Pilatos esteja muito ocupado mantendo a **paz** para pensar em mim."

Todos aqueles milhares de peregrinos que chegam a Jerusalém para seu festival devem mantê-lo ocupado."

Holtan sorriu fracamente. "Eu me sinto velho o suficiente para ser amigo do seu pai, mas eles não suspeitavam... não me lembro..."

"Você estava inconsciente." Eu o acalmei como faria com Marcella.

"Eu disse a eles que você tinha bebido muito, o dono da pousada também - uma **moeda de ouro** cuidou dele."

"Julian? Onde está Julian?" A voz de Holtan caiu para um sussurro.

Eu podia ver que o esforço para falar o havia exaurido. "Julian está lá embaixo pegando comida e água. Seu outro homem, Ajax, está lá fora nos protegendo."

Holtan segurou minha mão com força. "Você fez... bem... tudo certo... eu... amo... você. Se você... me ama... vá agora. Dê-me isso, Claudia. Vá... enquanto..."

"Seu aperto afrouxou. As palavras de Holtan foram arrastadas e ele ficou imóvel.

Eu não sabia se ele estava consciente ou não. Seus olhos estavam entreabertos, mas ele não parecia mais ciente de mim. Então, de repente, sem aviso, ele se sentou e vomitou no chão, vomitando com tanta violência que pensei que ele fosse rasgar seu estômago.

O medo e a repulsa tomaram conta de mim. O que **devo** fazer, o que **posso** fazer?

Ouvindo um som atrás de mim, me virei para encontrar Julian parado na porta, seus olhos escuros arregalados. Peguei a pequena bolsa de couro na minha cintura. Moedas de ouro brilharam quando estendi minha mão. "Pegue metade disso agora. Você terá o resto quando encontrar aquele médico e voltar com ele. E - e olhe para isto".

Peguei rapidamente o **amuleto de rubi** que Holtan estava usando no pescoço.

- Você sabe o valor. É seu se permanecer conosco até que Dominus se recupere.

Julian balançou a cabeça, sua expressão inflexível. Um homem grande e de pernas compridas, ele cruzou a sala em um instante e ficou ao meu lado.

- Fique com ele. Dominus salvou minha vida mais de uma vez. Nunca vou deixá-lo. O rei de Chipre concedeu-lhe aquele **rubi** há apenas três dias. Ele o quis para você.

"**Ísis te abençoe**", murmurei, **lágrimas de Gratidão** ardendo em meus olhos. Peguei a bandeja dele e coloquei sobre a mesa. "Vá agora, vá rápido. Encontre aquele **médico** e traga-o aqui." Voltando-me para Holtan, joguei meu lenço em uma tigela com água na mesa ao nosso lado, torci e limpei o vômito de seu rosto magro.

Horas se passaram, uma Eternidade, enquanto o sol descia no horizonte. Apoiei Holtan, segurando o navio, observando com **horror, pena e raiva** crescente enquanto meu amante vomitava repetidamente. Seus lábios estavam rachados, seu rosto se transformando em ossos. Ele não **reteve** nem uma gota d'água e, apesar do calor do dia, estremeceu como se estivesse congelando.

Era quase noite quando olhei para cima e vi um etíope negro alto parado na porta.

Ele avançou lentamente para o quarto, magro como um caniço em sua longa túnica azul. Parando perto do sofá, o médico levou um pano ao nariz.

"Ele estava no barco de **Cypress**?"

"Sim." Eu concordei. "O que é isso? O que há de errado com ele?"

"Uma praga estrangeira que já matou centenas. As vítimas morrem rapidamente - talvez uma bênção." O medo deu um nó na minha barriga.

"Eu **pagarei qualquer coisa**," eu disse, pegando minha bolsa.

"**Dinheiro não significa nada**. Os senhores são tão indefesos quanto nós, que somos seus escravos." Meu coração parou. Eu esperei tanto por este homem na esperança de que ele pudesse fazer algum tipo de mágica. "Você é apenas um escravo?"

"Sim, **meu dominus me aluga**."

"Mas você **sabe alguma coisa de Medicina**?"

Ele ergueu o queixo com orgulho. "Eu era médico antes de ser capturado. O custo de uma consulta é cinquenta sestércios."

Tirei as moedas de minha bolsa e entreguei a ele. "**Cure-o, maldito!** A cada segundo nós esperava por você, ele ficou mais fraco. **Ele vai viver?**"

O médico-escravo encolheu os ombros. "Domina pede o impossível. Alguns viverão, a maioria morrerá. os deuses decidem."

"Deve haver algo que você possa fazer."

"O que você deu a ele para comer?"

"Eu o alimentei com caldo, mas ele vomitou. Ele está com muita sede, mas não consegue engolir nada."

"Dê-lhe repolho; ou se ele não conseguir engolir, a urina de quem comeu repolho."

Quando eu olhei para ele incrédula, ele deu de ombros.

"Alguns afirmam **grande sucesso** com esse tratamento."

"Deve haver algo mais?"

"Experimente isso", disse ele, puxando um pequeno pacote de sua bolsa.

"É **marroio seco**. Misture com o vinho de-lhe. Force-o para baixo. Mantenha-o aquecido. Isso é tudo que posso dizer a você, exceto que você deve proteger sua própria força. Todos que entraram naquele barco a têm. A **maioria** já está **morta** e agora se espalhou pela cidade."

"O que causa isso?" Eu perguntei, seguindo-o até a porta.

"Quem sabe?" O escravo médico deu de ombros novamente.

"Meu dominus judeu diz que é a **punição de Javé** por nossos pecados."

"Que tipo de deus é esse! Que pecados? Tudo o que Holtan, todos nós, já fizemos foi apenas lutar permanecer vivo."

Corri de volta para Holtan, que estava vomitando de novo. Quando me virei, o médico-escravo havia sumido.

"Feche as cortinas, acenda uma fogueira", instruí Julian, que se ajoelhou ao lado do sofá. "Então desça, diga a eles para ferver o repolho e fazer um caldo. Traga vinho.

O médico disse que alguns sobrevivem. Holtan é um lutador, ele tem que ser um dos sortudos."

Logo o suor escorria do rosto de Holtan. O lençol embaixo dele estava encharcado. Eu o cobri com um cobertor pesado. Julian voltou com o **caldo de repolho** e o vinho. Mandei-o de volta ao salão principal para buscar comida para si mesmo. Tirando o cabelo úmido do pescoço, coloquei-o no topo da cabeça, derramei uma xícara de caldo da jarra e voltei a pingar gotas nos lábios ressecados de Holtan.

Horas se passaram. Olhei para fora por um breve momento e vi que o céu estava escuro como breu. Quando me virei, Holtan estava deitado de costas, os olhos abertos, mas sem ver. Freneticamente, me lancei sobre ele. Meus dedos agarraram seus ombros, ainda largos e poderosos. "Holtan, Holtan, não vou deixar você ir", soluzei.

Agarrada a ele, chorando histericamente, gritei maldições e palavras carinhosas.

"**Claudia!**" Os olhos de Holtan se abriram. Ele enfiou as mãos no meu cabelo, puxando minha cabeça para trás.

Doente de medo e vergonha, enxuguei minhas lágrimas. Que coisas horríveis eu estava dizendo - gritando? "Acabou", ele sussurrou." Eu tinha ... que ver você, Claudia. Outra hora ... em algum lugar ... nós estaremos juntos. "Cansado, ele fechou os olhos.

A respiração de Holtan ficou tão superficial que eu mal consegui ouvir. Pressionei minha orelha contra seu peito e o segurei com força. "Oh, querido, não me deixe", soluzei.

Minha visão voltou para mim com uma clareza nauseante. Por que eu não dei atenção a isso? Foi minha culpa que ele tivesse vindo para **Cesaréia**, minha culpa que ele estava morrendo. "Por favor, não me deixe", implorei, mas seus olhos permaneceram fechados. Depois de um tempo, escorreguei para o chão e sentei com a cabeça apoiada no sofá, uma das mãos na de Holtan.

"**DOMINA?**" Eu pulei. Eu tinha cochilado? Ah não!

Eu tropecei rigidamente em meus pés, inclinando-me sobre o sofá. Isso foi Julian quem havia falado. Ele estava ao meu lado, um braço gentilmente apoiado em meus ombros.

"**Dominus se foi.**" "**Nãããããão!**" Eu gritei. "Ele não pode morrer!"

Corri meus dedos pelos cabelos cor de areia de Holtan, descendo em seu rosto.

Beijei seus lábios, buscando seu espírito, desejando atraí-lo para mim. Algo dele permaneceu? Seus lábios estavam frios, muito frios. "Ele morreu quando eu estava dormindo", soluzei. "Eu o deixei morrer sozinho. Como eu poderia ter dormido quando ele estava tão doente, quando ele mais precisava de mim?"

"Você estava com ele, Domina. Ele sabia disso. Se você estivesse conosco no Navio, você teria visto muitos morrer, os fortes tão rapidamente quanto os fracos. Você ficou com ele. Não há nada mais que alguém pudesse ter feito. Agora **você deve ir** - como ele queria que você fizesse."

"Sair?" Eu repeti inexpressivamente.

- **Ajax irá com você ao Palácio.** Cuidarei de tudo aqui. Você deve ir. Quanto mais cedo você voltar para Jerusalém, melhor. Era isso que **Dominus** queria.

"Talvez... sim." Coloquei o **Rubi** em minha bolsa de moedas e entreguei a bolsa para ele. "Ele também gostaria que **você e Ajax** tivessem sua **Liberdade**, para começar uma nova vida. Isso tornará tudo mais fácil."

"Você está esquecendo?" Julian perguntou. Quando eu olhei para ele estupidamente, ele me entregou uma moeda. "**Para Charon.**"

Eu balancei a cabeça agradecida e coloquei a moeda sob a língua de Holtan.

Claro, ele deve ter seu pedágio pronto. Sem ele, o barqueiro nunca o remaria pelo **Styx**. Se eu pudesse ir com ele para o submundo. Meus dedos se moveram mais uma vez sobre o rosto do meu amante. Em seguida, virando-me, saí pela porta que Julian havia aberto para mim. Os ruídos da cozinha e o som da risada de uma criança flutuaram no ar. Livre do cheiro forte e espesso da sala, eu respirei a brisa fresca da manhã sabendo que nada para mim seria o mesmo.

Enquanto minha ninhada cortinada desceu pelas ruas, a pegada dos pés dos carregadores ecoou assustadoramente na estrada de pedra, um som incomum na cidade normalmente fervilhante. Um arrepio percorreu meu corpo. Quando cuidadosamente abri a cortina, vi que a praga havia mudado Cesareia da noite para o dia.

Os vendedores desapareceram. Até os mendigos se foram. As lojas estavam fechadas, as ruas desertas, exceto por algumas figuras velozes que desviavam os olhos umas das outras. Com tão pouco tráfego, chegamos ao palácio rapidamente, mas encontramos seus portões fechados e trancados. Eu nunca tinha visto isso. Mesmo na ausência de Pilatos, o pátio estava sempre lotado de suplicantes impacientes e acotovelados, ansiosos para falar com qualquer subalterno disposto a ouvir seus apelos ou propostas.

Ajax e os carregadores martelaram com os punhos, gritando bem alto por entrada, até que a enorme porta de cedro abriu uma fresta. Um guarda espiou para fora.

"Isso é maneira de cumprimentar sua domina?" Ajax exigiu.

Lentamente, a porta se abriu e uma **figura familiar** apareceu, toda tiras de couro, aço tilintante e lã vermelho-sangue. Eu balancei a cabeça para **Gavius**, Capitão da Guarda do Palácio. Sua saudação foi deferente, seu arco militarmente correto, mas os olhos do soldado permaneceram um pouco mais no meu rosto.

Eu pareço tão mal quanto me sinto? "Pague esses homens", eu o instruí.

Gavius acidentalmente deixou cair as moedas enquanto se aproximava dos portadores, então recuou enquanto eles lutavam para pegá-las no chão.

"**Obrigado, Ajax.**" Peguei a mão calejada do escravo na minha e olhei em seus olhos.

"Vá agora, vá rapidamente."

"Você também, Domina. Deixe esta cidade amaldiçoada."

Eu apertei sua mão, depois me virei e entrei no palácio. Minhas pernas pareciam pesadas enquanto eu subia as escadas para o meu apartamento. Muitas escadas.

Leah, uma jovem escrava, apareceu na porta. - **Domina está doente?**

Eu vi o medo em seus olhos. "Não! Não estou doente, **apenas exausta**", expliquei apressadamente.

"Um banquete, muito vinho. Ajude-me a tirar minhas coisas. Eu quero descansar."

Eu fiquei rígida enquanto Leah tirava minha roupa. Lá fora, ouvi as ondas quebrando contra os penhascos. Ondas de fadiga tomaram conta de mim. Tive a sensação de estar em pé em um redemoinho, o chão de mosaico virado para mim, os azuis e verdes da sala com afrescos se misturando com os sons do mar nadando em minha cabeça.

"Vá agora", eu a instruí. "Vou ligar se precisar de alguma coisa."

Depois que ela saiu, me joguei no sofá. Lágrimas amargas destruíram meu corpo.

Como **Fortuna** pode ter sido tão **cruel**? Que tipo de piada era igualar-se a Holtan em uma batalha em que sua força, coragem e habilidade nada significavam?

"Por que, Holtan, por quê?" Eu gemia baixinho repetidamente até que finalmente caí em um sono profundo e exausto.

Quando abri os olhos, Holtan estava ao meu lado, não a criatura pálida e indefesa que eu tinha visto pela última vez, mas o **homem vigoroso e confiante** que eu tanto amava.

"Querido! Você veio por mim", exclamei, alegremente estendendo os braços.

Holtan balançou a cabeça, um pouco além do meu alcance.

"Por favor, não me deixe de novo", implorei, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Lutei para alcançá-lo, gritando enquanto sua forma lentamente desaparecia.

"Me leve com você!"

Um instante depois Leah estava ao meu lado.

Eu olhei para ela perplexa. "O homem que estava aqui, para onde ele foi?"

"Domina deve ter sonhado."

"Foi tão real."

"Pesadelos muitas vezes parecem reais", disse Leah, enxugando as lágrimas do meu rosto. "Domina gostaria que eu ficasse com ela?"

"Obrigado, não. Não tenho nada a temer com esse sonho. Vá, por favor, eu quero dormir de novo."

Fechei os olhos, ansiando pela morte. Holtan esperando tão perto que quase pude tocá-lo. Outros também, estendendo as mãos. Caro **Germanicus**, alto e bonito, armadura reluzente. Minha **irmã** alegre e sorridente. Igual a agora no amor, temos muito a compartilhar. **Mãe**, com suas palavras sábias e caloroso gentil, está comigo, e ao lado dela **Tata** sorri orgulhosamente. Há quanto tempo sinto a segurança de seu abraço?

Oh, **Tata**, senti tanto sua falta! Todos os entes queridos que perdi. Tão perto agora.

Holtan, querida, estou indo ... Para algum lugar longe do som de soluços. É tão bom aqui, crepúsculo suave, entes queridos esperando para me levar para casa.

Por que alguém deveria chorar? Soluçando, ainda soluçando. Quem pode ser?

E então eu sei.

Uma voz, forte e clara, ecoa por toda a câmara. Não, Claudia, a morte não é para você, não agora. Seus dias nesta terra serão muitos. Volte para Jerusalém. Vá agora.

As **palavras de Ísis**. Eu sei disso, assim como sei que é ela quem me mandou uma visão de Marcella, a filha do meu corpo, ainda tão pequena e querida, soluçando como se o coração fosse se partir.

Está escuro quando abro meus olhos novamente para encontrar Leah inclinada sobre mim. "Você parece muito melhor, *Domina*. O banquete deve estar acabando."

Eu olhei para ela, perplexa, então me lembrei. "Ah, sim - todo aquele vinho. Estou melhor, muito melhor. Por favor, traga-me frutas e água."

"Mais alguma coisa, Domina?"

"Sim, diga a Gavius para preparar uma pequena guarda e os cavalos mais rápidos. Ao amanhecer, **parto para Jerusalém**."

CAPÍTULO 38 - Minha Visão

A lua estava alta há horas. Cansados até os ossos, orei silenciosamente enquanto os Portões do **Palácio** se abriam. **Ísis, deusa da minha Fé**, conceda-me a força para fazer o trabalho da minha alma. Respirando fundo, fiz meu cavalo avançar.

O pátio estava cheio de tochas enquanto escravos corriam para me ajudar. Lá estava Rachel, esperando, envolta em seu traje de noite, um sorriso trêmulo nos lábios.

"Tenho procurado por você do parapeito", disse ela, com a voz embargada.

"Eu rezei para que você voltasse." Com rigidez, escorreguei do cavalo, quase caindo. Agarrei-me aos braços fortes de Rachel, lutando para conter as lágrimas que havia lutado durante a longa viagem. **"Holtan se foi - morto."**

"Domina!" Ela me segurou mais perto, sussurrando.

- **Dominus descobriu?** Ele...? Eu balancei minha cabeça.

"Holtan morreu de peste."

"Peste... então mesmo ele não era invencível. Você está bem?"

O medo cintilou brevemente em seus olhos; Eu me afastei.

"Estou bem - tão bem quanto estarei sem Holtan. Quero ver Marcella."

"Domina, isso é seguro? **A praga...**"

Em meu cansaço, gritei com ela.

"Você acha que eu teria voltado se houvesse a chance de carregá-la?"

Vendo o rosto de Rachel, eu suavizei. "Por alguma razão, Isis escolheu me poupar. Foi ela quem me mandou para casa com Marcella."

Saímos do pátio e entramos no Palácio, assustadoramente silenciosos antes do amanhecer. "Quebrou meu coração a maneira como Marcella continuava chorando por você", disse Rachel enquanto nos aproximávamos do berçário.

- Dominus disse a ela que você voltaria logo. Eu **não tinha** tanta certeza.

Observei minha filha adormecida da porta. O rosto de Marcella estava vermelho e cheio de saúde. Ela se mexeu e lentamente abriu os olhos. "**Mamãe!**" ela murmurou em uma voz rouca de sono. Eu ansiava por correr para a frente, para tomá-la em meus braços, mas me contive. **Amanhã ...**

"Sim, mamãe está em casa", eu disse suavemente. "Durma, minha querida."

Seus braços estendidos caíram lentamente enquanto ela cochilava. conferir."

Uma vez no corredor, perguntei a Rachel sobre Pilatos.

"**Herodes Antipas** veio a Jerusalém para celebrar a Páscoa. Dominus foi ao seu palácio para me perguntei brevemente que **nova crise** manteve os dois homens acordados tão tarde. Eles não eram amigos. Apenas um **fino véu de civilidade** cobriu sua aversão suspeita um ao outro. Pilatos **desprezou** Herodes enquanto temia sua popularidade em Roma. O **tetrarca judeu** não queria nada mais do que tirar meu marido da Judéia para que ele pudesse governar o país sem a presença romana, como seu pai havia feito.

"Espero que a **conferência de Pilatos** seja séria o suficiente para detê-lo a noite toda", disse eu quando chegamos à porta de meus aposentos.

"Como posso responder às perguntas dele? Perdi tudo, menos Marcella.

E se ele souber sobre **Holtan**, e se ele me banir?" Afundei cansado em um sofá.

"Não estou pronta para ver **Pilatos**; estou exausta. As estradas estão congestionadas de peregrinos, milhares deles. Você não pode imaginar a poeira, o barulho.

Foi um pesadelo. Devo descansar primeiro."

Rachel franziu a testa enquanto desfazia os fechos das minhas sandálias.

"Todo mundo está preocupado nesta época de Páscoa. Tanta coisa aconteceu..."

"Por favor, agora não. Os rumores podem esperar. Eu só quero dormir."

"**É mais do que um Boato**. A notícia chegou ontem de Roma. O **Dominus Sejanus foi executado**. Todo mundo está falando sobre ele, especulando sobre o futuro.

O quê, quem será o próximo?"

"Eu não acredito!" Exclamei, assustada com o meu cansaço.

"O segundo homem mais importante em Roma - no mundo! Tibério adora Sejano."

"Não mais," Rachel insistiu, com a voz baixa. "Cortesãos ciumentos conseguiram se colocar entre eles. Se suas **histórias de traição** eram verdade ou ficção, eu não sei, mas o **Imperador** acreditou nelas. Ele ordenou que **toda a família** de **Dominus Sejanus** fosse morta." Eu engasguei como se tivesse sido atingido.

"O quê! **Todos** eles? Até a **pequena Priscila**?" Priscilla com seu sorriso alegre e cachos balançando era pouco mais que uma criança.

"**É contra a lei executar virgens**", lembrei Rachel.

"Ela não era virgem quando os guardas acabaram com ela."

Eu afundei no sofá. **Sejano** foi um homem bom, pelo menos comigo. Como me lembrava bem da bem-humorada **Apicata** com suas piadas e tagarelas... Amigos calorosos que perdi para sempre. "Quanto mais eu posso suportar?"

Eu murmurei, balançando minha cabeça com cansaço.

"Melhor se preocupar com seu marido - e com você", aconselhou Rachel.

"O **Imperador** certamente sabe que Dominus era um homem de Sejanus."

Um arrepio percorreu meu corpo.

Pobre Pilatos, como se já não tivesse o suficiente com que se preocupar. **Oh, Isis!**

E se tivesse sido nosso filho levado, nossa preciosa menina.

Não! Eu não pensaria nisso, não esta noite.

Rachel sinalizou para outro escravo que esperava preparar minha água do banho.

"A queda de Dominus Sejanus não é tudo o que aconteceu em sua ausência."

"Não mais, por favor."

Rachel olhou para cima, uma expressão preocupada em seu rosto.

"Isso diz respeito à **Domina Miriam**." Prendi minha respiração.

"Muito bem, diga-me."

"Ela veio ao **Palácio três vezes** esta noite implorando para vê-la. A última vez que **domina** estava soluçando abertamente."

"Estranho." Eu me virei, sem vontade de pensar no que esse novo desenvolvimento poderia significar. Lutei para ignorar o medo crescente.

"O que Miriam poderia querer de mim?" Eu me perguntei em voz alta.

"Eu a vi cavalgando com Jesus na estrada de Jerusalém há menos de uma semana.

Ela parecia a mulher mais feliz do mundo."

"Então você não a reconheceria," Rachel murmurou tristemente.

"**Jesus foi preso**. Foi obra de **Caifás**", explicou ela, tirando meu turno.

"Ele e os outros Sumos Sacerdotes estão decididos a se livrar de Jesus."

Suspirando, entrei na banheira. A água quente e perfumada parecia penetrar em todos os poros cansados. "Isso não faz sentido", argumentei. "Por que aqueles sacerdotes poderosos se importariam com Jesus?"

Ele é apenas um rabino itinerante que nada possui e nada deseja."

"Eu não sei," Rachel disse, balançando a cabeça.

"É difícil entender Jesus. Ele irrita as pessoas porque as confunde. Mal havia entrado em **Jerusalém**, uma **multidão** de **fariseus** e **herodianos** o abordou.

'É certo pagar impostos a César?' seu líder perguntou a ele."

"Oh, Isis! Não existe uma resposta certa para essa." "Não," Rachel concordou.

"Eles queriam prender Jesus."

"Entendo. Se ele disser sim, ele perde **Zelotes** como Simão e Judas, que acreditam que ele nasceu para lutar por sua causa. Se ele disser não, Pilatos pode facilmente mandar prendê-lo. Suponho que tenha sido isso que aconteceu, por que ele está na prisão."

"Não, **Jesus era inteligente**. Ele pediu uma moeda e eles lhe deram um denário. Segurando o lado com a imagem de **Tibério** nela, ele disse: '**Dê a César o que é de César**.' Então, virando a moeda, Jesus disse-lhes que '**Rendam ao Senhor o que é do Senhor**'."

Sentei-me na banheira me sentindo um pouco melhor. "**Isso é maravilhoso!**" Exclamei, "assim como ele. Pague os impostos. Eles não significam nada. Seu reino, o **Reino do Amor** e da igualdade, não é deste mundo."

"É **maravilhoso**, a menos que você seja um Zelote", Rachel me lembrou.

"Jesus fez tudo que eles esperavam dele, **cumpriu** cada uma das **Antigas Profecias**, até mesmo entrar em Jerusalém como o **Verdadeiro Messias** que eles acreditavam que ele era. Então, quando seus campeões zelotes esperavam que ele os liderasse para a batalha, Jesus vilipendiou sua causa antes metade da cidade."

Oh, Isis! Se **Jesus** não fosse o **Messias**, os zelotes o usariam como mártir?

Antes que eu pudesse expressar meus medos, Rachel continuou.

"É como se Jesus quisesse incitar a todos. Dois dias atrás, ele causou uma confusão no Templo. É o assunto da cidade."

Eu inclinei minha cabeça para trás e fechei meus olhos enquanto ela esfregava água com sabão em meu couro cabeludo. "No Templo? Que extraordinário! Você estava lá?"

"Sim, eu estava passando e ouvi uma comoção no pátio. A princípio pensei que fosse apenas o de costume - pessoas se aglomerando para comprar ofertas. Pombas que vendem por alguns centavos saindo por vinte vezes isso. De repente, lá estava Jesus gritando e

delirando, virando gaiolas. Cordeiros corriam em todas as direções, pombas voando em círculos. Então ele foi atrás dos cambistas."

"Mesmo!" Eu exclamei. Os **Cambistas** eram a **Força Vital** do Templo, da própria Jerusalém. Todos, incluindo Pilatos, os deixaram totalmente sozinhos. Nem mesmo um mendigo conseguiu espaço no Templo sem pagar algo ao Sinédrio.

A última coisa que Caifás desejaria era algum arrogante ameaçando seus Cambistas.

Rachel balançou a cabeça em perplexidade. "Jesus não parava de gritar que os **cambistas tinham que sair da casa** de seu pai. Imagine chamar o Templo de **casa de seu pai.**"

Lembrei-me de conversar com Jesus no casamento, a referência ao seu **abba**.

"É nisso que ele acredita", disse eu.

"**Caifás ficou furioso.**"

- Posso imaginar. E meu marido? Qual é a posição de Pilatos em tudo isso?

"O guarda chefe me disse que **Dominus** estava muito mais **preocupado** com outro Criminoso, aquele que ele enviou de **Séforis** para ser crucificado."

"**Barrabás?**"

Rachel concordou. "Ele é o cara."

"Miriam deve ter vindo aqui porque ela quer que eu interceda por Jesus."

Rachel me lançou um olhar assustada.

"Se Dominus pensa que você tem alguma coisa a ver com **Jesus ou Miriam--** "

Ondas de ansiedade e exaustão tomaram conta de mim.

"Estou muito cansada, não posso enfrentar Pilatos esta noite.

Como posso fingir que nada aconteceu comigo... que eu não perdi... tudo!"

"Não tente, espere até você descansar," Rachel disse enquanto me ajudava a sair do banho. Ela começou a secar meu cabelo com a toalha. "Dominus vai querer vê-la, mas direi a ele que você está cansado da viagem e precisa descansar."

Eu acenei a toalha longe. "Por favor, me deixe agora. Eu preciso ficar sozinha."

Finalmente sozinha, sentei-me em silêncio pensando sobre tudo o que Rachel tinha me contado. Em retrospecto, o destino de Jesus não parecia tão terrível.

A pior reclamação de Roma contra os judeus era sua relutância em pagar impostos. Ora, aqui estava um **líder popular** - muitos acreditavam ser o herdeiro legítimo - aconselhando as pessoas a pagarem seus impostos. Pilatos certamente não iria ficar do lado dos zelotes contra ele.

Quanto a **Caifás** e o **Sinédrio**, por que o **Governador** tentaria, quanto mais condenar, um jovem idealista que realmente falava em apoio à política romana?

Uma noite na prisão não era o fim do mundo. Jesus seria libertado pela manhã. Pilatos não precisaria de minha insistência para decidir essa questão. Miriam logo teria seu marido de volta. Quanto a mim, nunca teria o homem que amava.

Recostada no sofá, me virei e me revirei, sem conseguir dormir. Finalmente, me levantei e **me ajoelhei** diante da minha estátua de **Ísis**. Eu oraria por outro sonho de Holtan. Por favor, venha até mim, minha querida. Por favor. Lágrimas negadas por longas horas fluíam livremente enquanto minha mente se enchia de memórias. **Holtan**, o **Gladiador** vitorioso, Holtan em seu leito de morte.

Voltei para o meu sofá, mas o sono me escapou. Onde ele estava?

Quando finalmente chegou, o **sono trouxe um Sonho mais Assustador** do que qualquer coisa que eu poderia ter imaginado. **Ísis** não enviou meu amor, mas o de Miriam. Conforme o **pesadelo se desenrolava**, minha dor se fundiu com a dela até que me tornei uma com Miriam. Desamparada, vi os Soldados Romanos pregarem minha amada na Cruz. Eu ansiava por correr para ele enquanto ele implorava por água.

O sol quente batia impiedosamente em sua cabeça, descoberta apenas por uma coroa de espinhos.

Preso em uma realidade giratória que não parava, eu vi **Jesus** na frente de um desfile de vítimas trágicas, seus dramas lamentáveis seguidos por banhos de sangue cada vez maiores. Homens com cruzeiras estampadas em suas vestes cavalgavam furiosamente em batalha após batalha. Eu vi mulheres amarradas a estacas e queimadas vivas, o fedor de carne assada em todos os lugares enquanto seus gritos torturados se misturavam com cânticos... Eu ouvi o nome de meu marido ser repetido sem parar.

Sofreu com Pôncio Pilatos. Sofreu com Pôncio Pilatos. Sofri com Pôncio Pilatos... Meus gritos se misturaram aos deles enquanto algo me segurava. Lutando desesperadamente para me libertar do sonho, vi o **rosto de Jesus** desvanecer-se até desaparecer. Tudo o que restou foi a cruz, sobreposta a campos intermináveis de cadáveres engolfados pelas chamas. Sentei-me, a visão medonha diminuindo quando reconheci os limites familiares do meu quarto.

A **cruz**, é claro, a **cruz** que me perseguiu por tanto tempo. Pilatos iria crucificar Jesus.

"Domina! O que é? O que está errado?" Rachel estava ao meu lado, seus olhos arregalados de preocupação.

Eu olhei em volta. A luz do sol estava fluindo para o quarto.

"Esse barulho? A gritaria! De onde está vindo? O que está acontecendo?"

"Os Sacerdotes trouxeram Jesus ao palácio para julgamento. **Eles não irão ao tribunal** por causa das **estátuas de Augusto** e dos outros deuses. Dominus vai julgar o caso de Jesus no pátio. Agora está cheio, principalmente de membros do Sinédrio. Ninguém mais pode entrar."

"Pilatos está tentando Jesus!" As palavras do meu sonho ecoaram na minha cabeça enquanto eu me mexia do sofá. "Pressa!" Eu chorei, puxando minha túnica de dormir. "Ajude-me a me vestir. Eu tenho que impedi-lo."

"Eles não permitirão." Rachel puxou o vestido de minhas mãos.

"Você não pode descer aí!"

"Vou encontrar um jeito. Tenho que encontrar um jeito. Preciso ver Pilatos", disse eu, colocando uma túnica sobre a cabeça e os ombros.

Sandálias batendo contra a escada de mármore, desci com Rachel nos meus calcanhares. Parando uma vez no parapeito, olhei para a multidão enfurecida que enchia o pátio. Lá estava Pilatos com suas vestes carmesim de magistrado sentado acima deles em um estrado. Um caminho foi aberto antes dele. Sacerdotes com mantos escuros se aproximaram. Eu desci as escadas correndo.

Quando cheguei à ante-sala, os guardas bloquearam a entrada em arco, brutos desajeitados que permaneciam imóveis, segurando suas lanças na vertical.

Além, ouvi altas vozes raivosas e pesados bastões batendo furiosamente contra as pedras do pavimento.

Reconhecendo o capitão, um homem grande e corado, acenei imperiosamente com a cabeça. "Devo ver meu marido imediatamente."

"Isso é impossível", disse ele, bloqueando-me com seu corpo largo.

"**A lei judaica proíbe as Mulheres de serem aqui.**"

"Meu marido é o Governador. Este é o meu pátio."

- A **Regra é Clara**, Domina. Tenho ordens de seu marido. Sem perturbações de qualquer tipo.

"Mas eu tenho negócios urgentes com ele." O guarda manteve-se firme.

"Fora do meu caminho!" Eu exigi, empurrando-o com todas as minhas forças. Eu poderia muito bem ter tentado mover uma parede de pedra.

"Seja razoável," ele pediu, sua pele queimada de sol adquirindo um tom mais profundo. "A **multidão** está com **raiva**. Você não gostaria de inflamá-los ainda mais."

Olhando por cima de seu ombro largo, vi Jesus. Ele se levantou, pulsos amarrados,

rodeado por acusadores. Alguém havia enrolado um manto escarlate em seus ombros. Em sua testa havia uma coroa de espinhos.

Eu suspirei. Meu sonho já estava se tornando realidade!

O Sumo Sacerdote **Caifás** confrontou Pilatos.

"Este homem é acusado de corromper nosso povo. Ele se autodenomina um rei."

Meu marido ergueu os olhos de um pergaminho e olhou para Jesus com curiosidade. Eu conhecia aquela expressão calma e evasiva. "Bem - **você é um rei**, o rei dos judeus?"

Esforcei-me para ouvir a resposta.

"Se você diz que eu sou", disse Jesus suavemente, tão evasivo quanto Pilatos.

Meu marido se inclinou para frente, seu olhar curioso enquanto estudava o prisioneiro. "Você ouviu as acusações deles. Não tem nada a dizer?"

"Você quer saber por si mesmo ou porque outros falaram contra mim?"

Jesus perguntou. Prendi minha respiração. Os modos de Jesus pareciam estranhamente calmos, sem defesas, quase provocadores.

Pilatos olhou para ele com severidade.

- **Sou judeu?** Não foi o seu povo, seus principais Sacerdotes, que os trouxe aqui?

O que você fez para provocá-los?

Jesus continuou a considerá-lo quase tranqüilamente.

"Eles me perseguem por motivos próprios."

O olhar de meu marido mudou brevemente para **Caifás** e seu sogro, **Anás**, que estava de pé carrancudo, os braços cruzados sobre o peito. Voltando-se para o prisioneiro, Pilatos perguntou: "E por que fariam isso?"

"Porque eu falo do **Reino dos Céus**, e eles falam apenas desta terra. Eu vim a este mundo para **dar Testemunho da Verdade**."

"**A verdade**." Pilatos sorriu. "**O que é verdade?**" ele perguntou, levantando uma sobrancelha irônica.

Enquanto Jesus permanecia em silêncio, senti uma onda inesperada de simpatia por meu marido.

"**Não acho nada de criminoso nesse homem**", disse Pilatos, voltando-se para Caifás. "Leve-o e julgue-o de acordo com a sua lei."

"**Vocês, Romanos, não permitem que Condenemos um homem à morte**", lembrou Caifás.

"**Morte?**" Pilatos pareceu surpreso. "Este sonhador inofensivo não merece a morte."

Caifás lutou visivelmente para manter a voz calma. "Este '**sonhador inofensivo**' viaja por toda a Judéia e Galiléia incitando as pessoas com sua blasfêmia."

- Você deve ir, Domina - sussurrou o guarda com voz rouca, gesticulando na direção de um grupo de padres que me notou e murmurava entre si. Um padre estava apontando para mim. "Você quer detonar uma rebelião?"

"Preciso falar com meu marido", insisti, olhando em volta freneticamente. Claramente Pilatos era o único raciocinador contra uma multidão raivosa. Um pensamento me ocorreu. "Traga-me um tablet e uma caneta. **Vou escrever para ele**."

O guarda elevou-se sobre mim. Queixo para cima, eu olhei de volta para ele. Finalmente, ele desviou o olhar. "Retire-se então," ele concedeu.

"Afaste-se agora ou vou mandar executá-lo."

Afastei-me do arco para a antessala onde Rachel observava.

"O guarda está certo. É perigoso estar aqui", disse ela, com os olhos arregalados e assustados.

"Oh, Raquel, você não entende. Você não pode. Você não viu as coisas que eu vi ou ouvi as palavras, aquelas palavras horríveis. **Executar Jesus** seria uma farsa. Ele é um homem bom que só quer paz. Meus sonhos diga-me que sua morte será o início de uma guerra sem fim e mal-entendidos. Uma grande escuridão virá sobre o mundo.

Ninguém se lembrará do que Jesus realmente disse, e o nome de Pôncio Pilatos

continuará a viver de uma forma terrível. Devo parar com isso."

Um servo veio com um tablet e uma caneta. Eu os peguei dele, meu coração batendo descontroladamente enquanto eu lutava para encontrar as palavras. Como poderia descrever o que vi em meu sonho? Não consegui e o tempo estava se esgotando.

Apressadamente, rabisquei: "**Pilatos - aviso, não tenha nada a ver com aquele homem inocente. Tive sonhos dolorosos por causa dele.**" Entreguei o pergaminho ao capitão. "Entregue isso diretamente nas mãos do meu marido. Faça agora."

Por insistência do guarda, Rachel e eu permanecemos na ante-sala. As vozes raivosas no pátio ficaram mais altas, eu senti a tensão aumentar.

Finalmente, não pude mais suportar o suspense e comecei a voltar lentamente para a arcada. O guarda observou meu avanço, sua boca definida em uma linha sombria. Eu coloquei um dedo sobre meus lábios, sussurrando, "Por favor. Eu vou ficar fora de vista."

Pilatos bateu com a parte plana de sua espada na mesa para acalmar a multidão impaciente. Eu vi meu tablet aberto na mesa diante dele.

"Você trouxe este homem, **Jesus**, para mim, mas não encontro **nada de criminoso** sobre ele." Ele fez uma pausa, olhando para a multidão furiosa reunida diante dele.

"Talvez ele não aprecie perfeitamente a **autoridade** de Roma. Para isso, ensinarei a ele uma lição que ele não esquecerá, mas então o libertarei. Jesus não fez nada para merecer a morte."

"Não!" Caifás rosou. Seu grito de raiva foi captado por possivelmente uma centena de homens que pressionaram mais perto de Pilatos.

Meu coração disparou. O que ele deveria fazer? A **lei romana** era inerentemente justa. Se Jesus fosse um cidadão de Roma, ele poderia ter levado seu caso ao próprio César. Mesmo como um mero súdito judeu, ele tinha direito à justiça do governador.

O dever de Pilatos era claro, mas eu sabia que cumpri-lo poderia colocar em risco a soberania de Roma e custar caro a meu marido.

"É costume libertar um prisioneiro a cada ano na época da Páscoa", lembrou Pilatos ao tribunal. "Como um gesto de minha boa vontade, **vou libertar Jesus**, 'rei dos judeus'."

Meu sangue vibrou de alívio e orgulho. Foi um golpe de mestre. Pilatos não só libertou um homem inocente, mas lembrou à turba rebelde a força e o poder de Roma.

O que o Governante do mundo deveria temer de um simples rabino? Que esperto! Naquele momento, fiquei tão orgulhosa dele quanto no dia em que nos casamos.

Mas mesmo enquanto esses pensamentos corriam pela minha mente, a multidão ficou ainda mais feia. "**Barrabás Livres!**" alguém gritou. "**Dê-nos Barrabás!**"

Os líderes pegaram o grito. Logo toda a multidão gritava: "Barrabás! Barrabás!" como se aclamasse um herói.

"Barrabás! **Aquela escória assassina!**" o Capitão da Guarda, parado na minha frente, murmurou.

Meu coração afundou quando vi os ombros de Pilatos cederem.

"Acabou", eu sussurrei. "Nada pode salvar Jesus agora."

"Então o que devo fazer com o seu rei?" Eu ouvi Pilatos perguntar.

"Crucifica-o!" o povo gritou quase ao mesmo tempo. "Mas que crime ele cometeu?"

"Crucifica-o!" eles choraram novamente.

Pilatos olhou em volta do tribunal lotado. Nenhum homem veio falar em nome de Jesus.

Enquanto meu marido hesitava, Caifás se aproximou, um aviso implícito em sua voz.

"Se você libertar este homem, você não é amigo de César. Qualquer um que se autodenomine rei está contra Roma. Tibério é nosso governante e ninguém mais."

"Muito bem", disse Pilatos por fim. "O sangue dele está em suas mãos, não nas minhas." Ele sinalizou para um atendente. "**Água. Traga agora em uma tigela.**"

O pátio barulhento se aquietou. Fiquei perfeitamente imóvel, observando, esperando.

Todos os olhos se voltaram para Pilatos quando ele mergulhou as mãos na bacia.

"Eu lavo minhas mãos com o sangue inocente deste homem."

Rachel puxou meu braço. "Venha, Domina, devemos ir embora."

As lágrimas me cegaram enquanto eu me permitia ser levada embora. Mesmo quando me esforcei para evitar o destino, não fui mais do que uma mosca na parede.

Pensei em **Miriam e Maria**. Oh, minha **Ísis**, como elas poderiam suportar isso!

Uma conversa animada percorreu o pátio. Eu me virei e abri caminho através do arco. Que diferença faria agora se eu fosse vista? As pessoas ficaram em grupos silenciosos, esperando. Ficando na ponta dos pés, vi Pilatos pegar meu tablet. Ele estava apagando a cera com a ponta romba do estilete. Um murmúrio impaciente se espalhou pelo pátio quando ele começou a escrever uma nova mensagem. Os guardas do palácio ergueram suas espadas ameaçadoramente para os manifestantes.

Quando Pilatos terminou, ele ergueu o estilete.

Os resmungos furiosos da multidão começaram a sério enquanto os espectadores se aproximavam do banco, lutando para Vejo.

"O que ele escreveu?" Perguntei ao guarda.

O homem corpulento avançou. "Por Júpiter." Ele assentiu com aprovação.

"O governador sabe como para colocá-los em seus lugares. "

"O que ele escreveu?" Eu repeti. **"Jesus de Nazaré, rei dos judeus."**

"Grave isto em sua cruz", ordenou Pilatos a Caifás.

"Grave em Aramaico, Grego e Latim."

O rosto do Sumo Sacerdote ficou lívido. "Você não pode escrever isso!

Diga, em vez disso, 'Ele disse que era o rei do Judeus'."

Pilatos o olhou friamente. **"Eu escrevi o que escrevi."**

CAPÍTULO 39 - Minha decisão

A escada ecoou sob meus pés. O palácio parecia deserto. Estavam todos no pátio assistindo àquele espetáculo horrível?

Estremeci com a memória dos guardas se aproximando de Jesus. Ele havia sido espancado. Eu o vi cambalear. Não devo pensar...

Corri mais rápido como se um **Santuário** me aguardasse em meus aposentos.

Não foi.

"Tente descansar, Domina," Rachel pediu quando chegamos à antessala de meus apartamentos. "Você dormiu tão pouco na noite passada."

Descansar. Eu descansaria novamente?

Eu queria apenas ficar sozinha, mas quando a porta finalmente se fechou, eu sabia que não haveria solidão. De todas as direções, as memórias me cercaram. Elas não podiam ser iludidas. **Tudo o que amei, tudo o que perdi**. Minha amada **família, Holtan**, e agora **este novo...** Qual o significado de tudo isso? Como eu deveria continuar?

Eu me levantei e caminhei até o **santuário** que havia criado para **Ísis**.

Ajoelhando-me diante de sua imagem, orei em silêncio. Qual é o seu plano para mim?

Diga-me, mostre-me e dê-me forças para fazer a tua vontade...

Não sei quanto tempo fiquei ajoelhada ali, mas aos poucos percebi que alguém batia na porta. Ao longe, ouvi uma mulher gritando. O que agora?

Eu me perguntei, levantando-me. Movendo-me com relutância, hesitei antes de lançar o ferrolho de volta. Lá no corredor **estava Miriam**, lutando freneticamente enquanto dois guardas a arrastavam para fora da porta. Outros observavam com espadas em punho.

"Solte-a imediatamente!" Eu pedi.

Os homens recuaram, mas mantiveram as armas firmemente fixadas em Miriam.

"Por favor, Claudia, me ajude!" ela chorou. "Eu devo falar com você sozinha."

Coloquei meu braço em volta de Miriam, puxando-a para o meu quarto. Antes que os guardas pudessem dizer ou fazer mais alguma coisa, bati e tranquei a porta.

"Minha querida," eu disse, acomodando Miriam em um sofá, colocando um travesseiro atrás dela, "Eu tentei, eu realmente tentei, mas o que Pilatos deveria fazer?"

Você pode considerá-lo **todo poderoso**, mas isso não é verdade. Existem centenas de milhares de peregrinos lotados nesta cidade agora. Meu marido tem apenas algumas centenas de homens em todo o país. Demoraria dias até que chegassem reforços da Síria."

"**Jesus ainda pode ser salvo.**"

Um calafrio de apreensão passou por mim. "O que você quer de mim?"

"Você sabe sobre **ervas e poções** - coisas secretas."

Seu rosto estava branco e tenso, seus olhos selvagens. "**Você pode dar algo a Jesus.**"

Dê algo a ele! Que loucura foi essa? - Miriam, Miriam, você não acha que tentei tudo o que sabia para salvar Holtan? No final, foi inútil.

"Por favor", ela implorou, com os braços estendidos.

"Não conheço ninguém em Jerusalém. Você é o única chance."

Eu me virei, incapaz de enfrentar seus olhos desesperados.

"Eu tenho um plano", ela insistiu, com modos frenéticos. "Quando o sábado chegar, os guardas estarão forçado a cortar Jesus. Eles vão pensar que ele está morto, mas com a sua ajuda, ele só vai parecer morto. Eu reivindicarei seu corpo e cuidarei dele até que venha o **Terapeuta do Mosteiro Essênio**. Suas habilidades de cura podem salvar Jesus, eu sei disso. Os **Essênios** irão escondê-lo. Ninguém vai saber. Vai funcionar, eu sei que vai.

Claudia, "ela implorou, de joelhos agora," você tem que me ajudar! "

Levada Miriam a seus pés, consolou-a em meus braços.

Meu sonho **revelou a morte de Jesus** tão claramente. Maria também conhecia seu destino. Lembrei-me de sua profunda melancolia no casamento.

Como uma mãe poderia viver com tanto peso?

Mas suponha que meu sonho fosse falso... Suponha que eu pudesse mudar o resultado do que eu tinha visto... Isso seria possível?... Estava em meu poder salvar Jesus?... **Passiflora e Arnica** iriam acalmá-lo enquanto acalmando a dor... **Stavesacres** podem fazê-lo parecer morto. "Como você entregaria isso a ele?" Eu perguntei.

"Eu posso fazer isso! Por favor, Claudia, apenas faça a poção. É o único jeito."

Seus olhos brilharam de esperança quando ela agarrou minhas mãos.

Tão pouca esperança, mas se eu não tentasse...

Estava sozinha em meu apartamento quando aconteceu. Lutando para escapar das horríveis imagens que me cercam, da agonia de Jesus, cravos... cravos cravados em sua carne e Miriam ajoelhada diante de sua cruz, sofrendo com ele, orando por um milagre.

Ela foi capaz de administrar a poção? Estava funcionando? Pode funcionar?

Não devo ter notado o céu escurecendo. De repente, um **estrondo de trovão** sacudiu o Palácio. Correndo para o parapeito, vi que o sol havia sumido.

Um grande vento soprou, quebrando toldos e entortando árvores. O céu ficou preto.

O Templo, revelado em um **flash brilhante** de relâmpago, balançou diante de meus olhos. Correndo de volta para dentro, vi o candeeiro balançar e quebrar.

O piso de mármore mudou sob meus pés. "Marcella!" Eu chorei alto. Sentindo meu caminho como uma pessoa cega pelo corredor escuro, finalmente alcancei sua porta.

Meu bebê estava gritando enquanto a enfermeira ao lado dela lutava para reacender uma lâmpada caída.

Pegando Marcella em meus braços, acariciei seus cabelos, murmurando algo tranquilizador. O tremor acabou tão rapidamente quanto começou, mas o céu permaneceu

escuro. Eu embalei minha garotinha, acalmando-a, repetindo palavras que esperava serem reconfortantes. Quanto tempo embalei Marcella, cantando canções de ninar e contando histórias bobas, não sei. Uma eternidade.

Finalmente, ouvi o som de passos pesados se aproximando. Alguém estava gritando ordens. A luz inundou a sala. **Pilatos** parou na porta flanqueado por dois escravos carregando tochas. "**Tata!**" Marcella gritou, estendendo a mão na direção dele com força.

Pilatos cruzou a sala em um instante, seus braços me envolvendo enquanto eu segurava Marcella, segurando nós dois "Que coisa horrível é essa!" a enfermeira chorou histericamente. "Que mal fizemos para causar os deuses para nos punir desta forma? "

Pilatos olhou para ela. "Foi um **Terremoto** e um **Eclipse**, nada mais.

Pessoas inteligentes - o único tipo apto a cuidar de crianças - sabem disso."

Voltando-se para Marcella, ele acariciou suavemente seus cabelos.

"É apenas a lua passando entre o Sol e a Terra - uma coisa natural que acontece de vez em quando."

Enquanto ele falava, os soluços de Marcella cessaram. Logo ela se desvencilhou de nossos braços e se acomodou no chão. "Vamos fazer um eclipse", disse ela, montando seus blocos de argila. "O azul será a lua..."

Pilatos e eu nos ajoelhamos ao lado dela. Ele estava movendo os blocos de argila conforme ela o instruí. "Eu te amo, *Tata*," Marcella disse inesperadamente. "Sentimos sua falta, mamãe. Você também não Ama a Tata? "

Para meu grande alívio, alguém bateu na porta. Pilatos fez uma careta de aborrecimento, mas eu pulei para abri-la. Lá estava Rachel, com o **rosto pálido** e os olhos arregalados de medo. Saí para falar com ela.

"Coisas terríveis estão acontecendo, Domina", ela ofegou sem fôlego.

"Tumbas de Rocha se despedaçaram - os ossos, os ossos, eles estão se espalhando.

Eu estava na antessala quando as pessoas começaram a chegar com histórias horríveis. A grande cortina suspensa do Templo - está rasgada de cima a baixo. "

"Cuide dos escravos," eu a instruí. "Acalme-os." Eu teria voltado para o quarto de Marcella, mas Rachel me impediu.

"Há algo mais", acrescentou ela com relutância.

"Miriam enviou um homem aqui para implorar *Dominus*. Ela implora um favor."

Olhei em volta do corredor, agora iluminado por lâmpadas. "Onde está essa pessoa?" A expressão de Rachel estava apreensiva. "**Ela espera em seus apartamentos.**"

"Pilatos não vai querer ser incomodado. Vou falar com aquele que você trouxe."

Rachel bloqueou meu caminho. "O Sinédrio está sempre espionando - **Herodes** também - procurando **maneiras de desacreditar** Dominus com o **Imperador**. Você não pode fazer nada a não ser se meter em mais problemas com ele."

Ela fez uma pausa. "**Jesus está morto.**"

Morto... tão cedo? Miriam havia lhe dado a poção? Pode estar funcionando?

"Quem disse isso?" Eu perguntei, meu coração batendo forte. "Como eles sabem?"

"Dizem que um Soldado enfiou a Espada no lado de Jesus."

Pobre Miriam, seu esquema frenético em vão.

Forçando de volta as lágrimas rápidas que picaram meus olhos, empurrei Rachel gentilmente para longe. O homem estava fora de meus aposentos, franzino, mal na casa dos **vinte**. Suas vestes brancas eram bem cortadas, mas amassadas e muito manchadas.

Foi sangue? Eu me perguntei. Ele se virou para mim, olhos grandes suplicantes.

"Quem é Você?" Eu perguntei. "Por que você veio?"

"Meu nome é **José de Arimatéia**. Eu sou um **discípulo de Jesus**."

"Como você ousa vir aqui?" Foi Pilatos quem falou.

"Um discípulo, você disse?" ele perguntou, avançando.

- Já não te vi antes? No Templo, talvez? Ele estudou Joseph com desconfiança.

"**Sim, Dominus.**" A voz de Joseph mal passava de um sussurro.

"Eu vim para Jerusalém para me tornar um Sacerdote."

"Mas, em vez disso, você seguiu Jesus?" Eu perguntei, olhando nos olhos escuros, no nível dos meus.

"Fique fora disso, Claudia!" Pilatos avisou com a voz aumentando.

"Entre e feche a porta." Eu não me mexi.

O rosto pálido de Joseph ficou vermelho. "Eu fui um **discípulo secreto** - com muito medo de falar."

"E agora?" Pilatos perguntou, sua impaciência aumentando. "Por que você está aqui? O que você quer?" "Seus soldados levaram o corpo de Jesus. Eles trocaram suas roupas entre si. O corpo será lançado em uma vala - a sepultura de um indigente.

Se - se eu pudesse tê-lo. Eu tenho uma tumba pronta. Por favor...

"Ele olhou de Pilatos para mim. Aqueles olhos grandes de novo, implorando.

O que eu poderia fazer?

Pilatos balançou a cabeça. "O que aconteceu pode ter sido desnecessário, até mesmo lamentável, mas Jesus ainda era um criminoso. Quanto mais cedo esse assunto acabar, melhor. Existem regras a seguir."

Avancei, olhando diretamente nos olhos de Pilatos.

"Mas eles não foram seguidos, foram? O julgamento foi uma farsa.

Talvez desta vez... esta regra... pudesse ser quebrada..."

Olhamos um para o outro. Lentamente sua expressão se suavizou. Ele gesticulou impacientemente para Joseph. - **Muito bem, pegue o corpo!** Faça o que quiser com ele. Diga aos guardas que tem minha permissão. Não quero ouvir mais nada sobre isso.

Joseph me lançou um olhar agradecido. Ele curvou-se várias vezes e recuou pelo corredor.

Voltando-me rapidamente, na **esperança de escapar de Pilatos** e de suas inevitáveis perguntas sobre minha viagem a Cesaréia, entrei em meus aposentos. Antes que eu pudesse fechar a porta atrás de mim, ele entrou. Pilatos sentou-se em um sofá e pegou uma garrafa de vinho. Sua mão tremia enquanto ele servia.

"Aquele homem - **Jesus - eu o teria libertado**, mas havia muitos dissidentes. Caifás mandou embalar o Tribunal. Eles queriam sangue."

Pilatos levou a taça de vinho aos lábios, o rosto vermelho.

"**Eu sei, eu vi.**"

"Você estava lá?" Pilatos me olhou surpreso. "Claudia, você conhece o perigo."

Dei de ombros. **O que é verdade?** Pilatos perguntou a Jesus. Na verdade, **o que a verdade importa agora?** "O sonho de que te avisei não significava nada", assegurei ao meu marido. "Eu mal me lembro. **Que diferença isso vai fazer em uma semana?**"

Forçando um sorriso, acrescentei: "Se chegar o dia em que tantos **oram a Jesus** por **Cura** quanto a **Asklepios**, talvez você tenha motivos para se arrepender de sua decisão."

Ele riu muito. "Você tem jeito com você, Claudia. Você sempre pode me fazer rir."

Seria **dois dias** antes vi meu marido de novo. Jerusalém estava em turbulência.

Inúmeros motins eclodiram, Pilatos fez questão de suprimi-los. Que eu saiba, ele não dormiu nada durante esse tempo. Tropas foram retiradas das áreas vizinhas para manter a ordem na **cidade agitada e furiosa**.

Muitos que tinham ouvido **Jesus pregar** acreditavam que sua execução estava de alguma forma ligada ao **terremoto e ao eclipse**. Ele não tinha protestado contra o Templo? Por insistência de Caifás, Pilatos colocou guardas ao redor do túmulo de Jesus.

Uma **pedra** foi rolada contra a entrada e o **selo de Roma** afixado. Tudo isso eu ouvi de Rachel, que, apesar de minhas admoestações, saiu para a cidade temerosa para obter informações.

Onde estava Miriam? Eu me perguntei novamente e novamente. Então, no final da noite de sábado, ela apareceu na porta de meus aposentos parecendo abatida além da imaginação. Seu rosto estava manchado, seus olhos tão vermelhos e inchados que me perguntei como ela podia ver.

"**Eu pensei que era tão inteligente**", ela me disse, sua voz tensa e rouca.

"Eu enganei um soldado para dar a poção a Jesus. O desgraçado pensou que era vinagre - Jesus estava clamando por água. Nenhum dos dois fazia ideia do que ele estava bebendo. Eu pensei que tinha ganhado. O sábado se aproximava quando Jesus declinou em coma. Ele parecia morto, mas eu sabia melhor. Só mais um pouco, pensei, mas então outro soldado apareceu. Ele pegou sua espada e... -Acabou."

Ela balançou e poderia ter caído se eu não tivesse estendido a mão para segurá-la.

Cuidadosamente, eu a levei para um sofá enquanto Rachel misturava água com um pouco de vinho. - Fique aqui - falei, afastando o cabelo emaranhado do rosto de Miriam.

"Fique aqui e descanse."

"Não, não, não posso", disse ela, sacudindo a cabeça de maneira irregular. "Eu só vim para contar o que aconteceu, para agradecer por tentar... Tenho que ir."

Maria e Joana estão esperando. Elas estavam comigo na Cruz. Nós e José éramos os únicos... amanhã cedo vamos vai esfregar especiarias em seu querido corpo e envolvê-lo em linho. "

"Mas a tumba foi selada, a pedra é grande demais para você mover."

"Amanhã vou encontrar uma maneira."

Era inútil discutir. Coloquei um palla sobre Miriam.

"Amanhã, sim, mas esta noite tente dormir."

Para minha surpresa, mesmo enquanto ela protestava, Miriam caiu em um Sono agitado. Sentei-me em seu sofá noite adentro, mas finalmente dormi também. Quando acordei, ela havia partido. A luz do sol brilhante entrava pela varanda. Domingo de manhã.

O que o dia traria?

Decidi passar o máximo de tempo possível com Marcella. Praticamos escrever o nome dela juntas em um novo tablet e brincamos com seus três gatinhos.

"Conte-me sobre Ariadne", ela perguntou. Era sua história favorita, como já fora minha. Nós descansamos na varanda ensolarada bem acima da cidade. Marcella, pousada no meu colo, olhou para cima.

"Ariadne teceria um fio para mim, mamãe? Ela me mostraria o caminho?"

"Talvez, se você acreditar nela... e se você se lembrar de pegar o fio."

Não estávamos sozinhas, eu senti e me virei. Pilatos assistia da porta.

Há quanto tempo ele está lá? Ele parecia furioso, mas sua voz era suave quando se dirigiu a Marcella. "Você vai desculpar sua mãe, não vai, querida?"

Ele acenou para que eu o seguisse. Uma vez lá fora, ele agarrou meu ombro, me puxando pelo corredor para meus apartamentos. "Eu não entendo", eu engasguei.

"Fique quieta! Você quer que os escravos ouçam!"

Por fim, chegamos à porta maciça, com detalhes em marfim e lápis-lazúli. Pilatos abriu e me empurrou para dentro. Batendo atrás dele, ele se virou para mim.

"O que está acontecendo aqui, Claudia?"

Meu coração bateu descontroladamente. Eu precisava de mais do que o fio de Ariadne. "Eu não sei do que você está falando," eu disse, me afastando.

"O corpo de Jesus se foi - roubado de sua tumba. Agora o Guarda me diz que sua Mulher esteve no Palácio duas vezes, que ela passou parte da noite passada aqui nesta mesma sala. Você estava tão ansiosa para que eu a libertasse seu corpo.

Por quê? **Qual é a sua parte nisso tudo?** "

"Miriam é minha amiga. Eu disse isso a você na Galiléia. Ela veio até mim esperando que eu pudesse persuadi-la a perdoar seu marido. Claro, isso era impossível. Eu sabia disso. Ela também sabia, mas estava **desesperada**. Você pode não entende sentimentos simples?"

Pilatos ignorou a pergunta. Como se estivesse pensando em voz alta, sua voz baixou. "Ela era uma das **mulheres** que foram ao Túmulo esta manhã. Como elas esperavam **rolar a pedra**, eu não posso imaginar. Como se viu, eles não precisaram. Alguém já tinha removido. Tudo o que restou dentro foi a **Mortalha Funerária de Jesus**, caída no chão como se ele tivesse acabado de sair dela.

Agora eu lhe pergunto "- ele nivelou os olhos com desconfiança em mim -" como pode ser isso? "

"**Como eu vou saber?** Pergunte aos seus Guardas."

"Eles afirmam não saber nada."

"Você quer dizer que eles foram dormir! Aqueles lutadores disciplinados?"

Eu olhei para ele, incrédula.

"Logo descobriremos", respondeu Pilatos com severidade. "Eles estão sendo questionados agora."

Ficamos sentados em silêncio por um tempo. Minha mente girou, tentando imaginar o choque de Miriam ao encontrar um vazio túmulo. O que isso significa? O que está por vir para ela? Senti o peso dos olhos de Pilatos, observando. O que está por vir para mim?

Finalmente, sem saber mais o que dizer, agradei a ele por dar o **corpo de Jesus** a José.

"**Você foi gentil.**" Que absurdo isso parecia em vista desse novo desenvolvimento inexplicável.

Mas Pilatos me levou a sério. "Eu acreditei que era o seu desejo. Eu quero te agradar, Claudia." Eu sorri com a ironia de suas palavras.

"Sério? Não foi sempre assim."

"É agora. Certamente você notou mudanças... desde que viemos para a Judéia?"

"Algumas mudanças, talvez," permiti, sem encontrar seus olhos.

"**No entanto, você foi para Cesaréia.**"

"Sim, eu fui para Cesaréia." Eu fiquei parada, preparada para o que quer que pudesse acontecer. Quando ele não disse nada, olhei para cima. "Suponho que você saiba..."

"**Eu sei sobre a praga**", respondeu Pilatos.

Respirei fundo, procurando seus olhos. Ele sabe de tudo isso e optou por me perdoar.

Mas era tarde demais. O **perdão tácito** não era mais suficiente, nem o medo suficiente para me manter quieta.

Uma sensação de poder surgiu dentro de mim enquanto eu o enfrentava.

"**Como eu sei tudo sobre você.**"

"Muito bem então." Os olhos de Pilatos brilharam.

"**Vamos falar sobre Holtan.** Por causa dele tenho suportado uma terrível humilhação. **Graças a Livia**, sua conduta é o assunto de Roma. Qualquer um me **aconselharia a exilar você, Claudia**. Se o homem vivesse, ele a teria tirado de mim .

Sei também que vocês dois **não teriam descansado** até que encontrassem uma maneira de roubar Marcella. "

"**Não posso negar isso**, assim como você não pode negar as **incontáveis mulheres** que teve ao longo do nosso casamento - **Titânia**, por exemplo. Você imaginou que eu não sabia sobre ela - não sabia sobre a outra criança nascida de você no mesmo dia da nossa Marcela? **Sim, eu sei** sobre o seu filho, o **filho que morreu.**"

Pilatos baixou os olhos. "Eu te machuquei muito. Lamento profundamente."

"Como eu **te machuquei**, o que **não me arrependo.**"

À distância, ouvi-me falando em um tom que mal reconhecia, dizendo palavras que não me pareciam em nada.

"Entendo... mas o perdão é possível?"

"Você se importa depois de tudo o que aconteceu?"

Ele hesitou antes de continuar.

"Nós dois **perdemos muito**, devemos também **perder um ao outro**?"

Sorri ironicamente, lembrando-me do meu **décimo sexto ano** e do jovem Centurião de **Olhos Azuis** e um **Sorriso** de partir o Coração que viera à casa de meu pai. Lembrei-me do **encantamento** e do feitiço, quase podia sentir o cheiro do perfume subindo do banho. Que garota frenética e tola eu fui. Lembrei-me das **ondas de ciúme** devastadoras que quase destruíram aqueles primeiros anos.

Pilatos tocou minha bochecha de leve. "**Você já me amou, talvez demais.** Não pode... não é possível que você me ame de novo?"

Sua mão se moveu para o **sistro** que eu usava ao redor da minha garganta.

"O que sua **Ísis** diria?"

"Que você é um **Osíris** muito improvável!"

"**E seu mistagogo**... ele não diria que todo Casamento é uma **união** de Ísis e Osíris?"

Ele também não diria que eu **sou o Osíris** que a deusa enviou para você?"

Eu ri. Que político! Pilatos foi incrível, mas será que ele estava certo?

Ísis queria que eu reunisse e valorizasse as peças restantes desta união?

As lembranças se amontoaram, as melhores e as piores da minha vida...

Senti novamente o horror e a humilhação do funeral da minha irmã.

Pilatos, o ambicioso, o homem que faria qualquer coisa, sacrificaria qualquer um, **permaneceu fiel**, cavalgando no cortejo fúnebre ao meu lado.

Foi nesses tempos difíceis que nossa Marcella foi concebida.

"Marcella ama você", respondi finalmente.

"Não há nada mais para nós do que isso?" Seus olhos, antes tão frios, procuraram os meus. "Tanta coisa aconteceu a nós dois - somos mais sábios agora.

Você está segurA, você está bem, você está aqui. Diga que sempre estará aqui."

Ele sabia de tudo e ainda assim me perdoou. **Holtan** estava morto e eu tinha ficado para trás. Devo continuar por Marcella.

Eu amei Pilatos uma vez... Demoraria, mas talvez... Eu não sabia.

"**Sim**," eu disse, finalmente encontrando seus olhos. "Eu sempre estarei aqui."

Epílogo

Após o **Julgamento**, nada parecia dar certo. Nada do que **Pilatos** fez teve a **aprovação do Imperador**. Por fim, fomos chamados de volta a Roma.

Não haveria mais compromissos. Não precisava da visão para me dizer que era hora de começar uma **nova vida** em outro lugar.

Quando um sonho agradável me colocou novamente na casa da minha infância, tomei isso como um sinal de Ísis. Por que não voltar para **Monokos**?

Pilatos, cada vez mais desanimado, não se importava para onde íamos.

Quando chegamos à cidade, descobrimos que ela havia mudado, não era mais a pequena guarnição onde eu havia crescido. Muitas pessoas, muitas carruagens lotando as ruas estreitas e íngremes que abraçavam as colinas.

O que eu poderia esperar depois de tantos anos? O melhor de **Monokos** permanece.

A névoa do mar esfria em minha pele, o cheiro de sal e algas marinhas, o som das ondas à noite. Doces sensações que despertam fantasmas de meus entes queridos, **Tata e Mãe**, minha linda **irmã** com seus olhos risonhos, Agripina régia, sombras inquietas nunca distantes.

O que eu nunca poderia ter previsto era encontrar **Miriam** aqui. Eu tinha ouvido rumores de que ela havia sido apedrejada até a morte nas ruas de Jerusalém.

Ao longo dos anos, muitas vezes **orei a Ísis por sua alma**, assim como faço por muitas outras pessoas perdidas para mim. Que alegria descobrir minha **velha amiga viva e bem**.

Miriam mudou, seu cabelo glorioso flui branco agora. Muitos são atraídos por aquela que passaram a chamar de **Madalena**. Ela se encontra com eles no **Templo** em ruínas de alguma deusa esquecida e **fala de Jesus**. Até mesmo Pilatos às vezes vai às reuniões dela. Por mais irônico que possa parecer, ele tira consolo de suas reuniões.

Mais surpreendente, ele é aceito e perdoado pelos fiéis.

A descoberta de **Miriam na Gália** trouxe uma alegria inesperada aos últimos anos. Apesar de sua grande perda, ela permanece uma companheira animada. Miriam conta inúmeras histórias, na maioria das vezes sobre a **ressurreição de Jesus**.

Parece que ela voltou ao túmulo aberto de Jesus, desta vez sozinha. Um homem estranho a esperava lá. Ele era um **jardineiro**, ou **talvez um Anjo**. Miriam também não tem certeza disso. Às vezes ela acredita que foi o próprio Jesus, mas em vez de correr para abraçá-la, ele insistiu que ela permanecesse à distância.

É difícil para mim entender isso, muito menos acreditar. Mas então, "**O que é verdade?**" como Pilatos gosta tanto de perguntar. Ela tem certeza de que ele vive, que a espera no reino dos céus.

Onde fica, não sei; e Miriam, embora certa de sua existência, é vaga sobre a localização.

É estranho pensar em Pilatos, Miriam e eu unidos nesta terra distante, vivendo nossos últimos anos no exílio. Pilatos está frágil agora, nossa fortuna muito reduzida.

Nós nunca iremos voltar a Roma. Por que iríamos? A turbulência política só piorou.

É verdade, **Lívia e Tibério** estão mortos. Meu velho inimigo, **Calígula**, reinou por um tempo como César, assim como minha visão uma vez me disse que ele faria.

Mas ele **também está morto**. Agora, o neto de Agripina, **Nero**, um **tirano pior**, se é que isso é possível, tomou seu lugar.

Nero começou a perseguir os seguidores de Jesus - **Cristãos**, eles se autodenominam. Mal sei o que fazer com esse novo culto. Um pai que Sacrifica seu próprio filho?

Um rei que morre como criminoso? Seguidores de Pedro. Seguidores de Paulo.

Eles lutam ruidosamente entre si, discutindo sobre princípios obscuros.

A única crença com a qual podem concordar é que o mundo está chegando ao fim rapidamente. Muito em breve **Jesus voltará** para recompensar os fiéis e punir os incrédulos com a condenação eterna. Essa última parte não se parece em nada com o Jesus de que me lembro; ainda assim, em antecipação ao céu, seus seguidores doam seus pertences. Trabalhar duro, avançar à maneira romana, tem pouco apelo para eles. Seus tesouros prometidos não são deste mundo. Nenhuma glória para a **Pax Romana** nisso!

É fácil ver como o **Nero** consegue transformá-los em bodes expiatórios.

Mas suas crueldades... Cristãos **são crucificados e queimados vivos**, outros alimentados com leões! Temo por Rachel, que se tornou uma delas e agora mora em Roma com **Marcella e sua família**, mas me pergunto por que ela e os outros não evitam essas mortes horríveis falando da boca para fora a Nero e mantendo em segredo seu credo. Mesmo assim, minha visão me diz que o mundo não esquecerá a bravura teimosa dos cristãos. Vejo neles um **verdadeiro casamento** de **Javé e Ísis** - coragem e convicção, mas também compaixão e caridade - e rezo para que essa **União Sagrada** não seja esquecida nos anos posteriores.

A presença de **minha neta** mais velha aqui em **Monokos** me dá grande prazer, uma bela jovem tão parecida com sua querida **homônima**, minha mãe. **Selene** e eu temos um vínculo especial; Suspeito que ela também tenha visão.

A **herança que eu temia** encontrar em Marcella pode ter **passado** para a filha dela.

Rezo para **que sirva melhor** a ela do que a mim.

Selene tem sido especialmente gentil neste verão. Sinto seu olhar com frequência e olho para cima para ver seus lindos olhos nublados de preocupação.

Quem sabe, talvez ela veja minha morte. Que assim seja!

Minha vida tem sido longa e tenho visto e feito muito. Nestes últimos anos tenho sido uma **boa esposa** para Pilatos. Não me arrependo, e se meus dias estão contados eles só me aproximam ainda mais daquele que esperou tanto.

- Claudia, esposa de Pôncio Pilatos
MONOKOS, NO QUINTO ANO DA
REINO DE NERO (65CE.)

Agradecimentos

Fortuna foi gentil, **abençoando-me** com a **inspiração** e apoio de muitos.

Nas salas de aula de Patrick Hunt e David Cherry em Stanford, a centelha de um **Sermão esquecido** pela metade pegou fogo e tomou forma.

Os amigos escritores Kevin Arnold, Marlo Faulkner, Lucy Sanna, Nancy e Harold Farmer, Jim Spencer, Phyllis Butler e Helen Bonner - mais particularmente Helen Bonner - leram e releeram rascunho após rascunho.

Sem sua **paciência e criatividade**, a Esposa de Pilatos não teria existido.

A agente literária Irene Webb me orientou e incentivou com sabedoria e humor.

Meus editores, primeiro Renee Sedliar e depois Claire Wachtel, eram os Ariadnes dos últimos dias me conduzindo pelo labirinto, com sugestões perceptivas cruciais.

A HISTÓRIA POR TRÁS DA HISTÓRIA

Uma conversa com **Antoinette May** sobre a Esposa de Pilatos



Você alcançou sucesso criativo e financeiro como biógrafo, traçando uma ampla variedade de assuntos. **Por que esse mergulho repentino na ficção histórica?**

Realmente não é tão repentino. Um **Sermão** meio lembrado que ouvi quando era adolescente continua a puxar minha imaginação. A essência dessa **homilia pascal** foi **Pôncio Pilatos** "lavando as mãos" de uma situação difícil. Bem, todos nós fizemos isso!

Fiquei muito **mais intrigada** com uma referência aleatória à **Esposa Visionária** de Pilatos, **Claudia**.

Quem foi essa vidente com um sonho tão poderoso que buscou mudar o curso da história?

Anos mais tarde, uma aula de Stanford sobre cultura romana reuniu tudo isso.

O projeto começou para valer em **1992**.

Então por que não uma biografia pura?

Esposa de Pilatos começou dessa forma. Primeiro, **seis anos** no Departamento de Clássicos em **Stanford**, estudando os mundos de Roma e Judéia do primeiro século.

Então, mergulhada na história, arte, filosofia, literatura, arquitetura e mitologia da época, visitei as ruínas do **Mundo de Claudia** em Roma, Turquia, Egito e na Terra Santa.

Mas a própria **mulher me escapou**. Pela primeira vez, a **Biografia convencional** parecia constrangedora. Logo **Claudia e eu estávamos por conta própria**.

Algo realmente se sabe sobre ela?

Só que o nome, Claudia, a identifica como um membro da **dinastia Claudiana** - na época a família governante de Roma. Frank Slaughter, um romancista histórico dos anos 1950, escreveu brevemente sobre a esposa de Pôncio Pilatos. Era sua trama que ela era a **neta ilegítima do imperador Augusto**. Os escritores subsequentes bordaram sua conjectura, mas acho isso altamente improvável. Se a conexão de Claudia com a realeza fosse tão próxima, **Mateus** teria se referido a ela em seu **Evangelho**. Tudo o que sabemos é que ela pertencia à classe patricia, e o ambicioso cavaleiro, Pôncio Pilatos, era um nível social abaixo dela.

Você acha que tal **história** - um romance do primeiro século - tem **relevância** hoje?

Muito mesmo. Esta é uma época de tremenda revolução religiosa. As pessoas estão procurando por novas verdades ou se esforçando freneticamente para descobrir as antigas. O movimento da deusa, a extrema popularidade de O Código Da Vinci e a repentina "**redescoberta**" de **Maria Madalena** são todos indícios de uma necessidade crescente de desafiar as visões tradicionais que não são mais satisfatórias.

Esposa de pilatos é um mosaico da religião dos velhos tempos - tempos realmente antigos. Entrelaçadas à história de Claudia estão as **raízes do Cristianismo**. Espero que os leitores sintam uma forte conexão com um elenco de personagens cujos nomes e histórias fazem parte de nossa cultura. O alto impacto vem da novidade inesperada do material.

Claudia é virtualmente sua própria criação, mas muitas figuras históricas mais conhecidas desempenham papéis proeminentes em seu **Romance**: Tibério, Livia, Germânico e - mais significativamente - **Maria Madalena e Jesus** são atores importantes.

E quanto a esses personagens?

Os feitos e personalidades dos personagens romanos são assunto de registro público. Os historiadores sociais registraram suas ações por escrito, literalmente, à medida que aconteciam. **As vidas de Maria Madalena e Jesus** foram imortalizadas inicialmente por meio da **história oral** e, portanto, estão sujeitas a interpretações e invariavelmente polêmicas. Uma **tradição menos conhecida**, mas teimosamente persistente, afirma que os dois tinham uma conexão física e espiritual.

Você acredita nisso?

Sim eu quero. Jesus e Maria eram pessoas reais vivendo em um tempo real. A evidência de seu apego físico perdura até hoje. De alguma forma, seu amor escapou das facções guerreiras do cristianismo primitivo, sobreviveu a muitos cortes políticos e foi incluído na Bíblia como a conhecemos agora. Todo aquele beijo na boca tinha que significar alguma coisa!

O **amor** então é o tema da Esposa de Pilatos?

Até certo ponto. O **amor** entre **Maria e Jesus** é significativo, o **triângulo** envolvendo **Claudia, Pilatos e o gladiador Holtan** é central.

Mas, mais importante, eu chamaria a Esposa de Pilatos de uma **Saga de Sobrevivência** contra todas as probabilidades.

O primeiro século foi uma época de **intriga política, rivalidades e alianças** familiares

apaixonadas, **assassinatos** e **revolta** social incomparável.

Audaciosa e independente, Claudia é a última sobrevivente.

Ela também não é uma **Espécie de Mística**?

Sim definitivamente. Seus sonhos tinham uma maneira estranha de se tornar realidade. Frequentemente, **ela "via" coisas**, coisas reais, coisas assustadoras, antes que acontecessem. Em uma época de adoração à deusa, quando poções eram vendidas para provocar o **amor** ou a **morte**, um fio místico conduzia a rebelde Claudia ao **Templo de Ísis** no Egito, à **Vila dos Mistérios** de Pompéia e ao **poço das cobras** em Pergamon, onde os poderes perdidos eram pensadoS para ser restauradoS.

O **Feminismo Espiritual** também é um Tema... e de onde vem isso?

Sou uma **Antropóloga Amadora Ávida**, fascinada por Arqueologia e Parapsicologia.

A convicção de que a **conexão espiritual** vem por meio da **intuição**, e não apenas do pensamento racional, evoluiu no decurso da elaboração do perfil de uma série de médiuns renomados, como **Sylvia Browne**, **Anne Armstrong** e a falecida **Betty Bethards**.

Como Claudia em **A Esposa de Pilatos**, sou uma **sonhadora** e mantenho um diário.

Os meus não são tão dramáticos quanto os dela, mas às vezes são proféticos.

Você está dizendo que este é um livro que se escreveu sozinho?

Nada que leve **doze anos** se escreve sozinho! Havia uma **espécie de magia**, porém, a emoção de descobrir fragmentos antigos que eu poderia **encaixar** em um grande **mosaico** de meu próprio projeto - assim como os antigos romanos faziam. Enquanto eu deslizava para outro mundo, uma a uma as perguntas que eram as ações e o comércio de meu repórter foram respondidas. Lentamente, quase timidamente, **Claudia se revelou** e me permitiu contar sua história.

Sobre a Autora

ANTOINETTE MAY é autora de muitos livros e co-autora de *Adventures of a Psychic: The Fascinating and Inspiring True-Life Story of One of America's Most Bem sucedido Clarividentes*, uma biografia da clarividente contemporânea Sylvia Browne, que passou 42 semanas no best-seller do New York Times Lista.

Ela é colaboradora regular do San Francisco Chronicle e publicou artigos na Cosmopolitan, Country Living Self, San Diego Union-Tribune, Los Angeles Times e San Jose Mercury News. **Esposa de Pilatos** é seu primeiro Romance.

Visita www.AuthorTracker.com para obter informações exclusivas sobre o seu autor HarperCollins favorito.

PRAISE FOR

Esposa de pilatos

"May cria um retrato de uma mulher intrigante Gostar O blockbuster do Antigo
Testamento de Anita Diamant, *The Red Tent*,

Esposa de pilatos torna a experiência feminina dos últimos milênios exótica, mas

universal Pode capturar efetivamente como a os valores dos romanos diferiam dos nossos. "

--*EUA hoje*

"A estreia de ficção de maio é uma nova e vívida releitura de uma história bem conhecida comparável em escopo a *A paixão de Maria Madalena*, de Elizabeth Cunningham. Esperamos que este seja o primeiro de muitos romances deste excelente autor."

- *Diário da Biblioteca Escolar* (revisão com estrela)

"Um grande e perspicaz drama da vida amorosa de uma mulher."

--*Cairns Sun*(Austrália)

"O histórico de May em fenômenos psíquicos e biografia torna sua heroína simpática [Ela] vívida configurações, fundada em pesquisas, torna esta leitura rápida de uma aventura romântica agradável. "

- *Avaliações de Kirkus*

"[May] desenvolveu alguns fragmentos da lenda copta para criar um romance emocionante sobre a esposa de Pilatos."

-
Washington Post

"A biógrafa e jornalista May (*Adventures of a Psychic*) se volta para a ficção para oferecer uma visão privilegiada da religião, espiritualidade, sexo e casamento na época de Cristo."

- *Editores Semanais*

"As roupas, a comida, o entretenimento, as torturas e execuções, os rituais dentro dos templos de Ísis - há dezenas de detalhes fascinantes no novo romance de Antoinette May sobre o Império Romano na época de Cristo.....Maio
permite que Claudia conte sua própria história. A vida de Claudia é moldada por paixão, violência e intriga, e May pinta bem. "

--*Deseret Morning News* (Utah)

Também por Antoinette May

Testemu

nha peregrina

apaixonada

pelas

aventuras de

um vidente na

guerra

Créditos

Pintura da capa (c) por Sotheby's / akg-images

Direito Autoral

Este livro é um trabalho de ficção.

Os personagens, incidentes e diálogos são extraídos da imaginação do autor e não devem ser interpretados como reais.

Qualquer semelhança com eventos ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

ESPOSA DE PILATE. Copyright (c) 2006 de Antoinette May.

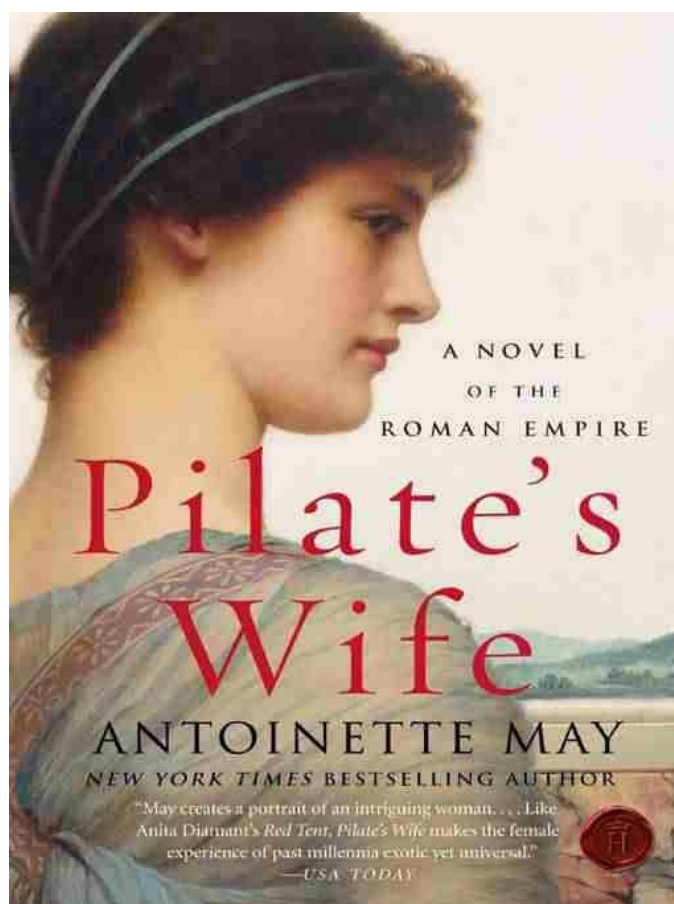
Todos os direitos reservados sob as convenções internacionais e pan-americanas de direitos autorais. Mediante o pagamento das taxas exigidas, você recebeu o direito não exclusivo e intransferível de acessar e ler o texto deste e-book na tela.

Nenhuma parte deste texto pode ser reproduzida, transmitida, descarregada, descompilada, submetida à engenharia reversa ou armazenada ou introduzida em qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, em qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico ou mecânico, agora conhecido ou a seguir inventado, sem a permissão expressa por escrito dos **e-Books** da HarperCollins.

Mobipocket Reader setembro de 2007

ISBN 978-0-06-154123-0

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1



Sobre a Editora

Austrália

HarperCollins Publishers (Austrália) Pty. Ltd. 25 Ryde Road (PO Box 321)
Pymble, NSW 2073, Austrália <http://www.harpercollinsebooks.com.au>

Canadá

HarperCollins Publishers Ltd. 55 Avenue Road, Suite 2900
Toronto, ON, M5R, 3L2, Canadá <http://www.harpercollinsebooks.ca>

Nova Zelândia

HarperCollinsPublishers (Nova Zelândia) Limited
PO Box 1
Auckland, Nova Zelândia <http://www.harpercollinsebooks.co.nz>

Reino Unido

HarperCollins Publishers Ltd. 77-85 Fulham Palace Road Londres, W6 8JB, Reino Unido
<http://www.uk.harpercollinsebooks.com>

Estados Unidos

HarperCollins Publishers Inc. 10 East 53rd Street
Nova York, NY 10022 <http://www.harpercollinsebooks.com>

ÍNDICE

Epígrafe

Para o leitor Prólogo

Parte I: Monokos

Capítulo 1: Meu "Presente"

Capítulo 2: Um Triunfo

Capítulo 3: Resultado de um triunfo

Capítulo 4: A Voz de Ísis

Capítulo 5: A Busca de Ísis

Capítulo 6: Na Casa de Ísis

Capítulo 7: A Iniciação

Capítulo 8: Rescaldo de Ísis Parte II: Antioquia

Capítulo 9: Lançando o Feitiço

Capítulo 10: Hymen Hymenaeus

Capítulo 11: Duas Provas

Capítulo 12: A Maldição

Capítulo 13: E uma bênção ...

Capítulo 14: Todas as estradas para Roma

Capítulo 15: A poção secreta

Capítulo 16: Duas provações

Capítulo 17: A cura dos sonhos

Capítulo 18: Asklepios

Capítulo 19: A Serva de Ísis Parte III: Roma

Capítulo 20: A Escolha de Marcella

Capítulo 21: A Vingança de Vesta

Capítulo 22: Minha Segunda Mãe

Capítulo 23: Titânia

Capítulo 24: O Circo

Capítulo 25: Holtan

Capítulo 26: Minha escolha

Capítulo 27: O último encontro

Capítulo 28: A Vila dos Mistérios

Capítulo 29: A Deusa Livia Parte IV: Cesaréia

Capítulo 30: No Templo do Senhor

Capítulo 31: Caifus

Capítulo 32: Palácio de Herodes

Capítulo 33: A Serva de Astoreth

Capítulo 34: O Casamento

Capítulo 35: Escolhas

Capítulo 36: Um triunfo

Capítulo 37: Pedido de Holtan

Capítulo 38: Minha visão

Capítulo 39: Minha decisão Epílogo

Agradecimentos

A história por trás da história Sobre o autor

Elogio

Outros livros de Antoinette May

Créditos Copyright da capa

Sobre a Editora Para o Prólogo do Leitor